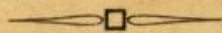
CHOROGRAPHIA

DO

ESTADO DO AMAZONAS

Pelo Professor

AGNELLO BITTENCOURT

(Cathedratico do Gymnasio Amazonense)

" Por mais que com assombro se falle do Amazonas e por melhores que se f. çam as descripções de sua grandeza e de tudo quanto a natureza se esmerou de pôr em seu seio, para bem e admiração dos homens, só entrando-se por elle é que se póde avaliar o que é, o que contém e o que póde vir a ser." – *Tenreiro Aranha*—1852.

Typ. PALACIO REAL—Manáos

1925

Ao Ex.^mo Snr. Dr. Alfredo Sá,

M. D. Interventor Federal no Amazonas

Homenagem ao seu espirito cúlto e justiceiro, que não regateia esforços no amparo das sciencias e das lettras, como em tudo que tenha por fim a restauração economica, moral e intellectual deste grande Estado.

O AUTOR.

Manáos, Maio de 1925.

PROLOQUIO

Não se pense encontrar neste trabalho uma fórma perfeitamente didactica, pois, não foi organizado com a preoccupação de ser entregue ás nossas escolas, para uso exclusivo de estudantes. A disposição em que se acham confeccionados os respectivos capitulos, como a abundancia da materia que estes encerram, logo indicam que o Autor pensou ir mais além, fornecendo detalhados informes sobre o « hinterland » amazonense, comprehendidos os estados da vida economica do seu povo.

Tudo que se contém neste livro é um extracto da materia referente ao Estado do Amazonas enviada á Commissão Organizadora do Grande « Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro », para figurar no volume INTRODUCÇÃO *com que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro homenageou o primeiro centenario da nossa Independencia. Porém, por motivo de retardamento na remessa dos respectivos autographos, não foi feita sua publicação, no texto daquella obra monumental.*

Desse primitivo trabalho, confeccionado em 1921, si, por um lado, desappareceram alguns quadros estatisticos, que tornariam fastidiosas demais estas paginas; si, por outro, certos capitulos soffreram profunda modificação, para actualizar seus assumptos, tambem ficaram intactos certos outros, sobre os quaes o tempo, na sua faina de quasi tudo alterar, não lhes poude tocar.

Esta especie de resumo em nada modificou a intenção da obra, que é a de levar, aos que não conhecem o grande Estado do Norte, um punhado de informações, que igualmente possam servir, aos membros do Magisterio amazonense, de manancial na preparação de pequenas licções aos seus alumnos.

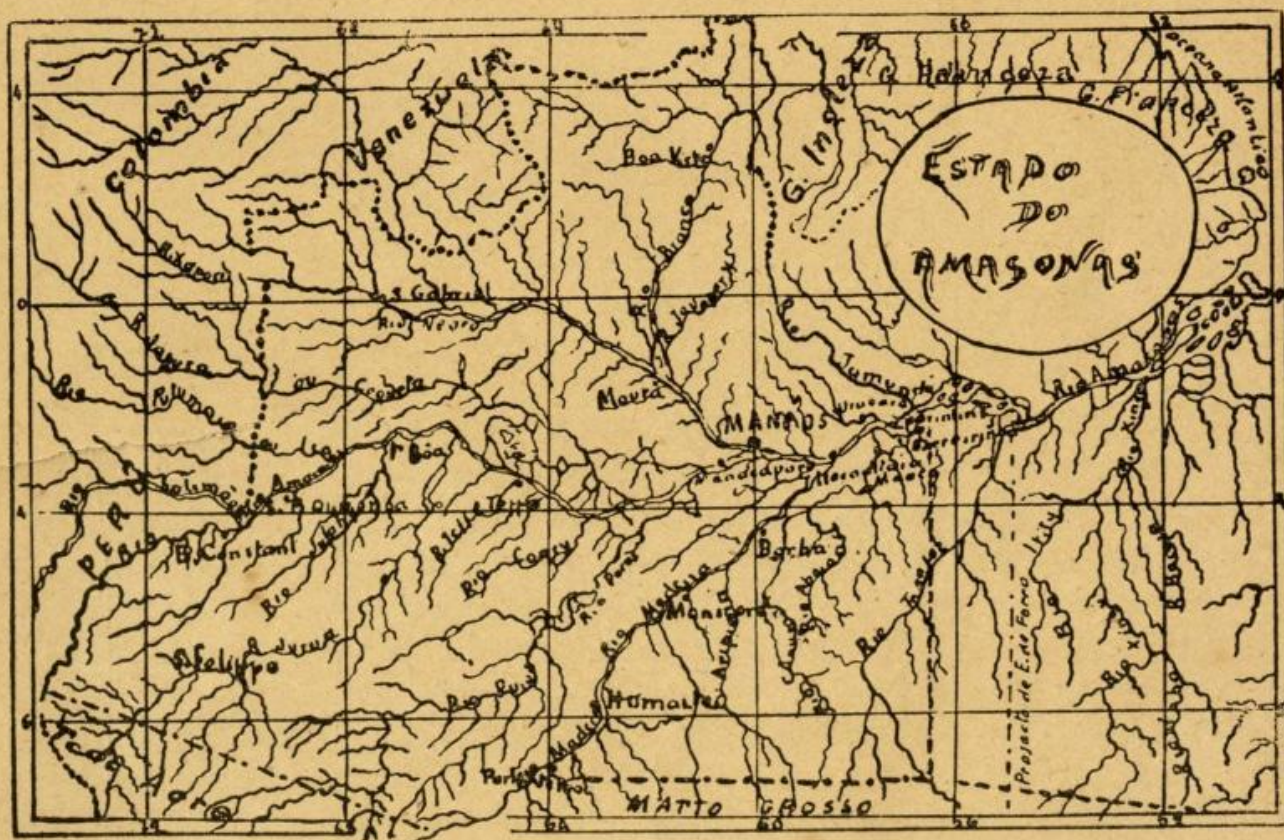
Si este trabalho puder dizer o que é e o que vale a terra que nos viu nascer, terá realizado o seu destino e alimentado o sonho de sua grandeza, no seio da Patria e da Republica.

Manáos, Maio de 1925.

O Autor.

Primeira Parte

CAPITULO I — Situação, limites e superficie.

CAPITULO II — Aspecto, climatologia e salubridade.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

Situação, Limites e Superficie

Situação. — O Estado do Amazonas está situado entre as seguintes coordenadas geographicas:

Latitude.	5° 10' N. (Serra de Roruima) . 9° 8' S. (Posto Fiscal, no rio Abunã)
Longitude O. de Greenwich .	56° 07' 32" (Outeiro de Maracá-assú) 73° 47' 45" (Nascente do rio Javary)

Limites. — Ao *Norte* limita-se com a republica de Venezuela separado por uma linha convencional que parte da fóz do Macapury ou Macacury, perto da pedra de Cucuhy, no rio Negro; corta a grande ilha D. Pedro II, até chegar ao salto do Huá, no rio Maturacá; d'ahi se estende até o serro Cupy, seguindo pelos mais altos terrenos até encontrar as serras Imery, Tapyrapecó e Umiryzeiro; desta, prosegue rumo Norte até as serras Parima e Marchiali, de onde toma a direcção Leste, passando pelos cumes mais altos até a serra de Paracaima, nas cabeceiras do rio Cotyngo.

Ao *Nordeste*, com a Guyana Ingleza, sendo a fronteira constituida por uma linha que parte da serra de Roruima, onde nasce o rio Cotyngo, segue para Leste, passando pelos pontos mais elevados até encontrar as nascentes do Mahú ou Ireng, no monte Yankontypú; desce por este rio até sua confluencia com o Tacutú; sobe por este até suas cabeceiras, dirigindo-se á serra de Uassary, passando pelos cumes intermediarios mais elevados.

A *Leste*, com o Estado do Pará, por uma linha que parte da serra de Uassary até encontrar as cabeceiras do rio Nhamundá; desce por este até o paraná do Bomjardim, em todo o seu percurso, até lançar-se ao rio

Amazonas, em frente ao outeiro de Maracá-assú;. prosegue pelo meridiano deste outeiro até encontrar o parallelo de 8º 48" de latitude Sul. (1)

Ao *Sul,* com Matto-Grosso, Bolivia e Territorio Federal do Acre, separado daquelle Estado pelo referido parallelo, até encontrar a cachoeira

Bocca do rio Mahú e fronteira da Guyana Ingleza

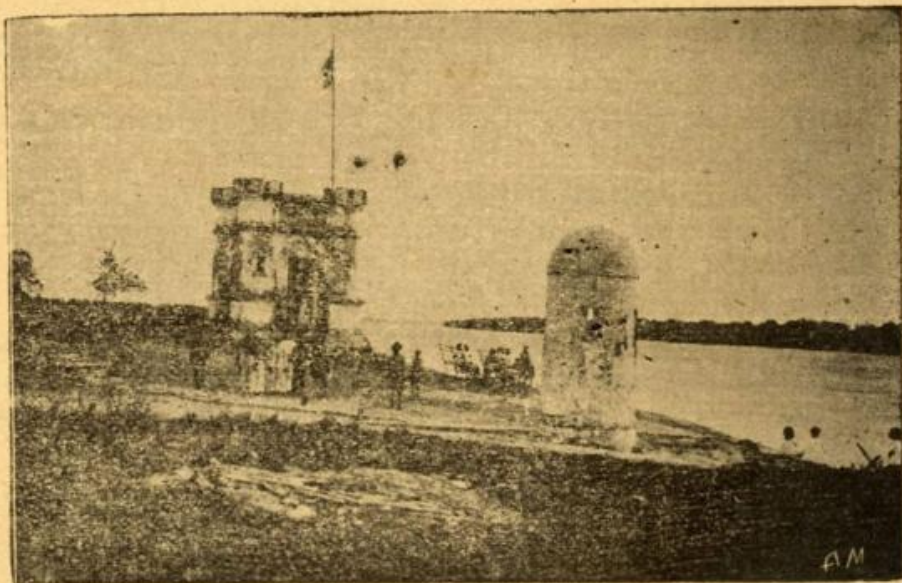
de S. Antonio, situada no rio Madeira; depois segue por este rio, até a fóz do seu affluente Abunã. A republica da Bolivia está separada por este tributario do Madeira, desde a embocadura até o Posto Fiscal federal. O Territorio do Acre (que indevidamente foi excluido do Amazonas) está separado por uma recta desde o Posto Fiscal até ás nascentes do rio Javary.

Ao *Oeste,* com a republica do Perú, separado pelo rio Javary, desde suas nascentes até sua fóz, e por uma linha geodesica partindo de Tabatinga, até a confluencia do Apaporis com o Japurá. (2)

(1) Os limites do Amazonas com o Estado do Pará são litigiosos, estando a solução do caso dependente de decisão do Supremo Tribunal Federal, bem assim a reivindicação do Territorio do Acre, de que o Estado fôra esbulhado.

(2) Acta da reunião realizada, em Washington, entre o chanceller Charles Hughes e os representantes dos paizes interessados no accordo que poz termo á velha contenda de fronteiras:

"No Departamento de Estado, em Washington, em 4 de Março de 1925: Os Drs. Hernan Velarde e Henrique Olaya e o Sr. Samuel Souza Leão Gracie, embaixador extraordinario e plenipotenciario do Perú, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Colombia e encarregado de negocios ad-interim do Brasil, respectivamente,

Ao *Noroeste*, com a republica da Colombia, por uma linha desde o Apaporis até a Pedra de Cucuhy, no Rio Negro, com o seguinte desenvolvimento: 1.º — Da Ilha de São José, em frente á Pedra de Cucuhy, com rumo Oeste demandará a margem direita do Rio Negro, que cortará aos 1º 13' 51" 76 de Latitude Norte e 23º 39' 11" 51 de Longitude Occidental do Rio de Janeiro ou 7º 16' 25 "9 de Longitude Oriental de Bogotá, seguindo desse ponto em linha recta até encontrar a cabeceira do pequeno rio Macacuny ou Macapury, affluente da margem direita do Rio Negro ou Guiania, affluente que fica todo em territorio Colombiano; 2.º — Da cabeceira do Macacuny continuará a fronteira pelo *divortium aquarum* até passar entre a cabeceira do igarapé Xié, e a cabeceira do rio Tomo, affluente do rio Guiania no ponto assignalado pelas coordenadas 2º 1' 26" 65 de Latitude Norte e 24º 26' 38" 58 de Longitude Occidental do Rio de Janeiro ou 6º 28' 59" 8 de Longitude Oriental de Bogotá; 3.º — Continuará a fronteira na direcção do Occidente, pela parte mais alta do terreno sinuoso que separa as aguas que seguem para o Norte, das que seguem para o Sul, até encontrar o serro Caparro, a partir do qual continuará sempre pelo mais alto terreno e separando as aguas que vão para o rio Guiania das aguas que correm para o rio Guiary (Iquiáre), até a nascente principal do Memachi, affluente do rio Naquiene, que por sua vez é affluente do Guiania; 4.º — A partir da nascente principal do

Tabatinga: — Fronteira Brasil-Perú

Memachi, aos 2º 1' 27" 03 de Latitude Norte e 25º 4' 22" 65 de Longitude Occidental do meridiano do Rio de Janeiro, ou 5º 51' 15" 8 de Longitude

tendo-se, a convite do secretario de Estado dos Estados Unidos da America, reunido com elle no seu gabinete, no Departamento de Estado, em Washington, ás 5 horas de 4 de Março de 1925:

O Sr. Hughes declarou que tinha convidado os Srs. Velarde, Olaya e Gracie ao

Oriental de Bogotá, seguirá a linha da fronteira pela parte mais elevada do terreno em busca da cabeceira principal do affluente do Guiary (Iquiáre), que fique mais proximo da cabeceira do Mamechi, continuando pelo curso do dito affluente até á confluencia delle e do citado Guiary; 5.º—Dessa confluencia baixará a linha da fronteira pelo thalweg do dito Guiary, até o ponto em que nelle desemboca o rio Peguá e do Guiary seguirá a linha da fronteira para o Occidente, e pelo pararello dessa confluencia até encontrar o meridiano que passa pela confluencia do Kerary e do Uaupés; 6.º—Ao encontrar o meridiano que passa pela confluencia do rio Merary, (ou Cairary) e do rio Uaepés, a linha da fronteira baixará por esse meridiano até a dita confluencia, de onde continuará pelo thalweg do rio Uaupés até a desembocadura do rio Capury, affuente da margem direita do referido Uaupés, perto da cachoeira Jauarité; 7.º—Da desembocadura do referido Capury seguirá a fronteira para Occidente pelo thalweg do mesmo Capury, até suas nascentes mais ou menos aos 69º30' de Longitude Occidental, de Greenwich, baixando

---

seu gabinete para considerar o tratado de limites entre a Colombia e o Perú, assignado em Lima em 24 de Março de 1922, a respeito do qual ponderações de caracter amistoso foram feitas ao governo do Perú pelo governo brasileiro. O Sr. Hughes declarou que os tres governos interessados tinham solicitado seus bons officios para solução dessa questão, e que, depois de considerar cuidadosamente o assumpto, desejava suggerir, como uma solução das difficuldades o seguinte:

1.º—A retirada pelo Brasil das ponderações que fez a respeito do tratado de limites entre a Colombia e o Perú;

2.º—A rectificação pela Colombia e pelo Perú do acima mencionado tratado de limites;

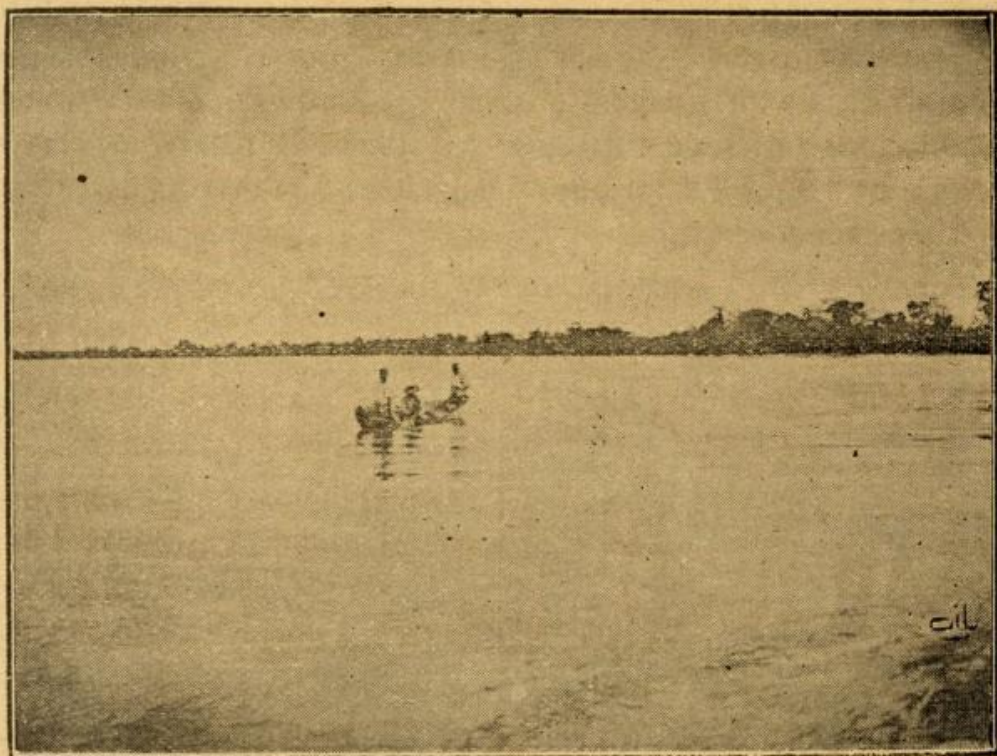
3.º—A assignatura de uma convenção entre o Brasil e a Colombia, pela qual o limite entre esses paizes seria accordado na linha Apaporis-Tabatinga, o Brasil concordando em estabelecer, á perpetuidade, em favor da Colombia, livre navegação do Amazonas e outros rios communs a ambos os paizes.

O Sr. Gracie então declarou que estava autorisado pelo seu governo a acceitar a amistosa suggestão que o secretario de Estado acabava de fazer e que conseguintemente, tinha recebido instrucções de seu governo para informar ao embaixador peruano que o Brasil retira as ponderações que fez a respeito do tratado colombiano-peruano acima mencionado, desde que fique entendido que o Perú estabelecerá como uma condição para ajustar a sua questão de limites com a Colombia o reconhecimento da linha Apaporis-Tabatinga, como está descripta pelo tratado de 1851, e, por conseguinte, o dominio brasileiro sobre o territorio a leste dessa linha.

O Sr. Gracie accrescentou que, se a Colombia vier a reconhecer a acima mencionada linha Apaporis-Tabatinga, o Brasil está prompto a concordar na mesma convenção em estabelecer, a perpetuidade, em favor da Colombia, a livre navegação no rio Amazonas e outros rios communs a ambos os paizes.

O Dr. Olaya, então, declarou que estava autorisado pelo seu governo a acceitar a amistosa suggestão que acabava de ser feita pelo secretario de Estado.

O Dr. Olaya accrescentou que estava autorisado a declarar que, sob a condição de que o tratado de 24 de Março de 1922, entre a Colombia e Perú seja ratificado por ambos os governos, o governo da Colombia concorda em concluir immediatamente depois

pelo meridiano dessa nascente em demanda de Tarahira até sua fóz no Apaporis e pelo thalweg do Apaporis á sua desembocadura no rio Japurá ou Caquetá, onde termina a parte da fronteira estabelecida pelo presente Tratado, ficando assim definida a linha da fronteira Pedra de Cucuhy-Fóz do Apaporis, (Tratado de 23 de Abril de 1908).

Rio Tacutú, limite do Amazonas com a Guyana Ingleza

Superficie.—O Amazonas é o maior Estado do Brasil. Sua superficie pode conter a de varios outros da Federação ou a de diversos paizes europeus. Pela Commissão da Carta Geral do Imperio organizada em 1873, deu-se-lhe uma area de 1.897.020 kilometros quadrados, numero este que só podia ser approximado diante da situação duvidosa então

---

disso um tratado com o Brasil, reconhecendo como fronteira entre os dois paizes, a povoação de Tabatinga, e, desse logar para o norte, a linha recta até encontrar o rio Japurá, na sua confluencia com o Apaporis, e, em consequencia, o dominio brasileiro sobre o territorio a leste dessa linha, ficando entendido que o Brazil, no mesmo tratado, concordará em estabelecer, a perpetuidade, em favor da Colombia, a livre navegação do Amazonas e outros rios communs a ambos os paizes.

O Dr. Velarde então declarou que elle tambem estava autorisado pelo seu governo a expressar a acceitação por este da amistosa suggestão que o secretario de Estado acabava de fazer no sentido de que seu governo daria immediatamente aviso disso ao Congresso Peruano, repetindo, ao mesmo tempo, sua recommendação para que elle approve o tratado de limites com a Colombia.

O embaixador do Perú, o ministro da Colombia e o encarregado de negocios, ad-interim do Brasil declararam então que elles desejavam expressar a gratidão de seus respectivos governos pelos bons officios do secretario de Estado, exercidos então amigavel

das fronteiras amazonenses. A desannexação do Acre (1903) e a entrega da região do Pirára á Guyana Ingleza (1904), reduziram o territorio do Amazonas de 171.500 kilometros quadrados.

Pelo "Atlas" do Brasil, do Barão Homem de Mello (1909), foi avaliada a superficie deste Estado, deduzidas aquellas regiões, em 1.672.987 kilometros quadrados, apresentando, do calculo de 1873, a differença de 224.033 kilometros quadrados para menos. Outra avaliação mais recente e provavelmente mais autorizada, que se lê no «Recenseamento do Brasil», de 1.º de Setembro de 1920; trabalho organizado e publicado pela Directoria Geral de Estatistica, em 1923, dá para o Estado uma superficie de 1.825.997 kilometros quadrados, assim distribuida, pelos 28 Municipios amazonenses:

Municipio	Superficie
1 — Barcellos....	89.904 klm²
2 — Barreirinha..	5.230 klm²
3 — B. Constant..	66.784 klm²
4 — Bôa-Vista...	143.655 klm²
5 — Borba.....	137.580 klm²
6 — Canutama...	90.927 klm²
7 — Carauary....	88.093 klm²
8 — Coary......	57.329 klm²
9 — Codajaz.....	19.714 klm²
10 — F. Peixoto...	12.731 klm²
11 — Fonte-Boa...	96.949 klm²
12 — Humaythá...	53.107 klm²
13 — Itacoatiara...	6.841 klm²
14 — Labrea.....	93.332 klm²
15 — Manacapurú..	37.008 klm²
Transporta...	999.184 klm²
Transporte...	999.184 klm²
16 — Manáos.....	47.874 klm²
17 — Manicoré....	80.461 klm²
18 — Maués.....	34.608 klm²
19 — Moura.....	146.878 klm²
20 — Parintins...	20.131 klm²
21 — Porto Velho..	17:298 klm²
22 — S. Felippe...	68.783 klm²
23 — S. Gabriel...	146.878 klm²
24 — S. P. Olivença.	42.841 klm²
25 — Silves......	26.964 klm²
26 — Teffé......	148.890 klm²
27 — Urucará....	32.186 klm²
28 — Urucurituba..	3.422 klm²
TOTAL..	1.825.997 klm²

As propriedades ruraes do Estado approximam-se de 75.000 kilometros quadrados, conforme o referido censo de Setembro de 1920.

---

maneira no interesse da harmonia entre as tres republicas interessadas na reunião relatada por esta acta.

Esta acta da reunião, feita em duplicata, nas linguas portugueza, ingleza e hespanhola, foi assignada pelo secretario de Estado dos Estados Unidos da America, pelo embaixador do Perú, pelo ministro da Colombia e pelo encarregado de negocios ad-interim do Brasil.

Fica entendido que, em caso de duvida, o texto em inglez prevalecerá.

Um exemplar em cada idioma será guardado para os archivos do Departamento pelo secretario de Estado, que dos restantes tres exemplares remetterá um em cada uma das linguas a cada um dos senhores embaixador do Perú, ministro da Colombia e encarregado de negocios ad-interim do Brasil, para os seus respectivos governos.—*Charles E. Hughes—Hernan Velarde - Henrique Olaya — Samuel Souza Leão Gracie*.„ (*Paiz*, de 10 de Março de 1925).

CAPITULO II

Aspecto, climatologia e salubridade

Aspecto. – O Estado do Amazonas comprehende uma parte consideravel da vasta bacia hydrographica, que se estende dos Andes ao Atlantico e do systema Parino-goyano aos primeiros degráos do planalto brasileiro. E' a immensa região que vae de Tabatinga, na fronteira do Perú, ao outeiro de Maracá-assú, nos limites com o Estado do Pará, atravessada pelo maior rio do mundo e constituindo um todo geographico, que se caracteriza por sua feição de vasta planicie ligeiramente inclinada de O. para L. Margeada de grandes e inegualaveis florestas, o rio Amazonas esgalha-se, ahi, em volumosos affluentes, que, por sua vez, recortam as terras num labyrintho de outros tantos canaes, que dão accesso aos pontos mais reconditos da região. Não ha montanhas no Amazonas. Suas serras, muito esparsas, não têm elevação notavel, mal quebrando a horizontabilidade dessas terras, que seriam monotonas se não fossem os novos e sempre variados aspectos que o desenho dos recortes fluviaes e da vegetação apresenta ao viajante.

Cachoeira do Tarumã (affl. do Rio Negro)

As zonas baixas, alagadiças, transformadas em «igapós» ao tempo das enchentes, succedem-se em permixtão com trechos menores, chamados *terras firmes*, que escapam ao diluvio annual das aguas. As ligeiras depressões do solo, aqui e acolá, formam, ás margens dos rios e dos paranás, uma abundancia de lagôas sem profundidade, na sua maior parte desapparecidas, quando chega o periodo das

seccas. Algumas, porem, são permanentes, sem possuirem, comtudo, o caracter de verdadeiros lagos.

A hydrographia do Amazonas empresta a essas terras um *facies* muito peculiar, pois, não se encontram extensões que não sejam circuladas ou

A vida no seio da floresta

atravessadas por um braço de rio ou por algum «igarapé». Equivale dizer que as zonas insubmersiveis não são continuas, como as do sul do Paiz; pode-se comparal-as a immensas ilhas de mattas mais elevadas, no meio dos varzeados que as aguas cobrem. Nem sempre essas terras firmes seguem das margens do Rio Mar para o interior, formando a divisa das bacias dos seus tributarios, porquanto, por traz delles, continuam novamente os igapós, permittindo communicações de um para outro desses tributarios. De outras vezes, é uma franja estreita que acompanha o rio, illudindo ser uma grande massa de terras elevadas e a perder-se nos longinquos sertões.

As baixadas por onde serpeiam tantos rios, que se dirigem para o centro do valle, visitadas sempre pelos transbordamentos, dão tambem passagens a esses paranás, que ora correm do Amazonas, para os seus affluentes, como deste para aquelle, verdadeiro systema de endosmos e, nesse movimento alternativo de enchentes e vasantes periodicas. O Estado do Amazonas occupa a parte mais larga da vasta planicie. Pode-se avaliar sua extensão pelo comprimento dos rios Purús e Juruá, de um lado, do rio Negro e seu affluente, o Branco, de outro. São mais de 4.000 kilometros de Norte para Sul. O rei dos rios divide a grande

planicie em duas partes desiguaes, no sentido de Oeste-Leste, sendo menor a septentrional. Ahi, as terras comparticipam da insignificante altitude geral do valle amazonico. As grandes depressões, formando igapós continuos, deixam transitar as aguas do rio Negro para o Solimões, como o proprio Juruá, delle afastado por centenas de kilometros. Seguem depois as terras mais elevadas, que se assignalam pelas cachoeiras encontradas no leito dos rios. Sóbe-se pouco e pouco, ainda por um sólo intremiado de igapós, para uma região que contém já algumas collinas e dilatados campos. E' uma esplanada differente da marginal do Amazonas. Dir-se-á um começo dos terrenos que, adiante, constituem a base do systema orographico Parimo-goyano.

As mattas, nessa longa faixa, não têm a expessura, nem a continuidade dos varzeados do centro do valle. São de uma belleza attrahente os campos banhados pelo Rio Branco e seus tributarios. A proposito delles, diz o General Jacques Ouriques: «Suas terras bastante elevadas, é tanto mais altas e accidentadas quanto mais avançam na direcção das nossas fronteiras com a Guyana e Venezuela, morrem nas margens do rio Branco quasi sempre em barranco na maioria dos casos, elevados de muitos metros. Nessa região, tão semelhante a dos *pampas* argentinos e mais bellos pelas serranias distante que lhe cortam o horizonte, a natureza

Margem do Rio Uraricuera

tudo accumulou para que ella se tornasse um dia — o mais forte, variado e principal celleiro desse grande Estado. Ahi predominam lindas e verdejantes campinas que se desdobram, a perder de vista em suaves ondulações; e

serena e triste continuidade só interrompida por um ou outro capão de matto e pelos grupos de elegantes mirityzeiros, a assignalarem, quasi sempre limpidas lagôas de leito arenoso e nuas de vegetação, onde se desaltera o gado sedento, nas horas de calmaria. «O Valle do Rio Branco», pag. 8.)

A' Leste desta região, comprehendidas as bacias dos rios Jauapery e Uatumã, desapparecem os campos, para predominar a permixtão dos igapós, pantanos e terras firmes. Leguas continuas de alagadiços, sob a folhagem espessa dos arvoredos, stereotypam o modo—de—ser desses longos trechos, que mal permittem o accesso ao viajante curioso.

No estudo, que se realizou, para levar a effeito a projectada estrada de ferro de Manáos á Boa Vista do Rio Branco, percorrendo, por tanto, essa região, verificaram-se, primeiro, os já referidos terrenos de baixada, equivalentes em nivel ao do valle do Amazonas; depois, o encadeiamento de pequenas collinas. «Muito abundante em aguas se revelou a zona percorrida, como aliás era de esperar. Alem de grande numero de banhados ou igapós, alguns de extensão e profundidade consideraveis, foram notados 9 rios e 734 igarapés, uns de insignificantes, outros de volumosas correntes.

Serras e morros tambem foram encontrados pelos exploradores, especialmente entre os kilometros 344 e 467, onde se succederam (diz o Relatorio de Sebastião Diniz) com tamanha frequencia que mais pareciam uma cadeia ininterrupta de montes mais ou menos elevados («Estudos sobre o Rio Amazonas», pelo Dr. Torquato Tapajoz. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo X, pag. 6). Continua o observador a avançar para Leste da mesma zona septentrional e verá que o aspecto dos scenarios da natureza pouco e pouco se altera: predominam as terras baixas, mas já não alagadiças, interpolladas pelos igapós nas proximidades da margem, assim como as elevações na latitude dos campos do rio Branco. E' de notar-se, todavia, que as terras firmes se apresentam mais abundantes e dilatadas, sem mais os cortes de paranás a transformal-a em ilhas. Embora avultem os igarapés e riachos, são mais raros os grandes rios, com excepção apenas do Uatumã.

Tratando do Jatapú, que demora na região citada, diz o Dr. Barbosa Rodrigues: «O baixo Jatapú offerece, nas suas margens, a mesma uniformidade do Amazonas; o seu aspecto e vegetação são quasi a mesma. Pelas enchentes, a semelhança é mais completa. . . «(Os Rios Urubú e Jatapú, pag. 60).»

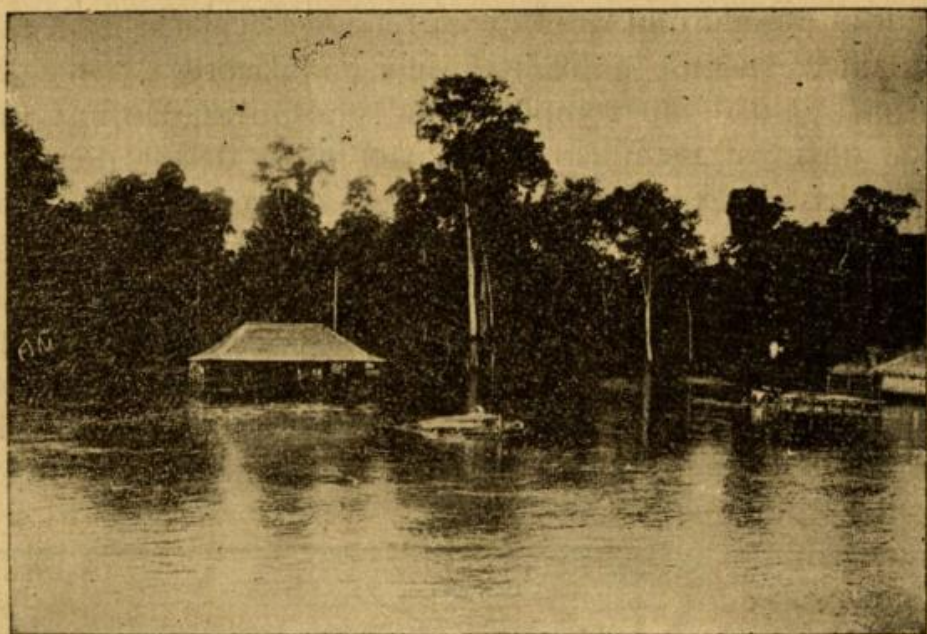
Mais além, proximo aos limites com o Estado do Pará, surge a bacia do Nhamundá, que, do seu curso inferior, se derrama em vasta area alluvial dividida por paranás que ora se conduzem ao Amazonas, ora deste para aquelle affluente. Não existem terras elevadas nessa região, toda pontilhada de innumeras lagôas (Dr. D. S. Ferreira Penna. «As Regiões Occidentaes

da Provincia do Pará" pag. 18). As collinas começam a surgir mais adiante, já em territorio que não pertence ao Estado do Amazonas.

A vasta zona meridional do grande rio é mais dilatada, baixa e uniforme. Observando-a, disse o professor Luiz Agassis, referindo-se á sua extenção e uniformidade: "Percorrendo-se centenas de leguas, vê-se que a planicie succede á planicie, sem ondulações, e por toda a parte uma vegetação não interrompida a reveste. Quem não imagina á vista disto que uma paizagem tão plana não podia deixar de ser de uma mônotonia triste e enfadonha?... E, não obstante, pouco a pouco, as bellezas revelam-se variadas e infinitas. Este effeito é devido aos meandros sem conta descriptos caprichosamente na immensa planicie e ao inextricavel entrelaçamento do curso das aguas. Todavia, esta grandeza e esta formosura do valle não são dos que enlevam o espectador e o dominam de improviso. Para isto, torna-se necessaria a observação, torna-se necessario o exame; cumpre deslindar o labyrintho, e vêr como os mais complicados detalhes se harmonizam. Então, quanto mais profundo e tenás fôr o estudo, tanto maiores explendores se revelarão, tanto melhor poderá o explorador aprecial-os. De repente a concatenação dos factos se patenteia, a impressão produz-se de um modo irresistivel! ella manifesta-se, cresce, torna-se bem depressa tamanha que a alma humana já não a póde conter nem abranger" («Conversações scientificas sobre o Amazonas», pag. 8).

Igarapé da Cachoeira Grande, suburbio de Manáos

A *Hylea* de Humboldt, não se póde descrever de um só impulso de imaginação, já o dissemos de uma vez, porque hesita-se por onde começar: si pela pujança das florestas virgens, remoçada a

todo o momento pelos humos fertilizador, si pelo dédalo das aguas a movimentar-se, ora em saltos de catadupa, nas cabeceiras dos rios, ora a preguiçar-se numa planicie que parece infindavel.

Floresta virgem á foz do Purús

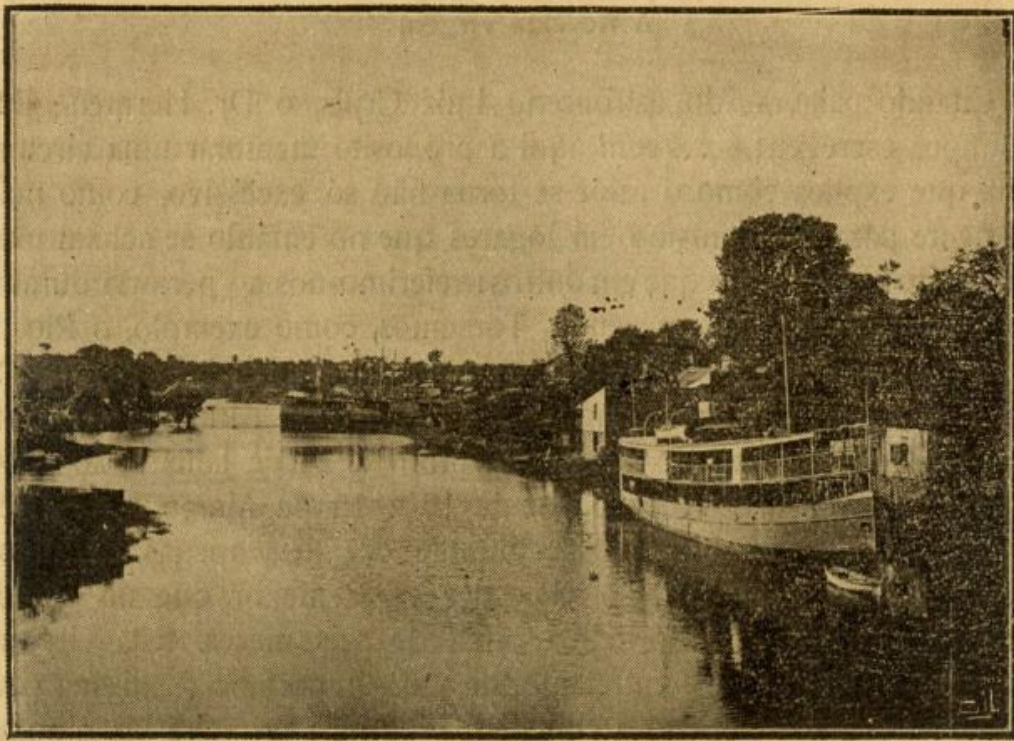
O viajante habituado á monotonia de outras terras, aqui chegando, tem a impressão do camponez ao penetrar o bolicio de uma grande cidade; seus sentidos, nos primeiros instantes, ficam atordoados, não podendo concatenar ideias do que vê, do que ouve, de tudo emfim que o cerca. A grandeza épica em que se passa tão extraordinaria scena, deve produzir em seu espirito estranhas emoções, que só o tempo e a reflexão conseguirão diminuir. Esse estado de espirito experimentou-o Michilena Y Rojas quando percorreu o Amazonas e delle disse: "Por mais acostumado que se encontre o viajante, no decurso de sua vida activa, de locomoção, a experimentar sensações tão prazenteiras como profundas, sem embargos de outros motivos, o panorama de um rio occupa sempre o primeiro logar, no grande livro das suas recordações; e se este é o caso que se dá em todos os grandes rios que encontra, qualquer que seja a natureza dos paizes que atravesse, maior razão quando se trata de um, o primeiro e o mais nobre do mundo, que percorre com magestade toda a immensa extensão da America do Sul, pelo meio de florestas gigantescas, que realçam o explendor da paizagem e embalsamam o ar com a fragrancia das suas flores. Tal rio é o Amazonas ("Exploracion Official-Baijada del Amazonas hasta el Atlantico", pag. 503).

Euclydes da Cunha, que perlustrou as terras banhadas pelo rio Purús, até suas nascentes, declara: "A terra ainda é mysteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Annulla-a

a propria amplidão, a extinguir-se, decahindo por todos os lados, adstricta á fatalidade geometrica da curvatura terrestre ou illudindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro dos seus aspectos immutaveis. Para vêl-a deve renunciar-se o proposito de descortinal-a» (Vide *Preambulos* do "Inferno Verde", de Alberto Rangel). Todavia, era preciso fazer sentir o maravilhoso da sua grandeza, ao menos numa retalhada descripção da sua physionomia.

Climatologia.—A situação do Amazonas, comprehendido na zona equatorial, parece indicar um clima assás rigoroso. Um exame mais detalhado mostra, porém, que assim não é, attendendo a varias circumstancias, que vêm evitar ou attenuar esse supposto rigor.

Todos sabem que o Equador thermico, na sua inclinação para o hemispherio do sul, não coincide com o Equador geographico. No primeiro, a temperatura é mais elevada, emquanto no segundo se torna mais branda, consequencia da maior obliquidade dos raios solares, exactamente na epoca dos estios.

Os limites da zona isothermica não comprehendem o Amazonas, pois passam mais ao Norte, atravessando o isthmo do Panamá e seguindo

Igarapé dos Educandos, suburbio de Manáos

as costas da Colombia para se dirigir á Africa, que córta transversalmente. É por isso que o Sahara, tambem por outros motivos, tem um clima abrazador, assim La Guayras, porto de Caracas.

Conforme as observações de Humboldt, o Equador thermico encontra-se, na America, entre 10º e 20º de latitude Norte.

A floresta virgem

Citando palavras do astronomo Luiz Cruls, o Dr. Hermenegildo de Campos escreveu: « ... vem aqui a proposito memorar uma circumstancia que explica como o calor se torna não só excessivo, como mais deprimente para o organismo em logares que no entanto se acham mais afastados do Equador do que em outros: referimo-nos ao periodo durante o qual o sol permanece no zenith. Tomemos, como exemplo, o Rio de Janeiro e Manáos, cujas latitudes são approximadamente de 23º e 3º S. Ali, a distancia zenithal meridiana do sol é inferior a um gráo durante um periodo de 50 dias, de 2 de Dezembro a 21 de Janeiro, ao passo que aqui (em Manáos) só tem logar de 10 a 15 de Março e de 21 de Setembro a 3 de Outubro, isto é, durante dez dias apenas, divididos, porém, em dois periodos de 5 dias, dez vezes menor que no Rio de Janeiro, e afastados um do outro cerca de seis mezes. Esta circumstancia pouco lembrada, é entretanto, de uma importancia extrema para explicar certas particularidades climatericas, que, á primeira vista, poderiam passar por anomalias paradoxaes» (Climatologia Medica do Valle do Amazonas», pag. 15).

Varios viajantes illustres, que adiante citaremos, constataram esse phenomeno explicado pelo sabio astronomo.

O clima do Estado é, em synthese, quente e humido. A média da *temperatura* é de 28º,2 centigrados. As oscillações thermometricas operam-se

lentamente e são pouco accentuadas. Têm-se registrado 28°,9 para o verão e 27°,3, á sombra, para o inverno. Esta quasi uniformidade, embora pareça aos que vivem fóra do Amazonas, uma tortura constante, tem a seu favor causas modificadoras, sem as quaes o seu clima seria uma expressão da latitude em que se acha.

As grandes florestas, que se estendem compactas, formando uma natural defesa para o solo, já de si humedecido pela immensa rede fluvial que o corta, constituem um refrigerio a esse supposto e exaggerado calor, que a chronica maldizente propala como insupportavel. Tardes quentes, noites amenizadas pelas brisas, tal se póde affirmar—é a unica alternativa desse clima.

O abundante lençol d'agua, rolando em voltosa massa, não se deixando aquecer pela sua propria grandeza e pelo extravasamento dos igapós, é ainda outro motivo dessa amenidade climaterica. As noites, das 21 horas em diante, compensam a calidez do dia, pois, o thermometro centigrado desce a 24°,68 em media, conforme as observações do Dr. Torquarto Tapajós ("Climatologia do Amazonas", pag. 12). Referindo-se á temperatura de Manáos, diz o Dr. Alfredo A. da Matta: «Entre 21 e 22 horas, nas quadras "seccas", a brisa do Rio Negro principia de um modo sensivel, a amenisar o ambiente». Analysando o quadro das oscillações thermometricas daquella cidade, relativos aos annos de 1902 a 1914, faz ver que a média annual maior foi a de 1906, que attingiu a temperatura de 29°,4, embora as maximas e minimas absolutas tivessem sido de 36°,8 e 22° com a amplitude de 14°,8. A maxima absoluta maior observada foi em 1914 com a temperatura de 38°, 6, tendo a minima de 22°, 8, e a amplitude de 15°, 8. A minima absoluta occorreu em 1902 com a temperatura de 18°, 8 e a maxima de 37°, 5, sendo a amplitude de 18°, 7.

Das medias annuaes se obtem a media geral de 1902-1914, resultando a temperatura de 28°, 2 para a cidade de Manáos. As horas de maior calor, nesta capital, são as de 12 ás 16 horas, principalmente entre as 13 e 15, embora os ventos geraes de Leste-Oeste amenisem até certo ponto o ambiente. Naquella localidade, que podemos considerar como um dos pontos centraes do grande valle amazonico, foi esta a amplitude das maximas e das minimas, nos treze annos alludidos:

Maxima absoluta	38°,6 centigrados
Minima »	18°,8 »
Media da temperatura. . . .	28°,2 »

O Dr. Tapajós dizia em seu referido trabalho que a formula thermometrica da região occuparia quiçá um pouco mais de meio termo, o que se constata do minucioso quadro apresentado pelo Dr. A. da Matta («Geographia e Topographia Medica de Manáos», pg. 25).

Um phenomeno denominado *friagem*, que geralmente apparece em Junho ou Julho, durando apenas tres ou quatro dias, concorre para o abaixamento da temperatura. E' elle devido aos ventos frescos que sopram de SSO. Nessa occasião, a columna thermometrica accusa 18º e mesmo 16, no interior do Estado, principalmente nas regiões banhadas pelos affluentes da margem direita do Solimões. Nem sempre, porém, se experimentam seus effeitos em Manáos.

As altitudes, sendo insignificantes, em todo o Estado, pouco influem na modificação do seu clima, com excepção unica do Rio Branco, nas proximidades das serras limitrophes, onde é sensivel a brandura climaterica. "O clima do Rio Branco—disse o Dr. Francisco Ribeiro de Sampaio—ainda que situado na zona torrida, experimenta os mais beneficos influxos. E' uma perpetua primavera». (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», vol. XIII, pag. 204).

O «clima do Rio Branco—escreveu o Dr. Tapajós—é um dos melhores do Brasil», Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo VIII, pag. 135).

Para desfazer as malevolas arguições assacadas contra o clima do Amazonas, escutemos algumas opiniões de sabios estrangeiros, que sentiram o seu influxo. Assim, Agassis, delle, affirmou: "O clima de que gosamos causa-nos surprezas das mais agradaveis. Esperava sempre viver, desde que estivessemos na região amazonica, debaixo de um calor afflictivo, ininterrupto, intoleravel. Longe disso: as manhãs são frescas. Si realmente ao meio dia o calor é realmente muito grande, elle diminue para as quatro horas; as tardes são realmente agradaveis e a temperatura das noites nunca é incommoda. Quando mesmo, no correr do dia, ella é mais forte, o calor não é suffocante; sempre uma brisa sopra levemente" ("Voyage au Brésil, pag. 156».)

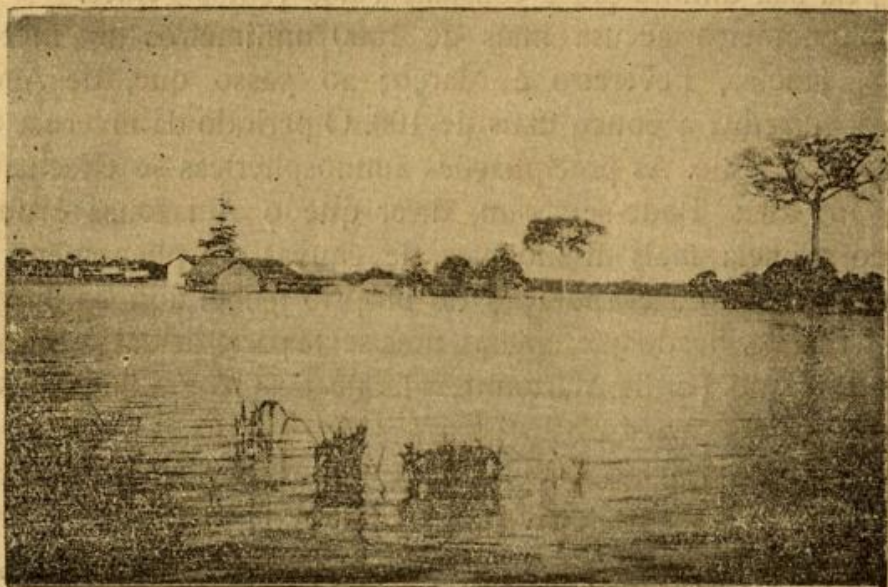
De outra vez, estando o grande naturalista em Teffé (cidade situada á embocadura do rio deste nome), declarou: "Si os passeios pela manhã são deliciosos, não menos encantadores são os da noite, sobre a praia, em frente á habitação» («Tour du Monde», vol. de 1868, pag. 255).

Maury referiu-se ao clima do Amazonas «como um dos mais notaveis do mundo». Herdon, tratando do mesmo assumpto, elogia a salubridade deste Estado e cita palavras do naturalista inglez M. Wallace, que fôra seu contemporaneo de visitas, durante quatro annos, a esta terra: "O clima é delicioso. O thermometro não vae alem de 87º Fahrenheit, pela tarde. Desce até 74º, durante a noite.

As manhãs e as tardes eram muito agradavelmente frescas e geralmente tinhamos uma chuva e uma brisa ligeira, que refrescavam muito e purificavam o ar". Falla da "maravilhosa frescura e transparencia da athmosphera, da doçura balsamica das tardes", accrescentando "que não teve iguaes em nenhum dos paizes que visitou e que, aqui, se pode

trabalhar como nos mezes mais quentes em Inglaterra». (Sant'Anna Nery, "Le Pays des Amazones", pag. 60).

Henri A. Condreau, tratando da Guyana Franceza e referindo-se á Amazonia, diz: "O Amazonas, clima e meio de certo modo identicos, é um vasto mundo que não respira senão a riqueza e a felicidade, e que será, dentro em breve, um dos centros de attracção dos immigrantes da Europa", ("La France Equinoxiale», vol. I, pag. 355).

Bates, eminente naturalista, que esteve onze annos na região amazonica, abunda nos mesmos conceitos, declarando que inglezes,

Grande enchente no lago Ayapuá

habitando ha 20 e 30 annos esta terra, "dão-se tão bem como no seu paiz Natal" (Dr. Henrique A. Santa Rosa", "L'Etat du Pará", pag. 25).

As *chuvas* são outro modificador do clima do Amazonas, as quaes se tornam abundantes no periodo chamado inverno, de Outubro a Junho, interregno das enchentes no centro do valle, pois que tal estação não se apresenta ao mesmo tempo em todos os pontos do Estado. O periodo invernoso começa na parte meridional da bacia e caminha para o Norte, gastando nesse percurso, cerca de seis mezes, razão porque, emquanto os affluentes da esquerda vasam, enchem os da direita, alternativamente. E não poderia ser de outra forma, attendendo-se que a referida bacia cobre uma area, que se estende por 15°, de Norte para Sul, e que o Amazonas tem terras nos dois hemispherios. Ora, todos comprehendem porque, em ambas, as estações se effectuam em tempos diversos. D'ahi se inferir que o regimen das chuvas, neste Estado, não pode ser senão simultaneo no dilatado valle. Agassis, referindo-se a esse facto, declara: «As chuvas que cahem na superficie immensa desta vasta bacia, a mais vasta do mundo, bem longe estão de cahir na mesma estação, isto é,

na mesma epoca do anno, ao Norte e ao Sul. Entre estas duas zonas do valle, ha, a esse respeito, differenças de mais de seis mezes. Nas vertentes da Bolivia, na planura elevada do Norte do Brasil, as chuvas cahem em Setembro. Na planura da Guyana, pelo contrario, é em Março. Nesse intervallo de seis mezes, engrossam alternativamente os affluentes da direita e os da esquerda». A baixada das aguas dos rios assignala o começo do verão, na linha media do valle, de Junho a fins de Outubro. Esta estação, que pouca differença apresenta da outra, pelas suas respectivas temperaturas, caracteriza-se, não pela completa ausencia das chuvas, mas somente pela sua diminuição e constancia dos ventos geraes.

O pluviometro accusa mais de 1000 millimetros nos mezes de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março; ao passo que, de Agosto a Novembro, se reduz a pouco mais de 100. O periodo da invernia é mais longo que o do estio. As precipitações athmosphericas se effectuam por mais de 150 dias. Pode-se, assim, dizer que o Amazonas é uma das regiões do planeta mais abundantes de chuvas. O phenomeno é, em grande parte, devido á evaporação do proprio lençol aquoso do grande valle, pois está verificado que, apenas, uma sexta parte dessas precipitações chegam ao oceano. (E. de Martonne, «Traité de Geographie Physique», pag. 361).

No anno de 1903 o Dr. H. de Campos verificou que choveu durante 169 dias e que o respectivo apparelho recolheu $1295^{mm},4$. Em 1904 constatou que, em Janeiro, as chuvas desabaram durante 29 dias, e em Fevereiro 28. Naquelle accumularam-se 265^{mm} e neste $275^{mm},9$.

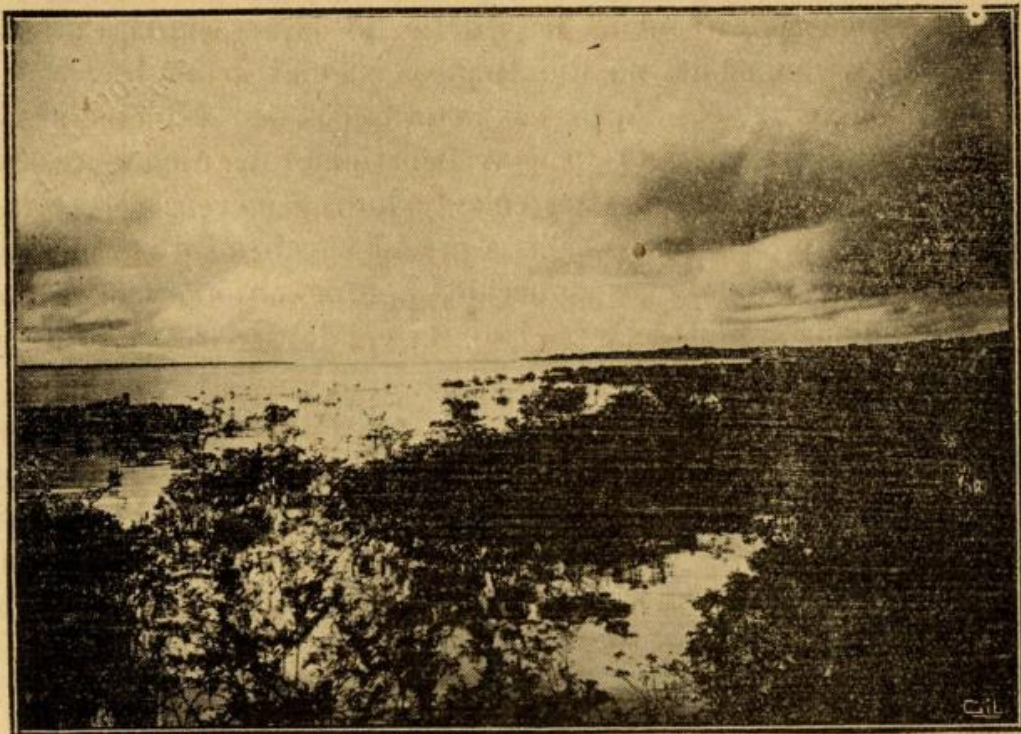
O Barão de Marajó, que muita attenção prestava á mesologia amazonica, teve occasião de verificar que, no dia 21 de Dezembro de 1856, uma só pancada de agua produziu uma columna de $66^{mm},5$ de altura; outra no dia 6 de Março de 1867, durante seis horas, accumulou $102,^{mm}$. Naquelle anno, de Março a Dezembro, o pluviometro registrou $1621,^{mm}10$. Só o primeiro desses mezes deu $483,^{mm}54$ durante 30 dias e $132^{mm},43$ durante 30 noites (Barão de Marajó, "As Regiões Amazonicas", pag. 41).

Tem-se verificado que no baixo Amazonas, região pertencente ao Estado do Pará, chove mais que no alto, região do Estado do Amazonas, onde a pressão barometrica tambem é menor. Pelas notas do Sr. Barão de Ladario, que, em serviço de demarcação de limites do Brasil, estudou as regiões occidentaes do Amazonas, verifica-se que o pluviometro, durante os dôze mezes de 1863, accusou:

Em Belem $3,^{m}087$ em 208 dias de chuva.
Em Manáos $2^{m},522$ em 140 dias de chuva.

Verdade é que um anno somente não pode servir de base ás determinações do facto, mas podemos assegurar, pela comparação de

tabellas mais modernas, que aquelles algarismos não representam uma excepção, do que se infere chover mais em Parintins que em Tabatinga.

«As chuvas—diz o Dr. A. da Matta—imprimem uma particularidade assás interessante na climatologia do Amazonas; é tambem funcção caracteristica no valle do Rio Mar. Chove de Janeiro a Dezembro; d'ahi a inexistencia de estações no Amazonas, onde occorrem duas grandes quadras, uma de chuvas abundantes e outra simulando secca. Este

Um panorama do rio Solimões, por occasião de uma grande enchente

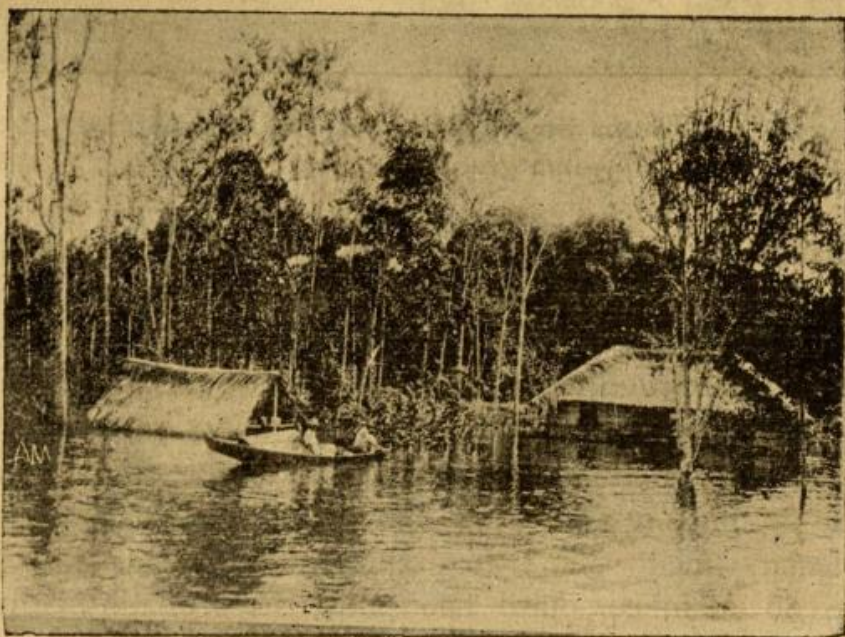
vocabulo não poderá ser applicado com rigorismo, mas sim para assignalar que as chuvas não são numerosas nesta quadra, nem constituem bátegas longas com ligeiras estiadas (Obra citada, pag. 26).

A forte *evaporação* que se dá no Amazonas, produz, no ambiente, uma grande carga de *humidade,* que varia durante o anno. E' mais intensa no inverno, sobretudo de Dezembro a Maio, do que no verão. Tratando-se de um sólo cortado de innumeros rios e lagôas expostas á acção canicular, sujeito ainda aos ventos que arrastam uma parte da evaporação do Atlantico, outro não podia ser o estado hygrometrico, que tanto influe no clima desta região. As tabellas respectivas accusam maior porção de humidade após as chuvas prolongadas. Basta que um inverno seja rigoroso para haver maior registro. Foi por isso que o Dr. H. de Campos, não hesitou em dizer que a «humidade está na razão directa das chuvas», devendo nós accrescentar que tambem na razão da superficie liquida desamparada pelas florestas.

«O maximo da humidade relativa—diz o Dr. T. Tapajós—apresenta-se pela manhã, antes do levantamento do sol, diminuindo á medida que este se eleva. O minimo é attingido á hora em que mais elevado é o gráo do calor, seguindo-se marcha inversa até o desapparecimento do sol».

Não é uniforme a cóta de humidade em todos os pontos do Estado; não poderia sel-o, attentas as differenças de altitudes e latitudes, bem assim a desigual abundancia das chuvas ao N. e ao S. da linha equatorial. A região meridional é mais humida que a septentrional.

As *cerrações* são communs nas bacias do Javary, Juruá, Purús e Madeira; menos abundantes no Rio Branco. Não existem observações permanentes nessas regiões. Apenas as informações dos exploradores e dos seus actuaes habitantes. O general Bellarmino de Mendonça, em trabalho de reconhecimento das nascentes do Juruá, escreveu: «Na região Amazonica, mais que em outras, falha a precisão mathematica, principalmente quando o ar está mais aquecido, porque absorve mais vapor dagua, em continua producção, e por isso, em vez de rarefazer-se, torna-se mais denso.

De Agosto a Novembro, porem, como ha menos humidade em Manáos, a columna barometrica eleva-se menos que nos mezes de mais humidade, de Dezembro a Maio, como comprovam observações hygrometricas realizadas em 1898 a 1903». Referindo-se á humidade nas cabeceiras daquelle rio, accrescenta: «Nestes ultimos mezes a neblina é

Effeito de uma grande enchente, no seringal

tão intensa que no fim de poucas horas, molha as vestes dos que a ella se expõem, como o faria a chuva; o mesmo succede ao solo e aos nossos instrumentos, nas operações astronomicas nocturnas. A humidade é,

porem, em clima como o da Amazonia, benefico factor cilmaterico por attenuar o calor («Reconhecimento do Alto Juruá», pag. 146).

Ao tratar dessa região, o Barão de Sant'Anna Nery, disse: «O hygrometro oscilla entre 80 e 100; a condensação nocturna, que se produz immediatamente ao por-do-sol, é tão forte que, exploradores que dormiam sob tendas espessas, encontravam pela manhã suas roupas e a

Um pôr do Sol no lago Uariny (affluente do Solimões)

cobertura da tenda molhadas como si uma chuva forte tivesse cahido durante a noite». (Le Brésil em 1889», pag. 37). No decurso de 1903 a 1914, ou sejam 12 annos de registros realizados pelo Observatorio Meteorologico de Manáos, a humidade relativa ao periodo da estiagem, de Junho a Novembro, foi expresso pela media 70,1; no periodo das chuvas, de Dezembro a Maio, por 76,8. A evaporação, durante os referidos 12 annos, foi, para a estiagem, de $9161,^{mm}6$ e para o inverno $6965^{mm},9$.

Quanto á *pressão atmospherica*, como factor que algo deve influir na climatologia de um logar, no Amazonas é pouco variavel, attento ás pequenas differenças de altitudes. As de latitudes pesam-lhe igualmente. A tabella de Maury, organizada para o nivel do mar e para a latitude entre 0^o e 5^0 N., é de $759^{mm},82$: para o S., á mesma distancia do Equador, é de $760^{mm},43$. Ora, si o Amazonas se estende na zona equatorial e si as altitudes que encerra são mui fracas, suas cótas barometricas devem estar pouco fóra do calculo de Maury. De facto, o citado Observatorio constatou $759,^{mm}7$, media de 1902 a 1914, não contada do nivel do oceano, mas da altitude em que se acha Manáos.

Ha mais de um seculo, o sabio Humboldt verificou essas causas: "As variações que se produzem regularmente, por periodos horarios ou annuaes, na pressão atmospherica, as mudanças bruscas e tanto perigosas que sobrevêm accidentalmente desta pressão e, em geral, *todos os phenomenos cuja reunião determina o estado do céo,* devem ser attribuidas em grande parte, ao poder calorifico dos raios do sol. Resulta que a direcção dos ventos, a altura do barometro, as mudanças de temperatura, o estado hygrometrico do ar, são phenomenos connexos." ("Cosmos", vol. I, pag. 374). Demais, ensinam outros mestres que a pressão do ar augmenta com o frio e com a seccura, diminue com a humidade e com o calor. "Quando o ar está quente, seja pela influencia dos raios solares ou pela de uma corrente mais elevada de temperatura, dá-se a dilatação das moleculas que o constituem e que se elevam, para em seguida se espalharem nas camadas superiores da atmosphera. Diminuindo deste modo a pressão, desce a columna do mercurio. Quando se dá a condensação do ar pelo resfriamento e novas massas aereas affluem para prehencher o vacuo existente, augmenta o peso da atmosphera e o mercurio se eleva no barometro. Do que vimos de dizer se deduz facilmente a razão porque entre thermometro e barometro se nota um movimento de subida e descida da columna mercurial inteiramente contrarias («Tapajós»). Vem á pêlo recordar estas leis meteorologicas, para se ter ainda em segurança a razão porque, no Amazonas, as cótas barometricas são insignificantes, pouco influindo nas amplitudes respiratorias dos individuos.

Quanto aos *ventos*, cumpre-nos dizer que o regimen dos alizeos é constante nesta parte do Brasil, vindo do Atlantico e penetrando a embocadura do rio Amazonas, na direcção L—O. E' mais intensa durante o segundo semestre de cada anno, exactamente ao tempo de maior calor, concorrendo assim para amenisar a temperatura.

Sendo os Estados do Pará e Amazonas, pouco accidentados, como já tivemos occasião de affirmar, esses ventos não encontram obstaculos na sua marcha e internam-se pelo grande rio, ramificando-se por seus numerosos affluentes.

Pode-se dizer que a ventilação é constante, principalmente das 9 ás 15 horas, o que faz permittir a navegação á vela, aos pequenos barcos. Depois das 20 horas, a brisa fresca das florestas suavisa mais o ambiente, tornando, como proclamou Agassis, a temperatura muito agradavel.

A força dos alizeos, que, na expressão local, se denominam *ventos geraes*, varia de 1 a 4 metros por segundo.

E' commum, principalmente nos mezes de Agosto e Setembro, diariamente desabar uma trovoada ou forte ventania, ás vezes precedidas de faiscas electricas. Sua velocidade não attinge, porém, a dos furacões.

Os que derribam arvores são raros e quasi sempre na direcção contraria.

Os ventos, que conduzem a friagem, constituem uma excepção ao regimen anemographico amazonense.

Eis, em synthese, o conjuncto das principaes causas que caracterizam a climatologia desta terra:

RESUMO das observações meteorologicas realizadas em Manáos, de 1914 a 1924

Altitude da localidade: 43m,68. — Latitude: 3°8'27" S. — Longitude: 60°01'30" Greenwich

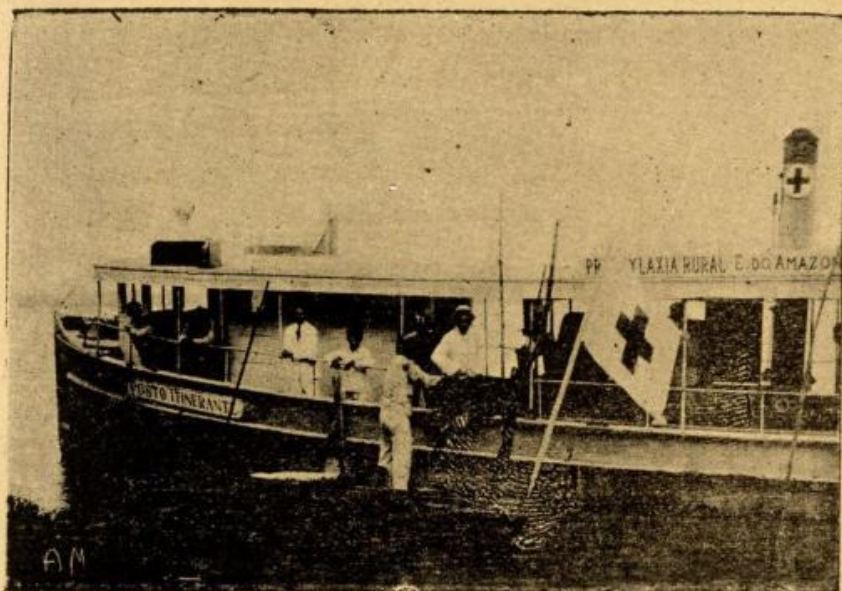
Numero de observações por dia: 3.—7 h., 14 h. e 21 horas.

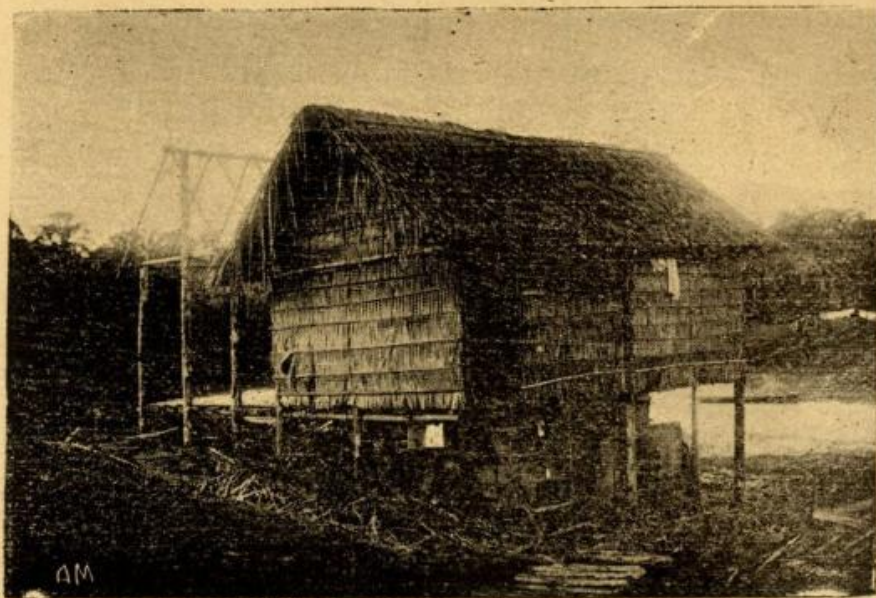
ANNOS	TEMPERATURA DO AR C — Média	Maxima	Minima	Pressão barometr. a 0° C	Humidade relativa	Evaporação em mm.	CHUVA — Altura em mm.	Numero de dias	VENTO — Direcção	Força	NEBULOSIDADE — Forma	Quantidade	NUMERO DE DIAS — De tro-voadas	Encobertos	Claros
1914..	28.0	38.6	22.8	755.4	77.4	1.262,5	1.809,0	162	E	3	N	06	58	214	151
1915..	27.6	37.2	20.4	755.3	77.7	907,3	1.461,2	177	E	4	N	06	27	226	139
1916..	27.2	37.0	21.2	755.3	77.8	957,8	1.699,2	161	E	3	N	07	17	227	139
1917..	26.8	37.0	20.4	758.5	82.8	883,7	2.060,0	166	E	4	N	06	33	240	125
1918..	27.0	37.0	21.0	760.2	71.0	1.044,9	1.505,4	150	E	4	N	06	22	165	200
1919..	27.3	36.2	21.0	759.9	77.8	1.026,5	1.618,6	141	E	2	N	06	35	212	153
1920..	26.8	35.6	21.0	758.8	78.8	948,6	2.138,4	177	N	1m,8	N	06	48	221	145
1921..	26.7	35.8	20.0	758.0	77.5	938,5	2.434,6	156	N	4m	N	07	36	233	132
1922..	26.5	34.6	20.0	758.7	78.8	738,0	1.782,2	136	N NE N	2m,0	N	07	61	100	265
1923..	26.8	37.0	21.2	757.2	78.1	983,0	2.069,7	116	N	1m,86	Ku	06	34	117	248
1924..	27.3	37.6	21.4	755.8	79.4	911,1	2.004,0	115	N	1m,99	Ku	06	26	123	243

Salubridade.—Sob este ponto de vista, pode-se francamente affirmar que o clima do Amazonas não é máo. Vive-se aqui, como em outra qualquer parte do Brasil. Si não fossem o impaludismo e a anchilostomiase, que são facilmente combatidos, poderiamos proclamar a inexistencia de molestias endemicas. De caracter benigno, outras formas pathologicas tambem apparecem no interior do Estado, como o sarampo, a coqueluche, a dysenteria, a leishmaniose, etc. A tuberculose apresenta um coeficiente de mortalidade menor que nos principaes centros do paiz.

Repartição Central de Prophylaxia Rural em Manáos

A febre amarella ha muito que desappareceu do Amazonas. São raros os casos de typho. Por falta de registro exacto, nas cidades e villas do interior, pouco se sabe das cótas de natalidade sobre mortalidade. E' evidente, todavia, que a população cresce pela differença desses dois termos da vida humana, principalmente sob a diligencia patriotica da Commissão de Prophylaxia Rural do Amazonas, sob a chefia do illustre clinico Dr. Samuel Uchôa.

São até banaes os casos de longevidade, o que attesta o favor do meio amazonense. A proposito, convém lembrar o que disse W. Chandless: «Percorri o Amazonas durante tres annos e não tive febres; em poucos dias apanhei-as no Ohio». E' de justiça, tambem, mencionar as palavras de Agassis: «A uniformidade da temperatura no valle amazonico, a pouca intensidade das variações thermometricas influem sobre o caracter de seus habitantes. Todavia, o clima, uniforme e humido, é muito salubre, muito mais do que se poderia suppor, incomparavelmente mais do que algumas pessôas o têm descripto. A salubridade deste clima é em grande parte devida á acção constante de um vento que sópra uniformemente de E. para O. e que aliás nada mais é do que a grande corrente dos ventos geraes. Esta corrente entra na immensa abertura formada pelo Amazonas e sobre o valle do grande rio. Uma branda viração faz-se ali constantemente sentir e produz uma evaporação graças á qual a temperatura baixa e o solo não se esquenta indefinidamente. «(Conversações scientificas», pag. 17).

A acção da Prophylaxia Rural no rio Amazonas

O eminente scientista Charles Richet, um dos maiores sabios da França contemporanea, após ter visitado o Amazonas, declarou em

Habitação de seringueiro

uma entrevista que déra a um jornal de Paris: «O clima do Amazonas é extremamente são, e os Europeus lá vivem tão velhos como em seu paiz natal».

Segunda Parte

(HYDROGRAPHIA)

CAPITULO I — Considerações geraes sobre a bacia do Amazonas.

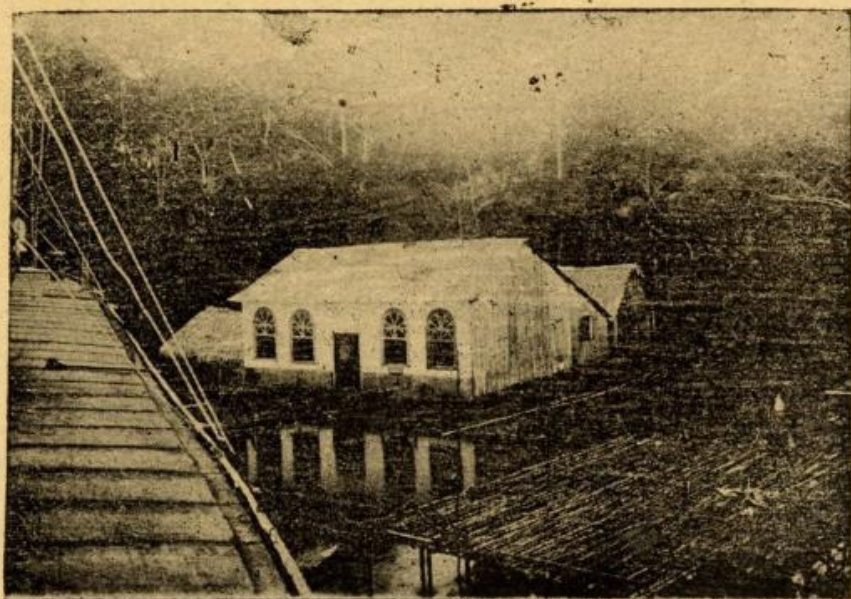
CAPITULO II -- Divisão, direcção e regimen das aguas do Amazonas.

CAPITULO III — Affluentes do Amazonas (Trecho do Solimões, margem direita).

CAPITULO IV — Affluentes do Amazonas (Trecho do Solimões, margem esquerda).

CAPITULO V — Affluentes do Amazonas (Trecho deste nome, margem direita).

CAPITULO VI — Affluentes do Amazonas (Trecho deste nome, margem esquerda).

CAPITUTO VII — Canaes e lagos.

Uma habitação á fóz do Purús

SEGUNDA PARTE

HYDROGRAPHIA

CAPITULO I

Considerações geraes sobre a bacia do Amazonas

A origem.—E' o Amazonas incontestavelmente o maior rio do planeta, pelo volume de suas aguas e pela exhuberancia das terras que atravessa. Desce da região andina chamada Telhado do Mundo, a partir do pico *Vilcanota*, na republica do Perú. E desses parámos quasi inaccessiveis, parte um pequeno fio d'agua alimentado pelo degelo, tomando o nome daquelle pico e, de quebrada em quebrada, lançando-se no rio *Apurimac*, que, por sua vez, é tributario do *Ucayale*. Este reune-se ao *Marañon* ou *Tunguragua*, que vem do lago de Lauricocha, ainda naquella Republica. Para certos autores é desta juncção que nasce o Amazonas, como succede a outros caudaes, mesmo brasileiros (ex.: o rio Madeira), cujo percurso total não se conta dos seus manadeiros, mas da confluencia de tributarios importantes.

Por largo tempo, até recentemente, o grande rio foi considerado como tendo origem naquelle lago. Por isso, raro é o compendio que não repita as affirmações de autores e exploradores antigos, mal informados sobre os verdadeiros pontos de descida desse gigante fluvial.

A respeito desse palpitante assumpto, transcrevemos, *data venia*, as apreciações feitas pelo erudito Sr. Dr. João Ribeiro, que nos diz como se evidenciou esse facto, fazendo desapparecer a duvida referente, aos primeiros surtos do Rio Mar:

> «Supponho que entre nós ha verdadeira ignorancia dos recentes trabalhos da exploração geographica acerca da verdadeira origem do rio Amazonas.
>
> O assumpto diz-nos respeito e devia interessar-nos profundamente. Mas, não conheço nenhum symptoma ou indicio de que tenhamos acompanhado as pesquizas scientificas já apuradas nesta materia.

A politica, a má politica absorve toda a attenção dos nossos compatriotas. Comtudo, acreditamos que a pagina que escrevemos, póde merecer algum attractivo; não é longa, não demasiado enfadonha.

Eis em resumo a questão:

O que passa entre nós como verdade assentada e figura em livros didacticos, obras e até documentos de caracter official, é que o Amazonas nasce na « lagoa de Lauricocha » e d'ahi deriva para outras terras orientaes até perder-se no oceano.

Esta verdade compendial data do começo do seculo XVIII e foi vulgarisada pelos jesuitas por intermedio das « Lettres édifiantes », que resumiam, naquelle seculo, e em lingua franceza os trabalhos dos missionarios.

Realmente, pelos fins do seculo anterior, os padres Richler e Samuel Fritz fixaram a sua assistencia espiritual em Quito, no Equador.

Cachoeira do passarinho, em Campos Salles

D'ahi é que Samuel Fritz percorreu o grande rio « Maranon » no serviço da catechese, desceu o Solimões, foi preso como espião no territorio portuguez, e, depois, remontando o curso do « Maranon », veio a dar, já nas terras do Perú, com a lagôa Lauricocha, que assentou ser a origem extrema do grande rio. Samuel Fritz traçou um grande mappa e escreveu uma relação da viagem: o mappa, de grandes dimensões, foi depois reduzido por outro padre, Juãn Norvaes.

Um «raccourci» desta reducção e um resumo imperfeito do que escrevera Samuel Fritz vieram a figurar nos extractos das «Lettras edificantes», no tomo XII. Eis ahi a origem dessa verdade imperfeita e convencional, desde os começos do seculo XVIII, a qual ainda figura em todos os livros didacticos.

O conhecimento das regiões andinas e dos seus valles e declives foi-se pouco e pouco completando e veio abalar profundamente a affirmativa daquelle missionario. Reconheceu-se dentro de pouco tempo, que havia, entre os suppostos tributarios do «Maranon», alguns rios de curso mais extenso, e desde o momento o rio Ucayale começou a figurar ao lado do antigo «Maranon» a disputar-lhe a precedencia.

Era isto a confirmação do que havia dito, com grande sagacidade ou por espirito divinatorio, o chronista Garcilasso, que sustentava ser o *Apurimac* o verdadeiro rio das Amazonas. O Apurimac era um dos galhos do Ucayale.

Para resumir, havia, no seculo XIX, duas opiniões, mais ou menos imperfeitamente assentadas; uma, a de que o rio Amazonas era o «Maranon», e outra, de que era o Ucayale o rio principal.

Nos fins do seculo passado dedicou-se o grande geographo e naturalista italiano, milanez, Antonio Raimondi a varias explorações scientificas durante quarenta annos e começou a publicar a sua obra collossal «El Perú» de que existem o «Atlas» e os volumes de texto publicados até sua morte (1890).

As explorações de Raimondi foram feitas e limitadas á região do «Maranon»; e a sua descoberta principal é que o rio Napo é o braço mais extenso do systema e, conseguintemente, é a fonte do Amazonas, situado assim no departamento do Huanaco.

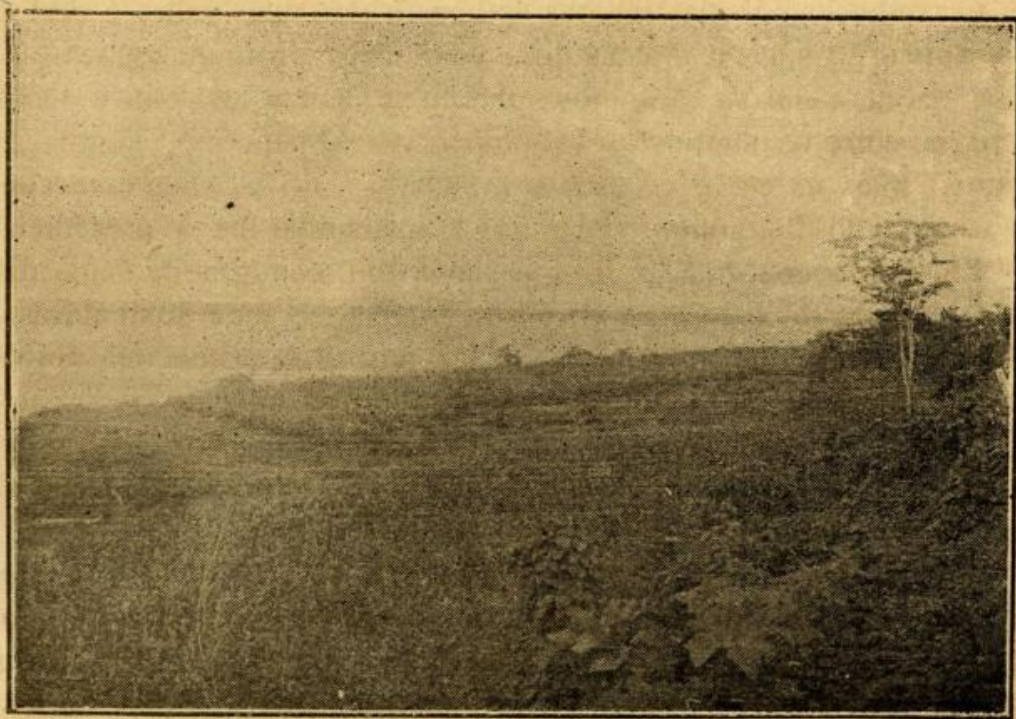
Como se vê, esta descoberta implica apenas a verdadeira origem do «Maranon». Restava ainda verificar a extensão do curso do Ucayale.

Aqui é que começam os trabalhos mais recentes do famoso viajante e archeologo americano Squires, que, tendo recebido do governo peruano a incumbencia de verificar estas e outras duvidas, com a collaboração da Sociedade de Geographia de Lima, instituiu uma série de pesquizas interessantes. Squires chega á conclusão de que a fonte do Amazonas deveria achar-se na região de La Raya, nos Andes, nos confins meridionaes da Republica e que provavelmente o rio extremo, cujas cabeceiras faltava determinar, era o *Vilcanota*.

Os resultados, pois, são que o Amazonas derivava do Vilcanota, que recebe o Apurimac e depois o Ucayale. Como se vê, o erro consistia em considerar principaes os rios que eram meros affluentes; o mais extenso delles era o Vilcanota e conseguintemente o rio principal.

Dest'arte caia por terra a origem marcada no Napo ou «Maranon»,

pois, o Vilcanota começa de muito longe, na região extrema meridional do Perú.

Havia, porém, uma tarefa de importancia a realizar e era de explorar *in loco* as cabeceiras do grande rio e descobrir o seu primeiro e mesquinho curso, no planalto de La Raya.

Um trecho do rio Amazonas

Para esse fim, J. Champbell Besley, com tres companheiros, organizou uma expedição anglo-americana, que se propunha achar o primeiro fio dagua do Amazonas e seguil-o até á sua embocadura no Atlantico. Essa expedição, atravez mil difficuldades, por terras inhospitas e povoada de selvagens ou inteiramente desertas, vingou alcançar-o seu objectivo com intéiro exito.

Tomaram os expedicionarios o «ferro-carril del Sul», em Mollendo, e chegaram á base de operações determinada por Squires. Ahi remontaram a pequena corrente do Vilcanota, e montados em *Uamas* e acompanhados de indios da região, chegaram até as faldas do Curunani, eternamente coberto de neves.

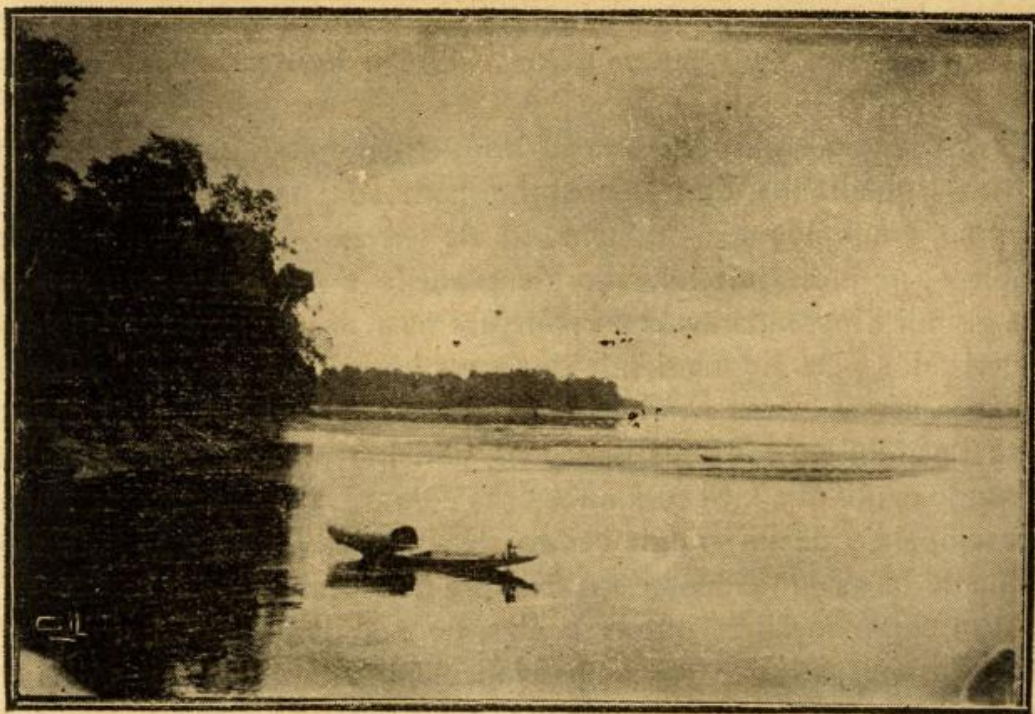
Galgaram as encostas até o *divortium aquarum*, que inclina os seus tres declives: para o Pacifico, para o lago Titicaca e para a região da *montana* ou amazonica. Perú e Bolivia chamam montana, paradoxalmente, ás regiões de descida para o Atlantico, ás quaes se caracterizam pelas suas florestas em opposição á pobreza do sólo do planalto andino.

Ao cabo de uma semana, o capitão Besley, verificados os cursos

do *Pulpéra*, da vertente do Pacifico, e do *Pucara*, que corre para o lago Titicaca, e que não têm origem commum, reduziu as suas explorações ao curso do Vilcanota, e dividiu os expedicionarios em varias partidas, que bateram os terrenos proximos.

Uma dessas columnas trouxe a verdade esperada. Algumas poças d'agua tranquillas como a de um pantano, alimentadas pelo degelo do Telhado do Mundo representam o começo do rio gigantesco. Estas aguas, só ao cabo de algumas centenas de metros, começam a desenhar o friso caracteristico de que acharam seu declive, é a *seepage* o primeiro signal de escape da lagôa, o sangradouro, o rio emfim.

Assim devemos aos trabalhos de Squires e ao commandante C. Besley a determinação das fontes do Amazonas. E' de crer que não continuemos a repetir nos livros, compendios e documentos officiaes, a velha e antiquada origem na lagôa Lauricocha, segundo as observações feitas e antiquadas do jesuita Samuel Fritz, do seculo XVIII.

Pareceu-me interessante essa vulgarização, porque o supponho inteiramente desconhecida dos nossos compatriotas. Os resultados geraes podem resumir-se nas seguintes constatações:

Bancos de areia no rio Japurá

O *Vilcanota* é o rio e o nome que deve substituir o Ucayale das cartas geographicas.

O *Napo* é o rio e o nome que deve ser dado ao Maranon.

As cabeceiras do *Vilcanota* ou do Amazonas jazem no sopé do

chamado terraço do *telhado do mundo* — Roof of World — na região andina de La Raya».

Não parece soffrer duvida a constatação de Squires, o que se evidencia examinando um mappa da immensa e alcantilada região coberta pelo esgalhamento do Amazonas, de Tabatinga para cima.

O Ucayale é o ramo principal, mais volumoso e extenso que o Tunguragua, embora venha de uma direcção differente daquelle, talvez o unico motivo que impressionou os primeiros exploradores jesuitas de não o considerarem como o curso do grande rio. Demais, como é sabido desde o tempo de Juan de Palacios, era de Quito, em rumo do Napo, para a zona dos indios *encabellados*, que se dirigiam as expedições da conquista hespanhola. Não consta que, então, se realizassem quaesquer pesquizas para as bandas do sul dessa região dos Andes, exactamente onde se acha a dilatada bacia do Ucayale. O que se affirmára de Lauricocha, passou a ser moeda corrente nos dominios da sciencia e acceito, com justa razão, por todos, mesmo pelo autor destas linhas, em falta de esclarecimentos hauridos em fonte verdadeira, depois que aquelle geographo norte-americano proclamou o Vilcanota, como o modesto manancial do mais soberbo e celebrisado rio da Terra.

Não hesitamos em nos penitenciar de um erro, que não é propriamente nosso. Mas, de quantos livros, sobre o assumpto, nos cahiram sob os olhos.

A bacia amazonica abrange uma superficie aproximada de 7.000.000 kilometros quadrados, de terrenos montanhosos, na parte superior do seu curso, como dos seus affluentes, e de terrenos baixos e geralmente alagadiços, na parte inferior. Rio de planalto e de baixada, o aspecto dessa grande e incomparavel bacia offerece os mais caprichosos desenhos caracterizados pela singularidade dos seus immensos paranás e lagôas marginaes. Essas terras servidas por uma formidavel rede de canaes, que se alastram em todas as direcções, constituem a maior bacia fluvial do mundo e, por sua facil communicação com o Atlantico, está destinado ao desempenho de um grande centro de actividade humana, realizando certamente os prognosticos de Alexandre de Humboldt.

Em comparação ás outras bacias, de real importancia, foi este o quadro organizado por Hermam Habenicht, adoptado no «Atlas do Brasil», do Barão Homem de Mello :

Amazonas.	7.000.000	kilometros	quadrados
Mississipe.	3.300.000	»	»
Ohio.	3.250.000	»	»
Congo.	3.206.000	»	»
Paraná.	3.000.000	»	»
Jenessi.	2.816.000	»	»

Nilo.	2.810.000	kilometros	quadrados
Niger	2.500.000	»	»
Yang-tze-kiang	1.872.000	»	»
Volga	1.459.000	»	»
S. Lourenço	1.378.000	»	»
Danubio	817.000	»	»

O erudito autor desse «Atlas» calcula, para o valle do Amazonas, uma area de 6.430.000 kilometros quadrados «representando uma superficie igual a 5/6 da Europa, dos quaes 3.800.000 em territorio brasileiro». Abrange terras da Bolivia, Perú, Equador, Colombia, Venezuela e Guyana Ingleza.

A grande bacia amazonica está circumscripta: ao Norte, pelo systema orographico Parimo-guyano; ao Oeste, pelos Andes, ao Sul pelo planalto brasileiro; á Leste pelo Atlantico. Avizinha-se da bacia do Prata (alto Paraguay de um lado, e alto Guaporé, de outro), existindo, entre os tributarios que se aproximam por suas nascentes, um insignificante *varadouro*, onde as aguas pluviaes parecem ficar indecisas no seu escoamento, para o Norte ou para o Sul.

O general Couto de Magalhães, que estudou essa região de quasi contacto entre as duas bacias, affirmou ser difficil descriminar quaes as correntes fluviaes que seguem para o Amazonas e quaes as que se dirigem para o Prata. A proposito, disse o autor do citado "Atlas": «Segundo o coronel Conrado Niemeyer, o varadouro entre os rios Aguapehy (affluente do Jaurú) e o Alegre (affluente do Guaporé), denomina-se Pequiry e tem 3.255 braças ou sejam 7 kilometros e 117 metros de estensão».

A bacia do Amazonas, estendendo-se pela zona equatorial, cobre, na sua maior largura, mais de 15 gráos de latitude, sendo 5°10' para o hemispherio septentrional, desde as nascentes do Cotingo (bacia do Rio Branco), e o restante, no hemispherio meridional. Inferem-se d'ahi as differenças de estações e o regimen das enchentes e vasantes simultaneas na mesma unidade de tempo, nos seus tributarios do Norte e do Sul.

E' irregular a forma da grande bacia, mais larga para o sertão, exactamente no Estado do Amazonas, do que para o lado do Oceano. Seus affluentes do curso medio (na parte denominada Solimões) penetram tanto as respectivas terras, que, parece, quererem dominar as bacias dos outros da America Meridional.

O Pequiry, atraz referido, e o Cassiquiare, que liga o Rio Negro ao Orenoco, provam a tendencia de predominio do rio gigante.

Considerando a pequena elevação das terras, que atravessa, no seu curso inferior, vê-se logo que se trata de uma verdadeira planicie, caracterizada pela sua grande calha central, do que de um valle de feição semelhante a dos outros rios. Sua configuração horizontal é quasi

immutavel dentro da zona que os rios não apresentam obstaculos em seus leitos.

Como fizemos notar, quando tratámos do aspecto physico desta região, as florestas virgens ahi dominam, pouco perturbando a monotonia de um unico panorama de conjuncto, apenas modificados pelos desenhos detalhados e caprichosos, que as margens vão formando.

Tratando deste assumpto, o professor Agassis definiu perfeitamente a região em que passa o grande rio. Diz elle: «A expressão *bacia*, tratando-se do Amazonas, talvez não seja a mais conveniente. Com effeito, em quasi toda a immensa superficie, (cuja medida havia já enunciado), *só se avista um valle plano, e tão plano que o observador julgaria achar-se em uma campina sem fim.*

Não se nota em parte alguma o caracter de bacia, que aliás constitue a feição essencial das circumscripções hydrographicas. E' pois, como uma planicie que deve ser considerado o valle do Amazonas, como uma planicie insensivelmente inclinada de O. para E., de maneira que, a 800 milhas da fóz, o nivel das aguas se acha apenas a 200 pés acima do oceano. Um pé de inclinação por legua».

Ha pontos mais afastados, conservando altitudes inferiores áquellas. Assim, Manáos está apenas a 28^{m},190, de modo que o leito do Rio Negro, considerada sua profundidade, em frente á essa capital, se encontra abaixo do nivel do Atlantico, delle distante cerca de 930 milhas. Em Tabatinga, situada na fronteira occidental, a 1728 milhas daquelle oceano, ha apenas a elevação de 75 metros, segundo constatou o Dr. L. Cruls.

Até o ponto em que o engenheiro inglez W. Chandless subiu o Aquiry (nascentes), a 2.569 milhas de Belem, ha 308 metros de altitude. (Vide « Mappa Geographico do Territorio do Acre », pelo Dr. Alberto Masô).

O alto Jaquirana (cabeceira do Javary) está a 250 metros, approximadamente. O serro das Mercês, de onde sae o rio Juruá, permanece a 453 metros sobre o nivel do mar.

São expressivas as observações do Dr. Torquato Tapajós, relativas á declividade da bacia amazonica, na linha do seu valle, que elle avaliou em uma polegada por milha, da fóz á fronteira peruana («O Valle do Amazonas", pag. 66).

No reconhecimento do alto Purús, Euclydes da Cunha determinou pessoalmente a serie de cótas das altitudes em que o rio faz o seu sinuoso curso; são igualmente expressivas da insignificante declividade das partes media e inferior.

A parte septentrional do immenso valle é menos dilatada no sentido de N. para S; ahi, as elevações se apresentam mais accentuadas, o que se verifica pela menor extensão navegavel dos rios, logo obstruidos por alterosas cachoeiras.

Para patentear o *facies* da grande bacia, o sabio suisso declarava: "Não é um unico canal; é uma rede de canaes tanto mais complicada quanto mais caudalosos são os seus affluentes. As anastomoses, entre as differentes correntes d'agua, são extremamente frequentes", facto esse que prova a ausencia do *divortium aquarum* bem definido entre os vizinhos caudaes tributarios de qualquer das margens do Amazonas. Caracteriza-se, assim, por sua infinidade de paranás, paranás-mirys e lagôas bordadas de opulentas florestas, que traçam em todos os sentidos e, mesmo, atravessam para formarem os interminos igapós, ao tempo dos invernos.

A bacia do Amazonas é, em grande parte, de formação alluvial ainda muito instavel. Nada mais é que uma grossa camada de areia muito fina, que a corrente arrasta ora esbarrancando, ora espraiando as margens; de outras vezes, constituindo ilhas, accentuando curvas ou carcomendo pontas.

Os affluentes da margen direita, na parte em que a bacia é mais larga e extensa, dentro do territorio amazonense, são, com excepção do rio Madeira, extremamente sinuosos, sempre formando novas deflexões, partindo as terras para abrirem outros caminhos atravez dos *saccados* que, a principio constituem ilhas para, depois, adherirem á margem opposta. E' um phenomeno singular e interessante, pois o que era um tracto da margem direita torna-se esquerda e vice-versa.

E' um dos rios mais "trabalhadores", nas transformações que realiza no seu systema hydrographico. Infere-se, d'ahi, que a bacia amazonica soffre e soffrerá, ainda por muitos seculos, as consequencias das convulsões do gigante antes que se torne definida, de feição acabada, como outras, dos grandes caudaes do planeta.

Em synthese, verifica-se que tal bacia, mui longe do leito principal, contém, como os extremos de uma grande rede, uma trama que se insinúa por entre terras altas, formando cachoeiras, que vêm diminuindo ou desapparecendo á proporção que se aproxima da planicie alluvial. Depois, continuam os tributarios a deslisar por entre outeiros de mediocre elevação intervallados por baixadas, que se inundam nas invernias, até ganharem os terrenos, quasi sem declividade, vestidos de pujantes arvoredos e sob cuja folhagem as aguas, como num lençol oceanico, permanecem durante dois ou tres mezes em cada anno.

Cremos, não haver outro rio que maiores modificações realize á sua passagem, pelo effeito de sua corrente e pouca estabilidade de suas terras. O commandante Raymundo Moraes observou que, de anno para anno, a Ilha de Marajó se incorpora á margem proxima do Amazonas, pela obstrucção do canal, que conduz as aguas do Tocantins ao Atlantico.

O movimento das aguas do Rio Mar prepara outras modificações, no aspecto da sua inegualavel bacia, justificando o appellido do «rio

trabalhador", para não dizer como Euclydes da Cunha, que elle é o rio mais destruidor da Terra.

Não são accordes os autores sobre a extensão do Amazonas, mesmo para os que o consideram nascendo na lagôa de Lauricocha. E' corrente que possue 6.200 kilometros até a sua fóz.

O prof. Honorio da Silva Silvestre, cathedratico do «Collegio Pedro II», dá-lhe 6.300 kilometros dos quaes 4.500 de Tabatinga ao oceano ("Bacias hydrographicas dos rios Amazonas e Prata", pag. 8, 1923).

Considerado o Ucayale, que tem a extensão de 2.460 kilometros (prof. H. Silvestre), como o verdadeiro curso do Amazonas, podemos suppol-o, desde Vilcanota ao Atlantico, medindo 6.800 kilometros ou seja quasi tão extenso como o Nilo ou como o Mississipe-Missury!

A largura do Amazonas é muito variavel, não sendo exaggero affirmar que, ao tempo de transbordamento, attinge a 6 kilometros e mais. Ao passar para o territorio brasileiro, em frente ao forte de Tabatinga, na fronteira occidental do Estado, mede 2.775 metros de margem a margem. Estreita-se, em frente de Obidos, a 1911 metros, para abrir-se em immenso estuario de perto de 400 kilometros, no oceano, pelo qual ainda penetra, formando o celebre *Mar Doce,* onde Vicente Pinzon constatou o então singular phenomeno das pororócas.

A profundidade do Amazonas tambem é variavel, desde os baixios das *praias,* que pontilham o rio e emergem nas suas vasantes, até 80 metros. O leito, devido ao movimento tumultuario de suas aguas, soffre os effeitos de tão grande convulsão; baixo hoje nesta localidade, pode ser profundo amanhã, como é commum se observar. D'ahi, as constantes *encalhações* dos barcos a vapor, que trafegam no Rio Mar.

E não seria para menos, sabendo-se que o volume das aguas attinge 80.000 a 90.000 metros cubicos por segundo jogados ao mar, ao tempo da estiagem, correndo bastante argilla e areia, que arranca ás margens, para lançal-as por ahi, de roldão, num caminhar de dois a quatro metros por hora.

CAPITULO II

Divisão, direcção e regimen das aguas do Amazonas

Habitualmente, o rio Amazonas foi dividido em tres secções, desde a sua antiga e presumida nascente na lagôa Lauricocha até ao seu immenso estuario, no oceano: *Tunguragua* ou *Maranon*, desde aquelle manadeiro lacustre até Tabatinga (4°14'45"20 de lat. N.: 26°43'52". O. Rio de Janeiro); *Solimões*, de Tabatinga á confluencia do rio Negro (3°12'30" S.; 16°33'14"); *Amazonas*, propriamente dito, dessa confluencia ao Atlantico.

A direcção geral, em territorio brasileiro, com ligeiras deflexões, é de O. L.

Depois das recentes investigações do commandante Squires, que demonstrou ser o Ucayale o prolongamento do Amazonas, ha-de, ainda perdurar, por muito tempo, o Tunguragua como sendo o rio principal, quando deverá considerar-se como em segundo plano, em relação aquelle.

Esses dois rios acham-se em terras do Perú e contêm numerosos affluentes, em sua maior parte navegaveis. O Tunguragua dá accesso até Pungo de Monseriche. O Ucayale é navegavel num percurso de 500 kilometros.

O Solimões e o Amazonas, propriamente ditos, são trechos que guardam, planicie immensa, os mesmos caracteres de *rios de baixada.*

Como todos os dilatados cursos d'agua, o Amazonas possue um regimen de enchentes e vasantes periodicas, que depende do rigor das estações. Da mesma fórma, seus tributarios.

A epocha das chuvas começa do Sul para o Norte, razão porque, emquanto os tributarios da direita vasam, os da esquerda, simultaneamente, enchem. Ha, na actuação desse phenomeno, uma demora de seis mezes, nas cabeceiras das extremas do valle. Com tudo, tal simultaneidade produz, na calha central, um certo equilibrio das aguas, entre 15 a 28 metros acima do nivel do mar, dependendo essa differença da epoca e do local em que se effectuem as observações.

Não obstante a pequena declividade do leito do Rio Mar, a sua corrente attinge uma velocidade de quatro kilometros por hora, variando de um trecho a outro, como de inverno para verão, facto que depende tambem dos cursos, embora pequenos, e do maior ou menor affastamento das margens.

As aguas comprimidas por estas, como se verifica em Obidos, esbatendo-se de ponta á ponta, determinam uma linha sinuosa e irregular chamada o—*fio da correnteza,* na qual a velocidade é sempre maior.

De umas vezes esse fio passa ao largo, ao meio do revolto caudal;

de outras, proximo ás margens. Neste caso, a correnteza provoca o desmoronamento das terras, que se tornam esbarrancadas ou *cahidas*, como se designam na gyria popular.

Parecerá que a corrente do Amazonas diminue quando augmenta o volume das suas aguas, de Fevereiro a Junho. Isto, porem, encontra sua explicação nos extravasamentos lateraes e na resistencia que a floresta inundada (igapós) offerece á descida das aguas. Essa velocidade decresce ainda, das cabeceiras para a embocadura: já pela menor declividade,

Confluencia do Solimões e rio Negro

já pelo represamento, que as marés provocam até Obidos (Estado do Pará.) Demais, as profundidades devem ser levadas em conta, porque a massa liquida, que deslisa está em proporção directa do quadrado dessas profundidades. Esta relação é tão exacta—diz o Dr. Torquato Tapajós—que a medida da rapidez da corrente permitte ao hydrographo indicar com precisão a forma do leito em que correm as aguas.

"Herdon calcula a correnteza deste rio em 1 e meia milhas por hora; quanto a mim—declara o Sr. Barão de Marajó—a média de sua corrente deve ser superior a isto, pois, que, entre Santarem e Monte-Alegre, a menos de cem leguas da bocca, nunca achei menos de uma milha, e nem é para admirar esta grande corrente; quando é facto comprovado que a trezentos kilometros da bocca ainda as aguas amarelladas do rio abrem caminho atravez das verdes aguas do Oceano, com tal violencia que, nas horas tranquillas da noite, o ruido da lucta da sua corrente com as aguas

do mar, que se lhe oppõem se faz distinctamente ouvir", As "Regiões Amazonicas», pag. 52).

E' extraordinaria a abundancia de argilla amarellada e areia finissima, bem como detrictos vegetaes, que o Amazonas arrasta e lança ao Atlantico. Nunca se encontra limpidas as suas aguas. Calcula-se que, em 80.000 metros cubicos de massa liquida, depositados, no interregno de um segundo, no oceano, existem 40 desses elementos mineraes. Isto demonstra que o rio produz uma forte denudação do valle e serve de vehiculo ao effeito das chuvas, nas terras altas da grande bacia. D'ahi a affirmação de Euclydes da Cunha: "O Amazonas é um rio que está destruindo a terra.»

Francamente navegavel, como já dissemos, em mais de 60.000 kilometros, abrangido seus possantes tributarios, o Rio Mar desempenha um papel economico de primeira ordem, na civilização que as riquezas naturaes, as industrias e o commercio ahi fazem crescer e estão desenvolvendo.

CAPITULO III

Affluentes do Amazonas, no Estado

(Trecho do Solimões, margem direita)

Contam-se em mais de mil os tributarios que o grande rio recebe de ambas as margens, das nascentes á embocadura, sem contar os paranás, que conduzem para elle as aguas das lagôas abundantes em toda a bacia.

O esgalhamento do Amazonas permitte o accesso aos mais reconditos pontos do sertão, constituindo a rêde hydrographica mais extensa e compacta do mundo.

Nos estreitos limites destas paginas impossivel se torna citar e descrever esse avultado numero de caudaes que alastreiam a região. Occupemo-nos dos mais importantes, no territorio amazonense. Para consulta mais minuciosa, convidamos o leitor a ler a excellente monographia intitulada "Bacias Hydrographicas dos Rios Amazonas e Prata", do professor Honorio de Souza Silvestre. Nesse trabalho estão numerados os tributarios do Tunguragua e do Ucayale, e de outros até Tabatinga.

No Solimões, que é, como dissemos, o trecho do Amazonas, desde a fronteira do Perú até a confluencia do Rio Negro, desaguam, pela direita ; o *Javary,* o *Jandiatuba,* o *Jutahy,* o *Juruá,* o *Teffé,* o *Catauá,* o *Coary* e o *Purús.* Pela margem esquerda: o *Içá* ou *Potumayo,* o *Tonantins,* o *Japurá* ou *Caquetá* e o *Rio Negro.*

Rio Javary. — Nasce este rio com o nome de Jaquirana ou alto Javary, na latitude de 7°6'55"5 Sul; longitude de 73°47'45" Oeste de Greenwich, conforme observação da Commissão Mixta Brasileo-boliviana, de 1901, para a determinação da fronteira dos respectivos paizes. Desemboca, depois de um curso de 882 milhas ou 1522 kilometros e 344 metros, junto ao forte nacional de Tabatinga, na latitude de 4°14'45",2 Sul, e 69°54'13", de longitude O. de Greenwich. Por estas coordenadas se comprehende que a direcção geral do rio se aproxima de N. 4° NNE., desprezadas as suas grandes deflexões. Serve elle de divisa natural entre o Brasil e o Perú.

O trecho denominado Jaquirana, das nascentes até á foz do seu affluente o Batham, mede 648 kilometros e 200 metros.

As *nascentes do Javary,* para effeito do Tratado de limites com a Bolivia, foram objecto de explorações diversas e de serias controversias. Assim, em Março de 1874, lá esteve o Sr. Barão de Teffé, determinando a situação astronomica da localidade, a respeito de cujo acontecimento escreveu no seu "Diario": Posso dizer que neste logar a fonte principal do Javary, brotava debaixo dos nossos pés" ("Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro", tomo IV, pag. 169). Achou para essa localidade, 7°1'17" de latitude Sul; 31°1' de longitude O. do Rio de Janeiro. E para o marco, que assentou: 6°59'29' lat. Sul.

Outro titular do Imperio, o Sr. Barão do Ladario, que estivera em 1867 em serviço de demarcação do Brasil com o Perú e que contava, entre seus trabalhos hydrographicos, uma carta do rio Javary, contesta a veracidade daquellas coordenadas, dizendo que o Sr. de Teffé não havia chegado ás nascentes desse rio. A contestação calou no animo do Governo brasileiro, que resolve nova exploração, em 1895, sendo della encarregado o coronel de engenheiros Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, mas sem resultado, pela supposição de ser o Galvez o continuador do Javary e de, caso nascesse mais ao sul que o Jaquirana, perder o Brasil mais de cinco mil leguas quadradas do seu territorio.

Em 1897, o Capitão-Tenente Cunha Gomes, por ordem do mesmo Governo, chega ás procuradas nascentes do Jaquirana, que verificou ser o verdadeiro curso do rio; determina-lhe as coordenadas, achando pequena differença a mais do que fora verificada por seu antecessor. Em 1901, o notavel astronomo Dr. Luiz Cruls, após minuciosas observações, determina-lhe a situação precisa e assenta-lhe o marco, que foi julgado definitivo. Os trabalhos do reputado Director do Observatorio do Rio de Janeiro, assim puzeram termo ás duvidas que o caso das nascentes do Javary fizera surgir, durante annos, no espirito publico. (Vide "Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores", de 28 de Maio de 1902, pag. 47).

De tantos estudos realizados, constatou-se que o Javary sae de umas terras muito accidentadas, numa altitude de 378m,8, precipita-se por uma serie de alterosas cachoeiras (cerca de 20), medindo 40-38-15-12m e varios saltos de 5 a 6m, antes que tenha alcançado 5.500 metros á jusante da cachoeira chamada Esperança, ultimo ponto a que chegam embarcações pequenas, ao tempo das enchentes. Daquelle primeiro obstaculo para baixo, o rio torna-se extremamente sinuoso. A seu respeito leia-se o seguinte escripto pelo Dr. Cruls: "O rio Javary, affluente da margem direita do Solimões, desemboca neste rio por dois canaes, alem do canal principal, formando duas ilhas denominadas Islandia e Petropolis ou Mauá, ambas na margem peruana.

Conforme a epoca do anno e o estado das aguas, a navegação torna-se difficil por um ou outro dos canaes. Na epoca da vasante, o encontro das aguas dos dois rios forma pronunciados rebojos e caldeirões, que tornam bastante difficil e perigosa a navegação.

Quanto á largura do Javary, é na sua fóz de cerca de 200 metros. Em todo o seu curso, que pode ser avaliado em 800 e poucas milhas, o Javary e o Jaquirana não apresentam cachoeiras, a não ser na proximidade immediata da sua nascente. Poucas milhas acima da confluencia do Itimahy, primeiro affluente de importancia, existe um "travessão" impropriamente chamado cachoeira, embora difficil a navegação, mas somente na epoca de vasante, como ficou provado em duas occasiões. O curso

de Jaquirana ou alto Javary, torna-se torrentoso á proporção que se avança para a origem. A navegabilidade deste rio é regulada pelo estado das suas aguas, que variam extraordinariamente, de altura, entre a enchente e a vasante.

A maior vasante apresenta-se em geral no mez de Agosto, podendo prolongar-se essa phase até Setembro. As aguas começam então a crescer com as primeiras chuvas, apresentando-se a maxima enchente em Março ou Abril, para em seguida baixarem de novo, gradualmente. E' digno de nota, e tivemos occasião de observal-o frequentemente, o effeito das chuvas, mormente torrenciaes, sob o nivel das aguas, que, em poucas horas, crescem consideravelmente, constituindo o phenomeno conhecido em toda a região pelo nome de „repiquete".

No tempo da enchente é possivel subir o Jaquirana em lancha a vapor até, e as vezes alem da fóz do rio Batham ou Paysandú.

Do Jaquirana para baixo a declividade do Javary é quasi nulla; dahi a differença da corrente. Na embocadura, quando o Solimões enche fortemente, represando seus tributarios, as aguas, ahi, chegam a paralyzar ou ficar indecisas na sua direcção".

A parte inferior da bacia do Javary é composta de terrenos de alluvião apenas interrompidos por algumas «terras firmes», que rareiam á medida que se desce o rio. As grandes curvas que elle faz, accentuam-se tanto que, muitas vezes, se ligam, formando os «saccados» e abrindo mais curtas passagens para as aguas. As enchentes annuaes invadem estes terrenos de planicie e, então, tornam-se faceis as communicações para o Juruá, de um lado, e para o Ucayale, de outro, atravez dos "varadouros„.

Os affluentes do Javary pela margem direita, a partir da fóz, são: o *Itecuahy* e o *Curuçá;* pela esquerda, pertencentes á republica do Perú: o *Javarymirim* e o *Galvez.*

O Jaquirana recebe, pela direita: o *Batham*, o *Esperança* ou *Balsayaco*, o *Alegre*, o *Triste* e o *Blake* ou *Prudente;* pelae squerda: o *Fortuna*, o *Surpreza* ou *Bolognese*, o *Rumyaco* ou *Dionysio.*

O Javary banha o municipio amazonense de Benjamin Constant e desempenha um papel muito importante nas relações commerciaes com a visinha republica do Perú.

Rio Jandiatuba.—Menos importante que o precedente, tem um curso avaliado entre 300 a 350 kilometros, com uma descarga de 200 metros cubicos por segundo. Corre no municipio de São Paulo de Olivença e dagua abaixo da villa deste nome, correndo na direcção geral de N. E. Recebe o *Mutuanetema*, pela direita. Suas margens, no curso inferior são, em grande parte alagadiças, mas abundantes de seringaes, alimentando regular commercio e navegação.

Rio Jutahy.—Menos consideravel que o Javary, quer pela extensão

quer pelo volume das suas aguas. Nasce ao norte das terras banhadas pelo rio Ipixuna, affluente do Juruá, aproximadamente aos 6° 40' de latitude Sul. Suas cabeceiras são pouco exploradas por homens de sciencia, assim varios pontos dos seus tributarios. Pouco ou quasi nada se tem escripto a seu respeito; no entanto, é assaz habitado por extractores e negociantes de gomma elastica, salsa, castanha e outros productos naturaes de que é tão rico.

Em falta de mais minucioso subsidio, para conhecimento deste rio, ainda hoje é compulsado o Relatorio da exploração feita por C. Barrigton Brown, em 1875, apezar do seu laconismo e deficiencia de informações.

A braveza dos indigenas que habitavam o Jutahy, sempre foi a causa dos retrahimentos, alem dos pontos em que é francamente navegavel.

«O Jutahy—diz o Snr. Brown—é um affluente do Solimões pelo lado do Sul e sua fóz é de latitude 2° 43' 24" S. e longitude 66° 43'37".

Tem milha e meia de largura na fóz, diminuindo um pouco depois de ter corrido duas milhas, e tomando a direcção de O. por algum tempo, voltando quasi em angulo recto ao seu curso. No angulo assim formado ha uma *ressaca* ou especie de lago na direcção de E.

A milha e meia da sua fóz, recebe uma pequena quantidade de aguas do Solimões que correm por um estreito paranámirim, do lado de cima da ilha Capury. Desde este mencionado angulo, o rio toma a largura de uma milha, correndo a S. O. por espaço de dez milhas, tendo um grande baixio na margem de S. E., que se prolonga alguma distancia, com a profundidade actualmente de 4 braças. O canal tem 6 a 7 braças d'agua e, a parte estreita, perto da fóz, tem dez braças. Em seguida o rio volteia com paranámiris e lagos ou partes do antigo rio, a quasi cada volta; de sorte que, algumas vezes, se torna difficil, a pequena distancia, distinguir qual o verdadeiro rumo do rio, e desde a sua fóz até o *Upiah* (Apiá ou rio Preto) encontram-se tres grandes ilhas e muitos igarapés pequenos.

A direcção geral do rio é entre N. E. e NNE.

A agua do Jutahy, além do *Curueng* até a fóz do *Mutum*, apresenta a côr de lama com sedimentos em suspensão, porém, passando o Mutum, mistura-se com agua preta desse rio, e gradualmente torna-se mais limpida ou mais escura. Abaixo do Upiah, em direcção a fóz, a agua apresenta uma côr escura, com pouco sedimento em suspensão.

A correnteza, durante as primeiras quinze milhas, não é forte, mas, logo depois toma muita força.

O Upiah, que se une ao Jutahy pelo lado de SSE. a pouco mais ou menos 150 milhas da fóz, é o primeiro affluente que merece importancia. E' de igual largura a este ultimo rio, tendo um terço de milha;

porém, sua profundidade, junto a fóz, é de quatro e meia braças, sómente.

O rio Mutum une-se ao Jutahy tambem pelo lado de S. E. a 300 milhas pouco mais ou menos da fóz; suas aguas são pretas. Tem 200 jardas de largo e, d'ahi em diante, é de 5 e meia braças, e a do Jutahy, perto do mesmo logar, é de 7 braças. Do logar onde effectuamos a nossa volta, ou mais ou menos 424 milhas, aguas acima, desagua o terceiro affluente do Jutahy, o Curueng, de aguas turvas; tem apenas 100 jardas de largura e 6 braças de fundo„.

Acima do ponto navegavel em vapor, subindo o rio em canoa, cerca de 10 dias, encontram-se outros tributarios, sendo os mais notaveis o *Enajá* e o *Flexa* á direita, o *Maçanary*, á esquerda.

O curso inferior do Jutahy deslisa numa grande baixada de terras de alluvião, dividindo-se em quatro braços que vão ter ao Solimões, pelos quaes corre o maior volume do rio. Esses canaes são paranámirys que formam um verdadeiro delta, como succede no Javary e no Purús: o Grande, Jataputá, o Cururú e o Apiá.

"A parte superior do Jutahy—continúa o referido Brown—da fóz do Mutum para o lado do Sul, é estreita e cheia de tortuosidades e, comquanto tenha duas ou tres braças de fundo nas estações das seccas, o canal é tão estreito ou contem tanta quantidade de paus mergulhados, que somente pequenas lanchas podem então subil-os„ («Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro», tomo II, pag. 81)», Dicc. Geographico do Brasil, vol. II, pag. 338).

Informações mais recentes dão ao Jutahy uma extensão de 1.200 kilometros, sendo 800 navegaveis em vapor ou lanchas, até o Curueng.

Rio Juruá.—E' um dos mais caudalosos tributarios do Solimões. Nasce no serro das Mercês, numa altitude de 453 metros acima do nivel do mar, com o nome de *Paxiuba*, aos 10°1'32"25 de lat. Sul e 72°14'34" de long. O de Greenwich. Tem um curso de 3.283 kilometros ou aproximadamente 1.773 milhas geographicas. Sua extensão avantaja-se de 40 milhas a do Purús conforme averiguação procedida em 1905. "E' incontestavelmente um dos maiores rios do Planeta, diz o general Bellarmino de Mendonça. Na escala dos da Amazonia deve ser collocado logo abaixo do soberano rio mar, si em verificação futura não fôr dado maior desenvolvimento ao Madeira, que já o tem geographico; ou depois deste, se verificar-se a supposta superioridade; ou em terceiro ou quarto logar para toda a America do Sul; por dever ceder a precedencia ao Paraná ou Prata„.

Pela aptidão da sua navegabilidade, o Juruá é considerado em tres divisões: o *baixo*, o *medio* e o *alto*.

O primeiro trecho ou secção começa da fóz (aos 2°37'51" de lat. Sul e 65°47'28"95 de long. O. de Greenwich) e vae até seu affluente *Tarauacá*, medindo cerca de 1.697,5 kilometros.

No Porto Colombiano, pouco acima da barra do Juruá, onde foram tomadas aquellas coordenadas, a largura do rio varia de 352 metros a 150, antes de chegar ao Tarauacá, que está no ponto da sua confluencia, a 108 metros de altitude, em quanto que aquelle Porto se acha a $42^{m},83$, apresentando, assim, uma declividade insignificante.

A corrente do rio, nesse trecho, attinge tres milhas por hora, ao tempo da maior enchente, nos logares em que as margens são terras firmes.

A profundidade do baixo Juruá, na vasante media, é, na embocadura, de 20 metros descendo a 12, no fim da secção. Os pontos menos profundos são encontrados nos logares chamados Urubú-cachoeira e Praia das Pedras, onde o rio estreita e o canal, na estiagem, fica reduzido a pouco mais de tres metros de profundidade.

"No baixo Juruá incidem, por duas boccas, na margem esquerda: o paraná *Meneruá*, que é alimentado pelo lago de igual nome e diversos outros, e tem desenvolvimento superior a 20 leguas; o *Berêo*, que tem a primeira bocca no barracão Renascença, com desenvolvimento maior que o primeiro e um furo intermedio denominado *Jacaré;* o *Tucuman*, que vae de Nova Vida ao saccado do Temquê e não é de extensão inferior a do anterior; o *Banana Branca*, menor que os precedentes, ligando-se por um furo a do *Monte Christo*, por outro a *Extrema do Marymary* e terminando acima do barracão Maracujá (General B. de Mendonça, «Reconhecimento do Alto Juruá", pag. 3).

Na margem direita incidem os paranás *Arapary, Monte do Carmo*, e *Xibury*, que são, como os da margem esquerda, desaguadores de lagos e ligações e affluentes do mesmo rio ou vertedores deste para aquelle. Tal systema, permitte as communicações pelo interior da bacia do baixo Juruá, quando as aguas estão no apogêo. A esse tempo, as mattas transformam-se em vastos igapós, raramente interrompidos pelas terras firmes. Alem dos paranás, predominam tambem os igarapés.

Não se depara tributario de real importancia, senão o citado Tarauacá, que, por si só, constitue uma vasta bacia, situada em grande parte no Departamento Federal que recebeu seu nome, e tem como affluentes, pela direita, o *Mururú* e o *Envira*, que, por sua vez, recebe as aguas do *Jurupary;* pela esquerda, o Acuraua—todos elles navegaveis por pequenas embarcações (lanchas), mesmo ao tempo das vasantes.

O *medio* Juruá está comprehendido entre as fózes do Tarauacá e do *Brêu*, num percurso de 1.277,5 kilometros. Tem uma largura variavel de 310 a 90 metros, nos pontos extremos do trecho em que se estende. Suas margens são mais abundantes de terras altas, *barreiras*, encontram-se, todavia, extensas baixadas. São seus tributarios, pela direita: o *Eirú*, o *Gregorio*, o *Mú*, ou da *Liberdade*, o *Paraná do Arrependido*, o *Riosinho do Leonel*, o *Tejo* e o *Breu* pela esquerda: os igarapés *Corumburú*, o *Hudson*, o *Paraná do Pixuna*, o rio *Môa*, o *Paraná dos Muras*,

o *Juruá-miry*, o *Paraná do Ouro Preto*, o *Paraná das Minas* e o rio *Amonea*.

O Breu serve de limites entre o Brasil e a Bolivia. Da sua fóz que está a 214 metros de altitude para cima, o Juruá corre em territorio deste ultimo paiz. Do ponto Arenal, situado abaixo da villa Cruzeiro do Sul, o rio deixa as terras do Departamento Federal e ganha as do Estado do Amazonas.

Entre os pontos extremos do medio Juruá (boccas do Tarauacá e do Breu), ha uma differença de nivel de 106 metros, o que explica a forte correnteza que lhe é peculiar. A navegação torna-se difficil, no verão.

A profundidade decresce bastante, sobre tudo acima da fóz do Gregorio, chegando a ficar reduzida a 0m,5, onde se acham as cachoeiras do Gastão e Pedreiras.

"Na hibernagem, que vae de fins de Outubro aos primeiros dias de Maio, os vapores de calado superior a dous metros chegam ao Breu e podem ir alem.

Na estiagem, porém, somente lanchas, de muito pequeno calado, podem alcançar o rio da Liberdade, o Cruzeiro do Sul, o Môa e, com muito custo, o Juruá-mirym. D'ahi para cima os estorvos avultam: as madeiras formando palissadas e ilhotas adventicias, ha baixos e bancos dos estirões e nas praias, os canaes desapparecem, os torrões affloram e emergem, descobrem-se as cachoeirinhas, formam-se corredeiras, os bancos e as praias revestem-se de vegetação, os remansos e poços rareiam. Cessa a navegação a vapor". (Obra citada).

O *alto Juruá* é menos extenso que os dous trechos precedentes; está comprehendido entre os parallelos de 9°24' 36" 21 e 10° 08' 38" S. Dão-lhe nascimento os igarapés *Salambô* e *Paxiúba*, sendo este considerado principal, saindo das abas das serras que separam a bacia do alto Ucayale. Apezar de não mais pertencer ao Brasil, mas somente á Bolivia, vejamos quaes os seus principaes affluentes, já reduzidos, como é de suppor, á proporção de mediocres igarapés. Pela margem direita, a contar da fóz do Breu; o *Béo*, o *Serranovaco* e o *Piquevaco* ou *Rio Novo*. Pela esquerda: o *Dourado*, o *Huacapista*, o *Paullyaco* ou *Rio Mutum*, o *Guinealyaco*, o *Metalleiro* e o *Peligro*.

O alto Juruá estreita a 60 metros na confluencia do Piqueyaco. D'ahi para as cabeceiras o adelgaçamento reduz-se a um simples filete dagua, mal se imaginando ser a origem de um dos maiores rios do planeta.

Rio Teffé. — Nasce este affluente do Solimões nas terras altas situadas aproximadamente a 6°20' de latitude Sul, entre os rios Tapauá, tributario do Purús, e o Juruá. Corre na direcção de N. E., a principio sobre terrenos firmes e mais alem, em pleno varzeado.

Recebe as aguas de muitos igarapés e lagos. Foi explorado pelo illustre Engenheiro Henrique José Moers a quem devemos a obsequiosidade das seguintes informações: "Foi no mez de Novembro de 1898 que resolvi a exploração do rio Teffé, até aquella data desconhecido e inexplorado. As noticias que tinham vindo de lá, davam ao rio Teffé como extremamente doentio. Nos primeiros dias de Dezembro, daquelle anno, parti da cidade de Teffé, em uma pequena lancha, conduzindo nove pessoas, entre trabalhadores e tripulantes. Depois de haver atravessado o lago do mesmo nome, entramos em um verdadeiro labyrintho de canaes entre ilhas e terras alagadas, até a distancia de 120 kilometros, onde começa a terra alta ou firme. Foi ahi que esteve outr'ora situado o logar Egas.

Nada mais restava daquella povoação senão alguns destroços de madeiras lavradas e cacos de panellas, hoje tudo coberto por matta alta.

Até ahi chegam as aguas do rio Solimões, navegando-se dahi em diante em aguas do rio Teffé, de côr escura.

Até a distancia de 450 kilometros, á embocadura do igarapé *Maravilha*, encontram-se uns dez ou doze logares occupados, terminando ahi o conhecimento do nosso pratico, que levaramos de Teffé. Continuamos a nossa viagem por terras ignotas. Essas terras, que marginam o rio, são firmes, levemente onduladas, de forma que se passa constantemente por terras altas e baixas.

Os seringaes, que ahi existem, não são *continuos* como nos rios Juruá, Madeira e outros. Encontra-se a seringueira em grupos de 5,10 e 20 estradas, perto de pequenos lagos, que acompanham o rio de cada lado.

A navegação, até o igarapé Maravilha era franca, não sendo rio muito largo, cerca de 30 metros, porem, fundo. Deste ponto, em diante, encontramos algumas difficuldades, devido ás arvores cahidas. No entanto, podemos ainda continuar com a lancha tres dias.

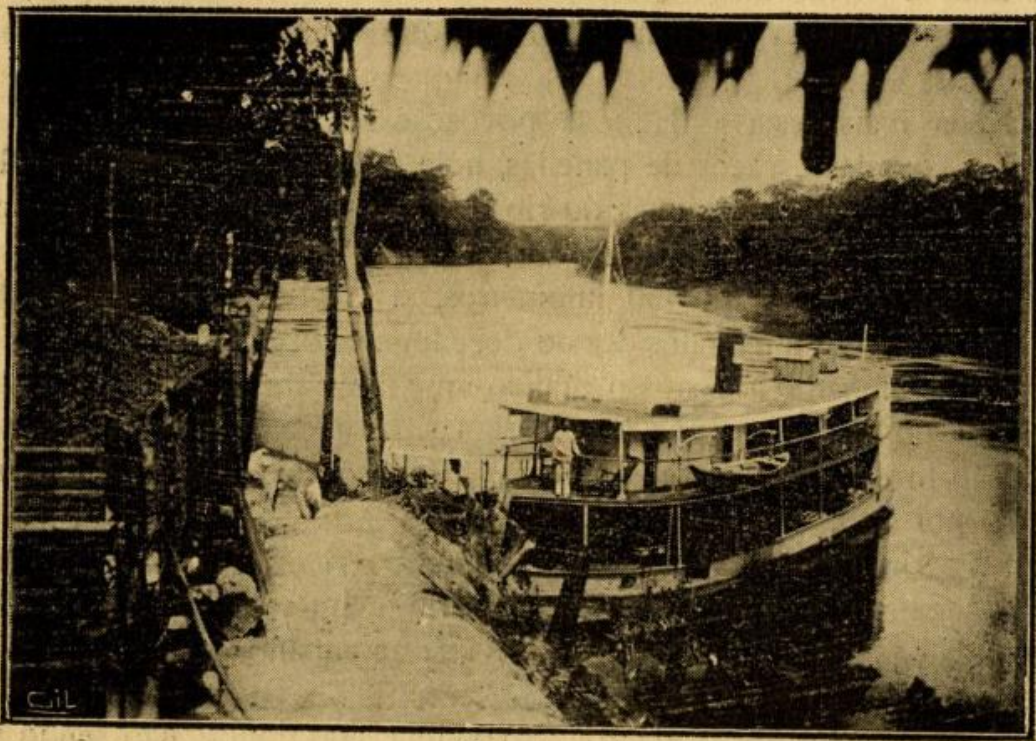
Na nossa parada ahi, encontramos signaes de passagem recente de indios que tinham ido colher a borracha, por elles extrahida. Para isso, elles não tinham se servido de machadinhos ou outro instrumento cortante, mas sim de cipó enrolado na arvore e apertado até arrebentar a casca da mesma, deixando correr o leite durante semanas e colhendo-o depois como sernamby.

Seguimos ainda por quatro dias, encontrando sempre os vestigios dos indios, que tinham subido, sem, todavia, darmos com elles.

Em virtude de ser ahi a agua do rio já muito baixa e baixando sensivelmente da noite para o dia, faltando-nos tambem o rancho, resolvi voltar desse porto. Como era vespera de Natal, deixei no dia seguinte descançar os companheiros, para começar a nossa descida no dia 26 de Dezembro, tendo percorrido a distancia de 684 kilometros, a

contar da cidade de Teffé, onde chegamos no começo de Janeiro de 1899, todos de perfeita saude sem ter havido incidente de importancia em toda a viagem„.

São tributarios do Teffé, pela direita, os igarapés: *Coró, Surubim, Itanga, Ingá* e *Abio*. Pela esquerda: *Socó, Maravilha, Arabauá, Teany* e *Curumita*.

Rio Catauá. — Corre no municipio de Teffé. E' um rio propriamente *de baixada*, até as suas nascentes. Seu curso não está avaliado rigorosamente, estimando-se-lhe 300 kilometros. Margens em grande parte

No rio Urucú, affluente do lago Coary

innundaveis. Antes de se lançar no Solimões, atravessa o lago do seu nome e divide-se em dois braços. E' ainda pouco povoado.

Rio Coary. — Nasce aproximadamente a 5º 30' de latitude Sul, correndo na direcção de N. E., até se lançar no lago do mesmo nome e d'ahi ao Solimões, a cerca de 4º Sul. Sua fóz não excede de 440 metros, mas, d'ahi a dois kilometros, abre-se uma vasta bacia de mais de 4 milhas de largura e 15 de extensão, até o ponto em que se junta o *Urucú-paraná*, seu affluente da esquerda. O Coary é francamente navegavel até acima da povoação de Alvellos. O curso inferior atravessa terras baixas, entrecortadas de terrenos altos e abundantes de castanhaes. Banha o Municipio e a villa de igual nome.

Affirma-se que o rio permitte a navegação, em canôa, durante 40 dias. Não ha noticia das suas cabeceiras, que se acredita descerem de umas campinas marginaes do Purús, a 350 kilometros da fóz deste.

Rio Purús.—Nasce este rio com o nome de *Pucani,* nas serranias que separam delle a bacia do Ucayale. E' immenso, cheio de sinuosidades sobretudo no seu curso inferior. Mede, de extensão, 1.733 milhas ou aproximadamente 3.209 kilometros, sendo assim um dos maiores rios do globo, não obstante ser um simples affluente do Solimões.

No seu desenvolvimento, as inflexões são tão numerosas que lhe permittem um itinerario de 3.650 kilometros.

Segundo o coronel Antonio R. Pereira Labre, tem o Purús sua origem na lat. Sul de 11° 4' 15" e na long. O do Rio de Janeiro, de 27° 10' 25", numa altitude superior a 357 metros sobre o nivel do mar. Corre, a principio, em leito muito inclinado, produzindo-lhe forte correnteza, que, nos logares estreitos, attinge a seis milhas por hora. Depois, se vae amenisando esse declive, até chegar á cachoeira de Huytanahã, limite do trecho francamente navegavel, na epoca da estiagem.

Como acontece nos outros rios de que temos tratado, o Purús, daquelle ponto para baixo, começa a serpear na planicie alluvial, que se inunda annualmente, escapando apenas as poucas terras firmes semeiadas por suas margens.

Os praticos deste rio, levando em conta sua capacidade de navegação, dividem-n'o em tres secções: o *baixo,* que vae da fóz principal até seu affluente o *Tapauá;* o *médio,* desse ponto á confluencia do *Mamoreá-Grande;* o *alto,* d'ahi ás cabeceiras.

Uma outra divisão, baseada na declividade do leito e que nos parece consentanea, considera o Purús em duas partes: o *baixo,* a partir da embocadura até a fóz do rio Acre; o *alto,* d'ahi ás nascentes—divisão esta adoptada por varios autores, entre os quaes, Aug. Hilliges, nos seus minuciosos mappas das duas secções.

No seu percurso completo, contados seus numerosos tributarios, o Purús atravessa uma das regiões mais ricas e povoadas do Amazonas. Desde os primeiros tempos da antiga Provincia, ou seja de 1852, começaram as suas explorações, realizadas successivamente por Seraphim Salgado, Manoel Urbano, W. Chandless, Silva Coutinho, Pereira Labre, Alexandre Haag, ultimamente, Euclydes da Cunha, que nos forneceram largo cabedal de estudo.

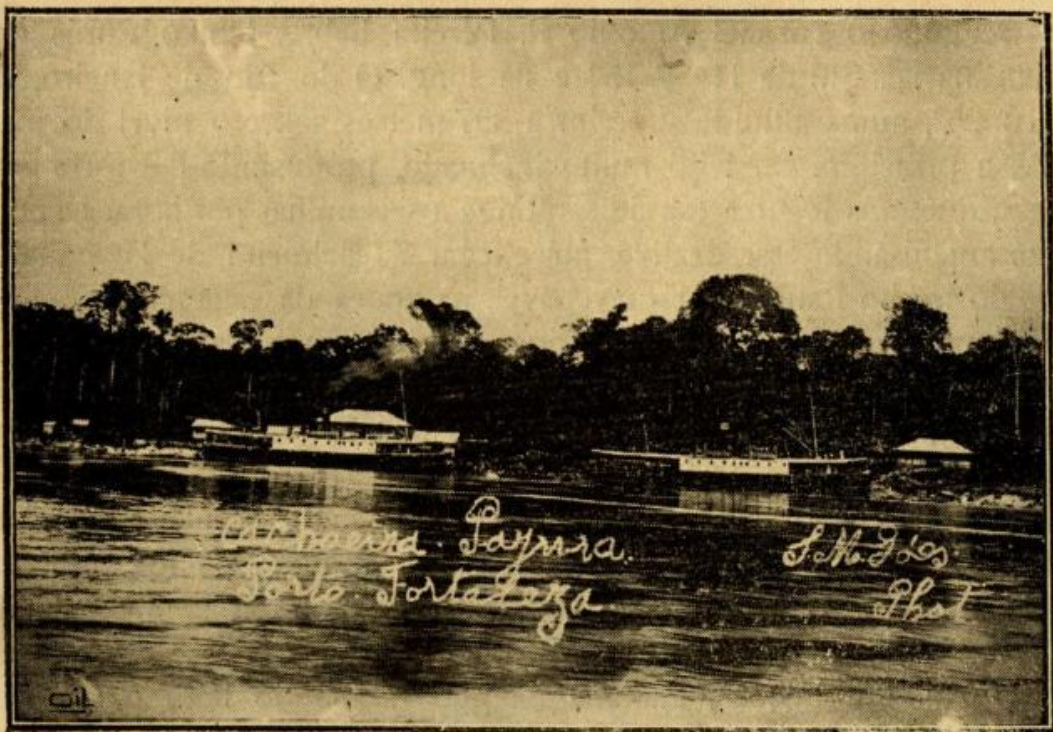
Não obstante, o curso superior de certos dos seus affluentes, que interessam os limites com o Perú, ainda tem seus manadeiros pouco determinados ou ainda duvidosos. Tanto assim que, no momento em que são traçadas estas linhas (1920), se acha, nessa alta bacia, uma Commissão Brasileo-peruana procedendo os respectivos estudos.

Examinemos, summariamente as duas referidas secções:

O *baixo Purús,* como ficou dito, estende-se da fóz á confluencia do Acre, num percurso de 1.380 milhas. Das chamadas barreiras de Huytanahã, para baixo, o rio tem a mesma feição que o Juruá, o Javary

e outros da margem meridional: é um caudal de planicie, irregular, sinuoso e de leito instavel.

Daquellas barreiras para cima, suas margens são mais altas e menos numerosos os varzeados.

Por todos os lados vêm-se boccas de rios, igarapés, lagos e paranás, que servem de desaguadouros aos mananciaes da vasta bacia. Forma,

Cachoeira Pajurá, Porto Fortaleza

assim, o baixo Purús um vasto systema hydrographico, que permitte a navegação pelo interior das suas terras.

O regimen das suas aguas barrentas, semelhantes ás do Solimões, varia conforme a epoca do anno e a localidade, pois as enchentes e vasantes não são uniformes. Dá-se o facto de se achar transbordante a embocadura (em Maio e Junho) ao mesmo tempo em completa vasante na fóz do Acre.

A partir desse ponto, situado a 111 metros sobre o nivel do mar, a declividade diminue gradativamente até 42^m que assignala a altitude, no Solimões.

A direcção geral, mesmo das nascentes á fóz, é no rumo de N. E. guardando certo parallelismo com o Madeira, seu visinho de Leste.

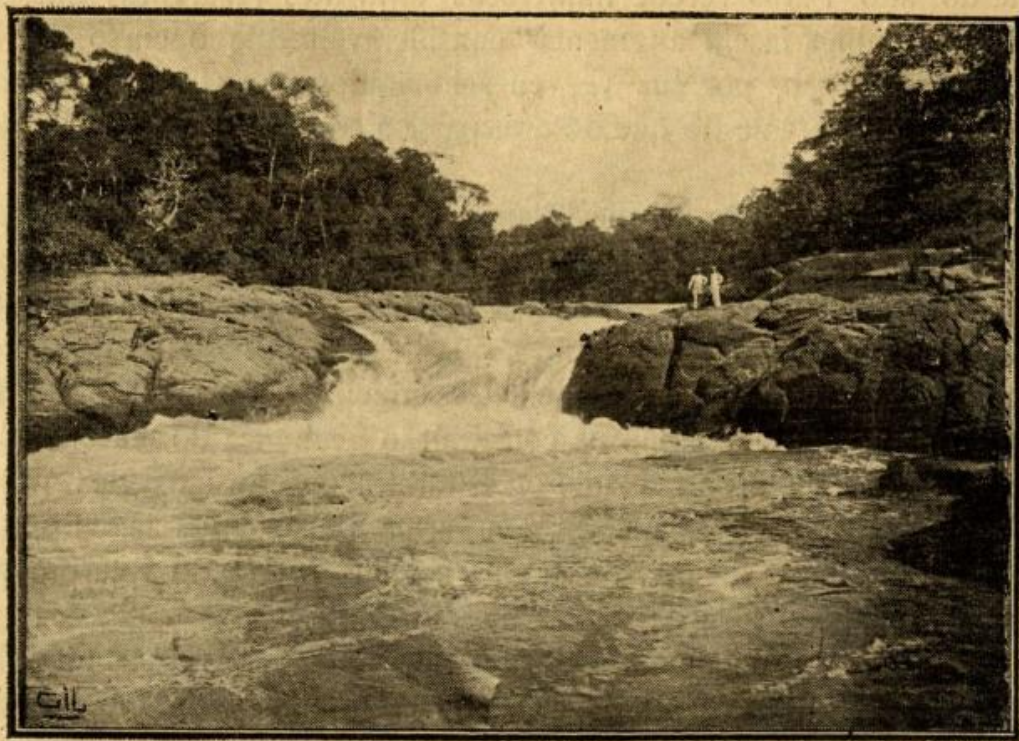
O baixo Pürús desagua aos 3^o 45' de lat. Sul, por quatro boccas, sendo tres meros paranás que não permittem a navegação no tempo da estiagem. São elles: o canal Paratary, o Cuchiuára e o Cuyuaná, que se confundem com o immenso igapó em que as margens se transformam, durante os mezes citados.

O Coronel Labre, em sua "Noticia" sobre o rio Purús, refere-se ás inundações das terras, de 12 a 15 milhas para cada margem. O grande triangulo comprehendido por este rio, pelo Solimões e pelo Cuyuaná abrange uma area de extensão superior a 80 milhas, onde não se acham senão terrenos alagadiços, pelos quaes as aguas provindas de logares distantes se espalham e se confundem.

São affluentes do baixo Purús, pela direita, ao descer a fóz do Acre: o *Ary*, o *Seruhiny*, o *Metaripuá*, o *Abufary*, o *Turiahã*, o *Acimã*, o *Sepatiny*, o *Ituxy* (o mais consideravel de todos), o *Paciá*, o *Umary* o *Amaforrã*, o *Mucuim* e o *Jary*.

Pela esquerda: o *Inauhiny*, o *Teuhiny*, o *Pauhiny* (o mais importante desta margem), o *Agua Preta*, o *Mamoriá-Grande*, o *Mamoriá-pequeno*, o *Tapauá*, o *Abufary*, e o *Ayapuá*, sendo alguns destes desaguadouros de lagos de iguaes nomes. Nota-se ainda o *Paraná-Pixuna*, pela margem direita, pelo qual se passa ao Puruzinho, tributario do Madeira.

O baixo Purús e a maior parte dos seus affluentes citados podem ser trafegados por barcos a vapor de porte de 150 a 200 toneladas, sendo que, no periodo das enchentes, outros maiores nelle transitam sem obstaculos.

O rio Ituxy merece consideração especial, quer pela sua grandeza,

Cachoeira do meio, rio Ituxy

quer pela importancia commercial em que é tido entre os do Estado. Nasce numa região de campos chamados da Esperança, aos 10°28'54"

de lat. Sul e 67º44'29" de long. O. de Green. Lança-se poucos kilometros acima da cidade da Labrea, com uma extensão aproximada de 450 kilometros. Na sua contra-vertente oriental encontram-se as aguas do Rapirrã, tributario do Abunã, que verte para o Madeira. E' uma região de quasi contacto da duas grandes bacias, entre as quaes existe uma estrada para pedestres, facilitando a passagem para o territorio boliviano e vice-versa.

Corre o Ituxy de Sudeste a Nordeste, com um curso muito sinuoso, mas que pode ser navegado a vapor, durante os mezes de Maio e Junho. São seus affluentes pela direita o *Curyquetê*, o *Ciriquiry* e o *Puciary;* pela esquerda: o *Entimary* (Vide «Exploração do Rio Ituxy, pelo Coronel Pereira Labre, in Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro).

O *alto Purús* corre em terrenos firmes e ligeiramente accidentados, com intervallos de baixadas por onde deslisam seus tributarios. Forma algumas cachoeiras menos elevadas que as do Juruá, devido a quasi uniformidade do seu declive, o que permitte menor difficuldade de penetração até proxima ás cabeceiras, como aconteceu ao citado explorador Chandless, que não teve necessidade de arrastar por terra as suas pequenas embarcações, até aos 10º 57' de latitude Sul.

Tratando dessa parte do Purús, diz aquelle Engenheiro: «Essa parte do alto Purús recebe numerosos affluentes (igarapés) que, de milha em milha, fazem augmentar consideravelmente o curso do rio. Esses igarapés são, por sua vez, encachoeirados, o que mostra um aspecto muito differente do que o Purús passa a adquirir da bocca do Acre para baixo».

A bacia do trecho de que fallamos, está circumscripta pelas terras que formam o «divortium aquarum» do Ucayale. Vê-se ahi o caprichoso systema hydrographico do Amazonas, no qual, caudaes muito afastados, pelas suas respectivas embocaduras, quasi se tocam nas suas nascentes. E note-se que essa bacia assemelha-se áquella, tanto no aspecto das mattas que a revestem, como na constituição geologica do seu leito. Não se encontram nella seixos rolados ou estratificações arrastadas dos Andes. As que nessa região permanecem, em forma de extensos lagedos, são pedras durissimas (pedras de amollar), todas *in-lóco*, o que prova a completa independencia das aguas do alto Purús.

Nos seus «Apontamentos sobre o Rio Aquiry», diz o citado explorador: "Na parte inferior do rio, as praias são muito escassas e pequenas; mas, na vasante, muitas lages de barro endurecido, debaixo da terra firme, ficam descobertas, em parte tambem pedrarias; principalmente *debris*. Em algum destes logares, achei ossos fosseis que o sabio professor Agassis teve a bondade de examinar e me disse que provam bem claramente que é formação da epoca cretacea».

O regimen das aguas do alto Purús é irregular, depende das grandes chuvas, que formam *enchurradas*, enchentes rapidas e impetuosas que desapparecem ao cabo de 24 horas. Na occasião do descimento, o que se effectua com grande ruido, a correnteza é quasi invencivel pelas embarcações a vapor. Ao tempo da estiagem, cessados que foram aquellas enchurradas, tanto o Purús, ahi, como seus tributarios, têm o leito pobre d'agua e cheio de grossos troncos de arvores, que desabam de suas margens, constituindo o maior entrave e perigo á navegação. Demais, é insignificante a largura, que, na confluencia do Acre, é apenas de 150 metros, reduzidos a 140 na fóz do Chandless.

O leito é todo ondulado, apresentando *poças, baixios*, que, algumas vezes, o atravessam de lado a outro. Nota-se ainda o facto commum de serem as *voltas* do rio limitadas por terras firmes, e abarrancadas, taes como se acham indicadas no mappa de Aug. Hilliges. Junto a essas margens altas, a profundidade é maior que a do lado opposto, quasi sempre extrema de extensas praias, que se succedem por alguns *estirões*.

Da bocca do Acre á do Chamboyaco, no limite do Departamento Federal do Alto Purús com a Bolivia, o alveo varia, nas vasantes medias, entre 3 e 6 braças; do Chamboyaco até o igarapé Cocama, ultimo ponto navegavel por lanchas de fundo chato, a profundidade está entre 1 a 3 braças. D'ali para cima, só podem avançar canôas.

São affluentes do alto Purús, pela margem direita, a contar das nascentes: o *Cavaljani*, o *Huavental*, o *Rio dos Patos*, o *Manoel Urbano* ou *Alto Chamboyaco*, o *Cocamilla*, o *Santa Cruz*, o *Rixola*, o *S. João*, o *Cathay*, o *Chamboyaco* (limite do Brasil com a Bolivia), o *Chandless*, o *Yaco* e o *Acre* ou *Aquiry*, sendo este o mais notavel por seu volume, extensão e riquezas naturaes. Pela margem esquerda recebe o alto Purús: o *Corinja*, o *Maniche*, o *Arraia*, o *Malpaja*, o *Curanja*, o *Santa Rosa* (limite com a Bolivia), o *Furo do Juruá*, o *Macapá* e o *Carapanã*.

Por sua vez, cada um dos tributarios citados esgalha-se em outros, principalmente o Acre, favorecendo a penetração desses invios sertões brasileiros e bolivianos. Não é obvio que, aqui, tenham os mais notaveis rapida menção.

O *Rio Acre* tem sua origem nas serranias situadas aos 11°5' de lat. Sul e 70°15' de long. O. de Green; serranias essas que servem ainda de divisor ás aguas do Ucayale e situadas no angulo mais accidental do Departamento do Alto Acre. D'ahi corre o rio para O., até receber seu tributario o *Igarapé da Bahia*, de onde se dirige para N. O., serpeando sempre até encontrar o Purús, num percurso de 406 milhas aproximadamente.

A respeito do Acre, diz o explorador Chandless: «O rio Aquiry, (Acre) é um affluente do Purús, pelo lado direito, 950 milhas acima da

sua fóz, na lat. de 8°45' S., e long. 24°16' O. do Rio de Janeiro. E' de notar-se que o Aquiry, desde a fóz até o parallelo de 11° S., não tem um só affluente do lado direito, nem siquer igarapé grande; assim que, sem duvida, neste lado, as aguas a pouca distancia da beira do Aquiry, caem para algum outro rio, provavelmente o Ituxy. Subindo o rio, accrescenta: As correntezas e baixios são mais frequentes e o barro endurecido,

Um trecho do rio Japurá

que nestes logares geralmente forma a camada do rio, é cheio de veias mais duras, que ficam acima da superficie geral da pedra e maltratam muito os pés".

Acima do *Rio das Malócas,* o Acre torna-se muito pequeno e encachoeirado, apresentando degráos de 3 a 4 palmos de altura, no tempo da vasante, isto é, quando, durante alguns dias não chove. A largura reduz-se a menos de 70 palmos e a profundidade media não é mais que palmo e meio. Torna-se, assim, innavegavel, senão por pequenas ubás indigenas. Até o ponto chamado Brasilea podem chegar as lanchas, numa distancia de 370 milhas da fóz.

Todo o percurso deste rio é abundante de obstaculos, como sejam páos, bancos de areia, *salões,* curvas muito fortes, baixios, etc., requerendo que os praticos da navegação tenham muita pericia e cuidado (Vide «Navegação do Acre», serie de mappas por Placido de Castro).

Pode-se dizer que a bacia do Acre é unilateral, pois, seus tributarios, de importancia, se acham todos á margem esquerda. Os da direita são meros Igarapés: o *Bananal,* o *Fawcette,* o *Brasil,* o *Yavarija,* o *S.*

Miguel, o *Nuaya*, o *Buenos Ayres*, o *Bahia* (que separa da Bolivia o Departamento do Alto Acre) o *Itú*, o *Distração*, o *Paquetá* e o *Entre-Rios*. Pela esquerda: o igarapé dos *Montes*, o das *Sombras*, o das *Malócas*, o *24 de Janeiro*, o *S. Lourenço*, o *S. Pedro*, o *Esperança*, os rios *Xapury*, o *Riozinho* e o *Antimary*, que desagua em frente á villa amazonense de Floriano Peixoto.

O Xapury é o mais consideravel dos affluentes do Acre, que lhe corre parallelo, desde a sua nascente até o Igarapé da Bahia. E' navegavel por lanchas ao tempo das enchentes (Fevereiro), até sua confluencia com o Rio do Ouro.

O Antimary. e o Riozinho correm parallelos e são igualmente accessiveis a lanchas e bastante povoados, interessando, pelos seus cursos inferiores, o Estado do Amazonas.

O rio Acre desempenha, na chorographia nacional, a importante funcção de servir de divisa entre o Brasil e a Bolivia, até o referido Igarapé da Bahia; d'ahi até pouco abaixo da povoação de Porto Acre, atravessa o Departamento do seu nome e passa para o territorio amazonense.

CAPITULO IV

Affluentes do Amazonas, no Estado

(Trecho do Solimões, margem esquerda)

Rio Içá ou *Putumayo.*—Nasce nos contrafortes andinos da Colombia, aos 2°30' de lat. Sul, numa região vulcanica. Corre de N. O. para S. E. inclinando-se mais para o Sul, interessando aquella republica, o Equador e o Brasil, este por seu curso inferior.

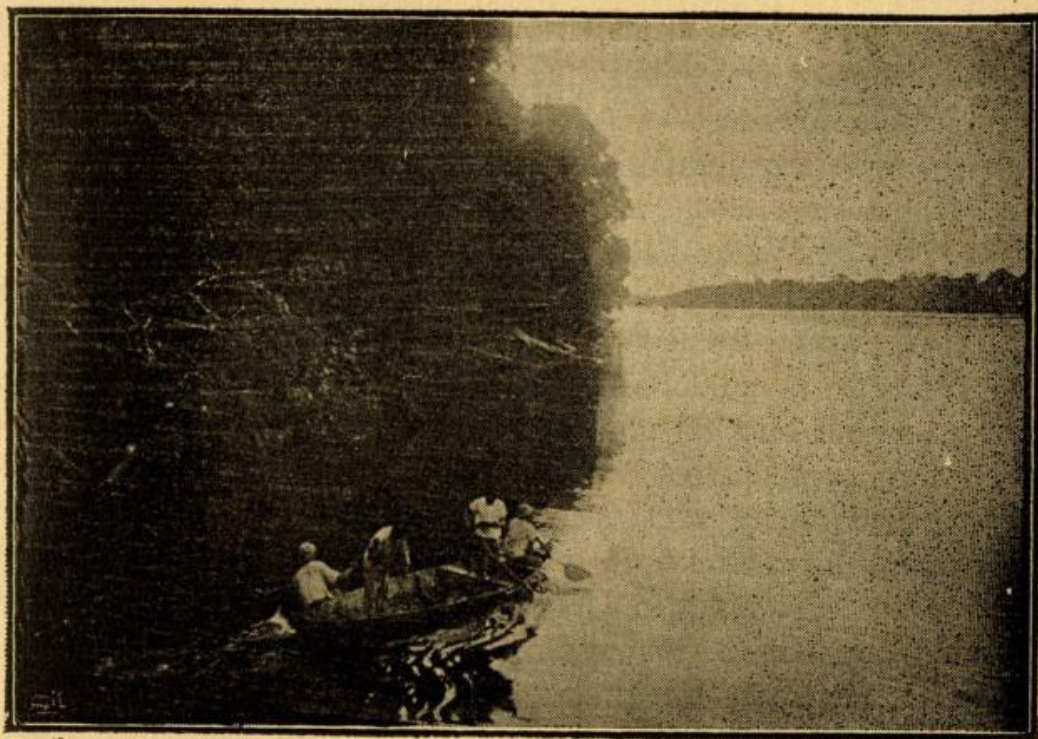
Tem uma extensão de 1.452 kilometros aproximadamente, sendo avaliado em 1.700, pelo professor Honorio de Souza Silvestre que lhe dá uma bacia de 112.000 kilometros quadrados. Percurso navegavel 1.500 kilometros. Recebe as aguas de 25 lagos e de 30 affluentes, banhando zonas riquissimas em ouro, quina e borracha.

E' o grande caminho aberto ás relações commerciaes do nosso paiz com a Colombia, que pretendeu por toda a extensão da sua importante bacia prolongar seus dominios politicos, até a povoação brasileira de Tonantins.

A navegação do baixo Içá, desde a fóz até 166 kilometros, é difficil, porque o leito do rio apresenta pouca profundidade ao tempo das vasantes; porem, d'ahi para cima, ou seja de La Sofia, os barcos a vapor transitam bem, até cerca de 1.200 kilometros. A seu respeito, disseram José Gualdino e B. Caymari: "Este rio que communica com o Japurá pelo Peridá e pelo Pancis; com Pevas e conseguintemente com Mayro pelo Janja, com o Almarico pelo S. Miguel, *liga entre si as mais opulentas republicas cisandinas.* A profundidade que não excede de 1m,50 nas primeiras linhas navegaveis, eleva-se de dois a dez metros, na estação secca, o dobro durante a enchente, de Abril a fins de Setembro. A largura, que em certos logares dilata-se de 700 a 800 metros, em outros, não passa de 100. De suas nascentes até Bella Elisa, corre o rio sobre um leito de granito de leve inclinação; depois, antes de desaguar no Amazonas, já de areia formando seu alveo, liga-se ás duas correntes de Popayan, por um braço do Japurá, que antes de Pedro Teixeira tiveram os hespanhoes o proposito de explorar, engodados pelas historias das suas riquissimas minas de ouro, o que não realizaram por haverem-n'o obrigados a retroceder os indios Yurunas, Guataycús..."

Segundo Caetano de Albuquerque, o Içá tem sua fóz a 800 milhas de Manáos; mede ahi 300 braças de largo e seis de profundidade. Annualmente, porem, só podem navegal-o barcos de pequeno calado, inferior a cinco pés, devido aos recifes espalhados no seu curso inferior. De Agosto a Janeiro, quando o rio está na sua maior vasante, somente lanchas transpõem esse longo trecho.

E' o Içá cortado pela linha geodesica, tirada da fóz do Apaporis (affl. do Japurá) até Tabatinga, divisa do Brasil com o Perú.

Os affluentes deste rio encontram-se todos em territorio colombiano. Os mais notaveis são: *Ingaparaná* e o *Carapaná*, habitados por mais de 30.000 indios chamados "Luitotos". Seguem-se o *Jaguas*, que se põe em facil communicação com o Perú; o *Caucaia*, que se estende até

Vencendo a corrente no rio Japurá

proximo á bacia do Japurá; o *S. Miguel*, que offerece passagem ao Aguarico, no Equador; o *Jurupary*, o *Pipitary*, o *Mihuy*, o *Cancella*, etc. (Vide o folheto «Do Pará á Colombia ou apontamentos sobre o rio Içá ou Potumayo», por Francisco X. R. de Souza—1880.)

Rio Tocantins.—E' menos consideravel que o precedente, tanto de curso como em volume d'agua, conservando, porem, a mesma orientação, conforme figura na carta Stradeli. Tem uma extensão de 200 kilometros aproximadamente, em bôa parte navegavel. Suas margens contem borracha, castanha e demoram no municipio de São Paulo de Olivença. A' fóz deste rio, está a povoação de Tonantins, muito antiga, e hoje prospera, devido aos trabalhos da catechese da Missão religiosa, que alli, existe.

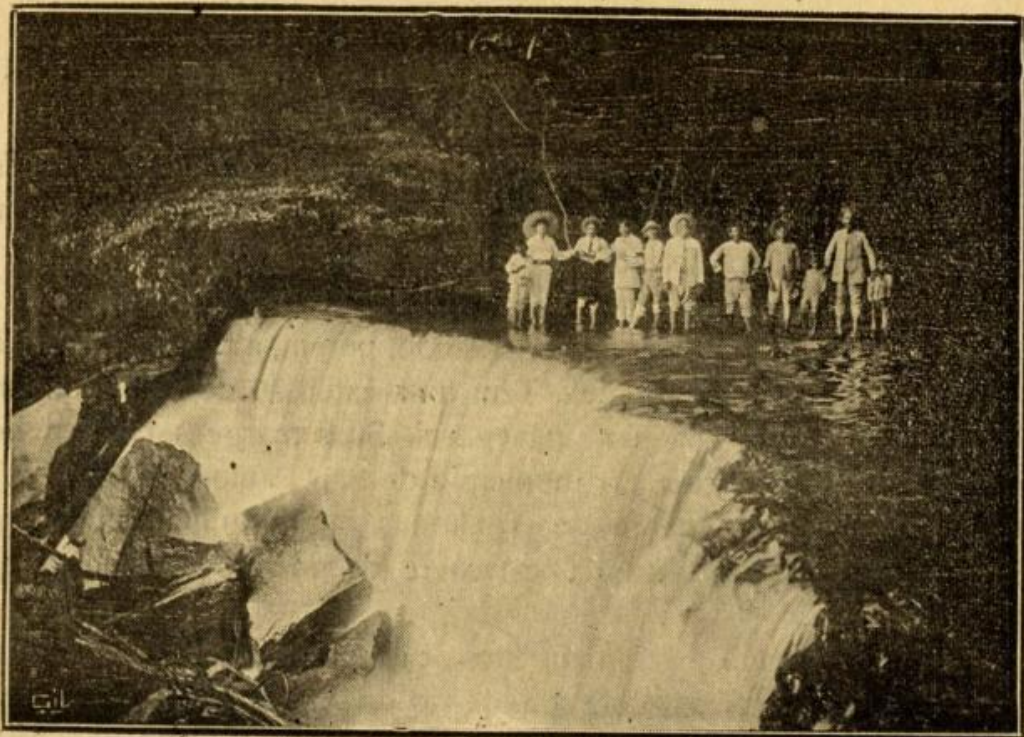
Não conhecemos levantamentos cartographicos especiaes, nem outros estudos scientificos deste grande rio do Amazonas.

Rio Japurá ou *Caquetá.*—Como o Içá, tem sua origem nos Andes colombianos, aos 2º de latitude N., seguindo a direcção de S. E., quasi parallelo aquelle. Seu curso é de 1848 kilometros, calculando-se-lhe uma bacia de 135.000 kilometros quadrados. Liga-se ao Solimões, em terras brasileiras, por varios braços, que lhe conduzem as aguas barrentas do

grande rio, facto que fôra testemunhado por Humboldt, quando percorreu a respectiva região. Os mais notaveis desses braços é o *Auatiparaná*, que começa acima da fóz do Jutahy (margem opposta) e avança por centenas de kilometros, até encontrar o Japurá, na direcção de N. E.

Depois, ha o paraná do *Copeá* e o furo das *Lontras* que não é mais do que o paraná de Codajás, mais extenso que o primeiro, passando por varios lagos e paranámirys, que seguem rumo Sul. O Auaty-paraná era a pretendida linha pela qual os colombianos e anteriormente os hespanhoes queriam fazer passar o extremo dos seus dominios.

O Japurá é um rio de grande curso, franco ás embarcações grandes ao tempo das enchentes. Na estiagem as lanchas podem percorrel-o numa extensão de cerca de mil kilometros da fóz, até onde se encontram os primeiros degráos do leito. D'ahi para cima, de onde realmente começa a receber o nome de Caquetá, são numerosas as cachoeiras, sendo notavel a do Imiá ou Uriá, que aperta o rio num percurso de 11 kilometros e formam penhascos de 90 metros de altura.

Na extensão navegavel, as terras marginaes são baixas e alagadiças, onde correm o Içana, o Uapés, o Jurubaxy, tributarios do rio Negro. Spix e Martius exploraram o Japurá até a região encachoeirada, bem assim, anteriormente, a Commissão Mixta encarregada de lançar os limites entre as terras de Hespanha e Portugal, no seculo XVIII.

Cachoeira em Paricatuba, rio Negro

De 1864 a 1868, conforme affirma o sr. Barão de Marajó, o Governo Brasileiro mandou explorar o rio até a cachoeira do Cupaty, «não

passando alem, porque até ali tem sido considerado estender-se o territorio brasileiro", (As Regiões Amazonicas, pag. 223.)

Orton avaliou a corrente deste rio, na sua parte inferior, em 3/4 de milha por hora. Os diversos paranás, que constituem o seu delta, estendem-se numa extensão de 200 milhas, no Solimões.

O Japurá recebe, pela direita, os seguintes affluentes: o *Acapú-paraná*, o *Itamiá*, o *Juamy*, o *Juamenery*, que se aproxima do rio Içá, o *Curasseu*, o *Charupé*, o *Arapá*, etc. Pela esquerda: *Cahuan*, *Apaporis*, «rio de grandes cachoeiras em suas vertentes de que as conhecidas pelos nomes de Hiá, Mirim, Cupahy e Furnas são muito notaveis, mormente a ultima, que é assombrosa pelos penedos collossaes que circundam a sua espaçosa espelunca cavada pelas mãos do tempo na fralda de um penhasco de magna celsitude, que atravessa o rio com um pontilhão, por onde elle arroja ruidoso as correntes com tal impeto, que deixa enxuto um grande espaço do alveo entre a bocca da espelunca e o logar da queda das aguas "(Baena, «Ensaio Chorographico sobre o Pará"). O Apaporys, em parte do seu curso inferior, serve de limites entre o Amazonas e a republica da Colombia. São seus tributarios: o *Trahira*, o *Pirá*, o *Urucuparaná*.

Ainda, affluentes da margem esquerda do Japurá, notam-se: o *Murutim*, o *Marandá* e o *Jary*. A bacia do grande rio é rica em carvão de pedra, borracha e alluviões auriferos. E' nas suas terras que a lenda colloca Ophir (Vide Onfroy de Thoron. "Viagens dos navios de Salomão ao rio das Amazonas", publicação da Camara Municipal de Manáos-1876).

Rio Negro. — Nasce nas alcantiladas regiões do Popayan, na Colombia, aos 2º de lat. Norte. Tem primeiro a direcção E., inflexiona-se para Sul, cortando a linha equinoxial, depois corre novamente para E., antes de dirigir-se para S. E., ao lançar-se no Amazonas. Sua fóz é de cerca de 4 kilometros e a largura extremamente variavel, chegando a ser vasta no curso inferior, por causa do seu extravasamento pelos igapós marginaes e bahias que vae formando, como acontece a poucas horas de viagem acima da cidade de Manáos. Estreita em São Gabriel, para se alargar outra vez. Assim, alternativamente, o curso do rio Negro é de 1.551 kilometros, francamente navegavel até S. Izabel, a 423 milhas daquella capital. Daquella povoação começa o trecho encachoeirado, que vae por todo o rio e se reparte ainda em seus tributarios, demonstrando que a bacia superior desse rio está em grande parte, fóra da baixada alluvial da planicie amazonica.

A corrente das aguas é de uma milha por hora, nos logares largos, e nos estreitos augmenta para duas milhas. O rio tira o seu nome da côr dessas aguas, que, em pequena porção e em vaso crystallino parecem amarelladas. Os mais notaveis naturalistas que as examinaram, como Wallace, Natterer, Humboldt, Agassis, Alexandre Ferreira, etc., não po-

deram suprehender a causa dessa coloração, que conjecturaram ser devido a presença de algas microscopicas ou de um mineral em dissolução.

Já é consideravel a bibliographia referente ao rio Negro, desde o tempo das antigas demarcações hispano-portuguezas até o momento actual (1920), em que nelle se encontra uma expedição scientifica norte-americana, em estudos medicos.

Tem-se verificado que o rio corre em leito fixo, ora pedregoso, ora de argilla. Suas margens, exceptuadas as orlas de igapós, apresentam grandes pedreiras e lindas praias, que contrastam com a côr das aguas. Banha innumeras ilhas, pois em varios pontos divide-se em canaes, nem sempre facil de verificar qual o curso principal.

A bacia superior do rio Negro, não obstante os degráos que assignalam suas differenças de altitude, tem ligações com as outras bacias vizinhas. E' assim que permitte passagem para o Orenoco, pelo canal Cassiquiáre; por alguns tributarios do Uapés e do Içana, para o Japurá. Do curso superior, tambem ha communicações, ao tempo do inverno, para Manacapurú, no Solimões. Tudo vem confirmar a existencia de um labyrintho de canaes a ligar, entre si, bacias que parecem distinctas. O phenomeno repete-se nos outros caudaes do Amazonas.

Subindo o rio Negro, a primeira cachoeira, que se encontra, é a de *Camanáos;* seguem-se a das *Furnas,* as do *Curuby* e de *S. Gabriel,* formando uma serie de quedas. Apresentam-se depois a do *Paranápixuna,* a do *Piquiára-Picuna,* a do *Matapy,* a do *Acuary,* a *Ponta do Remo,* a do *Caldeirão de S. Miguel* e a do *Carangueijo,* sendo estas duas ultimas as mais temerosas, por causa dos redemoinhos que a correnteza forma, obrigando a submergir as embarcações pequenas, que, por ventura, sejam apanhadas no vortice das aguas.

O Conego Bernardino de Souza declara que até São Gabriel ha 31 cachoeiras e corredeiras, occupando cerca de 70 leguas de extensão. D'ahi para cima, não desapparecem; rareiam apenas.

O Uapés, o mais importante affluente do alto rio Negro, é todo obstruido por esses impecilios naturaes. Tem oito grupos de cachoeiras, entre as quaes se encontra a famosa *Jurupary,* de 40 metros de altura. Somente no primeiro grupo, enumeram-se 20 que Wallace affirma serem *muito trabalhosas,* pela difficuldade da sua transposição.

Os affluentes do rio Negro interessam directamente á Colombia, Venezuela e Brasil. Entre os mais importantes, pela direita, citam-se: o *Tomo,* o *Xié,* o *Ibana,* o *Uapés,* o *Cury-cuyary,* o *Marié,* o *Uniery,* o *Urubaxy,* o *Xiçarú,* o *Arirahã,* o *Barury,* o *Utamary,* o *Uriny,* o *Jahú* e o *Carabinani.* Pela margem esquerda: *Dimity, o Cababury,* o *Maraniá,* o *Padauary,* o *Demenery,* o *Branco,* o *Jauapery* e o *Amanaú,* o *Anavilhana, o Cuieras,* e o *Tarumã-Grande.*

O *Tomo* tem suas cabeceiras na linha de limites com a Colombia.

O *Xié* apresenta oito cachoeiras, das quaes somente uma não submerge ao tempo das inundações.

O *Uapés* é, como dissemos, o maior tributario do alto rio Negro, com um curso de 750 kilometros aproximadamente. Encachoeirado em quasi toda essa extensão. Wallace avaliou-o em 130 milhas. A' fóz desse rio existe uma ilha, que reparte as aguas em dois canaes. Para cima, a largura regula um quarto de milha. E' muito tortuoso, sendo algumas curvas tão pronunciadas que difficultam ainda mais a navegação.

A ultima cachoeira do primeiro grupo, chamada Carurú, faz o rio precipitar-se por entre penedias, formando um salto de 4,^{m}80. A seis ou sete dias de viagem, acima da cachoeira do Jurupary, o rio prolonga-se então franco a navegação. São affluentes do Uapés, pela direita: o *Tiquié*, de mais de 200 kilometros, o *Cupary*, o *Xiucary* ou *Purere-paraná*, o *Muzay*, o *Janarytuinde*, o *Xuhunhan* e o *Tenary*. Pela esquerda: o *Iviary*, *Pirichazuné*, o *Buritará* e o *Muará*.

O *Içana* é tambem um tributario consideravel do rio Negro. O Dr. Th. Koch-Grunberg, em 1903, subiu-o até o seu confluente *Aiary*, navegando em canôa mais de 350 kilometros. Na exploração que realizou esse ethnologo allemão, verificou que o Içana e o Uapés communicam-se por diversos pontos, bem assim, este com o alto rio Negro, na parte que os bolivianos o denominam [Guiania, passando pelo affluente *Curicuyary*. Viu tambem que o Tiquié offerece transito para o Apaporys e deste para o Japurá (Vide *As explorações e os exploradores dos rios Uapés e Içana*, *in* "Archivo do Amazonas» vol. 2, n. 5 e 7.)

O *Dimity* corre do Sul para o Norte, liga-se ao *Dahá*, tributario do Cacabury, que, por sua vez, faz communicação com o Cassiquiáre, constituindo a grande Ilha Pedro II.

O *Padauary* vem da serra Tapera-peçó, desaguando em frente de S. Joaquim. E' rico em puchury, salsa e copahyba.

O rio Branco é o maior, o mais importante e rico affluente do rio Negro. Mereceria um capitulo especial, se estas paginas não obedecessem a uma restricção de limites. E' elle formado pelo Uraricoéra e pelo Tacutú, que confluem em frente ao forte de S. Joaquim. Segundo o engenheiro Alexandre Haag, mede, desde a fóz até aquella confluencia, cerca de 560 kilometros; segundo o general Jacques Ourique, 606.

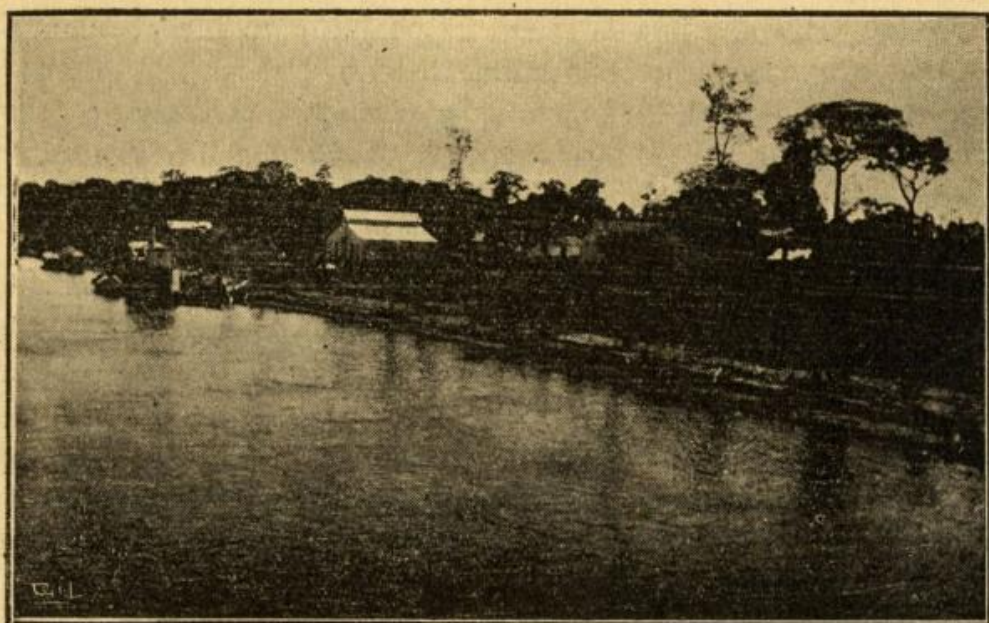
Desde o tempo das antigas demarcações (1787) até o presente, varios mappas se têm levantado desta grande bacia, figurando, dentre esses trabalhos, o do governador Manoel da Gama Lobo de Almada, e, recentemente, o do Sr. Conde E. de Stradelli.

O Uraricoéra sae da fronteira venezuelana e avança para Leste, atravessando a região de campos, onde se acham as fazendas S. Bento e S. Marcos, de creação de gado pertencentes ao Governo Federal.

Recebe os rios *Uraricapará*, *Majary* e *Parimé*, pela esquerda. Pela direita forma o paraná *Maracá*, que constitue a ilha deste nome.

Acima da barra do Uraricapará começa o trecho encachoeirado, que vae até ás nascentes, na serra de Parima. Sua largura é de 350 metros, reduzindo-se a 20 no salto Urumamy.

Ao tempo das enchentes, as lanchas a vapor podem chegar áquella ilha; d'ahi por diante, somente as ubás indigenas, de quando em quando, puxadas por terra.

O Tacutú corre do Sul para o Norte até receber o *Mahú*, que vem do rumo contrario. Ambos limitam o Brasil com a Guyana Ingleza,

Logar Victoria (rio Madeira)

em toda a extensão dos seus cursos, banhando a feracissima região do lago Amacú, do Pirára, da serra de Quano-Quano, que eram terras brasileiras e passaram para o dominio da Inglaterra, em consequencia do injusto laudo arbitral do Rei da Italia (sentença de 6 de Junho de 1904). O Mahú recebe pela direita o *Cotingo*, que desce da serra de Roruima, ponto mais septentrional do nosso paiz.

O rio Branco é navegavel livremente até ás cachoeiras de *Caracarahy*, num percurso de 388 kilometros da fóz, ou sejam na extensão de todo o *baixo* rio Branco. Seguem-se 24 kilometros occupados por essas cachoeiras. Depois, prosegue o *alto* rio Branco até a citada confluencia (do Uraricoéra e Tacutú), e num trecho de 172 kilometros novamente franco á navegação em lanchas. Contornando a parte obstruida de Caracarahy, ha o *furo do Cujubim*, canal que dá accesso ás pequenas embarcações, na plenitude das aguas.

A bacia do rio Branco, que mede aproximadamente cerca de 35.000 kilometros quadrados, passa por ser a mais opulenta do Amazonas, em cujos campos naturaes se criam mais de 200.000 cabeças de gados diversos.

São affluentes do rio Branco, pela direita: o *Caiamé*, que desagua acima da villa da Bôa Vista, o *Mucajahy*, que banha a serra de igual nome, o *Caatrimany*, cujas cabeceiras se estendem para O. e se aproximam das do Demeny. Pela esquerda: *Cuitanahú* e o *Anauá* (Vide "O Valle do Rio Branco», pelo General Jacques Ourique).

O *Jauapery* tem um curso de 888 kilometros, correndo quasi de Norte para Sul, lançando-se em frente á villa de Moura. E' navegavel, quando cheio, num percurso de 400 kilometros, segundo o naturalista brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, que o percorreu em missão anthropologica. E' habitado pela terrivel tribu dos Jauaperys ou Krichanãs, que têm impedido, ali, a entrada da civilização. O alto rio é encachoeirado. Muito rico em castanha, borracha, tartarugas, plantas medicinaes, etc., (Vide "Pacificação dos Krichanãs, pag. 171 e seg).

CAPITULO V

Affluentes do Amazonas

(Trecho deste nome, margem esquerda)

Rio Urubú—Nasce nas terras altas, que se prolongam até á fronteira da Guyana Ingleza. E' formado pelos igarapés *Mbiára, Caranay* e *Urubutinga*. A seu respeito, diz o «Diccionario Geographico do Brasil», do Dr. Moreira Pinto: «Segue a direcção media de S. S. E. até o *furo de Arauató* e d'ahi por diante o terreno torna-se mais accidentado, a corrente mais rapida, e começam as cachoeiras e corredeiras, a ultima das quaes fica a 78 kilometros em linha recta de Manáos. Depois da região encachoeirada, a velocidade diminue, a largura augmenta, apparecem ilhas. Adiante do furo Arauató, recebe os seus dois maiores affluentes: o *Carú*, contravertente do Anibá, maior de todos, que vem do mesmo lado, e expandindo-se na vasta bacia de Saracá, vae afinal desaguar no Amazonas, que envia-lhe differentes furos (Extr. do Relatorio de Barbosa Rodrigues—1875)».

O 1.º Tenente Antonio Madeira Shaw, que explorou o rio de que tratamos, levantando cinco mappas dos seus differentes trechos, escreveu: «Desferrando-se de Manáos, descendo pelo Amazonas, com escalas por Silves, a distancia a vencer-se até a fóz do Urubú confluente da margem esquerda daquelle rio, é de 350 kilometros e 910 metros; sendo 166 kilometros e 860 metros de Manáos á Itacoatiára, 92 kilometros e 700 metros desta cidade á Silves, e d'ahi á fóz do Urubú (lat. S. 2°55'38"; long. O. do Rio de Janeiro 15°24'26") 46 kilometros e 350 metros. Subi-o até a latitude S. 2°12'10", long. O. do Rio de Janeiro 16°54'42", sendo ahi a variação magnetica de 4°10'. E tendo percorrido uma distancia de 330 kilometros e 764 metros, contadas as curvas do rio, ou 170 kilometros e 130 metros em linha recta. No meu fraco entender, se tivessemos avançado mais dez ou quinze milhas, teriamos chegado ás nascentes, que me parece demorarem em planura de serra, donde se devem originar tambem os rios Matary, Puraquequara, Anavilhana e Jauapery, todos desconhecidos e inexplorados.

O rumo geral do Urubú é de S. E. 4° E. Suas aguas são pretas, mas, no periodo das vasantes, a partir da segunda cachoeira, têm a côr predominante do melaço. A qualidade do seu leito diverge em determinados logares: assim, desde a fóz até a entrada do lago da Gloria, é geralmente de vasa ou lodo alagadiço, d'ahi á cachoeira Iracema, predomina o pêgo de areia, e para cima o fundo é invariavelmente de pedra. Tive occasião de medir a differença do nivel das aguas na maxima enchente e vasante e achei ser igual a 8m,80, na parte em que o Amazonas está em contacto com elle por meio de differentes canaes de communicação mas continuando-se a subir o rio esta differença vae

diminuindo tão rapidamente que, já, na primeira cachoeira, é ella apenas de 2,m10.

No alto Urubú, não ha enchente nem vasante, somente as aguas se avolumam quando cáem chuvas prolongadas e abundantes.

Na lat. S. 2°51'21", long. O. do Rio de Janeiro 16°04'26", encontra-se a cachoeira Lyndoya, mas não se deve considerar propriamente d'ahi a secção encachoeirada, pois o rio cursa desobstruido ainda uma distancia de 93 kilometros e 342 metros, só merecendo tal classificação a partir da segunda cachoeira, a qual succedem-se corredeiras de pedra e alterosas cachoeiras. Suas ilhas, pela cheia, ficam quasi todas submersas.

Os canaes deste rio, que communicam-se com o Amazonas, são: *Cáua, S. Antonio, Cainamã* e *Aibú (Uixituba);* todos entram acima da cidade de Serpa, seguindo-se depois os do *Carão, Canaçary-grande* e *Curuçá*, no lago Canaçary, e finalmente o *Piramirim:* estes entram abaixo da mencionada cidade.

O rio só é navegavel de Março a Julho por embarcações de pequeno calado, e isto até a primeira cachoeira. Si esta, em virtude de extraordinaria enchente, pudesse ser transposta, subsistiriam ainda as difficuldades, pois, comquanto houvesse fundo bastante para a navegação, faltariam os necessarios raios de curvatura para as evoluções de manobras. E', portanto, o rio Urubú navegavel numa distancia de 152 kilometros e 422 metros, no periodo de maior enchente. As difficuldades maiores a superar, no periodo de vasante, são principalmente de todos conhecidas.

De feito, é sabido que nesse tempo os navios que fazem escala por Silves, não obstante sua construcção especial, adequada a navegar em pouca agua, não podem ir á villa, por ficar muito obstruido o rio daquelle nome: ora, é precisamente esta a rota a seguir-se para penetrar no Urubú. No Saracá, falta tambem agua neste tempo, e os baixios de areia que tem na bocca do rio, tornam improficuas quaesquer tentativas que se possa fazer para subil-o na vasante».

Rio Uatumã—Este rio tem suas nascentes nos terrenos altos que separam as bacias do Jauapery, Cuieiras, Anavilhana e outros que vertem para o rio Negro, terrenos esses até hoje ainda pouco explorados. Corre de N. para S. e lança-se no paraná do mesmo nome, que liga suas aguas ao Amazonas, por outro canal chamado Urucará ou paraná da Capella. O paraná de Uatumã prende-se, por O., ao de Silves e recebe o tributo do rio Urubú. Todas estas communicações são francas ao tempo das cheias, reduzindo-se a um estreito canal, no verão, somente accessiveis a canôas. Cerca de 32 kilometros acima da sua fóz, recebe o tributario Jatapú, que foi explorado pelo Dr. Barbosa Rodrigues, em 1875.

Varias expedições de curiosos têm subido o Uatumã, em procura

de propaladas riquezas, que a versão popular crê ali existir. Nada, porém, se tem publicado a respeito dessas incursões. Simplesmente, informa-se que o curso do rio é dilatadissimo, de muitos dias de viagem, a principio franca, depois em successivas cachoeiras. Sabe-se, por essas informações tradicionaes, que o curso inferior atravessa uma região baixa, com alternativas de terras altas, do mesmo caracter das banhadas pelo Amazonas; depois, somente, até ás nascentes terrenos alcantilados, graniticos, cobertos, nas depressões, por espessa camada de humos.

Dentre as cachoeiras do Uatumã, mencionam-se a *Maximiana, Caparú, Uauassú, Muruty, Balbina, Tucumary, Itapiranga* e *Tabocas.*

O *Jatapú,* o maior dos affluentes do Uatumã, nasce da confluencia dos rios *Carimany* e *Assahy,* vindo aquelle de O. e este do N., correndo depois, até a embocadura, no rumo de S. S. O. Seu curso é de 377 kilometros, sendo 188 navegàveis, até por embarcações grandes, no inverno. Dentre as notaveis cachoeiras do Jatapú, assignala-se a do *Pica-pão,* a mais extensa. São numerosos os tributarios. Pela direita: o *Ticuan,* o *Arary,* o *Jaraquy,* o *Oroducú,* o *Capucapú,* etc.; pela esquerda: *Huanacú* e *Jacudé.*

O Uatumã recebe ainda o Maripá, cuja fóz, á margem esquerda, se acha a uma legua do paraná em que verte o rio principal.

Rio Nhamundá ou *Jamundá.*—Tem este rio sua origem nas terras altas que se extendem entre as cabeceiras do Uatumã e as do Trombetas, conforme supposição de B. Rodrigues e Ferreira Penna, que exploraram parte consideravel do seu curso. E' deste ultimo autor que vamos tirar as seguintes informações sobre o Nhamundá, rio que tanto interesse tem dado ao Pará e ao Amazonas, na questão dos seus limites por esse lado: «Este rio deve vir da região central comprehendida no espaço entre o alto Trombetas ao Norte e o Uatumã ao Sul. Descendo d'ahi, o Jamundá ao principio corre provavelmente a E. S. E. por entre montes; recebe pequenos affluentes, dirige-se depois para S. E., atravessando pequenas cachoeiras, entra tambem na planicie. Emquanto atravessa essa região plana, o Jamundá é quasi obstruido por uma infinidade de ilhas, que o acompanham em suas sinuosidades até perto da confluencia do *Pracatú,* não excedendo sua largura de 250 metros, que, no verão, reduzem-se, ainda a 150 metros e mesmo a 100, conforme a maior ou menor duração da secca.

Antes de encontrar o Pracatú, deixa a planicie e então as suas margens tornam-se altas e, ás vezes, montuosas.

O Pracatú que é um ramo menor, corre mais ou menos parallelo por algum tempo ao Jatapú (tributario do Uatumã), segue a E. e reune-se ao Jamundá, cerca de 36 milhas acima de Faro. Seu curso é bastante sinuoso e por entre montes e serras pouco altas, como quasi todas as desta região e, em sua barra no Jamundá divide-se em tres braços desi-

guaes por ter ahi de permeio duas ilhas. No ponto de juncção dos dois rios, as aguas se dilatam consideravelmente, formando uma vasta bacia, quasi toda rodeada de terras altas e montes; um pouco abaixo está a extensa ilha Capixaua-ramonha, toda composta de terrenos pedregosos, mas cobertos de arvores». Deixando a bahia, o Jamundá dirige-se a E., formando um estirão consideravel; depois de 18 a 20 milhas neste rumo, descreve um vasto-S-inverso, no fim do qual entra em rumo E. no lago de Faro, deixando a villa deste nome, na ponta N. da sua entrada.

Desde a confluencia do Pracatú, o Jamundá é um rio vasto e magnifico, dum azul profundo, correndo quasi sempre por entre montes, revestidos de uma vegetação vigorosa, recortado de pontas e enseadas e bordado de praias de areia alvissima, accidentes constantes que o acompanham até o lago de Faro. Aqui terminam as serras ou collinas que o acompanham; aqui desapparecem as praias de arêa e a vegetação brilhante; aqui acabam os terrenos accidentados e começa a planicie quasi nivellada do Amazonas; aqui está emfim a verdadeira fóz do Jamundá. Com effeito, apenas se fecha o lago ao lado oriental e o Jamundá recolhe-se a um leito pouco largo, entra ahi logo na margem direita o *Cabory*, o primeiro braço ou paranámirim que o Amazonas lhe envia.

O rio perdeu então seu aspecto soberbo; seu leito é acanhado; sua margem torna-se vacillante, sua côr mesmo desbotou-se um pouco com o pequeno contigente daguas esbranquiçadas do Cabory; a vegetação perdeu todo o esplendor e apenas as margens são orladas por uma estreita zona de arvores mediocres, alternando com as gramineas, cyperacias e outras plantas herbaceas que cobrem a vasta superficie do littoral. O rio não toma o rumo de N. a S., como se tem pretendido, mas o rumo geral de E. N. E., até o paranámirim do *Caldeirão*. Nesta secção é acompanhado, proximamente á margem, de uma serie de lagos, ou consideraveis como o Caranary, Algodoal e Arakiçáua, ou mediocre, como o Maracaná, Ubim, Abaucú, etc., em cujas praias apparecem numerosos sitios com pequenas plantações, como nas varzeas muitas choupanas de vaqueiros e capatazes de fazenda de gado.

A partir de Arakiçáua, que é o ultimo desta secção, o rio alarga-se até 300 metros, volta-se para o N., passando pelo logar *Repartimento*, onde recebe, na margem direita, o paraná-mirim do Caldeirão, que vem do Amazonas. Placido, largo e ainda crystallino, o Jamundá recebendo este contingente do Amazonas, muda totalmente de physionomia; seu leito estreita-se e profunda-se muito; a marcha é arrebatada, suas aguas tomam uma côr amarella-olivatica, perdendo logo toda a sua transparencia. Daqui em diante o seu rumo geral, até perder-se no Trombetas, é de N. E., fazendo, porem, numerosas flexões, ora para o Norte ora para E. e raras vezes para N. N. O. Nesse trajecto, deixa á esquerda o *furo da Paciencia*,

que dá entrada para o lago Piraruacá, o de Caraná, Mariapixy e Sapucuá, que vêm dos lagos de iguaes nomes. Entrando no Trombetas defronte da Pontá- Huruá-Tepera, com 100 metros de largura, ficando ao N. da sua fóz a ilha Jacitára.

A extensão do curso do Jamundá na planicie não é menor de 28 leguas, sendo 14 na primeira secção, de Faro ao Repartimento, e 14 na segunda, do Repartimento ao Trombetas.

Vê-se que o Jamundá, ao contrario do que se tem pretendido, é actualmente um tributario do Trombetas e não do Amazonas: ("A Região Occidental da Provincia do Pará", pag. 178).

Convem, todavia, ponderar que, nem sempre, o Amazonas emitte suas aguas para o Nhamundá, mas somente nos mezes de enchente. Quando baixam as do grande rio, aquelle tributario lança-se pelos paranás do Cabory, Adauacá, Caldeirão e Bomjardim, sem fallar no Sapucuá, que se dirige para o Trombetas, nem nos diversos furos, que se ligam a numerosos lagos dessa região.

O Sr. Dr. Barbosa Rodrigues acredita que o Nhamundá tenha sua origem na vertente S. O. da serra de Acarahy, nas proximidades da fonte do Catrimany, um dos formadores do Jatapú e que sua fóz seja o paraná do Bomjardim. Percorreu o rio, contados os torciculos, numa extensão de 233 milhas até onde seu curso já era insignificante e muito encachoeirado, classificando-o de rio de terceira ordem.

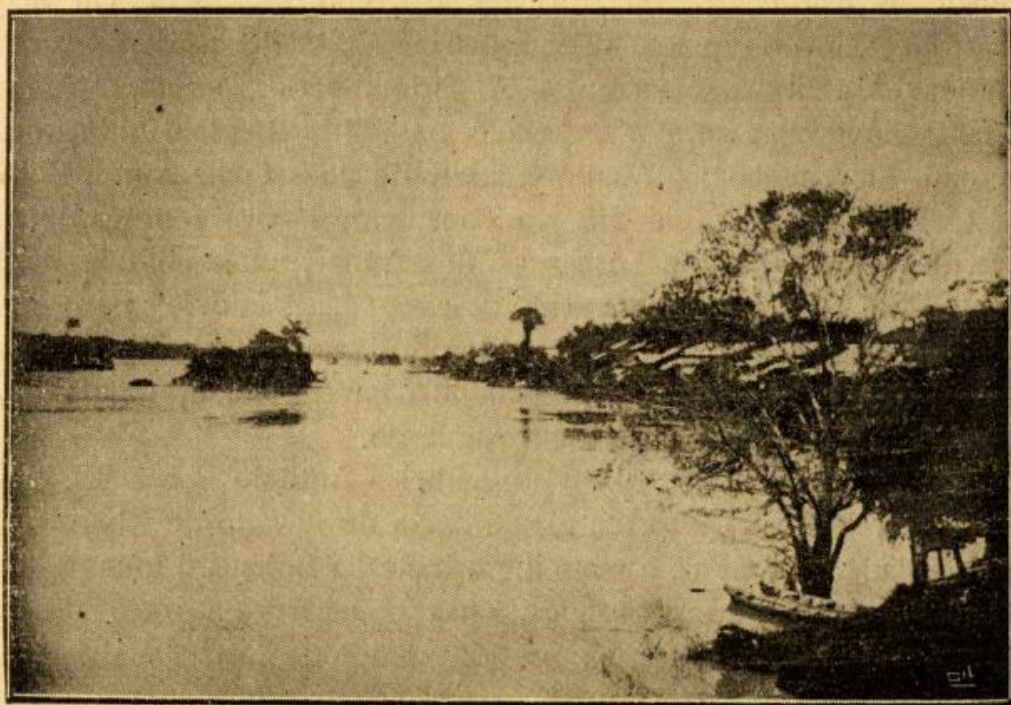
Seus principaes *affluentes,* pela direita, são: o *Pratacú,* o *Jatuarana* e o *Dacuary;* pela esquerda: o *Jamary,* o *Paranapitinga,* o *Caapoan,* o *Auinchá,* o *Incy* e o *Uaiby.*

O Nhamundá é perfeitamente navegavel a vapor até a primeira cachoeira, ao tempo das enchentes, num percurso de 200 milhas ou cerca de 370 kilometros (Vide «Relatorio sobre o rio Yamundá» — 1875. Cartes du Bas-Amazonas de Santarem á Parintins», par Raul Le Coint. — 1911.)

CAPITULO VI

Affluentes do Amazonas

(Trecho deste nome, margem direita)

Rio Madeira. E' o mais notavel affluente do Amazonas, pela sua extensão, sendo um dos mais estudados, desde o seculo XVII. Seu

Um trecho do rio Madeira

curso é de 3.240 kilometros, francamente navegavel, numa extensão de 1.241, desde a fóz até a cachoeira de Santo Antonio, na divisa dos Estados do Amazonas e Matto Grosso. D'ahi, para cima, o rio apresenta 15 grandes cachoeiras e diversos saltos.

E' formado o rio Madeira pela reunião do *Mamoré* e do *Beni* ou alto Madeira, aos 10°20' de lat. Sul e 22°12' de long. O. do Rio de Janeiro. Outros autores crêm-n'o constituido pelo Mamoré e pelo *Guaporé*, que, segundo o Sr. Barão Homem de Mello «nasce nos campos dos Parecis, na altitude de 1.080 metros a 13 kilometros e 200 metros a Leste de Juruena, 39 kilometros e 600 metros do Jaurú, precipitando-se com este pela alta escarpada serra dos Parecis; e formando logo muitas cachoeiras, correm parallelas com curto espaço entre si, até voltarem aos oppostos rumos: o Jaurú a Leste, para entrar no Paraguay, e o Guaporé, tendo corrido o mesmo rumo de Sul, por 99 kilometros; segue para o Norte e depois para N. W. até confluir no

Mamoré. O Beni ou alto Madeira excede em volume d'agua o Guaporé e o Mamoré reunidos.

O rio Guaporé tem na sua fóz 600 metros de largo e o seguinte volume d'agua: nas aguas baixas 663m3, nas aguas medias 1.879m3 e nas enchentes 5.120m3. Desde a fóz até a cidade de Matto Grosso 1.111 kilometros de curso, permitte o accesso a embarcações de 1m,50 de calado». Este rio forma, em Matto Grosso, uma vasta bacia geralmente alagadiça no seu curso inferior, em contraste com a superior. Naquelle, as margens se transformam ao tempo das chuvas em vastos igapós, no meio dos quaès, numa extensão de centenas de kilometros, nenhuma terra firme se encontra. A parte superior, porém, é cheia de cachoeiras, que marcam, por esse lado, os limites do planalto brasileiro, tal como succede com o Mamoré, limite do nosso paiz com a Bolivia.

O Beni por si só é um rio consideravel. Corre do Sul para o Norte, desde que sae das escarpas dos Andes, numa altitude de 359 metros sobre o nivel do mar, tendo de curso 1.200 kilometros, segundo W. Chandless. Banha a cidade de La Paz, capital daquella Republica, forma diversas descidas, que impedem a navegação, apresentando, á embocadura, cerca de um kilometro de largo.

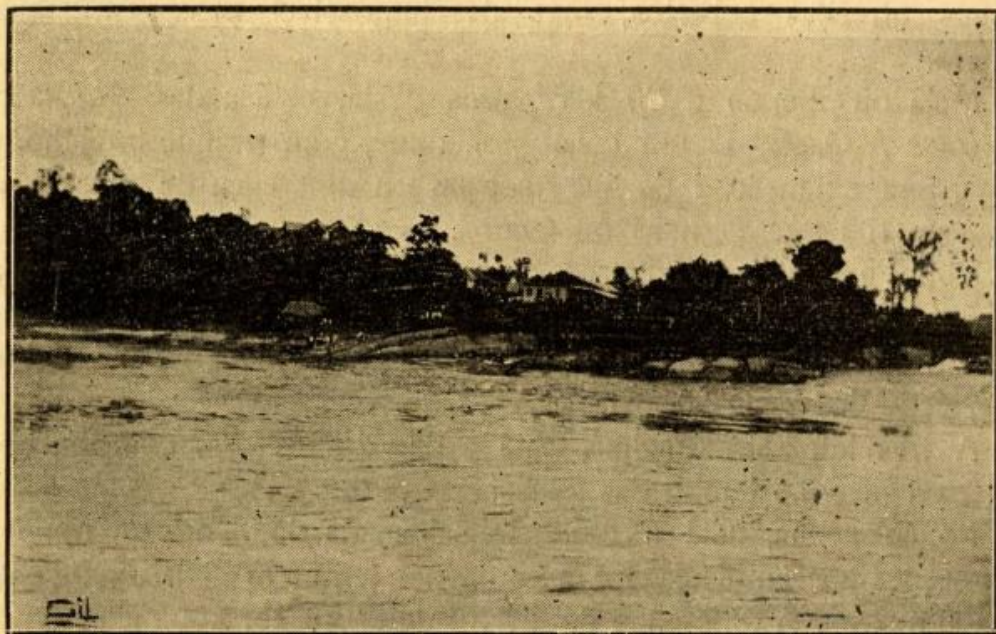
Tratando desse rio, diz o Engenheiro Antonio Rebouças, citado por Moreira Pinto: «A torrente, que baixa do nevado de Chacaltaya e corta a cidade de La Paz, a mais importante da Bolivia, é uma das mais remotas nascentes do Mosetines, cujo nome troca-se pelo de Beni, desde o salto de Ictama. Na propria cidade de Cochabamba e suas visinhanças, encontram-se varios cursos d'agua, que, por duas vias differentes, vão despejar ao Mamoré, cujo prolongamento é o Madeira».

O Beni recebe as aguas do *Cotacajes, Suri, La Paz, Solacama,* etc., sendo o mais importante dos seus tributarios o *Madre de Dios.*

O Mamoré forma-se do *Guapay* ou *Rio Grande* e do *Chaporé* ou *S. Matheus,* na Bolivia, a cerca de 19° de latitude Sul.

O Guaporé ou Itenez, nasce em Matto Grosso, aos 11°55'46" de lat. Sul. Recebe, do lado boreal, quatro tributarios principaes: o *Barbados,* o *Verde, o Paraguaú* e o *Blanco* ou *Baurés;* da margem opposta, verte-lhe o *Machupo,* que recebe o *Rio Negro,* o *Rio Doce,* o *S. Nicolau,* etc.

As *cachoeiras do rio Madeira* dão feição especial ao curso superior deste formidavel affluente do Amazonas. A seu respeito, proclamando as suas bellezas, o empolgante dos seus panoramas, muito se tem escripto. O Barão de Melgaço, Silva Coutinho, Keller, Pinkas, José Paranaguá, Ferreira Penna, Ricardo Franco e outros deixaram-nos, delles, minuciosas memorias. Por menos extensa, mas concisa, trasladamos para estas paginas o que se encontra nas «Impressões de Viagem», de um membro da Commissão de Estudos da então projectada estrada

de ferro Madeira-Mamoré, em 1885: «As cachoeiras do Madeira são em numero de 15 e algumas corredeiras, entre S. Antonio e Guajará-mirim. A primeira dellas chama-se *Santo Antonio*, no logar deste nome; segue-se depois a corredeira dos *Macacos* e depois a segunda denominada *Salto Theotonio*. E' essa a maior e a mais bella. Tomada por uma linha de pedra de cerca de 700 metros, dá ella quedas ás aguas por quatro gargantas, por onde se atiram de uma altura de 4 a 5 metros

Cachoeira do Samuel (rio Jamary)

(vimol-a com o rio em meia enchente), fazendo tal ruido, que, com a viração fresca, ouvimol-a muitas vezes á 12 kilometros de distancia. Nesta cachoeira, as embarcações e cargas são passadas por terra, em distancia de 600 metros, a cujos serviços chamam os viajantes "varar».

Abaixo do salto vimos cedros e outras madeiras retidas no remanso, em quantidade a enriquecer os maiores depositos.

A pouco mais de 20.000 metros encontra-se a terceira cachoeira, a dos *Morrinhos*, com cerca de 200 metros de extensão; subindo o rio, á distancia aproximada de 35 kilometros, está a do *Caldeirão do Inferno*, cuja extensão é de 3.000 metros mais ou menos, apezar do muito receio que têm os praticos esta cachoeira transpõe-se, mas com muito perigo e fadigas.

A nove kilometros desta, está a do *Girâu*, cuja garganta forma perigoso salto, forçando os viajantes a vararem suas embarcações por terra, numa distancia de 120 metros.

Nas fraldas de uma cordilheira, talvez de mais de cem metros de altura e cerca de 48 kilometros acima das anteriores, está a cachoeira

dos *Tres Irmãos,* estendendo-se em 1.500 metros, com uma differença de nivel de $0^{m},18$ em 100 metros; nessa, as embarcações, no tempo das aguas, sobem-n'a bastante carregadas.

Acima, 35 kilometros, encontra-se a cachoeira do *Paredão,* onde, por estreitar o rio a 120 metros, faz com que as aguas corram com vertiginosa velocidade, fazendo-se, ahi, igualmente por terra a passagem das mercadorias. Segue-se a das *Pederneiras,* a 18 kilometros mais ou menos, com cerca de 500 metros de extensão, tendo quasi todos os seus arrecifes cobertos, mas de impossivel passagem senão por terra.

Mais ou menos a 70 kilometros desta, está a das *Araras* ou *Figueiras.* A O. existe um canal por onde, com grande trabalho, se navega. Sua extensão é de 500 metros e a differença de nivel é de $10^{m},22$ em 100 metros, mais ou menos.

Vinte e quatro kilometros acima, está a do *Ribeirão,* onde as embarcações descarregadas são puxadas á sirga e as mercadorias por terra, em distancia de 200 metros. A differença de nivel, nos seus cinco saltos, é de $0^{m},22$ em 80 metros.

A tres kilometros acima, está a da *Misericordia,* com um bom canal navegavel ao tempo das aguas.

Pouco acima, está a cachoeira chamada do *Madeira,* onde as embarcações passam á sirga e a carga por terra, em distancia de cerca de 1200 metros. A differença de nivel é de $0^{m},40$ por 100 metros.

Pouco acima da ilha do Madeira, situada acima da cachoeira deste nome, acha-se a das *Lages,* tendo, na margem occidental, um canal de facil transposição. A uns 18 kilometros acima, está a cachoeira do *Páo Grande,* cujo canal a O. é tambem navegavel. Logo após, e como que em continuação, temos a cachoeira chamada *Bananeira,* cujos rochedos, extendendo-se por muitos e muitos kilometros, vão formar as cascatas do Yata (da Esperança) no rio Beni.

Seguem-se as cachoeiras do *Guajará-assú* e *Guajará-mirim,* que possuem, pela margem occidental, canaes por onde navegam os praticos, ficando esta ultima a mais de 40 kilometros da fóz do Guaporé».

O trecho occupado por todas essas cachoeiras e saltos abrange um percurso de 462 kilometros, havendo, porém, entre os obstaculos, extensões navegaveis.

A estrada de ferro denominada «Madeira-Mamoré», partindo de Porto Velho, no Amazonas, e terminando em Guajará-mirim, põe em communicação franca o baixo Madeira com a riquissima região pertencente a Matto Grosso e Bolivia, nas bacias do Mamoré e do Guaporé.

Segundo o Engenheiro Keller, S. Antonio, ou a cachoeira deste nome, está a 62 metros sobre o nivel do mar, em quanto que Guajará-

mirim se acha a 144. Tal é a differença de altitude entre os dois pontos da bacia do alto Madeira.

Os *affluentes do Madeira* são numerosos, quer na parte encachoeirada, quer na parte livre.

Destacam-se, pela direita, na primeira, o *Mutum paraná* e o

Bocca do lago Capanã (rio Madeira)

Jacy-paraná; pela esquerda: o *Abunã.* Desaguam, na segunda, pela direita, a partir da cachoeira de S. Antonio: o *Jamary,* o *Gy-Paraná* ou *Machado,* o *Uruapiára,* o *Marmellos,* o *Manicoré,* o *Mataurá,* o *Mariepáua,* o *Aripuanã,* o *Furo do Arariá,* para o qual vertem os rios *Canumã, Abacaxys, Maués, Andirá* e o *Mamurú.* Pela esquerda affluem: o igarapé *Mirary, Baetas,* que atravessa o lago deste nome, o *Capanã,* o *Aráras,* e o *Paraná do Autaz.* Nesta margem é grande o tributo das aguas lacustres, que engrossam as do Madeira.

Destaquemos agora os mais notaveis desses affluentes:

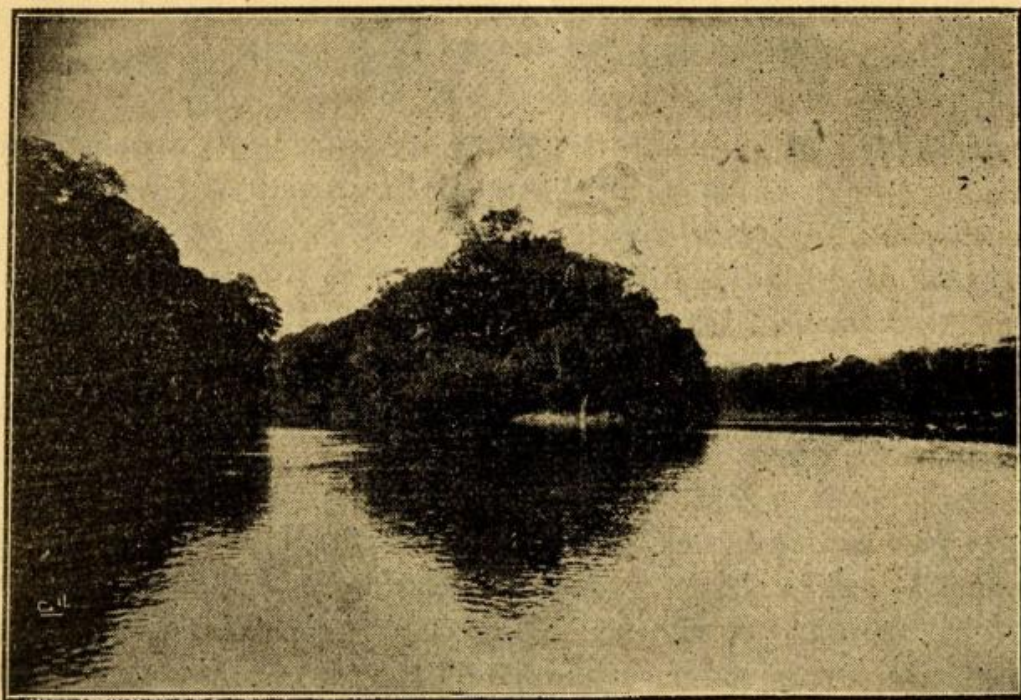
O *Jacy-paraná* foi, em grande parte, explorado recentemente pela Commissão Rondon, encarregada do lançamento da linha telegraphica e estrategica de Matto Grosso ao Amazonas. O Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, que fez parte dessa Commissão, subiu o Jacy-Paraná, calculando nascer na serra dos Parecis e notando-lhe a direcção geral de Sudeste. Sua latitude na fóz, é de 9°10'56"93 S. e longitude 59°29'27"75, O. Green.

O *Abunã,* como já dissemos, é um tributario de grande importancia, não por sua extensão como por servir de divisa entre o Brasil e a Bolivia, interessando nesse particular o Estado do Amazonas e o

Territorio do Alto Acre. Nasce com o nome de *Ina* e tem cerca de 800 kilometros de curso, interrompido por varias cachoeiras, que começam a alguns kilometros acima da sua fóz.

Toma o rumo de E. N. E., conforme verificação do coronel Pereira Labre. Desagua acima da cachoeira das Pederneiras, em frente á povoação Abunã, passagem da linha ferrea Madeira-Mamoré. Recebe innumeros cursos d'agua, pela direita, em territorio boliviano. Pela esquerda, entre outros, o *Rapirrã*, que separa o referido Departamento.

«O *Jamary*, cujo curso foi pela primeira vez, levantado, em 1909, pela referida Commissão, é formado por dois braços principaes; um que tem desde as nascentes o nome de Jamary, e o outro o de *Chanaan*, sendo o seu desenvolvimento de 400 kilometros» (Veiga Cabral). Suas nascentes acham-se entre os parallelos 10° e 11° de latitude Sul e 20° de longitude O. do Rio de Janeiro. A cachoeira do Samuel é o seu primeiro obstaculo á navegação (Vide «Relatorio Rondon», vol. I, pag. 333).

O *Gy-paraná*, tambem é rio de exploração recente; é constituido pelo *Commemoração de Floriano* e pelo *Pimenta Bueno*, ambos em Matto Grosso e tendo um curso de 750 kilometros. Forma diversas cachoeiras: a de São Vicente, a Dois de Novembro, que é a primeira,

Bocca do rio Jamary, tributario do Madeira

subindo o rio. Até ahi podem chegar navios de maior calado. Transpondo-se este obstaculo, a navegação pode ser feita por lanchas ou batelões, em cada trecho livre.

O Gy-paraná, cujo curso foi levantado pelo Tenente Alencarliense da Costa, constitue uma bacia dilatadissima naquelle Estado, sendo circumscripta ao Sul pela serra de Parecys. Ao Amazonas pertence a

Outro aspecto da Cachoeira do Samuel

parte inferior dessa bacia, comprehendida entre a fóz e o parallelo de 8° 48' de latitude Sul.

O *Uruapiára* tem mais de 150 kilometros de curso; seu rumo é de E. S. O. e lança-se no lago de igual nome que atravessa. Serve de desaguadouro a muitos outros lagos e igarapés. E' navegavel por pequenas embarcações.

O *Marmellos*, que o Engenheiro Silva Coutinho calculou ter 1.700 kilometros, era conhecido antigamente pelo nome de *Araxiá*. Tem a direcção N S. A cerca de 277 kilometros da sua fóz, encontram-se as primeiras cachoeiras, uma das quaes, ao tempo da estiagem, apresenta 50 palmos de queda. Sua parte superior atravessa regiões de campos. Recebe o *Maycy* e o *Rio Branco*.

O *Manicoré* corre parallelo ao precedente e tem um curso aproximado de 1.300 kilometros.

O *Mataurá* toma o rumo de S. 1/4 S. O., pouco menos extenso que o precedente. A fóz mede 80 metros de largo, ao tempo do inverno. Navegavel só por pequenos barcos.

O *Mariepáua* marca os limites entre os municipios de Borba e Manicoré. Curso pouco dilatado, em relação aos precedentes.

O *Aripuanã* ou modernamente *Roosevelt* «foi recentemente explorado pela expedição scientifica Roosevelt-Rondon, pois delle apenas era conhecido o curso inferior de dous galhos, um chamado *Castanha*

e o outro *Ariapuanã,* que se reuniam, formando o rio deste nome, que ia desaguar no Madeira. O Roosevelt nasce em Matto Grosso nos campos da Commemoração de Floriano, na latitude aproximada de 12º 30' S., tendo um curso de pouco mais ou menos de 1000 kilometros e uma largura que chega a attingir 120 metros, quando recebe o seu affluente *Capitão Candido Cardoso,* e a 310 metros quando nelle desagua o rio *Branco*». (Veiga Cabral, Compendio de Chorographia, do Brasil, pag. 178, edição de 1909).

O *Canumã* corre de S. para N. com ligeira deflexão para O., apresentando um curso de 600 kilometros aproximadamente. Lança-se no paraná do Canumã, que não é mais do que o prolongamento do furo de Tupynambarana. O alto Canumã é denominado *Sucundury,* desde o igarapé *Acary* até ás nascentes. Recebe pela esquerda, o *Urucú* e o *Camayu,* bem assim as aguas de numerosos lagos. Conforme a exploração realizada por Mme. O. Condreau, tem diversas cachoeiras, desde a fóz do lago Castanha. Suas margens são abundantes de castanhas, borracha, madeira, etc. (Vide «Voyage au Canumã»—1906).

O *Abacaxys* lança-se no paraná de igual nome ou de Arariá: desce de uma lat. aproximada de 6º Sul, como o *Maués* e o *Andirá.* Waupeus, tratando do Abacaxys, diz: "O Abacaxis corre primeiro para NN. E., depois dobra para O. S. O. numa distancia consideravel, passando então para N. O. E., direcção que conserva até a barra. Os affluentes são, pela esquerda: o *Marymay,* caudaloso e que dizem navegavel em canôa cerca de um mez; pela direita: o *Caranaty,* cerca de 400 kilometros e o *Arupady,* 640 kilometros. O Abacaxis têm algumas correntezas e cachoeiras». O explorador inglez Chandless subiu este rio e, delle, fez minuciosa descripção (Vide «Apontamentos sobre os rios Mane-assú e Abacaxis, «*in* Diario Official de 27 de Fevereiro de 1870). O *Maués* nasce numa região de campos a O. do rio Madeira; lança-se no paraná do seu nome ou do Ramos. E' navegavel até á barra do *Paranary* e recebe varios affluentes, como o *Limão,* pela esquerda; o *Perquinha* e o *Guaranatuba,* pela direita. Banha a villa e o Municipio de Maués, muito conhecido pela cultura e exportação de guaraná.

O *Andirá,* tributario do mesmo paraná, tem um curso de 257 kilometros, tendo seu nascimento aos 3º20'7" de lat. S. e 3º20'7" O. do Rio de Janeiro. E' navegavel por pequenos barcos até a confluencia do *Apuisanema.* Recebe o Ariahú, em cuja foz se encontra o povoado deste nome.

CAPITULO VII

Canaes

Com a denominação de *paranás*, *paranamiris* e *furos* ha no Amazonas uma infinidade de communicações atravez das suas terras baixas, umas vezes conduzindo as aguas do rio principal para seus affluentes, de outras retornando destes para aquelle, especie de fluxo e refluxo das aguas que as enchentes ou as vasantes compellem.

O movimento e a direcção das correntes, nesses canaes, que, como dissemos, constituem um singular systema de endosmose, dependem do regimen das alternativas do rio, produzindo o estranho facto de se determinarem as margens conforme tal direcção: o que era, no inverno, margem direita de um paraná, torna-se esquerda no verão, caso se applique o criterio da classificação das terras adjacentes, tomando por base o rumo das descidas fluviaes.

Servem tambem de escoadouros de lagos proximos ou afastados dos rios, mas sempre com o nome local de paranás ou paranamirys, attento o seu maior ou menor volume. *Furos* são as passagens mais reduzidas e, em geral menos longas, que permittem as ligações entre paranás, lagos e rios, ás vezes mesmo, por baixo da floresta alagada. São verdadeiros atalhos que evitam, ás canoas, as grandes curvas de um caudal maior.

No Estado do Amazonas, entre os paranás de mais avultada importancia por sua utilidade e situação, são:

Adauacá, que se ligando ao paranamiry do Pacoval e Mocambo, constitue um dos braços do delta do Nhamundá. E' navegavel e recebe as aguas de varios lagos, que lhe vêm de ambas as margens. E' o caminho mais franco para a villa de Faro, subindo pelo territorio amazonense.

Paraná de Faro, que sae do Nhamundá e se dirige para Leste, fazendo varias deflexões e recebendo mais alem, antes de se lançar no rio Trombetas, o nome de *Sapucuá*. Delle descem os paranás do *Caldeirão* e *Bomjardim*, que o Dr. B. Rodrigues sustenta ser a verdadeira fóz do Nhamundá, ambos recebendo as aguas do Amazonas ou despejando nelle, conforme a epoca das enchentes ou vasantes.

Cabory, que liga o rio Amazonas ao Sapucuá, sendo considerado o braço mais occidental do Nhamundá. Seu curso é menor que dos outros da mesma região e desapparece nas grandes estiagens.

Tupynambarana, que recebe os rios Canumã, Abacaxys, Apocuitáua, Andirá e Mamurú, sae do baixo rio Madeira, conduz as aguas do rio Amazonas e lança-se neste, fazendo um percurso de 290 kilometros, para sahir abaixo da cidade de Parintins, com denominação de *paraná do Ramos*. Forma a grande ilha Tupynambarana e reparte-se em outros (como o *Maués* e o *Arariá*) que têm sahida directa para o Rio Mar.

Urucará, que se liga ao de *Silves* e este ao de *Uatumã*, para onde correm o rio deste nome e o Urubú. Tem sahida para o Amazonas pelos paranás da *Capella* e *Arauató*, sem contar outros menores. Todos navegaveis ao tempo da plenitude das aguas.

Autaz, que sae do lago deste nome; é o escoadouro de varias outras bacias lacustres; segue aproximadamente a direcção do rio Madeira, com a qual se liga pelo paranamiry do *Catauixy*; prende-se depois, ao paranamiry do *Autaz-miry*. Navegavel por pequenas embarcações a vapor, servindo uma região de industria pastoril. (1)

Xiburena, que conduz as aguas do Solimões, lançando-as na confluencia deste com o rio Negro. Forma a grande ilha do Catalão e tem cerca de 20 kilometros de curso. Navegavel. por vapores, no inverno.

Careiro, largo e extenso, communica o Solimões com o Amazonas, evitando que uma parte consideravel das aguas daquelle passem em frente a fóz do rio Negro. Forma a ilha da Terra Nova e reparte-se em outro paraná chamado *Cambixe*, atravessando a região mais agricola do Estado. O Careiro é francamente navegavel em qualquer epoca.

Curary, pouco acima da entrada do Careiro, dá accesso a diversos lagos e é alimentado por aguas do Solimões. Communica-se com o paraná do Autaz-miry.

Janauacá, que sae do lago deste nome e desagua alguns kilometros acima da entrada do Curary, é navegavel no periodo das enchentes.

Manaquiry, desaguadouro do lago de igual nome, tributario do Solimões. Seguem-se-lhe, pela margem direita, subindo o rio: o *Tamandaré* e o *Canabuóca*, *Guajaratuba*, pelo lado meridional da ilha do mesmo nome.

---

(1) " A communicação com os Autazes (região comprehendida entre os rios Madeira, Amazonas e Solimões) se faz commumente descendo o Amazonas até a embocadura do rio Autaz-Assú e por elle subindo até o ponto do destino, que poderá ser o Autaz-miry, primeiro affluente da margem esquerda, que se estende até á região do Anveres, proximo ao paraná do Curary e, consequentemente, proximo de Manáos, servindo innumeros lagos e igarapés navegaveis denominados: Barata, Pacoval, Cambeira, Mastro, Moiratinga, Apipica, Jurará, Uauassú, Caapiranga, Japehim, Taquára, Purupurú, Anveres, Preto, que se communicam, na epoca das enchentes, com o Amazonas, paranás do Careiro e Curary, devido á immensidade dos igapós, ou ainda pelos furos de Umbaúba, Botto, Correnteza, Gurupá, Amanihum, Rosa Branca, etc., que poderá ser tambem o Rio Preto, affluente da margem direita; o *Madeirinha* (nome dado ao Autaz-Assú ao encontrar-se com o lago Quiri-miry, embocadura do Mamory); em fim, o lago Quiri-miry, Capivára, Periquito, Uauassú, *Paraná do Mamory* com seus numerosos affluentes denominados: Cururuzinho, Carapanatuba, Umbaúba, Acará-miry, Itaúba, Tucumam, Massarico, Rio Jumas, Tracajá, Piranha, Arara, Marinheiro, Tucunaré, Araçá (Araçatuba), região do *Pacatuba*, *Mira*, *Mamory*, *Castanha-miry*, etc., que, reunidos, constituem a região denominada dos Autazes. " (Notas sobre o *Canal de Pacatuba*, publicadas no *Estado do Amazonas*, de 6 de Setembro de 1925, pelo engenheiro Abilio Nery).

Paratary, Cuyuanã, Salsa, Jurupary e *Aruparaná*, pelos quaes se pode passar do Solimões ao Purús e vice-versa.

Ayapuá, que liga o Purús a este lago.

Codajás, do rio Japurá ao lago de Codajás e deste ao Solimões. Emitte muitos furos que vão ter a este rio.

Anamã, que communica ao lago de igual nome.

Auati-paraná, com grande extensão, conduzindo as aguas do Solimões para o Japurá, bem assim o *Manhana* e o *Uaranapú*.

Separando as ilhas que se encontram no Solimões ou dando accesso a lagos e outros rios, ha os paranámirys: *Aranauacuára, Sipótuba, Tapihira, Uajurá, Induá, Arauanahy, Cunauarú, Catauá, Cupacá, Marymarytuba, Mucuapany, Araçatuba, Arimanduba, Aroty* e *Javary* para conhecer a situação destes canaes, vide «Roteiro da primeira viagem do vapor «Monarcha», por Wilkens de Mattos—1854). No rio Amazonas encontra-se: o paranamiry do *Espirito Santo*, separando a ilha das ciganas; o do *Mucambo*, o de *Serpa* e da *Eva*.

No rio Juruá:— *Mineroá, Berêo, Tucuman, Baúna Branca, Arapary*, separando as ilhas de iguaes nomes.

No Purús: o *Ananaz, Oiranas* e o *Guajaratuba*.

CAPITULO VIII

Lagos

As depressões da immensa planicie amazonica, facilmente inundaveis pelo periodico transbordamento dos rios, formam esses vastos depositos d'agua, sem profundidade consideravel, aos quaes o povo se habituou a chamar *lagos*, quando, na sua maioria, não passam de méras lagôas.

Ao tempo do inverno, todas as baixadas se transformam em extensos lençóes aquosos, que se prolongam pelos igapós adjacentes, cobrindo dezenas de kilometros quadrados. As clareiras que se vêm, de espaço a espaço, assignalam esses depositos, que tantas vezes, medem milhas de extensão, limitadas pelas franjas das florestas: são as lagôas que, seis mezes depois, desapparecem deixando, em seu logar, um campo verdejante pelo meio do qual passa o drêno das aguas paludosas. Ha, todavia, reservatorios perennes, embora seu volume se reduza bastante, quando chega a estiagem, epoca em que muitos ficam isolados, sem communicação com o rio de que, pouco antes, eram tributarios.

Vamos enumerar os principaes desses depositos, chamando-os de «lagos», para seguir a classificação regional.

Lagos tributarios do rio Amazonas. Pela margem direita, a contar da serra de Parintins: *Macurany*, por traz da cidade de Parintins; *Paurá, Garças, Urucurituba* e *Urucará*, comprehendidos entre o rio Amazonas e o paraná do Ramos; do *Arrozal, Piranhas, Poção* e *Arary*, entre o referido rio, o paraná do Arariá e a bocca do Madeira; o *Autaz* e o do *Rei*, entre a fóz do Madeira e a confluencia do rio Negro; o *Curary, Janauacá, Manaquiry, Paratary* e *Jauará*, entre a confluencia citada e o Purús; o *Uricury*, o *Maniá*, que recebe o rio deste nome, entre o Purús e o Coary; o *Coary*, o *Camará, Catauá* e o *Carauá*, entre os rios Coary e Teffé, o *Ady, Comadú, Içapó*, o *Curuó*, entre Teffé e o Juruá; o *Caturiá* entre os rios Jutahy e Jundiatuba.

Pela margem esquerda, a contar do delta do Nhamundá: o *Aduacá, Macuricana, Mocambo, Saracá, Canaçary, Amatary, Puruquequara* e *Aleixo*, entre o Nhamundá e o rio Negro; *Preto, Mirity, Calado, Manacapurú, Tracajá, Anamã, Paroatuba, Anory, Minerúá, Codajás, Onças, Acará, Trocary, Copeá, Tapihira, Jacaré, Caiary, Caiçára*, entre os rios Negro e Japurá.

Lagos tributarios do rio Madeira. A contar da fóz até a cachoeira de S. Antonio, margem direita: *Sampaio, Anamã, Guariba, Caintaúm, Taboca, Macacos, Jacaré, Câua, Matamatá, Jaury, Mirity, Antonio, Tres Casas, Popunha, Rei, Maycy, Mururé, Curicáca* e *Tucunaré.*

Pela esquerda: o *Arary, Matapy, Murassutuba, Capanã, Baetas,*

Rei, Jurará, Carapatuba, Purús, João Bahem, Conicahim, Capitary e *Tamanduá.*

Lagos tributarios do rio Purús. Pela margem direita: o *Berury, Surára, Paricatuba, Jary, Tapihira, Macacos, Maguary, Jamanduá, Cassianã, Camerihã, Tacaquery, Penery, Canacarú* e *Meteripuá.*

Pela margem esquerda: o *S. Thomé, Cáua, Tapurú, Ayapuá, Uauassú, Piraiauára, Panellão, Coaty, Assahy, Macory-pary, Jaburú, Coxiú, Araçá, Caratiá, Itapá, Cacuriá, Cearihã, Aboniny, Ibituriá, Caty-pory, Quimihã, Mapiá, Apituhã, Urucury, Jurucuá, Acariá, Mamoriá, Japá* e *Inary.*

Lagos tributarios do rio Juruá. Pela margem direita: *Andirá, Maguary, Arapary, Cerrado, Ereré, Ipaca, Ratos, Apupuhã, Mandioca, Araçá, Ira-assú,* todos até a fóz do Tarauacá.

Pela margem esquerda: *Mineroá,* ligado a um extenso paraná que communica com o Solimões, *Marimary, Aniquichy, Chubauá, Ocoá, Mapurany, Araouã* e *Canumã.*

Lagos tributarios do rio Negro. Margem direita: *Canapó, Preto* e *Atanhys* (tributario do rio Padauary).

Pela margem esquerda: *Unibony* (trib. do Içana), *Avana* e *Itaiarene* (tributario do Uariá).

Lagos tributarios do rio Japurá. Margem direita: *Marimary, Mapary, Itama, Maria* e *Itaré.*

Margem esquerda: *Tapihira, Avana, Itavaramy, Capapy, Iarpiá, Mutum* e *Acutipurú.*

Lagos tribatarios de varios outros rios: *Curiacú, Mussú, Pirára, Uadanaú, Uaricury, Uaracurá, Matamatá, Maguary, Carinanã,* trib. do rio Branco; *Aybú,* trib. do Uatumã; *Gloria,* trib. do Urubú; *Mundurucús,* trib. do Abacaxys; *Samauma, Sucurijú, Guajará, Campinarana, Curalino, Castanha, Jatuarana,* trib. do rio Canumã; *Tucuruchy, Macachy, Aranichá, Canacunama, Urubú, Idiapára, Uatucurá, Muricuré, Tara* tributario do rio Jauapery; *Teffé,* á embocadura do rio deste nome.

Terceira Parte

CAPITULO I — FLORA.
CAPITULO II — FAUNA.
CAPITULO III — GEOLOGIA E MINERALOGIA.
CAPITULO IV — OROGRAPHIA E NESOGRAPHIA.

Uma samaumeira á margem do rio Japurá

TERCEIRA PARTE

CAPITULO I

Flora

O Amazonas encerra a maior reserva florestal do mundo, quer pela variedade quer pela opulencia dos seus especimens. Não ha natureza mais luxuriante. Tem-n'a preconisado todos os grandes naturalistas, que visitaram as terras banhadas pelo Rio Mar. Alexandre Rodrigues Ferreira, Alexandre Humboldt, Martius, Spruce, Bompland, B. Rodrigues, Huber, Goeldi e tantos outros encontraram nellas inexgotavel material para seus estudos e novas classificações.

Desde as selvas adherentes ao solo até a gigantesca sumaumeira, desde os thallophytas até as phanerogamicas mais esbeltas, tudo nesta região está espalhado numa prodigalidade admiravel.

A *Hylea*, de Humboldt ou o dominio das *Naiades* de Martius acha-se, em grande parte, neste Estado, onde o calor e o humus fertilizante, dão á flora amazonica uma pujança esplendorosa e inegualavel. Variedades de madeiras para construcção e marcenaria, plantas medicinaes, textis, tintureiras, oleaginosas, gommiferas e de ornato, outras de applicação industrial, são aqui, verdadeiros thesouros, de valor incalculavel, que esperam ainda o braço trabalhador, para convertel-o em riqueza social.

Não obstante tratar-se de um valle muito extenso, pouco se definem as provincias geographicas dos seus vegetaes, salvo raras excepções. São cosmopolitas de todas a bacia. Todavia, apresentam differenças, conforme as terras ricas ou pobres de sedimentos em que vivem. Assim, as das varzeas, formam espessas mattas, que se caracterizam pelo seu verde-claro; seus especimens crescem rapidamente, em compensação tendo menor resistencia e uma duração mais curta. O systema vibroso é menos compacto. Não é ahi que se procuram as mais estimadas madeiras para construcção. Ao contrario, é nesses alluviões que se encontram os vegetaes mais ricos em seivas. Nas terras altas, acham-se as grandes florestas, menos espessas que as outras, distinguindo-se pela sua côr verde-escura. As especies vegetaes, na maior parte dos casos, vivem perfeitamemte em ambas essas terras. Outras porém, são exclusivamente hygrophilas, marginando os lagos e rios.

A abundancia dos liames (cipós), entrelaçando o arvoredo, formam, tantas vezes, uma rede compacta, como se não bastasse o amaranhado dos ramos, tornando sombrios os bosques.

As praias, quando livres das aguas, vestem-se de gramineas ou de uma vegetação arborecente, destacando-se a oirana (*salix martiniana* Seyb),

que é tão commum em todas as margens. Apparece, de permeio, a embaúba (*cecropia palmata* W.)

Em muitos pontos, dominando as outras arvores, sobresahe o castanheiro, que bem mereceu de Bompland, o nome *Bethoetia excelsa.*

Nos varzeados, o maior vegetal do Amazonas é o samaumeira, que, pelas suas dimensões, pode ser appellidado o *baubab* amazonense.

O Dr. Huber declara que o numero de plantas vasculares actualmente conhecidas na região amazonica, pode ser computado em 10.000 mais ou menos, «mas é possivel que elle fique duplicado com uma exploração mais completa. A nossa matta equatorial é um mundo por si, cuja organisação e vida intima só por diversas gerações de investigadores poderá ser devendada. A vida de um homem mal chegaria para ter idéa exacta da composição de um kilometro quadrado de matta virgem, quanto menos de uma area mais de tres milhões de vezes maior.»

As florestas do Amazonas caracterizam-se tambem pela ausencia das coniferas; em compensação, ha abundancia de palmeiras.

No seu "Ensaio de Geographia Botanica do Amazonas", o Dr. A. da Matta estuda as condições do «habitat» dos vegetaes de que nos occupamos. Fallando de alguns que são peculiares á região, diz: «Os *Ficus* e *Clusias* são entre nós epiphytpo de grandes dimensões. Pertencem ao sub-genero Urostigma, familia das Moreaceas, e esta é a *Clusia* insigno Splittg, da familia das Guttiferas. Apuhi ou apuhizeiro e cebolla brava chamam-n'o os habitantes da região, e, devidas uma á lenda indigena e outra pela semelhança com a conhecida cebolla, ambos são verdadeiros epiphytos em começo. Relacionam-se, quando em pleno desenvolvimento, com o solo por meio de possantes raizes; estas mais tarde tornam-se, em aspecto e em funcção, verdadeiros troncos. Circumstancias especiaes e de registro biologico digno de attenção e estudo — esse tronco cresce ao inverno dos outros, isto é, de cima para baixo. Raiz em começo, tronco ao depois.

A *Clusia,* porem, é epiphyto em começo, comensal em seguida e depois independente.

Epiphytos genuinamente amazonenses, pelo menos até agora e formando cathegoria especial, são as "plantas dos jardins das formigas"; especialmente da conhecida e celeberrima tracuá (Camponotus femoratus Tab.), e de algumas *Aztecas.*

Pequenas plantas saprophytas dos bosques cerrados pertencem ás familias das *Gencianaceas, Triuridaceas, Burmaniaceas* e *Orchideaceas.*

Pseudos cipós temos nos generos *Discorisandra,* das *Commellinaceas;* as tiriricas *(Scleria reflexa* H B K e *S tenacissima* Nees) das *Ciperaceas;* taboquinha (*Panicum latifolium* L), das *Gramineas;* algumas especie de *Piper vernonia,* a maioria das *Micania,* e a *Wulffia stdnoglossa D. C.*;

Plantas trepadeiras por meio de raizes, temos as baunilhas — *Vanilla* e *Crantzia*, das *Gesneaceas; Adelobatrys*, das *Melastomaceas; Solondra*, das *Solaneaceas, Bignonia*, das *Bignomiaceas;* ou em familias inteiras como as *Cyclantaceas*, com especies trepadeiras, mostrando a transição entre especies do mesmo genero *Carludovica (*timboassú), *Cecropia palmata, C. latifrons* e outras, e as especies epiphyticas de *Ludovia*, das Araceas, onde ha tanto no genero *Anthurium* e no *Philodentron*, exemplares de trepadeiras terrestres, como epiphytos nos *Heteropsis, Syngonium* e *Monstera;* e nas *Marcgravavaceas*, onde as *Marcgravia* são trepadeiras e os generos *Naranthea, Ruyschia* e *Souroubea* não passam de simples arbustos epiphytos.

Verdadeiras parasitas phanerogamas são os *Psittacanthus cuculatus* Blune, das *Lorantaceas*, em arvores e arbustos das margens dos rios; o *Helosis guianensis* Aubl., parasitas sobre as raizes de varias plantas das mattas de pouca luz; e a *Rafflesiacea—Apodanthis flacourtia* Karst».

Nota ainda o illustre scientista algumas das especies caracteristicas dos igapós, entre outras o *Calophylium brasiliensis* Camb., o *Nectandra amazonum* Nees., a *Piranea trifoliata* Boill, diversas especies de *Lacuna*, a *Accacia polyphyla* D. C., o *Macrolabium acaciæfolium* Benth., as arvores de raizes estapafurdias ou estrambolicas, semelhando troncos entrelaçados.

«A vegetação das margens dos rios pobres de sedimentos é, de ordinario, constituida pelos *Strychnos, Petraea Erytroxilon, Licania, Hirtella, Couepia, Ingá, Pithecolebium, Calliandra, Parkia, Macrotobium, Schwartya, Tachigalia, Sclerobium, Cynometra, Peltogine, Eperua, Camplisandra-Ormosia, Tovomita, Carapa, Rhopala, Andiapetalum...*»

Entre as palmeiras, cuja variedade é extraordinaria, citam-se: as *Leopoldinas maior* Wall., *L. pulchra* Mart e *L. menor* Wall., as *Mantia aculeata* Xumb., *M. flexuosa* L., *M. graeliis*, Wall., *M. pumile* Wall., *Guikielma speciosa* Mart., e as suas variedades *flava* e *caccinea* Barb. Rodrigues, a *pachiuba (Iriartea exhorrisa* Mart.), de foliolos largos, raizes cheias de espinho, figurando em pedestal conico; as *Geonoma trijugata* Barb. Rodrigues, *Iriartella sitigera* var. *pruriens* Saruce e Barb., *Astrocaryum humile* Wall., *Cocos equatoriales* Barb., *Oenocarpus minor, ou pataud* Mart., com as palmas dispostas em forma de leque e os largos foliolos no apice da folha em plano vertical; *Manocoria sacifera* Gaertu; o *Astrocaryum tucuman* Mart».

O trabalho de que extrahimos estas notas, proseguem na enumeração das principaes especies de *orchideas, cipós, plantas medicinaes, textis* e outras.

Lamentamos que os estreitos limites deste livro não permitta mais longas transcripções. Todavia, vamos citar ainda os principaes exemplares da flora amazonense, mencionando seus nomes vulgares e scientificos.

Madeiras para construcção civil e naval. Acapú *(wouacampoua*

americana Aubl. *acapurana (campsiandra laurifolia* Mez. (abiorana (*lacuna lesiocarpa*), acarycoára, andirobeira (*carapa guynensis*, Aubl.), angico (*piptadenia sp.*) abacaterana (*nectandra* sp.), acariuba, ajarahy, amarellinho, o aritú ou louro aritú (*cardia excelsa*), arueira, (*astronium arundeua*), assacú (*hurabrasiliensis*), angelim (*andira inermes*), ararú, arapary, anaxymaracá, aytumam, bacury *(platonia insignis*), bacurypary, bacury roxo, bauacú, caiambé (*coussapua asperifolia*), cajuhy, canella de velho, caraipé (*muquilea turiuva)*, caraiperana, carapanauba, caramury, castanheira (*betholetia excelsa*), castanha sapucaya (*lecithias olaria*), cedro branco, cedro vermelho, cedrorana, cicantá, cuaruba, cumandá-assú, cumarú (*dipterix odorata*), cumarú roxo, curacy, cutitiribá, cupiuba, envira ou embira *(xilopia* sp.*)*, envira preta, envira surucucú, faveira, (*mimosa* (esp.), frei Jorge (*cardia frondosa)*, faya ou louro faya, gito (*guarea aubletii*) iguariuba (*galipea* ep.), inajarana, ingarana, ingá-assú, itauba (*acrodiclidium*) de diversas especies, jacarandátam (*machaerium allemanu*), jacaréuba *calophylum brasiliensis)*; jabotycaba, jacaré-café, jutahy, jutahyrana, jutahy pororoca, jurema, genipapo (*genipa brasiliensis*), genipaporana, João molle, lacre vermelho (*wismea*) lacre branco, louro abacate, louro amarello, louro branco, louro chumbo, louro cheiroso, louro cravo, louro mamoy, louro rosa, louro espirito santo, louro cobre, louro setim, louro roxo, maçaranduba, (*mimosopis excelsa*) maçarandubarana (*lacuna procera)*, macucú (*macubea guyanensis*) macacauba preta, macacauba vermelha, macacauba branca, mangue ou paxiubarana (*risophara mangle*), marupá (*simaruba officinalis*) marupauba, mororó, muiracurucaua, muirapiranga, muiratu, muiraceima, (*chrysophyllem glyciphloeum*) muiracuba, muiratauá, muricy grande, mutamba (*guazuma ulunifolia*) mututy (*pterocarpus dorco*), oiticica vermelha (*soarezia nitida*) pairá, pajurá (*plegarinea* sp., paracuúba (*andirá*), paricá (*accacia angico*) paricarana, paracutacá, paranacaxy, pao d'arco (*tecoma speciosa*), pao amarello (*gallipea* sp.), pao cravo (*dicypellium coryophylhtum*) páo ferro (*Wartria tormentosa*) páo gonçalo (*astronium fraxinofolium*), páo mulato (*pentachetra filamentosa*), pao para tudo ou casca d'anta (*drymis granatensis*), pao precioso (*cryptocaria preciosa*), páo roxo ou guarabú (*peltogne guyarabú*) pereiro (*opidosperma* sp.), peritó, pindá páo santo (*zolernia* sp.), piquiá (*caroycar villosum*), piquiarana (*c. edule*), piranheira, punam, ripeira, sandalo americano (*sautalum album*), sucupira (*dowchia major*), supiarana, tamaquaré (*caraipa ternstroeniacea*) tanimbuca, tarumam *(vitex taruman*) tauary, (*courary guyanensis*), uixyrana, uixy-curôa, ururana (*hyeromina alchonioides*), xibuhy, talá-á, umaryrana, etc.

Das madeiras citadas, são vantajosas tambem para obras hydraulicas: a piranheira, a itaúba preta, o piquiá, o cumarú, etc. (Vide "Breve noticia sobre a collecção das madeiras do Brasil", pelo Srs. Freire Allemão, Alves Serrão, Ladisláo Netto e Saldanha da Gama—1867).

Madeira para marcenaria. Muirapinima (*brosium guyanensis*), cedro, páo santo (*zolernia*), páo violeta (*machaerium violaceum*), páo rosa (*physoca lymna*), páo marfim, páo rainha (*centrolabium paraensis*), páo precioso, muiragiboia, jutahy pororoca, sabãorana, jacarandá-tam, etc. (Vide «Mattas e madeiras amazonicas», pelo Dr. J. Huber, *in* boletim do Museu Goeldi, vol. VI, pag. 91 a 225.)

Plantas textis. — Entre outras, existem em estado agreste as seguintes: Curauá, pita, uaicima, embira, monguba (casca e paina), castanheira, piassaba, uambé, mirity, aninga, matamatá, sumauma (paina), tucuman, cipóassú, caranay, jacytára, tauary, tucum, turury, jatibá, etc. De todas, notavel por sua existencia, o curauá. Existe em grande abundancia, mas sem aproveitamento industrial, a paina da monguba, de filamentos sedosos e extraordinaria leveza. O algodão dá-se bem nas terras firmes do Estado; seu cultivo, é, porem, incipiente. Os gravatás de diversas especies encontram-se tambem em toda a parte, ainda sem a menor exploração.

Um mirityzal

Plantas gommiferas. — E' a seringueira a mais importante da Amazonia, á qual se deve a prosperidade que alcançou esta região, emquanto a borracha do Oriente não fez concorrencia a esse producto de tanta utilidade. Pertencente á familia das Euphrobiaceas, a arvore da gomma elastica, que comprehende varias especies, é designada pelo nome generico de *Hevea*, segundo o botanico francez Aublet: *Hevea guyanensis, h. brasiliensis, h. spruceana, h. discolor, h. pausiflora, h. rigidifolia, h. lutea, h. membranacea, h. benthaniana, h. nitida,* que são conhecidas vulgarmente pelo nome de «arvore da borracha». A *hevea guya-*

nensis é em geral designada pelo nome de *siphonia elastica,* segundo a classificação de Person (Vide *Os nossos conhecimentos actuaes sobre as especies de seringueira,* pelo Dr. J. Huber, *in* "Bol. do Museu Goeldi", vol, II, pag. 250).

Alem destas especies, ha o caucho (*castiloa elastica*) de que o Amazonas faz grande exportação, bem assim a borracha de inferior qualidade (genero *sapium*), tapurú, murupita, curupita e seringueirana.

Citam-se ainda numerosas arvores gommiferas: a sorva (*couma utilis* Mast), sorva grande (*couma macrocarpia* Barb. Rodrigues), sucuba (*plumeri phagedenmica,*) maçaranbuba (*mimospis balata*) Jacaréúba (*calophyllum brasiliensis*) Mart), bacury (*platonia insigne* Mart.) anany *moronobea coccinea* Mart) guaxinguba (*ficus pertusa* L.), amapá (*hanconia* sp.) muiratininga (*nectandra molles* Nees), mururé (*brosinium*), apihy (*ficus fagifolia* Miq.) etc.

Plantas resinosas.—Jutahy (*hymea courbaril*), cicantá, breeiro (*icica glaba*), arueira (*astronium arundena*), cedrorana (*cedrola*) cajueiro, cuma-á jauará-icica, páo candeia, etc.

Plantas oleaginosas.—Ucuúba (*viryola surinamensis* Warb.), umiry (*humirium floribundum*), cumarú (*dipterys oderate* Aubl.), patauá (*o enocarpus batauá* Mart.) copahyba (*copaifera officianalis* L.) tamaquaré *caraipa ternstroemiaceæ*), uauassú (*attalea* sp.), cayané (*elais guineceensis*) M. Moraes), andiroba (*carapa guyanensis*), carrapato (*ricinus communis L.*) etc.

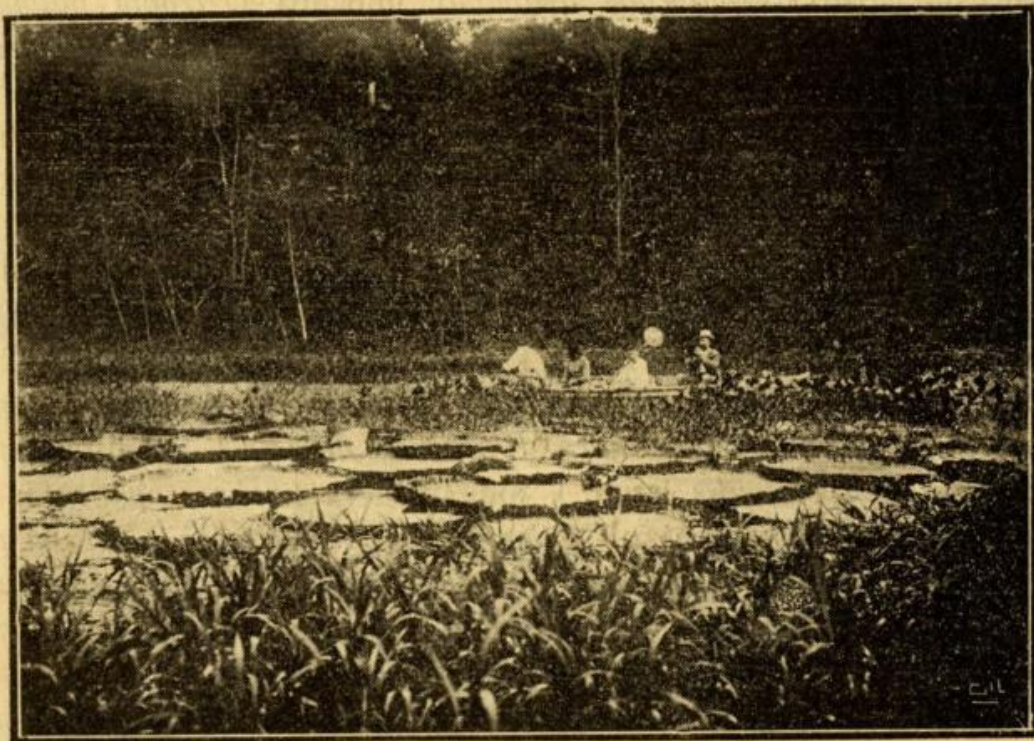
Plantas medicinaes.—Abacateiro (*persea gratissima* Gaertu), abuta ou abutua (*abuta duckei* Diels), agrião (*nasturtium* L.), aguaraquyia (*solanum obraceum*), alfavaca do campo (*ocinuum incanescem*), amapá *hanconia* sp.), amor crescido (*portulaca grandiflora*), anabi (*polalia amará* Aubl.) ananaz (*ananaz sativus* Lindll.), anany (*morobie coccina* Aub.), andirá-araroba (fam. leguminosa), andiroba (*carapa guyanensis* Aubl.), angelim (*andira*) anil (*indigofera anil* L.), aroeira (*schinus terebentifolius* Raddi.), arruda (*ruta graveoleus* L.), avenca (*adeantum cuneatum* Fisher), bananeira (*musa parasidiacá* Mart.), batatão (*epomea echioides* Choysi), baunilha (*vanilha aromatica* Mart.), biribá (*rollinia orthopetala* D. C.) borboleta (*hedychium coronarium*), ca-á mumbéca (*polygala spectabilis* D. C.) ca-á pitiú (*siparuna fetida* B. Rodrigues), cabacinha (*momordica poerculata* L.), cabeça de negro (*triasnospermas tayuyá* Mart.), cacáoeiro (*theobroma* cacáo E.), cafeeiro (*coofea arabica* L.), caferana (*taxiaguyanensis* Aubl.), caimbé ou caiambé (*curatella americana* L.), cajueiro (*anacardium occidentale* L.), camapú (*physallis edulis* Marcgr.) camibará *lantana spinosa* L.), capim cheiroso (*killingea odorata* Vahl.) caróba (*jacarandá procera Spreng.*), carrapato ou carrapateiro (*ricinus communis* L.), casca preciosa (*aniba canelilla* Mez.), catuába (*erythroxilon catuaba*), cebolla brava (*pancratium guyanensis* Keri.),

cedro (*cedrola odorata*), cipó catinga (*micania amara* Will.), copahiba *copaifera guyanensis*), corimbó (*osmhydrofora nocturna*, B. Rodrigues), cunamby (*phyllanthus brasiliensis* Aubl.), cumacá (*elcomarhyza amylacea* B. Rodrigues), goyabeira (*psidium guyava* Raddi), guaraná (*paulinia sorbilis*), guaximguba (*ficus* esp., div. esp.), herva cidreira (*melissa officinalis*), iapana ou japana (*eupatorium ayapana*), imbaúba (*cecropia palmata* Wil dd.) ipadú ou cóca (*erytroxilon coca* L.) ipeca (*cephaelis ipecacunha)*, jaburandy (policarpus pinnatifolius Lem.), jamaracarú (cercus mandacarú), jucá (*coesalpinea ferrea)*, jurubeba (*solanum paniculatum* Mast), jutahy (*hymenia courbaril* L.), limoeiro (*citrus limonum* Risso), malva branca (*sida carpinifolia* L.), malvaisco (*sida micrante* Ste. Hil.), mamoeiro (*carica papaya* L.), macanam (*franciscea uniflora* Pohl.), mangarataia (*zingiber officinalis* Rosc.), mangue (*rhizophora mangle* L.), mangueira (*mangefera indica* L.), marupá (*simaruba off.* D. C.), mastruço (*chenopodium ambrosioides* L.), melão de S. Caetano (*momordica charantia* L.), mucura-cá-á (*petiveria alliacea* L.), muirapuama (*pytchopetalum olacoides* Benth.), muiraqueteca (*doliocarpus rolandri* Gmel.), muricy (*byrsonia crassifolia* H. B. K.), mureré (*brosinum*), mutamba (*guazuma ulmifúlia* Delf.), pajamarioba (*cassia occidentalis* L.), páo de lacre (*vismia guyanensis* Pers.), paracary (*peltodon radicans* Pohl.), paricá (*piptadenia perigrina* Benth.), pataqueira (*conobia aquatica* Aubl.), pedra hume-caá (*geranium maculatum* L.), pega-pinto (*boerhavia hirsuta* Wild), pinhão de purga (*curcas purgans* Med.), pinhão roxo (*jatropha gossypufolia* L.), pitangueira (*plinia rubra* Mart.), puchury (*nectandra puchury* Nees.), quassia (*quassia amara* Aubl.), rinchão (*verbena)*, salsa (*smilax syphilitica* Kunt*)*, salva do campo (*hiptis incana)*, sorveira (*couma utilis*), sucuba (*plumeria sucuúba* Spr.), tabaco (*nicotina tabacum* L.*)*, tamaquaré (*caraipa silvatica* B. Rodrigues), taperibá ou cajá (*spondacea lutea* L.*)*, taruman (*vitex trifolia* Vahl), timbó (*paulinea pinnata* L.), urubu-caá (*aristolochia chrysoclora* B. Rodrigues), urucú (*bixa orellana* L.), vassourinha (*sida capinifolia* L.), vinde-caá (*panicum brevifolium* L.) etc. (vide "Flora Medica Brasiliense", pelo Dr. Alfredo da Matta, 1913).

Plantas para tinturaria. Barbatimão (*stryphmodendron barbatimão* Mart.*)*, carajurú (*piranga chica* Humb.*)*, urucú (*bixa orellana* L.*)*, urucurana (*croton urucurana* Baill.*)*, anil (*cissus tinctoria* Mart.), genipapo (*genipa braziliensis*), cumaty, cauassú, caapiranga, macucú, muricy, etc.

Entre as *palmeiras*, que fornecem oleos e fibras, ha, no Amazonas, uma infinidade que o sabio botanico brasileiro Barbosa Rodrigues enumerou e descreveu. Dispensados os nomes scientificos, podemos citar: assahy, bacaba, bussú, coqueiro, inajá, jauary, jupaty, marajá, mucajá, mumbaca, murumurú, patauá, paxiuba, piassava, pindóba, ponunha, tucum, tucu-

manú, nauassú, urucury, ubim, jacytára, cayaué, jará, etc., etc. (Vide *Palmeiras do Amazonas: Distribuição geographica*, in « Vulgarisador », de 1880, pags. 66, 76, 95, 174 e 183).

Ao contrario do que se pensa, a flora do Estado contém muitas especies de plantas ornamentaes, distinguindo-se as orchideas. Entre

Um viveiro de victorias-regias

ellas, os *oncidium, loelias, cattleyas* (superba e el-dourado), *miltonias, maxillaria, catasetum, coryanthes, brassavolo*, etc. As orlas das florestas marginaes são engrinaldadas pelas *trepadeiras*, de flores variadas. Vestem a superficie das lagoas os *mururés* de flores roxas, entre as quaes apparece a famosa *victoria regia* (nymphacea), que foi pela primeira vez admirada pelo botanico Kaenke, e, depois, classificada pelo viajante inglez Bridges, em 1845.

CAPITULO II

Fauna

Não menos surprehendente que o mundo vegetel, em cujo seio o homem se considera mesquinho, é a fauna amazonica. Tinha razão Fr. Dahl quando disse que a *Amazonia é o paraizo do zoologo.*

As especies apresentam-se em numero assombroso, talvez ainda incompleto no conhecimento da sciencia.

A fauna do Estado, pela variedade extraordinaria dos seus exemplares, parece estar numa correlação biologica com a flora em que habita. Uma é digna da outra. Em qualquer das classes, as especies são aqui bem representadas e n'algumas excedem mesmo ao que se nota do resto do paiz.

Não obstante tratar-se de uma região em que o meio geographico é quasi uniforme, estendendo-se na zona equatorial, essas especies não são geralmente communs aos Estados do Pará e Amazonas. Caracteriza-se, comtudo, a sua zoologia pela ausencia dos grandes e exoticos especimens, como os que se vêm na Africa. Em compensação, multiplicam-se os de mediana e os de diminuta corpulencia.

Bates, que permaneceu 11 annos percorrendo os nossos sertões, affirmou que, em certa epoca, no decurso de uma hora, podem ser observados 700 especies de borboletas *(lepidopteros).*

Outro naturalista, J. Natterer, colleccionou, nas suas excursões no Amazonas (1834-1835), 187 aves differentes. Um outro, A. R. Wallace (1848-1852) obteve 282 especies ornithologicas.

A collecção de E. L. Layarde (1872-1873), attingiu a 120 exemplares distinctos e não communs.

Tudo, porem, está certamente, em numero, longe da realidade.

As aves são admiradas pela sua belleza e, tantas vezes, pelo seu mavioso canto.

Os colibris são joias, da natureza tropical, confundindo-se com as flores sobre que adejam.

Wallace observou 21 especies de macacos *(simios)*, sendo 7 de cauda prehensora.

Luiz Agassis (1865-1867) reuniu, das aguas dos nossos rios e lagos, 80.000 peixes, cujas especies elle estimou em 1.800 remettidas para o Museu de Cambridge (Estados Unidos). Emquanto em toda a Europa não se conheciam mais de 150 especies ichthyologicas d'agua doce, o illustre professor constatou, no pequeno lago de Janauary, proximo á cidade de Manáos, 80 novas especies.

Outro especialista no assumpto, Charles Eigemnam (1891), verificou que havia exaggero naquelle numero, reduzindo-o a 498, somente do rio Amazonas.

Mais tarde os zoologos Urey e Boulenger fizeram novas descobertas, achando, este ultimo, 9 especies não classificadas no rio Juruá.

Segundo o Dr. Goeldi, ha 513 especies de peixes no Rio Mar. Comparativamente aos outros caudaes do planeta, é elle o maior viveiro ichthyologico que existe.

O naturalista G. Gounelli (1896) em um mez de caça aos bezouros *(coleopteros)* colleccionou, no arredores de Belem, 625 especies. Que seria se a sua collecta fosse mais duradoura e se estendesse a todo o grande valle?

A classe das aranhas (araneœ) conhecidas em todo o Brasil, contem cerca de 400 especies; bôa parte ao Amazonas, onde se observa a caranguejeira *(territelaria)*, feroz e de medonho aspecto.

Das 236 especies de reptis classificados em todo o paiz, não cabe, porem, maior porção a este Estado, pois, suas florestas não são, como as da India, perigosas pela abundancia de cobras temiveis.

Nos rios vêm-se os amphibios jacaré *(jacaré nigra)* e tartaruga *(chelonio)*, servindo esta de excellente alimento aos habitantes da região.

Declara o professor Augusto Forel (1894) que a fauna das formigas, na America do Sul, é a maior do mundo; comprehende 440 especies. Não se sabe quantas no Amazonas, onde seu numero se apresenta avultado. De todas, a mais conhecida, pelos estragos que produz, nos pomares e jardins, é a sauva *(genero atta)*, entidade singular que se alimenta dos cogumellos gerados das folhas trituradas, que corta e introduz nos seus viveiros subterraneos.

Na classe dos cetaceos, ha o peixe-boi *(manatus americanus)*, o maior vertebrado das aguas amazonenses, um typo exotico, de respiração pulmonar, mammifero, herbivoro e que, de peixe, só tem a forma.

Entre os marsupiaes, ha a mucúra (gambás), que tanto mal causam aos gallinheiros.

Seria longo, ainda que resumindo, qualquer estudo sobre a immensidade da fauna amazonense. Como exemplos, indiquemos apenas alguns exemplares das principaes classes.

Mammiferos.—Onça pintada (*felix onça*), onça vermelha (*felix concolor*), maracajá (f. *macrura*), maracajá-assú (f. *pardalis*), guaximim (*procyon cancrivorus*) coaty (*nasua sociatis*), juparà (*cercoleptes candivolvulus*), coatá (*ateles pentadactylus*), macaco prego (*cebus apella*), macaco de cheiro (*chrysothrix aciura*), sauim (*zapale ursula*), guariba (*mycetes ursinus*), barrigudo (*lagothrix Humboldtii*), acary (*brachiurus couchiú*) uapussás (*callitrix sciureus*), sahuim (*jacchus bicolor*), capivara (*hydrochoerus capybara*), paca (*coelegenis paca*), cutia cinzenta (*dasyprocta fuliginosa*), cutia vermelha (*d. crocronata*), cutiuaia (*d. aguti*), coandú (*cercolabes perhensilis*), coaty-purú (*sciturus aestuans*), veado pardo (*subulo rufus*), veado campeiro (*cervus campestris*), queixada (*dicotylis*

labiatus), caitetú (*d. torquatus*), anta (*tapirus americanus*), tamanduá-bandeira (*myrmecophaga jubata*), etc.

Aves. — Gavião real (*harpia destructor*), caipira (*urubutinga zonura*), gavião bello (*ichthyoburus nigricolis*), carará (*polyburus thaurus*), urubú de cabeça vermelha (*cathartes aura*); urubú de cabeça amarella (*c. urubutinga*), urubú rei (*sarcorhamphus papa*), curuja do matto (*syrium perspicillatus*), arara vermelha (*sittace macas*), arara canindé (*a coerules*), maracanã (*deroptyus occipitrinus*), papagaio moleiro (*chrysotis farinosa*), papagaio verdadeiro (*c. aestiva*), periquito grande (*conurus jendaya*), periquito pequeno (*brotogerys virescens*), tucano de papa amarello (*rhamphastus ariel*), tucano araçaty, anú coróca (*crotophaga maior*), frango d'agua (*porphyrio martinicensis*), saracura (*aramides chiricote*), pavãozinho (*eurypygia solaris*), guará (*ibis rubra*), coró-coró (*geronticus infuscatus*), colhereira (*platalea ajajá*), arapapá (*cancroma cochlearia*), socó-boi (*tigrisoma tigrina*), socó-y (*ardea virecens*), socó verdadeiro (*pilerodius pileatus*), maguary (*ardea cocoi*), garça grande (*ardea lence*), garça pequena (*a. coerulea*), tuyuyú (*mycteria americana*), jacamim (*psophia*), mutum de bico amarello (*alector*), mutum fava (*c. tuberosa*), mutum pinima (*c. sclateri*), jacú (*penelope jucucaca*), juruty ou jurity (*leptoptila rufaxilla*), pato silvestre (*cairina moschata*), marreca (*dendrycygna discolor*), marreca apehy (*d. viduata*), marreca anambahy (*querquedula brasiliensis*), gaivota (*gelochilidon angelica*), andorinha (*hirundo*), rouxinol (*sylvia lusciata*), arapeçús ou pica-paos pequenos (*dendrocolaptide*), maçarico pequeno (*tringa œilsonii*), maçaricão (*hirantopus brasiliensis*), téu-téu (*benelopterus cayanensis*), anambús (*cotingida*), ariramba grande (*ceryletorquata*), ariramba verde (*ceryle amazona*), corta agua (*rhynchops melanura*), mergulhão (*podicipes dominicus*), tangará (*pipra rubricepilla*), sahy (*chlorophanea spiza*), uirapurú (*pipra nattererii*), colibris (*pipilæ cujubi*), aracuã (*ortalis aracuam*), unicornio (*palamedea cornuta*), *etc., etc.* (Vide «As Aves do Brasil», pelo Dr. E. Goeldi).

Reptis. — Jacaré-assú (*caiman niger*), jacaré-tinga (*c. scleropis*), Jacruarú (*tupmambis nigropuntabus*), camaleão ou camelleão (*iguana tuberculata*), camaleão pequena (*polychronus marmoratus*), jaboty (*testudo tabulata*), aperema (*nocoria punctularia*), tartaruga do Amazonas (*podocnemia expansa*), tracajá (*p. dumeritiana*), Jabuty matamatá (*chelys fimbriata*), giboia (*boa constructor*), surucucú, sucurijú (*eunetes murinus*), cobra coral (*ilysia scytales*), cotimboia (*herpotodryas carinatus*), etc., etc. (Vide *Fauna dos Reptis do Brasil*, pelo Dr. Emilio Goeldi, *in* Boletim do Museu Goeldi, vol. I, pag. 402 e seguintes).

Peixes.—Acará (*heros Goeldii*), acará-assú (*lobotes somnolentus*), acará branco (*geophagos surinamus*), acará-péua (*mesonauta insignis*), acará-pixuna (*tetragennopterus abramis*), acará-diadema, acará-bandarra,

acará-folha, etc.; acary (*centrarchus sychla*), aracú (*leporinus*), arraia (*trigon*), aramaçá (*solea maculipinis*), aruanã (*osteoglossum bicirrhosum*) bagre (*arius*), baiacú (*tetrolon pitacus*), candirú (*cetopsis spc.*), caratany (*doras weddellii*), curimatã (*prochilodus rubrotaematus)*, cuiú-cuiú (*doras niger*), dourado (*pirapitinga ronosiauxu)*, jacundá (*bathrachops reticulatus)*, jundiá (*pimeladus muldraciatus)*, jaraquy (*prochilodus binotalus)*, jatuarana (*chalceos taeniatus)*, tucunaré pintado (*cichta flavo-maculata)*, mandubé (*ageniosus brevifelis)*, mandihy, mapará (*hypophthalmus)*, matrinchão (*brycon brecicatum)*, matupiry (*tetragonopterus maculatus*), mussù (*engycstoma mamoratus*), oirana (*bryconopus lucidus)*, pacú (*tetrogopterus schomburkii*), peixe agulha (*belone taeniata*), peixe cachorro (*anchenipterus striatulus*), peixe lenha (*platystomatichthys sturio*), piaba branca (*curimatus vittatus*), pescada (*plagiocion spuamossimus)*, piracatinga (*pimelodus pati*), pirahyba (*bagus reticulatus*) piramutaba (*bagus piramuta*), piranambú (*pirinampus typus*), piranha (*serraselmo,* div. variedades), pirapitinga (*chalceus opalinus*), piratapioca (*anacyrthus Mirii*), pirarucú (*sucis gigas)*, puraqué (*gymotus electricus*), rabecca (*aspredo sotylophrus*), sarapó (*carapus fasciatus*), sarabiana (*cichla temensis*), sardinha (*agoniate halecinus*), sorubim caparary (*platystoma corrucans)*, tambaquy (*myletes macropomus*), tamuatá *callichthys longifilis*), trahira (*macrodon trahyra)*, tucunaré (*cichla ocellaris*) etc. etc. (Vide «Primeira contribuição para o conhecimento dos peixes do valle do Amazonas e das Guyanas», pelo Dr. E. Goeldi; «A pesca na Amazonia», pelo Dr. José Verissimo).

A fauna dos mosquitos é tambem abundante, sendo o mais incommodo o carapanã (*stegomia fasciata*) que se torna, em os logares paludosos, a maior *praga* que infelicita a região, não só porque as suas picadas são dolorosas, como porque transmittem a malaria.

CAPITULO III

Geologia e Mineralogia

Formação da bacia Amazonica.—Os terrenos que constituem esta vasta bacia, ainda não estão perfeitamente estudados. As investigações feitas por C. F. Hartt, Orville Derby, Hatzer, Chandless, Silva Coutinho, Agassis e outros scientistas de nomeada, não bastam ainda para evitar duvidas sobre certas regiões, afastadas dos rios, que elles não percorreram. Todavia, o manancial que reuniram, baseados na paleonthologia, fez luz sobre o assumpto, embora insufficientemente para dar uma ideia completa e indiscutivel de todo o valle.

A respeito da origem da grande bacia, prestemos attenção á hypothese formulada pelo professor Hartt, a maior auctoridade que podemos invocar: "O valle do Amazonas, ao principio, appareceu como um largo canal entre duas ilhas, das quaes uma constituiu a base e o nucleo do planalto brasileiro, e a outra ao norte do planalto da Guyana. Estas linhas apppareceram no principio da idade siluriana ou um pouco depois della. Naquella epoca, os Andes não existiam ainda». «Neste canal, diz o professor Derby—foi depositada uma serie de camadas representando os terrenos siluriano superior, devoniano, carbonifero e cretaceo, as quaes appareceram successivamente de um e outro lado, em terra firme, estreitando-se assim a passagem entre as duas ilhas. O levantamento dos Andes é posterior á deposição destas camadas» «Antes da apparição destas camadas—continua o professor Hartt—o valle do Amazonas consistia simplesmente em dois golfos unidos por um estreito canal. Os Andes irromperam na entrada do golfo de Oeste, convertendo-se em verdadeira bacia, posto que com sahidas tanto para o Norte como para o Sul. Todo o continente foi depois deprimido, de tal modo, que as aguas cobriram amplamente os planaltos da Guyana e do Brasil, e as camadas terciarias foram ahi depositadas, variando em espessura e constructuras, conforme as condições em que foram formadas. E' de suppor que estas camadas se tivessem adaptado, em nivel com o fundo sobre que tenham sido depositadas, conservando-se mais altas nas mais baixas margens da bacia e immergindo das margens para o centro.

Quando o continente surgiu outra vez sobre as aguas, primeiramente levantaram-se os planaltos nivelados por sua acquisição de depositos; porem, logo depois, os actuaes divisores das aguas, ligando os grandes planaltos com os Andes, vieram acima da agua e o valle tornou-se um mediterraneo, communicando a Leste com o Atlantico por um apertado canal.

As camadas terciarias da provincia do Pará, sendo pouco cohe-

rentes, foram rapidamente desmembradas pela acção do mar, durante o levantamento do continente. Provavelmente emquanto a Guyana existiu como uma ilha, o Amazonas sentiu a acção da corrente equatorial que muito devia ter influido no transporte dos detrictos da desnudação.

No fim, as camadas terciarias foram varridas sobre uma immensa extensão de territorio, conservando-se a serra do Parú e as montanhas semelhantes ao Norte, como monumentos da sua existencia.

Em Monte Alegre, em Santarem e perto de Alter-do-chão (no Tapajós) os monticulos largos, arenosos, arredondados parecem representar hoje nada menos que restos das collinas terciarias que foram derrocadas e em parte reestraficadas, até que appareceram como enormes bancos de areia. Emquanto o manto terciario se desnudava, as correntes das terras altas foram rasgando por si mesmas numerosos valles atravez das camadas, e estas formando estuarios, dilatando-se em maior extensão do que teria sido possivel fazer as proprias correntes. Durante a epoca da desnudação, foram deixando varios depositos não só no fundo do mar interior, porem, tambem no golfo em que se abria a Leste.

Continuando a sublevação, o mar interior, agora pouco fundo, em virtude da deposição de muitos sedimentos, e ao mesmo tempo salobro pelo tributo de milhares de correntes, estreitou-se rapidamente, quanto á sua area, é o rio Amazonas, que antes desaguava em um lago ao pé dos Andes, começou a estender o seu curso, seguindo as aguas que se retiravam. Por fim, o canal que communicava com a bacia interior, se foi estreitando entre a linha de montes que se estendem de Obidos á Almerim, e aos altos de Santarem, em uma distancia não menor de 30 ou 40 milhas. Este ponto foi o que mais se estreitou.

Devo accrescentar que o curso do rio acha-se apertado presentemente em Obidos pela extensão das planicies alluviaes no lado do Sul».

«Esta exposição—prosegue o professor Derby—explica claramente a formação da varzea, das planicies baixas do Pará, e das planicies altas do interior da provincia. Resta dizer que os terrenos accidentados são devido ao apparecimento, em virtude da desnudação das camadas terciarias, das camadas inclinadas, das formações mais antigas do que a terciaria, incluindo a cretacea, a poliozoica e a archeana.

As rochas das antigas ilhas, primeiras terras emergidas no oceano, que occupavam a area em que o continente se formava, têm sido profundamente metamorphoseadas sendo convertidas em granito, gneiss, quartzito schisto metamorphico, e por isso podemos determinar aproximadamente a extensão daquellas ilhas, estudando a distribuição das rochas metamorphicas. As do Norte apparecem nas altas montanhas que formam o limite politico entre a Guyana e o Brasil. E, abaixando-se para o Sul, extendem-se até uma linha que, partindo de um ponto perto do Atlan-

tico e da fóz do Amazonas, quasi em latitude de 1º N. corre para Oeste, declinando um pouco para o Sul, até encontrar o rio Negro na confluencia do rio Branco, entre as latitudes de 1º e 2º S. Nesta linha, que apresenta a antiga costa, as rochas metamorphicas em geral só apparecem á superficie nos valles dos rios, em virtude da desnudação das camadas sobrepostas„ (Archivos do Museu Nacional do Rio Janeiro, vol. II, pag. 83 e seg).

O professor Agassis, baseado na theoria das geleiras e considerando o papel que os *blocos erraticos* desempenharam, para determinar a physionomia das terras, assim explica a formação da bacia amazonica: "Qual é a origem desta planicie na qual o Amazonas traçou o seu curso e que a corrente sulca sem lhe accrescentar cousa alguma?

O Amazonas apenas forma algumas ilhas. As ribas não são os productos de depositos lodosos. Vejamos primeiro qual é o caracter dos depositos amazonicos. O complexo desses depositos acha-se acima do nivel do mar, posto que em um plano pouco elevado. As camadas mais baixas são visiveis para toda a parte, desde o Huallaga até Marajó. Formaram-se com um leve declivio de O. para E. Sempre e por toda a parte apresentam um triplice caracter. No fundo são marnas, argillas tão finas, de tal modo trituradas, que é quasi impossivel distinguir-se-lhes os grãos. Formam ellas uma massa absolutamente uniforme e homogenea. Depois apparece uma mistura de argilla e areia, e finalmente uma areia cada vez mais grossa. Assim 1.º—uma areia grossa misturada com pedras roladas; 2.º—uma areia fina depositada em camadas reguladas e delgadas; 3.º—bancos ou laminas de argilla em camadas tão finas que são ás vezes delgadas como uma folha de papel; eis na ordem de superposição o primeiro systema observado em toda a parte. Um deposito uniforme, sem modificação interna, sem mistura de pedras roladas, formado de uma massa tão fina que parece resultar de materias excessivamente trituradas, um deposito, em fim, disposto em folhas nimiamente delgadas, não pode evidentemente ter-se precipitado senão em aguas extremas e constantemente tranquillas. Se tivesse havido correntes, redemoinhos, as camadas apresentariam diversas inclinações, formariam angulos mais ou menos salientes; ora, o seu caracter notavel é um parallelismo e uma continuidade extraordinarios.

Acredita que não existe em nenhum logar um deposito tão extenso de uma materia tão homogenea.

Com effeito, não é somente nos sitios percorrido pelo Amazonas que se nota este deposito; tambem pode ser visto nos valles lateraes, não só nos do Tocantins, Xingú, Tapajós, Purús, como nos do Içá, Japurá e rio Negro. Neste o Snr. Agassis observou as mesmas argillas até o confluente do Rio Branco.

Ainda mais, e eis de certo um facto com que os ouvintes não contavam, essas mesmas argillas apparecem no valle do Maranhão, Itapicurú, e no Parahyba. O caracter é o mesmo, o mesmo o nivel, isto é, essas argillas ali ficam descobertas quando as aguas baixam na estação da secca.

A camada que termina o deposito e lhe forma a superficie é uma especie de verniz de crosta uniformemente lisa, sem erosão, o que mostra que as argillas não foram desnudadas antes da formação dessa mesma camada. Por cima deste mesmo systema, apparece outro deposito de grés composto de saibro, de grão de rocha, desiguaes, de um grés grosseiro emfim, producto de materias diversas, mas precipitado em camadas parallelas, onde se formou o deposito do primeiro systhema, o que indicaria, com effeito, o parallelismo das camadas, a não ser a descida lenta, continua, serena, sem agitação das materias que se achavam suspensas na agua?

Todavia, nesta segunda ordem de camadas, ha a notar duas cousas: A primeira é a diversidade na natureza do grés; mistura de areia grossa, de silice, de calcareo, de oxido de ferro o mais das vezes; é um grés ás vezes durissimo, em alguns pontos tão cheio de ferro que assemelha-se a este metal ao sahir da mina; em summa, sempre um grés grosseiro. A segunda é a que, ás vezes, descobre-se o vestigio de uma acção violenta das aguas. Assim, notam-se camadas muito inclinadas, como as que se formam sob a influencia das correntes e dos redemoinhos, e apresentando, emfim, essa especie de stratificação que os geologos chamaram *torrencial*. As camadas desta qualidade alternam com outras que conservam o seu parallelismo. Este phenomeno não pode produzir-se senão em aguas movidas de uma certa corrente, sujeitas a redemoinhos, com velocidades desiguaes, só assim poderão precipitar-se depositos ora parallelos, orá obliquos.

Este systema, o mais consideravel, tem, ás vezes, oitenta, cem, e até mesmo mil pés de espessura em alguns sitios; e, por toda a parte, se apresenta com o mesmo parallelismo. Para chegar a formal-o, cumpria necessariamente que as aguas houvessem subido mil pés acima do nivel primitivo do valle. Por emquanto, notae bem, as camadas mais baixas são parallelas; em toda a extensão da bacia têm ellas, como as camadas de argilla o mesmo declivio; são parallelas á base e ao plano de inclinação; emfim, em alguns sitios estas camadas sobem 1.000 pés acima do nivel actual das aguas. Teria existido, por ventura, algum embaraço que represasse as aguas e impedisse o seu curso?

E' parallelamente as camadas do fundo actual que se acham dispostas as camadas elevadas que o observador encontra e que dão ao valle amazonico um aspecto uniforme. Por toda a parte, estas camadas têm o mesmo caracter, a stratificação torrencial alternando com as camadas parallelas!...

Um terceiro deposito acha-se assentado sobre os dois primeiros. Resulta elle da conglomeração de argillas arêentas mui finas, semelhante ás que se acham nos arredores do Rio de Janeiro e que mal apresentam vestigios de stratificação. As camadas são indistinctas, o seu todo parece homogeneo, e foi evidentemente posto em cima das outras por acções mui diversas. E' certo que do intervallo dos dois depositos, houve necessariamente uma mudança no regimen das aguas.

A prova disso está em terem as argillas do terceiro systema penetrado por toda parte, nas desigualdades produzidas na superficie do grés. Esta superficie é profundamente ondulada, cheia de asperidades, de sulcos que muitas vezes chegam ao grés inferior. As aguas a cavaram, tiraram-lhe espessuras variaveis, e foi nas escavações assim produzidas, nestas desigualdades, até por cima, que se operou o deposito das argillas arêentas deste terceiro systema superior.

Todavia, as argillas não chegam em parte alguma á altura dos grés. Onde quer que estas apresentem a altura de duzentos pés de elevação, já não apparecem as argillas ocreas; só são encontradas nas partes baixas. Sua altura é a das mais altas aguas, na estação em que ellas chegam ao seu maximo de elevação. Então vê-se ao longo do rio esta argilla côr de laranja. Quando, pelo contrario, chega a epoca do anno em que as aguas descem ao nivel o mais inferior, apparecem as argillas do fundo, as do primeiro systema. Se, pois, se apresentasse por meio de um semi-circulo a secção vertical do rio, a corda maior poderia figurar a linha das enchentes, a em que apparecem as argillas ocreas; uma corda menor marcaria o limite das maiores vasantes, o em que se mostram as argillas miudas e a areia grossa do fundo.

As ribanceiras, no intermedio, compõem de grés em stratificação torrencial. Examinando todas estas modificações diversas, a reflexão induz a pensar que o proprio rio formou as depressões que se notam na superficie dos grés. Elle gastou, carcomeu esta superficie sobre a qual se depositam as argillas. O regimen actual só começou a existir depois que o volume das aguas se achou reduzido. A bacia esteve outr'ora cheia até um nivel infinitamente mais elevado.

O Amazonas formou necessariamente os tres depositos e depois baixou ("Conversações scientificas sobre o Amazonas", pag. 4 e seguintes).

Pelo que se acabou de ler, o Estado do Amazonas, contem terrenos mais ou menos complexos, predominando, ás margens dos rios, em trechos extensos, mas interrompidos, depositos ou tractos sedimentarios. São as nossas grandes varzeas submersas annualmente pelas enchentes do Rio Mar e dos seus tributarios. Acredita-se que seja tal camada o resultado da desnudação dos systemas orographicos vizinhos ao immenso valle. Ha, nesses lençóes, alguns que as aguas mal submergem: outras,

porem, certamente mais recentes, permanecem tres e quatro mezes escondidos na grande massa liquida.

Qualquer, todavia, que se considere, é sempre vestido por uma vegetação ubertosa, caracteristica, constituindo, ao tempo das invernias, os igapós, por onde vagueiam as pirogas indigenas. Essas terras são frouxas, instaveis, e, ao contacto das correntes fluviaes, constantemente arrastadas, alterando assim, a physionomia e a direcção parcial dos rios.

E' em consequencia desses movimentos geologicos que surgem, como desapparecem, ilhas e bancos de areia no seio dessas correntes impetuosas.

Interpoladamente, encontram-se, como linguas de terras que se desprendem dos proximos systemas orographicos, camadas mais elevadas, de estructura consistente, compostas de argilla branca ou vermelha, tendo, á base, nos limites das enchentes, abundancia de pedras negras ou avermelhadas, umas ainda em estado de estratificação. São as chamadas *terras firmes* que regulam uma altitude de 25 a 500 metros acima do nivel do mar. Convem ponderar que estas formações não são, ás vezes, continuas, no seu afastamento do limite aquoso; existem tambem como vastas ilhas isoladas no seio dos varzeados, marcando as ondulações de planicie amazonica e os varios desenhos do seu aspecto.

As terras do rio Negro differem um pouco. A seu respeito, diz o engenheiro Silva Coutinho: «A rocha predominante é o psamnito mais ou menos decomposto. Em toda a extensão do rio, encontram-se duas camadas bem distinctas de argilla; uma inferior, de argilla branca, fina, muito plastica; a segunda é superior é de argilla colorida de vermelho pelo oxydo de ferro.»

Outras vezes as camadas misturam-se com areias de varias cores. Noutros logares, a argilla é vermelha; mais adiante, roxa. As camadas inconsistentes são menos abundantes que no Solimões. "Em todo o leito do rio (refere-se ao rio Negro), encontram-se pedras, ora reunidas e salientes formando ilhas, em cujos intervallos se depoz a terra acarretada pelas aguas.

Pode-se dizer que de Barcellos para baixo, só existe o psamnito, e do mesmo logar para cima é o granito que predomina. («Relatorio sobre o estado das povoações do Rio Negro», pelo Dr. L. Coelho-1861.)

Os terrenos do alto Rio Branco apresentam outro caracter geologico. As rochas são mais duras, abundantes em metaes e pedras preciosas positivamente de uma genese mais antiga. São ali, communs os crystaes de rocha, a malacacheta, etc. Até mesmo varia o aspecto das terras. Em vez de florestas virgens, campos que se dilatam numa extensão de leguas. Fóra dessa região, para o Sul do Estado, predominam os schistos argilosos conforme observações do Coronel Pereira Labre e do inglez W. Chandless. Diz o primeiro, referindo-se ao alto Purús: "As terras altas

são de barro vermelho granitado e terrenos muito porosos; e, nos logares povoados de palmeiras, são pardacentas na superficie e misturadas ligeiramente de areia e boas camadas vegetaes, sendo o fundo de barro vermelho» ("Noticia sobre o Rio Purús", pag. 7).

Infere-se, de todas estas informações, que constituem um ligeiro esbôço do «facies» da geologia desta região, não obstante a insufficiencia de dados paleonthologicos, infere-se, diziamos, da complexidade das camadas já observadas.

"O valle do Amazonas — pondera o Dr. T. Tapajós — apresenta-se em tres secções distinctas por seus caracteres physicos. A sua historia geologica, ligada por traços geraes de formação primitiva, apresenta entretanto traços de dessemelhança que bem mostram o acerto com que na sciencia se mantem a divisão do grande rio em tres secções: a do Amazonas, a do Solimões e a do Maranhão" («O valle do Amazonas», pag. 52).

Igualmente têm sido encontradas camadas carboniferas em varios pontos do Estado. Nos rios Juruá, Jatapú, Solimões, Negro, etc., ha depositos que afloram á superficie da terra. Recentemente, subindo o penultimo daquelles rios, os engenheiros de minas Drs. Avelino Horacio de Oliveira e Paulo Franco de Carvalho chegaram á Tabatinga, onde fizeram os estudos geologos da região, verificando, no igarapé Santo Antonio, a existencia de uma faixa de carvão, com a espessura de 1^{m},50. Achando-se o afloramento completamente submerso, numa profundidade minima de dois metros, a commissão mandou extrahir os blocos de carvão por uma turma de mergulhadores, obtendo cerca de quatro toneladas daquelle minerio, em grandes blocos. Para conseguir amostras do minerio isento da acção das aguas, a commissão mandou abrir dois póços de minas na terra firme, para verificação da camada do carvão. Apezar de não terem encontrado nenhum fossil, cujo estudo podesse indicar a idade precisa do carvão, pensam os engenheiros que o minerio existente no alto Solimões pertence á epoca terciaria.» (Entrevista dada pelos referidos engenheiros, ao «Jornal do Recife», de 24 de Abril de 1919).

Friederick Katzer, diante dos fosseis que encontrou no valle do Amazonas, não hesitou em affirmar que esses terrenos altos são mais antigos, pertencendo á epoca paleozoica, anteriores mesmo ás formações carboniferas.

Eis, em ligeira apreciação, os conhecimentos que existem sobre a geologia do Amazonas.

Mineralogia. — A constituição, em grande parte, sedimentaria das terras do Amazonas indica pobreza de mineraes. Nos terrenos firmes, todavia, têm-se encontrado jazidas cuja importancia as explorações ainda não reconheceram.

A região do rio Branco (Norte do Estado), é uma das mais ricas. D'ali, apparecem amostras de crystaes de rocha, esmeril, malacacheta, sal gemma, diamantes, aguas sulphurosas, etc.

No rio Içana, affluente do rio Negro, ha talco, tabatinga no Solimões, kaolim, no lago Purupurú, municipio de Itacoatiára, pedras de amolar e granito, no rio Negro.

Em toda a parte encontram-se argillas de differentes côres, proprias para a manufactura de tintas.

Ferro, mica, areias coloridas tambem são encontradas nos terrenos firmes. Notaveis por sua belleza, são os granitos roseos de Moura e do rio Uatumã, bem assim pyrite e areias cuja analyse revelou a presença de cobre, arsenico e zinco. Neste rio tambem ha ardosias (lousas) e granito preto,

Formando a base dos terrenos altos, acham-se pedras de construcção, de côr avermelhada e faceis de lavrar.

Ha camadas carboniferas em varias localidades do interior, conforme provam amostras vindas do Solimões, Juruá, Uatumã, etc., todas por explorar. Orville Derby verificou a existencia dessas camadas.

Recentemente, o Snr. Dr. Luiz Gonzaga de Campos, chefe da secção geologica do Museu Nacional, pesquizando as jazidas carboniferas do Amazonas, affirmou que nelle existem duas bacias abundantes desse minerio: uma na região inferior do Pará e Amazonas (Tapajós e Madeira) e a outra para Oeste, no trecho do Solimões e seus affluentes. As conclusões do Parecer que apresentou ao Governo, relativo aos estudos effectuados nesse rio, declaram, entre outras cousas, que as camadas de carvão são sensivelmente horizontaes e comprehendem uma area approximada de 30.777 kilometros quadrados, variando a espessura entre 0,m20 e 1,m60.

Diz ainda esse Parecer que "em pouco tempo se extrahe delle (deposito) a quantidade de combustivel sufficiente a prover as necessidades urgentes dos transportes maritimos e terrestres.

O Relatorio do Dr. Gonzaga Campos menciona tambem as jazidas do Içá e do Japurá, que poderão, diz elle, fornecer quantidades consideraveis de carvão, comquanto sua exploração seja mais difficultosa. Termina declarando que o carvão de peior qualidade do valle do Amazonas dá 70 % de effeito util em relação ao melhor carvão de Cardiff. Alem deste importante mineral, a que se acha preso interesse economico de todas as industrias, ha ainda, no Amazonas, o feldspatho verde, trapp, syenito, jade, nephretite, beryllo, quartzo hyalino, orthose verde, etc., encontrados como ornatos dos indigenas. "Alguns desses objectos — diz o General Belarmino de Mendonça — segundo os caracteres das amostras geologicas que encerram, denunciam a existencia de terrenos de crys-

tallização e pertencem a rochas compostas, de origem ignea ou plutonica. D'ahi é licito inferir que o sub-solo, senão algumas ramificações das montanhas amazonicas, é de formação ignea e *deve encerrar os mineraes* componentes das rochas dessa natureza.

CAPITULO IV

Orographia e Nesographia

Orographia.—Em outra parte deste trabalho, dissemos que o Amazonas, pela disposição quasi horizontal das suas terras, não tem montanhas, nem serras consideraveis. Na linha O—L. do grande valle, numa faixa que mede centenas de kilometros, apenas se encontram ligeiras ondulações, sem importancia geographica. Com excepção da serra de Parintins, situada na parte Oriental do Estado, espelhando-se nas aguas do grande rio, notam-se somente terras firmes interrompidas pelos varseados, distinguindo-se as de S. Paulo de Olivença, que julgamos não estarem a 500 metros acima do nivel do mar.

A feição orographica do valle do Amazonas, referente a parte brasileira, manifesta-se melhor no Estado do Pará, na região em que assenta a cidade de Obidos, exactamente onde se avistam, ao descer o rio, varias serras, que Agassis, garantiu não pertencerem ao systema Parimo-guyano.

Em terras amazonenses, é, somente, entre as bacias dos rios Negro e Nhamundá, que se deparam algumas serras, que podem merecer apreço, principalmente as que servem de limites com a Colombia, Venezuela e Guyana Ingleza. São ellas: *Caparro, Pirapucú, Imery, Tapyrapecó, Parima, Imeary, Paracaima* e *Roruima*, sendo esta o ponto culminante da fronteira.

No alto rio Negro, banhadas pelo rio Içana, vêm-se as de *Molepity* e *Hecupanapáno* no rio Uapés, a dos *Tocanos* e *Sucurá-urá*, visitadas pelo naturalista J. Natterer, em 1832. Ainda, nessa região, encontram-se as serras *Pituna, Guricuyary, Uaméco, Cabo Frio, Panella, Jacamin, Cucuhy* (onde assenta o forte do mesmo nome) e a do *Tunuhy*.

Na zona do rio Branco, notam-se: as do *Tucano, Lua, Malacacheta, Jauará, Sumurú, Juruparú, Castanha, Conceição, Crystaes, Pellada* ou *Tacamiaba*, etc.

Na região do Japurá: a do *Cupaty*, a do *Apaporys* com 270 metros de elevação, nos limites com a Colombia. A' margem direita do Nhamundá: *Cupiranga, Castanha, Taciú* e *Azul*.

As terras banhadas pelos affluentes da margem direita do Amazonas, dentro do territorio do Estado, fazem parte da planicie que se extende até o Territorio do Acre: caracterizam-se pela ausencia de systemas orographicos.

Nesographia.—O rio Amazonas e seus affluentes são povoados de innumeras ilhas, na sua maior parte, de terras alluviaes e muitas de grandes dimensões. Encontram-se, não só encostadas ás margens, apenas

separadas por paranás ou paraná-mirys, como ao meio do rio, tentando resistir o impeto das correntes. De outras vezes, as aguas as destroem de um ponto para fazel-as surgir mais além. Em outras occasiões, vão as ilhas sendo esbarrondadas, na sua parte superior ao mesmo tempo que augmentam na inferior, apresentando o singular phenomeno de *descerem*, principalmente no Solimões.

Não é surpreza para ninguem, que conheça a instabilidade das ilhas do Amazonas, vel-as, desapparecer como despontar outras, que começam por um «baixo» ou banco de areia, tornando-se, annos depois, em grande terra coberta de floresta virgem, que, nem sempre. se transforma em igapós, tal a elevação que attinge sobre o nivel commum das enchentes.

São permanentes as ilhas defendidas pelos remansos. As principaes do Amazonas, a contar da fóz do Nhamundá até a do Madeira, são: das *Cutias*, onde o Estado mantém um posto fiscal de rendas; *Ciganas*, formada pelo paraná do Espirito Santo, em frente á cidade de Parintins; a *Grande de Serpa; Tupynambarana*, a maior do Estado, formada pelo paraná ou furo de igual nome; a de *Trindade*, em frente á fóz do Madeira. Deste ponto á embocadura do rio Negro: a do *Autaz, Amatary, Cururú, Eva, Paurá, Terra Nova* ou *Careiro*. Da embocadura do rio Negro ao Purús: *Xiburena, Curary, Muras, Paciencia, Jacurutú, Caldeirão, Conceição, Manacapurú*, ou do *Belem, Marrecão, Paratary, Piriquitos, Guajaratuba, Iauára* e *Purús* ou da *Consciencia*.

Da embocadura do Purús á do Coary: *Coxiuára, Tipitys, Barreiras, Codajás, Cipótuba, Camará, Trocary, Botija, Innã* e *Coary*.

Da fóz do Coary á do Teffé: *Apaurá, Cumarú, Tucuman, Jacytara, Ipixuna, Carapanatuba, Onças, Flexal, Boary* e *Coanarú*.

Da fóz do Teffé á do Juruá: *Tururys, Uapé, Capacam, Canariá, Jauaritê, Jussára, Jacaré, Coaty, Yára, Coapany* e *Teiú*.

Da fôz do Juruá á do Javary: *Palheta, Taiassutuba, Tupé, Tananiá, Araçátuba, Tarará, Uaracá, Urutuba, Bararoá, Timbotuba, Xamarié, Panellas, Caniny, Marariá, Amaturá, Caturiá, Algodoal, Tupenduba, Iaióra, Maracanatuba, Urary, S. Rita, Juruparytapera, Carapanatuba, Caiary, Caldeirão, Capiaby, Javary* e *Aramaçá*.

Ilhas banhadas pelo rio Madeira: *Capitary, Urucurituba, São Sebastião, Rosario, Valentim, Maracá, Axinim, Magericão, Goyaba, Trucana, Borba, Guajará, Mandihy, Carapanatuba, Sapucaya* ou *Jacaré, José-João, Aripuanã, Aráras* (a maior de todas), *Uruá, Mirity, Genipapo, Matupery, Murassutuba, Jacuárana, Onças, Jurará, Marmellos, Uruapiára, Baetas, Muras, Pagé, Piriquitos, Piraiuára, Puncã, Mariahy, Guaribas, Pirahybas, Arraias* e *Flexas*.

Ilhas banhadas pelo rio Purús: *Ananaz, Tatú, Elba* e *Guajaratuba*.

Ilhas banhadas pelo rio Juruá: *Minerqá, Berêo, Tucuman, Bauna Branca, Arapary,* formadas pelos paranás de iguaes nomes.

Ilhas banhadas pelo rio Negro:—Ao contrario do Purús, o rio Negro contem verdadeiros archipelagos, que começam desde poucos kilometros acima de Manáos, por entre cujas ilhas as aguas formam labyrinthos de canaes. A partir da fóz, notam-se as seguintes: a do *Marapatá,* abaixo daquella cidade, as de *Anavilhana, Mazagão, Cabeçudo, Macella, Queimada, Janauary, Muirapinima, Arapary, Umirytuba, Onças, Joaricoró, Cururu-tapera, Inajatuba, Salvação, Gloria, Urupanaca, Guariba,* (até a fóz do rio Branco), *Mauarú, Tatoá, Curubá, Conceição, Flexal, Papagaio, Itá* (até a povoação de Santa Izabel); *Crianças, Boa Vista, Carmo, Abelha, Maçarahy, Jurupary, Uacaburú, Cachimbo, Maracaimbara, Cutia, Guaribas* (até a povoação de S. Pedro), *Ninada, Maraciquy, Mabê* e outras até a fóz do rio Içana.

A grande ilha *Pedro II* é constituida pelo alto rio Negro, Cassiquiare e um braço que vae ao rio Dimity.

Ilhas banhadas pelo rio Branco: *Arapapá, Passarão, Guariba, Sacahy, Papagaios, Santa Maria, Boiossú, Arauanã, Mamoré-pauá, Andirá, Matamatá, Curuá, Assahytuba, Veado, Fonseca, Carapanatuba, Jacamys, Inajatuba, Caracarahy, Conceição,* etc.

Ilhas banhadas pelo rio Uatumã: *Boa Vista* e *Uajará-uacá.* No rio Urubú: *Correnteza,* acima da fóz do lago da Gloria.

Quarta Parte

CAPITULO I — Industrias extractivas.
CAPITULO II — Industria da pesca.
CAPITULO III — Pecuaria.
CAPITULO IV — Agricultura.

O seringueiro em sua tenda de trabalho

QUARTA PARTE

CAPITULO I

Industrias extractivas.

A exploração das florestas virgens do Amazonas absorve a maior actividade industrial do Estado, restando uma parte minima para a agricultura, criação, pesca e commercio.

Foi, a principio, a extracção da salsa, puchury, oleo de copahyba, breu, estôpa, piassava, cumarú e castanha, que attrahiu as primeiras levas de civilizados precedidos pelos «regatões», aos quaes podemos chamar os *bandeirantes* das antigas conquistas amazonenses. A docilidade dos selvagens, acceitando o contacto e a influencia dos *brancos*, muito concorreu para o exito das penetrações sertanejas. Foram esses primitivos habitantes das selvas que serviram de guias para mostrar as localidades mais abundantes de «drogas», da mesma fórma que guarneciam as embarcações a remo, em que se conduziam as aziagas do commercio e os productos da colheita.

Os objectos de consumo eram enviados de Belem do Pará, centro de todas as transacções da antiga Comarca do Alto Amazonas.

A variada fauna do grande rio teria de fornecer tambem elementos para essa actividade incipiente, mas arrojada. Assim foi. O pirarucú secco, a conserva de peixe-boi (mixira) e o oleo de ovos de tartaruga faziam parte da exportação.

Até 1852, todo o movimento commercial se realizava em pequenos barcos a remo ou á sirga, dispendendo mais de seis mezes numa viagem redonda.

A esse tempo, entre os productos exportados, já apparece a borracha, cujo papel economico teria, como veremos, de revolucionar a modesta situação commercial da Provincia, mudando de rumo os intuitos dos collectores de «drogas» e extinguindo, por outro lado, a agricultura, que se desenvolvia no rio Negro. D'ahi exportavam-se anil, café, algodão, cordas de piassava, rêdes de tucum, etc. As roças de mandioca abasteciam os centros industriaes. As serrarias e olarias forneciam os materiaes para as construcções de Barcellos.

O braço indigena era largamente aproveitado em todos esses misteres. Os missionarios catholicos, aldeiando os aborigenes e ensinando-lhes a fórma do trabalho, completavam a acção dos governadores no aproveitamento das terras e das riquezas florestaes.

A gradual valorização da borracha, estimulada pela melhor facilidade dos transportes a vapor, creou depois uma vida mais intensa, pela atracção de novos elementos de trabalho, dando, porém, em resultado o quasi abandono das outras culturas e da extracção dos antigos productos.

Borracha. — A industria extractiva da gomma elastica (hevea) tornou-se, de cerca de 40 annos a esta parte, a quasi exclusiva fonte de vida commercial do Amazonas. Sua producção, sempre crescente, como crescente a sua valorização, fizeram deste Estado um centro de grandes negocios, base dessa prosperidade que transformou Manáos, de obscura, em magnificente, em quanto durou a porfia da procura do *ouro negro* pelos paizes em que se fundou e desenvolveu sua manufactura.

Extracção do latex da hevea

O anno de 1910 assignalou o apogeu da cotação da gomma elastica, pois que, em certa occasião, cada kilogrammo foi pago a 17$000! Provocou o delirio da especulação. Uma onda immigratoria invadiu todos os recantos do Amazonas, ávida de recolher a maior porção desse producto. Nesse anno, 50.000 pessoas entraram no porto de Manáos, na sua maioria, destinadas ao interior, para o trabalho da extracção.

Nos certamens da borracha, levados a effeito em Londres, New York, Rio de Janeiro, Manáos, etc., o Amazonas primou pela quantidade e brilhou pela qualidade de suas amostras, desprezando a ameaça da concorrencia, que lhe estavam a fazer as plantações asiaticas.

Não se cuidava, aqui, de melhorar o processo de fabricação, nem da cultura de novos seringaes capazes de, um dia, substituir as *arvores martyres*. Aproveitavam-se sómente as que a natureza guardava no seio das mattas.

A devastação traria suas funestas consequencias, ao mesmo tempo que as plantações de Malaca, Java, Ceylão, etc., produziam, pelo começo do abastecimento, a baixa do preço nos mercados manufactureiros. A borracha deixou de ser por algum tempo, o ouro negro das transacções

no Amazonas para ser apenas um elemento vulgar de commercio, que se reanima com as actuaes cotações (1925).

Os extractores, á espera de melhores dias, persistem no seu velho habito de confiar nos beneficios da natureza. Pouco se cultiva o solo, porque dantes a gomma elastica dava para tudo... Convém, todavia, recordar que a cotação de 30 annos atraz, era menor que a de agora; mas compensava todos os dispendios, porque o custo das mercadorias de que carecia o extractor, correspondia a 150 % menos do valor de hoje.

No Amazonas, num largo periodo de meio seculo, conseguiu-se, até 1903, centuplicar a producção da gomma elastica. Porém, o processo da fabricação, em bolas ou pranchas, é ainda o mesmo: o da «defumação», pois, que a sciencia, porfiada em resolver o problema da coagulação, sem prejuizo da elasticidade, nada de melhor obteve. Muito se tem escripto sobre esse assumpto, material capaz de formar uma regular bibliotheca, desde 1873, quando o coronel Pereira Labre publicou o seu primeiro folheto sobre os seringaes do Rio Purús. Já nesse tempo se previa o futuro grandioso, que estava reservado á *seringa*, como então se chamava. Não cessaram os conselhos para se effectuar o plantio methodico, perto das habitações, em distancias regulares, que permittissem o «córte» não de 100 a 150 «madeiras» espalhadas a esmo pela floresta, mas de 500 a 800, no mesmo espaço de tempo.

Silva Coutinho, em 1865, publicou abundantes preceitos de cultura; foi um trabalho perdido tambem, visto se considerar inutil o ensaio de plantação, como inuteis estão sendo as sabias instrucções deixadas, ha pouco, pelo naturalista Jacques Huber.

Póde-se dizer que não ha culturas intensivas de *heveas* no Estado; nunca se organizou, nelle, uma companhia para levar a effeito tal emprehendimento, a exemplo do que os inglezes fizeram no Oriente.

Existem, apenas, nas zonas marginaes de Itacoatiara, Parintins, Barreirinha, etc., grupos de arvores, que não chegam a milhares, como seria mister.

A borracha, segundo suas qualidades, é classificada no commercio, em: *fina, fina fraca, entre-fina, entre-fina fraca, sernamby* e *caucho*, cada uma tendo sua cotação propria.

Toda a producção do Estado é recebida em Manáos, para verificação de qualidade e peso; depois, encaixotada e enviada aos mercados de New-York, Londres, Havre e Hamburgo.

Para se avaliar do movimento e importancia desse producto, verifiquemos o seguinte quadro das entradas, no porto da capital amazonense, inclusivé a gomma de procedencia estranha, no ultimo decennio:

QUANTIDADE EM KILOGRAMMOS

ANNOS	PROCEDENCIA				
	Do Amazonas	De Matto Grosso	Do Territ. do Acre	Extrangeira	TOTAL
1910.....	10.917.847	1.447.603	5.032.026	708.071	18.105.547
1911.....	10.253.452	1.484.278	4.257.110	856.454	16.851.294
1912.....	10.987.397	2.260.815	4.450.191	815.457	18.513.860
1913.....	8.482.643	2.574.043	4.203.216	871.555	16.131.457
1914.....	8.741.353	2.963.027	2.912.085	786.064	15.402.529
1915.....	8.770.423	2.783.981	2.105.819	1.321.835	14.986.058
1916.....	8.475.203	3.353.124	2.042.701	1.335.677	15.206.705
1917.....	8.501.173	4.226.774	2.140.445	1.968.416	16.835.808
1818.....	7.349.177	3.689.481	2.171.780	1.509.122	14.719.560
1919.....	7.228.318	3.930.240	2.402.037	1.389.890	14.950.485
1920.....	5.602.218	3.840.636	2.854.866	1.314.283	13.612.003
1921.....	4.471.317	2.859.009	2.395.132	980.437	10.705.895
1922.....	4.375.862	2.376.782	2.934.785	1.055.414	10.742.834
1923.....	5.439.367	2.433.635	3.317.021	920.699	12.110.722
1924.....	5.810.250	3.572.981	3.771.764	1.220.647	14.375.646

Desde 1903 começou a se manisfestar o decrescimo da producção amazonense, quer pela desannexação do Territorio do Acre, quer pelos estragos causados nos seringaes primeiramente explorados, como ainda pelo inevitavel contrabando tão commum nas fronteiras do Estado.

Balata. — E' um producto relativamente novo no commercio amazonense, pois, a quantidade que apparecia, antes de 1912, era tão insignificante e cotada por um preço tão mediocre que não prendia a attenção dos extractores para essa grande riqueza florestal da Amazonia.

Durante a Grande Guerra (1914-1918), verificam-se novas applicações para a balata, que, em certos casos, não tem substitutivel. D'ahi sua valorização e grande procura. E' abundantissima no valle do Amazonas, extendendo-se sua provincia geographica á Venezuela, Equador, Perú, Colombia e Guyana Ingleza. Avulta nas terras elevadas do Rio Branco, de onde desce a maior producção do Estado do Amazonas.

A arvore da balata pertence á familia das Sapotaceas, de muitas

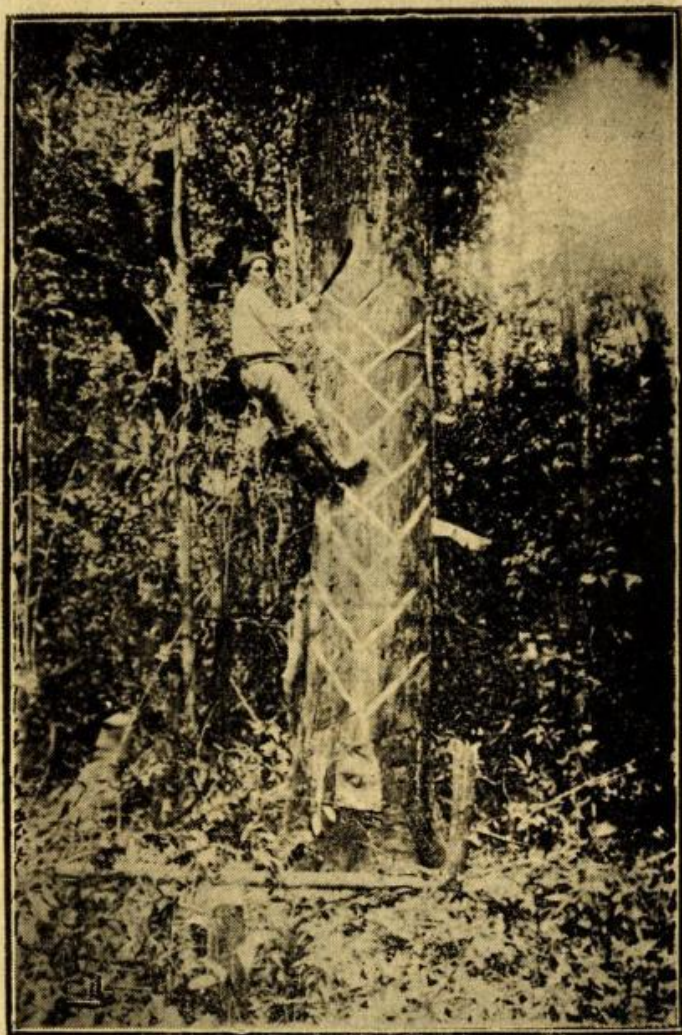
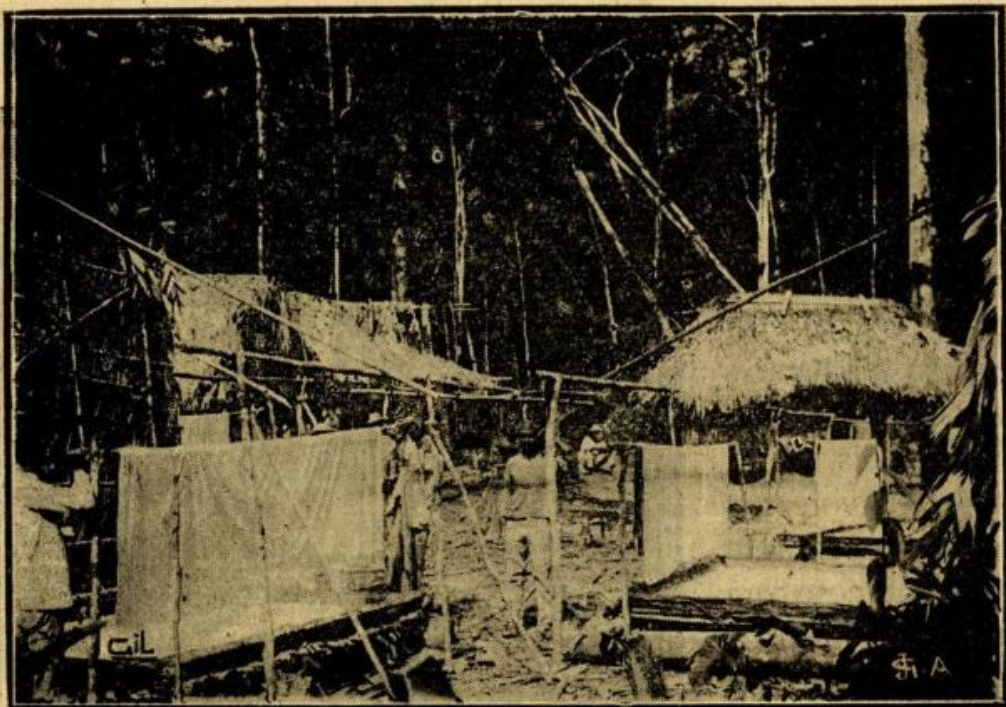
especies, conhecidas tambem pelo nome de massaranduba (mimosopis excelsa). Attinge a cerca de 35 metros de altura e um de diametro. Seu «habitat» é nos terrenos enxutos e pedregosos, tratando-se da especie que fornece a «guta„ da melhor qualidade. E' dessa arvore gigantesca que se extrahe o latex de que se fabrica a balata. O extractor golpea-lhe o tronco, até a altura dos galhos, empregando para isso, um processo especial, cuja descripção não cabe nestas linhas. Geralmente, depois desse trabalho, a arvore, exgotada, morre. E' um processo damnoso para o futuro da região. A balata é uma riqueza que tende a desapparecer, se os poderes publicos não intervierem, para o evitar.

Córte e colheita da balata

A analyse chimica, do melhor producto, assignalou os seguintes elementos: guta – 54 % resinas – 37,10 %; outras materias – 8,07 ("Conferencia dada por el Senor Antonio Ipinza Vargas„, 1924, pag. 3).

O commercio da balata, cuja cotação attinge 12$000 por kilogrammo, é animadissimo no Rio Negro e seus affluentes, de onde chega á Manáos a maior abundancia, em laminas grandes e uniformes, e em blocos.

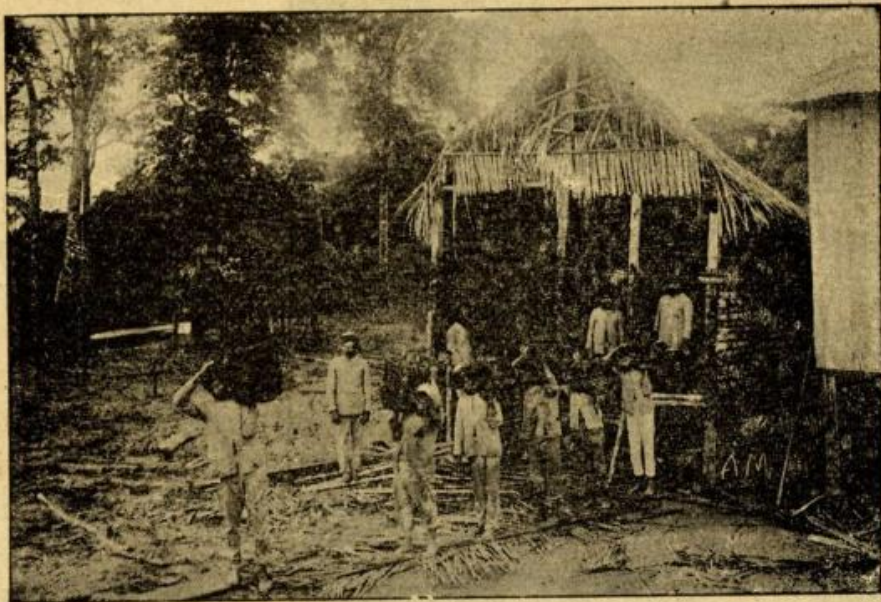
A exportação do Estado attingiu, nos quatro ultimos annos, as seguintes cifras: 1921 — 159.406 kilogrammos; 1922 — 275.763 kg.; 1923 – 443.948 kg.; 1924 – 439.538 kg.

Castanha.—O segundo producto da industria extractiva do Estado é a castanha (Bertholetia excelsa), nóz de um dos especimens mais importantes da flora amazonica. Seu dominio geographico pouco se extende

ás vizinhanças da grande bacia, encontrando-se, por excepção, alguns exemplares no valle do Orenoco, constatados por Humboldt e Bompland.

Preparo da balata em grandes laminas ou lençóes

Ha castanheiros exparsos em todos os Estados do Amazonas, Pará, parte de Matto Grosso e Acre.

Ouriços de castanha, em Ayapuá (rio Purús)

São notaveis pela sua extensão e abundancia os castanhaes do Purús, principalmente os do lago do Ayapuá; os do Trocary, no Solimões; os de Tonantins e rio Madeira, todos no Amazonas.

O trabalho da extracção consiste apenas na apanha e córte, *in-loco*, dos «ouriços», que caem, nos mezes de Dezembro a Maio, não precisando o extractor de outro instrumento que de um terçado e um cesto para recolher as nozes.

Embarque de castanha

O transporte é facilimo, visto geralmente as arvores se acharem marginando os rios, lagos e paranás ou igarapés, de onde são as castanhas conduzidas, em pequenas embarcações para os pontos de embarques, nos navios que se destinam á Manáos ou Itacoatiara, centros exportadores para o estrangeiro.

Trata-se de um producto antigo da industria amazonense, sempre em augmento de quantidade e preço. Em 1830, exportaram-se do Amazonas 820 alqueires, ao preço de 240 réis; em 1860 foram vendidos 22.469 á razão de 2$900.

«As amendoas de castanha — disse o Conego Bernardino de Souza, em 1873 — não entraram na ordem dos artigos de commercio, senão nos primeiros annos do nosso seculo. Em 1875 eram tão pouco apreciadas, que apenas se empregavam para sustento de animaes domesticos.

Hoje, porem, constitue um importante genero de exportação do Pará. O seu preço regulava, ha 60 annos, pouco mais de 80 réis o alqueire, e por muito tempo, conservou-se a 100, 160 e 200 réis. Mais tarde elevou-se a 500 réis, *preço então animador*.

O preço normal regula actualmente (1873) 5$000 a 6$000 o al-

Salsa. — A salsa (*smilax salsaparrilha*) é um dos mais conhecidos productos da flora amazonense; sua exploração commercial data dos primeiros tempos da Capitania do Rio Negro. Era uma das *drogas* de grande procura desde o seculo XVIII.

Em 1830 exportaram-se para Belem 13.460 arrobas, ao preço medio de 1$300. Em 1860 sahiram do Amazonas 53.200 arrobas cotadas a razão de 4$000.

Trata-se de uma planta sarmentosa, de rhizoma lenhoso, caule cheio de nós, raizes superficiaes e extensas. E' um producto que existe por toda a parte nos terrenos enxutos, principalmente nos rios Negro, Purús e Juruá.

O processo da extracção consiste em arrancar o bolbo preso á terra por tenues radiculos. E' por isso que esse vegetal se vae extinguindo, como bem ponderou o Dr. Silva Coutinho («Breve noticia sobre a extracção da salsa,» etc. 1863).

Para reunir um certo numero de raizes, demanda um trabalho paciente, pois é preciso procural-as em meio de uma vegetação rasteira, á sombra das florestas, por entre abundancia de folhas seccas. Depois desta pesquiza, ha o cuidado de lavar e «entaniçar» as raizes, para formar mólhos, tal como se apresenta a salsa, para a exportação.

O custo do kilogramma é aproximadamente de 2$000. Ha tambem a salsa á granel, menos cuidada que a outra, seu preço variando entre 1$200 a 1$600.

A extracção de tão util producto fica ao quasi abandono, sempre que a borracha ou a castanha se valorizam.

Foi este o resultado das colheitas no decennio de 1913-1923:

ANNOS	QUANTIDADE kilogrs.
1914	168
1915	449
1916	292
1917	302
1918	1.484
1919	2.878
1920	1.778
1921	4.074
1922	3.859
1923	2.295

Oleo de Copahyba.—A extracção deste producto (*copaifera officinalis*) é tambem uma velha industria amazonense, outr'ora mais abundante e lucrativa.

Obtem-se o oleo fazendo incisões profundas na arvore, até encontrar a parte central do tronco, onde está depositado o precioso liquido, que é então apanhado em latas ou potes de barro. E' assim que elle apparece no mercado, para consumo nas pharmacias de Manáos e para a exportação. Seu preço é aproximadamente de 7$000 por kilogrammo, tendo sido a seguinte quantidade entrada naquelle porto, no ultimo decennio:

ANNOS	QUANTIDADE kilogrs.
1915	1.763
1916	2.252
1917	2.923
1918	31.623
1919	7.103
1920	21.138
1921	6.238
1922	15.276
1923	20.088
1924	9.710

Madeiras. — Já fizemos sentir que as florestas do Amazonas são as mais opulentas do mundo, não só por sua variedade de especimens, como pela applicação destes. É nos terrenos «firmes» que se encontram as madeiras de maior durabilidade, resistencia e belleza. Distinguem-se das dos «varzeados» pelo seu cerne compacto e desenvolvimento mais demorado. No capitulo sobre—Flora do Amazonas—relacionamos os exemplares mais considerados para carpintaria (civil e naval) e para marcenaria commum e de luxo.

É incipiente a industria extractiva das madeiras, no Amazonas, pela difficuldade dos transportes, que absorvem quasi todo o lucro do extractor ou do exportador. Basta lembrar que uma tonelada desse producto, paga, do porto de Manáos ao do Rio de Janeiro, 60$000 de frete, sem contar com o transporte do interior do Estado á capital, onde têm logar os embarques para cabotagem ou para o estrangeiro.

Convém, aqui, ponderar que o trabalho da derribada, dos especimens seleccionados, no seio da matta virgem, requer grande esforço,

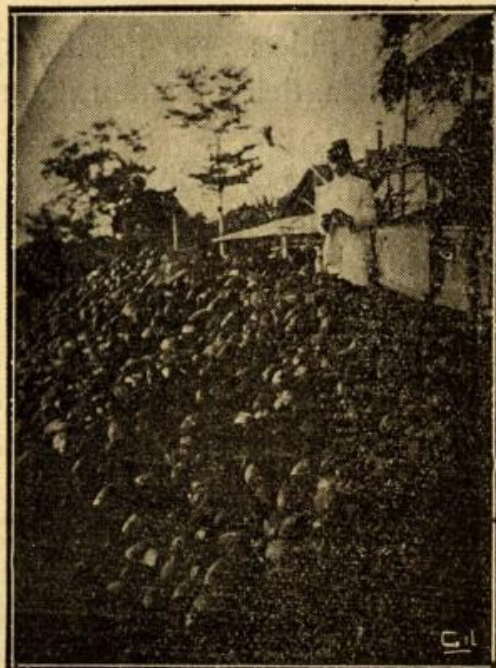
attendendo á promiscuidade das especies mais variadas e agrupadas, embaraçando a abertura de caminhos, por onde se façam transitar os tóros ou troncos, que se destinam ás serrarias. Nesse afan, só uma parte da madeira é aproveitada; o resto fica, em abandono, onde é derribada.

Industria da madeira—Jangada no porto de uma serraria abaixo de Manáos

O systema de córte e lavragem é primitivo por falta de apparelhos ambulantes, que a industria moderna emprega nesse mister, em outros centros mais adiantados, que o nosso.

Apezar desses entraves, a extracção das madeiras vae em augmento, como se verifica pelos serviços das serrarias de Manáos e de Itacoatiara, como pela quantidade, que figura na estatistica da exportação, apparecendo, em maior porção, o cedro:

ANNOS	QUANTIDADE kilogrs.
1919	90.252
1920	2.565.113
1921	3.913.902
1922	6.201.956
1923	4.023.848
1924	5.351.256

Além desses productos da industria extractiva, existem outros, de menor importancia, como o cumarú, breu, baunilha, babassú, puchury,

Côco uaussú (babassú)

estôpa, carajurú, painas, plumas de aves, oleos, chicle, plantas medicinas e tintureiras, fibras, resinas, jarina, etc., etc.

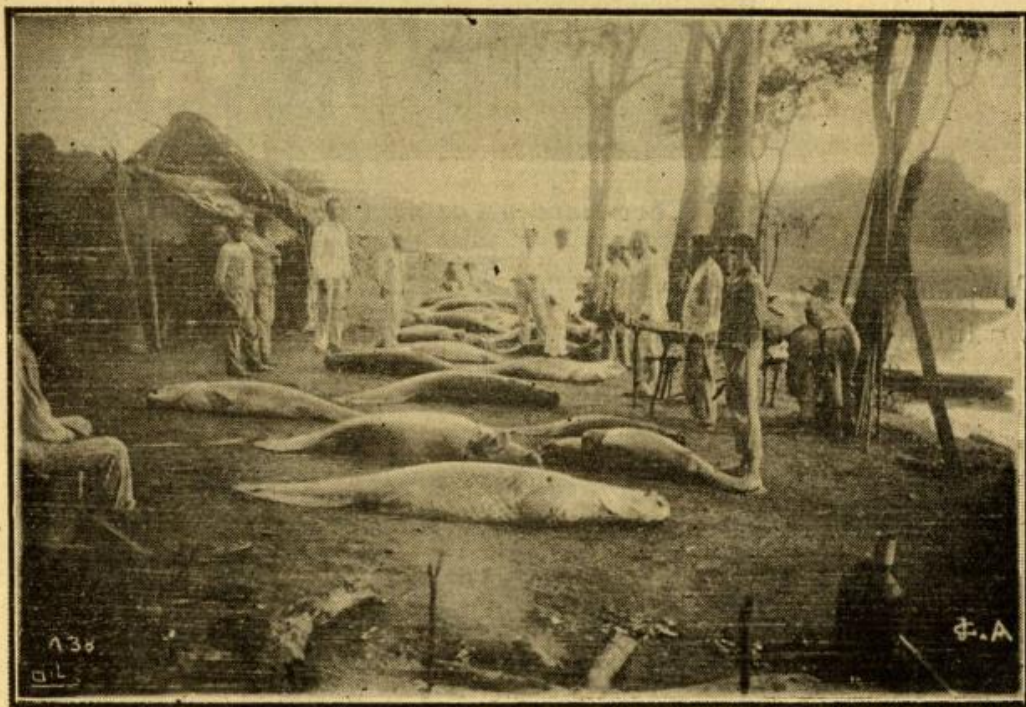
CAPITULO II

Industria da Pesca

As condições hydrographicas do Estado, que possue o maior viveiro ichtyologico do planeta, determinaram naturalmente um pendor para a industria da pesca.

O caboclo amazonense é, por indole e por necessidade, eximio pescador. E, assim, os que se localizam ás margens dos nossos rios e se affeiçoam ao viver local.

O peixe e a tartaruga são os principaes alimentos do Amazonas.

Não nos sobra aqui espaço para explicar como se effectua essa industria, tão varia nos seus aspectos ou sejam tantos quantos os exemplares que se tenham em vista, pois que a apanha do pirárucú, do peixe-

Pesca do peixe-boi e do pirarucú

boi, da tartaruga, dos peixes miudos, etc., tem, para cada um, seus processos especiaes (Vide «A Pesca no Amazonas», pelo Dr. José Verissimo).

De todos os productos da pesca, neste Estado, a mais importante, pelos resultados commerciaes, é a do pirarucú (*sudis gigas*). Os maiores exemplares chegam pesar mais de 100 kilogrammos, sendo communs os de 60. A industria consiste em apanhar e escarnar o peixe, que se faz desdobrar em quatro «mantas», no sentido longitudinal, salgadas depois e expostas ao sol, até completa disseccação. Assim se apresenta para o consumo ou em pacotes de 30 kilogrammos destinados á exportação.

Não ha estatisticas que indiquem a quantidade da colheita e do consumo do pirarucú. Avalia-se, todavia, em 20.000.000 de kilogrammos, pois, por toda a parte se faz uso delle, quando rareiam outros peixes, ao tempo das enchentes.

O pirarucú secco, equivalente ao bacalháo, constitue as reservas da gente pobre, durante o inverno.

Não obstante a abundancia desse pescado, sua «safra» não é intensa. Só o caboclo Amazonense gosta e se dedica a esse mister, mesmo porque o immigrado do Amazonas entrega-se a outras occupações, que dependem de menor habilidade e paciencia.

A salga do pirarucú é realizada á margem de um lago ou de um rio, num acampamento improvizado que o indigena chama «feitoria", onde trabalha durante os mezes da vasante, abandonando-a depois, quando surge o refluxo das aguas.

O Dr. Affonso Costa calculou a producção dese *clupeo* em 22.000.000 de kilogrammos annuaes e a média da exportação, para o Pará, em 2.000.000 (Vide "Questões Economicas", pag. 5).

As grandes vasantes permittem maiores colheitas.

O preço actual do kilogr. varia de 2$000 a 2$200, podendo-se por elle avaliar o montante do seu commercio.

De uma deficiente estatistica de entradas nos portos de Manáos e Belem, colhemos o seguinte resultado da producção do pirarucú do Amazonas:

ANNOS	QUANTIDADE kilos	
	Amazonas	Belém
1918	1.148.375	—
1919	1.376.830	1.663.721
1920	1.117.063	1.503 446
1921	1.102.913	1.105.067
1922	909.052	882.636
1923	1.239.573	—
1924	789.596	574.293

A pesca do *peixe boi* (*manatus americanus*) déra outr'ora grandes resultados, quando essa especie era abundante no Amazonas. Cada exemplar pesa de 100 a 300 kilogrammos. Serve o singular mammifero para a extracção de oleo e preparação da *mixira*, conserva do peixe frito e

posto em latas de 25 kilogrammos e do preço de 20$000. E' desse modo que se apresenta para o consumo local e para a exportação.

Sua industria vae desapparecendo. Mesmo assim, entram no porto de Manáos, cerca de 500 latas annualmente, sem contar as milhares destinadas ao consumo no interior e as que sahem do Estado escapando ás estatisticas.

Beneficiamento do peixe-boi

As *tartarugas* do Amazonas *(docnemis expansa)* é uma das mais importantes e procuradas fontes de alimentação, sobre tudo para as populações ribeirinhas do grande rio e curso inferior dos seus tributarios, onde foi muito abundante, começando já a escassear. Ha 30 annos, cada exemplar adulto custava 1$000; hoje, não é raro valer 25$000. A especie extingue-se de anno para anno, em consequencia da devastação dos "taboleiros", que são as praias onde, ao tempo das vasantes, as tartarugas fazem a desova. As leis prohibitivas desse attentado á futura alimentação amazonense, têm sido inefficazes, pois persiste a extracção dos ovos para o fabrico de «manteiga", que é muito estimada para condimento.

Si não fosse o labyrintho de rios, lagos, paranás e igapós, onde esses amphibios encontram seguro abrigo, a especie já estaria extincta, no Amazonas. A natureza defende, aqui, o futuro contra o furor dos homens.

Dada mesmo tal reducção, sobem ainda a centenas de milhares as tartarugas que se abatem e se vendem a retalho, somente no mercado de Manáos.

A apanha do chelonio é uma pescaria rendosa para os caboclos,

A exportação é grande para o Pará, não havendo, porem, estatisticas da sua quantidade.

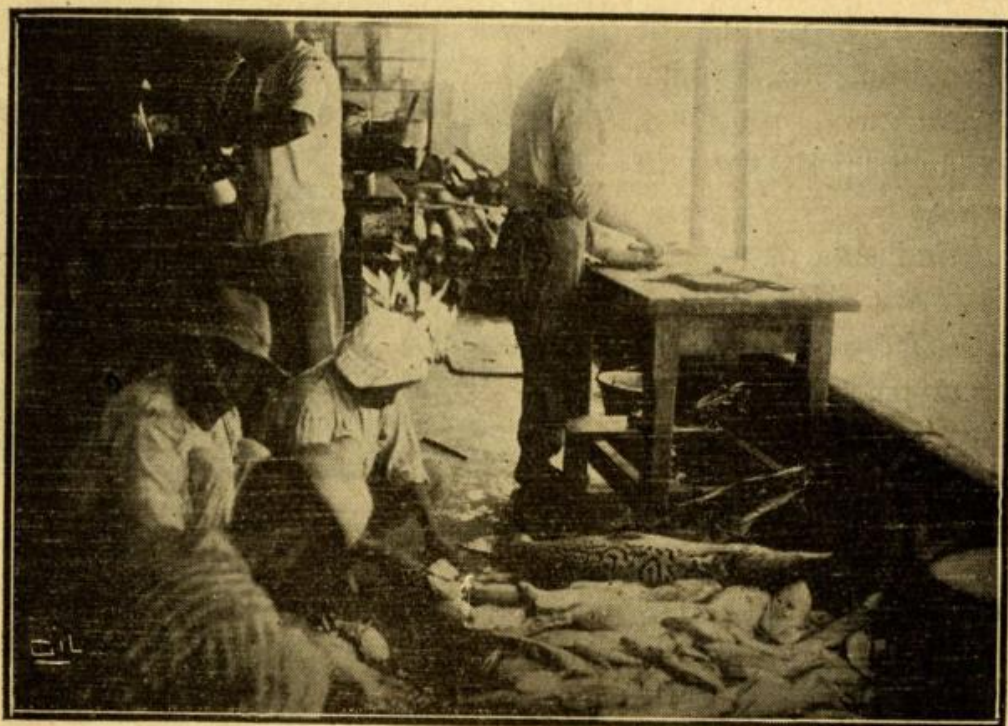
Entre os peixes de grande consumo, no Estado, figura o *tambaqui* (*myletes macropomus*), vendido ào preço medio de 6$000 e pesando cerca de 8 kilogrammos. Seguem-se os peixes de menor corpulencia, apanhados por varios processos, sobre tudo pelas *redes de arrastão*.

Costumes populares: —Venda de peixe, num suburbio de Manáos

A industria da pesca é ainda desorganizada no Amazonas. Não existe uma só empreza para sua exploração regular, nem sequer um serviço publico de estatistica, nem regulamentos que evitem os estragos, nas epocas da proliferação (Vide «Discurso» proferido pelo illustrado amazonense Dr. Manoel Tapajós, em 13 de Maio de 1913, *in* Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, pag. 22)

CLASSIFICAÇÃO DE ALGUNS PEIXES E DOS MAIS COMMUNS, EXPOSTOS Á VENDA NO MERCADO DE MANÁOS

Acará — *Acará diadema* (Heck): — Acary — *Centrarchus cycla* (Schomburgk); Acará-uassú — *Acará ocellata* (Steidachner); Arraia — *Trygon hystrix* (Schombugk); Aracú — *Leporinus;* Aramaçá — *Citharichthys;* Arauanã — *Osteoglosseum bicirrhosum;* Bacú — *Doras lothògaster;* Corimatã — *Prochilodus reticulatus?* Cuyucuyú — *Doras niger* (Schomb); Canderú — *Letopsis sp.* (Goeldi); Dourado — *Bagrus-goliath* (Kner)); Espadarte — *Prisces antiquarum;* Jatuarana — *Chalceus toeniatus* (Schomb); Jaraquy — *Prochilodus insignis* (Schomb); Jejú — *Erythrynus;* Jacundá — *Batraehops rediculatus* (Hecke); Jandiá — *Penelodus maculatus* e *pen. arekaima* (Schomb); Matupery — *Tetragnopterus chalceus* (Kner); Mandubé — *Ageniosus brevifilis* (Goeld); Mapará — *Hypophthalmus dorwalla* (Schomb); Mandií — *Pimelodus maculatus* (Kner); Matrinchão — *Chalceus Carpophagus Irisanga* (Kner); Muçú — *Symbrancus marmoratus* (Bloch); Pirahyba — *Bagrus reticulatus* (Kner); Pacamon — *Batrachus sp.* (Stromb); Pirarára — *Phractocephalus bicolor;* Piramutaba — *Bagrus piramuta* (Natt.); Peixe Lenha — *Platystomatichthys sturio* (Kner)? Piranambú — *Piranampus typus Blécker* (Goeldi); Pira-catinga — *Pimolodus pati* (Kner;) (Puraqué — *Gymnotus electricus* (Goeldi); Piaba — *Curimatus vilalus* (Kner);

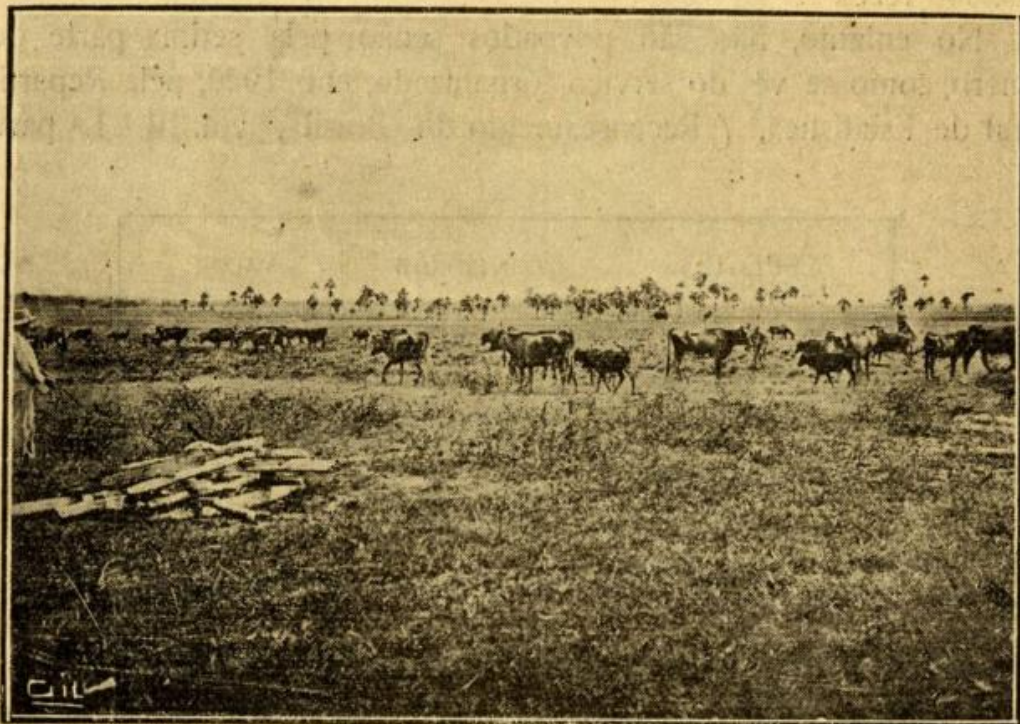
Pirarucú—*sudis gigas* (Schomb;) Pirapitinga—*Chaceus opalinus Irisanga* (Kner); Pescada—*Sciaena Squamosissima* (Hekel); Pacú—*Tetragonopterus Schomburgkii* (Schomb); Piranha—*Serrasalmo piraya iluroideos* (Goeldi); Piratapioca—*Anacyrtus Myersii* (Goeldi;) Peixe-agulha—*Belone*

Resultado de uma pescaria

toeniata (Goeldi); Peixe-cachorro—*Cynodon vulpinus* (Kner); Pirá-pucú—*Xiphostoma Cuvieri* (Kner); Surubim—*Platystoma sturio* (Kner); Sarapó—*Carapus Fasciatus* (Goeldi); Sardinha—*Agoniates halecimus* (Kner); Tambaqui—*Myletes macropomus* (Kner); Tucunaré—*Cichla tucunaré* (Heckel); Tamuatá—*Callichthys longifilis* (Schomb); Trahyra—*Macodon trahyra* (Goeldi); Peixe boi—*Manatus americanus* (cetaceo).

(Vide "Catalogo do Estado do Amazonas na Exposição Nacional de 1908", pag. 225.)

CAPITULO III

Pecuaria

A pecuaria, no Estado, pode-se dizer, é uma industria rudimentar. Todavia, attendendo-se ao seu desenvolvimento e ao gosto que se nota por parte dos criadores, é de suppor que ella, em breve, alcance grandes vantagens, quer nos campos do rio Branco, quer nas zonas do Autaz,

Campos da fazenda "Agua Bôa", no Rio Branco

Itacoatiara, Careiro e Parintins. Não ha grandes fazendas, senão na primeira daquellas regiões. Mas, em quasi todos os logares encontram-se pequenas creações de 10 a 50 rezes, que não constituem occupação exclusiva dos seus proprietarios, representando todas um começo bem promissor. Infere-se que, num futuro proximo, haverá abundancia de gado em todo o Amazonas, crendo que, assim, ficará desobrigado da importação do xarque rio-grandense e productos lacticinios. Apezar das fazendas, com excepção das do rio Branco, estarem situadas nos terrenos baixos e sujeitos ás inundações dos rios, o que lhes causa não pequeno damno, observa-se o augmento da producção. Assim, ha 20 annos, no citado districto do Careiro, proximo á capital, raros eram os exemplares bovinos, que existiam. Hoje, calculam-se em 3.000 cabeças, que abastecem de leite a cidade, alem da porção de queijo, que alli se fabrica.

Pode-se tambem dizer que é, por excepção, que se importa gado

em pé, do vizinho Estado do Pará, como se fazia a principio e em larga escala. E, esse facto não se daria hoje, si se pudessem evitar os prejuizos das grandes enchentes nas quaes os fazendeiros perdem, em cada anno, nada menos de 5.000 exemplares. A construcção das «marombas» cobertas vae attenuando tal prejuizo. Os dilatados campos naturaes do rio Branco, avaliados, no minimo em 35.000 kilometros quadrados, constituem a região, por excellencia, creadora do Estado. Está calculado que esses prados, de uma belleza sem igual, podem conter cerca de 1.500.000 rezes.

No entanto, não são povoados senão pela setima parte desse numero, como se vê do serviço organizado, em 1920, pela Repartição Geral de Estatistica, («Recenseamento do Brasil», vol. III—1.ª parte):

ESPECIES	QUANTIDADE	VALOR
Bovinos	222.195 cabeças ..	30.998:370$000
Equinos	16.043 " ..	2.588:454$000
Asininos e muares.	1.666 " ..	573:376$000
Ovinos	11.192 " ..	224:622$000
Caprinos	3.080 " ..	82:846$000
Suinos.	31.678 " ..	1.939:850$000
Total.	285.854 " Rs.	36.407:518$000

O maior rebanho está no Municipio do Rio Branco, que, somente na especie bovina, contem 177.528 cabeças.

Em segundo logar apparece o de Parintins com 19.349 rezes.

Todo o gado bovino do Rio Branco pertence a raça *barrozo,* ali introduzida no governo de Manoel da Gama Lobo de Almada e mais tarde constituindo as fazendas de S. Bento e S. Marcos, propriedades do Governo Imperial e até hoje, do da União.

O barrozo é um typo que vae definhando, por falta de cruzamentos seleccionados, não porque isso ignorem os fazendeiros, mas pela difficuldade de obtenção e transporte dos elementos regeneradores. Mesmo assim, cada rez, pesa, em media, aproximadamente, 220 kilogrammos. O maior centro de consumo deste gado é Manáos, que, dali, recebe annualmente nada menos de 6.000 bois. O resto provém do baixo Amazonas, comprehendidos o Autaz, Parintins, Careiro, etc.

O preço commum de uma rez, no rio Branco, regula 80$000. Mas ao chegar ao «talho», depois de varios transportes, matança e be-

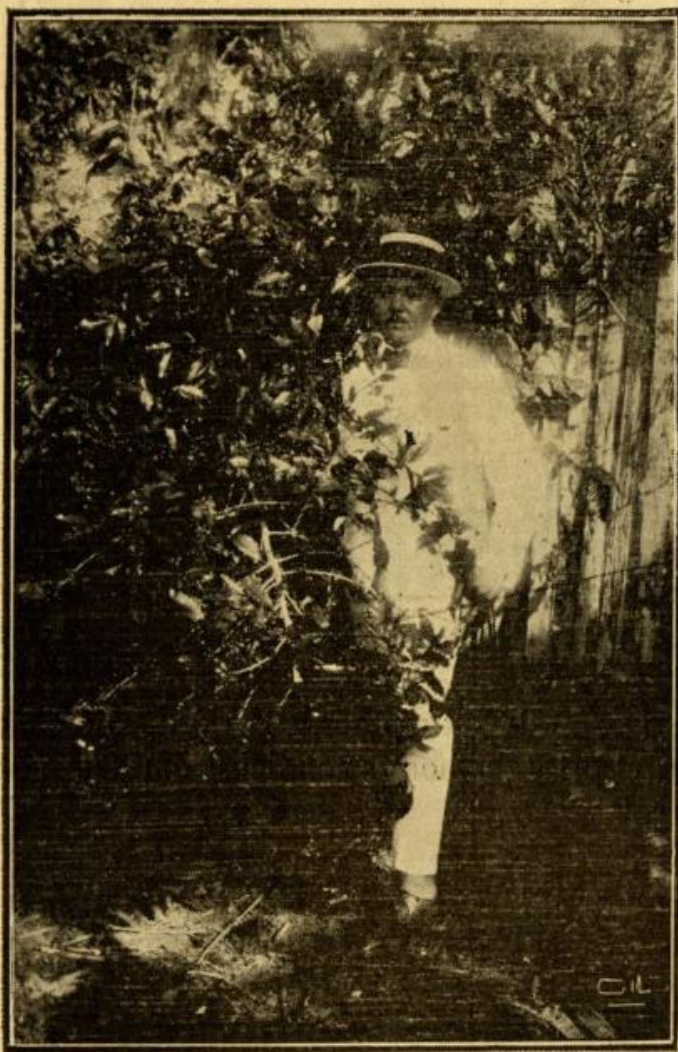
neficiamento, tem feito uma despeza de mais de 100 o/o, do seu custo primitivo. (Vide «O Rio Branco», pelo Dr. Luciano Pereira da Silva — 1919).

Typo de vaqueiro dos campos do Rio Branco

Cumpre accrescentar que o gado de outra procedencia é mais estimado para o consumo immediato, pelas melhores condições em que chega e é abatido.

CAPITULO IV

Agricultura

Em comparação ao que se tem realizado em outros Estados brasileiros, no Amazonas a agricultura se encontra na sua phase rudimentar, não obstante todos os estimulos creados pelas leis, desde os antigos tempos da Provincia.

Plantio de café num suburbio de Manáos

As culturas que existiam, antes da valorização da borracha, ficaram ao abandono. Sabe-se, pelas estatisticas que, ha um seculo, o rio Negro exportava café, anil, farinha de mandioca; plantavam-se, alli, o algodão e o arroz, para o consumo local. Tudo foi desapparecendo diante da procura e preço das *drogas.*

O fumo de Borba e de outras localidades do rio Madeira, era bastante procurado em Belem.

A extracção da gomma elastica logo attrahiu todos os braços; desprezou completamente a fertilidade da terra. Para alimentação, nos centros de trabalho, tudo passou a ser importado, por uma cotação sempre crescente e em nada parallela á da borracha. Ninguem via que esses lucros eram ficticios, por fim absorvidos pelas despezas do fabrico.

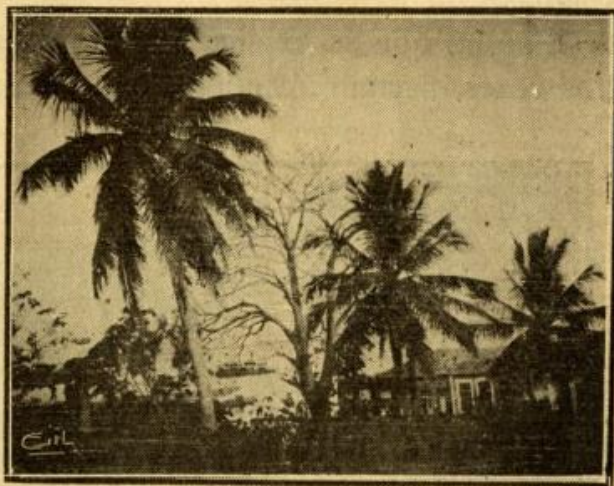
No emtanto, os labores do extractor deixavam opportunidades para a cultura de cereaes, legumes e arvores fructiferas.

Mais tarde, quasi desvalorizada a borracha, desapparecida a fascinação de um supposto lucro, renasceu um começo de agricultura.

Plantam-se o feijão, o milho, o arroz, o cacáo, o fumo, o algodão, o café; fundam-se e desenvolvem-se os pomares. Raros são os *sitios* (logares de habitação) em que se não vejam prosperar as roças de mandioca, etc.

A importação de cereaes tem decrescido consideravelmente em todos os rios de grande população, pois, já se planta para o consumo. A fatalidade economica que passou ultimamente sobre o Amazonas, creou novos habitos de trabalho e de poupança, na vida do extractor.

Coqueiros num saburbio de Manáos

Em certos seringaes, os «patrões» não consentiam que os seus «freguezes» cultivassem a terra, para, assim, ficarem estes na dependencia directa do «balcão», sempre que precisassem de farinha, arroz, milho, feijão, etc., etc. Os saldos do extractor eram absorvidos pelas compras de artigos carissimos e, tantas vezes, estragados e nocivos á saude.

A cotação da gomma elastica, com a concurrencia do producto similar do Oriente, baixou sensivelmente, ao passo que a daquelles artigos, imprescindiveis para a alimentação, subiu quasi numa razão geometrica.

Os extractores tiveram então de pedir á terra o favor de sua fertilidade. Uma éra nova surgiu para a agricultura. Nos arredores de cada habitação rural, plantaram-se roças. Fabricam-se a farinha, o fumo, o assucar, o mel, a cachaça, embora tudo rudimentarmente.

O mercado de Manáos abasteceu-se de generos alimenticios, chegando mesmo a figurar, nas estatisticas da exportação, alguns, que, anteriormente, eram importados.

Em 1920, o grande censo realizado do mez de Setembro, apurou 4.946 estabelecimentos ruraes no Amazonas, inclusivé os de criação, cobrindo uma area de 7.515.307 hectares ou sejam apenas 4,1 da superficie total do Estado. Esses estabelecimentos foram avaliados em Rs. 96.345:919$000. (Total do Brasil 10.568.008:691$000).

São estes os Municipios amazonenses em que é maior o numero dessas propriedades: Manáos—1.148; Parintins—817; Bôa-Vista—315. Este ultimo é o que registra o maior valor—13.061:324$000.

Dos productos agricolas, que mais avultam na exportação, vejamos os principaes:

Cacáo. – O cacáo *(theobroma cacáo)* é planta sylvestre e de cultura, no Amazonas. Seu plantio desenvolveu-se outr'ora. Ha cerca de 20 annos que estacionou ou diminuiu a sua producção, não obstante os bons preços alcançados nos mercados consumidores.

Os cacaoaes foram, em geral, plantados nos logares baixos, marginaes dos rios, sujeitos ao desmoronamento pela acção das correntes das aguas.

É assim que se explica o terem desapparecido muitos delles. De outras vezes, ficaram abandonados e invadidos pelas mattas. Ha, com-

Um deposito de cacáo em Manáos

tudo, extensas plantações nos municipios banhados pelo Solimões e Amazonas, principalmente nos de Parintins, Itacoatiara, Barreirinha e Urucará.

No Purús, Madeira e seus tributarios encontram-se cacaoaes sylvestres, escondidos na espessura das florestas. A natureza das terras amazonenses convida o homem a intensificar a cultura de tão util vegetal. O professor Draenert disse a respeito: « Si me fosse possivel determinar o paiz de origem, pela quantidade das arvores, esse paiz ou região seria o valle do Amazonas ». (« A Agricultura nas regiões tropicaes », pag. 324.)

O Estado da Bahia, tomando-nos a dianteira na cultura do cacáo, é um exemplo a seguir.

O preço do kilogrammo varía entre 800 réis a 1$200.

O processo do preparo é ainda primitivo: consiste na colheita,

córte do fructo e dissecação das sementes lançadas depois em estendaes de madeira e expostos ao sol.

As derradeiras enchentes do Amazonas, principalmente a de 1918, causaram grandes damnos aos cacaoaes, cujos exemplares seccaram após o diluvio fluvial. Pouco se vão replantando os logares devastados.

Os Municipios mais abundantes são os do *baixo* Amazonas. A producção total do Estado oscilla entre 800.000 a 1.200.000 kilogrammos.

Guaraná.—O guaraná (*paulinia sorbilis*) é um producto exclusivo do municipio de Maués, que o cultiva ha mais de um seculo. Vegetal arborescente, sarmentoso, o guaranazeiro tem sido a principal fonte de receita daquella circumscripção do Amazonas, onde é avara-

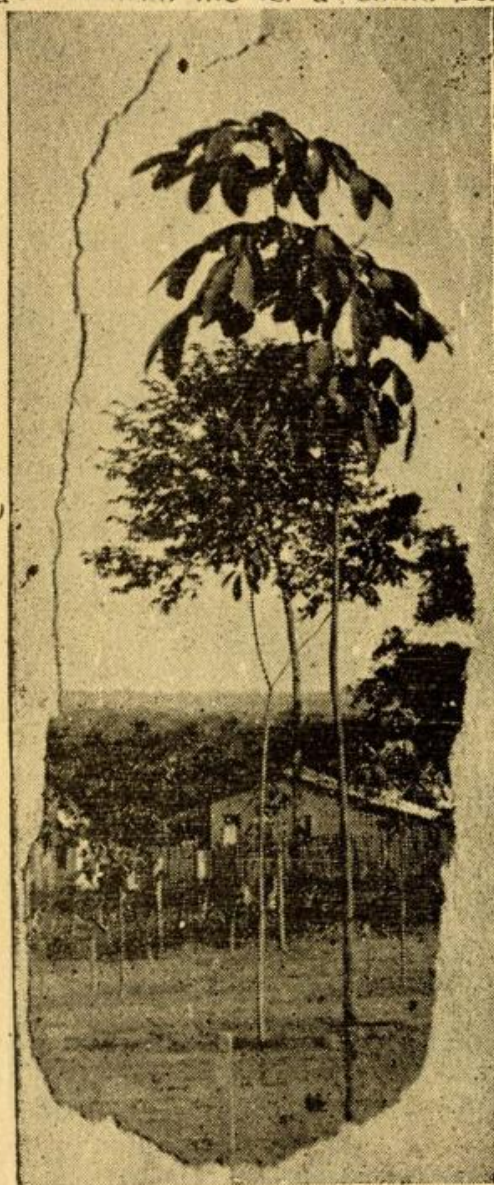
Colheita de guaraná em Maués

mente monopolizado. Para evitar sua propagação, livrando-se assim dos concorrentes futuros, os plantadores embaraçam a sahida das sementes cruas ou da planta viva.

Houve, nos tempos da Capitania do Rio Negro, uma tentativa de cultura do guaraná, em terras de Barcellos. Isto, porém, sem resultado, conforme nos diz o naturalista Alexandre R. Ferreira.

A planta é de facil cultura e remunéra largamente aos que a ella se dedicam. Facilima a colheita das sementes, que, depois de torradas e reduzidas a pó tenuissimo, se transformam em massa de uma grande plasticidade, prestando-se para formar *pães* ou objectos de ornato, de uma côr semelhante á do chocolate. « O guaraná—diz o dr. A. da Matta—é uma das mais preciosas manifestações da nossa flora in-

comparavel: é talvez insubstituivel pela quantidade de cafeina que encerra». (« Flora Braziliense », pag. 122).

O emprego deste producto augmenta annualmente, não só pela sua applicação medicinal, como pela fabricação de bebidas refrigerantes usadas no Pará, Amazonas, Matto-Grosso, etc. Seu preço, por kilogrammo do producto manufacturado, regula 10$000.

A producção é destinada, em grande parte ao Estado do Pará, não sendo menor de 40.000 kilogrammos annualmente.

A cultura da seringueira

O Fumo é cultivado ainda em pequena quantidade, no Madeira, Itacoatiara, Solimões e municipio de Manáos. Faz-se mais para uso particular de cada cultivador do que para o commercio. A producção não chega para o consumo, avultando, por isso, a importação do Pará. O fumo de Serpa e de Borba, não obstante sua quasi extincção, ainda tem procura.

O plantio da *canna de assucar* augmenta constantemente em varios pontos do Estado, sobre tudo no municipio da Capital. Contam-se varios pequenos engenhos em Janauacá, Manacapurú e outros logares do Solimões. No districto do Careiro e Cambixe, que são as regiões melhor cultivadas de todo o Amazonas, podendo-se chamal-as o celeiro de Manáos, tambem ha extensos cannaviaes e pequenos engenhos. Fabrica-se o assucar em varios logares do Juruá, Purús e Madeira.

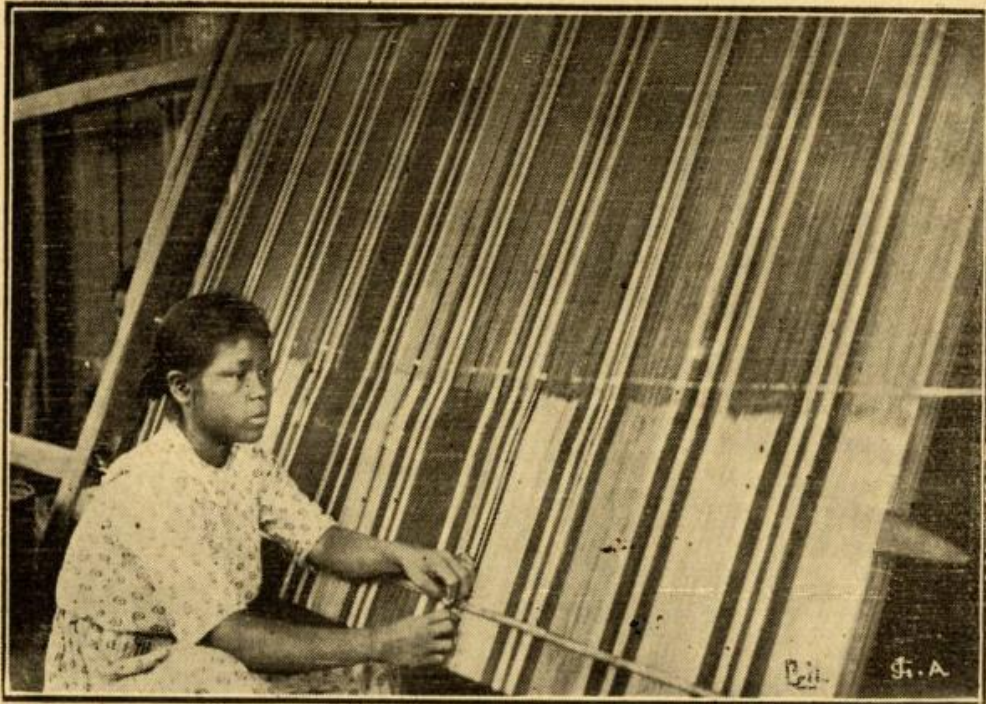
O mel e a rapadura apparecem em quantidade no mercado publico daquella Capital. Tudo, porem, tão insufficiente, principalmente o assucar, que mal chega para um vigessimo do consumo, ainda maior de 60.000 barricas por anno, somente do entrado no porto de Manáos. O mesmo succede com a cachaça e o alcool procedentes do sul do Paiz. Sómente no anno de 1912 importamos 18.940 volumes dessas especies.

Em 1923 esse numero estava reduzido a 2.233. Pena é que as estatisticas nada affirmem da cultura da canna, bem como a do milho, feijão, arroz, legumes, fructos, etc., cuja producção augmenta lisongeiramente, tudo promettendo para melhor situação do Estado.

Tanto dos productos agricolas, como dos naturaes, de que fallamos no capitulo anterior, accrescentamos aqui um quadro, das entradas no porto de Manáos e procedencia do interior, nos annos de1914 a 1923 :

Generos entrados	1914 kilos	1915 kilos	1916 kilos	1917 kilos	1918 kilos	1919 kilos	1920 kilos	1921 kilos	1922 kilos	1923 kilos
Algodão	—	—	—	—	—	—	—	4.228	3.986	7.111
Borracha	8.741.353	8.770.423	8.475.203	8.501.173	7.349.177	7.228.318	5.602.218	4.471.317	4.375.862	5.439.367
Castanha	7.424.188	2.886.200	4.739.073	6.245.965	2.025.000	11.533.717	4.032.717	11.779.350	16.074.834	9.652.822
Peixe	348.622	1.335.159	1.115.986	1.839.526	1.148.375	1.376.830	1.117.093	1.102.913	909.052	1.239.573
Cacáo	46.201	19.056	27.274	86.349	4.502	114.878	13.125	29.722	30.078	29.154
Couros	25.700	40.002	68.081	136.755	105.043	76.180	115.252	34.8:0	90.450	156.007
Salsa	168	449	292	302	1.484	2.873	1.778	4.074	3.859	2.295
Cumarú	102	12	26	—	82	—	35	—	—	—
Tabaco	52.438	59.390	100.953	79.937	64.411	41.093	58.245	57.320	66.348	64.334
Madeira	238.478	144.034	203.756	385.640	191.483	88.951	123.446	26.391	63.607	299.050
Guaraná	4.390	858	3.532	2.610	678	959	811	1.545	—	3.875
Piassaba	139.276	97.197	255.207	172.150	1.101.536	821.700	956.639	80.782	297.947	492.926
Oleo de copahyba	4.388	1.763	2.752	2.923	31.632	7.103	21.138	6.238	15.276	20.088
Mixira	40	180	—	100	335	365	831	197	—	1.531
Gen. não especif.	186.252	331.614	131.788	105.693	161.487	143.027	140.319	315.360	446.957	593.697
Balata	—	—	—	—	—	—	—	181.012	275.763	443.948

Quinta Parte

CAPITULO I — POPULAÇÃO.
CAPITULO II — GOVERNO E ADMINISTRAÇÃO.
CAPITULO III — DIVISÃO ADMINISTRATIVA E JUDICIARIA.
CAPITULO IV — COMARCAS E TERMOS.

Fabricação de rêdes (Maqueiras) no Alto Solimões

QUINTA PARTE

CAPITULO I

População

A população do Estado, pode ser avaliada em 450.000 habitantes, depois do grande exodo que soffreu, em consequencia da crise economica porque acabára de passar. Varios recenseamentos tem-se procedido desde 1840; todos, porem, incompletos ou defeituosos, attento á impossibilidade de um serviço regular num territorio vastissimo e de população muito disseminada e, mesmo, escondida no labyrintho dos rios, lagos e canaes, localidades essas onde jamais penetram os recenseadores.

Naquelle anno, segundo o capitão-tenente Araujo Amazonas, a então Camara do Alto Amazonas possuia 40.584 habitantes, sendo 23.339 indigenas domesticados pertencentes a varias tribus, entre outras: a dos manáos, barés, passés, banibas, no rio Negro; catauixys, macuxys, júmas, paravianas, no rio Branco; campebas, ticunas, maranás, juúmas, jurys, no Solimões; ipurinás, jamamadys, muras, paumarys, manatenerys; no Purús; miranhas, no Japurá e Içá; mundurucús, maués, torás, parintintins, no Madeira, etc.

Na referida epoca foram constatados somente 3.454 brancos, sendo o resto da população composta de mamelucos, mestiços e pretos. Todos esses elementos estavam assim representados: brancos 9 %, mamelucos 26 %, indigenas 58 %, mestiços 4 % e escravos (pretos) 3 %.

As riquezas naturaes da antiga Comarca despertaram a cubiça dos exploradores de *drogas*, determinando as primeiras correntes immigratorias originarias das provincias do Norte, sobre tudo do Pará, a que se vinha reunir o elemento portuguez.

Em 1873, um outro recenseamento computou 53.012 habitantes, sendo 49.767 brasileiros e 3.245 estrangeiros. Quatro annos depois desta verificação, em 1877, começou a augmentar consideravelmente a população do Amazonas, pelo exodo de retirantes do Nordeste, acossados pelo flagello das seccas, ao mesmo tempo attrahidos pelo valor commercial da gomma elastica.

Outro computo censitario, realizado em 1890, constatou a existencia de 147.915 individuos. O de 1900 accuzou 249.756.

Pelos calculos da Repartição Geral de Estatistica, procedidos em 1912, foi avaliado um total de 378.476 habitantes para o Amazonas.

Uma nova avaliação, em 1917, elevou esse numero a 459.309. Não é de admirar essa progressão, sabendo-se que, de 1897 a 1918, entre as entradas e sahidas, no porto de Manáos, ha uma differença de 198.774

pessoas, que certamente ficaram a residir no Estado. Demais, leve-se em conta que a população de qualquer paiz, cuja natalidade é maior que a mortalidade, pode ser comparada a uma quantia a premios, que se vão capitalizando annualmente.

Este phenomeno demographico é evidente no Amazonas. Por isso, não será fóra do calculo da tolerancia julgar que a sua população é de 450.000 habitantes, inclusive cerca de 15.000 indios, approximadamente, que vagueiam em nossas florestas, ainda affastados de qualquer convivio social.

Jovens "ticunas" paramentadas para a Festa da puberdade

Verifica-se que o numero predominante é o de filhos do Nordeste, principalmente de cearenses, aos quaes o Estado deve uma grande parte do progresso a que attingiu. Nos pontos mais reconditos, encontra-se essa gente destemida e trabalhadora.

O elemento branco e nativo, é, em porção consideravel, ainda muito mesclado do sangue indigena.

São numerosos os estrangeiros, principalmente portuguezes e syrios, que se entregam, de preferencia, ao commercio. Seguem-se os hespanhoes, italianos, sendo diminutas as «colonias» de outras procedencias.

Os selvagens vão desapparecendo, pela mistura com os invasores. Das innumeras tribus, que habitavam os rios amazonenses, ao tempo das penetrações, restam poucas que ainda não quizeram chegar ao gremio da civilização, taes como os jauaperys, do rio deste nome, e os parintintins, do Madeira. De outras, só existem poucos representantes e de muitas, apenas seus nomes.

A população geral do Estado é, como dissemos, bastante disseminada, com excepção da capital, que contém cerca de 60.000 almas, nenhum outro centro populoso, maior de 7.000 almas, ha no Amazonas. Em compensação, as *povoações*, isto é, nucleos em que se agrupam de 50 a 300 pessoas, marginando os rios e lagos, contam-se em numero avultado.

Si se attender que a superficie desta parte do Brasil é de 1.825.997 kilometros quadrados, sua população relativa é insignificantissima.

As zonas mais povoadas são: o municipio da capital, as margens do Purús, Madeira, Solimões e Juruá. O rio Negro, que era o mais habitado ha 50 annos, tem hoje sua população muito reduzida, o que é attestado pelo abandono de varias povoações, umas já desapparecidas e outras neste caminho...

Barcellos, a tradicional séde da Capitania do Rio Negro, chegou em fins do seculo XVIII a ter cerca de 3.000 pessoas; hoje não tem 200 (Vide «Relatorio» das viagens emprehendidas por Hilario Maximiano da Silva Gurjão, em 1855, e pelo Dr. Leovigildo de Souza Coelho, em 1861).

O recenseamento effectuado em 1.º de Setembro de 1920 é que se pode considerar o mais aproximado da verdade, em relação aos anteriores, computou para o Amazonas 361.166 habitantes, o que nos parece ainda estar aquem da quantidade exacta, mesmo accrescido os 12,41 % das rectificações dadas, da apuração das listas censitarias, na Repartição Geral de Estatistica.

Sem aquelle coeficiente de accrescimo, que imaginamos diminuto, para uma população muito disseminada, foi este o resultado desse recenseamento, pelas listas apuradas em Manáos:

Municipios	População
1—Barreirinha....	5.298
2—Bôa Vista	6.186
3—Borba....	14.091
4—Barcellos......	3.198
5—Benjamin Constant......	9.306
6—Canutama	7.891
7—Carauary......	8.711
8—Coary...	7.981
9—Codajás.......	7.913
10—Floriano Peixoto..	12.465
11—Fonte-Bôa...	9.499
12—Humaythá....	10.596
Transporta	103.135

Municipios	População
Transporte	103.135
13—Itacoatiara	14.875
14—Labrea	16.619
15—Manáos	69.959
16—Manicoré	14.844
17—Manacapurú	12.443
18—Maués	10.501
19—Moura	1.145
20—Porto Velho	4.424
21—Parintins	14.607
22—S. Paulo de Olivença	11.120
23—São Felippe	13.562
24—São Gabriel	14.080
25—Silves	3.198
26—Teffé	11.262
27—Urucará	3.222
28—Urucurituba	4.067
SOMMA	323.063

Convém ponderar que este recenseamento foi effectuado no Amazonas, no mez de Setembro, epoca das vasantes dos rios, quando se tornam difficeis as communicações para o interior. Ora, uma grande parte da população amazonense está localizada em lagos e em seringaes, que, nesse mez, ficam privados de transportes, impossibilitando, dessa forma, que os recenseadores fizessem um serviço completo. Houve necessariamente, vultosas omissões.

Justifica-se, pois, a supposição de existirem neste Estado, 450.000 habitantes.

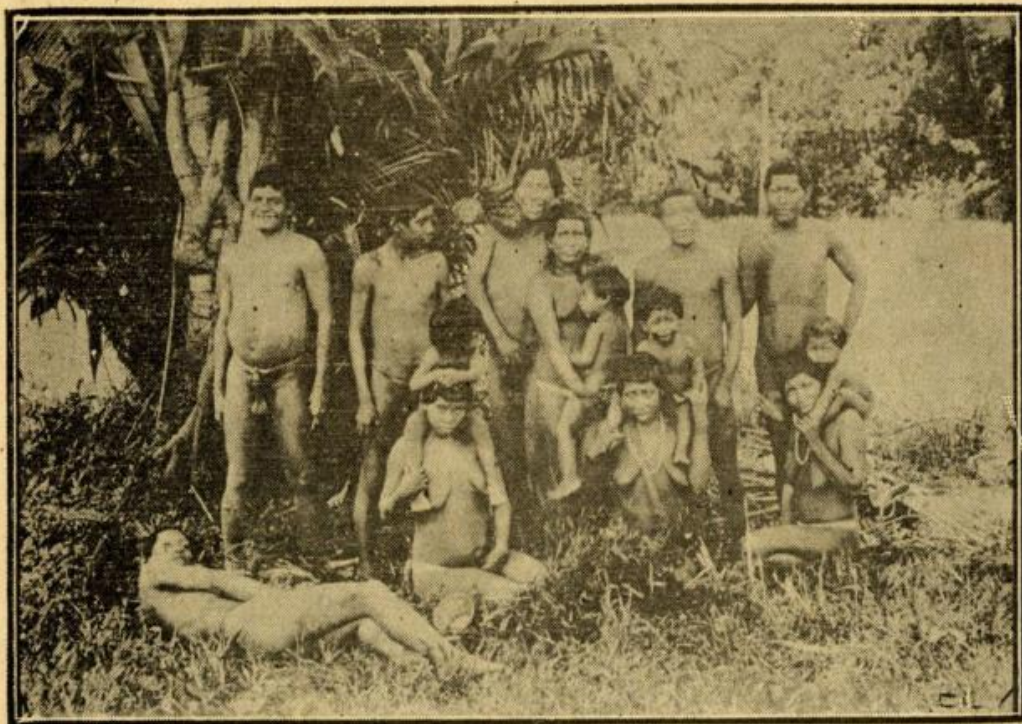
—O elemento indigena, que vae diminuindo constantemente, na fusão com os invasores, ainda é representado pelas seguintes tribus, conforme notas que nos foi fornecida pela Repartição de Defeza e Protecção aos Indios, de Manáos:

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Acaiaca (catapolitani)	Uapés e seus affluentes
Adzaneni	» Içana
Baniva (carutana)	» e affluentes
Buhagana	» Tiquié
Carutana	» Içana
Caua-tapiya (maúlieni)	» »
Deçana	» Tiquié, Papury

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Dérunei	Uapés Içana
Djaui-minánei	" "
Huhuteni	" "
Ipéca-tapiya (Cummá-minanei)....	" "
Iyéine	Medio Uapés

Indios do rio Japurá jogando a bola

Mabátsi-dákeni	Uapés-Içana
Payorina	" "
Pirá-tapiya	Medio Uapés
Siucî-tapiya (Oaliperi-dakeni)	Uapés Içana
Tapiyra-tapiya (Hema-dakeni)	" "
Tariána (Cumetene)....	Medio Uapés
Tceloá	Uapé Tiquié
Tucano	" " papury
Uaiana	" "
Uatsoli-daheni	" Içana
Uiue-tapiya	Medio Uapés
Yurupari-tapiya (Iyene)	Uapés e seus affluentes
Alpo-Sissi.....	Tapajós-Bararaty
Apiacá..	" e Bocca do S. Manoel
Namniquára	" Madeira-Juruena-Aripuanã e Roosevelt

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Amahuaca....	Juruá-Purús, Alto Juruá e Alto Purús
Ararauá	Juruá e Liberdade
Aráua	Medio Juruá
Bendyapá	Alto Juruá
Achionauà......	Juruá-Gregorio - Tarauacá e Envira
Cadékilli-dyapá....	Medio Juruá

Indios bindispás (rio Juruá)

Campa	Juruá-mirim
Canamary (Uili-dyapá, Tiumãdyapá)	Juruá-Purús-Jutahy-Gregorio e Alto-Purús
Capanana	Alto Juruá e Javary
Catauichi	Juruá, Purús, Breu, Ituxy e Mucuhim
Catianá..	Purús-Alto Purús e affluentes
Catukina	Juruá-Gregorio-Tarauacá
Chaninaua (Charanaua)	„ Envira, Douro
Chipinaua....	Alto Juruá
Corina..	Juruá,Purús-Marary-Chiruá-Gregorio
„	„ Tapauá
Coto....	„ Envira ou Embira
Cuntanaua (Coatanaua)	Juruá-Envira e Douro
Curiá	„ „
Guyanaua....	» Môa
Heuadie . .. .„	Baixo Juruá
Marinaua.....	„ Juruá-Envira

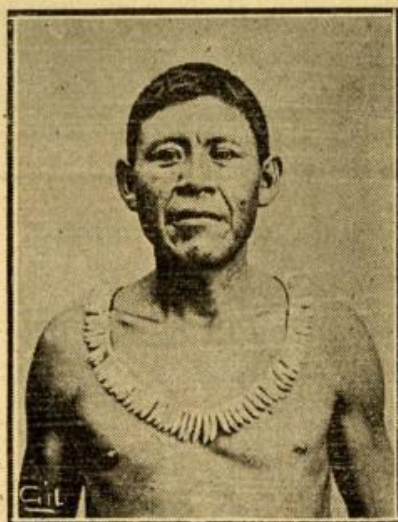
Nomes das tribus	Rios em que habitam
Nakuini	Juruá-Môa
Pacanaua	„ Envira
Paraua	„ Gregorio
Remo	„ mirim
Sacuya	Alto Juruá
Saninaua	„ „

Uma joven parintintins

Tauaré	Juruá-Envira
Tuchinaua (Tiuchuanaua)	„ Tarauacá-Envira e Jordão
Tyumã-dyapá	„ Purús-Jurupary - Pauhiny - Alto Purús
Uadyo-paranin-dyapá	Solimões-Jutahy
Uili-dyapá	Medio Juruá
Yamiñaua (Jaminaua)	Alto Juruá e Envira
Yura	„ „
Mastanaua	Juruá-Tarauacá e Jordão
Nelnanaua (Iniuanaua)	» „ „

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Capanana	Juruá-Tarauacá e Jordão
Amurumatê	„ „ „ e Douro
Amena-dyapá	Solimões-Jutahy

Indios parintintins (rio Maicy)

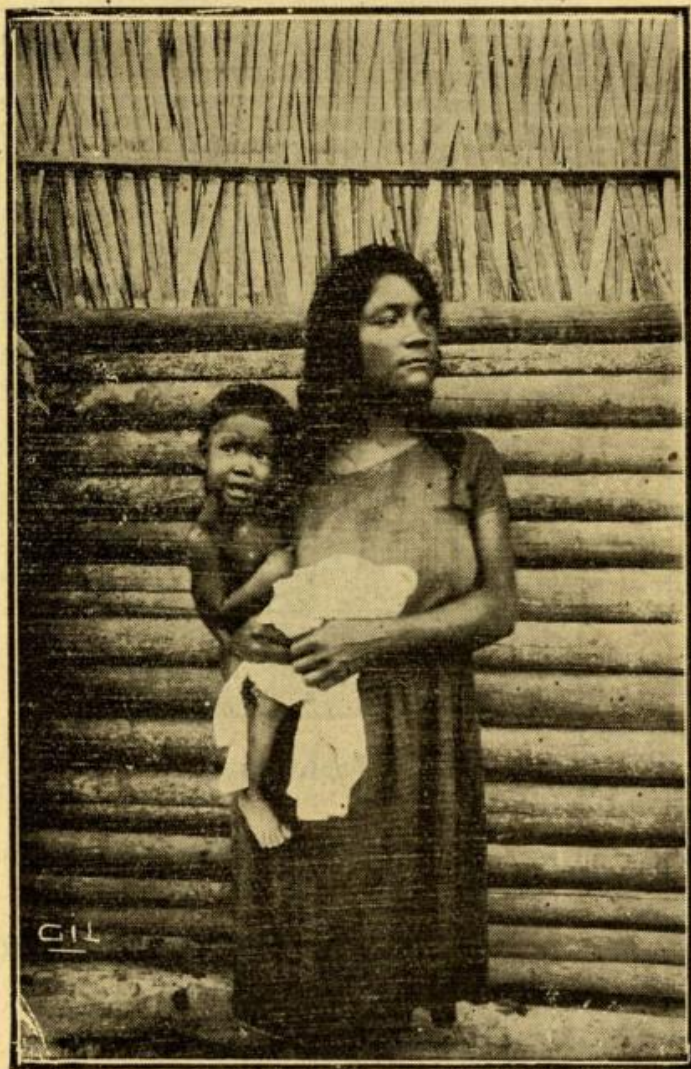
Pidá-dyapá	Juruá-Jutahy
Arára (Yuma ou Araraua)	Alto Purús, Alto Juruá e Aripuanã

Indio Macuxy

Cacharari	Purús-Ituxy
Canguiti (Ipurinã)	Purús-Acre-Medio Purús-Baixo Acre Sepatiny-Seruhiny-Ituxy

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Capechene	Alto Purús e Alto Acre
Catiana..	Purús-Curumaha
Chontaquiro	Alto Purús e Aracá
Cajigeneri	Purús-Curumaha
Espino	„ „

Indios Uapichanas

Ipurinã (canguiti).	Purús-Acre-Seruhiny-Sepatiny-Ituxy e Acre
Maneteneri	Alto Purús-Medio Acre
Paumari	Medio Purús
Piro (Chontaquiro)	Alto Purús-Aracá
Yamamady (Jamamady)	Purús, Tuhiny, Inauhiny, Mamoriá, Pauhiny e Tapauá
Muberí.	Purús-Tapauá
Yuma..	Purús-Paraná-pixuna
Arikeme	Madeira-Jamary-Arikemes
Caripuna	Madeira-Mutum-Paraná
Caritiana	Madeira-Candeia-Jamary
Itoga-puk	Madeira-Aripuanã-Roosevelt
Jarú....	Madeira-Arikemes
Matanaué....	Madeira-Roosevelt-Marmellos
Miguelinhos (Pavumua)	Madeira-S. Miguel
Pacaguára....	Madeira-Abunã

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Paca Nova	Madeira-Rio Paca Nova
Parintintins	Madeira-Maicy-Maicy-mirim
Pirahã (Mura)	Madeira-Medio-Maicy
Tura (Torá)...	Madeira-Marmellos
Urumí....	Madeira-Gy-Paraná

India pirahã (rio Maicy)

Urupá..	Madeira-Jamary-Arikemes
Aturaí...	Rio Branco-Takutú
Chirianá.......	Rio Branco-Uraricuera
Jaricuna (Taulipang)...	Rio Branco-Cotingo-Surumú-Amajary
Macu	Rio Branco-Auary
Macuxy	Rio Branco-Surumú-Tacutu-Mahu-Uraricuera
Maiongóng (Yecuana)	Rio Branco-Auary
Maracaná.....	Rio Branco-Uraricuéra

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Pauchiana	Rio Branco - Caratirimany- Mocajahy
Pichaucó	Rio Branco-Uraricuera-Surumú
Purucotó	Rio Branco-Uraricuera
Saparã	Rio Branco-Uraricuera
Tapioca (Uayeuê)	Rio Branco-Anauà
Uaíca	Rio Branco-Uraricuera
Uapichana	Rio Branco-Takutú-Sumurú-Amajary (Majary-Uraricuera)
Uayumará	Rio Branco-Uraricuera

Indio pauchiana (rio Branco)

India uapichana

Yecuaná	Rio Branco-Auary
Boccas Pretas (Mundurucús)	Baixo Amazonas-Tapajós e Maués
Campineiros (Mundurucús)	Baixo Amazonas-Tapajós e Maués
Maués	Baixo Amazonas-Maués e Andirá
Mundurucús	Baixo Amazonas, Madeira-Maués, Apucuítaua, Canumã, Abacaxys e Sucundury
Mura	Baixo Amazonas-Solimões e Madeira-Autaz e affluentes-Baetas, Manicoré, Mataurá e Canumã
Uruá	B. Amazonas-Nhamundá (Jamundá)
Caiuechana-Caixana	Japurá e Solimões-Baixo Japurá e Tonantins
Cueretú	Japurá-Baixo Japurá
Guariua	Baixo Japurá
Jumána	Baixo Japurá
Uainumá	Medio Japurá
Yahuna	Japurá-Apaporis
Yupuá	Japurá-Apaporis

Nomes das tribus	Rios em que habitam
Catukina....	Solimões-Teffé e affluentes
Cauixana (Cauiechana)	Solimões-Japurá-Tonantins e Apaporys
Cutya-diapá....	Solimões-Jundiatuba
Mayorúna (Mangirona)	Solimões-Javary-Jundiatuba e Curuçá
Miranya (Miranha)	Solimões-Coary (lago Cajuhiry), Içá e affluentes
Ticuna..	Medio Solimões e affluentes
Yuri.....	Alto Solimões?

Maloca de indios ticunas, no igarapé Belém

Macú....	Rio Negro-Uaupés, Mariua, Tiquié, Papury, Marié
Mandauacá	Rio Negro-Cauabury
Tatu-Tapiiya (Adzaneni)	Rio Negro-Uaupés, Içana
Uarequena.....	Rio Negro-Xié
Yabahana.....	Rio Negro-Marauia
Uaimiry	Rio Negro-Jauapery, Mahaua, Campinas
Atroahy.......	Rio Negro-Jauapery, Alalahú
Carabinani	Rio Negro-Jauapery
Crichaná	Rio Negro-Jauapery

CAPITULO II

Governo e administração do Estado

O Amazonas era uma das Provincias do Imperio, quando se deu a proclamação da Republica a que adheriu em 21 de Novembro de 1889. Sua primeira Constituição politica foi promulgada em 27 de Junho de 1891. O Congresso Amazonense decretou nova carta Constitucional a 23 de Julho de 1895. Em 1909 uma outra reforma foi levada a effeito e convertida na Constituição de 21 de Março de 1910. Outra, em 1914. Presentemente, os altos interesses da administração publica estadual, são regulados pela Constituição de 14 de Fevereiro de 1922, base da organização dos tres poderes do Estado.

Na ordem administrativa, o Amazonas está dividido em municipios autonomos, menos o da capital, cujo Superintendente é de livre nomeação ou demissão do Governador do Estado.

Para effeito da distribuição e regularização da Justiça, estabeleceram-se as comarcas, os termos e os districtos.

Os tres poderes estaduaes, independentes mas harmonicos entre si, são exercidos: pela Assembléa Legislativa, eleita por tres annos e composta de 30 membros; pelo Governador do Estado, eleito por quatro annos; e pelo Superior Tribunal de Justiça, composto de seis desembargadores vitalicios, cujas vagas são preenchidas pelos Juizes de Direito mais antigos e habilitados para esse fim.

Poder Legislativo.—Compete á Assembléa, alem de outras attribuições, que lhe são outorgadas (art. 24 da Constituição):

1.º—fazer leis, interpretal-as, alteral-as, suspendel-as ou revogal-as;

2.º—fixar annualmente a despeza e orçar a receita do Estado em vista, ou não, das informações ou proposta do Governador;

3.º—declarar sem effeito os actos e resoluções dos Municipios, que forem contrarios á Constituição ou as Leis da União ou do Estado, ou offenderem os direitos de outro Municipio;

4.º—autorizar o Governador a contrahir emprestimos e fazer outras operações de creditos, fixando o maximo dos compromissos annuaes, que tiverem de pesar sobre os cofres do Estado;

5.º—conceder verbas para os serviços creados e autorizar a creação de novos, quando estes houverem de acarretar accrescimo de despezas;

6.º—autorizar ajustes e tratados com outros Estados e approvar ou regeitar os que forem feitos pelo Governador;

7.º—receber o compromisso, dar posse ao Governador e acceitar a sua renuncia ou excusa;

8.º—reclamar, quando reunida, no caso do art. 6.º da Constituição da Republica, a intervenção do Governo Federal;

9.º — velar na guarda da Constituição e das leis do Estado e representar ao Poder Executivo Federal e ao Congresso Nacional, quando reunido, contra a invasão do territorio do mesmo Estado, e bem assim contra as leis dos outros Estados que attentarem contra seus direitos;

10.º — conceder ou negar licença ao Governador para sahir do Estado;

11.º — votar todos os meios indispensaveis a manutenção da Força Publica;

12.º — fazer a apuração da eleição do Governador;

13.º — fixar o subsidio do Governador e dos deputados;

14.º — resolver sobre a creação de novos municipios, limites destes e dos actuaes;

15.º — crear taxas de sellos sobre documentos sem caracter federal, referentes a economia do Estado e contribuições postaes e telegraphicas, quando estabelecer estes serviços;

16.º — augmentar ou supprimir contribuições, taxas e impostos, ou os crear sem offensas das limitações especificadas nesta Constituição e na Federal:

17.º — crear e supprimir empregos, quando julgar conveniente ás exigencias do serviço publico;

18.º — tomar conhecimento das eleições municipaes, quando contra as mesmas haja protesto ou duplicata;

19.º — processar o Governador ou seu substituto em exercicio e promover o seu julgamento, como dispõe esta Constituição, nos crimes de responsabilidade, ou dar autorisação para ser o mesmo Governador processado, ou o seu substituto em exercicio, nos crimes communs;

20.º — eleger a commissão dos Deputados para juntamente com os membros do Superior Tribunal de Justiça, julgar o Governador do Estado ou seu substituto em exercicio.

Poder Executivo. — A suprema direcção governamental e administrativa do Estado, é confiada ao Governador, que exerce o mandato por quatro annos, não podendo ser reeleito para o periodo immediato. Em suas faltas, são substitutos do Governador: 1.º — o presidente da Assembléa Legislativa; 2.º — o vice-presidente da mesma; 3.º — o presidente do Superior Tribunal de Justiça.

São attribuições do Governador do Estado (Constituição art. 41):

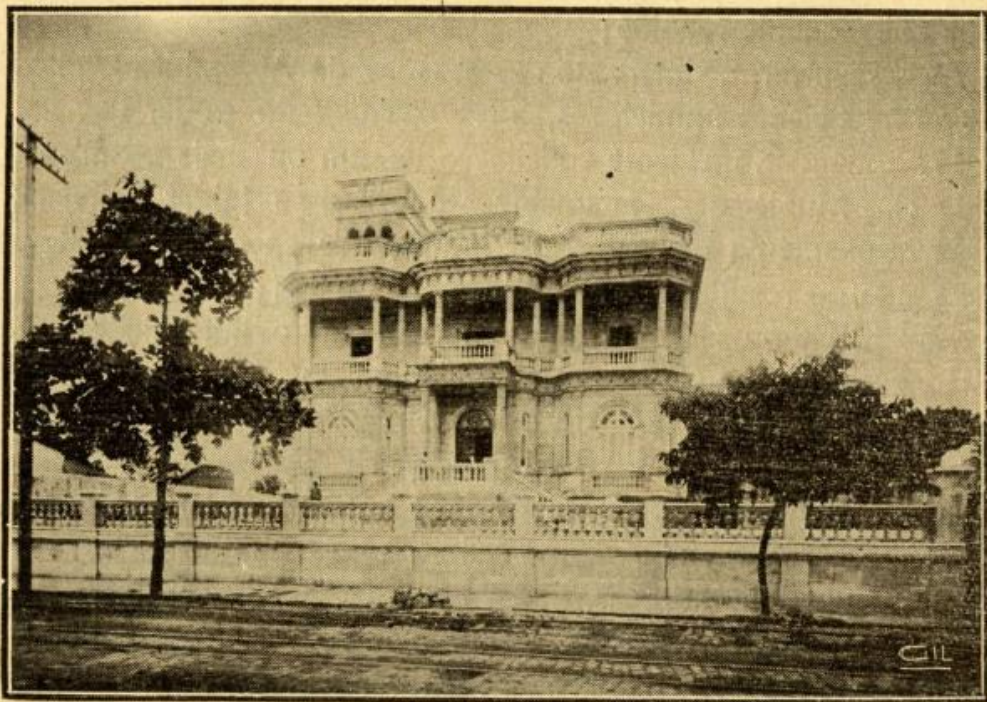
1.º — dirigir, fiscalizar, promover e defender todos os interesses do Estado, de accordo com as leis;

2.º — sanccionar e promulgar leis;

3.º — expedir decretos, regulamentos e instrucções para fiel e conveniente execução das leis;

4.º—convocar extraordinariamente a Assembléa Legislativa, quando o bem publico o exigir, expondo sempre os motivos da convocação;

5.º—annualmente expor a situação dos negocios do Estado á Assembléa, suggerindo em mensagem minuciosa as providencias, que entender necessarias;

6.º—preparar todos os dados orçamentarios da receita e despeza do Estado, para serem apresentadas á Assembléa, no começo de cada sessão;

Palacio Rio Negro (séde do Governo do Estado)

7.º—contrahir emprestimo e realizar operações de credito, de accôrdo com as expressas auctorizações da Assembléa, em lei especial ou do orçamento;

8.º—autorizar as desapropriações por necessidade e utilidade publica, de accordo com a lei;

9.º—organizar a Força Publica do Estado, dentro da verba orçamentaria destinada a este serviço, tendo em vista o voluntariado ou o engajamento;

10.º—distribuir e utilizar a força publica do Estado que, lhe é immediatamente subordinada e dispôr della conforme ás exigencias da manutenção da ordem, segurança e integridade do territorio;

11.º—mobilizar e utilizar a guarda Municipal das diversas circumscripções do Estado, quando o exigir a segurança publica;

12.º—prover os cargos civis e militares, nomeando, suspendendo e demittindo os serventuarios na forma da Constituição e das leis;

13.º—prestar, por escripto, todas as informações e esclarecimentos que a Assembléa requisitar;

14.º—manter as relações com os Estados da União, podendo celebrar ajustes, convenções de tratados sem caracter politico, dando conta dos mesmos á Assembléa Legislativa;

15.º—suspender, não estando reunida a Assembléa, a execução das resoluções e dos actos das Intendencias e autoridades municipaes, quando offenderem a Constituição e leis da União ou do Estado, ou direitos de outro Municipio, dando conta do seu acto á mesma Assembléa na subsequente reunião;

16.º—resolver, no intervallo das sessões da Assembléa Legislativa, os casos de eleições municipaes, *ad-referendum* do poder Legislativo;

17.º—mandar, mediante solicitação de um ou mais membros das Intendencias Municipaes, em qualquer epoca e se julgar conveniente, proceder a exame na respectiva escripturação e execução de serviços, dando conta do resultado á Assembléa Legislativa;

18.º—decidir os conflictos de jurisdicção e attribuições, que se suscitarem entre as auctoridades administrativas;

19.º—providenciar sobre a administração dos bens do Estado e decretar a sua alienação, na forma da lei;

20.º—organizar e dirigir os serviços relativos ás terras do Estado, viação, navegação interna e ensino publico;

21.º—conceder licenças, aposentadorias, jubilações e reformas;

22.º—Indultar e commutar as penas impostas aos réos de crimes communs e de responsabilidade, sujeitos á jurisdicção do Estado, precedendo informações do Superior Tribunal de Justiça;

23.º—fazer arrecadar os impostos e rendas do Estado e lhes dar applicação legal;

24.º—organizar e mobilizar forças nos casos de invasão extrangeira ou de outro Estado, commoção intestina ou perigo imminente, dando conta á Assembléa Legislativa;

25.º—Requisitar a intervenção do Governo Federal nos casos previstos nos arts. 5.º e 6.º da Constituição da Republica, dando á Assembléa os motivos da requisição;

26.º—Mandar proceder ás eleições federaes, estaduaes e municipaes e tomar as medidas necessarias para que ellas se effectuem na forma da lei;

27.º—Remetter á autoridade judiciaria os documentos, que tiver, para a formação de culpa de qualquer funccionario;

28.º—Desenvolver o serviço de civilização dos indios, immigração e colonização;

29.º—Representar o Estado nas suas relações officiaes com o governo da União e dos Estados;

30.º — Applicar os creditos consignados pela Assembléa Legislativa ao serviço do Estado, não podendo ser retirada do Thezouro quantia alguma cuja applicação não esteja determinada em lei;

Poder Judiciario. — Este poder tem por orgãos: *a)* um Tribunal com a denominação de Superior Tribunal de Justiça, com séde na capital e

Palacio da Justiça

jurisdicção em todo o Estado; *b)* juizes de direito, juizes preparadores e jurados.

Um dos seis desembargadores de que é formada aquella Corte, é designado, pelo Governador para exercer em commissão o cargo de Procurador Geral do Estado, cujas attribuições são definidas em lei.

Alem de outras attribuições, compete ao Superior Tribunal de Justiça (art. 63):

1.º — decidir os conflictos de jurisdicção entre as auctoridades judiciarias e entre estas e as administrativas;

2.º — processar e julgar o governador, nos crimes communs e o secretario do estado nos de responsabilidade somente sua, de conformidade com os preceitos desta Constituição, bem como os juizes de direito, nos crimes communs e de responsabilidades;

3.º — conceder *habeas-corpus* com recurso para o Supremo Tribunal Federal, nos casos previstos pela Constituição da Republica.

E' mantida a instituição do Jury (art. 66).

Em caso algum, a Magistratura é electiva.

A creação e a administração dos Municipios são reguladas por essa Constituição (arts. 81 a 107).

Todos os ramos da administração, quer estadual, quer municipal se acham regulamentados nos termos da legislação moldada nesse Pacto fundamental da vida do Estado.

CAPITULO III

Divisão administrativa e judiciaria

Municipios.—O Amazonas está presentemente dividido em 28 municipios, muito desiguaes em superficie e população, conforme já vimos nos capitulos respectivos.

Têm, em geral, os nomes das suas proprias sédes (villas e cidades).

Eil-os:

BARCELLOS.—89.904 kilom. quadrados. E' banhado pelo rio Negro; sua séde é a villa de igual nome, creada em 6 de Maio de 1758. Foi a capital da antiga Capitania do Rio Negro, que comprehendia então todo o actual Estado do Amazonas, até 1790, quando foi trasladada para o Logar da Barra, de onde voltou de 1798 a 1804 para Barcellos, que, em começo, foi chamada Mariuá. Limita-se o municipio com a republica de Venezuela e com os municipios de S. Gabriel, Moura, Teffé e Coary. Renda aproximada: 35:000$000.

BARREIRINHA.—5.230 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Andirá e pelo paraná do Ramos. Sua séde é a villa de igual nome, antiga povoação de Andirá. Foi creado por lei provincial de 9 de Junho de 1881, desmembrado do de Parintins e installado em 7 de Setembro de 1883. Limita-se com os municipios de Parintins, Maués e Urucurituba. Renda aproximada 30:000$000.

BENJAMIN CONSTANT.—66.784 kilom. quadrados. Banhado pela margem direita do rio Javary. Tem por séde a villa de Remate de Males. Foi creado pela lei estadual de 29 de Janeiro de 1898, desmembrado do de São Paulo de Olivença. Supprimido por lei estadual de 14 de Fevereiro de 1901 e restaurado por lei de 2 de Setembro de 1904. Reinstallado em 12 de Outubro do mesmo anno. Limita-se com os municipios de São Felippe, Fonte-Bôa e São Paulo de Olivença e com a republica do Perú, separado pelo referido rio Javary. Renda aproximada: 50:000$000.

BOA VISTA.—143.655 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Branco, affluente do rio Negro. Fazia parte do districto de Manáos, creado pela lei provincial de 6 de Novembro de 1858. Sua séde é a villa da Bôa Vista, creada com o municipio pela lei estadual de 9 de Julho de 1890, desmembrado do de Moura e installado em 25 do mesmo mez e anno. Seu territorio comprehende grandes campos naturaes, onde vive o maior rebanho pecuario do norte do Brasil. Limita-se com a Guyana Ingleza, separado pelos rios Mahú e Tacutú, com a Venezuela separado pelo systema orographico Parimo-guyano, e com o municipio de Moura. Renda orçada para 1925: 68:000$000.

BORBA.—137.580 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Madeira. Sua séde é a villa de Borba, creada em 1756. Supprimida successivamente pela lei geral de 17 de Maio de 1833, que mandou executar o Codigo do Processo, pela lei provincial de 3 de Outubro de 1866. Restaurada pelas leis provinciaes de 10 de Dezembro de 1857, de 4 de Julho de de 1877 e de 26 de Setembro de 1888. Fazia parte do municipio de Manáos. Limita-se com os municipios de Itacoatiara, Manicoré e Maués. Renda aproximada: 30:000$000.

CANUTAMA.—90:927 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Purús. Desmembrado do da Labrea por lei estadual de 10 de Outubro de 1891, sendo installado em 10 de Setembro de 1892. Sua séde é a villa de igual nome. Limita-se com os municipios da Labrea, Manacapurú, Humaythá, Manicoré, Coary e Teffé. Renda aproximada: 80:000$000.

CARAUARY.—88.093 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Juruá. Sua séde era a antiga povoação de Xibauá, elevada á villa pela creação do municipio, por lei estadual de 27 de Setembro de 1911. Foi desmembrado do de Teffé, depois extincto e mais tarde restaurado, em 1905. Limita-se com os de Fonte-Boa, Teffé, Canutama e S. Felippe. Renda aproximada 80.000$000.

COARY.- 57.329 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Coary e Solimões. Foi creado pela lei provincial de 1.º de Maio de 1874, desmembrado do de Teffé e installado em 2 de Dezembro de 1875. Sua séde é a villa de Coary, antiga povoação de Alvellos. Limita-se com os de Codajás, Canutama e Teffé. Renda aproximada: 75:000$000.

CODAJÁS.—19.714 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Solimões. Foi creado pela lei provincial de 10 de Maio de 1874, desmembrado do de Manáos e installado em 5 de Agosto de 1875. Tem por séde a villa de igual nome. Limita-se com os municipios de Manacapurú e Coary. Renda aproximada: 50:000$000.

FLORIANO PEIXOTO.—22.731 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Purús. Foi creado por lei estadual de 22 de Outubro de 1890, com o nome de Antimary, sua séde; desmembrado do da Labrea. Supprimido por lei estadual de 28 de Março de 1895; restaurado, com a denominação de Floriano Peixoto, por lei estadual de 15 de Maio de 1897. Limita-se com os de São Felippe, Labrea, com os Departamentos do Alto Acre e Alto Purús. Renda aproximada: 120:000$000.

FONTE-BOA.— 96.949 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Jutahy e Solimões. Foi creado pelo decreto estadual de 23 de Março de 1891, desmembrado do de Teffé. Limita-se com os de Carauary, Teffé, São Felippe e São Paulo de Olivença. Renda aproximada: 40:000$000.

HUMAYTHÁ.—53.107 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Madeira. Tem por séde a cidade de igual nome. Foi esse municipio creado por lei estadual de 4 de Fevereiro de 1890, desmembrado do de Manicoré.

Limita-se com os de Manicoré, Canutama e Porto Velho. Renda approximada: 280:000$000.

ITACOATIARA.—6.841 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Amazonas. Sua séde é a cidade de igual nome, antiga Serpa, creada em 1759 e supprimida em 1833; restaurada em 10 de Dezembro de 1857. Elevada á cathegoria de cidade, por lei provincial de 25 de Abril de 1874. O municipio foi desmembrado do de Silves com o qual se limita e com os de Manáos, Urucurituba e Maués. Renda orçada para 1925: 73:000$000.

LABREA—93.332 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Purús. Foi creado por lei provincial de 14 de Maio de 1881, desmembrado do de Manáos e installado em 7 de Março de 1886. Sua séde foi elevada á cathegoria de cidade com a denominação de S. Luiz da Labrea, em 9 de Outubro de 1894. Limita-se com os municipios de Canutama, Floriano Peixoto, Humaythá, S. Felippe e Teffé. Renda orçada para 1925: 85:800$000.

MANACAPURÚ.—37.008 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Solimões e Purús. Foi creado por lei estadual de 27 de Setembro de 1894 e installado em 16 de Junho de 1895. Tem por séde a villa do mesmo nome. Foi desmembrado do de Manáos e limita-se com elle e com os de Borba, Canutama, Coary e Codajás. Renda approximada: 60:000$000.

MANÁOS.—47.874 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Amazonas, Solimões e Negro. Seu territorio abrangia primitivamente toda a antiga Capitania do Rio Negro, do qual se desdobraram todos os actuaes municipios do Estado, depois que fôra elevada á cathegoria de villa a sua séde, o Logar da Barra, em 1790. Perdeu esse predicamento em 1798, sendo restaurado em 1804. Foi elevado á cidade por lei da Provincia do Pará, de 24 de Outubro de 1848, tomando a denominação actual por lei provincial de 4 de Setembro de 1856. O municipio contem, pois, a cidade de Manáos, capital do Estado. E' o mais importante dos municipios do Amazonas por sua população, que ascende a mais de 80.000 habitantes, como pelo seu desenvolvimento economico. Limita-se com os de Moura, Itacoatiara, Borba e Manacapurú. Renda approximada: 2.000:000$000.

MANICORÉ.—80.461 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Madeira. Foi desdobrado do de Manáos e sua séde, de igual nome, creada por lei provincial de 4 de Julho de 1877. O municipio, foi installado em 15 de Maio de 1878. Manicoré teve o predicamento de cidade por lei estadual de 4 de Maio de 1896. Limita-se com os municipos de Borba, Humaythá e Canutama. Renda approximada: 80:000$000.

MAUÉS.—34.608 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Maués e pelos paranás do Arariá e do Ramos. Sua séde foi a antiga Luséa, creada em 1833, tomando o nome de Conceição, por lei provincial de 11 de

Setembro de 1865. Elevada á cidade com o nome de Maués por lei estadual de 4 de Maio de 1896. Limita-se o municipio com os de Borba, Barreirinha, Urucurituba, Itacoatiara, Parintins e terras do Estado do Pará. Renda orçada para 1925: 43:750$000.

MOURA.—143.878 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Negro. Foi creado por lei provincial de 16 de Outubro de 1878, desmembrado do de Barcellos, tendo em sua séde a villa de Moura. Limita-se com os de Manáos, Boa Vista e Barcellos. Renda orçada para 1925: 43:160$000.

PARINTINS.—20.131 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Amazonas. Seu territorio provem da antiga freguezia da Villa Nova da Rainha. Sua séde creada villa por lei provincial do Pará, de 24 de Outubro de 1848 e por lei do Amazonas, de 15 de Outubro de 1852. Desmembrado do municipio de Maués, foi installado em 14 de Março de 1853, com a denominação de Parintins. Foi este elevado á cidade por lei provincial de 30 de Outubro de 1880. Limita-se com os municipios de Urucará, Urucurituba, Barreirinha, e com o Estado do Pará. Renda aproximada: 50:000$000.

PORTO VELHO.—17.298 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Madeira. Foi desmembrado do de Humaythá por lei estadual de 2 de Outubro de 1914. Tem por séde a cidade do mesmo nome. Limita-se com os de Humaythá, Floriano Peixoto e Estado de Matto-Grosso. Renda aproximada: 250:000$000.

SÃO FELIPPE.—68.783 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Juruá. Seu territorio era immenso, abrangendo o municipio de Carauary, e o Departamento do Alto Juruá. Foi desdobrado do de Teffé e creado por lei estadual de 4 de Novembro de 1892; transferida sua séde da villa de Carauary para o logar S. Felippe, por lei de 17 de Abril de 1895. Limita-se com os municipios de Benjamin Constant, Fonte-Boa, Teffé, Labrea, Floriano Peixoto e o Departamento do Alto Juruá. Renda aproximada: 90:000$000.

SÃO GABRIEL.—146.878 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Negro. Foi desmembrado do de Barcellos, por lei estadual de 3 de Setembro de 1891. Sua séde é a villa de igual nome, installada em 13 de Maio de 1893. Limita-se com o municipio de Barcellos e com as republicas de Colombia e Venezuela. Renda orçada para 1925: 157:580$000.

S. PAULO DE OLIVENÇA.—42.841 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Solimões e Içá. Foi desmembrado do de Teffé; sua séde é a villa de igual nome, creada em 1817 e supprimida em 1833. Restaurado o municipio por lei provincial de 31 de Maio de 1882. Limita-se com os de Benjamin Constant, Carauary e com a Colombia. Renda orçada para 1925: 32:000$000.

SILVES.—26.964 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Amazonas, Urubú e paraná de Silves. Foi primitivamente um districto da Capi-

tania de S. José do Rio Negro, em 1759. Sua séde teve a cathegoria de Villa em 21 de Outubro de 1852. Desmembrado do municipio de Manáos e installado em 14 de Março de 1853. Limita-se com os de Urucará, Urucurituba e Itacoatiara. Renda aproximada: 20:000$000.

TEFFÉ. — 148.890 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Solimões, Japurá e Teffé. Formava um districto da Capitania de S. José do Rio

Festa do Divino Espirito Santo, em Ayapuá

Negro, com o nome de Ega, desde 1757; depois de 1833, um dos 4 Termos em que toda a Comarca do Alto Amazonas ficou dividida, para effeito da execução do Codigo do Processo. Sua séde foi elevada á cathegoria de cidade, com a denominação actual, por lei provincial de 15 de Junho de 1855. Seu antigo territorio tem sido retalhado em varios outros municipios. Limita-se com os de Carauary, Coary, Canutama e Fonte-Bôa. Renda aproximada 100:000$000.

URUCARÁ. — 32.186 kilom. quadrados. Banhado pelos rios Amazonas e Uatumã. Seu territorio constituia a antiga freguezia de Sant'Anna da Capella; foi desmembrado do de Silves por lei provincial de 12 de Maio de 1887. Sua séde é a villa de Urucará, installada em 7 de Setembro do mesmo anno. Limita-se com os municipios de Parintins, Urucurituba e Silves. Renda aproximada: 25:000$000.

URUCURITUBA.—3.422 kilom. quadrados. Banhado pelo rio Amazonas. Creado por lei de 27 de Abril de 1895, desmembrado do de Silves e Urucará. Foi sua séde a villa de Urucurituba, installada em 5 de Maio daquelle anno. Supprimida por lei de 14 de Maio de 1817 e restaurada por lei de 5 Março de 1898; transferida para o logar Tabocal com a denominação de Silverio Nery, por lei municipal de 18 de Julho de 1901 e estadual de 22 de Agosto do referido anno. Foi restaurada a primitiva séde por lei municipal de 27 de Fevereiro de 1908 e estadual de 15 de Dezembro de 1910. Limita-se com os municipios de Parintins, Barreirinha, Maués, Silves e Urucará. Renda orçada para 1925: 8:450$000.

CAPITULO IV

Comarcas e Termos

A divisão judiciaria do Amazonas tem soffrido grandes alterações, muitas vezes por motivos que não consultam os interesses da Justiça, expondo a Magistratura ás contingencias do partidarismo, que tudo envolve para prejudicar. Com a mesma facilidade com que se crêa ou desdobra uma Comarca, para servir a um cidadão apadrinhado pela politica, com essa mesma é extincta, declarando-se o respectivo Juiz em *disponibilidade* apparentemente remunerada, porque não pode ser demittido. Pouco tempo depois, é essa mesma Comarca restabelecida e nomeado outro Juiz, para a servir... Isto, dentro do mesmo quatriennio governamental. Os Termos andam de annexação em annexação, tornando-se, assim, muito precaria a divisão judiciaria do Estado.

Eil-a presentemente:

Comarcas	*Termos*
1 – Canutama	Canutama (séde) Labrea Floriano Peixoto
2 – Humaythá	Humaythá
3 – Itacoatiara	Itacoatiara (séde) Silves Urucurituba
4 – Coary	Coary (séde) Manacapurú Codajás
5 – Manáos	Manáos (dois districtos)
6 – Manicoré	Manicoré (séde) Borba
7 – Maués	Maués (séde) Barreirinha
8—Parintins	Parintins (séde) Urucará
9 – Porto Velho	Porto Velho
10 – Rio Branco	Bôa Vista
11 – Rio Negro	Moura (séde) Barcellos S. Gabriel
12 – São Felippe	São Felippe (séde) Carauary

13—Teffé .. .. Teffé (séde)
S. Paulo de Olivença
Fonte-Bôa
Benjamin Constant

DIVISÃO DISTRICTAL

TERMOS DE:

1.º—*BARCELLOS.*—Comprehendem dois districtos:

1.º—S. Joaquim (Decreto n.º 519, de 5 Setembro de 1901)

2.º—Thomar (Decreto n.º 783, de 30 de Maio de 1906)

2—*BARREIRINHA.*—Constitue um só districto (Lei n.º 1.126, de Novembro de 1921).

3—*BENJAMIN CONSTANT.*—1.º districto—do rio Ituhy ao rio Curuçá;

2.º districto do Itecoahy a Pedras;

3.º districto affluentes do Itecoahy;

4.º districto affluentes do Curuçá;

5.º districto rio Javary e seus affluentes (Decreto n. 704, de 9 de Fevereiro de 1905).

4—*BOA VISTA.*—1.º districto.—Limitar-se-ha pela margem esquerda do igarapé do Truarú e pela margem direita do rio Uraricuera até ás respectivas cabeceiras;

2.º districto.—Limitar-se-ha pela margem esquerda do rio Uraricuera e pela margem direita do rio Parimé até as respectivas cabeceiras;

3.º districto.—Limitar-se-ha pela margem do rio Uraricuera, pela margem esquerda do rio Parimé e pela margem direita do Tacutú até encontrar o Surumú e por este pela margem direita até a sua nascente;

4.º districto.—Ficará limitado pelo rio Surumú, margem esquerda, pelo rio Tacutú, margem direita e pelo rio Mahú margem direita;

5.º districto.—Ficará limitado pela margem esquerda do rio Tacutú, pela margem direita do igarapé do Surrão e pela margem esquerda do rio Branco;

6.º districto.—Ficará limitado pela margem esquerda do rio Urubú, por uma recta até encontrar a cabeceira do igarapé do Surrão, pela margem direita deste, pela margem esquerda do rio Branco e pela margem direita do rio Cuitanan. (Lei n.º 1.198, de 29 de Setembro de 1923).

5—*BORBA.*—1.º districto.—Comprehende do lago do Jaraquy de um lado e de Jatuarana de outro, com séde na villa de Borba;

2.º districto.—A partir do lago Jaraquy até Sapucaia, com séde no logar Sapucaia;

3.º districto.—A partir do Sapucaia até a foz do rio Aripuanã, inclusive, com séde neste logar;

4.º districto.—A partir da foz do rio Aripuanã, até a bocca do paraná das Araras, comprehendendo este paraná e a margem direita do rio Mariepaua, limite com o municipio de Manicoré, com séde em Cruzeiro.

5.º districto.—A partir do lago Jatuarana até a foz do Urariá, com séde em S. Joaquim;

6.º districto.—A partir de S. Joaquim até Urucurituba, limite com o municipio de Itacoatiara, comprehendendo o lago do Sampaio, com séde em Rosarinho;

7.º districto.—A partir do lago Urariá até o logar Amanihú, comprehendendo o rio Canumã e seus affluentes Sucundury e Acary, até os limites com o Estado de Matto-Grosso, com séde em Amanihú;

8.º districto.—A partir do logar Amanihú até o povoado de Abacaxys, comprehendendo os rios Abacaxys e Marymary, com séde no mesmo povoado;

9.º districto.—A partir do povoado de Abacaxys até a foz do Curupira, limite com o municipio de Maués, comprehendendo o lago de Curupira, com séde em «Quem Diria»;

10.º—districto.—A partir do paraná do rio Autaz até Canarana, limite com o municipio de Itacoatiara, comprehendendo todos os seus affluentes, com séde em Canarana;

11.º districto.—A partir da foz do rio Aripuanã até a povoação de Periquitos;

12.º districto.—A partir da povoação de Periquitos, no alto Aripuanã, com séde em Sumahúma;

13.º districto.—A partir da foz do rio Castanha, comprehendendo este e seus affluentes, com séde em Terra Preta;

14.º districto.—A partir da foz do rio Guariba, comprehendendo este e seus affluentes, com séde em Pajurá. (Lei n.º 1.198, de 29 de Setembro de 1923).

6—*CANUTAMA*.—1.º districto.—Abufary;

2.º districto.—Itaituba;

3.º districto.—Tauariá;

4.º districto.—Jaburú;

5.º districto—Bocca do Tapauá;

6.º districto—Saudade;

7.º districto—Axioma;

8.º districto—Vista Alegre (Decreto n.º 534, de 25 de Novembro de 1901. O 8.º districto foi creado pelo Decreto n. 133, de 17 de Dezembro de 1915).

7—*CARAUARY*.—1.º districto—Novo Cayaué;

2.º districto—Cayaué;

3.º districto—Concordia;

4.º districto—Imperatriz;
5.º districto—Santo Antonio;
6.º districto—Marary;
7.º districto—Vista Alegre;
8.º districto—Manichy Grande;
9.º districto—Gaviãosinho;
10.º districto—Soledade;
11.º districto—Fóz do Tarauacá (Decreto n.º 2.064, de 23 de Março de 1914).

8—*COARY.*—1.º districto—Camará;
2.º districto—S. João do Ipixuna;
3.º districto—Camarão;
4.º districto—Porto Alegre;
(Decreto n.º 572, de 19 de Maio de 1902). Pelo Decreto n. 610, de 13 de Janeiro de 1903, foi transferida a séde do 2.º districto de Barro Alto para S. João do Ipixuna.

9—*CODAJÁS.*—1.º districto—Badajós (Decreto n.º 481, de 11 de Abril de 1901).
2.º districto—Anamã (Decreto n. 559, de 21/3/1903)
3.º districto—Anory (Decreto n. 285, de 7/6/1906)

10—*FLORIANO PEIXOTO.*—1.º districto—da bocca de Inauhiny á bocca do Acre, inclusive, com séde em Santa Maria da Bocca do Acre;

2.º districto—da bocca do Acre á Independencia, inclusive, com séde no seringal Independencia;

3.º districto—de Independencia á Nova Amelia, inclusive, com séde no seringal Nova Amelia;

4.º districto—de Nova Amelia a S. Miguel, inclusive, com séde no seringal S. Miguel;

5.º districto—de S. Miguel á bocca do Yaco, inclusive, com séde no povoado denominado Yaco;

6.º districto—da bocca do Yaco á Bôa Esperança, inclusive, com séde no povoado Bôa Esperança;

7.º districto—de Bôa Esperança á Itauba, inclusive, com séde no seringal Itauba.

(Decreto n.º 1.452, de 16 de Março de 1923).

11—*FONTE BOA.*—1.º districto—Uará. Começa no Camadú pela margem direita do rio Solimões, subindo este até a fóz do Juruá; pela margem esquerda, começa no Ararapuca, subindo pelo igarapé Paraná, até o lago deste nome;

2.º districto—Meneruá. Começa na fóz do Juruá subindo, e o Meneruá, ambas as margens e seus affluentes, inclusive o Arabedy, até os limites de Coary;

3.º districto—Villa (séde). Começa no baixo do Araras, su-

bindo ambas as margens do Solimões, inclusive, Jacaré, Maiana e Capote, até o Favonio;

4.º districto—Auty-paraná. Começa no furo do Bugary, descendo o Auty-paraná, ambas as margens, inclusive Boiuçú, Anaruçú e Marimary, até encontrar o rio Japurá;

5.º districto—Fóz do Jutahy. Começa no Favonio, inclusive, subindo ambas as margens, até o furo do Bugary, e pelo rio Jutahy até a bocca do Biá;

6.º districto—Mutum. Começa no logar Santa Rosa, no barracão acima do paraná do Biá, comprehendendo o rio Mutum, cabeceira e affluentes, Pajurá, pelo Jutahy, inclusive o barracão Paraizo, seguindo até a extrema do seringal Aurora, na margem direita, e pela margem esquerda até o barracão Mappa, inclusive;

7.º districto—Cruena. Começa pelo lado de baixo, no seringal Elba, pelo Jutahy, ambas as margens até a extrema do seringal S. Julio, comprehendendo o seringal Bom Futuro, ambas as margens, pelo lago Pirarucú, incluindo o seringal Icarahy, maloca S. Francisco, Vera-Cruz, Juruasinho e Dores.

(Lei n. 1.206, de 20 de Outubro de 1923).

12—*HUMAYTHÁ*.—1.º districto.—A partir do Lago do Antonio e do logar Carapanauba, aquelle na margem direita e este na esquerda do rio Madeira, até o igarapé Tres Casas, inclusive este e o lago deste nome, com séde no povoado ali existente;

2.º districto—Da margem esquerda do igarapé Tres Casas, seguindo ambas as margens do rio Madeira, até o igarapé do Purusinho, inclusive este, lado esquerdo, até o logar denominado S. Miguel, lado direito, com séde no logar Primavera;

3.º districto—Da bocca do Purusinho, margem esquerda do rio Madeira até a ilha de Calama, parte de cima, e na margem direita desde o logar S. Miguel, inclusive, até o rio Machado, margem direita limitrophe com Matto Grosso, com séde no logar Mirary;

4.º districto—Da bocca do rio Machado, margem direita do rio Madeira, até o logar Abelhas, comprehendido o rio Preto e affluentes, e pela margem esquerda até á fóz do igarapé do Cumian, inclusive este e o logar do mesmo nome, com séde em Firmeza;

5.º districto.—Do igarapé Cumian por ambas as margens do rio Madeira até o logar Santa Luzia, com séde em Bôa Hora;

6.º districto—De Santa Luzia por ambas as margens do rio Madeira, até o igarapé S. Lourenço, limitrophe com o Municipio de Porto Velho, inclusive os rios Jamary e Candeias, aos limites com o Estado de Matto Grosso, com séde no logar denominado Nova Victoria.

(Lei n.º 1198, de 29 de Setembro de 1923).

13—*ITACOATIARA*.—1.º districto.—Amatary;

2.º districto.—Apipica;

3.º districto.—Pantaleão;

4.º districto—São Felix.

(Os tres primeiros foram creados pelo Decreto n.º 1.067, de 2 de Abril de 1914 e o ultimo pelo Decreto n.º 1093, de 16 de Novembro do mesmo anno).

14—*LABREA* — 1.º districto (cidade).— Começará da margem esquerda do rio Mary e da fóz do paraná Caynanhã, Purús acima, até á bocca do Capaciny e seringal Aracaty, inclusives, comprehendendo o rio Ituxy, até á bocca do Puciary;

2.º districto.—Do seringal Jurucuá, inclusive Purús acima, á barra do rio Sepatiny, exclusive (séde em Providencia);

3.º districto.—Da bocca de Sepatiny, inclusive, ás margens do Purús ao seringal Hiutananhã, comprehendendo a bacia do rio Sepatiny (séde no logar Miracema);

4.º districto.—De Hiutananhã, inclusive, ambas as margens do Purús a Santa Cruz do Brasil e Searihã, inclusives, comprehendendo o rio Acimã, (séde em Cachoeira);

5.º districto.—De Santa Cruz do Brasil, exclusive, ambas as margens do Purús, ao seringal Pery, inclusive, comprehendendo a bacia do rio Tumiã (séde em Pery):

6.º districto.—De Pery, exclusive, Purús acima, no seringal Ajuricaba, inclusive, comprehendendo a bacia do rio Mamoriá, (séde em Quiciã);

7.º districto.—Do seringal Catipary, inclusive, Purús acima, aos logares Quebuburiã e Alto da Firmeza, inclusives, comprehendendo as bacias do rio Seruhiny (séde em Bocca do Seruhiny);

8.º—districto.—Do Guajarrahã, inclusive, Purús acima, ao logar Flores, inclusive, comprehendendo o igarapé Agua Preta, (séde em Guajarrahã);

9.º districto—De Santa Victoria, inclusive, ambas as margens do Purús ao logar Penery, exclusive, comprehendendo o rio Pauhiny, até a cachoeira de Santa Carolina, exclusive (séde em Cantagallo);

10.º districto.—De Penery, inclusive, ambas as margens do Purús, á Maripuá, inclusive, comprehendendo a bacia do rio Tuihiny (séde em Pelotas);

11.º districto—Do seringal Morada Nova, inclusive, ambas as margens do Purús, até Santo Elias, inclusive (séde em S. Romão);

12.º districto.—De Quimiã, inclusive, ambas as margens do Purús, até os limites com o Municipio de Floriano Peixoto, comprehendendo a margem esquerda do rio Inauhiny, séde no seringal da Bocca do Inauhiny);

13.º districto.—De Santa Carolina, inclusive, ambas as margens do rio Pauhiny, ao seringal Fortaleza, exclusive, (séde em Montevideo);

14.º districto.—Do seringal Fortaleza, inclusive, ambas as margens do Pauhiny, á bocca do Muaco, exclusive,· (séde em Saccado do Humaythá);

15.º districto.—Da bocca do Muaco, inclusive, ás nascentes do Pauhiny, comprehendendo a bacia do igarapé S. Vicente, (séde em Ouro Negro);

16.º districto da bocca do Muaco, exclusive, ambas as margens do rio Muaco, ao seringal Socego (séde);

17.º districto.—De Socego, exclusive, ás nascentes do Muaco (séde em Caviana);

18.º districto.—Da bocca do Atucatiquiny, inclusive, ás nascentes do mesmo, (séde em Céo Aberto);

19.º districto.—De Missões, inclusive, ambas as margens do Ituxy, á bocca do Curequetê, exclusive, séde em Floresta);

20.º districto.—Da bocca do Curequetê, inclusive, ambas as margens do Ituxy, ao seringal Fortaleza do Uaquiry, (séde);

21.º districto.—De Fortaleza, exclusive, ambas as margens do rio Uaquiry, á bocca do Remansinho (séde em S. Francisco do Remansinho).

22.º districto.—De Remansinho, exclusive, comprehendendo a bacia do Riosinho, até a divisoria das aguas do rio Abunã, (séde em S. Domingos).

(Decreto n.º 1.447, de 12 de Dezembro de 1922).

15—*MANACAPURÚ.*—Os districtos judiciarios do termo de Manacapurú foram organizados pelo Decreto n. 1255 de 21 de Janeiro de 1918.

O 1.º districto comprehenderá os territorios que ficam á margem do Rio Purús, desde a sua fóz até o logar Itaboca, inclusive.

O 2.º districto comprehenderá desde o logar Itaboca, exclusive, até Tataputáua (limites do Municipio de Manacapurú).

O 3.º districto comprenhenderá os mesmos limites da Subdelegacia de Policia creada por Decreto n.º 1.213, de 20 de Junho de 1917, e os dos districtos policiaes creados pelo Decreto de 25 de Julho do referido anno.

—O Ayapuá é a séde do 1.º districto.

16—*MANÁOS.*—1.º districto—Ayrão. Tendo por limites Tauapessassú e Moura.

2.º districto—Tauapessassú. Limitado pela parte de baixo com o rio Negro, bocca do Timbira, bocca do Ariaú; e pela parte de cima com o Madadá e margem do Mayty.

3.º districto—Acajutuba. Comprehendendo a margem direita do rio Negro com séde em Acajutuba e limita-se pelo lado de cima com o Igarapé-assú (inclusive) e pelo de baixo com o paraná do Ariahú (inclusive).

4.º districto—Apuahú. Comprehende a zona entre a ponta do Arára e a fóz do Apuahú, na margem esquerda do rio Negro, abrangendo os rios Apuahú e Cueiras.

5.º districto—Janauacá. Comprehende os igarapés da Tapagem, Caripé, Castanha, Silvestre, Raymundinho, Rã, Botto, Correnteza, Queimadas, Murumurú, até a margem do Solimões e da Ilha de Marapatá, até o Lago Grande e adjacencias.

6.º districto—Janauacá. Comprehende o Igarapé Grande até o alto Janauacá, Caapiranga e ramificações.

7.º districto—Janauacá. Comprehende todo o Mamory até o lago Cerrado.

8.º districto—Tabocal. Do lago do Aleixo ao Julião; comprehende a margem direita do rio Amazonas, os lagos do Aleixo, Puraquequara, Jatuarana, Macaco, Anirana, Guajará, Tabocal, Igarapé-assú, Paraná da Eva, Rio Preto, lago do Arumá e estende-se á margem esquerda do mesmo Amazonas, desde a bocca do Solimões até o sitio Cépeos, na costa do Julião.

9.º districto—Purupurú. Todo o districto policial de Purupurú, Japihim, Curary, Araras e Autaz-miry.

10.º districto.—Careiro. Comprehende todo o paraná do Careiro, Muiracauêra e Gurupá até o furo do Botto, Catalão e Xiburena.

11.º—districto.—Cambixe. Todo o paraná do Cambixe. (Lei n. 1.128, de 7 de Dezembro de 1921).

17.—*MANICORÉ.*—1.º districto.—Uruá.

2.º districto.—Muiracutuba;

3.º districto.—Matupiry;

4.º districto.—Manicoré;

5.º districto.—Cantão;

6.º districto.—Capanã;

7.º districto.—Curuçá;

8.º districto.—Uruapiára;

9.º districto.—Bom Futuro;

10.º districto.—Coxary;

11.º districto.—Carapanatuba. (Decreto n. 1.235, de 31 de Outubro de 1917).

18.—*MAUÉS.*—1.º districto.—Maués (séde);

2.º—districto.—Igarapé do Pupunhal;

3.º—Paraná do Urauaná;

4.º districto.—Paraná do Ramos;

5.º districto.—Mananary. (Decreto n.º 1.254, de 17 de Janeiro de 1918).

19.—*MOURA.*—1.º districto.—Rio Jahú;

2.º districto.—Rio Cauré;

3.º districto.—Rio Anauá. (Decreto n.º 1.224, de 24 de Dezembro de 1917).

20.—*PARINTINS.*—Possue um só districto, que é o da Ilha das Cotias (Ilha Affonso de Carvalho), conforme o Decreto n.º 1.253, de 12 de Janeiro de 1918.

21.—*PORTO VELHO.*—Não tem divisão districtal. Apenas a lei n.º 1.128, de 7 de Dezembro de 1921, creou o districto de Fortaleza, com os seguintes limites: da cachoeira dos Tres Irmãos no rio Madeira, até os limites do Acre, no rio Abunã, comprehendendo os affluentes e sub-affluentes dos rios Madeira e Abunã.

22—*SÃO FELIPPE.*—1.º districto.—São Felippe (séde);

2.º districto.—Esperança;

3.º districto.—Recife;

4.º districto.—Primavera;

5.º districto.—Ouro Preto;

6.º districto.—Valparaiso;

7.º districto.—Foz do Tucuman;

8.º districto.—Seringal Bôa Vista;

9.º districto.—Santa Catharina;

10.º districto.—Acarahú;

11.º districto.—Monte Carmello;

12.º districto.—Novo Mundo;

13.º districto.—Bom Futuro. (Decreto n.º 1.164, de 28 de Julho de 1916).

23.—*SÃO GABRIEL.*—Pelos Decretos n.º 1.073, de 29 de Maio de 1914 e n.º 1.224 de 30 de Agosto de 1917, o Termo de São Gabriel está dividido em quatro districtos judiciarios designados pela numeração ordinaria.

24.—*S. P. OLIVENÇA.*—1.º districto.—Com séde na Villa de São Paulo de Olivença, limitando-se pelo lado de cima com o igarapé Camutain, á margem direita do rio Solimões, e pela margem esquerda com o igarapé Tubentuba, pelo lado de baixo com o igarapé Morcego, pela margem direita e com o igarapé Maraitá pela margem esquerda;

2.º districto.—Com séde em Maturá, limitando-se pelo lado de cima com o igarapé do Morcego pela margem direita e pela margem esquerda com o igarapé Maraitá, pelo lado de baixo, margem direita, com o igarapé Matiá e pela margem esquerda com a foz do rio Içá;

3.º districto.—Com séde em S. Felix, abrangendo as duas margens do rio Içá, desde a foz até a fronteira peruana;

4.º districto.—Com séde em Tonantins, limitando-se pelo lado de cima, margem direita, com o igarapé Patiá e pelo lado de baixo, margem direita, com o igarapé Jacapary e pela margem esquerda com o igarapé Môria.

5.º districto.—Com séde em Alegria, limitando-se pelo lado de cima, margem direita, com o igarapé Jacapary e pela margem esquerda com o igarapé Môria e pelo lado de baixo por ambas as margens com os limites de Fonte-Boa.

6.º districto.—Com séde em «Paraizo», limitando-se pelo lado de baixo, margem direita, com o igarapé Camatian e pela margem esquerda com o igarapé Tubentuba e pelo lado de cima com o igarapé Santa Rita pela margem esquerda, e pela margem direita, com o paraná do Ribeiro, foz de baixo.

7.º districto.—Com séde em Assacahy, limitando-se pelo lado de baixo, margem direita, com o paraná do Ribeiro, foz de baixo, e pela margem esquerda com o igarapé Santa Rita; e pelo lado de cima com ambas as margens com os limites de Benjamin Constant. (Lei n.º 1.198, de 29 de Setembro de 1923).

25.—*SILVES.*—Não tem divisão districtal.

26.—*TEFFÉ.*—1.º districto.—De Jaburá á Floresta;

2.º districto.—Santa Fé;

3.º districto.—Ipiranga;

4.º districto.—Santa Rosa;

5.º districto.—Monte Christo;

6.º districto.—Bôa Vista do Cué;

7.º districto.—Marary;

8.º districto.—Conceição do Raymundo;

9.º districto.—Maxixe Grande;

10.º districto.—Fortaleza;

11.º districto.—Santa Luzia;

12.º districto.—Tres Unidos. (Decreto n.º 793, de 21 de Maio de 1902). Este Decreto dividiu o Termo de Teffé em desoito districtos, tomando-lhes apenas a situação dos doze acima citados. O Decreto n.º 676, de 4 de Outubro de 1904, fez algumas alterações, na divisão referida, creando o districto de Santa Fé do Jubará, de Floresta á bocca do Apaporys, com todos os affluentes do rio Japurá.

27.—*URUCARÁ.*—1.º districto.—Sant'Anna do Atumã;

2.º districto.—Lago do Carará.

28—*URUCURITUBA.*—Não tem divisão districtal.

Em resumo: O Estado possue 13 Comarcas, 28 Termos e 178 Districtos.

Sexta Parte

CAPITULO I—COMMERCIO.
CAPITULO II--NAVEGAÇÃO.
CAPITULO III—ENSINO EM GERAL.
CAPITULO IV—CIDADES.
CAPITULO V—VILLAS E POVOADOS.
CAPITULO VI—ECONOMIA E FINANÇAS.
CAPITUTO VII—VIAS DE COMMUNICAÇÕES.

Uma canôa de regatão

SEXTA PARTE

CAPITULO I

Commercio

Pela enumeração dos productos, que o Amazonas extrahe das suas florestas e dos seus rios, como pelo seu movimento de navegação, pode-se logo avaliar da importancia do seu commercio, embora hoje declinado da pujança de um periodo que culminou em 1912. Em trabalho que publicamos sobre este assumpto, dissemos: «De todos os phenomenos sociaes, nenhum define melhor uma epoca que o progresso ou as intermittencias do commercio. E' elle que reflecte os surtos da evolução, especie de thermometro da vida economica de um povo. Jamais se viu prosperidade social, quando as industrias definham e as transacções se restrigem. Assim, as phases historicas de uma região ficam sempre presas aos eventos do commercio, mesmo directamente as de ordem politica.

As correntes do interesse collectivo são corollarios desse movimento chrematistico, em que a producção e o consumo se tornam causas dymnamicas, para effeitos tão varios. O Amazonas não podia estar fóra dessa regra, desde que alguma cousa veio agitar e desenvolver suas relações commerciaes de um modo tão rapido, como não ha simile em nosso paiz».

A valorização daquelles productos, sobresahindo a borracha, foi a origem desse progresso espantoso, já em pleno regimen republicano, pois que, até 1852, as transacções eram modestissimas, consistindo na troca de «drogas» (plantas e oleos medicinaes) por objectos grosseiros de trabalho. De então até 1889, o movimento commercial não mais era somente operado pelos «regatões», mas pelos navios e lanchas a vapor, todos n'um afan continuo.

O Decreto Imperial n.º 3.749 de 7 de Dezembro de 1866 abrira o rio Amazonas ás bandeiras de todas as nações amigas. Foi uma grande conquista.

O desenvolvimento do commercio de Matto-Grosso, Perú, Bolivia, Colombia e Venezuela, nas regiões servidas pela bacia do Rio Mar, fazendo o transito pelo Estado do Amazonas, intensificou a acção dos negocios. Manáos tornou-se um porto de primeira ordem, centro de grande importação e exportação.

Para se avaliar o que fôra aquella, basta recordar que a arrecadação da respectiva Alfandega, em 1910, attingiu a 27.000 contos de reis, sendo o valor das mercadorias, que produziram esse movimento, superior a 100.000 contos.

A exportação subiu a 186.200:000$000!

Naquelle anno, o commercio amazonense chegára ao seu fastigio.

O progresso creára habitos novos. Todos se consideravam com direito á prodigalidade. A capital do Estado transformára-se em uma das mais bellas cidades do Brasil — a S. Luiz do Amazonas — como a appellidára Alfred Marc. Emprezas theatraes de grande apparato visitavam-n'a a miudo. Bem razão tinha o Dr. Inglez de Souza em affirmar que «o commercio é a propria civilização em movimento generalizado» (*Conferencia* publicada no «Jornal do Commercio», do Rio, em 2 de Outubro de 1915).

A borracha, o quasi exclusivo *pivot* desse movimento, attingiu o preço phantastico de 17$000 por kilogrammo. A fascinação do lucro produzio o abuso do credito, uma das causas da tremenda crise economica em que mais tarde se debateu o Amazonas, vendo o seu outr'ora «ouro negro» reduzido a 1$700 o kilogrammo da especie melhor classificada.

De 1912 a 1919, o valor da exportação baixou a 40.000 contos. A importação soffreu grande reducção, pois que, naquelle ultimo anno, fôra apenas de 3.955:596$000 a arrecadação da Alfandega manauense, isto tambem porque o commercio aviador do Amazonas centralizou-se, em bôa parte, em Belem do Pará.

A exportação abrange presentemente os mesmos artigos de outr' ora: borracha, castanha (o de grande valor), guaraná, salsa, cumarú, piassava, cacáo, peixe secco, madeira, couros, jarina, etc.

A importação, do sul e do estrangeiro, consiste em artigos manufacturados e de alimentação: tecidos, ferragens, medicamentos, arroz, assucar, vinho, calçados, quinquilharias, etc., etc.

As praças com que Manáos e Itacoatiara (centros importadores directos) fazem suas transacções, são: New-York, Liverpool, Havre, Hamburgo, Rio de Janeiro, Belem, etc.

Com as praças do sul do Paiz, principalmente com a do Rio de Janeiro, o commercio do Estado augmenta de anno para anno. As importações de mercadorias de todas as especies, que nos vinham outr'ora da Europa e da America do Norte, hoje têm sua procedencia nos portos nacionaes, alimentando e desenvolvendo a grande cabotagem. E' isto tambem o resultado do progresso industrial do Rio, S. Paulo, Rio Grande, Pernambuco, Ceará, etc.

O seguinte quadro, não só mostra o valor desse commercio, como demonstra as especies dos generos, em que consiste:

A importação no Estado, consiste ainda numa infinidade de artigos, com procedencia dos Estados Unidos, Portugal, França, Inglaterra, Allemanha, Italia, etc. Entre outros: tecidos, ferragens, vinhos, azeite, conservas, medicamentos, perfumarias, livros, papel, tintas, artigos typographicos, machinas, cimento, cal, quinquilharias, artigos para electricidade, joias, chapeos, massas alimenticias, etc., etc., etc.

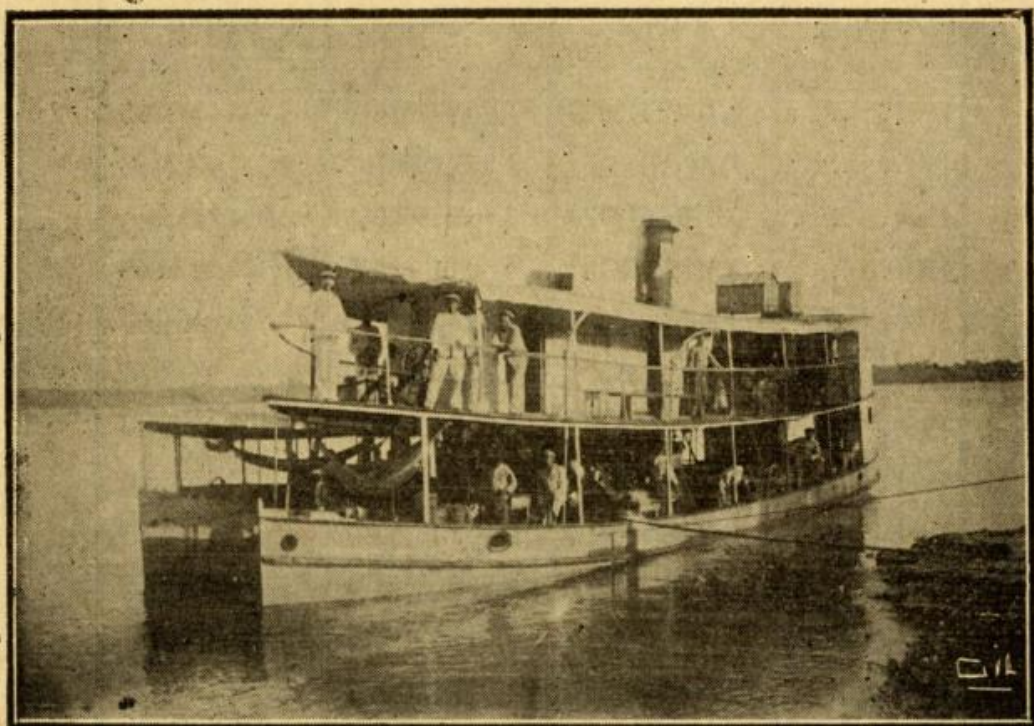
Para dar uma ideia do valor dessa importação, basta citar o seguinte quadro da arrecadação de *direitos para consumo*, cobrados pela Alfandega de Manáos de 1904 a 1924:

ANNOS	OURO	PAPEL	TOTAL
1904.	6.729:244$993	1.765:726$010	8.494:971$003
1905.	7.296:809$462	1.978:183$166	9.274:992$628
1906.	5.219:264$779	3.105:559$085	8.324:823$864
1907.	6.389:028$499	4 000:198$506	10.389:227$005
1908.	4.806:587$658	2.942:458$399	7.749:046$057
1909.	6.795:368$473	4.077:972$658	10.873:341$131
1910.	9.387:621$427	5.909:685$977	15.197:307$404
1911.	7.202:058$172	4.470:444$334	11.672:502$506
1912.	6.160:243$402	3.686:137$797	9:846:381$199
1913.	4.497:342$272	2.776:681$101	7.274:023$373
1914.	2.587:907$346	1.449:421$401	4.037:328$747
1915.	2.279:886$210	1.047:289$847	3.327:176$057
1916.	2.696:701$899	1.553:079$039	4.249:780$938
1917.	1.251:098$796	1.353:604$253	2.604:703$049
1918.	742:434$158	671:492$938	1.413:927$096
1919.	875:256$194	787:419$621	1.662:675$815
1920.	850:324$184	765:024$078	1.615:348$262
1921.	295:499$741	287:992$518	1.583:492$559
1922.	440:147$199	396:570$462	836:717$661
1923.	634:401$131	484:892$424	1.119.293$555
1924.	560:787$088	420:681$551	981:468$639

(Vide «Trafego do Porto de Manáos», mandado colligir pela *Manáos Harbour, Limit.*, de 1903 a 1924; «Revista da Associação Commercial do Amazonas»—os melhores repositorios de estatisticas e informações commerciaes do Estado).

CAPITULO II

Navegação

As condições hydrographicas do Amazonas, servido pela maior rêde fluvial do planeta, determinariam, com o desenvolvimento do commercio, em parallelo, o da navegação. Um tem completado a efficiencia do outro, no progresso do Amazonas. Pode-se mesmo suppor que aquelle é o fructo desta, n'uma terra em que as «estradas» já se apresentam promptas ás conquistas do homem, no aproveitamento de

Typo de embarcação miúda, a vapor

tantas riquezas naturaes; foi a navegação que criou o Amazonas de hontem e de hoje, sob o ponto de vista commercial.

O volume das aguas do Rio Mar e dos seus numerosos tributarios, que se esgalham num labyrintho immenso, permitte-lhe o ingresso e o percurso de navios de grandes calados, principalmente á epoca dos invernos, (Fevereiro a Junho). Bandeiras de varias nacionalidades, sobretudo ingleza, sulcam ás dezenas, annualmente, as aguas do grande rio.

Manáos é o ponto de convergencia da navegação de longo curso e da grande cabotagem, sem fallar da flotilha de pequenos barcos a vapor, que fazem o trafego do interior do Estado. Essa flotilha é a maior da America do Sul.

A empreza «Amazon River Limited» possue barcos especialmente construidos para o nosso clima, nos quaes nada falta, de conforto e hy-

giene. Assim, outros armadores particulares, com os seus *gaiolas* e lanchas de reboque. Estas realizam geralmente o serviço nos altos rios, nos percursos inaccessiveis aos navios de maior tonelagem, bem assim em *motores* á gazolina.

Veja-se, no quadro abaixo, o movimento da navegação, no porto de Manáos, nestes ultimos annos:

ANNOS	Sul da Republica	VAPORES DE LONGO CURSO				De Belém	DO INTERIOR		TOTAL
		Da Amer. do Norte	Da Europa	De Iquitos	De Buenos Ayres		Vapores e lanchas	Embarcações miúdas	
1910..	119	117	27	18	3	237	989	165	1.675
1911..	116	107	25	24	1	242	955	99	1.569
1912..	124	96	27	18	12	223	946	164	1.664
1913..	107	29	74	16	12	206	877	72	1.393
1914..	64	19	42	9	8	137	733	213	1.225
1915..	70	20	22	8	—	127	705	203	1.155
1916..	63	20	19	8	—	163	787	248	1.308
1917..	59	17	7	14	—	162	773	248	1.280
1918..	44	6	—	4	—	139	564	91	848
1919..	42	10	15	17	—	130	570	176	960
1920..	29	11	13	12	—	134	541	83	823
1921..	27	7	15	7	—	143	577	88	864
1922..	26	17	18	15	—	180	612	104	972
1923..	34	21	15	15	—	161	603	115	964
1924..	38	8	17	—	—	127	643	289	1.122

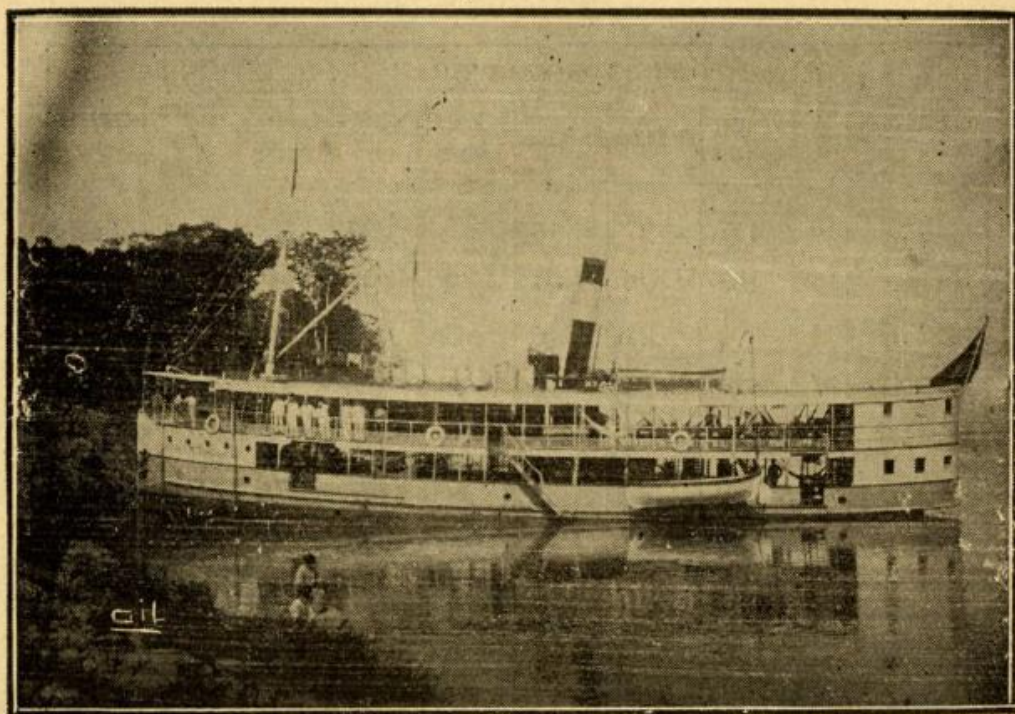
Por uma ligeira inspecção no quadro acima, vê-se qual o effeito da conflagração européa, durante os dois annos (1917-1918) da sua maior intensidade, sobre o commercio e a navegação do Amazonas, que tanto se estão esforçando por equilibrar o seu movimento economico.

A grandeza do Rio Mar e dos seus portentosos affluentes permitte que a navegação seja franca, principalmente na epoca das enchentes, num percurso total superior a 60.000 kilometros, emquanto a do Mississipe—segundo avaliação de Marcel Dubois—serve apenas a 28.000 kilometros («Les principales Puissances du Monde, pag. 356).

Somente a bacia do Purús offerece a navegação cerca de 7.400 kilometros e a do Juruá 5.500.

O Madeira é navegavel até a cachoeira de S. Antonio ou sejam, da fóz 1.241 kilometros; salvando o trecho encachoeirado, os seus affluentes são trafegados por lanchas e batelões.

O rio Negro dá accesso aos navios até S. Izabel, num percurso de 783 kilometros.

Para melhor esclarecimento, damos abaixo a relação das principaes

Um dos typos de embarcação do Amazonas

escalas de navegação do Estado, calculadas as distancias em milhas geographicas para obedecer o uso que a classe maritima faz, desta unidade itineraria.

RIO AMAZONAS

De Manáos á:

1 – Itacoatiara – cidade	108	milhas
2 – Urucurituba—villa	159	„
3 – Parintins – cidade	246	„

RIOS SOLIMÕES—JAVARY

De Manáos á:

1 – Manacapurú – cidade	55	„
2 – Codájás—villa	166	„
3—Coary – villa	250	„
4—Teffé – cidade	358	„
5 – Caiçára—povoado	378	„

6—Fonte-Bôa—villa.. .... 546 milhas
7—Tonantins—povoado.. .... 692 „
8—S. Paulo de Olivença—villa...... .... 773 „
9—Tabatinga—povoado.. .... 876 „
10—Remate de Malles—villa.... .... 894 „

RIO PURÚS

De Manáos á:

1—Bocca do Purús—logar .... 117 „
2—Berury—povoado........ .... 138 „
3—Guajaratuba—povoado. .... 334 „
4—Piranhas—logar .. .. 418 „
5—Arimã—povoado .... 490 „
6—Tauariá—logar..... .... 526 „
7—Jaburú—logar .... 577 „
8—Bocca do Tapauá—povoado .... 636 „
9—Caratiá—logar .... 694 „
10—Canutama—villa—..... .... 761 „
11—Bella Vista—logar..... .... 767 „
12—Axioma—povoado..... .... 803 „
13—Assahytuba—logar..... .... 852 „
14—Labrea—cidade.. .... 903 „
15—Providencia—povoado .. .. 998 „
16—Sepatiny—logar.... .. .. 1041 „
17—Huytanahã—logar.. .. .. 1108 „
18—Cachoeira—povoado.. .... 1139 „
19—Realeza—logar.... .... 1183 „
20—Quicihã—logar.. .... 1225 „
21—Humaythá—logar...... .... 1270 „
22—Bocca do Pauhiny—logar.. .... 1318 „
23—Bocca do Tiuhiny—logar... .... 1352 „
24—Bocca do Quimihã—logar... .... 1437 „
25—Bocca do Inauhiny—logar .. .. 1448 „
26—Bocca do Acre—povoado.. .... 1497 „
27—Floriano Peixoto—villa no Acre. .... 1534 „
28—Bocca do Yaco—logar...... .... 1655 „

RIO MADEIRA

De Manáos á:

1—Bocca do Madeira—logar.. .... 106 „
2—Borba—villa .... 116 „
3—Vista Alegre—logar .. .. 172 „
4—Bocca do Aripuanã—povoado.... .... 203 „

5—Santa Rosa—logar	222 milhas
6—Manicoré—cidade..	293 „
7—Bom Futuro—povoado	400 „
8—Bocca do Carapanatuba—povoado....	456 „
9—Tres Casas—povoado........	486 „
10—Cintra—povoado....	504 „
11—Humaythá—cidade....	537 „
12—Missões de S. Francisco..	580 „
13—Boa Hora—povoado..	629 „
14—Bocca do Jamary—logar	644 „
15—Porto Velho—cidade	696 „
16—Santo Antonio—povoado	697 „

RIO JURUÁ

De Manáos á:

1—Bocca do Juruá—logar	511 „
2—Juruapuca—logar	839 „
3—Gavião—logar...	894 „
4—Pupunhas—povoado..	959 „
5—Chué—povoado..	1057 „
6—Marary—povoado	1093 „
7—Bacaba—logar...	1271 „
8—Fortaleza—logar	1416 „
9—S. Felippe—villa	1724 „
10—Bocca do Gregorio—povoado...	1935 „

RIO JAPURÁ

De Manáos á:

1—Bocca do Japurá—logar....	388 „
2—Jubará—logar....	421 „
3—Jaraquy—logar...	447 „
4—Bom Futuro—logar..	482 „
5—Floresta—logar....	499 „
6—Recreio—logar...	522 „
7—Mameloca—logar	599 „
8—Igualdade—logar..	688 „
9—Maguary—logar	753 „
10—Villa Bittencourt—logar.	773 „
11—Jatuarana—logar........	776 „

RIO NEGRO

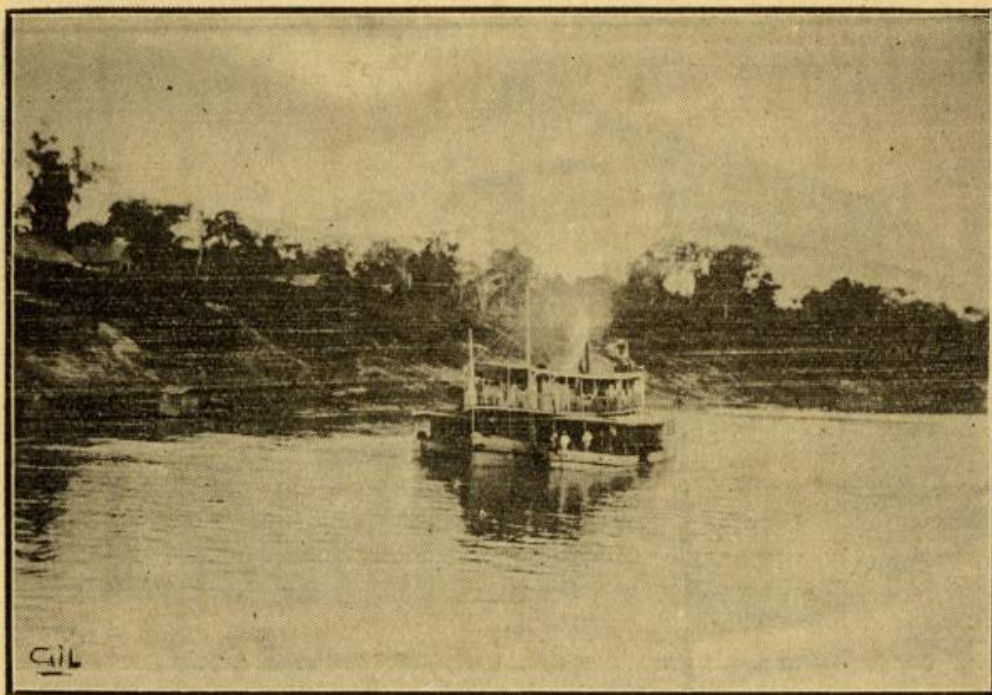
De Manáos:

1—Tauapessassú—povoado......	65 „
2—Ayrão—povoado	135 „

3—Moura—villa....... .... 171 milhas
4—Carvoeiro—povoado.... .... 201 „
5—Barcellos—villa.... .... 262 „
6—Moreira—povoado .. .. 314 „
7—Thomar—povoado.. .... 358 „
8—Santa Izabel—povoado. .... 423 „

RIO AUTAZ

De Manáos á:

1—Bocca do Autaz—logar... .. .. 100 „
2—Bom Futuro—logar... .... 114 „

Um rebocador subindo o Amazonas

3—S. Joaquim—logar. .. .. 140 „
4—Caapiranga—logar..... .... 157 „
5—Japehú—logar.... .... 168 „
6—Pantaleão—povoado.... .... 227 „
7—Piratininga—logar..... .... 238 „
8—S. José—logar .. .. 257 „
9—Campo Alegre—logar .... 280 „
10—Castello—logar.. .... 325 „
11—Maués—cidade.... .... 733 „

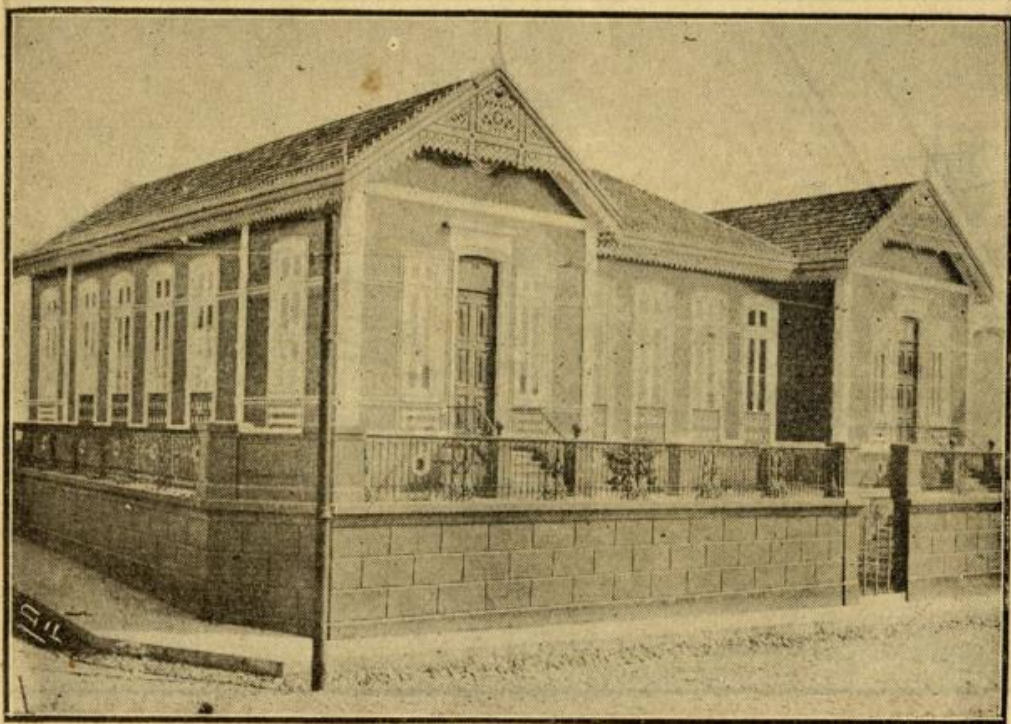
São ainda numerosos os pontos de escala situados nos rios acima citados, como nos seus tributarios e varios lagos, na sua maior parte frequentados pela flotilha da empreza «The Amazon River Steam Navigation Company (1911) Limited», a mais importante de quantas sulcam o grande rio nos Estados do Pará e Amazonas.

CAPITULO III

Ensino em geral

No Estado do Amazonas ministram-se todas as etapas ou cursos do ensino: o *primario*, o *profissional*, o *secundario* e o *superior.*

O primeiro está sendo regulado pela lei de 14 de Outubro de 1918, comprehendendo: *a*)—curso preliminar(*b*)-curso elementar (*c*)—curso medio (*d*)—curso superior.

O Curso preliminar é dado no Jardim da Infancia, nas escolas isoladas e nos Grupos Escolares, sob a denominação de *escolas maternaes.*

Grupo escolar "Gonçalves Dias", em Manáos

O Curso elementar, ministrado em tres annos, desenvolve os primeiros rudimentos que a creança traz do ensino preliminar e constitue os limites das escolas *ruraes.*

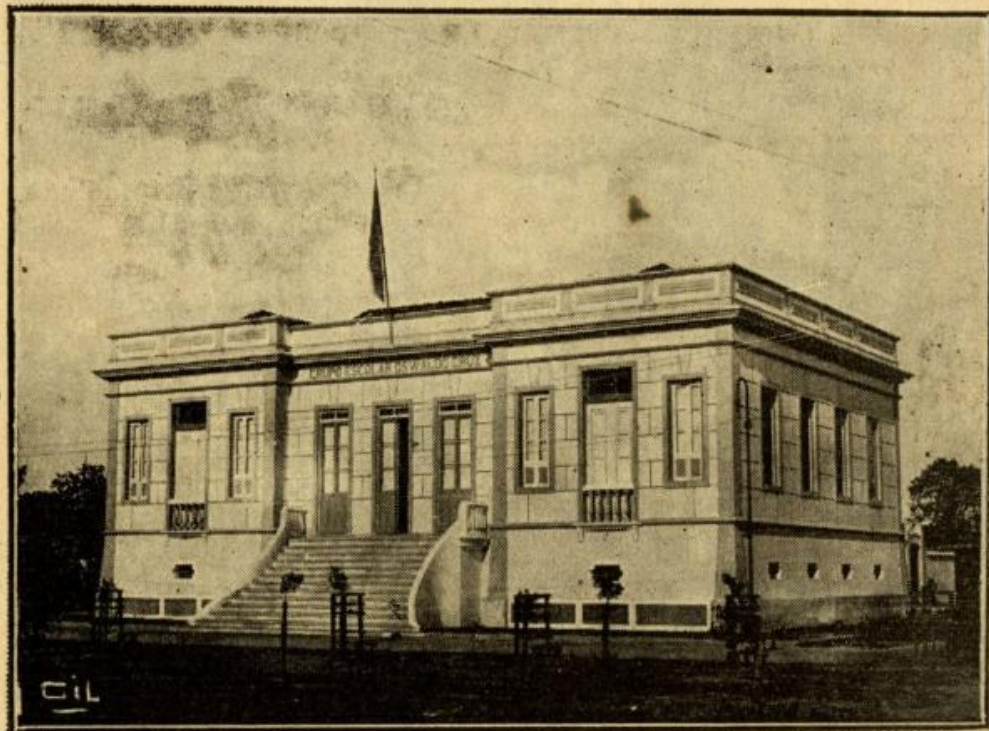
O Curso medio é ministrado em um anno, quer nos grupos, quer nas *escolas singulares* das cidades e villas do Estado.

O Superior ou complementar, tambem de um anno, é dado na Escola Modelo, annexa a Escola Normal de Manáos, ou nos Grupos equiparados (1).

O ensino primario integral comprehende elementos da lingna portugueza, arithmetica, geographia, Historia do Brasil, sciencias physicas e naturaes, desenho, gymnastica sueca e trabalhos manuaes.

(1) Esta parte do ensino ainda não foi executada, por falta da creação d'aquella Escola.

As aulas são dadas uma vez por dia, pela manhã. O anno lectivo começa a 1.º de Março e se encerra a 31 de Outubro, epoca em que se iniciam os exames de passagem de curso, mediante o que é conferido ao alumno um *certificado de approvação,* para sua matricula no curso immediatamente superior.

A Directoria Geral da Instrucção Publica e o Conselho de Instrucção superintendem todos os serviços do ensino primario, cuja diffusão tem sido morosa, attenta, entre outras, a circumstancia de se achar muito disseminada a população infantil do Estado.

Grupo escolar "Oswaldo Cruz", em Humaythá

A crise economica que tem pesado na vida domestica da gente pobre, reflectiu-se na frequencia escolar, desde 1912, a ponto de desapparecer o motivo da manutenção de muitas escolas situadas em localidades outr'ora prosperas, mas hoje decadentes.

Naquelle anno, havia, em todo territorio amazonense, 236 escolas publicas; agora (1925) esse numero está reduzido a 166, das quaes 78, alem de 12 sub-classes creadas no corrente anno, em Manáos.

O Governo da Intervenção Federal no Estado procurou levantar o ensino, estabelecendo novas escolas e pagando em dia os professores.

O ensino primario conta ainda pequena quantidade de estabelecimentos particulares, excepto na capital, onde se pode citar cerca de 20, alguns inscriptos na Secretaria Geral da Instrucção Publica e sujeitos ao regimen das escolas officiaes.

O ensino *profissional* é ministrado: na Escola Normal, que o Es-

tado mantem ha cerca de 40 annos; na Escola Preparatoria, que dá um curso de ingresso á Escola Normal e prepara professores para as escolas ruraes; no Instituto Benjamin Constant, internato que habilita meninas para a vida domestica.

Ainda, para o ensino profissional, ha, em Manáos, a Escola Municipal de Commercio e a Escola de Aprendizes Artifices, esta mantida pelo Governo Federal e aquella pela Municipalidade da Capital.

Escola S. Francisco, em Tonantins

Para o ensino das Bellas Artes, ha uma Academia, que conta mais de 20 annos de proveitosa existencia.

O ensino *secundario* official é dado no Gymnasio Amazonense equiparado ao Collegio «Pedro II».

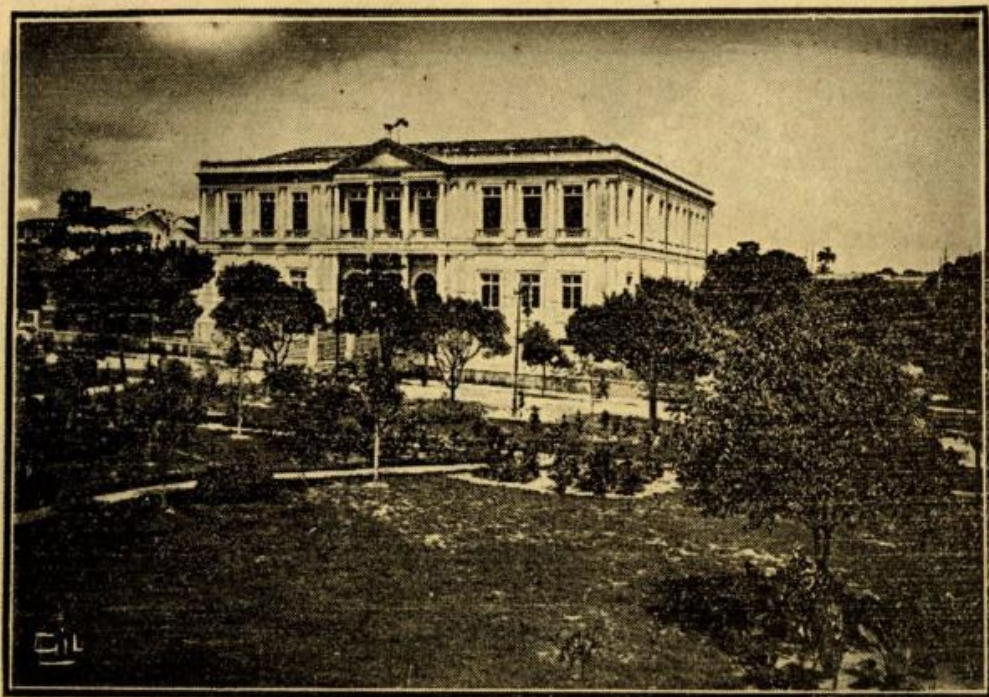
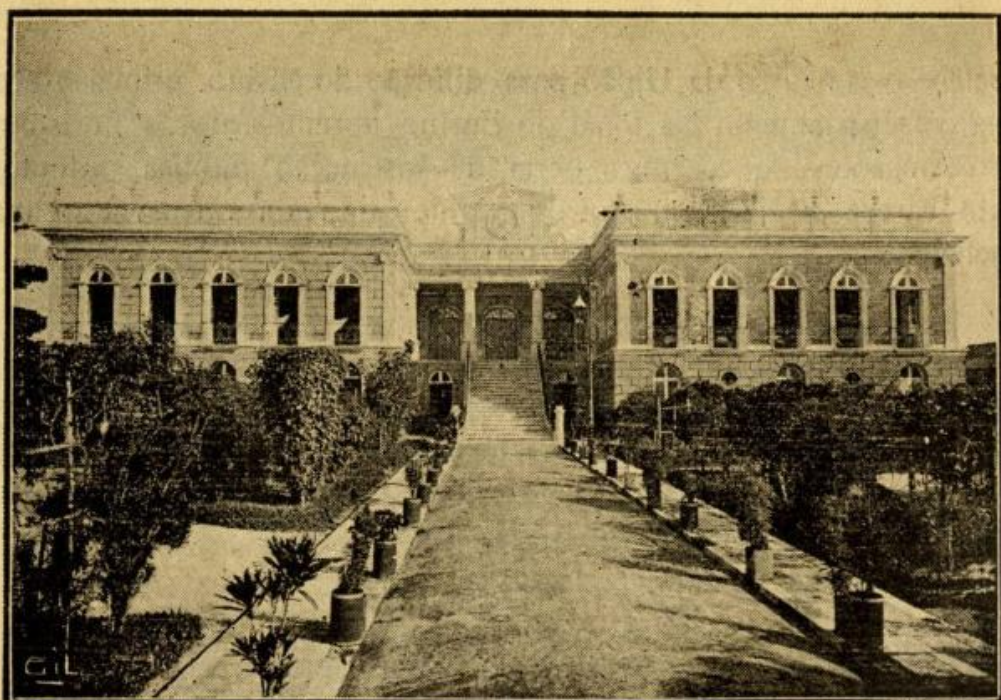
E' um estabelecimento que conta mais de 40 annos de existencia e pelo qual tem passado, em sua quasi totalidade, a actual geração dos intellectuaes do Amazonas e de outras que lhe honraram a tradição.

Varios institutos particulares, tambem de ensino secundario, preparam alumnos para os exames finaes do curso gymnasial.

O ensino *superior* é ministrado na Universidade de Manáos, fundada em 17 de Janeiro de 1909 e funccionando regularmente até a presente data.

Mantém os seguintes cursos: Agrimensura, Agronomia, Pharmacia, Odontologia, Gymnecologia e Gymnasial.

O Governo do Estado, para effeito das respectivas profissões, reconhece a validez de todos os titulos que confere. Por lei do Governo

Federal, foi a Universidade reconhecida de utilidade publica. O seu curso de agronomia tem sido subvencionado annualmente com a quantia de 20:000$000.

Gymnasio Amazonense

Instituto Benjamin Constant

Com autonomia administrativa e com patrimonio proprio, Manáos possue tambem uma Faculdade de Direito, que ainda não está official-

mente equiparada ás demais do Paiz, para o effeito da validez dos seus diplomas fóra das raias do Estado, possuindo, entretanto, um Fiscal do Conselho Superior do Ensino junto ao respectivo curso.

Pelo Decreto Federal n.º 16.782 A., de 3 de Janeiro de 1925, que

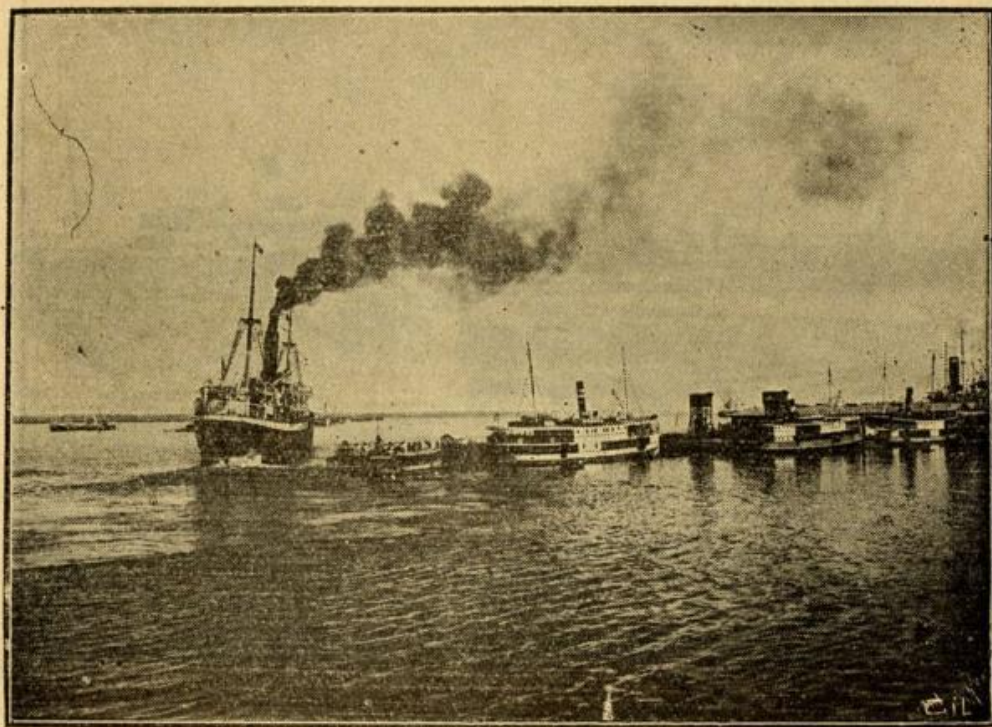
Collegio N. S. da Assumpção

estabeleçe o concurso da União para diffusão do ensino primario e organiza o Departamento Nacional do Ensino, abrem-se novos horisontes para o Amazonas, que, em materia de instrucção publica, minuto a minuto carece realizar em prol da grande campanha offensiva ao analphabetismo.

CAPITULO IV

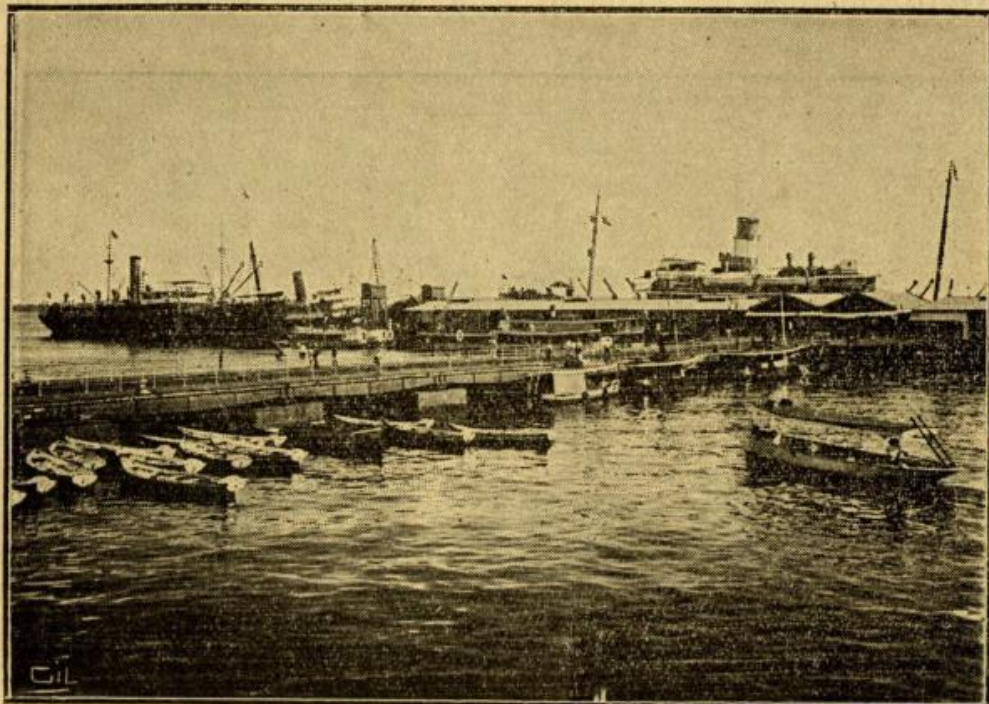
Cidades

Manáos. — E' a capital do Estado. Está situada á margem esquerda do rio Negro, cerca de 18 kilometros da sua fóz, aos 3°8'27" de latitude Sul e 16°49'43" de longitude O. do Rio de Janeiro. Sua altitude, sobre o nivel do mar, regula 32m,40 (No Observatorio — 43m, 68).

A cidade teve sua origem na fundação da fortaleza de S. José do Rio Negro, em 1669, por Francisco da Motta Falcão, sendo seu primeiro

Porto de Manáos e bahia do Rio Negro

commandante Angelico de Barros, que ahi reuniu as tribus dos *manáos*, barés, banibas e passés. Com o desenvolvimento da população do Rio Negro, a fortaleza era o ponto preferido para repouso dos viajantes, que se dirigiam de Belem á Mariuá ou vice-versa. Em breve, nos arredores desse posto militar, formou-se uma aldeia, que passou a denominar-se *Logar da Barra* ou Barra do Rio Negro, de melhor situação que Mariuá, transformada esta, muitos annos depois, na villa de Barcellos, séde da Capitania do Rio Negro.

Pela vantagem de tal situação, o governador Manoel da Gama Lobo de Almada fez da Barra o centro do seu governo; d'ahi, retornou á séde primitiva, por ordem de Souza Coutinho, governador geral do Pará. Em 1804 voltou novamente para o local preferido por Lobo de Almada, onde se conservou. A fortaleza foi-se desmoronando, chegando

á ruina, até desapparecer completamente. O nome de uma das tribus (manáos), tambem extincta, passou, no uso vulgar, a substituir os anteriores, até ser officialmente confirmado, quando, em 1833, a Comarca do Alto Amazonas foi dividida em quatro termos judiciarios, sendo Manáos a séde do mais importante. Por lei provincial do Pará, de 24 de Outubro de 1848, foi elevada á cathegoria de cidade. Em 1.º de Janeiro de 1852 installa-se, em Manáos, a capital da nova Provincia e, mais tarde, Estado do Amazonas. Ao ser proclamada a forma republicana, em

Porto de Manáos

nosso paiz, Manáos era uma pequena e modesta cidade de 20.000 habitantes. Dessa epoca, data sua prosperidade. Em duas decadas tinha já attingido 50.000 almas, para decahir depois a 42.000 conforme o censo demographico de 1.º de Setembro de 1920. Hoje, Manáos contém cerca de 60.000 habitantes.

O saudoso estadista brasileiro Dr. Affonso Penna, visitando-a, em 1906, disse que era «uma revelação da Republica».

Os trabalhos de engenharia porque passou, todos os melhoramentos que lhe introduziram, transformaram completamente o seu aspecto, pois, os tres igarapés, que cortavam a cidade, desappareceram com os grandes aterros. Pontes monumentaes foram construidas em seus suburbios, bem assim sumptuosos edificios para as repartições publicas.

O ex-governador Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro foi o iniciador dessa transformação e, pelo que fizera, cheio de ufania, poude excla-

mar: "Encontrei Manáos uma grande aldeia e della fiz uma cidade moderna".

Como edificios notaveis, destacam-se o Theatro Amazonas, o Palacio da Justiça, o Palacio do Governo (Palacio Rio Negro), a Bibliotheca, o Gymnasio, o Instituto Benjamin Constant, a Imprensa Official, o Paço da Intendencia, o Quartel de Policia, a Alfandega, a Sé, o novo Palacio Episcopal, etc.

A cidade é servida por bonds e illuminação electrica, um dos me-

Avenida Eduardo Ribeiro (Manáos)

lhores serviços no Brasil. A canalização d'agua é das melhores tambem. Seu excellente porto, systema de fluctuantes, permitte as cargas e descargas por meio de fios aereos, dos armazens para os navios e vice-versa.

Manáos é séde de uma Universidade, Faculdade de Direito, Escola de Agronomia, Escola de Commercio, Bancos, etc.

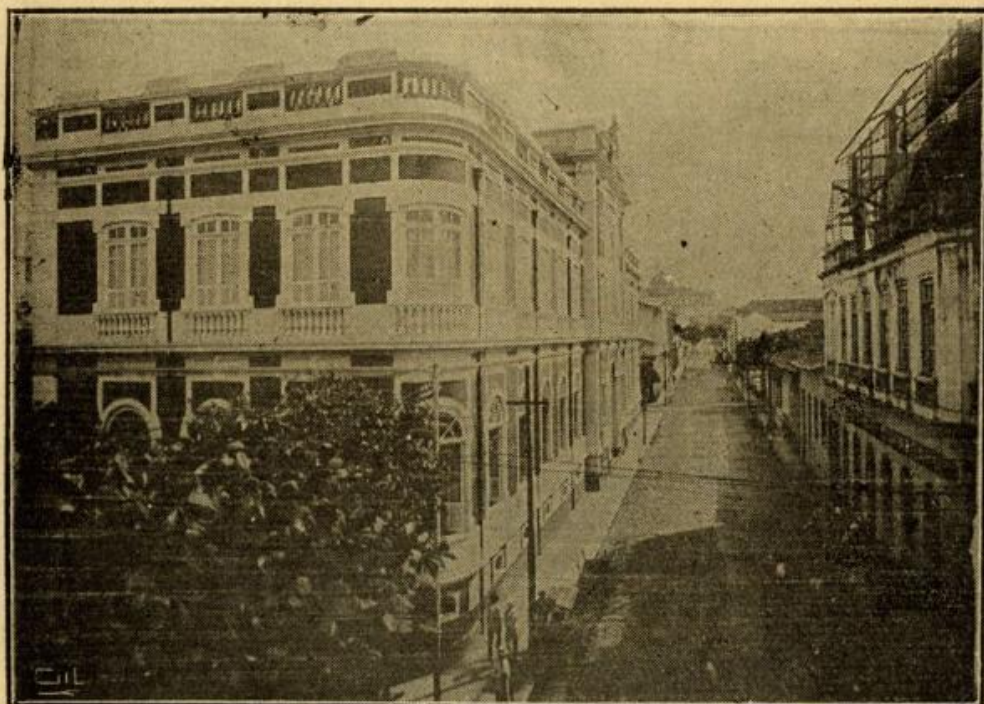
Mantidos pelo Estado, ha, em Manáos, 10 grupos escolares, alguns localizados em edificios proprios, e 12 escolas isoladas, abrangendo cerca de 100 classes frequentadas aproximadamente por 3.000 creanças, alem das que estudam nas escolas municipaes e varios collegios particulares.

E' séde de uma estação radiotelegraphica que a liga á Porto Velho, Labrea, Departamentos Federaes e Santarem.

E' tambem servida pelo cabo telegraphico inglez, que a põe em communicação com o resto do mundo.

E' igualmente séde de um Bispado. Contém um Instituto Geographico e Historico, varias Associações litterarias e de classes, fabrica de

cerveja (um estabelecimento que honra a cidade), artigos de cipó, artefactos de borracha, pregos, sapatarias, cortumes, marcenarias de luxo, cinemas, jornaes, revistas, typographias dotadas de apparelhos linotypos, grandes lojas de modas, etc.

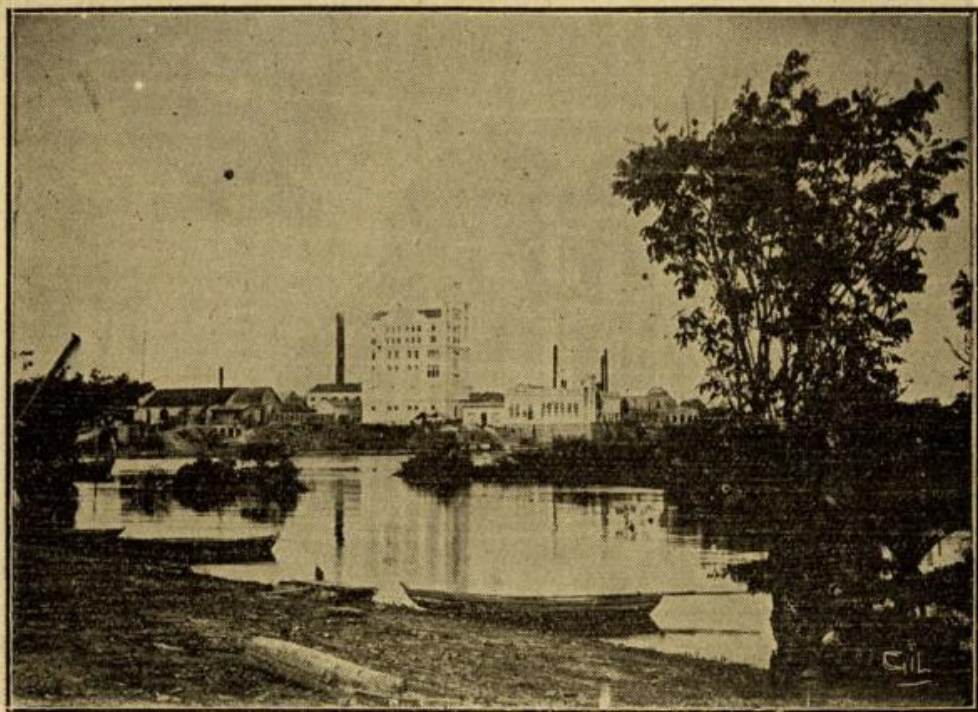
Parintins. — Antiga Tupynambarana, nome da grande ilha fluvial em que está assente, acima da serra de Parintins. Foi elevada á cathegoria de villa em 1790 com a denominação de *Villa Nova da Rainha,*

Bibliotheca Publica (Manáos)

em homenagem á D. Maria I, de Portugal, e mais tarde recebeu o nome de Villa Nova da Imperatriz; finalmente Parintins, para recordar os antigos indigenas que habitavam suas terras, antes da conquista portugueza. Teve como fundador José Pedro Cordovil, que ahi reuniu os maués missionados então por Fr. José das Chaves.

E' séde de Comarca creada em 24 de Setembro de 1858 e cidade desde 1881. Está situada vantajosamente, com excellente porto, á margem direita do Amazonas, aos 2°37'33",6 de latitude Sul e 56°44'18" Oeste de Greenwich. Sua população é aproximadamente de 5.800 habitantes. A cidade contém, em geral, casas modestas e uma bella Igreja. E' séde de uma Collectoria de Rendas.

Parintins teve um commercio mais animado que hoje, não obstante o respectivo municipio ser rico em productos florestaes, gado, cacáo, fumo, pirarucú, etc.

Dista de Manáos 246 milhas geographicas.

Itacoatiára.—Está situada á margem esquerda do Amazonas, em terreno elevado e de ligeira ondulação. Sua proximidade da foz do Rio Madeira permittiu-lhe um rapido desenvolvimento commercial. Seu porto é abarrancado, profundo, mas agitado pelas correntes irregulares do rio. Encontram-se nelle muitas pedras, uma das quaes, visivel na epoca da maior vasante, é cheia de inscripções hieroglyphicas, apresen-

Suburbio de Manáos (Fabrica de Cerveja)

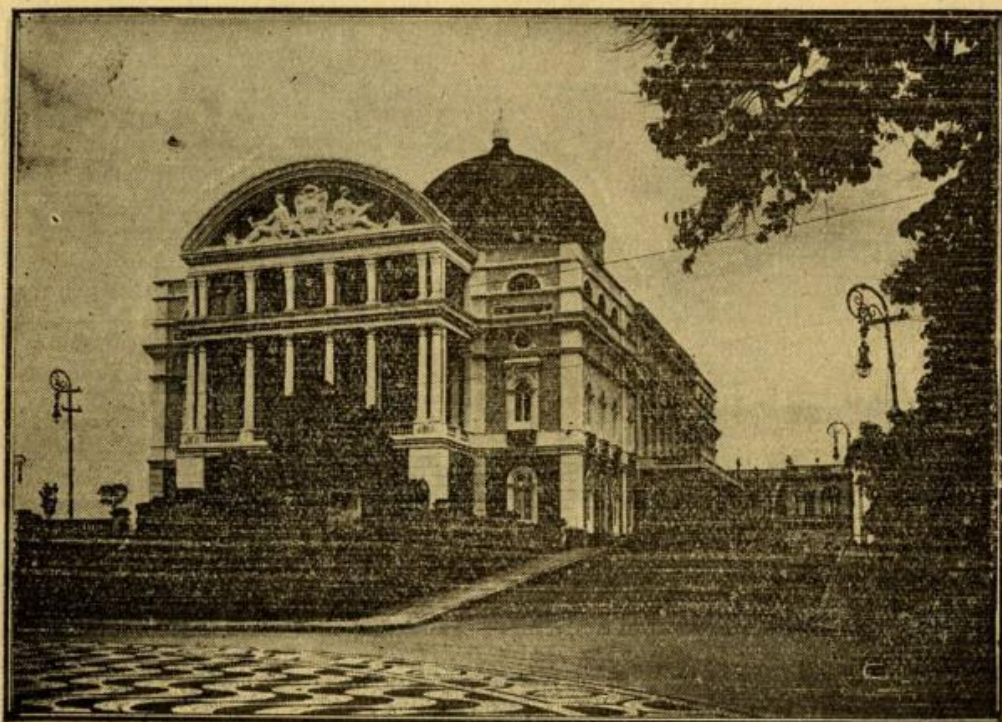
tando tambem lavores diversos; d'ahi a etymologia do nome da cidade —*pedra pintada.*

Seu primitivo nome foi *Serpa*, confirmado em 1759, quando o governador da Capitania do Rio Negro, Joaquim Tinoco Valente, a elevou á cathegoria de villa. Tal predicamento desappareceu em 1833, para lhe ser restaurado pela lei provincial de 10 de Dezembro de 1858. Foi elevada á cidade, com o nome actual, por lei de 25 de Abril de 1874.

Está situada aos 3°8'38" de latitude Sul e 15°16'22" de longitude Oeste do Rio de Janeiro. Sua população orça por uns 6.000 habitantes; possue um Grupo Escolar, Mercado Municipal e alguns predios de moderna architectura. As ruas, porem, não são calçadas e o porto espera os melhoramentos por mais de uma vez projectados, para tornal-o menos penoso á carga ou descarga dos navios.

Itacoatiara é servida por estação telegraphica, tem Mesa de Rendas alfandegaria e commercio animado. Exporta castanha, cacáo, pirarucú secco, borracha, madeiras serradas e gado. Dista de Manáos 108 milhas.

Humaythá.—Demora á margem esquerda do rio Madeira, numa elevação aprazivel. Foi fundada em 1869 pelo activo portuguez José Francisco Monteiro, que lhe deu esse nome em lembrança da tomada de Humaythá, pelas forças brasileiras, no Paraguay.

Está situada aos 7°31,34''4 de latitude Sul e 19°50' de longitude O. do Rio de Janeiro. Foi elevada á villa em 4 de Outubro de 1894. E'

Theatro Amazonas

séde de Comarca. Sua população é aproximadamente de 4.000 habitantes. Possue bôa casaria particular, o Paço da Intendencia, contendo uma pequena bibliotheca, e um espaçoso Grupo Escolar. Humaythá dista de Manáos 537 milhas.

Manicoré.—A' margem direita do Madeira, na confluencia do seu tributario—o rio Manicoré. Embora situada em terreno alto, está ameaçada de desapparecer pelos constantes desabamentos do barranco do littoral, hoje alcançando a rua principal. Sua fundação data de 1869 pelo revoltoso pernambucano Antonio Pedro Aguirre. Elevada á villa em 4 de Julho de 1877 e installada em 15 de Maio do anno seguinte. Teve o predicamento de cidade por lei de 4 de Maio de 1896.

Manicoré, devido ao desenvolvimento commercial do rio Madeira, é uma das cidades mais prosperas do Amazonas. Suas ruas são bem traçadas, tem bôa illuminação e agua canalizada. Entre seus edificios, destacam-se a Igreja e o Paço Municipal. A população sobe a 4.000 habitantes. Seu porto exporta borracha e castanha. Dista de Manáos 293 milhas.

Teffé.—Está situada á embocadura do rio de igual nome. Foi fundada pelo hespanhol Pe. Samuel Fritz, no seculo XVII, para séde de uma das Missões de Cathechese que fundou no rio Solimões, sob o intuito de se apoderar de suas terras para a corôa de Castella, o que não conseguio porque os jesuitas foram d'ahi expulsos pelos portuguezes. De 1781 a 1790, Teffé, que então se denominava *Ega,* foi o local escolhido pelos commissarios de Hespanha incumbidos da demarcação dos seus dominios, na bacia do Amazonas. Descoberto o seu plano de occupação definitiva, foram compellidos a abandonar a localidade.

Em 1833, por execução do Codigo do Processo, foi designada para cabeça de Termo Judiciario e, por isso, elevada á cathegoria de villa,

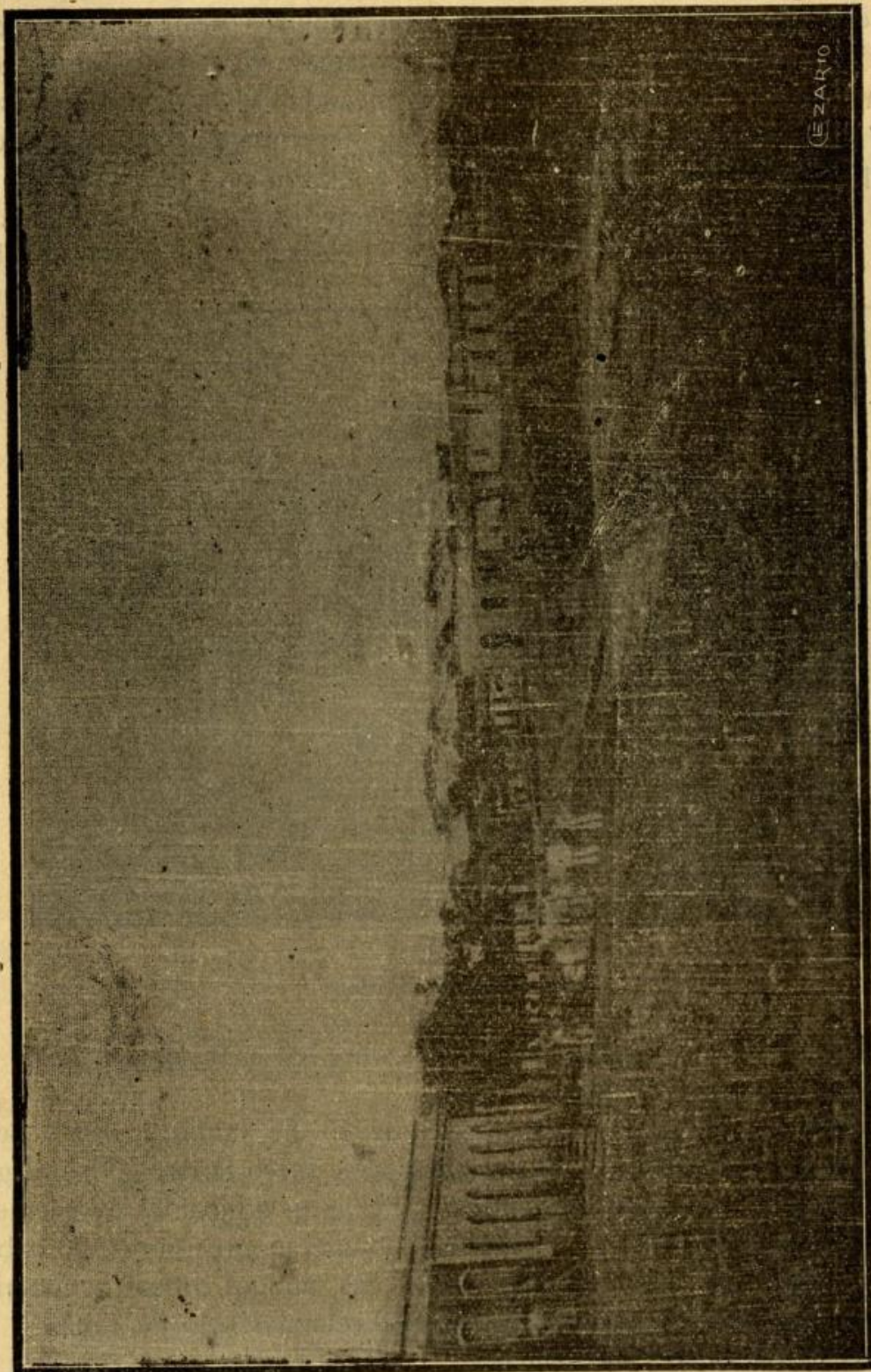
Alfandega de Manáos

confirmado assim o predicamento que lhe havia dado, em 1759, o governador Joaquim de Mello Povoas.

Teffé foi elevada á cidade por lei de 15 de Junho de 1855. Seu porto exporta borracha, salsa, castanha, peixe secco, tartaruga, manteiga de peixe boi e algum cacáo. Fabricam-se em seus arrabaldes excellentes redes de tucum. Casaria sem valor. A população orça por 1.500 habitantes, descendentes, em grande parte, das antigas tribus (achouaris jumas, juris, manáos, passés, tauanas, etc.) reunidas pelo Pe. Fritz.

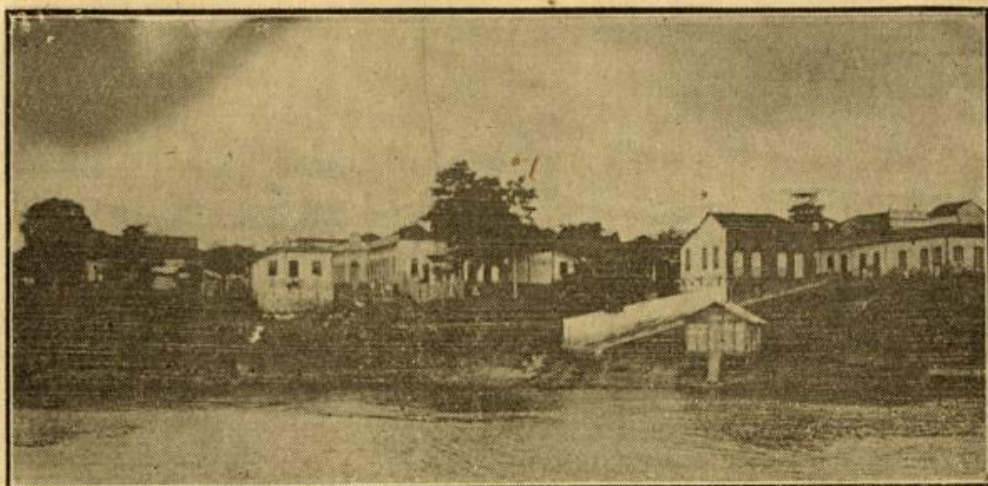
Dista da capital 358 milhas.

Maués.—Está localizada no rio de igual nome, numa bella situação. Foi fundada em 1798 pelos capitães Luiz Pereira da Cruz e José Ro-

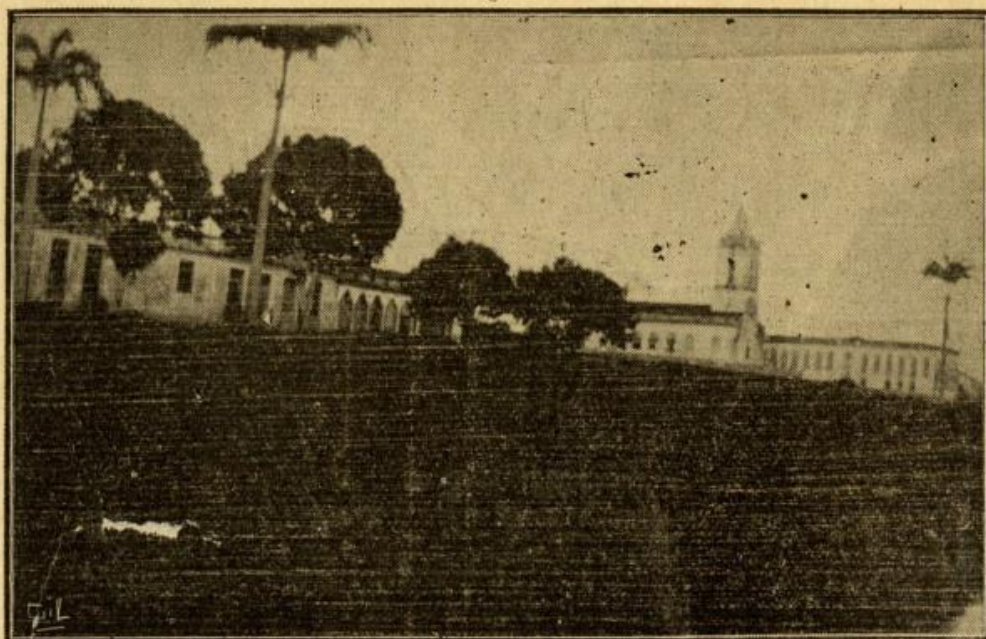
drigues Pato, que lhe deram a denominação de *Luséa,* sendo os seus primitivos habitantes os indios maués. Desenvolveu-se tanto que, mesmo ao tempo da Capitania do Rio Negro, foi elevada á villa, predi-

Um trecho da cidade de Parintins

camento confirmado em 1833, sendo cabeça de um dos quatro Termos em que se dividiu a Comarca do Alto Amazonas. Tomou depois o nome de *Villa da Conceição* por lei de 11 de Setembro de 1865. Foi

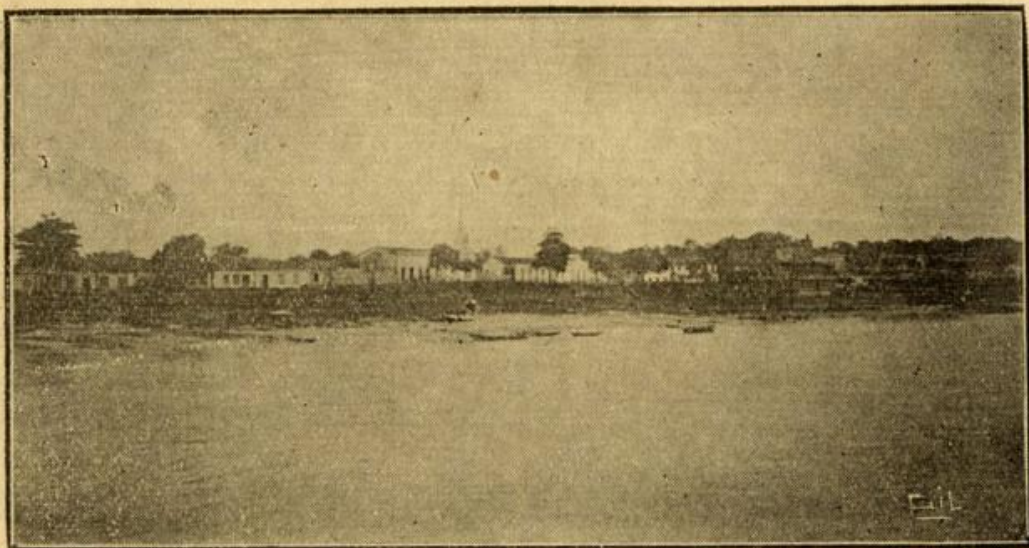
outorgado o titulo de cidade, com o nome actual, por lei de 4 de Maio de 1896.

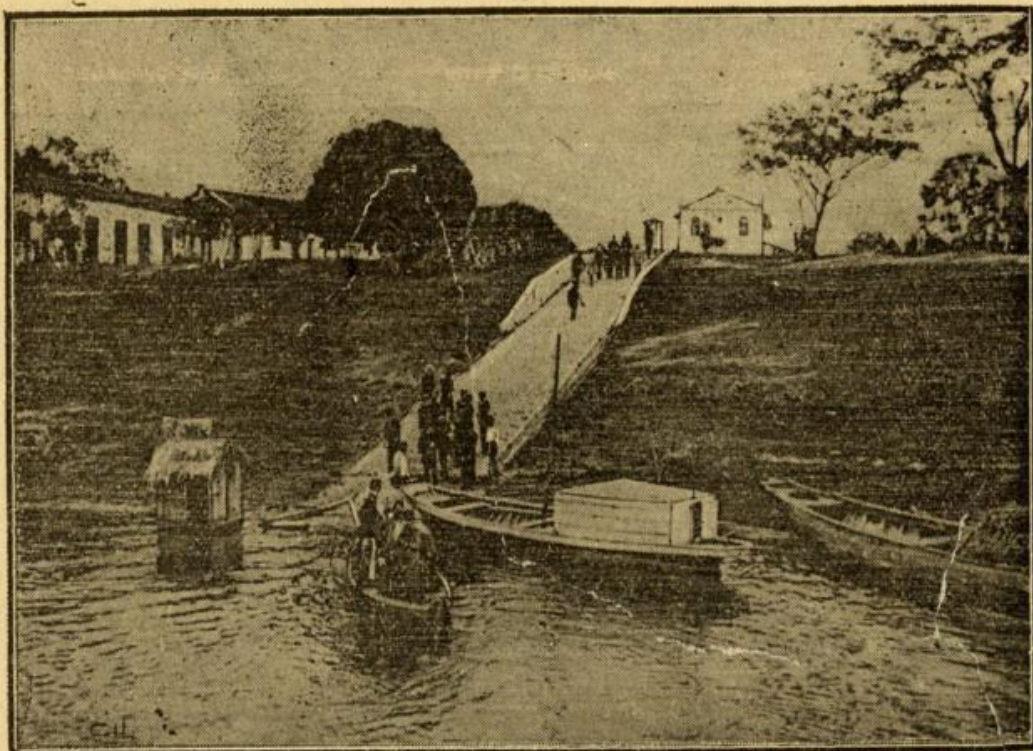
Maués possue bôa casaria, Paço Municipal e Mercado. A população é aproximadamente de 1.200 habitantes. O porto da cidade é fre-

Porto de Itacoatiara

quentado por embarcações a vapor, cuja séde é, geralmente, Belem (Pará), para onde condensam a maior parte do guaraná que o municipio exporta.

Dista de Manáos 733 milhas.

Cidade de Humaythá

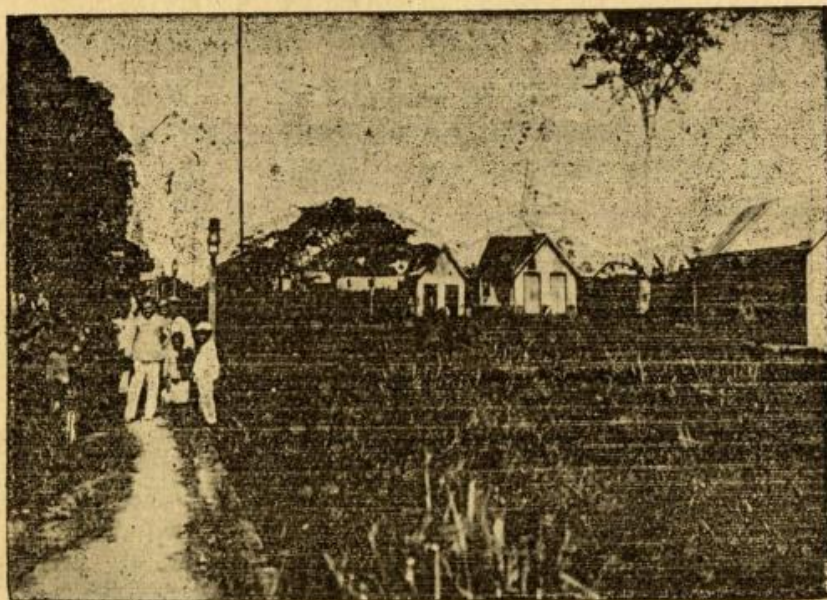
Labrea.—Tem por situação a margem direita do rio Purús, em terreno elevado e plano, mas pouco extenso, pois os fundos da cidade

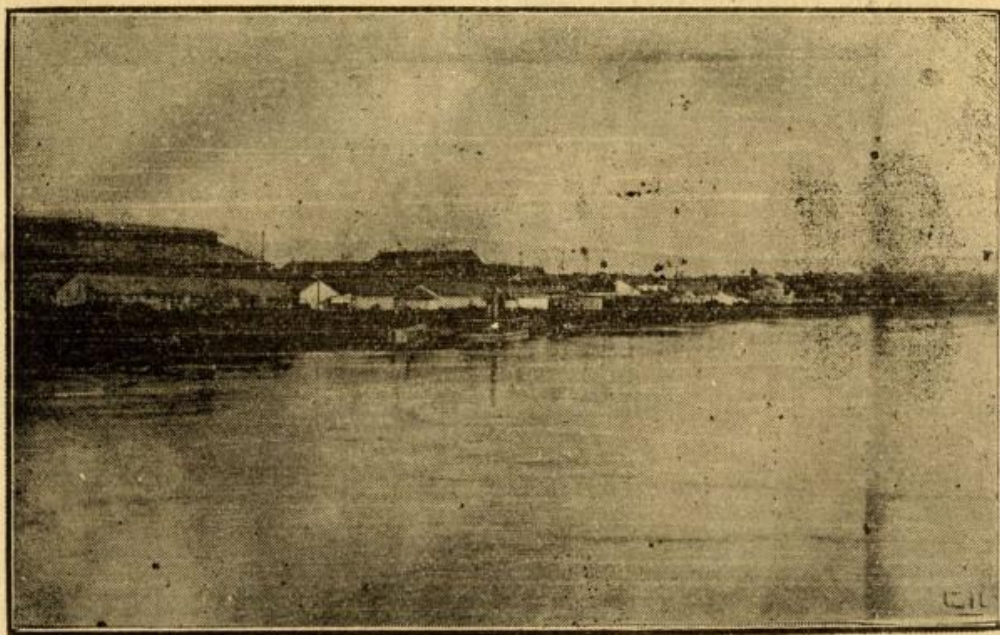
limitam com os igapós formados pelo rio Ituxy. Foi fundada pelo coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre, em 1871, no local que os indigenas denominavam *Terra Firme do Amaciary,* habitado pelos pamarys. O nome Labrea foi dado pelo proprio fundador, homem illustrado,

Panorama de Teffé

que muito fez pelo desenvolvimento dessa terra, já editando folhetos de propaganda e conduzindo conterraneos seus (maranhenses), para

Porto da cidade de Maués

effectuarem a exploração de seringaes, já fazendo conferencias na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Por lei de 15 de Maio de 1873 foi elevada á freguezia, sob a invo-

cação de N. S. de Nazareth do Ituxy. Em 8 de Maio do anno seguinte estabeleceu-se o Districto de Paz da Labrea. Em 14 de Maio de 1881, por lei provincial, teve o predicamento de villa, sendo solemnemente

Um trecho da cidade da Labrea

inaugurado em 7 de Março de 1886, pelo presidente da Camara de Manáos, Dr. Pedro Regalado Epiphanio Baptista. A villa muito deve ao

Cidade de Porto Velho

Coronel Luiz da Silva Gomes, que muito concorreu para o seu progresso material e politico, pois, por sua influencia, a Labrea teve o titulo de cidade, por lei de 11 de Setembro de 1894, recebendo o nome de

S. Luiz da Labrea. A população é diminuta, cerca de 1.000 habitantes, inclusive os arrabaldes. Está situada a cidade aos 7°48'47" de latitude Sul e 64°77'15" de longitude O. de Greenwich. Possue uma bella Igreja, sob a invocação de Nossa Senhora de Nazareth.

Seu porto é máo, abarrancado; exporta borracha.

Dista de Manáos 903 milhas (Vide «O Municipio da Labrea», pelo coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt—1918).

Porto Velho.—E' a mais importante cidade do Amazonas, não obstante ser a mais nova, pois, pode-se dizer nasceu do lançamento da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Está situada á margem do rio Madeira, a uns seis kilometros abaixo da cachoeira de Santo Antonio, o ponto terminal da navegação desse rio. Tem porto magnifico.

Villa, em 1913, no governo Pedrosa, foi logo elevada á cidade no governo Bacellar, tamanho e tão rapido foi o seu desenvolvimento.

Sua posição geographica, entreposto de commercio do alto Madeira, quer de Matto Grosso quer da Bolivia, Porto Velho está destinado a um grande futuro.

E' uma cidade cosmopolita, cuja população orça por uns 6.000 habitantes. Possue um Grupo escolar, illuminação electrica, um hospital de primeira ordem (a Candelaria), canalização d'agua, jornaes e outros melhoramentos de um centro adiantado.

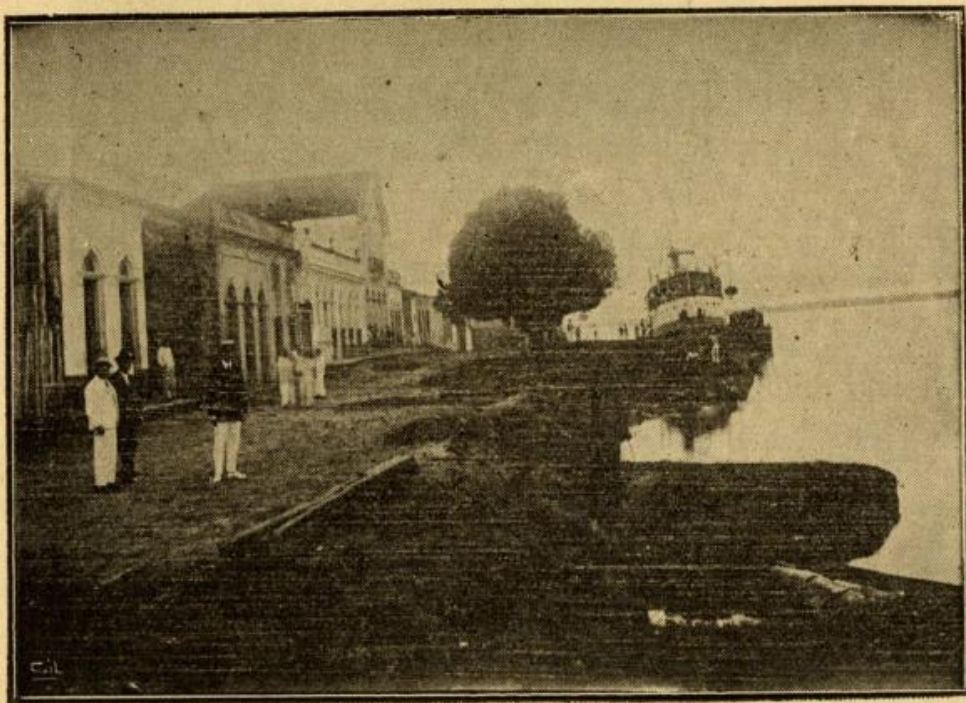
Dista de Manáos 696 milhas.

CAPITULO V

Villas e Povoados

(VILLAS)

MANACAPURÚ.—Situada á margem esquerda do Solimões, em local pittoresco. As grandes enchentes invadem algumas das suas ruas.

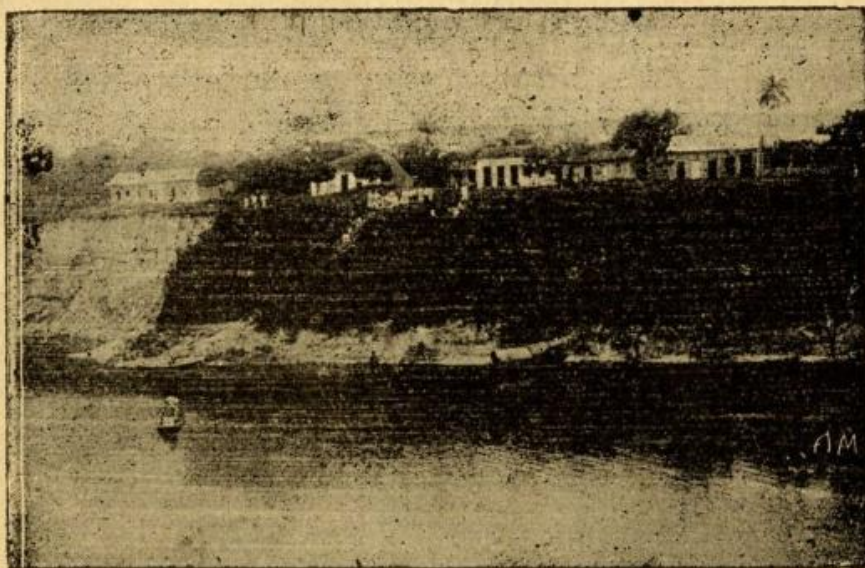
Teve o titulo de villa por lei de 27 de Setembro de 1894, sendo installada em 16 de Junho do anno seguinte. Sua população é de 1.000

Uma rua de Manacapurú

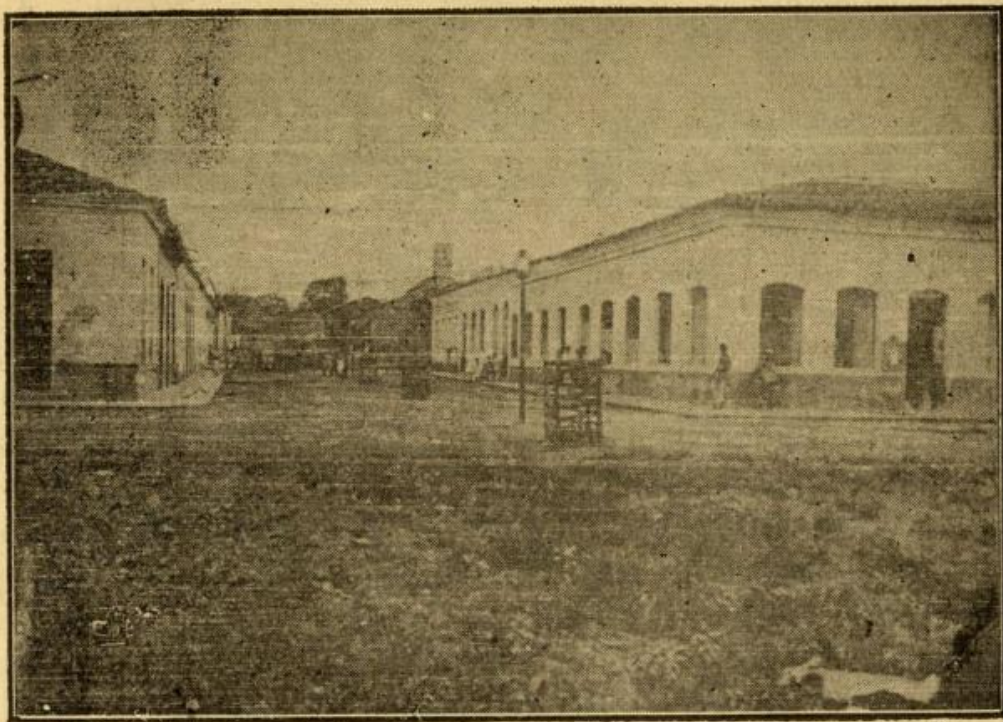
habitantes, inclusive os arredores. Possue duas escolas, um mercado municipal, serraria e uma Igreja em construcção. Seu porto é bom, tendo em frente a ilha do Paraense. Exporta gomma elastica e madeiras serradas. Dista de Manáos 55 milhas.

FONTE-BOA.—A' margem direita do Solimões, em posição aprazivel. Teve o titulo de villa por lei de 23 de Março de 1891. Modesta, a maior parte de suas casas são ainda cobertas de palha. O seu porto é frequentado por todos os navios, que trafegam aquelle rio. População aproximada, 600 habitantes. Dista de Manáos 546 milhas.

COARY.—Perto da margem direita do mesmo rio Solimões, num lago que fica á embocadura do rio Coary, accessivel ás embarcações a vapor. Antiga povoação de *Alvellos,* foi creada villa com o nome actual, por lei de 1.º de Maio de 1874 e installada em 2 de Dezembro do anno seguinte. Exporta gomma elastica e pirarucú secco. Possue Igreja, Paço

municipal e uma grande ponte. População, 600 habitantes. Dista da capital 250 milhas.

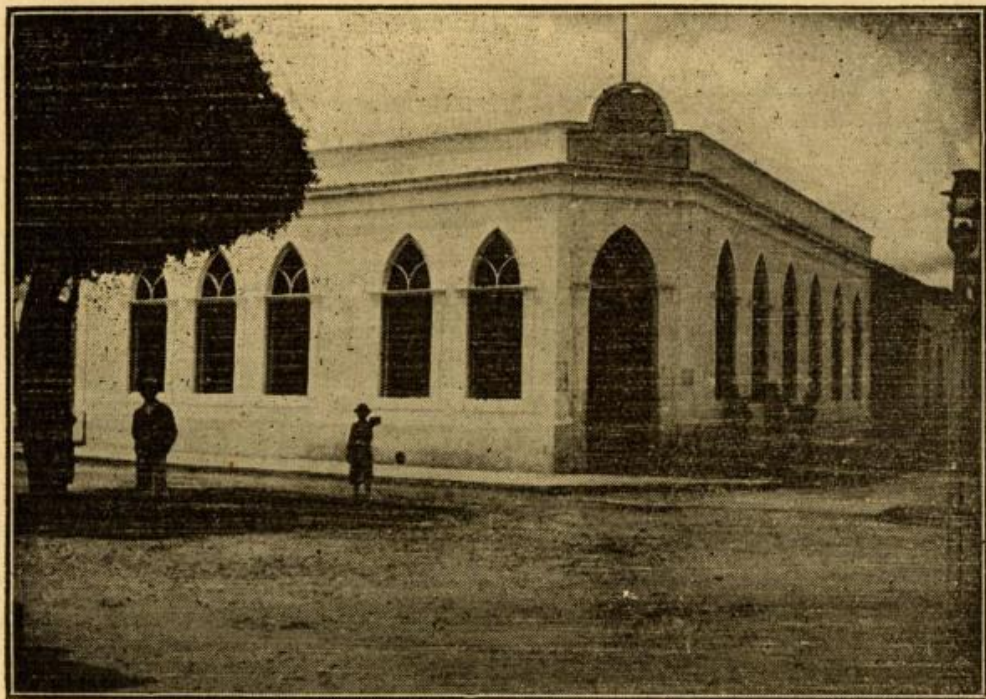
CODAJÁS.—Situada proxima ao lago de igual nome, á margem

Uma vista de Fonte Bôa

esquerda do Solimões, onde era antigamente um paraná desapparecido pelo desmoronamento da ilha, que lhe ficava em frente.

Villa de Coary

Era primitivamente conhecida pelo nome de *Barreiras* devido ao aspecto do terreno em que assenta.

Foi creada villa por lei de 1.º de Maio de 1874.

Sua população é de uns 700 habitantes, que se empregam no commercio, na pesca da tartaruga, pirarucú e na extracção da gomma elastica e castanha. Possue uma fabrica de sabão. Dista de Manáos 166 milhas.

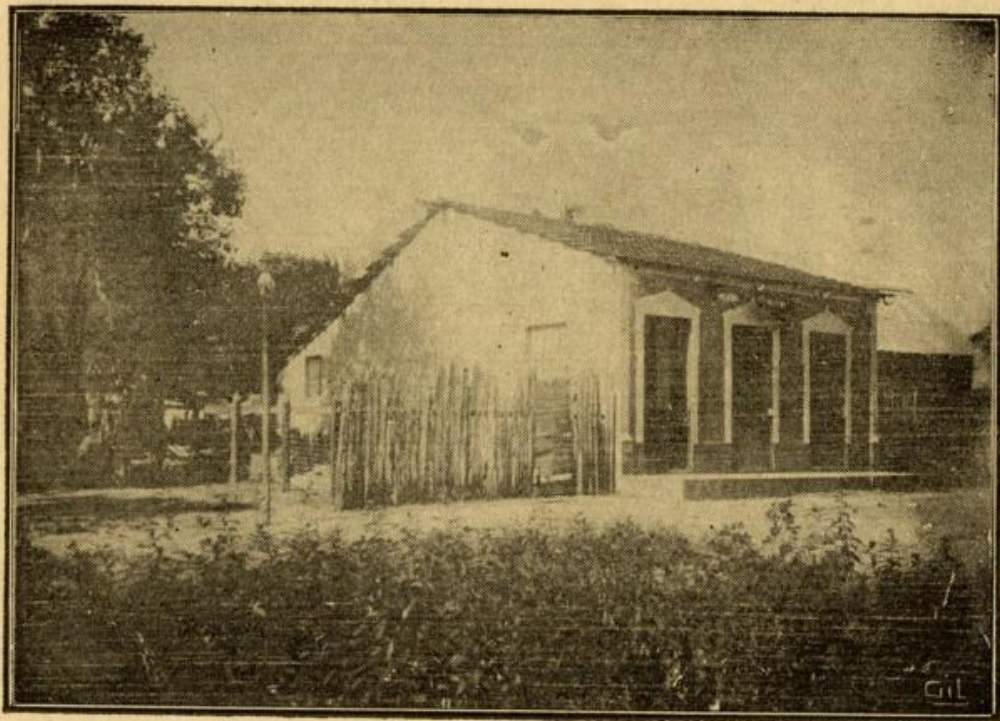
S. PAULO DE OLIVENÇA.—A' margem direita do Solimões, em terreno elevado. Teve origem em uma das Missões fundadas pelo Padre Samuel de Fritz, no seculo XVII, no local habitado pelos indios campébas e omaguas. Seu nome primitivo foi *S. Paulo do Javary*, sendo

Paço Municipal de Coary

a aldeia entregue aos frades carmelitas, depois da expulsão dos jesuitas hespanhoes, em 1710. Foi, nesse tempo, o centro mais populoso do Solimões. Em 1817 teve o titulo de villa com o nome de *Olivença*, extincta em 1833, cujo predicamento lhe foi restaurado por lei de 31 de Maio de 1882. E' pobre; suas casas são geralmente cobertas de palha. As ruas irregulares; porto abarrancado. Exporta borracha, peixe secco, tartarugas e productos medicinaes. População, 800 habitantes. Dista de Manáos 773 milhas

URUCURITUBA.—A' margem direita do Amazonas, num local improprio, invadido pelas enchentes. Foi elevada á villa por lei de 27 de Abril de 1859 e installada em 5 de Maio do mesmo anno. Supprimida em 14 de Maio de 1897; restaurada em 5 de Março de 1898. Transferida para o local Tabocal com o nome de *Silverio Nery*, por lei de 18 de Junho de 1901. Restaurados o nome e séde primitivos, por lei de 15 de Dezembro de 1910. E' uma villa pauperrima que vae desapparecendo de anno para anno, não obstante ser porto de escala dos « gaiolas » que

sulcam o Amazonas. Sua população não é superior a 300 habitantes. Dista de Manáos 159 milhas.

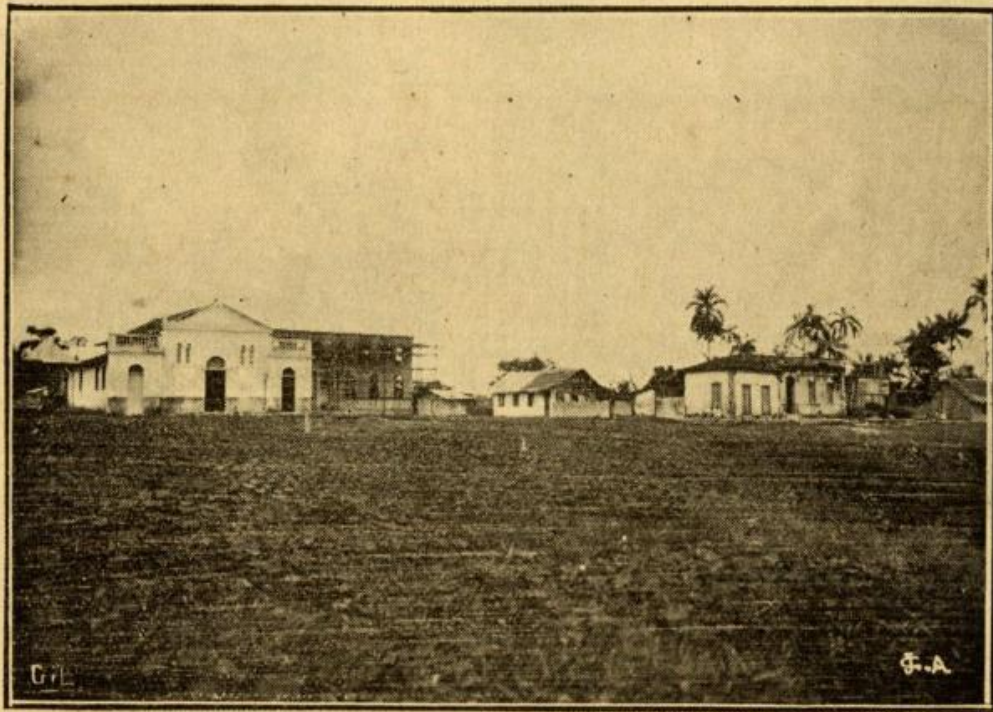
SILVES.—Situada ao lado oriental do lago deste nome, numa ilha antigamente denominada Saracá.

Foi fundada por um mercenario, que acompanhou o capitão Pedro da Costa Favella, no grande morticinio praticado nos indigenas do rio Urubú, no seculo XVII. E' uma das mais antigas villas do Estado, pois, foi creada em 1759 pelo governador Mello Povoas, perdendo esse predicamento em 1833. Della partiu a ideia de se pedir a D. João VI, rei

Uma residencia em Codajás

de Portugal, a autonomia do Amazonas, como Capitania independente do Pará. Foi restaurada por lei de 21 de Outubro de 1852 e installada em 14 de Março de 1853. Está decadente, sendo a maior parte de suas casas cobertas de palha. Soffre da desvantagem de não ser accessivel á navegação a vapor, durante o periodo das vasantes do rio Amazonas. Sua população não excede a 500 habitantes, que vivem da extracção da gomma elastica, salga do pirarucú e fabrico de farinha d'agua. No governo Rego Monteiro, a séde do Municipio foi transferida para o povoado de Itapiranga e novamente retornada ao local primitivo no governo da Intervenção. Dista de Manáos 85 milhas.

URUCARÁ.—Está situada no paraná de igual nome ou da Capella, o mesmo que mais alem, mudando ainda sua denominação, banha a villa de Silves. Dista poucas milhas da margem esquerda do Amazonas. Serviu primitivamente de séde á freguezia de Sant'Anna da Capella.

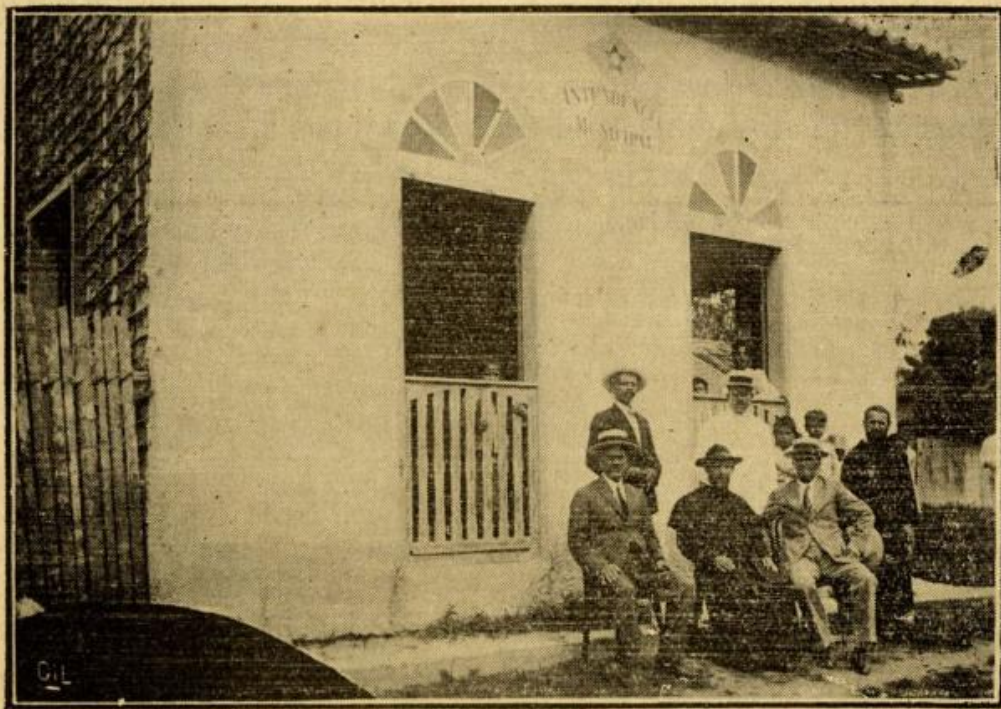
Foi creada villa por lei de 12 de Maio de 1887 e installada em 7 de Setembro do anno seguinte. Não apresenta prosperidade, não obstante ser séde de um municipio rico em gomma elastica, cacáo, madeiras e gado. Casaria de palha. População aproximada 500 habitantes. Dista da capital 75 milhas.

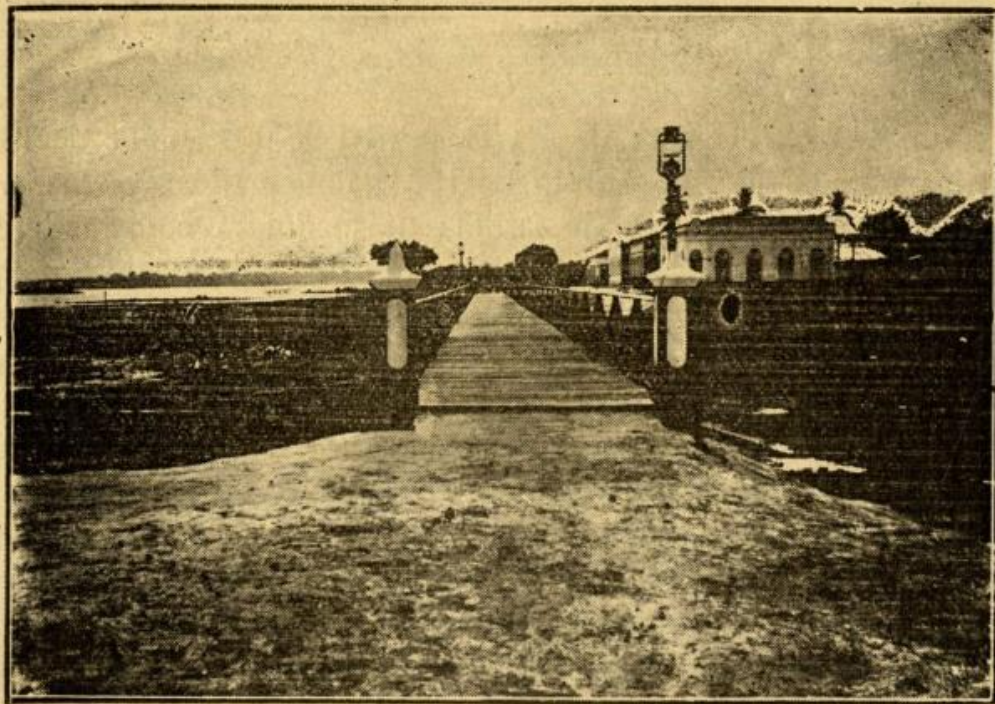
BARREIRINHA. – A' margem direita do Paraná do Ramos, proximo á confluencia do rio Andirá, tendo sido seu fundamento a antiga fre-

Vista parcial de São Paulo de Olivença

guezia do *Andirá*. Foi elevada á villa por lei de 9 de Junho de 1881, sendo inaugurada em 9 de Agosto de 1883. Pouco desenvolvida, vive da cultura do cacáo, fabrico de farinha de mandioca e extracção da gomma elastica. População, 500 habitantes. Dista da capital 95 milhas.

BORBA. — A' margem direita do Madeira, bem situada em terreno alto e aprazivel. Depois de mudar de posição algumas vezes, em consequencia das correrias e ataques dos indios muras, ahi se firmou no seculo XVIII, com o nome de *Santo Antonio de Araratáma*, sob os auspicios de uma Missão estabelecida pelo jesuita João de Sampaio, em 1728. Desenvolveu-se consideravelmente devido as relações commerciaes do Pará com Matto Grosso, servindo de caminho o rio Madeira.

Os primitivos habitantes de Borba foram os aráras, torás, borés e urupás, que eram perseguidos pela grande nação dos muras. Foi creada villa em 1756; supprimida em 1833. Restaurada e supprimida mais duas vezes, foi finalmente confirmada sua cathegoria por lei de 26 de Setembro de 1888. Sua prosperidade foi passageira, hoje decadente. Contém

uma bôa Igreja e uma casa para escola. A população, cada vez mais reduzida, não passa de 500 habitantes, que vivem da cultura do fumo, da extracção da gomma elastica e castanha. Dista de Manáos 116 milhas.

Intendencia Municipal de S. Paulo de Olivença

CANUTAMA.—A' margem esquerda do rio Purús, em localidade impropria, invadida todos os annos pelas enchentes. Foi fundada por

Trecho da villa de Coary

Manoel Urbano da Encarnação, que ahi escolheu logar para seu «sitio» (habitação), quando em 1861 subio esse rio, em viagem de exploração.

Foi creada villa por lei de 10 de Outubro de 1891 e installada em 10 de Setembro do anno seguinte. Prosperou sob os esforços do general Jacintho Botinelly, mas hoje decadente. Um tablado, como extensa ponte, percorre as duas ruas principaes por onde transitam os moradores, na epoca da plenitude das aguas.

A maioria das suas casas, cobertas de zinco. A população é, approximadamente de 600 habitantes. Dista de Manáos 751 milhas.

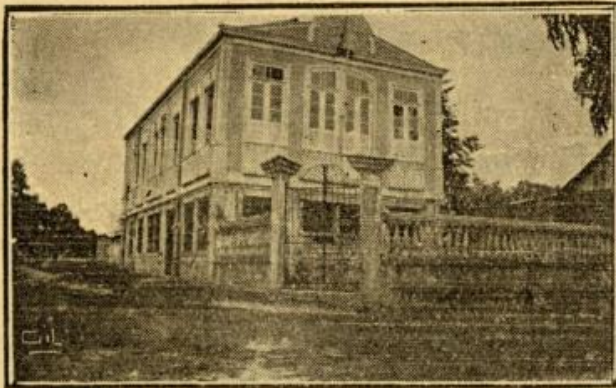
FLORIANO PEIXOTO.—Está situada á confluencia dos rios Antimary e Acre.

Foi fundada por Manoel Felicio Maciel, ha uns trinta e cinco annos; creada villa com a denominação de *Antimary*, por lei de 22 de Outubro de 1890.

Uma rua em Canutama (rio Purús)

Supprimida por lei de 28 de Março de 1895; restaurada, com o nome actual, por lei de 15 de Março de 1897 e reinstallada em 1.º de Agosto do mesmo anno.

Casaria coberta de zinco. Sua população é aproximadamente de 600 habitantes. Dista de Manáos 1534 milhas.

SÃO PHILIPPE.—A' margem esquerda do rio Juruá. Seu desenvolvimento foi consideravel até 1913, quando se effectuou a desannexação do Territorio do Acre, cujo commercio, na parte da bacia do Juruá, lhe era tributario.

Paço Municipal de Floriano Peixoto.

Foi creada villa por lei de 4 de Novembro de 1894: transferida para o logar *Carauary* e restaurada a antiga séde por lei de 11 de Agosto de 1896. Seus habitantes, cerca de 1.200, vivem da extracção e commercio da gomma elastica, de que todo o municipio é riquissimo. Dista de Manáos 1.724 milhas.

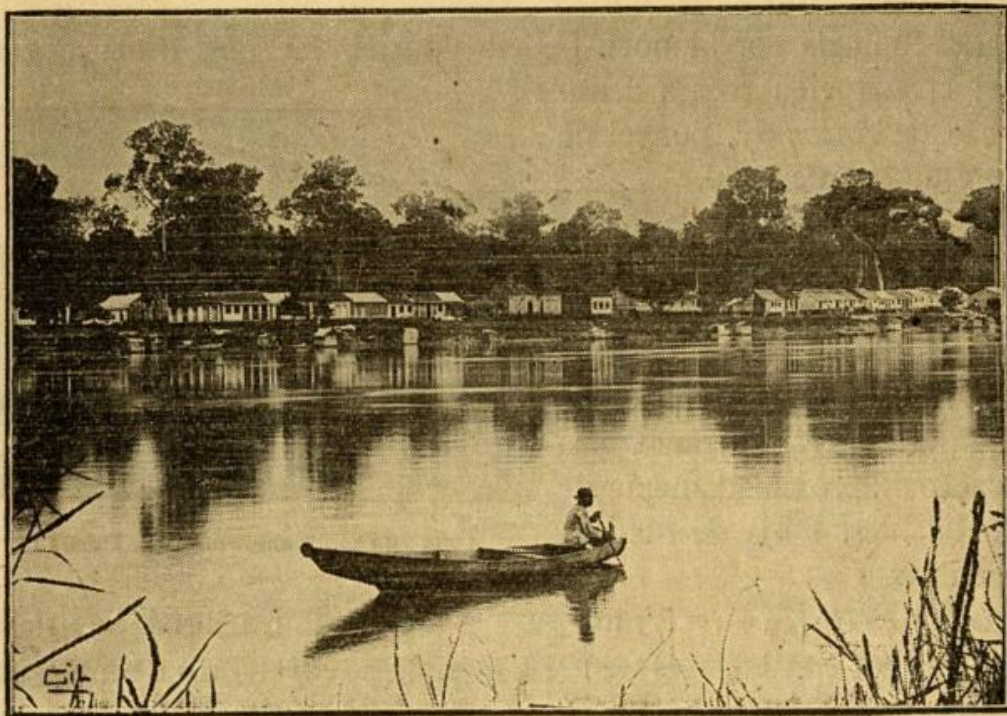
CARAUARY.—A' margem esquerda do rio Juruá, originario da antiga povoação de *Xibauá*. Creada villa por lei de 27 de Setembro de 1911. Tendo sido extincta, foi restaurada em 1915.

E' um nucleo sem importancia, pois a sua população não excede de 400 habitantes, vivendo, em geral, em casas cobertas de zinco. Não

tem edificios que denotem progresso, na localidade. Exporta borracha e dista de Manáos 898 milhas.

BENJAMIM CONSTANT.--Está á embocadura do Itecoahy, affluente da margem direita do Javary, em frente á prospera povoação peruana chamada Nazareth.

Tem má situação, em terreno alagadiço, innudavel todos os annos.

Seu primitivo nome foi *Remate de Males*, porque é ainda designada para a distinguir do municipio de que é séde. Foi creada villa

Villa de Remate de Males (Benjamim Constant)

por lei de 29 de Janeiro de 1898; supprimida por lei de 14 de Fevereiro de 1901 e restaurada em 12 de Outubro desse mesmo anno.

Suas casas construidas sobre estacarias por causa das enchentes, são cobertas de zinco. E' séde da Comarca do Javary, tendo de população uns 700 habitantes. Dista de Manáos 894 milhas.

MOURA.—A' margem direita do rio Negro, em frente á fóz do Jauapery, num terreno abundante de lagedos, o que lhe valeu o nome indigena de *Itarendaua* ou *Pedreiras*. Foi primitivamente aldeia dos indios carahiahis, missionada pelos carmelitas.

Mendonça Furtado deu-lhe o titulo de villa em 1858, predicamento que perdeu em 1833. Foi seu protector o tenente Antonio de Oliveira Horta, que serviu na guerra do Paraguay.

Teve novamente o predicamento de villa em 1878; extincto, mais tarde, foi restituido por lei de 6 de Dezembro de 1891.

Seu estado actual é de completa decadencia, como succede a

todos os antigos centros populosos do Rio Negro. Possue uns 200 habitantes. Suas casas arruinam-se, não obstante Moura ser um local aprazivel e distante da capital apenas 171 milhas.

BARCELLOS. – A' margem direita do rio Negro. Teve o titulo de villa quando, em 11 de Junho de 1757, foi creada a Capitania de S. José do Rio Negro. Inaugurada por Mendonça Furtado em 6 de Maio do anno seguinte, como séde do novo governo e com a denominação de Barcellos, até então aldeia de *Mariuá*.

Mercado Publico de Coary

Continuou como séde da Capitania até 1790 e de 1798 a 1804, quando se transferiu esta para o Logar da Barra (posteriormente Manáos). Ao tempo das demarcações luso-hespanholas, gozou de grande prosperidade, chegando a hospedar mais de 3.000 pessoas.

O Padre Dr. José Monteiro de Noronha nos diz que em 1775 se viam em Barcellos dois quarteis para agasalho das tropas de El-Rei, dois para officiaes, um hospital real, uma casa para provedoria, um pelourinho, uma casa de fabrica, um armazem de algodão, palacio do governo, etc., afóra edificios cobertos de telhas de barro ali preparadas. «De sua passada grandeza—diz o Dr. Aprigio de Menezes—nada mais existe». Essa decadencia tem continuado.

A villa de Barcellos está quasi extincta, restando-lhe uns 200 habitantes, no maximo. Dista de Manáos 268 milhas.

S. GABRIEL. – Tem sua situação á margem esquerda do rio Negro em frente á cachoeira Crocobi. Foi fundada em 1763, por ordem de Manoel Bernardo de Mello e Castro, governador do Pará, que ahi mandou assentar a fortaleza desse nome, afim de obstar a descida e localização de hespanhoes, então empenhados em estender seus dominios na bacia do rio Negro.

Desse posto militar só existem ruinas. S. Gabriel foi creada villa por lei de 3 de Setembro de 1891 e installada em 13 de Maio de 1893. E' pobre, mas vae-se erguendo, devido ao esforço dos religiosos que ahi mantêm um grande estabelecimento de ensino. Não é accessivel á navegação franca, em consequencia das cachoeiras, que se estendem abaixo da villa, de Santa Izabel para cima. Exporta piassava, salsa e borracha.

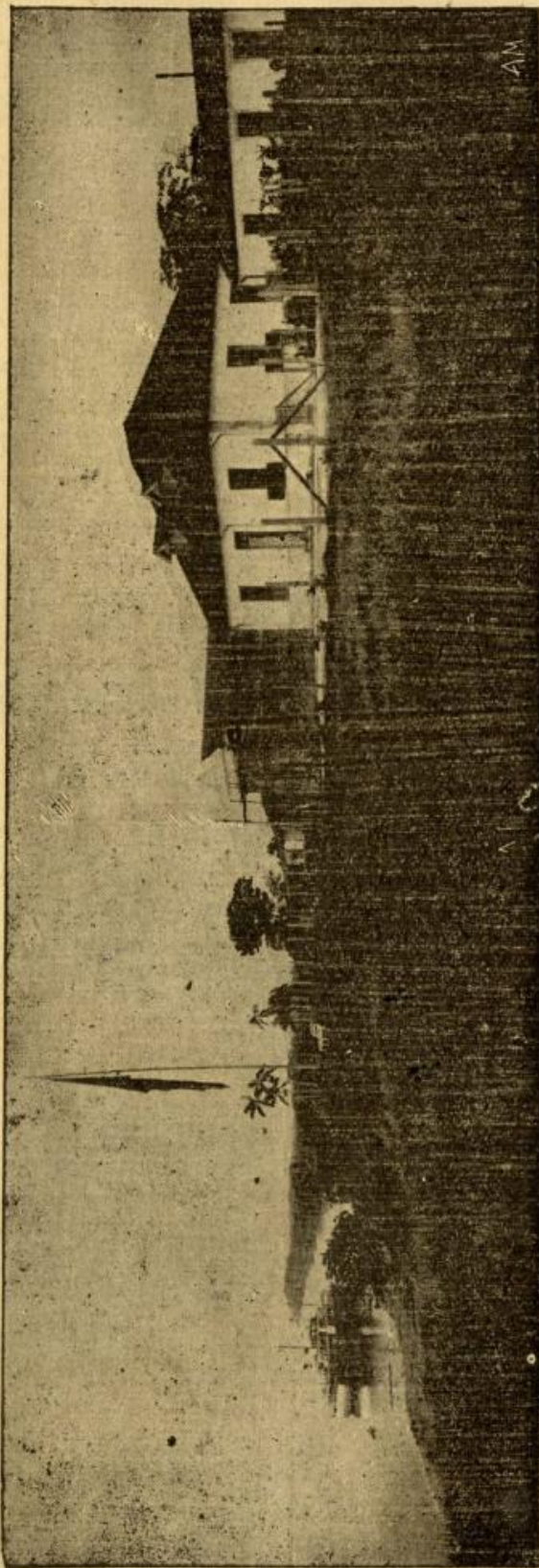
População aproximada 600 habitantes. Dista de Manáos cerca de 460 milhas.

Porto da villa de Bôa Vista (Rio Branco)

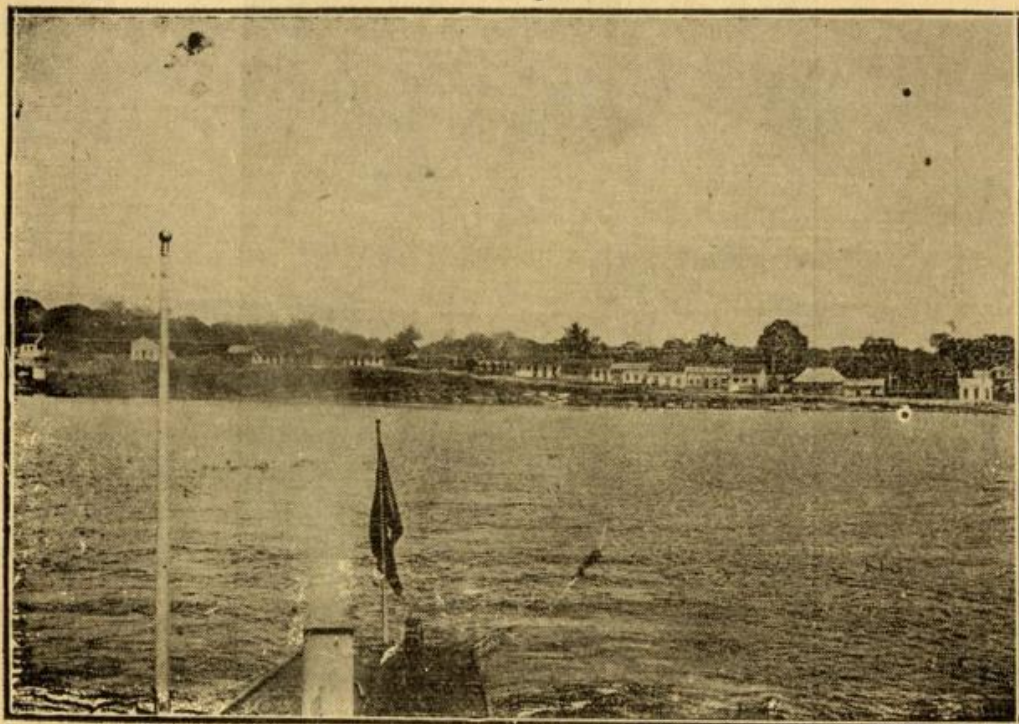
BOA VISTA. – A' margem direita do rio Branco, affluente do rio Negro. Acredita-se que tivesse origem numa das Missões fundadas, ali,

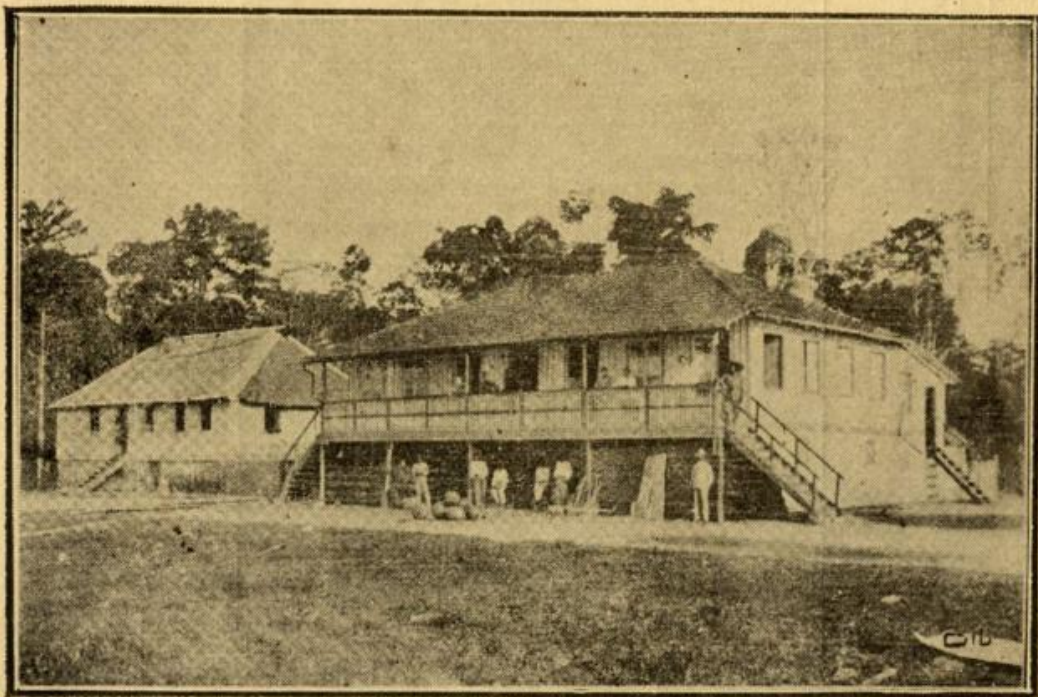
Povoado de Amataurá

pelos carmelitas, em 1725. Acha-se a alguns kilometros abaixo da fortaleza de S. Joaquim, estabelecida pelos portuguezes em 1765, na fóz do

Tacutú. Foi creada villa por decreto de 9 de Julho de 1890 e installada em 25 do mesmo mez e anno. E' séde de comarca e do municipio mais rico em gado do Norte do Brasil. E' inaccessivel á navegação a vapor,

Vista de Tonantins (rio Solimões)

directa, senão a lanchas e no periodo das grandes cheias, pois o curso do rio Branco é, como já fizemos ver, obstruido pela cachoeira de Ca-

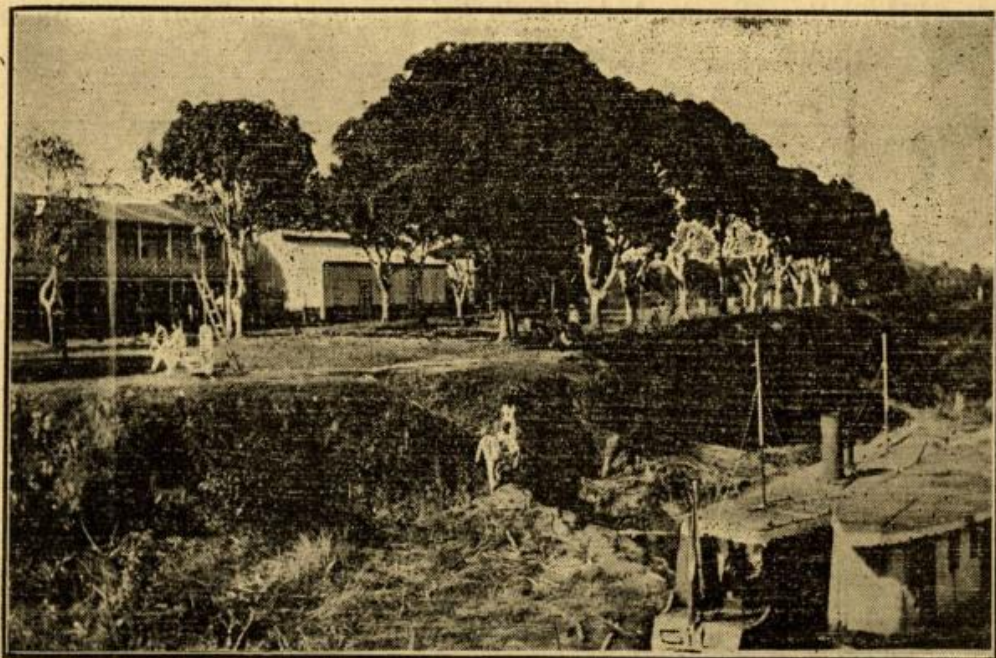
racarahy. Tem sido preoccupação dos governos estaduaes a construcção de uma estrada de ferro, que ligue Bôa Vista á capital, melhoramento este que ainda não passou do dominio das tentativas. A população da

Povoação de Ayrão (rio Negro)

villa attinge a 1.500 habitantes, que vivem do commercio e da creação do gado. Dista de Manáos aproximativamente, 540 milhas.

Barracão "Primor", no rio Madeira

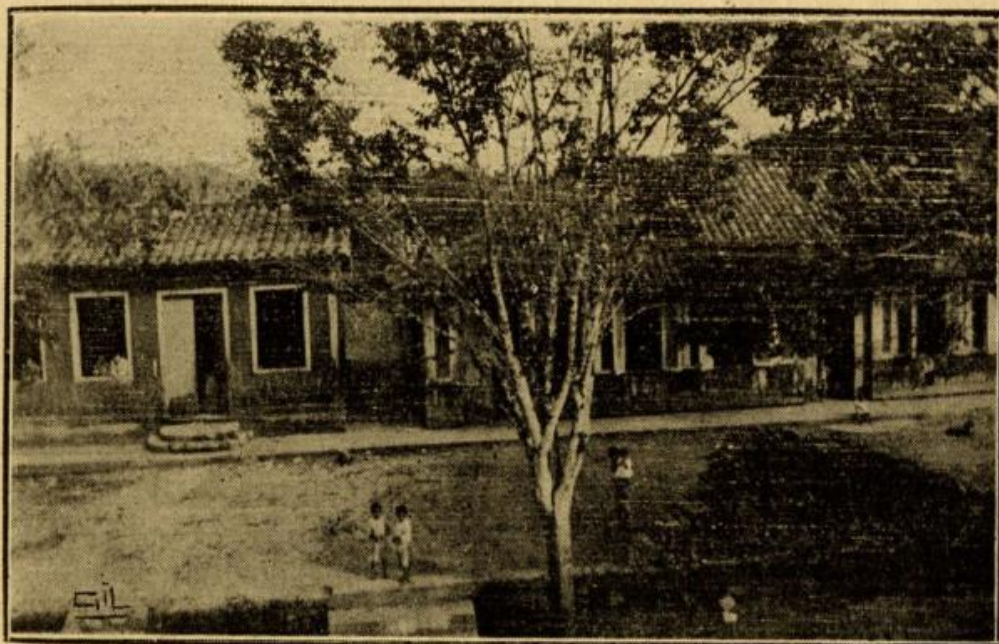
(POVOAÇÕES)

São numerosos, no Estado, os pequenos nucleos de povoação, contendo de 50 a 400 habitantes, todos ribeirinhos. Enumeremos apenas os mais importantes, a partir do curso inferior para o superior de cada rio.

Povoação no rio Madeira

No rio Amazonas, margem direita e suas circumvizinhanças: *Juruty* (em territorio contestado pelo Pará na posse do qual se acha;) *Bocca do Andirá* e *Massauary*, no paraná do Ramos, *Tabocal, Fóz do Careiro e Cambixe* (de ambas as margens destes paranás) e *Terra Nova*. Margem esquerda: *Ilha Affonso de Carvalho* ou das Cutias, no delta do Nhamundá; *Santa Izabel*; *Cabory, Mocambo, Ipiranga* (no paraná de Urucará); *Parauá* (no paranámiry do Serudo; *Amatary, Iranduba, Tabocal, Jatuarana* e *Lages.*

Calama (rio Madeira)

No Solimões e circumvizinhanças de ambas as margens: *Bocca do Careiro* (superior); *Curary,* no paraná deste nome; *Iranduba* (lago); *Janauacá* (lago); *Caldeirão; Mamory* e *Manaquiry* (lagos), *Costa do Guajaratuba, Anamã, Bocca do Purús, Anory, Flores, Tamandaré, Bocca de Badajós, Badajós* (lago), *Camará, Bocca do Mamiá, Trocary,*

Bocca do Copeá, Barro Alto, Caiambé, Caiçara, Missão Salesiana (no paraná de Teffé), *Uará, Bocca do Juruá, Paraná do Tupé, Bocca do*

Foz do Uruapiára (rio Madeira)

Jutahy, Tonantins, Santo Antonio do Içá, Capacete e *Esperança* na confluencia do Jutahy com o Solimões.

Logar Bom Fim (rio Madeira)

No Rio Negro: *Tauapessassú, Ayrão, Carvoeiro, Moreira, Thomar, S. Joaquim, Santa Izabel e Camanáos.*

No Rio Madeira: *Rosarinho, Bocca do Canumã, Ilha dos Gan-*

chos, Vista Alegre, Bocca do Aripuanã, Venador, Cachoeirinha, Jatuarana do Enéas, Bocca do Capanã, Curuçá, Bocca do Uruapiára, Bocca do Bastos, Bom Futuro, Rosal, Castanhal, Caiary, Bocca do Carapanatuba, Pariry, Juma do Cação, Bella Brisa, Dumas, Bocca das Tres Casas, Jumas do Chaves, Bocca do Piratiningas, Restauração, Ilha das Pirahybas, Bocca do Paraense, Cintra, Paraense, Primavera, Paduá, Popunhas do Botelho, Paraizo, Boa Esperança, Mirary, Calama, Napolianopolis, Assumpção, Papagaio, S. José da Praia, Bom Fim, Abelhas, Boa Hora, Santa Luzia, Victoria, Primor, Sobral, Prosperidade, Alliança, Huê-Poranga, Bom Jardim e *Belmont.*

S. Antonio, antiga povoação do Amazonas (rio Madeira)

No rio Purús: *Berury, Ayapuá, Guajaratuba, Itatuba, Arimã, Pachiuba, Tauariá, Jaburú, Nova Olinda, Papiry, Bocca do Tapauá, Porto Alegre, Saudades, Repouso, Alliança, Bella Vista, Santo Antonio do Apituã, Vista Alegre, Carmo, Assahytuba, S. Luiz do Cassianã, Jurucuá, Providencia, Sebastopol, Hyutanahã, Cachoeira, Canacury, Terra Firme do Monte Verde, Bocca do Acre, Porto Alegre, Sant'Anna, Arapixy, Cajueiro* e *Cachoeira de S. João.*

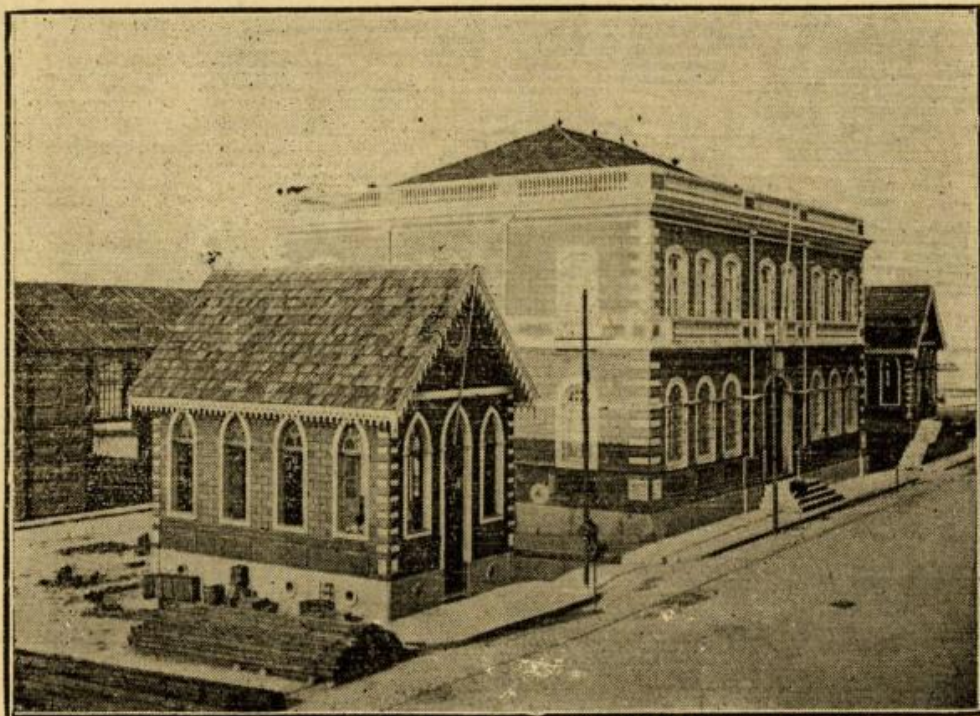
No rio Acre: *Esperança* e *Terra Firme do Aripuanã.*

No rio Juruá: *Bocca do Mineruá, Ipiranga, Matá-matá, Popunha, Xibury, Santo Antonio do Chué, Mamary, Santa Clara, Maravilha, Bom Fim, Manichy Grande, S. Sebastião, Djedah, Pixuna, Gaviãozinho, Paraná da Viuva, Alta Mira, Foz do Tarauacá, Bocca do Gregorio, Esperança, Santa Fé* e *Arenal.* No Tarauacá: *Fóz do Itucuman, Fóz do Envira, Posto Fiscal, Macucahuã,* etc.

CAPITULO VI

Economia e finanças

A vida economica do Amazonas tem seus fundamentos principaes na industria extractiva de productos florestaes, figurando, em primeiro logar, a borracha e a castanha. O movimento commercial e financeiro do Estado fica sempre na dependencia da respectiva cotação, que, por sua vez, se acha á mercê dos tramas das especulações e de outras circumstancias imprevistas.

Os demais productos da riqueza amazonense levam, em menor coeficiente, o seu peso á balança daquelle movimento economico. As

Thesouro Publico do Estado

industrias manufactureiras representadas por alguns estabelecimentos de Manáos e rarissimos do interior, pouco ainda pódem concorrer para avolumar a capacidade dos negocios. E', por isso, precaria a vida chrematistica do Estado, de quando em vez, avassalado pelas crises, como esta de que se está libertando.

Basta que a gomma elastica baixe seu preço, para começar o desanimo e, com elle, a diminuição da colheita pelo abandono dos seringaes. Esse facto tem, alem de outras, duas consequencias desastrosas: os aviamentos a credito, feitos para a safra da borracha, ficam em grande parte por pagar, abalando e, mesmo, fazendo desapparecer casas commerciaes importantes; a reducção das rendas publicas, então insufficientes a solver os compromissos geraes do Estado.

Ao contrario, se aquelle producto se valoriza, augmenta logo o vulto das colheitas. Tudo se reanima: navios, que estavam «encostados», equipam-se e marcham abarrotados de mercadorias e passageiros; estabelecimentos enfraquecidos readmittem novos empregados; a importação cresce e, com ella, as rendas alfandegarias; recomeçam as edificações e outros melhoramentos de Manáos, cuja vida se agita nas ruas, nos theatros, nas escolas, nas casas de negocios, etc.

Terra em que os capitaes são insufficientes para sustentar esse movimento economico, de caracter eventual, são communs os desiquilibrios consequentes das oscillações desfavoraveis do preço da gomma elastica. Convem recordar que ha annos em que o valor da exportação ultrapassa de 100.000 contos de réis; mas, de outras vezes, não attinge a 30.000!

O futuro economico do Amazonas estaria melhor assegurado, se houvesse replantado e desenvolvido os seus seringaes e intensificado sua incipiente agricultura. Mas, não. As antigas florestas naturaes de "heveas", já se extinguiram ou se estragaram, em bôa parte. As «arvores martyres» foram impiedosamente mortas pelo «machadinho» ambicioso.

A producção do Estado subia annualmente, até 1912, a mais de 11.000 toneladas de borracha.

Hoje (1925), não chega a 6.000. Comprehende-se o abalo que essa reducção produziu na vida do Amazonas, que ainda assenta seu edificio economico e financeiro na precaridade commercial de quasi uma unica fonte de receita...

O Estado do Amazonas aufere as suas rendas dos seguintes impostos e outras fontes: exportação dos seus productos extractivos e agricolas, industrias e profissões, taxas sobre fumo e bebidas alcoolicas, transmissão de propriedade, imposto territorial, sellos, emolumentos, serviço d'agua em Manáos, etc.

Pelas rubricas da arrecadação, vejamos quaes têm sido as entradas annuaes para o Thezouro Publico, desde o evento do regimen republicano em nosso paiz, até 1924:

RECEITA arrecadada pelo Estado desde o advento da Republica até 1924

	RECEITA ARRECADADA				
	EXPORTAÇÃO	INTERIOR	EXTRAORDINARIA	Renda c/ app. especial	TOTAL
1889	1.310.096$577	74.829$930	114.252$181	—	1.499.178$688
1890	1.407.648$720	119.825$038	208.855$846	613.526$435	2.349.856$039
1891 - 1.º Semestre	1.312.522$636	150.896$552	140.909$010	474.950$489	2.079.278$687
1891 - 2.º Semestre	2.445.828$869	131.770$362	99.395$710	—	2.676.994$941
1892 - 1.º Semestre	2.797.282$779	149.315$735	12.972$233	—	2.959.570$747
1892 - 2.º Semestre	2.673.332$069	146 808$530	19.829$093	—	2.839.969$692
1893	7.534.119$404	513.972$252	141.993$327	—	8.180.084$983
1894	7.910.096$686	620.846$383	277.809$451	—	8.808.752$520
1895 - 1.º Semestre	5.156.927$363	252.757$956	182.112$037	—	5.591.797$356
1895-1896 . ..	10.023.062$032	392.711$877	246.965$210	—	10.762.739$119
1896-1897 . ..	13.521.643$701	583.070$886	139.341$503	243.484$994	14.487.541$084
1897-1898 . ..	19.315.032$071	829.265$989	279.802$362	52.014$205	20.476.114$687
1898 - 2.º Semestre	7.403.932$340	441.893$914	76.367$228	528.046$543	8.450.240$025
1899	22.961.260$553	1.130.676$679	252.955$950	699.993$705	25.044.886$887
1900	20.348.630$159	1.308.978$681	384.114$759	451.265$625	22.492.989$224
1901	15.273.990$658	1.064.515$592	237.739$554	322.825$795	16.899.071$599
1902	12.305.598$703	694.643$837	368.212$565	—	13.368.455$105
1903	16.919.262$629	772.388$721	598.415$206	—	18.290.066$556
1904	17.025.779$828	1.317.048$860	2.128 090$152	—	20.470.918$840
1905	12.875.108$767	1.140.635$172	1.217.942$076	—	15.233.686$015
1906	11.566.323$347	1.564.026$919	2.291.945$351	—	15.422.295$617
1907	11.709.118$953	999.284$254	162.148$159	2.061.637$665	14.932.189$031
1908	8.605.573$786	545.714$275	205.913$190	1.793.271$698	11.150.472$949
1909	13.693.210$852	684.309$389	559.145$075	1.908.919$747	16.845.585$063
1910	15.153.577$659	682.328$230	339.358$354	1.180.869$232	17.356.133$475
1911	10.214.086$555	609.581$685	168.728$374	1.900.080$761	12.901.477$375
1912	10.760.659$884	596.943$560	136.922$586	1.912.919$447	13.907.445$477
1913	5.998.444$152	492.371$921	1.133.444$649	1.749.448$386	9.373.699$112
1914	5.283.566$327	407.273$251	185.461$669	1.726.718$357	7.603.019$604
1915	4.984.589$000	585.259$140	413.022$737	1.476.562$318	7.459.333$195
1916	6.010.696$403	575.434$418	951.030$372	3.177.095$056	10.714.256$249
1917	5.762.500$667	591.275$472	3.480.850$061	1.181.128$489	11.015.754$689
1918	2.496.169$669	1.142.366$803	394.064$361	2.544.525$022	6.577.125$855
1919	3.961.623$683	372.218$904	2.630.013$530	1.145.366$350	8.010.222$467
1920	2.248.151$229	553.226$321	1.591.203$324	460.189$666	4.852.770$540
1921	2.149.435$377	163.391$830	104.511$749	1.984.643$057	4.401.962$013
1922	2.350.971$507	720.985$434	429.426$372	1.551.896$617	5.053.279$930
1923	3.414.159$796	526.497$029	614.550$723	1.808.061$004	6.363.268$552
1924	4.458.064$990	847.627$489	871.616$166	2.046.782$562	8.224.591$207

A situação financeira do Amazonas é assombrosa.

Sobre o Thezouro Publico pesam compromissos extraordinarios, como resultado das prodigalidades de algumas das suas administrações. Contra os interesses economicos do Estado commetteram-se actos de verdadeira loucura, cuja historia seria triste narrar, inacreditavel, ás vezes, por seus episodios. Systematisou-se o assalto aos dinheiros publicos. Todas as formas de pilhagem foram postas em pratica, para o que se lançaram aos pés os menores escrupulos. Um amazonense illustre, Heliodoro Balbi, quando defendia, no Rio de Janeiro, em plena Camara dos Deputados, o seu diploma de Representante do povo amazonense, chegára a dizer: «O Amazonas é a Calabria da Patria»! Pois bem; dahi por diante, ainda se requintaram os motivos daquella explosão.

Fizeram-se emprestimos leoninos, sem que o seu resultado se concretisasse em qualquer beneficio collectivo. A crise economica de 1912 a 1920, veio aggravar esse procedimento dos máos governos desta terra.

Hoje (1925) é esta a situação desoladora das finanças do Estado:

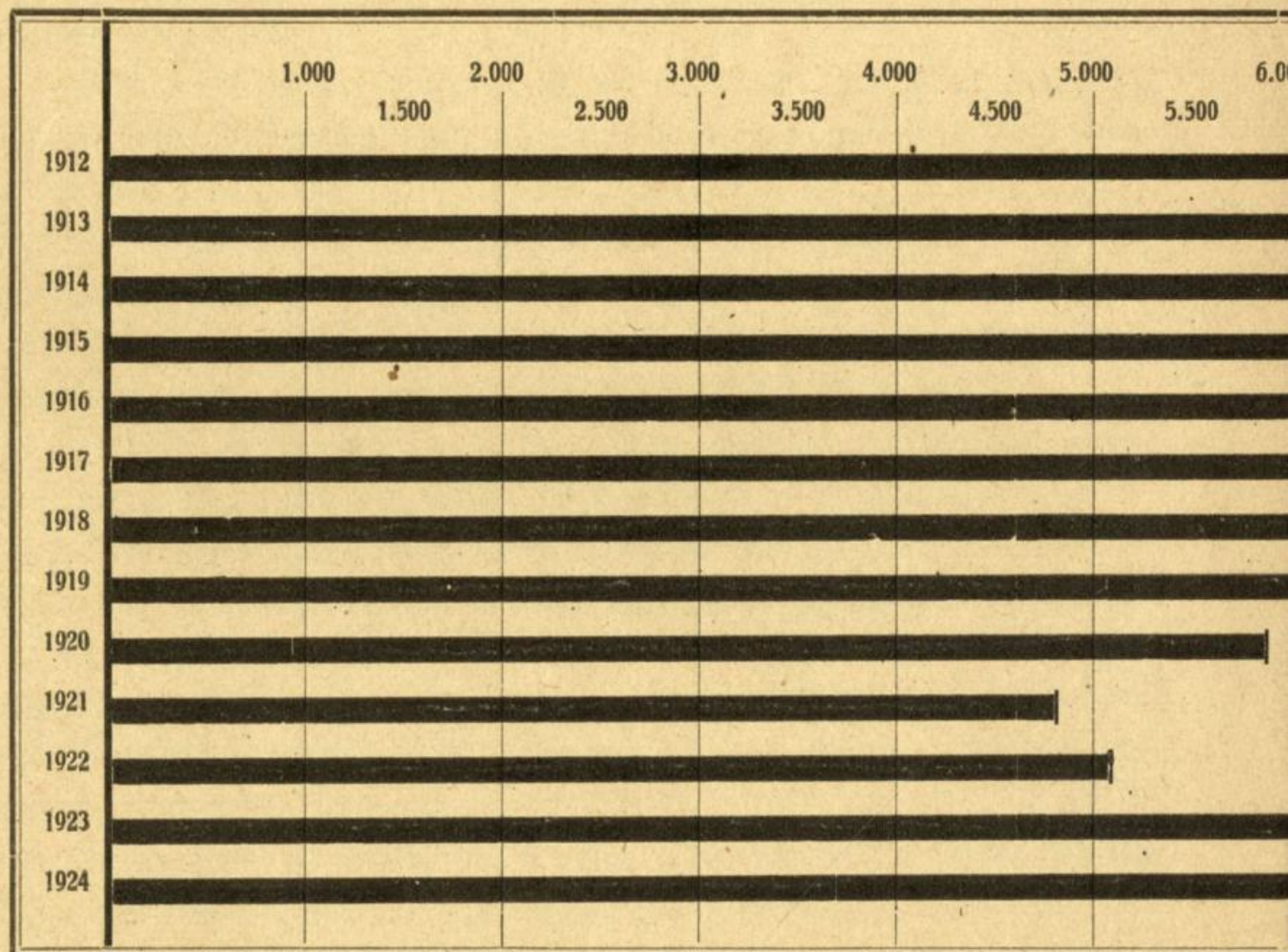
Situação das dividas do Estado do Amazonas, em 30 de Novembro de 1924

DIVIDAS	CONSOLIDADA		FLUCTUANTE		DEPOSITO	TOTAL	
	Equivalencia em francos	Rs. Papel	Equivalencia em francos	Rs. Papel	Rs. Papel	Francos	Rs. Papel
Externa	103.295.625,00	51.647:812$500	26.254.229,49	13.127:114$745	—	129.549.854,49	64.774:927$245
Interna	—	26.557:000$000	—	40.461:105$171	807:299$001	—	67.825:404$172
	103.295.625,00	78.204:812$500	26.254.229,49	53.588:219$916	807:299$001	129.549.854,49	132.600:331$417
(ACTIVO) Titulos do Estado.	5.355.000,00	2.677:500$000	1.285.000,00	642:600$000	—	6.640.000,00	3.320:100$000
	97.940.625,00	75.527:312$500	24.969.229,49	52.945:619$916	807:299$001	122.090.854,49	129.280:231$417

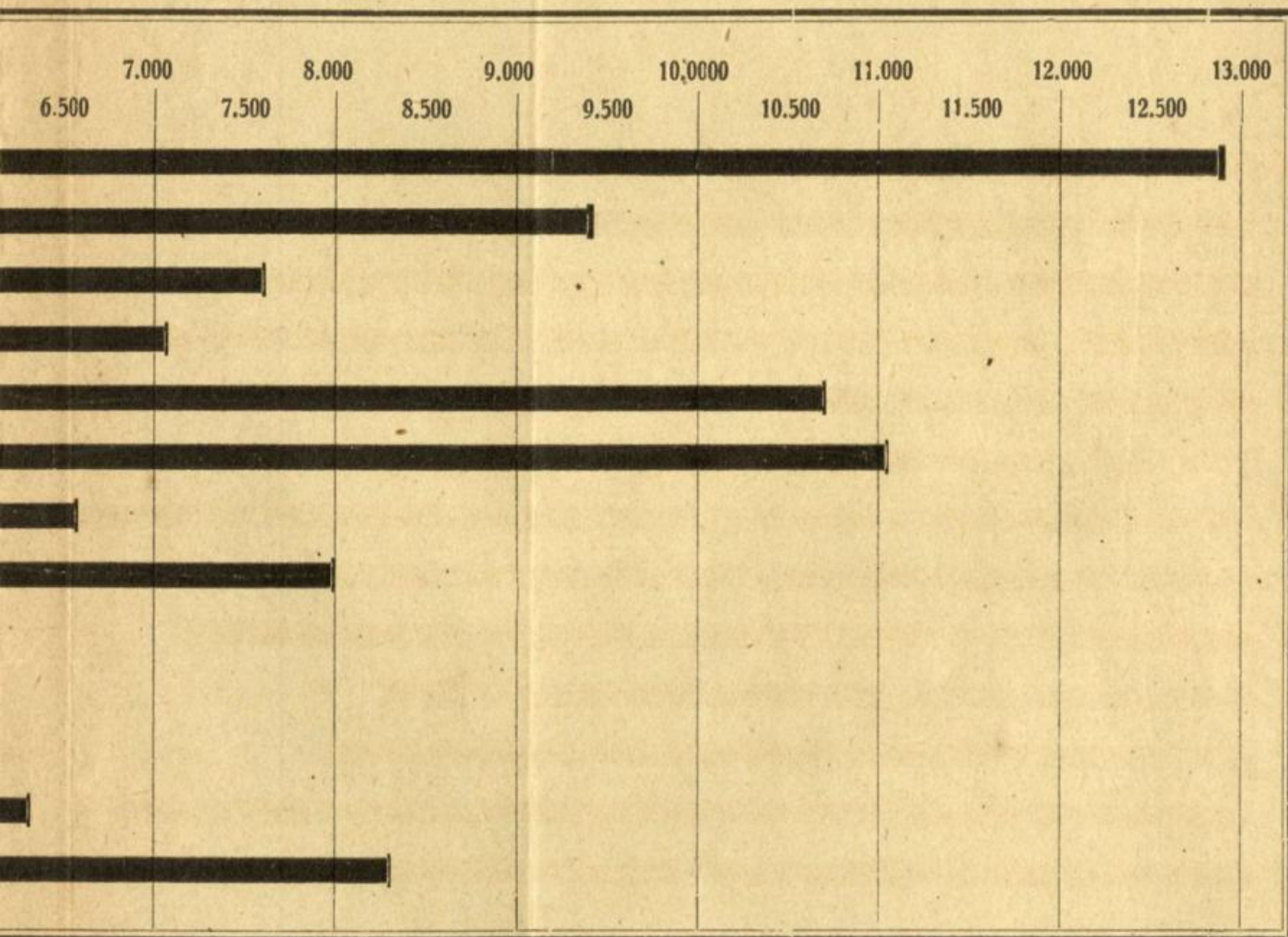
RESUMO das dividas do Estado, deduzidos os titulos de sua propriedade

Consolidada	75.527:312$500
Fluctuante	52.945:619$916
Deposito	807:299$001
TOTAL	129.280:231$417

DIAGRAMMA DAS RENDAS DO

Representaçã

Extr. do "Balanço do Thesouro do Amazonas", Relatorio da situação financ

STADO ARRECADADAS DE 1912 A 1924

em contos de réis

ra do mesmo Estado, organizado por Palvino Campos Rocha, em 30 de Novembro de 1924.

CAPITULO VII

Vias de communicação

Linha telegraphica.—Os beneficios das communicações telegraphicas, no Amazonas, foram obtidos em 1896, após contracto realizado entre o Governo da Republica e o subdito inglez Richard J. Reidy, que organizou a «Amazon Telegraph Company», auctorizada a funccionar no Brasil, por decreto n.º 2.192, de 16 de Dezembro de 1895.

E' interessante transladar para esta pagina as seguintes linhas, que são os primeiros traços da historia do lançamento do cabo telegraphico de Belem á Manáos:

«Desde 1887 havia um pedido de concessão, por 30 annos, para a ligação telegraphica do Pará ao Amazonas, por um ou mais cabos sub-fluviaes. Um dos peticionarios era a *Western,* da Côrte. Foi, porem, addiada essa questão. Para a construcção da linha de Belem á Manáos foi aberto um credito de 1.500:000$000. Duraram um anno os trabalhos de exploração da linha terrestre, sondagem de parte do rio Amazonas, trabalhos graphicos para organização de plantas e relatorios.

O chefe da commissão constructora julgava conveniente uma linha mixta, seguindo por terra de Manáos a Prainha e sob agua de Prainha a Chaves, atravessando d'ahi a ilha de Marajó até o ponto denominado Cajú e d'ahi até Belém. O custo total foi orçado em 2.632:630$000.

Começou a construcção em Julho de 1892, mas, devido á má direcção dada pelo chefe da commissão, que *desappareceu deixando um avultado alcance,* tornou-se improficua, a não ser na parte applicada em material, a despeza feita até fins de 1893, superior a 1.100:000$000. Foram suspensos os trabalhos. A lei n.º 267, de 24 de Dezembro de 1893, autorizou o Governo a contractar com Richard J. Reidy ou com quem mais vantagens offerecesse, o estabelecimento de communicação telegraphica entre os dous grandes Estados do extremo norte.

Aberta a concurrencia por edital de 22 de Janeiro de 1894, uma unica proposta appareceu, a do subdito inglez Richard J. Reidy, a quem foi dada a concessão respectiva pelo decreto n.º 2.000, de 2 de Abril de 1895. Pelo concessionario foi organizada a «Amazon Telegraph Company», a qual por decreto n.º 2.192, de 16 de Dezembro daquelle anno foi autorizada a funccionar no Brasil.

O assentamento dos cabos foi contractado com a casa Siemens Brother, de Londres; tendo-se realizado a inauguração do serviço em 16 de Fevereiro de 1896.

Logo nos primeiros tempos deram-se algumas interrupções, uma das quaes entre Obidos e Manáos, prolongada apezar dos esforços feitos para se restabelecerem as communicações. As rupturas, segundo estudos effectuados, eram produzidas pelo atricto do cabo contra as pedras do

fundo do rio, no trecho de Obidos a Manáos, as quaes, cobertas de espessa camada de tabatinga, não foram descobertas, quando se fizeram as sondagens. Em outros trechos eram os damnos causados pelas ancoras das embarcações, que sulcam o rio. No Amazonas o funccionamento de cabos encontra de facto sérias difficuldades na variedade da natureza do leito e na correnteza, que differe segundo as profundidades, as epocas do anno e ainda segundo as modificações do proprio curso do rio pelas novas formações geologicas. Estas ultimas modificações são de tal modo pronunciadas, que se manifestam de um para outro anno, em sedimentação por um lado, sobretudo nas concavidades e corrosão nas convexidades. No sentido vertical do mesmo modo se accentuam as depressões e elevações annuaes do leito, de fórma a produzir até deslocações sensiveis nos bancos e canaes do rio («Memoria Historica» da Repartição Geral dos Telegraphos, 1909, pag. 41.)

Tão constantes se tornaram as interrupções do cabo telegraphico do Pará a Manáos, que se tornou necessaria a sua duplicação, o que a *Amazon Telegraph Company* levou a effeito, com grande vantagem para o Estado. Apezar disso, têm succedido desarranjos, ao mesmo tempo, em ambos esses cabos, o que todavia, já não é frequente. No serviço de conservação desses elementos de transmissão, a Empreza emprega tres navios munidos de apparelhos e de pessoal permanente, para attender ás emergencias dessas interrupções. E' por esta razão que o telegrapho inglez, em Manáos *é o mais caro do mundo,* como se pode inferir pela comparação das suas tabellas.

Radio-Telegraphia.—A instabilidade do serviço do cabo subfluvial despertou a ideia, nova então, do estabelecimento, no Amazonas, do telegrapho sem fios. A propria *Amazon Telegraph* requereu, em 1905, permissão para empregar o novo e victorioso systema, na zona da sua concessão. A Directoria Geral dos Telegraphos, ouvida a respeito, foi de parecer negativo ou, quando muito, pela concessão a titulo precario.

« Ainda nesse anno, houve um requerimento da Associação Commrecial do Amazonas ao Ministerio da Industria, para mandar restabelecer communicações radiotelegraphicas no valle do Amazonas, afim de remediar o imperfeito funccionamento do cabo sub-fluvial, e em 1906 outro, da *Amazon Wireless Telegraph and Telephone Comp.*, pedindo uma concessão. A Directoria dos Telegraphos informou sobre ambos em harmonia com o ponto de vista adoptados». (Obs. cit. pag. 106).

Mas, o Amazonas não podia ficar á mercê das eventualidades do cabo sub-fluvial. Resolveu contractar, na administração Silverio Nery, com R. Mardok o estabelecimento de varias estações no Estado. As de Manáos e de Manacapurú foram fundadas, mas sem resultado pratico.

O respectivo contracto teve renovação no quatriennio seguinte, ainda sem exito.

O Districto Radiotelegraphico do Amazonas e Acre, creado pelo Decreto n.º 10.394, de 13 de Agosto de 1913, começou a funccionar nesse mesmo anno, com as estações de Belem e Santarem, no Estado do Pará, provindas do dominio do Sr. Commodore Benedict, cidadão norte americano; Manáos e Porto Velho, no Estado do Amazonas, provindas do dominio da «Madeira-Mamoré Railway Company»; Rio Branco, Xapury, Senna Madureira, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, no Territorio do Acre, creadas pelo Ministerio da Justiça.

Em 1916 a Repartição inaugurou na Labrea (rio Purús) uma nova estação. Em 1923, uma em Salinas, no Pará, destinada ao serviço costeiro, a ser brevemente inaugurada e aberta ao movimento do trafego. Está em construcção uma outra na Bocca do Acre, cuja inauguração se espera effectuar ainda no corrente anno (1925).

As estações do Districto Radiotelegraphico são do systema Telefunken, com excepção das de Manáos e Porto Velho, que são do systema antigo (Marconi).

As potencialidades dessas estações são:

Manáos e Porto Velho	70	kilowatts
Santarem e Senna Madureira	20	"
Tarauacá e Cruzeiro do Sul	8	"
Rio Branco e Xapury....	2,5	"
Belem e Bocca do Acre (em construcção)	12,5	"
Labrea e Salinas....	5	"

O movimento da Repartição do Radio tem sido, de 1918 a 1924, o seguinte:

ANNOS	PALAVRAS RECEBIDAS	PALAVRAS EXPEDIDAS	RENDA
1918. . . .	758.312	767.692	588:989$960
1919. . . .	706.952	739.587	661:549$695
1920. . . .	1.433.137	973.545	650:253$401
1921. . . .	1.087 286	1.248.787	593:730$581
1922. . . .	1.690.919	1.494.111	575:388$924
1923. . . .	1.694.127	1.973.281	582:934$477
1924. . . .	1.754.048	1.986.661	595:108$740

Da leitura do quadro acima, verifica-se que, anteriormente a 1920, um numero de palavras muito reduzido, produzia uma renda igual se-

não maior ás dos annos seguintes, cujo rendimento em palavras foi de quasi o dôbro. E' que a taxa de telegrammas uniformizada para dentro do paiz a partir de 1920, desceu, no Districto Radio, de 1$500 e $900, a $200 por palavra. D'ahi o consideravel augmento de serviço, com diminuição da respectiva renda.

Actualmente o curso forçado dos despachos telegraphicos, em face da pouca potencia das estações, é o seguinte: de Belem a Santarem, desta a Manáos, desta a Porto Velho, desta a Senna Madureira e desta a Cruzeiro do Sul — no caso de telegrammas destinados á estação extrema do Districto.

Sendo a estação de Porto Velho de 70 kilowatts, póde transmittir directamente ás estações acreanas, inclusive Labrea, no Amazonas; entretanto, para receber os despachos dellas procedentes carece do intermedio de Senna Madureira, em vista de serem as estações acreanas de pouca ou media potencia, não podendo, assim, alcançar directamente Porto Velho ou Manáos. Dentro em pouco tempo, após a realização de melhoramentos propostos pela Chefia do Districto, o trafego facilitará sensivelmente entre Belem e Manáos e entre esta e Territorio do Acre. As communicações poderão ser directas, nem só entre as duas cidades acima citadas, como entre Manáos e Territorio do Acre, ficando Porto Velho destinada somente ao trafego local e ao intermedio do trafego destinado e procedente de Matto Grosso, incluidas as estações da via ferrea Madeira Mamoré.

A administração do Districto tem como séde Manáos, estendendo a sua acção desde Salinas (que é uma estação destinada ao serviço radio-costeiro com os navios), até Cruzeiro do Sul, no Juruá.

Serviço Postal.—Os Correios do Amazonas e Territorio do Acre, com séde em Manáos, constituem uma Administração de primeira classe. E' uma das mais movimentadas da Republica, não só porque é o interposto da correspondencia da grande zona de Oeste de Matto Grosso, como dos paizes nossos vizinhos, interessados pelo Rio Mar.

O trafego dessa correspondencia é toda feita pelos navios e lanchas que sulcam os nossos rios, com excepção unica do serviço propriamente urbano. A Repartição dos correios está localizada em lindo e espaçoso edificio adquirido especialmente para esse fim.

Para se ter uma ideia da actividade dessa Repartição, que conta para mais de cem funccionarios, basta ler a seguinte noticia, exclusiva da distribuição da correspondencia e relativa ao anno de 1924.

« No ultimo anno foi este o movimento da correspondencia domiciliaria pelos 11 carteiros que fazem os 11 districtos: nacional, 238.809 objectos; estrangeira, 110.522. Expressas, 1.199. Total geral, 350.153 objectos.

A correspondencia simples de posta restante, no mesmo periodo, foi: nacional, 4.796; devolvida, 2.225. Estrangeira entregue, 2.058; devolvida, 849. Total, 9.928 objectos.

A de caixas de assignantes foi 28.240.

Nas caixas urbanas foram postados 3.725 objectos.

A bordo das embarcações que chegaram, foram collectadas em 1924: cartas franqueadas, 12.661; não franqueadas, 3.015; impressos, 1.346 e officios, 163.

Correspondencia registrada, distribuida a domicilio pelos 9 carteiros dos 9 districtos; nacional 28.179; estrangeira, 1.593.

Registrada, de assignantes e posta restante: nacional, 11.756; estrangeira, 4.468 objectos.

O total de malas foi o seguinte: recebidas, 8.487; expedidas, 10.836; em transito, 2.211. Total, 21.534.

Entraram 1.037 embarcações e sahiram 1.038, sendo brasileiras, 1.001; inglezas, 32; allemães, 3 e peruana, 1. Todas foram visitadas pelo official externo do correio e o seu ajudante.

Em 1924 foram expedidas para o estrangeiro 79 encommendas postaes, passando 12 em transito; foram recebidas 617 do estrangeiro.

Foram apprehendidas para o pagamento de direitos 413 encommendas, sendo entregues 320 e devolvidas 93.

O correio tem, no interior, 28 linhas com apreciavel resultado, no Amazonas, Acre e territorio do norte de Matto Grosso. Em Manáos ha um estafeta para S. Raymundo e Constantinopolis e vice-versa.

Foram feitos com resultado os serviços a bordo dos vapores pelos agentes embarcados. Estes organizaram 3.767 malas.

Em estradas de ferro só ha um serviço: o da Madeira Mamoré, entre Porto Velho e Guajará Mirim. Ha dous estafetas que trafegam nos carros e fazem todo o serviço postal.

Foram expedidos pela secretaria: officios á directoria geral 991; a diversas auctoridades 1.295; ás agencias 860; ás administrações 86; papeletas 535. Total 3.767. Foram recebidos: officios 4.125; requerimentos 1.446; procurações 82; telegrammas 127; communicações diversas 114.

Tomadas de contas foram feitas 11 que mereceram approvação pelo Tribunal de contas.

Ha 27 caixas urbanas de collecta, funccionando regularmente.

Os correios têm 55 agencias no interior, algumas com grande movimento. Foram inspeccionadas em 1924 as agencias de Senna Madureira, Bocca do Acre, Floriano Peixoto, Porto Acre, Rio Branco, Xapury, Brazilea, Paraguassú, Cruzeiro do Sul, Manacapurú. As agencias urbanas e suburbanas foram diversas vezes balanceadas durante o ultimo anno.

O colis-posteaux não poude ter o desenvolvimento necessario

porque o serviço de encommendas não era directo e sim via Pará. Em 1925 tudo se regularisará a contento do publico, pois que o governo federal auxiliará o Amazonas.

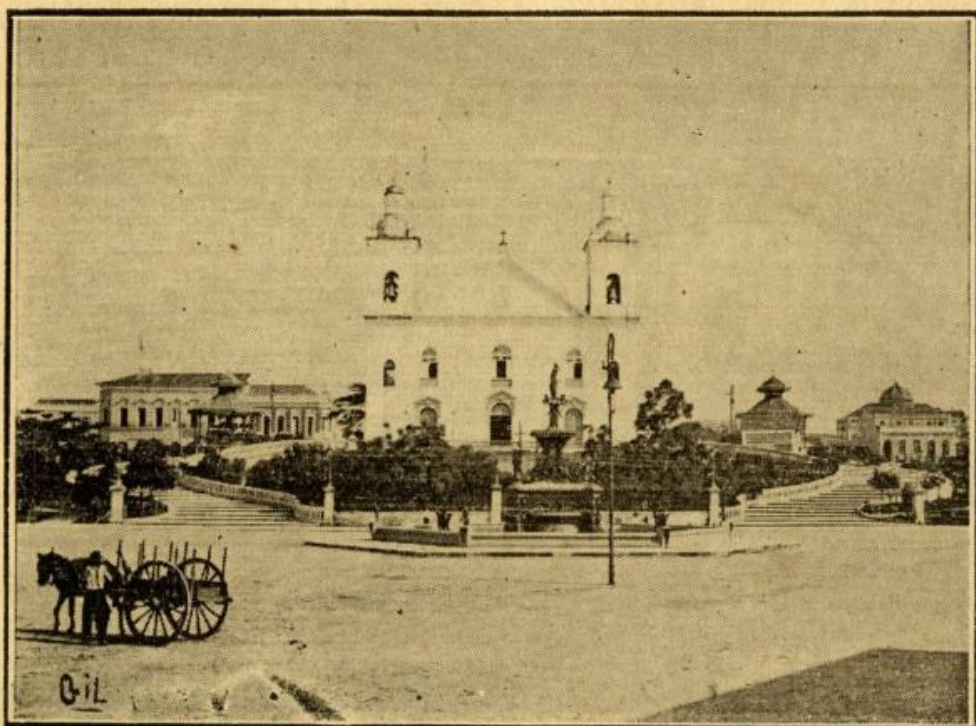
O movimento total da correspondencia ordinaria foi o seguinte: objectos postados 1.630.301; expedidos 1.029.542; em transito 600.759: Total 3.260.602 objectos.

Nas agencias foi este o movimento: objectos postados 622.174; expedidos 513.377; em transito 108.800. Total geral 1.244.348 ».

(Do *Jornal do Commercio,* de Manáos, de 16 de Fevereiro de 1925).

CAPITULO VIII

A vida religiosa. A Maçonaria

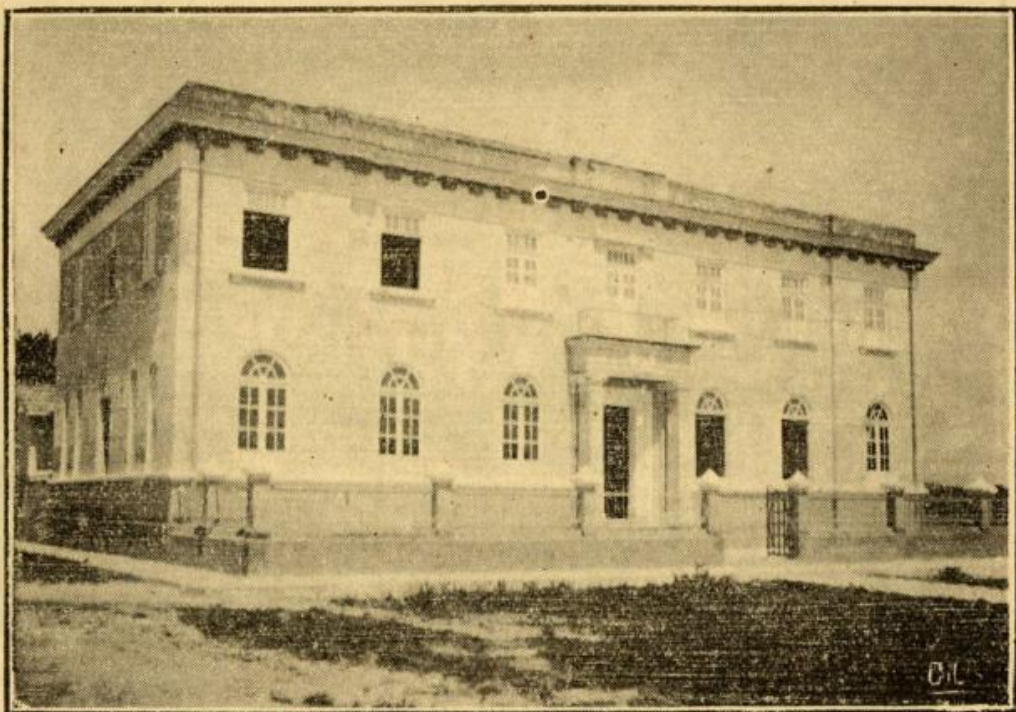
O povo amazonense é profundamente catholico, mas de uma grande tolerancia para os adeptos de outras religiões. Os deveres do culto divino são praticados com a lealdade das almas simples. Os sa-

Cathedral de Manáos

cerdotes encontram em todos os logares o respeito e o apreço ás doutrinas da Igreja. A elles devemos em bôa parte as facilidades com que os selvicolas se foram civilizando.

O PROTESTANTISMO—conta numerosos adeptos, em Manáos e nalgumas cidades do interior. Nesta capital, nada menos de tres *casas de oração* reunem os fieis daquelle crédo. Tambem ha judeus e maronitas, em numero reduzido.

Na hierarchia ecclesiastica, o Amazonas constitue um Bispado suffraganeo do Ascebispado do Pará. Foi creado em 1893, tendo como seu primeiro pastor D. José Lourenço da Costa Aguiar, cuja investidura começou em 1894 e terminou em 5 de Junho de 1906. Succedeu-lhe na direcção da diocese D. Frederico Costa, que resignou em 1914, para fazer-se religioso da ordem de S. Romualdo. O terceiro Bispo do Amazonas foi D. Irineu Joffely, um prelado de raras virtudes de intelligencia e de coração.

Sob a sua direcção, a Diocese Amazonense prosperou bastante, tendo suas finanças restauradas do descredito e da decadencia a que chegára. O illustre principe da Igreja serviu esse importante departamento ecclesiastico até 1925, quando foi distinguido com a elevada dignidade de Arcebispo do Pará, sendo nomeado, em seu logar, D. Frei Basilio Pereira, natural da Bahia.

O Bispado do Amazonas se acha dividido administrativamente em 16 parochias; possue 16 Igrejas matrizes e 18 capellas. Existem, na

Séde da Prefeitura Apostolica do Alto Solimões, S. Paulo de Olivença

diocese, 2 estabelecimentos religiosos de ensino o *Collegio D. Bosco*, regido pelos padres salesianos, e o *Collegio Santa Dorothéa,* dirigido pelas Irmãs Santa Dorothéa. Dentre as Instituições piedosas, funccionando nas principaes parochias (Manáos), destacam-se: o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria, a Associação dos Santos Anjos, as Conferencias de S. Vicente de Paula e do Coração Eucharistico.

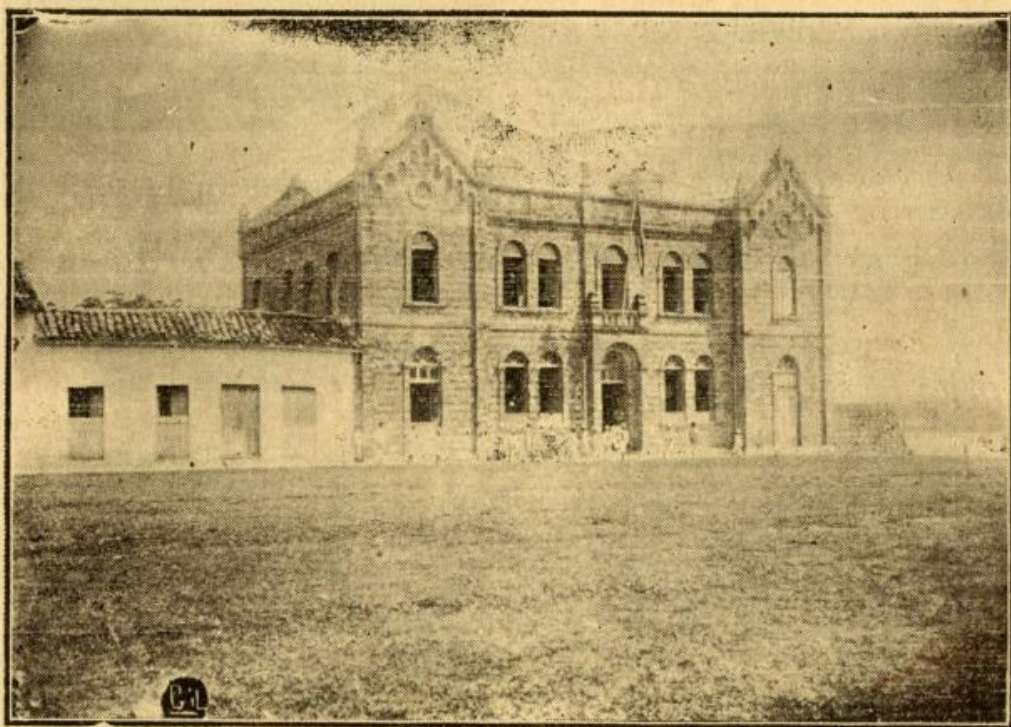
O Amazonas contêm ainda 3 Prefeituras Apostolicas, que são:

Prefeitura do Alto Solimões.—Foi creada em 23 de Maio de 1910. Abrange os territorios dos municipios de S. Paulo de Olivença e Benjamin Constant. Foi seu primeiro Prelado o actual Frei Evangelista de Cefalonia, da ordem dos Capuchinhos, cuja investidura começou em 7 de Setembro de 1910.

A Prefeitura Apostolica do Alto Solimões comprehende uma su-

perficie de 140.000 kilometros quadrados e conta 2 parochias, 1 curato, 3 igrejas, 6 capellas e 1 seminario, que se acha quasi concluido.

Mantém 4 Instituições piedosas e 2 de acção social: os Circulos catholicos « S. Sebastião » e « S. Pedro ».

O desenvolvimento da Prefeitura do Alto Solimões deve-se á tenacidade e á intelligencia de Frei Evangelista, incansavel no seu ministerio. Deve-se a elle a fundação de 2 igrejas, 2 collegios, 4 casas residencias,

Séde da Prelazia Apostolica de Teffé

etc. Um desses estabelecimentos de ensino é o "Collegio de N. S. da Conceição", já inscripto na Directoria Geral da Instrucção Publica do Amazonas, gozando, assim, das regalias officiaes do curso primario.

Prefeitura de Teffé.—Foi creada em Maio de 1910, tendo por séde a cidade do mesmo nome. Teve como seu primeiro prefeito Mons. Miguel Alfredo Barrat, que ainda a dirije. Está dividida em 2 parochias, 2 pro-parochias e curatos. Possue 4 igrejas, 6 capellas e 1 seminario.

Existem em Teffé diversas instituições piedosas, dentre as quaes são dignas de nota as Confrarias do Rosario e do Espirito Santo.

A Prefeitura dirije a publicação do «O Missionario», periodico de propaganda da Obra das Vocações sacerdotaes, no seio da familia amazonense.

Prefeitura do Rio Negro.—Esta Prefeitura está situada no rio de que tomou o nome, tendo por séde a villa de S. Gabriel. Foi creada

em Junho de 1910, sendo o seu primeiro titular Monsenhor Lourenço Giordano, cuja investidura começou em 1916 e terminou a 4 de Dezembro de 1919, data do seu fallecimento, na povoação de S. Joaquim, á margem do rio Negro. Substituio-o o actual Prefeito, Monsenhor Pedro Massa, um grande lidador das cousas ecclesiasticas.

Escola Seraphica dos Padres Franciscanos, S. Gabriel

A Prefeitura Apostolica do Rio Negro esta dividida administrativamente em 9 parochias. Possue 4 estabelecimentos de ensino religioso, 6 Instituições piedosas e 4 casas de carídade, além de um jornal "A Voz do Rio Negro", vehiculo da *propaganda fide.*

A Prefeitura abrange uma superficie de 270.000 kilometros quadrados, com dois nucleos de acção; S. Gabriel e Taracuá, alem de um outro de recente fundação, em Barcellos.

Igreja de N. S. de Nazareth da Labrea

Em S. Gabriel encontra-se uma escola agricola reconhecida e subvencionada pelo Governo Federal, com uma frequencia de mais de cento e vinte alumnos.

Ha, ali, o Collegio e Asylo das irmãs salesianas, filhas de Maria Auxiliadora. Em construcção, a Santa Casa de Misericordia. Não devem

ser esquecidos: o Observatorio Metereologico, fiscalizado e subvencionado pelo Governo Federal, o Laboratorio de analyses bacteriologicas, as Pharmacias, o serviço de irrigação, etc., etc.

Em Taracuá encontram-se os mesmos melhoramentos.

Ha 45 sacerdotes, entre os salesianos e irmãos leigos, nos misteres diversos da Prefeitura. Em recente palestra á imprensa de Manáos, Monsenhor Pedro Massa declara que a população dessa Prefeitura vae de 25 a 30 mil habitantes "entre os quaes já existe bem robustecida a intuição da nacionalidade. Os salesianos cuidam mesmo com especial carinho da feição patriotica da sua obra, e é de ver o enthusiasmo, a emoção daquella gente, isolada no meio da floresta, quando os accentos do hymno nacional, executado, nas datas festivas, pela banda de musica do collegio, accordam os ecos daquelles ermos". (Veja-se «Uma entre-cruzada de altruismo», entrevista de Monsenhor Pedro Massa, ao *Estado do Amazonas*, de 16 de Agosto de 1925).

A região do Rio Negro já teve em 1650 a Missão dos padres mercedarios; em 1.700, a dos carmelitas e depois, até 1880, a dos capuchinhos, tendo ahi sido creada a hierarchia catholica em 1856, com a fundação das primeiras parochias de Moura, Barcellos e Thomar.

A acção herculea da actual Prefeitura do Rio Negro está expressa na prosperidade a que attingiu o educandario para creanças pobres (indios de diversas tribus) mantido por sua administração, bem assim o immenso idificio (séde da Prefeitura Apostolica) erguido em S. Gabriel.

O Estado do Amazonas, para fins agricolas, concedeu-lhe todo o territorio comprehendido entre os rios Tiquié e Içana, tributarios do Rio Negro, esperando-se que, dentro de poucos annos, aquella grande zona, em inicio de exploração, esteja ligada á Manáos, por uma extensa estrada de rodagem, que os religiosos projectam, auxiliados pelo Governo da Republica (Vide "Annuario Catholico do Brasil" para 1925, pag. 98, 167 a 171).

Alem destas tres Prefeituras, o Amazonas contem a *Prelazia do Rio Branco*, na região N. do Estado, nos limites de Venezuela e Guyana Ingleza, abrangendo uma superficie de 200.000 kilometros quadrados, na bacia daquelle grande affluente do Rio Negro. Foi creada em 1907, sendo seu primeiro prelado D. Geraldo van Caloen. E' territorio de missão dos selvicolas, razão porque ainda não tem divisão parochial. A Prelazia conta apenas 1 Igreja e 3 capellas. Mantém um collegio dirigido por freiras; está construindo um grande edificio para hospital e sustenta um aprendizado agricola para os indios jovens. E' a Prelazia governada por D. Pedro Eggerart, sacerdote de solida cultura e de largo prestigio no seio do clero brasileiro.

O Governo do Paiz tem auxiliado, com dotações orçamentarias

annuaes, a obra do ensino e de misericordia, que aquellas Prefeituras e esta Prelazia vão realizando no Estado.

Ao traçarmos estas linhas, somos informados que mais duas Prefeituras estão instituidas no Amazonas, no Rio Madeira, nas cidades de Humaythá e Porto Velho, não estando ainda installadas (Vide «Annuario» cit.).

* * *

A Maçonaria Amazonense constitue, no seio da Federação maçonica do Brasil, um Grande Oriente autonomo, que trabalha, desde 1906, quando foi fundado, pelos ideaes que as tres palavras — liberdade, igualdade e fraternidade — concretizam nas intenções de paz e aperfeiçoamento entre os homens.

Vem, todavia, de muito mais longe a vida maçonica, no Estado. A velha «Esperança e Porvir» conta mais de meio seculo, sempre funccionando regularmente, na cidade de Manáos, onde ha, alem dessa, mais cinco Officinas: «Amazonas» (com um soberbo Templo), a «Aurora Lusitana», a «Rio Negro», a «Conciliação Amazonense» e a «Fraternidade Amazonense».

No interior do Estado, ha Lojas maçonicas em Porto Velho, Parintins, Teffé, Benjamin Constant, Canutama e S. Felippe, algumas possuindo edificios proprios. Nessas Lojas segue-se a lithurgia de cada um dos seguintes ritos adoptados no Brasil, nos termos de sua Constituição e Regulamento maçonicos: o «Escossez Antigo e Acceito», o «Adonheramita» e o «Francez» ou «Moderno».

Ha, no Amazonas, matriculados nas respectivas Lojas ou Officinas, mais de mil maçons inscriptos, em sua maioria, no Cadastro Geral da Ordem.

A Maçonaria Amazonense, obediente ás suas intenções philosophicas e humanitarias, tem tomado parte nos acontecimentos progressistas do Estado, orientando-os nos dominios do Direito e da Justiça, para a melhor e mais rapida victoria da liberdade individual e collectiva. As obras de beneficencia tambem não escapam ao seu programma. Como realização desse desideratum, fundou o Asylo de Mendicidade e o Dispensario Maçonico, instituições pias que têm, ha mais de uma decada, prestado reaes serviços aos desamparados da sorte. Combatendo o analphabetismo, mantém, em Manáos, tres escolas elementares, nocturnas para adultos. Publica o seu "Boletim Maçonico", mensalmente.

A Maçonaria expressa, no Amazonas, a bondade de sentimentos dos seus homens, a porfia pelo desenvolvimento de uma terra, que aspira manter um logar ao sol da civilização contemporanea.

Setima Parte

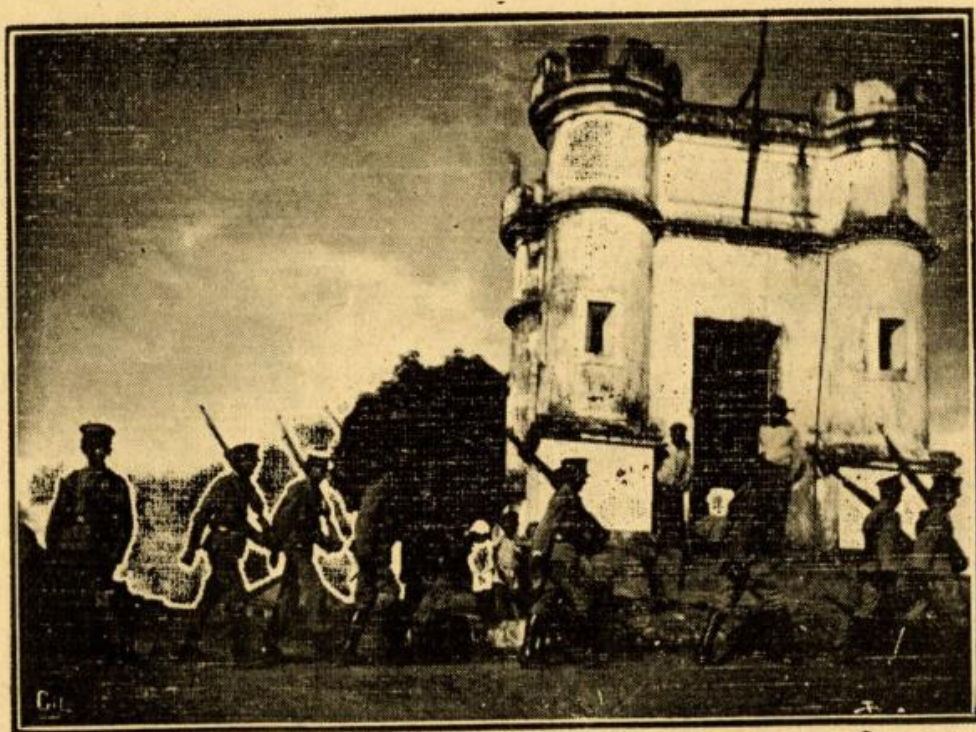
(TRAÇOS HISTORICOS)

CAPITULO I — Formação do dominio.

CAPITULO II — Os exploradores.

CAPITULO III — A Capitania e a Comarca (1757 - 1850).

CAPITULO IV — A Provincia (1850 - 1889).

CAPITULO V — O Estado (1889 - 1925).

Forte de Tabatinga

SETIMA PARTE

TRAÇOS HISTORICOS

CAPITULO I

Formação do Dominio

A Carta régia de 3 de Março de 1755, firmada por D. José I, Rei de Portugal, estabeleceu a Capitania de S. José do Rio Negro, *nos confins occidentaes do Grão Pará,* constituindo um novo Governo cuja jurisdicção se estendia então até ás raias dos dominios da Hespanha.

Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador da Capitania do Grão Pará e irmão do Marquez de Pombal, primeiro ministro daquelle soberano, ficára encarregado de traçar os limites da nova Capitania, o que realizou por acto de 10 de Maio de 1758, depois de, pessoalmente, erigir em villa, com o nome de Barcellos, a aldeia de Mariuá.

Pelo alludido acto, Mendonça Furtado, cumprindo a determinação do Rei, traçou os seguintes limites: " Pela parte do oriente devem servir de balisas, pela parte septentrional do rio das Amazonas, o *rio Nhamundá;* ficando a sua margem oriental pertencendo á Capitania do Grão Pará e a occidental á Capitania de S. Joseph do Rio Negro. Pela parte austral do mesmo rio das Amazonas devem partir ás duas pelo *outeiro* chamado *Maracá-assú,* pertencendo á dita Capitania de S. Joseph do Rio Negro tudo que vae delle para o occidente; e ao Grão Pará todo o territorio que fica para o oriente. Pela banda do sul fica pertencendo a esta Capitania todo o territorio que se estende até chegar aos limites do Governo das Minas de Matto, o qual, conforme as ordens de Sua Magestade, se divide pelo rio Madeira, pela grande cachoeira de S. João ou Araguay ".

Pelo lado de Oeste, a Capitania do Rio Negro terminava na linha divisoria dos dominios de Hespanha. Pela ignorancia da região por onde se fazia passar tal linha, os limites da Capitania ficaram quasi indecisos, salvo os pontos claramente especificados no Tratado de 1777, celebrado entre as duas Corôas interessadas a pôrem fim á então secular dissenção sustentada, de um lado pelos jesuitas hespanhoes preoccupados em fundar missões em territorio amazonense, até a fóz do rio Negro; e de outro, os portuguezes rechaçando os invasores.

Vejamos os precedentes destes acontecimentos.

Foram muito claras e mesmo positivas as intenções do padre Samuel de Fritz (allemão ao serviço da Hespanha), fundando varias missões de catechese no rio Solimões; entre outras, a de Teffé. No seu *Memorial* dirigido ao Vice-Rei do Perú, o Conde de Monclova (1679), depois de historiar a acção dos seus patricios nas margens do grande rio, diz: « As conquistas que com o devido respeito menciono a V. Ex.ª neste Memorial são as do meu pasto espiritual, que se estende desde

os omaguas no Napo até o rio Negro. Até aqui os portuguezes têm-se localizado *com prejuizo da Corôa de Castella* e pretendem ainda mais para cima, campo vastissimo de mais de quinhentas leguas de dilatada gentilidade, em ambas as margens do rio Amazonas, e que precisa ser chamado ao gremio da Santa Igreja».

No final do seu relatorio, Fritz pede recursos, á Real Audiencia do Perú, para proseguir a sua empreza, «na propagação da fé e na *dilatação do Imperio de S. M. Catholica*».

Em outro manuscripto intitulado—" Linha de demarcação entre as conquistas de Hespanha e Portugal, no rio Maranon» — o sacerdote jesuita argumenta com a bulla de Alexandre VI, pela qual uma linha (meridiano), passando á embocadura do rio de Vicente Pinzon (Oyapoc), separou as terras das duas Corôas. Nessas condições, a maior parte do Brasil, inclusivemente todo o Amazonas, seria dos reis de Castella.

Os portuguezes, porem, occupando o territorio para o occidente, nullificaram o *direito* que o Papa outorgava a S. S. M. M. Fidelissimas.

Varios Tratados realizaram-se em Lisbôa para chegarem os dois governos a um resultado satisfactorio para ambos. Portugal sentia-se sempre prejudicado e fazia effectivar sua conquista pelo grande rio Amazonas. Assim foi que aprestou a celebre expedição chefiada por Pedro Teixeira, que parte de Cametá em 1637 e chega a Quito no anno seguinte.

No seu regresso, o intrepido capitão implanta solennemente, á embocadura do Napo, um marco divisorio dos dominios de Castella e Portugal, de cujo acto mandou lavrar um auto, que fôra assignado pelos presentes, de que foi testemunha tambem Christovão da Cunha, frade jesuita, hespanhol, e chronista dessa expedição. (Vide «Annaes Historicos de Berredo", vol. I, pag. 283).

Si Portugal se achava então sob o dominio hespanhol, para que essa demarcação, que nada podia separar? Pedro Teixeira era portuguez e portuguez tambem Jácomo de Noronha, que ordenára a referida viagem, na qualidade de governador do Maranhão. Percebiam certamente que a restauração portugueza seria um facto inevitavel e, assim, desde logo, procuravam alargar os latifundios da grande colonia do Brasil, nas terras do Amazonas. Esse marco, não obstante a "aviventação" que delle fez Belchior Mendes, quasi um seculo depois, não foi mantido, pois que os hespanhoes se apressaram em firmar dahi para o oriente, a sua occupação, até Tabatinga, mas não cessaram ainda as tentativas de poderio até Tonantins, todas burladas pela vigilancia das autoridades portuguezas.

Após a restauração de Portugal (1640), continuaram, por mais de um seculo, em litigio as terras de que tratamos. Negociam-se demarca-

ções. Uma commissão mixta chefiada por plenipotenciarios das duas nações, Francisco Xaxier de Mendonça Furtado e D. José de Iturriaga (este pela Hespanha) esteve em Barcellos, em 1758, procedendo a estudos do territorio, não chegando a realizar as demarcações, em consequencia das desintelligencias que surgiram.

No anno seguinte, o plenipotenciario João Pereira Caldas permanece na mesma villa, procedendo aos trabalhos das demarcações entre as Capitanias do Rio Negro e de Matto Grosso.

Fundam-se os fortes do Rio Branco, Marabitanas e Tabatinga, como sentinellas avançadas para guardarem e defenderem a posse dos portuguezes, na parte occidental da bacia do Amazonas.

Em 1781 reuniram-se, em Teffé, as Partidas de demarcações hispano-portuguezas, concordando em lançar um marco no Auti-paraná, com grave prejuizo para Portugal, que, sendo informado desta occorrencia, substitue o commissario Chermont e nomeia Pereira Caldas. Este nullifica o acto do seu antecessor e lavra um protesto.

"A Partida hespanhola—diz Araujo Amazonas—demorou-se nesta villa (Teffé) até 1790; tempo em que o Commissario hespanhol levou o abuso do caracter diplomatico a fundar tanto nella como no lago Cupacá consideraveis estabelecimentos, que servissem de pretexto á influencia de hespanhoes, no Solimões. Nesse anno (1790), foi constrangido a evacuar o paiz, pelas medidas tomadas pelo Governador da Capitania em cobro a tanto abuso e a insolencia com que já se portavam os hespanhoes ("Dicc. da Comarca do Alto Amazonas", pag. 341).

Foi muito longa a lucta sustentada entre José de Iturriaga, governador do Orenoco e Manoel Bernardo de Mello e Castro, governador do Pará, que ordenou a Joaquim Tinoco Valente a expulsão dos intrusos.

Estavam mais ou menos delimitados os dominios de Portugal, por esse lado, consequencia dos insistentes actos de occupação dos seus subditos (Vide Antonio Ladisláu Monteiro Baena, «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Vol. VII, pag. 329) quando, em 1821, o Vice-reinado de Nova Granada (Colombia), a Capitania Geral de Caracas (Venezuela) e a Presidencia de Quito (Equador), reunidos, sacodem o jugo hespanhol, dissolvendo-se em 1831 e constituindo as tres republicas vizinhas.

Em 1836, o Perú e a Bolivia formaram uma Confederação, que se dissolve em 1839, nos dois paizes que têm esses nomes.

As questões de limites deixaram, assim, de ser entre Portugal e Hespanha, mas entre o Brasil e cada uma daquellas novas nações, todas dispostas a um resultado na hegemonia politica sul americana, embora se desconfiasse, infundadamente, de pretenções absorventes por parte do nosso paiz.

Examinemos, summariamente, as *demarches* havidas a respeito de

cada uma das referidas republicas, começando pela Bolivia, na parte que confina com o Amazonas, até a presente data.

Com este paiz celebrou o Imperio um Tratado, em 27 de Março de 1867, pelo qual uma linha Leste-Oeste, partindo da Fóz do Beni, chegaria ás nascentes do Javary, na lat. S. de 10° 20'. "Si o Javary—diz esse Tratado—tiver as nascentes ao Norte daquella linha Leste-Oeste, seguirá a fronteira desde a mesma latitude e por uma recta a buscar a origem principal do dito Javary".

Varias Commissões Mixtas (Paz-Soldan, Teffé, Cunha Gomes e Cruls) verificaram e determinaram, em epocas diversas, desde 1864 até 1901, os manadeiros desse rio. A inclinação da linha, para observar aquelle Tratado, dava um grande prejuizo ao Brasil, quiçá ao Amazonas, que, ao sul della, vinha exercendo jurisdicção sobre milhares de brasileiros ahi localizados, na exploração de seringaes.

A Bolivia protestou contra essa occupação que fôra feita de bôa fé, e tentou expulsar dali patricios nossos, dando isso causa á sanguinolenta revolução chefiada por Luiz Galvez e Placido de Castro, poderosamente auxiliada pelo Estado do Amazonas, no interesse de manter seu dominio. Poz termo á contenda o Tratado de Petropolis, de 17 de Novembro de 1903, pelo qual o territorio chamado *acreano* passou a ser brasileiro, em troca de compensações á Bolivia.

Grave injustiça, porem, fazia o Governo Federal ao Amazonas, não lhe entregando a zona em questão, conforme precedentes historicos e letra expressa da Constituição da Republica (Vide Ruy Barbosa. "O Direito do Amazonas ao Acre Septentrional", dois grossos volumes). Na formação historica do seu territorio, o Estado discute o attentado que soffreu, representado na linha Beny-Javary.

Com o Perú, o Tratado de 23 de Outubro de 1851, no seu art. 7.º, firmou a linha divisoria pelo rio Javary e por uma recta de Tabatinga até a confluencia do Apaporys com o Japurá. A demarcação foi levada a effeito pelo capitão-tenente brasileiro José da Costa Azevedo, posteriormente Barão do Ladario, e pelo capitão de mar e guerra peruano Snr. Carrasco, em 1863.

«Com a republica de Nova Granada—diz o Snr. Barão de Marajó—foram entaboladas negociações, que ficaram infructiferas, pois que as propostas feitas pelo Brasil em 1853 foram recusadas, por isso cada uma das nações traçou os seus limites conforme julgou do seu direito; é assim que, segundo a carta geral do imperio de 1883 organisada pela commissão de que era presidente o General Beaupaire Rohan, e o mappa minucioso do Snr. Pontes Ribeiro, que muito estudou o assumpto, temos as seguintes linhas para a demarcação: "da Fóz do Apaporys segue elle o curso deste rio até a fóz do Tarahyras ou Taraira, e por elle acima até as cabeceiras que ficam proximas á serra

Aracuara, segundo Pontes Ribeiro, ou Arara-Coara segundo Martius, e d'ahi na direcção de Leste até encontrar o ponto em que começa a fronteira com a Venezuela» ("As Regiões Amazonicas", pag. 14).

Nunca se effectivou a demarcação desta extensa fronteira, que passou a ser regulada pelo Tratado de 24 de Abril de 1907, firmado em Bogotá, pelo Dr. Enéas Martins, representante do Brasil.

Com a Venezuela, a linha divisoria foi consignada pelo Tratado de 5 de Maio de 1859, começando nas cabeceiras do rio Mamachi,

Ruinas do Forte de Tabatinga

passando pelo alto das serras que separam a bacia do Orenoco, da dos rios Negro e Branco.

As demarcações foram iniciadas em 1879, mas logo interrompidas por proposta de um novo Tratado pedido pelo Governo de Venezuela (Vide F. Michelena y Rojas, Exploracion Oficial", pag. 441).

Michelena concorreu para o fracasso dessas demarcações, procurando demonstrar que "em todos os Tratados celebrados, o Brasil usando de dólo, de má fé, ou de força, arrancou a todas as nações tratados a ellas lesivos e só ao Brasil proveitoso..." Em 1882 uma Commissão chefiada pelo barão de Parima demarca parte desta fronteira. Um accordo celebrado entre os dois Paizes, em 1907, regulou as relações de commercio e navegação, pelo antigo traçado de 1859.

Com a Guyana Ingleza, os limites do Amazonas eram pelas serras do systema Parimo. Toda a região ao sul fôra explorada por brasileiros, desde o seculo XVII, sem comtudo, terem o cuidado de fazer occupa-

ção definitiva do territorio, já plantando marcos, já fundando missões de catechese. O Governo de Demerara foi mais avisado e, prevalecendo-se da nossa incuria, começou a mandar, ali, missionar os indigenas.

Quando, em 1839, o governo do Amazonas teve conhecimento dessa invasão, ordenou ao carmelita Fr. José dos Santos Innocentes a expulsão dos inglezes. Começou, dessa epoca, a questão de limites da Guyana. Logo, em 1840, o Governo britanico obteve do Brasil a declaração de *neutralidade* do territorio comprehendido entre as serras daquelle systema e os rios Mahú e Tacutú. Foi o primeiro passo da nossa derrota, pois que, os subditos daquella poderosa nação persistiram no seu trabalho de conversão dos indigenas, ensinando-lhes a lingua ingleza e exercitando-os nas suas relações commerciaes.

Quando, ha annos, resurgio a questão motivada pelas explorações de brasileiros e inglezes, foi o litigio entregue a um Arbitro, Emmanuel III, Rei da Italia. Para acompanhar a demanda, como advogado do Brasil, o Governo escolheu o illustre estadista Dr. Joaquim Nabuco, que, a respeito, escreveu tres excellentes Memorias, demonstrando os nossos direitos. « A sentença arbitral do rei da Italia — diz o Snr. Mario da Veiga Cabral — lavrada em 6 de Junho de 1904, dividiu o terreno em questão em duas partes, cabendo á Guyana Ingleza 19.630 kilometros quadrados e ao Brasil 13.570 kilometros quadrados. Dest'arte perdeu o Brasil parte do territorio que era do seu direito. Máo grado, porem, a parcialidade do laudo e a flagrante injustiça, o nosso governo cumpriu a sentença, conforme se havia compromettido quando, justamente com a Inglaterra, acceitou para arbitro da questão o rei da Italia, que faltou á expectativa geral ».

Notando o Governo inglez que a linha marcada pela arbitragem estava interrompida, entre os montes Parima e Yankontipú, pediu ao Brasil uma rectificação, em 1908, que lhe foi concedida. O Brasil ou antes o Amazonas, perdeu, em virtude de tal sentença, a região do Pirára, rica em ouro, e a serra do Quano-quano, abundante em muirapinima, que é madeira de grande estimação. Os rios Mahú e Tacutú são as linhas principaes dessa conquista em que a Inglaterra obteve mais do que pediu!... (Vide " Limites com a Guyana Ingleza ", por Silvio Senior, pseudonymo de Ernesto Mattoso).

Os limites orientaes do Amazonas são os constantes da Carta regia de 3 de Março de 1755 e acto de Mendonça Furtado, de 10 de Maio de 1758, isto é, o rio Nhamundá desde suas nascentes até a fóz e o meridiano que passa pelo outeiro de Maracá-assú, até encontrar o parallelo de 8°48' de lat. Sul, que atravessa a cachoeira de Santo Antonio, no rio Madeira. Esta linha divisoria, baseada em documentos historicos, é contestada, em grande parte, pelo Estado do Pará, allegando

sua jurisdicção entre aquelle outeiro e a serra de Parintins, ha mais de 50 annos.

Para argumento, aquelle Estado valle-se do acto do seu Governo, quando, em 1833, para execução do Codigo do Processo do Imperio, dividiu a Provincia em tres Comarcas, entre ellas a do Alto Amazonas, e estabeleceu os limites de cada uma, substituindo o meridiano de Mendonça Furtado, de Maracá-assú, por uma linha da serra de Parintins á fóz do rio das Tres Barras, tributario do Tapajós. Outro ponto de contestação é referente a verdadeira bocca do Nhamundá: si o paraná Bomjardim, si o do Caldeirão, si, finalmente, o de Cabory.

Os litigantes têm a questão no Supremo Tribunal Federal, para lançar seu *veredictum* (Vide "Limites Orientaes do Amazonas", por Furtado Belem—1912; «Fronteira Oriental do Amazonas», pelo Dr. Epitacio Pessoa—1915; "A Fronteira Occidental do Pará", pelo Dr. Prudente Moraes—1919; "Limites do Estado", por Arthur Vianna—1899; "Pará e Amazonas—Questão de Limites", por José Verissimo—1899).

Os limites do Amazonas com o Estado de Matto Grosso, após litigio que foi affecto ao mesmo Supremo Tribunal, foram resolvidos por Accordão de 11 de Novembro de 1909 e fixados por demarcação mandada proceder, nos termos da sentença judicial, pelos dois Estados. E' o parallelo 8°48' de lat. Sul, passando pela cachoeira de Santo Antonio, no rio Madeira, seguindo para Leste até encontrar o meridiano (contestado pelo Estado do Pará) que desce de Maracá-assú. Esse trabalho de delimitação foi approvado por novo Accordão daquella Alta Corte de Justiça. Assim o Amazonas e Matto-Grosso liquidaram, por um resultado satisfactorio, a pendencia da sua jurisdicção num territorio que, antes de tudo, para gloria de ambos, é brasileiro (Vide "Contestação" pelo Dr. Alcino Braga Cavalcante, *in* Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, vol. I pag. 93 e seguintes).

A velha Capitania do Rio Negro, de 1755, com pequenas alterações, como se acabou de ver, repetiu seus latifundios na Comarca estabelecida em 1833.

A Comarca se transformou, sem alterações de limites, na Provincia creada por lei de 5 de Setembro de 1850.

A Provincia é o actual Estado integralizado na Federação Brasileira, por expressa disposição constitucional de 24 de Fevereiro de 1891.

CAPITULO II

Primeiros exploradores

(1540–1640)

O seculo XVI caracterizou-se pelo ideal dos descobrimentos e conquistas, que levaram, na maior parte da America, a audacia dos hespanhoes e portuguezes a desvendar os mysterios de uma terra, que imaginavam prenhe de fabulosas riquezas. Em parte, não se enganavam os aventureiros em cujo numero se encontrava o destemido e ambicioso Francisco Pizarro, organizador de uma expedição que, em 1539, desembarca na costa do Perú, onde começou, com seus irmãos Gonçalo e Fernando, as pesquizas do *El-Dorado* e do *Paiz da Canella.*

A região era habitada por uma gente sagaz e pacifica—os incas—que fôra logo levada a ferro e a fogo, como represalia á supposição de occultar as localidades dos grandes thesouros sonhados pelos hespanhoes.

Fazia parte da horda invasora, Francisco de Orellana, que é enviado por seu chefe ao interior, á cata do deslumbrante paiz. Já depositario de cerca de 100.000 libras de ouro, Orellana segue para Leste, atravessa as cordilheiras andinas, talvez no firme proposito de se apoderar da fortuna que conduzia, fugindo a Pizarro, o que foi percebido por seus companheiros de aventura.

Chega ao Napo; d'ahi passa ao valle do Amazonas, que, pela primeira vez, recebia a visita de homens civilizados. Isto, em 1540. Orellana desembaraça-se de alguns dos seus companheiros, que haviam protestado contra sua viagem temeraria, atirando-os ás margens, sem armas nem provisões, no meio de tribus ferozes. Um desses desgraçados foi o padre Gaspar Carvajal, que escreveu o «Diario del viaje de Orellana» ; outro foi um fidalgo de Badajós, Hermano Sanches de Vargas (Sant'Anna Nery, «Le Pays des Amazones", pag. 6).

O aventureiro dá o seu proprio nome ao grande rio.

Mas, ao passar pela fóz do Nhamundá, é atacado por uma tribu selvagem (talvez a dos icamiabas), que presumiu ser composta de mulheres. Lembrou-se então das lendarias guerreiras da Cappadocia e resolve mudar para o de Amazonas o nome do rio que percorria, quasi ao sabor da sua impetuosa corrente.

Continuando a viagem, Orellana chega á fóz, no dia 11 de Maio, onde se demora na construcção e apresto de uma embarcação, d'ali parte em rumo á Hespanha a 26 de Agosto de 1541.

O audaz hespanhol foi recebido, na Côrte de Castella, como um heroe, que repetia, num mar desconhecido, as epopeias de Illiada.

A situação embaraçosa da politica de S. S. M. M. Fidelissima não permittiu que se prestasse toda attenção ás informações do companheiro de Pizarro.

Após mil difficuldades, conseguem-se tres embarcações insufficientemente aprestadas, cujo commando geral é confiado ao aventureiro hespanhol.

As predicções populares presagiavam o insuccesso da expedição. Com tudo, tinham que cumprir um fadario atravez de transes dantescos. Chega Orellana ao Amazonas em cuja fóz se perde, no labyrintho de seus canaes, na tentativa de achar o caminho por onde saira. No meio das torturas da viagem, fallece, triste sorte que tiveram muitos dos seus companheiros. Poucos os que regressaram á Hespanha para narrar a confirmação do prognostico da partida (J. Lucio de Azevedo, "Os Jesuitas no Grão-Pará", pag. 22).

Orellana foi ó verdadeiro descobridor do grande rio, pouco importando que, em Janeiro de 1500, Vicente Ianez Pinzon visitasse sua embocadura e narrasse, em Granada, o espectaculo das marés, que, ahi, presenciou. Tambem não importa que no mesmo anno, nelle chegasse, sem conseguir desembarcar, outro hespanhol, Diogo de Lepe. E' nosso proposito referir, embora summariamente, as viagens dos que atravessaram a região, que é hoje o Estado do Amazonas.

Depois de Orellana, penetraram o grande valle, uns vindos do Perú e outros de Nova Granada, Diogo Ordaz em 1531 e Gonçalo Jiminez Quesada em 1560.

A mais notavel de todas as expedições foi a do infeliz governador Pedro de Ursua, neste anno, começada em Lima. "Com o governador —diz Diogo de Aguiar e Cordoba, autor da "Jornada de Pedro de Ursua" —vieram para construir os barcos muitos calafates e ferreiros, e tudo o mais necessario; armou-se o estaleiro na barranca do rio Motilones, vinte leguas de um logar de hespanhoes chamado Santa Cruz, e que elles deixaram deserto, para vir ter comnosco, attrahidos pela noticia, que traziamos, do Dorado. Deixando a funccionar o estaleiro, regressou Pedro de Ursua á Lima, a despedir-se do Vice-rei, e a reunir mais gente.

Quando nos reunimos outra vez, decorrera já um anno e meio. Eram todos tresentos homens, com arcabuzes e muita polvora; na jornada gastamos mais de mil cavallos e levamos ainda quinhentos, os melhores, para resistir a viagem, alem de dois mil indios aptos para todo o serviço. Ao embarcarmos, encontramos preparados onze navios, dois bergantins e nove barcos; em cada um delles caberiam quarenta cavallos e duzentas pessoas (Vide "Relação mui verdadeira do que aconteceu no rio Maranon, provincia do Dorado, sendo governador Pedro de Ursua, enviado de Lima para, esta entrada, pelo Vice-Rei dos Reinos do Perú, o Marques de Cañete—1560-1561".

Nesta desastrosa expedição em que Pedro de Ursua e varios dos seus companheiros, fidalgos de Castella, foram assassinados por Pedro Aguirre, reinou a anarchia ou antes a ambição do mando supremo, pretendendo cada

qual o governo dessa expedição antes que ella penetrasse em Manôa, capital do *El-Dorado*. «O que consolava todos — disse o guia — era *a esperança de chegarmos dentro de um mez á terra mais rica do mundo. E com essa esperança descemos por um rio tão caudaloso* e cheio de perigos, que não se pode imaginar».

Continuando sempre sua narrativa, em que resalta a tyrammia de Aguirre, os constantes assassinatos que praticava ou mandava praticar, por desconfiança de trahição, diz: "D'ahi por alguns dias sahimos no Oceano e durou-nos agua doce dois dias de caminho já para fóra do rio. Em dezesseis dias aportamos á Ilha Margarida".

Como se vê, a expedição de Ursua não regressou pelo Juruá, como asseveraram alguns chronistas.

Morto aquelle intrepido aventureiro, a expedição desceu o Amazonas até a sua fóz; d'ahi se fez de vela para as Antilhas.

A Hespanha continuou muito interessada em desvendar o que era realmente o Amazonas. Ao Governador do Maranhão foi confiada essa incumbencia, ao alvorecer o seculo XVII. Em fins de 1615, Alexandre de Moura determina a Francisco Caldeira Castello Branco, emprehender uma viagem exploradora, de que faz os roteiros o piloto Antonio Vicente Cachado, subindo cerca de 1.200 leguas e levantando o primeiro mappa conhecido desse trecho do grande rio.

André Pereira, autor da Relação dessa viagem, diz: «O rio parece capaz pera mui grandes cousas por ser da largura que digo; as terras muito fertilissimas com muita diversidade de madeiras como as do Brasil e mais avantajadas por serem arvores notadamente grandes, entre as quaes ha um páo que o gentio chama *cotiára*, mui lindamente dibujado e gracioso a vista. Das entradas e sahidas deste rio, do fundo e tudo mais que é necessario para entrar armada ó sair delle, tem o piloto Antonio Vicente feito seus roteiros em forma, de que dará rasão, pois é arte sua» ("Annaes da Bibliotheca do Pará", vol. I, pag. 7).

Bento Maciel Parente, governador do Maranhão, compromette-se a fazer uma incursão no Amazonas. As agitações de Pernambuco (guerra hollandeza) não permittem que satisfaça esse desejo.

Em 1634, nova ordem régia determina que Francisco Coelho de Carvalho fizesse explorar o Amazonas e «no habiendo á quem mandar al descubrimiente, fuese en persona á verificarlo».

Esta segunda tentativa foi ainda frustada, porque, antes de tudo, cumpria áquelle governador a defesa do estuario contra a invasão hollandeza, que teimava se apoderar das terras já conquistadas pelos portuguezes, desde 1616. A ordem franciscana de Quito encobria, nos seus planos de catechese, o de estender para o oriente, pelo valle do Amazonas, os dominios de Hespanha. Foi organizada, ali, em 1635, uma troupe ao meio do qual se encontravam cinco frades, que missionariam nas

margens do rio Aguarico ou o rio do Ouro, de onde «á diez dias de navigacion salieron al rio de las Amazonas». ("Viaje del Capitan Pedro Teixeira aguas arriba del rio dellas Amazonas» — 1638 — 1639, pag. 13). Insegura a região dos *abixiras* em cujo convivio perigava a vida dos franciscanos, retiraram-se estes para a provincia dos *encabellados*, onde permaneceram em paz, cerca de tres mezes, tendo á sua frente Juan de Palacios, representante da real Audiencia de Quito.

Um imprudente castigo infringido pessoalmente por Palacios a um selvicola accuzado de roubo, determinou o levante da tribu, sendo logo assassinado aquelle e varios dos seus companheiros. Os missionarios fogem. Dois delles, Domingos de Brieba e André de Toledo, seguidos somente de seis soldados, alcançam o Napo; dahi passam ao Amazonas. Iniciaram a descida do grande rio, no dia 17 de Outubro de 1636 e, depois de muitos e naturaes incidentes, chegam á Gurupá (Pará) no dia 5 de Fevereiro do anno seguinte.

Alli existia um forte guarnecido por vinte soldados portuguezes commandados pelo capitão João Pereira de Caceres. A presença dos religiosos, descendo o Amazonas, em uma fragil embarcação, causou commovente surpreza áquelles militares, principalmente a narrativa dos *milagres* com que a Providencia os protegeu («Relacion del primer descubrimiento del rio de las Amazonas» por Frei Diogo de Cordoba, impresso em Madrid, em 1641).

De Gurupá, passaram Brieba e Toledo á Belem; d'ahi ao Maranhão, onde puzeram ao corrente da sua viagem ao governador Jacome Raymundo de Noronha, que logo meditou sobre a organização de uma empreza exploradora do Amazonas. Toledo foi despachado para a Europa e Brieba recebe ordem de regressar ao Pará, para fazer parte da expedição que o Governo acabava de confiar ao já referido Pedro Teixeira, homem honesto e, ao mesmo tempo, audacioso, que, por varias vezes, tinha dado mostras do seu tino e energia, já batendo os hollandezes, já realizando, por terra, uma viagem de Belem á S. Luiz do Maranhão.

Era a primeira vez que se ia vencer a corrente do grande rio, em seu maximo percurso.

A expedição é organizada em Cametá, onde Teixeira tinha facilidade de conseguir gente, embarcações e mantimentos. Fazem parte della varios officiaes portuguezes, alguns até de patente superior a de Teixeira. Seguiam, como capellães, Fr. Agostinho das Chagas, prior do Convento de S. Antonio do Grão-Pará, e como guia Fr. Domingos de Brieba. Partem de Gurupá, em 17 de Outubro de 1837, conduzindo 1.200 indios, mais de 60 portuguezes e 4 castelhanos, dos seis soldados que haviam descido com Brieba. Chega a expedição a Quijós (provincia dos encabellados) em 24 de Junho de 1638; deixa ahi Pedro da Costa Favella e segue Pedro Teixeira, com parte da comitiva, até Quito, onde

é recebido com grandes festas e homenagens, conforme já dissemos no começo desta ligeira narrativa, ao tratarmos da *formação do territorio.*

D. Francisco de Saavedra, presidente daquella cidade equatoriana, (então subordinada ao Vice-reino do Perú), recebe ordem «que el capitan mayor Pedro Teixeira con toda su gente se volviesse luego por el miesmo camino que havia venido á la ciudad del Pará, dándoles tudo lo necessario para el viaje, porla falta que tan buenos capitanes y soldados sin duda haviam em aquellas fronteras, que tan infestadas son de ordinario de el enemigo Olandés. Mandando justamente que, si fuesse possible, si disposiesem las cosas de suerte que fuesem em compania suya dos personas toles á quienes se pudiera dar fé por la Corona de Castilla de todo lo descubrimiénto y lo demás que á la vuelta de viaje se fuese descubriendo» (Marcos Jeminez de la Espada, Obra cit. pa. 40). As pessoas idoneas, a que se refere este trecho, foram os padres Christovão da Cuna, (Christovam da Cunha) e André de Artieda; o primeiro reitor do Seminario de Cuenca, o segundo professor de Theologia em um Collegio de Quito. E' aquelle a quem se deve a descripção dessa extraordinaria viagem, descripção, ás vezes, cheias de contos phantasticos que a imaginação ardente dos hespanhoes engendrava. ("Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», vol. XXVIII, pag. 163).

Pedro Teixeira, de regresso, chega á Belem a 12 de Dezembro de 1639, gastando, portanto, 26 mezes de jornada.

« Pode-se dizer — affirma Lucio de Azevedo — que aqui termina o periodo da descoberta. Todas as explorações realizadas em seguida, não são mais que inevitaveis corollarios desta feliz jornada.

Não obstante, escassa gloria adquiriu para si o principal personagem della. O nome do jesuita sobrepoz-se ao de Pedro Teixeira, na memoria da posteridade...» («Os Jesuitas no Grão-Pará», pag. 34).

Outras explorações.—(1640-1840). Não deve ser esquecida a viagem, em 1662, de Mauricio Heriate, provedor-mór do governo de Pedro de Mello, que o encarregou de fazer a «Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Gurupá e rio Amazonas», publicada posteriormente por ordem de Diogo Vaz de Siqueira.

As chronicas registram ainda, na exploração do Amazonas, os nomes de Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho (1667-1671) organizando tropas de resgate no Tocantins e Alto Amazonas; Christovão da Costa Freire (1707-1718), fazendo o despejo dos religiosos castelhanos, do meio dos campebas e entregando estes ás missões do Grão-Pará; Bernardo Pereira de Berredo, (1718-1722) historiador de renome que, em 1720, fez explorar varias localidades dos rios Negro e Branco; Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1757-1758), plenipotenciario e primeiro demarcador da fronteira occidental dos dominios portuguezes, no Amazonas; João Pe-

reira Caldas (1772-1775), tambem chefe das demarcações iniciadas por Mendonça Furtado; João de Mello Povoas (1775-1779), que fôra governador da Capitania de S. José do Rio Negro.

Deste largo periodo de explorações, temos ainda a distinguir a viagem do padre Samuel de Fritz (1679), que estuda as regiões occidentaes do Amazonas e levanta a primeira carta geographica, no interesse da localização dos limites dos dominios de Hespanha e catechese dos indios. Os seus trabalhos referem-se a toda a zona, que se estende do Perú ao rio Negro.

Charles Marie de La Condomine, commissionado pela Academia de Sciencias de Paris, para determinar, no Perú, o quarto do merediano terrestre, em 1731, desce o Amazonas e inicia, de um modo scientifico, o levantamento da carta do grande rio. Na sua viagem, vê o uso que os indigenas faziam da borracha, então desconhecida na Europa (« Relation d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amerique Meridionale », pag. 78).

Uma das expedições mais notaveis, pelo minucioso da descripção, foi a emprehendida pelo padre Dr. José Monteiro de Noronha, no anno de 1768, desde o Pará *até as ultimas colonias do sertão da Provincia.* Visitou e descreveu, sobretudo, os rios Negro e Solimões. No seu "Roteiro" ha indicações de distancias, em leguas, de todos os pontos que percorreu. Falla minuciosamente do estado e dos costumes de cada tribu que visitou, alem das referencias historicas que foi registrando.

Não menos importante, pelo seu valor geographico e historico, foi a viagem emprehendida pelo Dr. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1774-1775) na qualidade de Ouvidor e Intendente Geral do Rio Negro. São minuciosas as observações que fez sobre o rio Branco («Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», vol. I). No seu «Appendice ao Diario da Viagem», ha abundantes notas sobre o estado das povoações da Capitania, bem assim as providencias para fomentar o seu progresso («Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico Nacional», vol. de 1907, pag. 70).

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), é um nome vantajosamente ligado á sciencia, no estudo da Geographia e da Historia Natural desta região.

Os seus escriptos são minuciosos e gozam de grande e justificado conceito. A «Viagem Philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro» é um repositorio vastissimo de informações desta parte do Amazonas («Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», vol. II, pag. 506; vols. XLVIII-IXL).

Igualmente notavel, por sua extensão e minuciosidade é, a obra do jesuita João Daniel intitulada «Thezouro descoberto no maximo rio Amazonas», escripta em 1797, nos carceres da fortaleza de S. Julião, em

Lisboa, onde o frade fôra recluso, em consequencia da lei pombalina, após haver passado 17 annos a missionar no Amazonas (Obrs. cit. vol. II-III-XLVIII).

Pouco tempo depois, isto é, em 1799, o sabio Alexandre de Humboldt, um dos maiores portentos da sciencia contemporanea, acompanhado de Bompland, atravessa as regiões da Venezuela e penetra na bacia do rio Negro, descendo até S. Carlos, onde é quasi victima de prisão, tomado como suspeito pelas auctoridades portuguezas, que desconfiam dos seus propositos de explorador («Revista de Estudos Paraenses», vol. I, pag. 195).

O grande naturalista allemão foi o primeiro que tratou do singular caso das endosmoses hydrographicas do rio Japurá, que, sendo tributario do Solimões, recebe delle parte das aguas que despeja. «L'Amazone donne des aux au Japurá, avant de recevoir cet affluent même». («Voyage aux Regions Equinoxiales», vol. VII, pag. 439).

«O novo seculo—diz o Dr. Santa Rosa—encontrando a região amazonica em certa prosperidade, teria de assignalar-se, seguramente, por explorações de valor.

Os celebres bavaros Spix e Martius, commissionados por Maximiliano José, rei da Baviéra, tornaram celebre o anno de 1820, pelas explorações que realizaram nas nascentes e nos affluentes superiores do Amazonas, e cujos estudos condensaram na immortal obra «Reise in Brasilien» (*A depressão amazonica e os seus exploradores, in* Annaes do primeiro Congresso da Historia Nacional», vol. pag. 275).

Johannes von Natherer (1834-1835), grande naturalista, percorre o rio Negro e varios dos seus altos affluentes. No «Diario» da sua viagem, ha, alem dos estudos referentes á fauna da região, muitas informações geographicas («Revista do Museu Paraense», tomo I, pag. 189 a 217).

Os modernos exploradores (1840-1905). O conde Francis de Castelnau, em 1843, por conta do governo francez, desceu de Lima ao Pará, visitando a villa da Barra (Manáos), onde colheu observações meteorologicas (Expedition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud», vol. V, pag. 110).

Em 1846 William H. Edward subiu o Amazonas, até o rio Negro. Sua viagem despertou a de Alfred R. Wallace (1848-1852), que visitou aquelle rio e, explorando o Uapés, occupou-se largamente do seu clima, geologia e historia natural.

Na mesma occasião, o naturalista H. Walter Bate emprehende novos estudos nesse rio, no Amazonas, Solimões, Japurá, Jutahy e Teffé.

O engenheiro W. Chandless, commissionado pela Sociedade de Geographia de Londres, em 1865, sobe o Purús, em Companhia de Manoel Urbano, e explora o Aquiry; estuda, depois, parte do Juruá e do Abacaxys.

A respeito das suas observações, escreve uma obra notavel, que se acha inserta nos Annaes daquella Instituição, bem assim, profere, perante ella, em 26 de Fevereiro de 1868, uma conferencia, resumo do seu apreciado trabalho.

Os estudos scientificos do Dr. Silva Coutinho, sobre o Amazonas, em 1868, tambem merecem real apreço.

Por ordem do Governo, o capitão de fragata José da Costa Azevedo (Barão do Ladario), de 1862 a 1864, fez o levantamento da carta hydographica do Amazonas e d'alguns dos seus affluentes. Os estudos, que a acompanham, occupam-se proficientemente do regimen das enchentes e vasantes do grande rio.

Em 1865, o Amazonas recebe a mais luzida expedição scientifica, que tem visitado esta terra, chefiada pelo sabio Luiz Agassis, que pode ser chamado o pae da geologia e da ichthyologia amazonenses.

Cita-se ainda, em 1867, o americano James Orton, que se occupou da geologia, na descida do Napo á Belem.

As cabeceiras do rio Javary são exploradas, em 1874, pelo Barão de Teffé e Guilherme Block, chefes da Commissão mixta de demarcação entre o Brasil e o Perú. Nesse mesmo anno, Leuzinger Keller faz explorações no rio Madeira e determina as cótas da sua declividade.

Não podem ser esquecidas as explorações do coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre, de 1872 a 1887, procedidas entre o Purús, Madre de Dios e Beni, no intuito de achar uma communicação facil de um para outro.

Alexandre Haag e J. Pinkas, na mesma epoca, têm os seus nomes escriptos no rol dos exploradores das altas bacias do Purús e do Madeira.

O erudito botanico brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, em 1875, explorou os rios Urubú e Jatapú, até acima da suas primeiras cachoeiras, bem assim o Jauapery e o Nhamundá. Do Urubú, como resultado da sua viagem exploradora, o primeiro tenente da Armada Nacional Antonio Madeira Shaw levantou cinco cartas minuciosas de igual numero de trechos desse rio, o unico trabalho de valor que, sobre elle, se acha impresso.

Thodor Kock, commissionado pelo Museu Ethnographico de Berlim, em 1903, fez explorações nos rios Tiquié e Içana, altos affluentes do rio Negro.

Madame O. Coudrau, commissionada pelo governo do Amazonas, explora o Canumã.

Em 1905, o general Bellarmino de Mendonça reconhece as nascentes do Juruá e Euclydes da Cunha as do Purús.

Varios outros scientistas notaveis, tambem modernamente, vieram testemunhar as grandezas desta terra e proclamar a abundancia dos seus thezouros.

CAPITULO III

A Capitania e a comarca

(1757—1850)

A vida politica do Amazonas, pode-se dizer, começou com a creação da Capitania de S. José do Rio Negro, em 11 de Junho de 1757, embora subordinada ao governo do Pará. Sua séde foi a villa de Barcellos, installada em 10 de Maio do anno seguinte. Seu primeiro governador foi Joaquim de Mello Povoas. Nada de notavel se praticou na sua administração. Apenas algumas aldeias são elevadas á cathegoria de villas, dando-se-lhes nomes portuguezes em substituição aos indigenas. O acontecimento mais importante do seu governo foi o de hospedar as Partidas de Demarcação de limites entre os dominios de Portugal e Hespanha.

Mello Povoas é substituido interinamente por Manoel Bernardo de Mello, incumbido de expulsar os jesuitas, que insistiam em se localizar no rio Negro.

Em 1755, é creada a vigaria geral, sendo provido o padre Dr. José Monteiro de Noronha, que, no anno seguinte, visita a varios logares da Capitania.

Em 1771, tomou posse da administração uma Junta governativa composta de Gabriel de Souza Filgueiras, Nuno da Cunha Athayde Varona e Valerio Corrêa Botelho de Andrade. Nada se sabe da sua acção. No anno seguinte, foi investido no governo Joaquim Tinoco Valente, que implantou a prosperidade em Barcellos, mandando construir casas para os serviços publicos, como depositos, quarteis, etc. Nesse tempo estimularam-se as culturas do arroz, algodão, café, mandioca e anil. Fundam-se fabricas de tecidos e cordoalho. Foi uma epoca em que a velha Mariuá chegou a ter 3.000 habitantes.

O terceiro governador foi Manoel da Gama Lobo de Almada, homem activo, austero, honesto e illustrado, reunindo todas as virtudes de um grande e verdadeiro administrador. Assumindo o governo, em 1788, transfere, tres annos depois, a séde da Capitania para o Logar da Barra (posteriormente Manáos), como ponto mais facil para o effeito das providencias que ia tomar, no sentido de desenvolver a prosperidade que encontrára. Foi sob seu impulso que o rio Negro chegou a possuir 6 fabricas de tecidos, olarias, serrarias e pequenas industrias.

Como consequencia natural, o commercio acompanhou essa phase brilhante de progresso.

A inveja e o despeito, porem, preparavam um golpe fatal para a obra de Almada.

D. Francisco de Souza Coutinho, governador do Pará, determina

que a séde da Capitania volte á Barcellos e accuza o seu dirigente de defraudador da Fazenda Publica. Lobo de Almada obedece contrariado e defende-se de um modo cabal, irrespondivel, fazendo abrir uma devassa na sua vida e relacionando os parcos recursos que possuia.

Ficára demonstrada a injustiça da accuzação; mas, morto ficou o estimulo do governador do rio Negro. E, não podendo sobreviver a tantos desgostos que lhe creara Souza Coutinho, veio a fallecer, em Barcellos, no dia 27 de Outubro de 1799.

Antonio José Salgado assumiu interinamente o governo, a espera do coronel de engenheiros José Simões de Carvalho, que fôra nomeado, mas succumbe na Villa Nova da Rainha, quando se dirigia á Barcellos.

Em 1804 é transferida a séde da Capitania para o Logar da Barra.

Em 1806 tomou posse o quarto governador, capitão de mar e guerra José Joaquim Victorio da Costa, que teve de entrar em lucta com o Ouvidor da Capitania. Impossibilitado de realizar melhoramentos, deu-se ao estudo da lingua tupy. Seu governo foi de oppressão aos indigenas, que, por isso, abandonavam as aldeias, para evitar os trabalhos obrigatorios, que lhes mandava impor. Nenhuma medida fôra tomada para sustar a manifesta retrogradação da Capitania, até 1818, quando foi nomeado o quinto governador, o major Manoel Joaquim do Paço.

Os acontecimentos revolucionarios, que se desenrolaram em Portugal, ter-se-iam de reflectir no rio Negro, em 1821, quando se deu á metropole a Constituição que D. João VI, de regresso do Brasil, foi obrigado a assignar. Joaquim do Paço teve a infeliz ideia de se oppor ao reconhecimento da Lei, que alterava profundamente o regimen administrativo da Capitania. Foi deposto, sendo nomeado o coronel Antonio Luiz Pires Borralho, que não assumiu o cargo. Uma exaltação partidaria apoderou-se do todos os espiritos.

O governo do Pará designa então uma Junta governativa composta do coronel Joaquim José Gusmão, commandante da tropa, do Ouvidor Ramos e do Juiz Ordinario João da Silva e Cunha.

Por decreto real de 29 de Setembro desse anno (1821), D. João VI, em consequencia da nova Constituição portugueza, faz organizar as Juntas Provinciaes.

A do Amazonas era composta de cinco membros suffragados pelos eleitores parochiaes. A esse tempo já fervilhavam nas intenções politicas da Capitania as ideias autonomistas. De Silves e da Villa Nova da Rainha, pouco antes, partira uma petição dos respectivos habitantes, solicitando ao governo da Côrte a separação do rio Negro, independente do Pará.

Começaram as represalias, que trouxeram em sobresaltos e abalos a Capitania. Em 3 de Junho de 1822 é eleita, na villa da Barra, a Junta formada pelos seguintes cidadãos: Antonio da Silva Cravo, Bonifacio João de Azevedo, Manoel Joaquim da Silva Pinheiro e João Lucas da

Cruz, Junta essa que governou até depois da Independencia Nacional, quando, em 1825, o presidente do Pará Felix José Pereira Burgos (Barão de Itapicurú-mirim) manda governar a Capitania o capitão Hilario Pedro Gurjão, feito commandante das armas. Pela referida Constituição de Portugal cabia ao Amazonas eleger dois deputados á Assembléa Constituinte do Rio de Janeiro. Foram escolhidos, a despeito dos embaraços creados pela Junta do Pará, os cidadãos José Cavalcante de Albuquerque e João Lopes da Cunha.

Tinha entrado o anno de 1822; o Brasil estava constituido nação independente. O Amazonas soffre a injustiça de não ser contemplado no rol das Provincias do novo Imperio, não obstante estar no quadro das *capitanias* que passaram a gosar daquelle predicamento politico, em virtude do art. 2.º da Constituição jurada em 25 de Março de 1824.

O brado do Ypiranga, que, aqui, entre o elemento nacional echoara tão bem, não ergue da oppressão a Capitania do Rio Negro. Permanece na dependencia do Pará, provocando tal situação varias explosões de animo.

O Amazonas passou a ser governado por militares, contra os quaes havia prevenções e malquerenças, ao mesmo tempo que, em Belem, o governo reagia contra o elemento portuguez insatisfeito com o successo da Independencia.

Em 12 de Abril de 1832 rompe, no quartel da Villa da Barra, um levante; os soldados arrombam as prisões, soltam os detentos e assassinam o commandante João Felippe dos Reis. O povo adhere ao movimento, ficando privadas dos seus cargos as auctoridades indifferentes á sedição. A Capitania passou a ser governada pelo commandante coronel Domingos Simões da Cunha, quando a 22 de Junho do mesmo anno, surge nova rebellião em que se proclama a independencia do Amazonas. O governo do Pará, avisado dessas occorrencias, envia um emissario para suffocar a revolta, recommendando-lhe, em officio de 26 de Julho, «apresentar-se com toda a expedição nas immediações do logar da Barra do Rio Negro, em ponto seguro de surpreza e fóra do alcance do fogo de terra, dirigindo logo os officios que vão juntos». A reacção foi insignificante e os revoltosos renderam-se. A 4 de Setembro, ainda do mesmo anno, Machado de Oliveira faz publicar uma proclamação, declarando que a Capitania do Rio Negro estava pacificada.

Em 1833, para execução do Codigo do Processo do Imperio, é organizada judicialmente a provincia do Pará, que ficou dividida em tres Comarcas, sendo uma dellas a do *Alto Amazonas.*

O facto não remediava a situação do momento, nem satisfazia as aspirações de autonomia dos amazonenses. A extincta Capitania não se sujeita mais a governo extranho. Faz a sua emancipação, estando o povo em causa commum com as auctoridades.

Frei José dos Santos Innocentes acceita procuração de todos para conseguir da Côrte a approvação desse golpe. Quer pelo Pará, quer por Matto-Grosso é embaraçada sua viagem ao Rio de Janeiro.

Os papeis de que se fazia portador chegam ás mãos do ministro Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, que "extranha severamente" a conducta do apostolo de Christo, dizendo-lhe «não poder apoiar um acto de rebellião, um attentado tal desligando-se da Capital e constituindo uma Provincia separada...».

O tenente-coronel Domingos Simões da Cunha Bahiana recebe ordem para apaziguar o Amazonas. Segue em duas embarcações, uma das quaes se denominava «Independencia». Os habitantes da Villa da Barra têm sciencia desta expedição bellicosa. Fortificam-se nas Lages, em frente á confluencia do Rio Negro com o Solimões. Os barcos são recebidos á balla. Um delles, para não sossobrar, deu á costa nesse local; o outro chega á villa, onde a paz já se tinha restabelecido.

E' curioso um officio do commandante do barco damnificado, solicitando, do governo do Pará, permissão para dispender a quantia de quatro mil réis com as reparações das avarias.

Em 1834, assume a administração o major Manoel Machado da Silva Santiago.

O facho da revolta estava acceso em Belem e prolongava seu clarão sobre a Comarca do Rio Negro.

Era a *cabanagem*.

Em 1835 as agitações alastraram-se quasi por toda a parte, nessa tremenda lucta entre *cabanos* e *legalistas*.

A Comarca estava, desde 1833, dividida em quatro Termos judiciarios, que tinham por sédes: o Logar da Barra, Luséa, Mariuá e Teffé. Os dois primeiros foram os maiores theatros desses acontecimentos, que tanto sangue fizeram derramar. Ambrosio Ayres, mais tarde chamado *Bararuá,* um portuguez degredado que vivia no Rio Negro, se tornou o heroe da epoca.

No dia 4 de Abril desse anno a camara da Villa da Barra é convocada, a requerimento do Juiz de Direito Henrique João Cordeiro, para ouvir ler uma carta em que se relata o assassinato do presidente do Pará, do commandante das Armas e de outras pessoas notaveis, victimas dos cabanos. O attentado produziu grande celeuma e a declaração de solidariedade dos legalistas pelas Comarcas amazonenses. E' o que se vê dos officios enviados de Teffé, Luséa á Camara da Barra, cujos vereadores acceitam «Instrucções» do Juiz de Direito respectivo.

Tomam-se providencias para evitar a entrada dos rebeldes, collocando em Parintins um destacamento, ao mesmo tempo que se attende um appello de Cametá, relativo á remessa de viveres. Em Agosto, na mesma Villa da Barra, recebe-se a noticia de haver sido restaurada a

legalidade do Pará e empossado o novo presidente Dr. Angelo Custodio Corrêa. A Camara (sessão do dia 7) lamenta não ter recursos para mandar á Belem um representante seu, para saudar o Dr. Angelo.

Não obstante as medidas adoptadas, para evitar a invasão dos cabanos, no Amazonas e sua consequente conflagração, chegam elles á Villa da Barra, em 6 de Março de 1836, commandados por Francisco Bernardo de Senna, que destitue os legalistas, até que, a 31 de Agosto, se reune á Camara para apoiar actos da Regencia do Imperio.

Gregorio Naziazeno da Costa consegue submetter os rebeldes, que triumpham em Luséa, sem comtudo, ahi poderem permanecer, devido a energia de Pedro Ayres.

O anno de 1837 assignalou-se por uma relativa calma. Receando-se a lucta logo depois. Mas, a legalidade já estava triumphante no Pará. Pedro Ayres, que havia ultrapassado as normas da humanidade para com os inimigos, é assassinado em Autáz.

José Parahybuna, enviado de Belem para apaziguar a Comarca, ao chegar á Parintins (Villa Nova da Rainha), encontra a Frei José dos Santos Innocentes celebrando o santo officio da missa. Agarra-o e, com as vestes talares mette-o no porão do barco em que subia o Amazonas.

O commandante militar da Comarca, justamente indignado por semelhante attentado, indaga do procedimento de Parahybuna, ao que responde affirmando ser Innocentes um dos revoltosos.

E' nomeado, em 1838, commandante de Luséa, «para acalmar os povos», José Coelho de Miranda Leão, que, ali, aconselha os habitantes o regresso ás suas casas, conseguindo, summariamente, que, cerca de 800 sediciosos depuzessem as armas.

E assim acabou a funesta cabanagem no Amazonas, iniciando-se, dentro de poucos annos, um novo periodo de existencia para esta terra.

Auto de installação da Provincia do Amazonas.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e cincoenta e dous, trigessimo primeiro da Independencia e do Imperio, ao primeiro dia do mez de Janeiro do dito anno, nesta Cidade de São José da Barra do Rio Negro, e Paço da Camara Municipal respectiva, pelas des e meia hora da manhã, onde s'achava reunida a mesma Camara, e sendo ahi presente o Excellentissimo Senhor João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que acabava de prestar juramento e tomar posse do cargo de Presidente desta Provincia por ter sido nomeado por Carta Imperial de 7 de Junho ultimo, nos termos da Lei; e depois de tomar o juramento, e dar posse aos demais Empregados nomeados pelo Governo de Sua Magestade O Imperador, para Chefes de diversas repartições; e em presença da mesma Camara, de todas as authoridades Civis, militares, e ecclesiasticas, e de grande concurso de Cidadãos, que s'achavão reunidos no dito Paço, declarou o mesmo Excellentissimo Senhor, que em virtude da dita Carta Imperial, e das Instrucções do Governo de Sua Magestade O Imperador Installava a Provincia do Amazonas, creada pela Lei geral numero quinhentos e oitenta e dous de cinco de Septembro de mil oito centos e cincoenta, para que nessa categoria entre em suas regalias. E para constar mandou lavrar este auto, que assignou o mesmo Excellentissimo Senhor, e após d'elle todas as demais authoridades, tanto desta Capital, como das Villas, e Freguezias da Provincia, que s'acharão presentes. E, eu João Wilkens de Mattos, Secretario do Governo por Sua Magestade O Imperador o escrevy.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha

Manoel Gomes Corrêa de Miranda

[illegible]

José Coelho de Mel Leão junior Escr.ão 6.ão
Fernando Felix Gomes Junior.
Bernardino de Oliveira Horta.
Anto. Mel. Sanches Filho
Augto. Dias Gueiro d'Obor
João Manoel de Souza Coelho
Joaquim Manoel Sobrinho
Silvestre Ferreira Aranha
Venancio Antonio de Castro
Guilherme Antonio de Sá
Viriato Severiano Ribeiro
José Artur Pinto Ribeiro
David Vieira Batalha
João Joaqm. Oliveira Seixas
Henrique Antony
Alexandre Paulo de Brito Amorim
Mark Williams
Marçal Gonçalves Ferreira
Marcello Candido Pinto Amazonense
João Hauxwell
Antonio Lopes Braga
Thomas Joaqm. Per.a Guim.s
Manoel Roiz Maciel Neves
Antonio José Ribeiro de Lacerda Ferreira
Raimundo Jé Ferr.a d'Alcantara
Ricardo José Corrêa de Miranda
Manoel Francisco Fernandes
Joaquim de Oliveira Horta
João Henry da Sa. Brabo
Jeronymo Roiz. do Carmo
Aristides Justo Mourão
Severino Coelho Pordeus Ajud. de ordens
Alexandre Ramos da Silva
Balbino José Per.a Guimarães
Pedro Luiz Sympson
Agostinho Moraes Pereira, Professor de Latim

Alferes José Pinto Ribeiro Bittencourt
Cap. Reformado Joaquim Isidoro d'Oliveira
Ajud.te d'ordens do Gov.or do Pará em Commissão nesta Pro-
vincia Lourenço Justiniano da Gama
Manoel da Silva Ramos

Copia — Auto da imposição da primeira pedra,
que a hade lançar para a edificação da nova Igre-
Matriz da Cidade de Manáos, Capital da Provincia
do Amazonas. Anno do Nascimento de N. S. Senhor J.

CAPITULO IV

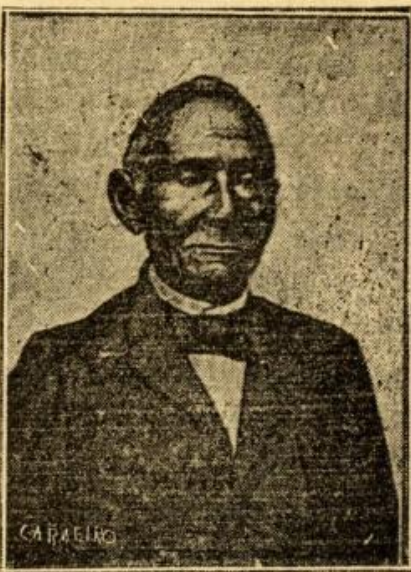
A Provincia

(1850-1889)

Restabelecida a tranquilidade na Comarca do Alto Amazonas, continuou em fóco a causa da sua emancipação. Desejava-se que o Governo do Imperio reparasse a injustiça, que praticára por occasião da Independencia.

A Assembléa Paraense era contraria a essa medida. Não obstante, do seu seio surge uma voz, a de João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que apresenta a seguinte indicação:

"Indico que se dirija á Assembléa Geral uma representação para que a Comarca do Alto Amazonas seja elevada á cathegoria de Provincia. Pará, 7-11-1844".

Com a morosidade das cousas da epoca, quasi seis annos mais tarde, vem á baila, na Assembléa Geral, em sua sessão de 22 de Julho de 1850, o projecto da separação do Amazonas. Era contra elle o senador Vergueiros, que allega não ter a Comarca nem população, nem rendas para o custeio do seu governo. Brilhantemente combate esses motivos o senador José Saturnino da Costa Ferreira, que é secundado pelo Marquez de Abrantes, nos seguintes termos:

Manoel Urbano, o explorador do rio Purús

"............ Depois, Snr. Presidente, tenho um facto sobre o qual chamo a attenção do Senado; facto, que a ser exacto, como de certo é, fornece um argumento importantissimo a favor da medida de que se trata. Vem a ser: que a Comarca do Rio Negro, emquanto foi administrada por Governadores, no tempo do monarchia absoluta, prosperou; a Secretaria e a Thesouraria do Pará podem offerecer documentos valiosos do estado do progresso em que ia o Rio Negro, durante a administração particular dos Governadores. A renda publica tinha augmentado; a colonisação tinha prosperado; a população tinha-se avantajado; havia um qual ou qual commercio regular com a capital e com os Estados visinhos; havia estabelecimentos industriaes que se achavam em via de progresso; tal é o facto que tenho por incontestavel; não é attestado por uma ou outra informação gratuita de habitantes a quem convenha a creação da Provincia: é provado por

documentos officiaes e exactos. Ora esse facto não mostra, até certo ponto, a conveniencia de voltarmos ao passado, visto que esse passado foi posto á margem a Comarca do Alto Amazonas definhou, e como que desappareceu? »

O Senador Vergueiros e o deputado Souza Franco foram vencidos. A lei n.º 528 de 5 de Setembro de 1850 creou a Provincia do Amazonas, sendo inaugurada no dia 1.º de Janeiro de 1852, pelo seu primeiro presidente, o referido Tenreiro Aranha.

A nova Provincia não tinha mais que 40.000 habitantes e apenas sete escolas. Comprehendia uma só Comarca, dois termos com fôro independente, quatro Municipios, vinte Freguesias, desoito Districtos de Paz, duas Delegacias e onze Subdelegacias de Policia. Existiam apenas tres Missões de catechese, uma no Japurá, uma em Tonantins e outra no Andirá.

Em Manáos havia um seminario fundado em 1848, onde se ensinavam grammatica latina, lingua franceza, musica e canto, subvencionado pelo Pará.

Um commando militar, creado em 1837, composto de 39 praças, assegurava a ordem e a tranquilidade em toda a extincta Comarca e que foi logo dissolvido, em consequencia da nova situação administrativa do Amazonas. Fôra immediatamente organizada a Guarda Nacional. Tenreiro Aranha accudira, com solicitude, aos demais serviços publicos, mandando adoptar algumas leis paraenses, em quanto não completava sua obra de organização.

As rendas arrecadadas por uma Collectoria em Manáos e varias no interior não passavam de tres contos de reis, em 1850. No primeiro anno de Provincia, estabelecida a Recebedoria, arrecadaram-se 19:000$000.

O Relatorio de Tenreiro Aranha é um minucioso documento historico, muito expressivo da situação do Amazonas, nessa epoca em que este ensaiava os primeiros passos na vida politica do Imperio.

Aquelle presidente deixou o governo, seguindo para a Côrte, onde foi tomar parte na Camara dos Deputados, como representante da Provincia do Pará, entregando-a ao Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, que é investido no dia 27 de Junho do mesma anno (1852). Foi sob sua administração que aportou á Manáos o primeiro navio a vapor da "Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas", empreza contractada pelo governo Imperial e do Pará, para iniciar e desenvolver a navegação da Amazonia.

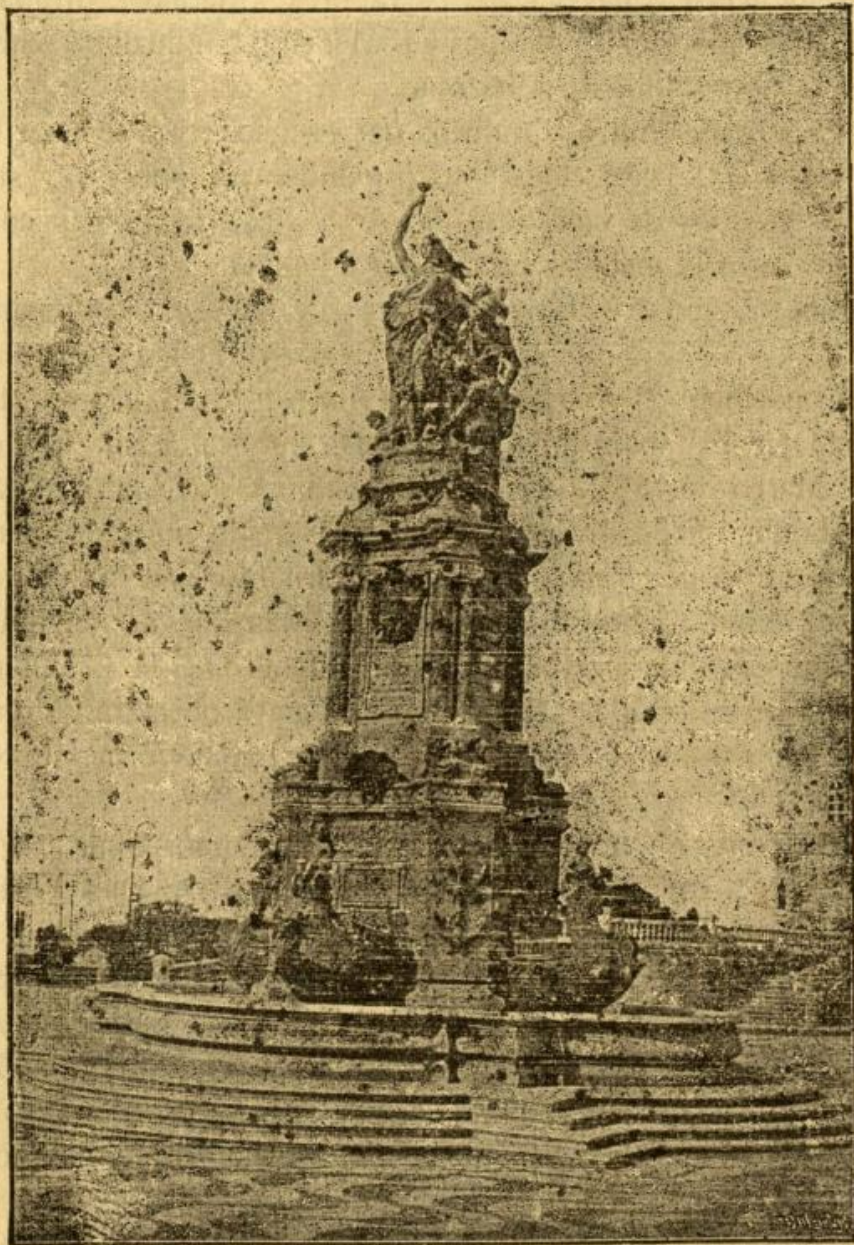
Esse acontecimento, precursor do progresso economico das duas Provincias, causou immenso e justificado prazer na capital amazonense.

Ainda sob seu governo, começou-se a construcção de edificios pu-

blicos, como a casa da Camara, a Thezouraria de Fazenda, etc. Augmentou-se para onze o numero das escolas primarias.

Assume a administração, a 22 de Abril de 1853, o Conselheiro Herculano Ferreira Penna.

Em diversos pontos da Provincia os indios atacam e trucidam a civilizados que penetram nos sertões, em procura de *drogas*.

A esse tempo, projecta-se, em Manáos, a edificação de uma Igreja Matriz e conclue-se a Cadeia. Toda a cidade compunha-se de 243 casas,

Monumento á praça S. Sebastião, commemorando a abertura do rio Amazonas ao commercio mundial

inclusive 122 cobertas de palha. «Pelas peiores casas — diz o Conselheiro Ferreira Penna — paga-se ordinariamente o aluguel mensal de 4$000 a 6$000; pelas melhores, 15$000 a 25$000, havendo tambem algumas de 30$000: nenhuma dellas se acha desoccupada».

De Barcellos para Manáos, esse presidente faz recolher o Archivo da Camara Municipal e declara: "Vieram com effeito varios massos e livros, mas ainda não tive tempo preciso para verificar se entre elles existem alguns que possam interessar o Governo ou a nossa Historia, e especialmente as questões de limites. Talvez que os mais preciosos fossem infelizmente aquelles que em 1832 as chammas devoraram com a Casa da Presidencia desta Capital (Barcellos), ou que aqui se venderam como inuteis...»

Desenvolve-se a navegação; os vapores «Marajó», «Monarcha» e «Rio Negro" percorrem o Solimões e o Madeira, conduzindo para Belem os productos extrahidos do Amazonas.

Eleva-se para quinze o numero das escolas; crea-se uma Repartição de Terras Publicas, tomam-se provindencias sobre o estabelecimento de Missões de catechese, faz-se a fiscalisação nas cobranças dos *dizimos* e mais medidas de caracter administrativo.

Installa-se, no dia 9 de Setembro de 1854, o Commando das Armas.

O Conselheiro Ferreira Penna foi um esforçado e honesto administrador. Defendeu, com interesse, a causa publica, á cuja frente esteve até 11 de Março de 1855, quando, foi novamente investido o Dr. Corrêa de Miranda, na qualidade de 1.° vice-presidente, até 28 de Janeiro de 1856, passando o governo ao Dr. João Pedro Dias Vieira.

Neste anno, o cholera-morbus visita Manáos, fazendo muitas victimas. Como medida preventiva, o presidente manda prohibir os enterramentos no bairro dos Remedios e ordena a abertura de uma nova necropole na estrada da cachoeira grande, posteriormente cemiterio de S. José.

A febre amarella apparece no rio Negro, para onde seguem recursos medicos. Em 26 de Fevereiro de 1857, o Dr. Dias Vieira deixa o governo ao Dr. Corrêa de Miranda, tendo mandado concluir o Mercado Municipal, parte do Quartel militar, a torre da Igreja dos Remedios, a casa dos Educandos Artifices, a Olaria, etc., etc., todos em Manáos.

As colonias fundadas pela Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas, uma proxima á capital (no logar Mauá), outra em Serpa, dissolvem-se, em consequencia de molestias nos colonos e má direcção nos serviços.

A Corrêa de Miranda succede na presidencia o Dr. Angelo Thomaz do Amaral (12 de Março de 1857 a 11 de Maio do mesmo anno), que a deixa ao Conego Joaquim Gonçalves de Azevedo, segundo vice-presidente (11 de Maio a 7 de Setembro do mesmo anno). Reassume o governo o Dr. Thomaz do Amaral (7 de Setembro a 10 de Novembro de 1857). Durante sua administração abre-se a estrada de Caracarahy, para facilitar o transporte do gado do rio Branco; cream-se

novas escolas e proseguem-se as obras de fortificação de Tabatinga e Cucuhy.

A provincia estava então dividida nos seguintes municipios: Manáos, Teffé, Silves, Imperatriz (depois Parintins), Maués e Barcellos. As sédes dos dois primeiros eram cidades; as demais, villas.

O Dr. Francisco José Furtado (10 de Novembro de 1857 a 27 de Outubro de 1858) promoveu a organização dos *expressos militares*

Um panorama da Villa da Barra (Manáos em 1847)

para as fronteiras e indicou á Assembléa muitas medidas a serem tomadas, para a bôa pratica dos serviços publicos. Sob sua administração, a receita annual da Provincia attingiu a 61:972$000.

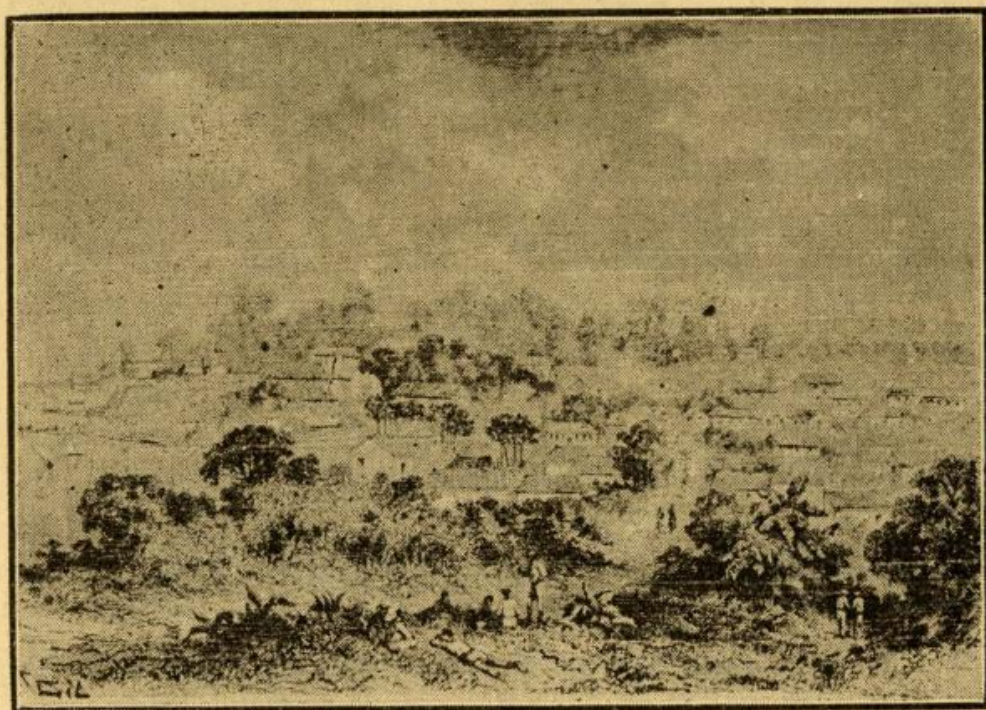
No rio Negro um falso Christo subleva os indigenas contra as autoridades, sendo necessario para ali seguirem o Juiz de Direito da Comarca e o padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, afim de apaziguarem os animos.

Em Silves, o padre Daniel Pedro Marques de Oliveira indispõe-se contra o sub-delegado de policia, que é espancado, bem assim outro individuo, pelo que o sacerdote é preso e conduzido á Manáos.

No paraná-miry da Eva o engenho a vapor do inglez Roberto M. Cullock produz quarenta pipas de aguardente, que importaram em 6:400$000.

No biennio de 1857-1858, a Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas, realiza, de fretes e passagens, o valor de 200:000$000, prova do rapido desenvolvimento que á Provincia veio dar a navegação a vapor.

A administração do Dr. José Furtado teve solução de continuidade na investidura do Conego Azevedo (27 de Outubro a 4 de Novembro de 1858), logo reassumindo (4 de Novembro a 30 de Maio de 1859), para, depois entrar no gozo de licença, no que foi substituido pelo referido Dr. Corrêa de Miranda (30 de Maio de 1859 a 24 de Novembro de 1860).

Na administração do Dr. Manoel Clementino C. da Cunha (24 de Novembro de 1860 a 7 de Janeiro de 1863) nada de anormal se registrou. A receita da Provincia, em 1860, já se elevava a mais de 89:000$000.

Panorama da Villa da Barra (Manáos em 1848) tirado da capella de N. S. dos Remedios

Foi sob este Governo que o poeta Gonçalves Dias percorreu o Solimões, visitando suas escolas publicas de cuja inspecção apresentou extenso relatorio, indicando as providencias a tomar, para melhoria do ensino primario.

O engenheiro Silva Coutinho, por ordem do Dr. Carneiro da Cunha, explora o Purús até Huytanahã, subindo no vapor «Pirajá». Igual incumbencia fôra commettida a Manoel Urbano da Encarnação, afim de encontrar uma passagem franca entre aquelle rio e o Madeira.

Ainda, por ordem daquelle presidente, o Dr. Joaquim Leovigildo de Souza Coelho percorre o rio Negro até Cucuhy e faz um estudo circumstanciado do estado de cada localidade, attestando a decadencia que notou.

Até 1870, seguem-se na presidencia do Amazonas: o Dr. Sinval Odorico de Moura (de 7 de Fevereiro de 1863 a 7 de Abril de 1864);

o Dr. Adolpho de Barros Cavalcante de Albuquerque Lacerda (de 7 de Abril de 1864 a 8 de Maio de 1865); o Dr. Epaminondas de Mello (de 24 de Agosto de 1865 a 30 de Abril de 1867) que interrompe a administração de 23 de Junho a 7 de Novembro de 1866, afim de tomar assento na Assembléa Legislativa do Imperio, como representante de Pernambuco); o Dr. José Coelho da Gama e Abreu (de 25 de Novembro

Cemiterio dos indios manáos, no local, hoje, Praça Pedro II

de 1867 a 9 de Fevereiro de 1868); o Dr. Jacintho Pereira do Rego (de 9 de Fevereiro de 1868 a 24 de Agosto do mesmo anno); o tenente-coronel João Wilkens de Mattos (de 26 de Novembro de 1868 a 8 de Abril de 1870).

Na qualidade de vice-presidente e no mesmo interregno, administraram a Provincia: o Dr. Corrêa de Miranda, pelas sexta e setima vezes (de 7 de Janeiro a 7 de fevereiro de 1863; de 20 de Maio a 24 de Agosto de 1865); o tenente-coronel Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo (de 8 a 20 de Maio de 1865); o Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira (de 23 de Junho a 7 de Novembro de 1866); o tenente-coronel Sebastião José Basilio Pyrrho (de 30 de Abril a 9 de Novembro de 1867); João Ignacio Ribeiro do Carmo (de 9 a 25 de Setembro de 1867); o tenente-coronel José Bernardo Michiles (de 25 de Setembro a 25 de Novembro de 1867); o coronel Leonardo Ferreira Marques (de 24 de Agosto a 26 de Novembro de 1868).

O presidente Albuquerque de Lacerda, em 1864, fallando da necessidade de guarnecer as nossas fronteiras, com um contingente mais numeroso de praças, exproba os abusos que praticam os respectivos commandantes: «E' triste, mais é forçoso dizel-o, a maior parte desses militares fazem-se commerciantes nos logares para onde vão destacados, e entregam-se indecentemente a todos os misteres da nova profis-

são que accumulam, exercendo-as até com os proprios subordinados, por via de regra seus mais expoliados freguezes».

O numero das escolas publicas, neste anno, subia a 25, sendo 5 femininas e 20 masculinas, frequentadas por 458 estudantes.

Foi ainda a esse tempo que partiu, a explorar o rio Purús, o engenheiro W. Chandless, que attingiu ás suas nascentes.

Manifesta-se a falta de generos para consumo da população; os de necessidade imprescindivel alcançaram preços phantasticos. Para remediar o mal, o presidente importa farinha, gado, etc., do Pará, que manda vender, sem lucro para a Provincia, mas com grande vantagem para todos. A medida matou a deshumana especulação commercial.

O Amazonas não foi indifferente ao appello que lhe fez o Governo do Imperio, em 1865, quando no começo da lucta com o Paraguay.

O primeiro contingente de voluntarios, composto de 63 homens, partiu immediatamente, antes de Maio desse anno, incorporado no 5.º Batalhão de Infantaria chamado a tomar parte na guerra. O Dr. Epaminondas de Mello, logo depois, enviou mais 500 homens, que, até 25 de Janeiro de 1866, já se elevavam a 871.

A Guarda Nacional foi chamada ao serviço da manutenção da ordem e guarnição das fronteiras da Provincia. E o fez com dedicação, durante os cinco annos em que as armas brasileiras cumpriam o seu dever no sul do paiz.

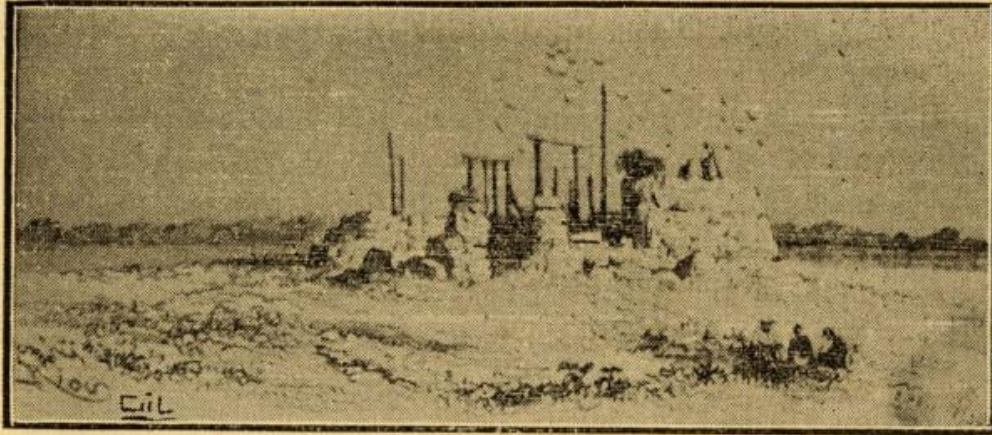
Um dos acontecimentos de maior alcance para o futuro do Amazonas, praticado nesta occasião, foi a abertura do seu grande rio ao commercio de todas as nações amigas, facto de que accidentalmente já tratamos. Neste anno, sob a presidencia do Dr. Silva Coutinho, abre-se a primeira Exposição de productos da Provincia, os quaes foram enviados para o Rio de Janeiro e figuraram no grande certamen ali realizado no dia 19 de Outubro.

Uma tremenda crise economica avassala o commercio e o governo, como consequencia da falta de exportação, diminuição da importação e pela retirada de braços, que partem para a defeza da Patria. A guerra perturbou o trabalho, pela retirada de grande numero de homens que temiam o recrutamento e não se sujeitavam ao voluntariado.

A renda dos cofres geraes do Amazonas tinha sido orçada em 274:933$200, quando a arrecadação attingiu somente a 17:250$000 obrigando o Governo Imperial a proceder a supprimentos de verbas pela Thezouraria do Pará. E, como se não bastasse a triste situação produzida por essa crise, que se prolongou ainda no anno de 1867, a variola assolou a capital e varios pontos do interior, fazendo numerosas victimas. Assim, as febres intermittentes.

Um acontecimento lisongeiro veio favorecer o commercio: a creação da Alfandega de Manáos, para substituir a antiga Mesa

de Rendas estabelecida pelo Regulamento de 31 de Dezembro de 1863.

Em 1870, com o desenvolvimento da navegação, o commercio melhorou consideravelmente a situação financeira da Provincia. No seu Relatorio de 8 de Abril, diz o presidente João Wilkens de Mattos: «O estado das finanças da Provincia é o mais lisongeiro possivel. Contêm os cofres da Thezouraria Provincial hoje a quantia de 199:109$922.»

Ruinas da Fortaleza de S. José do rio Negro, 1848

De 1870 a 1875, estiveram na presidencia: o major Clementino José Pereira Guimarães (de 8 de Abril a 8 de Junho de 1870); o general José Miranda da Silva Reis (de 8 de Junho de 1870 a 8 de Julho de 1872); o Dr. Domingos Monteiro Peixoto (de 8 de Julho de 1872 a 16 de Março de 1875).

Terminada a guerra do Paraguay, regressa á Manáos, onde aporta a 24 de Julho de 1870, um contingente de 55 soldados, commandados pelo capitão Marcellino José Nery, remanescente de cerca de 1.000 homens com que o Amazonas contribuio, na partilha dos sacrificios de vida, para a gloria das armas nacionaes.

O florescimento da Provincia é attestado pelo augmento das suas rendas, pois, no exercicio de 1869 a 1870, subiram a 503:902$000. O valor dos productos exportados attingiu a 2.857:835$000.

Em 6 de Março deste anno, havia-se fundado a «Sociedade Emancipadora Amazonense» destinada a fomentar a abolição da escravatura.

Em 1871 é estabelecida, no Lyceu, uma cadeira de Pedagogia para os alumnos, que, concluido o curso de humanidades, se destinassem ao magisterio primario, que contava já 32 cadeiras, em toda a Provincia, sendo 8 para o sexo feminino. Até então, não existiam escolas mixtas. Não se admittia a coeducação.

O "Estabelecimento de Educandos 'Artifices" era uma instituição pedagogica, já tradicional, que grandes beneficios davam á mocidade pobre.

O "Asylo de Nossa Senhora da Conceição" fundado pelo padre Dr. José Manoel dos Santos Pereira, constituia outra casa de ensino, tambem de real utilidade, destinada a meninas. Sua duração não foi alem de 1872.

Em 1873, a variola invadiu a cidade de Manáos, vindo a fallecer 160 pessoas, somente nos dois hospitaes estabelecidos pelo Governo, a cargo dos Drs. Aprigio Martins de Menezes e João Pedro Maduro da Fonseca. Pelo interior da Provincia, sobretudo no rio Madeira, a devastação foi pavorosa. O mal fôra trazido de Belem, a bordo do "Mayro", transporte peruano.

Em 1874, começados os trabalhos da estrada de ferro Madeira-Mamoré e com o fim de facilitar a importação de mercadorias para as respectivas obras, foi installada a Alfandega de Serpa, no dia 1.º de Janeiro. Neste anno, esteve na capital da Provincia, a Commissão Mixta brasileo-peruana, de que eram chefes, por parte do Brasil, o Barão de Teffé, e por parte do Perú, D. Guilherme Black, que exploraram as nascentes do Javary e, no dia 14 de Março, assentaram ali o marco divisorio dos dois paizes.

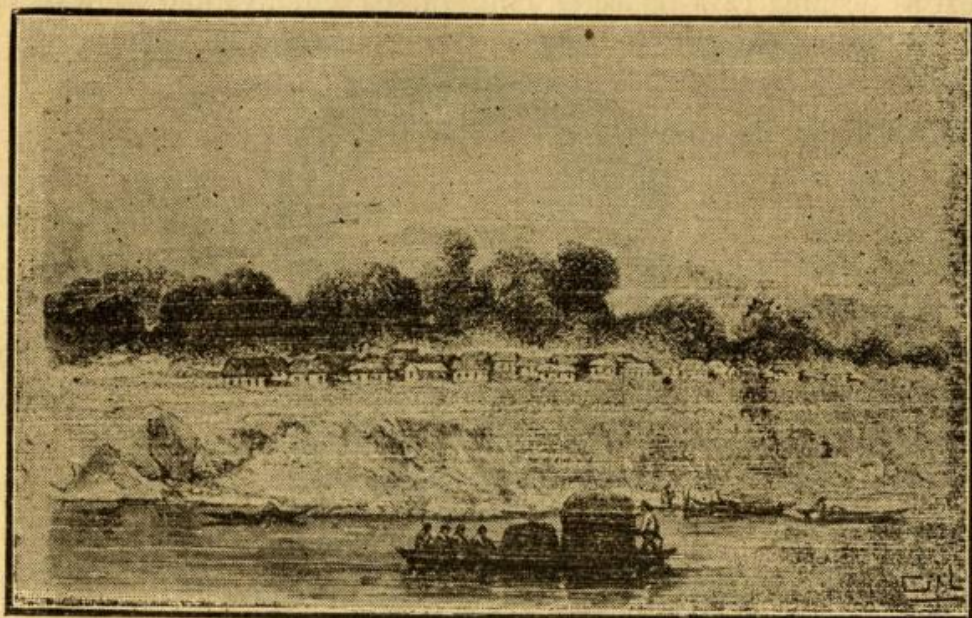
Um grande passo dera-se, ainda neste anno, para emacipar da tutella do Pará o commercio amazonense, que não podia fazer importação ou exportação directa para a America do Norte ou para a Europa, por falta de navios que chegassem ao porto de Manáos. Para isso, a Provincia empenhára todos os esforços e fizéra um contracto com o negociante commendador Alexandre Paulo de Britto Amorim, que, antes de organizar em Londres a empreza destinada a explorar o serviço entre o Amazonas e a Europa, freta dois navios: o "Mallord" e o "Lilian" chegados, o primeiro a 30 de Abril, e o segundo a 13 de Junho.

Era um acontecimento deveras notavel, não obstante a linha ter sido inaugurada officialmente a 25 de Janeiro com a chegada, á Manáos, do vapor "Amazonas».

O crescente desenvolvimento da navegação determinou ao Governo Imperial crear a Capitania do Porto daquella cidade, por decreto de 18 de Novembro de 1874 e inaugurada em 13 de Fevereiro do anno seguinte.

De 1875 a 1878, governaram a Provincia os seguintes presidentes e vice-presidentes: o capitão de mar e guerra Nuno Alves de Mello Cardoso (de 16 de Março a 7 de Julho de 1875); o Dr. Antonio Passos de Miranda (de 7 de Julho de 1875 a 27 de Maio de 1876); o major Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, de 27 de Maio a 13 de Junho de 1876); o capitão de mar e guerra Nuno Alves de Mello Cardoso (de 13 de Junho a 26 de Julho de 1876); o Dr. Domingos Jacy Monteiro (de 26 de Julho de 1876 a 26 de Maio de 1877); o Dr. Agesisláo Pereira da Silva (de 26 de Maio de 1877 a 14 de Fevereiro de 1878).

Em 1876, em Manáos, o governo provincial festeja com um *Té Deum,* na Igreja Matriz, o nascimento do principe do Grão Pará, filho da Princeza Imperial e do Sr. Conde d'Eu.

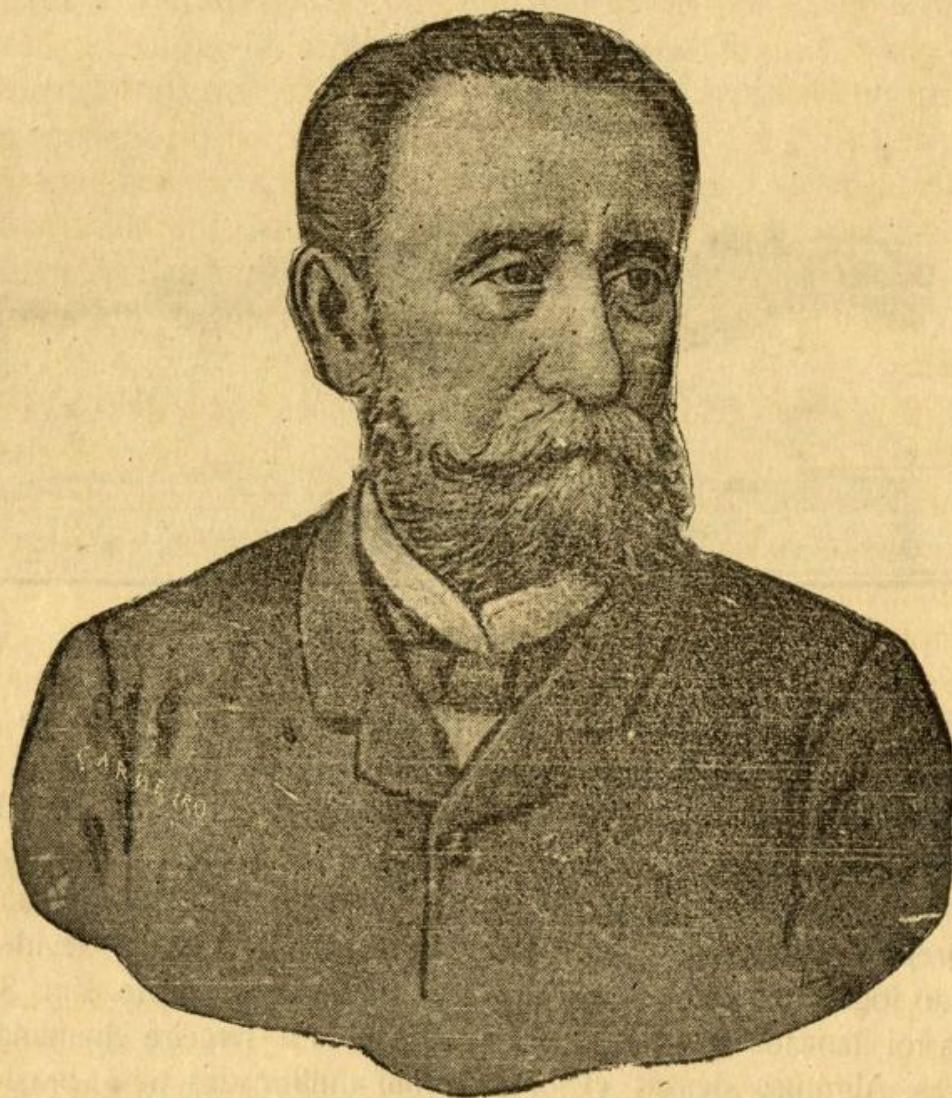
Neste anno subia a 49 o numero de escolas publicas. No Lyceu e no Seminario os estudantes faziam o curso de preparatorios. Uma Com-

Itacoatiara, antiga Serpa, em 1848

panhia de Aprendizes Marinheiros, inaugurada a 19 de Agosto de 1872, elevava sua matricula, naquelle anno, a 60 alumnos.

As eleições procedidas para vereadores e juizes de paz, em 1.º de Outubro, foram agitadissimas, não só na capital, como em varios collegios do interior. O pleito, conforme o costume da epoca, effectuava-se nas Igrejas; mesmo assim, os animos não se mantiveram no devido respeito ao logar sagrado escolhido para o exercicio do voto. Em Silves, a urna foi lançada á rua, antes de concluida a terceira chamada dos eleitores. Algumas dessas eleições foram nullificadas pelo presidente Dr. Jacy Monteiro.

A Provincia estava então dividida em 9 Municipios, de cujas sédes, tres eram cidades e os restantes, villas. A divisão judiciaria comprehendia 5 Comarcas e 7 Termos. Os dos rios Negro, Madeira, Solimões e Amazonas tiveram a visita daquelle illustre presidente, que logo providenciou sobre as necessidades de cada um. Tambem foi seu empenho que o Amazonas ficasse expurgado do elemento servil, composto então de mil cento e dezenove pessoas, para cujo exito facilitava a entrega das verbas, que a Assembléa votava para esse fim e destinadas ás Comarcas Municipaes. Sob seu governo, a 13 de Maio de 1877, inaugurou-se festivamente a *Caixa Economica* mandada crear pelo decreto imperial de 18 de Abril de 1874. Foi tambem sob sua auspiciosa

administração que se concluiu a Igreja Matriz da Capital, cuja primeira pedra fôra assente em 23 de Julho de 1858, tendo a Provincia gasto com todas as obras a somma de 752:213$836.

A administração do Dr. Jacy Monteiro foi uma das mais proveitosas para o Amazonas, pois que reduziu o «deficit», do Thesouro, promoveu a creação de uma casa bancaria, embora sua tentativa não colhesse exito,

Coronel Antonio R. P. Labre, fundador da Labrea

reparou todos os proprios provinciaes e mandou edificar outros, responsabilisou e demittiu a funccionarios relapsos, etc. Por esta forma conseguio restaurar, em parte, os creditos provinciaes. Tão abalados estavam anteriormente que, de uma emissão de apolices, até a quantia de 150:000$000, não póde fazer circular senão 51:100$000, não obstante o vantajoso premio de 10 % annuaes.

Em minucioso Relatorio, conclue sobre esse assumpto: "Hoje, porém, que o credito publico vae-se estabelecendo e com elle a confiança dos negocios com a Provincia, muito me regosijará que V. Exc.

(dirigia-se ao Dr. Agesisláo Pereira da Silva) possa realizar a venda das apolices, até com juro menor que o estabelecido na lei". E, adiante, accrescenta: «Quando aqui cheguei para o desempenho do cargo com que me honrára o governo imperial, reconheci quanto era espinhosa, pelas criticas circumstancias em que vim encontrar a Provincia, a missão que eu acceitára. De um lado *achei admittido o principio do assalto aos cofres publicos, o abuzo do recurso da Provincia, o malbarato das suas forças, o pouco caso do serviço publico;* do outro, vi erguida a desconfiança em relação aos negocios com a Provincia, em consequencia da somma de encargos tomados e da impossibilidade ou pelo menos grande difficuldade de satisfazel-os, e d'ahi a usura das poucas transacções que ainda se conseguiam, usura que aliás muito contribuira para tal situação, porque foram os lucros fabulosos com que se procurava exgottar a fazenda provincial, uma das causas poderosas do atrazo da Provincia.

E, para tornar mais penosa a situação, achei campeando levantado o desacato á auctoridade: falta de respeito dos discipulos aos mestres, presumindo-se aquelles nas mesmas condições destes; falta de respeito de empregados aos chefes, e nas mesmas classes em que o respeito á auctoridade faz parte das regras disciplinares, falta de cortezia á auctoridade superior. Foi este o sentido da minha administração..."

De 1877 a 1887 dirigiram a Provincia os seguintes presidentes e vice-presidentes: Dr. Agesisláo Pereira da Silva (de 27 de Maio de 1877 a 14 de Fevereiro de 1878); o major Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães (de 14 a 26 de Fevereiro de 1878); o capitão Guilherme José Moreira, posteriormente Barão do Juruá (de 26 de Fevereiro a 7 de Março de 1878); o coronel Barão de Maracajú (de 7 de Março de 1878 a 26 de Agosto de 1879); o Dr. Romualdo de S. Paes de Andrade (de 26 de Agosto a 15 Novembro de 1879); o tenente-coronel José Clarindo de Queiroz (de 15 de Novembro de 1879 á 26 de Junho de 1880); o Dr. Satyro de Oliveira Dias (de 26 de Junho de 1880 a 16 de Maio de 1881); o Dr. Alarico José Furtado (de 16 de Maio de 1881 a 7 de Março de 1882); o Dr. Romualdo de S. Paes de Andrade (7 a 17 de Março de 1882); o Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá (de 17 de Março de 1882 a 16 de Fevereiro de 1884; o tenente-coronel Guilherme José Moreira (de 16 de Fevereiro a 11 de Março de 1884); o Dr. Theodoreto C. de Faria Souto (de 11 de Março a 12 de Julho de 1884); o capitão Joaquim José Paes da Silva Sarmento (de 12 de Julho a 11 de Outubro de 1884), o Dr. José Jansen Ferreira Junior (de 11 de Outubro de 1884 a 21 de Setembro de 1885); o tenente-coronel Clementino José Pereira Guimarães, posteriormente Barão de Manáos (de 21 de Setembro a 28 de Outubro de 1885); o Dr. Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves (de 28 de Outubro de 1885 a 10 de Janeiro de 1887); o tenente-coronel

Clementino José Pereira Guimarães (de 10 de Janeiro a 23 de Março de 1887).

Nada de importante se passou no final do anno de 1878, senão a entrada dos retirantes cearenses, que o governo faz localizar nas colonias

Origem de Parintins, antiga Villa Nova da Rainha

Maracajú e Santa Izabel, ou seguir para o interior, onde se destinavam á extracção da gomma elastica.

O grande infortunio que acabava de ferir a Provincia irmã, abriu, no Amazonas, uma epoca de prosperidade com a introducção de milhares de braços trabalhadores.

Data, desta occasião, o começo do desbravamento dos altos rios amazonenses, a penetração de suas florestas seculares, á cata do precioso vegetal, que estava destinado, annos depois, a alterar profundamente a vida economica desta parte do Brasil.

A administração do Sr. Barão de Maracajú, apoiada pelo *partido liberal,* viu-se em difficuldades devido á reducção dos impostos legislados pela Assembléa, então dominada pelos *conservadores.* Salvou a situação a rigorosa economia posta em pratica por aquelle titular.

As eleições effectuadas para compor a Assembléa, no biennio de 1880-1881, foram renhidas, bem como as de Deputados geraes. Das cidades e villas do interior, as auctoridades requisitavam o elemento da força para manutenção da ordem ameaçada.

No mesmo anno (1879), a Empreza Madeira-Mamoré suspendia seus trabalhos, em consequencia de complicações surgidas em Londres com o empreiteiro T. Collins. Centenas de contos de réis, em materiaes, inclusive um navio carregado, que naufragara perto de Santo Antonio do Madeira, perderam-se, ficando o Amazonas, ainda por muitos annos, privado desse grande melhoramento do seu commercio, naquelle rio.

Em Manáos era grande a lucta partidaria, desde o anno anterior, quando foi empastellada a typographia do «Jornal Amazonas», de propriedade de Antonio Fernandes Bugalho.

A rescisão do contracto da luz a kerosene foi outro *caso* da epoca. A cidade ficára ás escuras, por muitas noites, até se normalizar o novo serviço, pois que o anterior apparelhamento tinha sido destruido a mando do antigo contractante.

Como prova da exaltação de espirito partidario, foi a lucta aberta ainda entre o Barão de Maracajú e o Vigario Geral do Amazonas, o Conego Raymundo Amancio de Miranda, cujo procedimento é censurado pelo então Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa.

Até o anno de 1883, poucos factos de notoriedade historica appareceram, não obstante as brilhantes administrações dos Drs. Alarico José Furtado e José Paranaguá muito terem feito pelo progresso do Amazonas.

Sob a administração do Dr. Theodoreto Carlos de Faria Souto, em 1884, um facto assignalou dias de gloria para a historia amazonense: a extincção do elemento servil. Era uma velha aspiração pela qual vinha batalhando, desde 1870, a «Sociedade Emancipadora Amazonense» auxiliada pelo Governo e pela Maçonaria. Nesse anno (1884), fundam-se varias associações, com o mesmo fim.

A imprensa da capital era unanime, na mesma ideia. E, como se não bastasse, um jornal é estabelecido para ser o porta-voz exclusivo da propaganda.

O certo é que a 10 de Julho desse anno feliz, o Amazonas foi solemnemente declarado livre de escravos.

O Dr. Faria Souto, logo após, no dia 12, deixava a presidencia, tendo o Thezouro, um saldo, em dinheiro, no valor, de 467:203$958 e declarava ao seu successor: «A Provincia do Amazonas está redimida. No dia 10 do corrente foi esse acontecimento o maior de sua historia, solemnemente declarado, lavrando o respectivo auto no livro de installação da Provincia, que, remetti, por copia, a S. Exa. o Sr. Ministro da Agricultura. Tudo se fez em nome da lei, em observancia das suas prescripções, em perfeita calma e tranquillidade, com o concurso efficaz dos sentimentos do povo amazonense».

Para commemorar data tão insigne, funda-se em Manáos e nessa occasião, o «Asylo Orphanologico Elisa Souto», precursor do actual "Instituto Benjamin Constant».

O presidente José Jansen, em 1885, preoccupa-se com a segurança individual e de propriedade, tomando providencia para pôr um paradeiro aos crimes, que se desenrolavam pelo interior, onde a acção da policia pouco se podia effectivar, nesse tempo em que uma população invasora disputava o predominio dos centros mais ricos em gomma

elastica, repetindo aqui a scena dos «emboabas» mineiros, do seculo XVIII. Esse presidente, na sua viagem ao Madeira, passando pelo sitio Tres Casas, é testemunha dos ferimentos que, quatro dias antes, resultaram de uma lucta havida no lago Carapanatuba, da qual seis individuos ficaram mortos e muitos feridos.

As contendas, sobretudo no rio Purús, eram resolvidas á balla. O chefe de policia, de quando em vez, executava pessoalmente diligencias aos logares das tragedias, como consta dos documentos dessa epoca em que a prepotencia, fóra das cidades e villas, era a arma do desforço e da ambição.

A variola visitou, nesse anno, a capital e outros logares. Para a debellar, o governo instituio isolamentos e dispendeu, somente no primeiro semestre, a quantia de 102:541$000. Como verdadeiros philanthropos, distinguiram-se no combate á peste o padre Raymundo Amancio de Miranda, os Drs. Aprigio Martins de Menezes e Severiano Braule Monteiro.

Pesando ainda no infortunio da população, sobrevem a crise commercial, consequencia da baixa cotação da borracha. Reduziu-se a importação de generos de immediata necessidade, produzindo esse facto um decrescimo de 111:849$000 na renda alfandegaria.

A receita da Provincia tinha sido orçada em 3.228:487$550, com uma despeza correspondente. Não se arrecadou metade dessa quantia.

Como se infere, foram desfavoraveis as condições em que o Dr. Jansen Ferreira agiu.

O Dr. Enesto Adolpho de V. Chaves foi um dos mais illustrados administradores do Amazonas. Sob seu governo, concluiram-se varios melhoramentos da capital. O serviço de abastecimento de agua dirigido pelo Dr. Lauro Bittencourt e o Lyceu ficaram muito adiantados. Os auxilios que prestou ao Museu Botanico, á cuja frente se achava o naturalista brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, deram a esse estabelecimento um grande impulso, tornando-o um dos primeiros do paiz.

Todos os ramos do publico serviço tiveram o cuidado proficiente do Dr. E. Chaves, como se constata do seu brilhante Relatorio de 25 de Março de 1886.

O partido politico, que elle fizera apear, por motivo da ascenção do Gabinete de 20 de Agosto do anno anterior, fez-lhe injusta campanha pelo jornal "Amazonas".

O anno de 1887 correu algo lisongeiro para a Provincia. Suas rendas, porem, ainda foram insufficientes para solver os compromissos anteriores e occorrentes, tanto que ficára paralysada a obra de canalização d'agua de Manáos credora de attestados de medição num valor aproximado de cem contos de réis.

De 1887 a 1889 estiveram á frente dos destinos do Amazonas: o coronel Conrado Jacob Niemayer (de 23 de Março de 1887 a 10 de Ja-

neiro de 1888); o coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno (de 10 de Janeiro a 12 de Junho de 1888); o tenente-coronel Antonio Lopes Braga (de 12 de Junho a 2 de Julho de 1888); o conego Raymundo Amancio de Miranda (de 2 a 12 de Julho de 1888); O Dr. Joaquim Cardoso de Andrade (de 12 de Julho a 11 de Novembro de 1888); o conego Raymundo Amancio de Miranda (de 11 de Novembro de 1888 a 12 de Fevereiro

Origem da villa de Coary (1848)

de 1889); o Dr. Joaquim de Oliveira Machado (de 12 de Fevereiro a 1.º de Julho de 1889); o Dr. Manoel Francisco Machado, Barão do Solimões, de 1.º de Julho a 21 de Novembro de 1889).

O Dr. Pimenta Bueno, em 1888, emprehendeu uma viagem ao rio Branco, providencia sobre a catechese dos indios daquella região e trata largamente da questão dos nossos limites com a Guyana Ingleza, em officio que, em 21 de Maio, desse anno, dirigiu ao Ministerio dos Estrangeiros.

A esse tempo o ensino publico progredia: 109 escolas primarias eram então sustentadas pela Provincia, cuja renda ascendia (exercicio de 1886-1887) a 2.700:000$000.

Os dois ultimos annos do regimen monarchico, foram muito agitados, no Amazonas. Renhido era o combate das competições partidarias, principalmente na administração do Dr. Oliveira Machado.

Achava-se no governo o Dr. Manoel Francisco Machado, quando, no dia 21 de Novembro de 1889, chega de Belem a noticia de haver sido proclamada, no Rio de Janeiro, a forma republicana. Immediatamente, as ruas de Manáos agitam-se em delirantes passeiatas, expressão do contentamento com que o povo applaudia o novo estado de cousas, que punha por terra, no Brasil, o governo imperial.

Uma commissão composta de cidadãos de destaque politico vae ao Palacio da Presidencia e, em nome do Governo Provisorio da Republica, depõe o Dr. Machado, que cede, sem resistencia, aos acontecimentos. E assim, por entre acclamações populares, terminou o regimen monarchico, em terras do Amazonas. Pelo que se vê, linhas acima, a Provincia teve, desde Tenreiro Aranha, 61 administradores, sendo 30 presidentes e 31 vice-presidentes, em geral homens probos e dedicados aos serviços publicos.

CAPITULO V

O Estado

(1889—1925)

Os primeiros governadores

Destituido o ultimo representante do regimen monarchico, constituiu-se, no mesmo dia, uma Junta Governativa composta do tenente-coronel Antonio Florencio Pereira do Lago, do capitão de fragata Manoel Lopes da Cruz e do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, sob a presidencia do primeiro. Nenhuma alteração da ordem publica houve a registrar.

E' nomeado, para dirigir o Amazonas, o capitão de engenheiros Dr. Augusto Ximenes de Villeroy, que assumindo o governo, nos termos das «instrucções» do Governo Provisorio, do *generalissimo* Deodoro da Fonseca, dissolve o Congresso Legislativo e as Camaras Municipaes; extingue empregos e crea outros; reforma as repartições e dá mil outras providencias, jamais traspassando das normas da ponderação e moralidade, apesar de se achar num periodo de radical transformação administrativa.

Ao Dr. Villeroy, seguem-se-lhe no governo amazonense: o Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro (de 2 de Novembro de 1890 a 5 de Maio de 1891); o coronel Antonio Gomes Pimentel (de 5 de Maio a 30 de Junho de 1891); o coronel Guilherme José Moreira, Barão do Juruá (de 30 de Junho a 1.º de Setembro de 1891); o Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo (1.º de Setembro de 1891 a 26 de Fevereiro de 1892); o capitão de fragata José Ignacio Borges Machado (de 26 de Fevereiro a 11 de Março de 1892); o Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro (de 11 de Março de 1892 a 23 de Julho de 1896).

O Dr. Villeroy, obtendo licença para se retirar do Amazonas, entregou o governo ao capitão de engenheiros Eduardo Gonçalves Ribeiro, que, a 6 de Novembro de 1890, tinha sido nomeado segundo vice-governador. Sua administração fazia-se a contento geral, quando, a 12 de Abril de 1891, chega a noticia de haver sido exonerado. Nesse dia, o povo de Manáos, acclamou-o no posto em que se encontrava, do que se lavra uma acta assignada por centenas de cidadãos dos mais qualificados na sociedade e no partidarismo local. A' vista desta occorrencia, continua no poder quando, por ordem do Governo Provisorio, transmittida pelo almirante Bernardino de Queiroz, entrega o governo ao coronel Antonio Gomes Pimentel e este ao coronel Guilherme José Moreira, em 5 de Maio desse anno.

Promulgadas a Constituição Federal e a Estadual, e cessado, portanto, o regimen dictatorial, faz-se, no Amazonas, eleição para o seu pri-

meiro governador constitucional e para o Congresso Legislativo. Sae triumphante das urnas, para aquelle supremo posto, o nome do coronel de engenheiros Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, apoiado pelo *partido democrata* de que eram chefes Guilherme José Moreira, Emilio José Moreira, Deodato Gomes da Fonseca, Almino Alvares Affonso, Raymundo Antonio Fernandes e Francisco Publio Ribeiro Bittencourt, todos com assento no referido Congresso Legislativo.

Dr. G. Thaumaturgo de Azevedo

O novo eleito, chegado da Capital Federal, toma posse do cargo e poucos dias após, faz diversas exonerações de funccionarios publicos, inclusive de tres desembargadores, que faziam parte do Congresso. Sua attitude desgosta profundamente aos congressistas que, em resposta á mensagem lida no dia 15 de Setembro (1891), declaram: «O Congresso lamenta achar-se em desaccordo comvosco, relativamente á auctorização que pedistes para a realização de certas ideias, que não pode acceitar, pelos motivos já expostos, além de que está convencido de que essa concessão ao Poder Executivo, nesta phase de organisação politica, importaria para o Congresso o reconhecimento de sua incapacidade para o desempenho do seu mandato e que não seria digno da confiança nelle depositada pelo povo deste Estado, se, depois de haver promulgado a lei fundamental, abdicasse nas mãos de outro poder o direito de completar a sua obra, a grande obra de reconstrucção da politica amazonense".

Estava aberta a lucta: de um lado o jornal «Amazonas» accuzando o governo; de outro, o "Commercio do Amazonas", defendendo-o.

Na referida Mensagem, o Dr. Thaumaturgo havia solicitado, ao Poder Legislativo, auctorização para contrahir um emprestimo no valor de 14.000 contos de reis, para levar a effeito grandes melhoramentos, quer na capital, quer no interior. Esse pedido serviu de pretexto á tremenda opposição que os *Democratas* lhe moveram, assim como ter sido o governador concessionario de uma empreza predial, em Manáos, empreza que, eleito para aquelle cargo, transfere á «Empreza Villa Brandão».

No acto da transferencia, que vinha já favorecida pelo bafejo official, declaravam os opposicionistas não terem sido pagos 24:000$000, a que o Estado tinha direito. Tal occorrencia, junta ás represalias que soffria a opposição, resultou o levante de 14 de Janeiro de 1892, em nome do qual uma commissão constituida pelos senhores coronel Francisco Ferreira de Lima Bacury, Dr. Alminio Alvares Affonso e Major

Leonardo Antonio Malcher, foi a palacio intimar ao governador a deixar immediatamente o poder. Os commissarios foram desacatados e feridos no acto da intimação; a cidade declarada em *estado de sitio*. Seguiram-se prisões e deportações.

O governador havia adherido ao «golpe de Estado» de 3 de Novembro do anno anterior, pelo qual o generalissimo Deodoro da Fonseca, presidente da Republica, fizera dissolver o Congresso Nacional. O «contra golpe» vibrado, pouco tempo depois, pelo Marechal Floriano Peixoto, déra em resultado a deposição de todos os governadores de Estado (inclusive o do Amazonas) que applaudiram ou se tornaram solidarios com o acto de Deodoro.

O Dr. Thaumaturgo, sciente do que se passava e sem esperar pelo fatal desfecho dos acontecimentos, abandona a administração, no dia 26 de Fevereiro de 1892, recolhendo-se a bordo de um navio, que regressava ao Rio de Janeiro.

Occupa interinamente o governo estadual o capitão de fragata Borges Machado, até que, chegado da Capital Federal, no dia 10 de Março, assume o poder o Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, por ordem do Governo da União.

Faz-se nova eleição, recahindo os suffragios neste militar, que, a 23 de Julho do referido anno, presta o seu compromisso constitucional, para servir o quatriennio seguinte.

Administração Eduardo Ribeiro

A administração do Dr. Eduardo Ribeiro (o *Pensador*) foi um periodo aureo para o Amazonas, não obstante as luctas politicas, que deram em resultado a tumultuaria reforma da Constituição de 23 de Julho de 1895, pelo celebre Congresso, que a ironia popular cognominou de *Foguetão*.

A maior parte dos melhoramentos, que se realizaram em Manáos e no interior, datam desse quatriennio. São justas as palavras daquelle governador a respeito da capital: «Encontrei uma grande aldeia e fiz della uma cidade moderna».

Para isso, concorreu o florescimento das finanças do Amazonas, conforme nos diz o proprio Eduardo Ribeiro: "Desde que foi inaugurado o regimen republicano neste Estado, que a sua riqueza augmenta progressivamente de um modo notavel.

De uma receita arrecadada de 2.243:270$000 em 1890 chegamos em 1895, apenas cinco annos de differença, a uma de Rs. 10.263.579$955. As receitas calculadas nos orçamentos, que tendes votado, têm sempre ficado áquem das que são arrecadadas nas repartições do Estado.

No exercicio de 1890 a receita importou em 2.243:270$000, tendo-se elevado a arrecadada a 3.570:593$123.

No de 1891 computou-se a receita em 5.138:550$000, arrecadando-se no fim do exercicio a importancia de 5.989:651$429 e assim sempre em progressão crescente têm variado as receitas arrecadadas.

Em 1894 a receita foi orçada em 6.706:700$000 e a que foi realmente arrecadada subiu a 9.623:882$645; em 1895 foi calculada a receita em 8.605:200$000, attingindo a que se realizou a elevada importancia de 10.263:579$955, sendo 5.594:084$541 do primeiro semestre (semestre isolado) e 4.669:495$414 do segundo semestre, ou primeiro do exercicio de 1895 a 1896. Vê-se, pois, que de 1892, anno em que pela segunda vez assumi o governo do Estado, até 31 de Dezembro ultimo (1895), foi recolhida ao Thesouro, como receita, a importante somma de Rs. 33.873:087$707. *Não exagero em dizer-vos que as fontes de receita deste Estado são inexgottaveis*" (Mensagem de 1.º de Março de 1895).

Dr. Eduardo G. Ribeiro (*O Pensador*)

A administração de Eduardo Ribeiro foi, por fim, muito combatida pelos Srs. Costa Azevedo e Joaquim Sarmento, que, a respeito, formularam grandes libellos em que relacionaram as propriedades adquiridas, em Manáos, por esse governador. A situação que apoiava, dirigida pelos irmãos Moreiras, proceres do partido democrata, foi-lhe retirada. Uma tentativa de deposição fracassada aos 27 de Fevereiro de 1896, patenteia bem as attitudes dos opposicionistas, attitudes até certo ponto justificadas pela referida reforma da Constituição, cujo intuito foi cassar a autonomia dos municipios onde o governo estadual precisava ter agentes directos por occasião do pleito que se ia ferir, para a successão do então governador. Assim aconteceu.

O prestigio do partido democrata era incontestavel. Feita a eleição, triumpha, na capital, o candidato deste. Escandalosamente, á vista dos votantes,a maioria das mesas eleitoraes inverte o resultado do escrutinio. Ha protestos e tumultos. O Congresso chamado *Foguetão* apura o pleito em favor do Dr. Fileto Pires Ferreira, engenheiro militar, moço ainda mas de solida cultura, não tendo, porém, radicadas sympathias no seio do eleitorado.

Administração Fileto Pires

Assumiu o governo aos 23 de Julho de 1896, com um largo e bello programma de administração, que começou a executar, constituindo os *quatro departamentos* em que agrupou as repartições publicas do Estado, cada uma chefiada por um secretario.

Um acontecimento verdadeiramente notavel e honroso para o Amazonas, foi o embarque, a 4 de Agosto de 1897, de um Batalhão de Infantaria da Policia Estadual, para auxiliar as forças expedicionarias do Governo da União, contra a ingrata campanha de Canudos, na Bahia. Era esse Batalhão composto de 249 praças de pret e 24 officiaes, sob o commando do tenente-coronel Candido José Mariano.

Dr. Fileto Pires Ferreira

Assignalou-se heroico o procedimento dos soldados amazonenses, devendo-se-lhes em grande parte, a terminação das hostilidades, que haviam já custado milhares de vidas ao Exercito Nacional.

Todas as despezas da manutenção dos briosos militares do Amazonas, tiveram seu custeio pelo mesmo Estado.

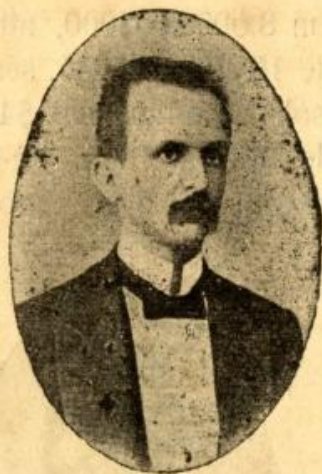
Cumpre enaltecer o criterio e a honestidade do commandante Candido Mariano, que, recebendo 40:000$000 para occorrer ás despezas eventuaes dos seus commandados, só dispendeu 14:473$000, retornando ao Thesouro amazonense o restante de que prestou contas.

Sob a administração do Dr. Fileto Pires continuou, sem alteração a vida publica ou partidaria, a vida do Estado, até as eleições que se realizaram em 30 de Dezembro de 1896, para um senador e quatro deputados federaes. Esse estado de calma, porém, ia ter sua solução de continuidade num facto, que é um triste episodio da historia local: o empastellamento do jornal "Amazonas» e a aggressão aos seus redactores, porque faziam opposição ao governo. Ficou impune o attentado.

Desde esse dia, reaccenderam-se os animos dos combatentes. A policia agiu indiscrecionariamente.

A esse tempo continuavam a crescer as rendas do Estado, a ponto da arrecadação de um semestre ser maior do que a importancia orçada para o exercicio completo do anno anterior («Mensagem» de 16 de Março de 1897, pag. 39).

Não havia compromissos de dividas passivas. E a este respeito diz o proprio Dr. Fileto: "Já vos fiz notar que o Amazonas tem a suprema fortuna de não ter dividas. Presentemente, Srs. Congressistas, são mais que lisongeiras as condições do Thezouro, e espero que ellas se accentuarão dia a dia, de modo que o Estado possa solidificar o seu credito, merecendo a mais absoluta confiança. Não temos dividas fundada ou consolidada; o nosso passivo limitava-se a dividas orçamentarias de exercicios findos; estas mesmo estão quasi todas pagas e se não estão totalmente é pela falta de apresentação de credores, não obstante as repetidas convocações feitas pelo Thezouro: (Idem, pag. 35).

A despeito de persistirem as luctas partidarias, resolve o Dr. Fileto

fazer uma viagem á Europa, obtendo, para isso, licença do Congresso, que, generosamente, lhe manda abonar uma gratificação de 500 libras sterlinas por mez, além de sua representação e subsidio, durante o tempo em que permanecesse fóra do Amazonas.

Illustrado, mas inexperiente, cheio dos roseos sonhos de sua mocidade, embarca. O mundo official, á sua partida, apresenta-lhe o seu abraço de *estima e solidariedade partidaria*. Assume o governo o coronel José Cardoso Ramalho Junior, na qualidade de vice-governador, no dia 4 de Abril de 1898.

C.el José Cardoso Ramalho Junior

Em Paris, após a folgança de um deslumbrante jantar em que foram trocados amistosos discursos, publicados depois em forma de polyanthéa, o jovem Fileto recebe, do seu amigo Joaquim Serejo, um despacho telegraphico de que algo, em Manáos, se passava a seu respeito. Trocam-se outros despachos em que o vice-governador declarava nada existir. No emtanto, uma *renuncia* do cargo de que fôra investido o Dr. Fileto é apresentada ao Congresso, que a acceita.

Sabedor desta occorrencia, regressa immediatamente e, ao chegar á Belém, protesta contra esse acto, que diz não ter praticado. Dirigindo-se á Manáos, para reassumir seu cargo, soube, em meio da viagem, que os elementos dominantes não consentiriam no seu desembarque. Regressa á Capital paraense e, d'ahi parte para o Rio de Janeiro, onde procura defender seu direito perante o então presidente da Republica, Dr. Campos Salles. Tudo baldado. A *renuncia* era um acto consummado (Vide «O Caso do Amazanas», pelo Dr. Fileto Pires Ferreira-1898).

Administração Ramalho Junior

Continuou á frente da administração o Coronel José Cardoso Ramalho Junior, até 23 de Julho de 1900, quando foi empossado no cargo de governador eleito, para o quatriennio seguinte, o Dr. Silverio José Nery. A acção governativa do primeiro foi por este considerada de prodigalidades em que se comprometteu profundamente a situação financeira do Amazonas. Para definir o momento historico trascrevemos aqui as palavras de Silverio Nery: «Em 1893, de facto, o *deficit* orçamentario, apezar da inquietação e dos gastos dos annos anteriores, fôra de 1.580:550$061, tendo descido em 1894 para 304:363$868, e em 1895, nos seis mezes de exercicios intercallados, para 197:209$780. Em 1895-1896 o balanço official accusa uma differença entre a receita e a despeza

contra o Thesouro, no total de 321:116$575, ao passo que o exercicio de 1896-1897 apresenta logo um saldo de rs. 1.419:939$694.

Não é aqui logar de apreciar o montante desse ultimo saldo, que aliás se explica, além do augmento grande da renda, pela quantidade e pelo valor dos generos, pela ordem que nos annos anteriores foram tendo, ao que dizem os algarismos citados e as obras feitas, a contabilidade publica e os gastos governamentaes. O que se descobre, entretanto, e infelizmente é que dessa data em diante, nas finanças do Estado, se opera verdadeira transformação, quiçá preparada com elementos de prosperidade mais ficticia, que real, na proporção em que se apresentava.

Foi como um desvario. Ao tempo em que apreciava a situação, escrevia o chefe do departamento das finanças, em seu relatorio: "As entradas de borracha vão sendo magnificas, as cotações da praça são explendidas e sempre com tendencia para a alta. Não ha, pois, que duvidar: a receita excederá em muito á do exercicio anterior". E o inspector do thezouro completava: «As rendas estaduaes crescem a olhos vistos. O exercicio promette legar ao futuro a mais seductora das heranças: um saldo avultado, numerosos melhoramentos e divida passiva diminuta ou nulla".

Bem certo é que essas fagueiras e phantasticas previsões transformaram-se logo, no exercicio a seguir, no *deficit* de 9.395:726$718, sem embargo de até ser de pouco mais de rs. 400:000$000 a divida passiva que esse exercicio, devido ao desiquilibrio dos anteriores, houve de liquidar. Mas, escrevia-se em documentos publicos do Thesouro: "O Amazonas foi sempre riquissimo, sempre produziu o sufficiente para todos os seus encargos. Não será por certo agora que a sua grandeza venha a fallecer».

E, então, não houve mais meças. Tamanhos foram os erros destes tempos que o seu estudo sómente servirá para mais firmar por elle a direcção radical e diametralmente opposta, que se fazia mister seguir. Tempos foram estes, ao que se palpa dos numeros—enfileirados como espectros fabulosos—da mais completa e desordenada imprevidencia governativa e de verdadeiros desvarios ou vertigens na administração e nas finanças: o orçamento — uma inutilidade, os creditos — uma valvula para os destemperos de toda a sorte, gastos improductivos—como que um programma, despezas não auctorizadas—regimen normal e, tudo, ao lado da frouxidão no apuro das rendas, o preparo da situação temerosa que aos que viessem depois ficava o trabalho de soffrer.

Por tal fórma, que a pratica inverteu, entre nós, por completo, o preceito, tão comesinho aliás, de que o imposto só é legitimo emquanto justo nos seus limites e justo no seu emprego — pelo voto do proprio povo, que o paga—em serviços ao bem publico.

Em verdade, de accordo com os dados officiaes existentes, tendo-

se arrecadado de 1896 (exercicio financeiro) a 30 de Abril de 1900 Rs. 80.142:133$721 em dinheiro, e tendo-se augmentado essa renda com a emissão de titulos no valor de Rs. 26.408:200$000, o que produz, com emprestimos a caixas de depositos, Rs. 110.458:807$447, mais que sufficiente para cobrir a uma despeza média de 27.000:000$000 annuaes, ainda assim a despeza foi, no total de 131.403:027$260, superior no dobro á que fôra orçada para esses tempos, e ainda superior, de perto de 14.000:000$000, a toda a receita arrecadada e ainda augmentada com o abuso dos depositos e dos titulos illegaes, mais vergonha e descredito, aliás, que propriamente onus para o Estado.

E se esse desequilibrio nos gastos fôra já um symptoma e um fraco e pernicioso insinuamento, mais e peior seria o estudo desses mesmos factos....

No exercicio de 1897-1898, por exemplo — o inicio dos grandes desequilibrios — com uma receita propria orçada em Rs. 9.525:600$000 e que se arrecadou num total de 20.424:100$432, a despeza realizada foi de Rs. 29.819:827$150, apezar de orçada em 11.917:040$840, e o exame desse total dispendido revelará que — sem se ter iniciado ao menos nenhum importante serviço ou melhoramento se empregaram 3.196:320$531 em obras, nestas só mereceu especial menção a continuação do Palacio de Justiça, do Novo Palacio, paredões e tanques do theatro, calçamento das ruas e obras no Gymnasio, todas, porém, no maximo de Rs. 1.800:000$000.

Mais espantará, então, saber que, por esse mesmo exercicio, em quanto o funccionalismo recebeu Rs. 3.890:000$000, só de desapropriação, em regra, sem plano nem direcção, se pagaram 1.900:000$000, que juntos a recalçamentos e indemnisações, montam a um total de Rs. 3.790:000$000, importancia igual á da verba consignada para o pagamento de todo o funccionalismo, reunida á destinada no orçamento para a execução de todas as obras materiaes.

No segundo semestre de 1898, constituindo exercicio intercallado especial, não foi outra, e melhor, a distribuição das rendas do Estado.

Rendendo o semestre, de receita propria, 7.922:193$482, da despeza orçada de 12.494:604$290, gastaram-se 10.219:629$754, abrindo-se mais creditos extraordinarios no valor de 4.256:763$129, o que faz um total de despezas de 14.476:392$883, contra uma receita de pouco mais de metade, ou, o que exprime melhor, um "deficit" de perto de 8.000 contos de reis em seis mezes. E no exercicio seguinte — 1899 — por Rs. 24.344:895$000, arrecadados em dinheiro e augmentados até Rs. 27.414:000$000 com emissão de titulos, fazia-se na despeza orçada de Rs. 26.877:857$800 a de 24.212:848$013, augmentada de creditos supplementares *pagos* no valor de 7.509:191$818 ou uma despeza total de Rs.

31.721:039$831 e um novo "deficit" de 4.500 contos em dinheiro e 3.000 em titulos.

Nesse exercicio, si os trabalhos da linha telegraphica consomem Rs. 2.889:303$000 e o calçamento 1.222:427$000, o total da verba de obras vae a 10.118:505$000 incluindo por um lado—obras do Palacio da Justiça por 722:000$000 e na estrada do Rio Branco por 622:700$000, para o começo do novo hospital por 679:000$000 e de *obras não classificadas* (conforme registro do balanço definitivo do exercicio) na espantosa somma de 2.177:000$000.

A verba de restituições e indemnisações, desse exercicio, vae a 1.883:300$000; as desapropriações a 989:697$000 e os aterros e recalçamentos a 1.396:048$000, consumindo o funccionalismo estadual, por vencimentos ordinarios, 5.863:823$532.

Como se vê, emquanto ha, na despeza, uma escala ascendente, que ultrapassa desordenadamente o movimento progressivo das rendas, nenhuma medida tomada existe para contrabalançar os "deficits" que todos os annos fecham os balanças do ultimo quatriennio, ou premunir o Estado, na eventualidade previsivel e infelizmente verificada, do desequilibrio no mercado do nosso primeiro genero, a principal e unica fonte de riqueza publica, infelizmente o devemos reconhecer.

Nos quatro primeiros mezes de 1900, sem embargo de estar a findar o quatriennio, os compromissos do Estado augmentaram então como nunca.

Por uma fabulosa receita propria, effectivamente arrecadada, de 13.031:819$076 (de Janeiro a Abril) a despeza foi de 28.424:129$564, que por si só dispensa qualquer commentario.

E toda essa situação —determinada pelo abuso das despezas não auctorizadas, dos creditos extraordinarios sem fundamento legal, de accordos illegaes e sem causa juridica, dos gastos sem ordem em assumptos com que nada tinha o Estado, que só em passagens a particulares —por conta do Thezouro—gastou de 1897 a 1900, 875:604$774 que foram pagos, alem de dividas existentes dessa origem, para com o *Lloyd*, a *Companhia Maranhense*, a *Ligure Braziliana* e outras—o que faz elevar as *passagens do Estado* concedidas, no quatriennio anterior, a mais de mil e quinhentos contos de reis!

E, então, ao receber o governo a 23 de Julho, o legado que encontrei no Thesouro foi o debito de 33.118:524$524 por titulos de todo o genero, desde o serviço de modestos operarios, que exclusivamente do seu trabalho vivem, e o gasto illegal e criminoso dos Depositos, até a emissão de titulos, resgataveis immediatamente em pagamento de impostos, uma quantia superior a toda a receita completa de um exercicio prospero.

Para enfrentar essa situação, solvendo os compromissos do Es-

tado e attendendo-lhe os serviços organizados indispensaveis, como elementos de receita, recebi, nos cofres do Thesouro, o saldo em caixa de 953$550 em dinheiro e mais a receita, a cobrar no semestre, que estava em começo, e da qual se apuraram 6.222:036$057». (Mensagem de 10 de Julho de 1901, pag. 58 e seg.).

Na Mensagem de igual data, do anno seguinte, o Dr. Silverio Nery, accrescenta: « Tendo sido verificado em Agosto de 1900 o debito do Thesouro da importancia de 34.605:264$344, posteriormente, o reconhecimento dos exercicios findos no total de 7.499:555$843 fez com que nos primeiros seis mezes de governo eu tivesse um debito real de 42.104:820$187 para cuja erecção em nada concorreu a minha administração e que destinado a pagal-o encontrou nos cofres do Thesouro 953$550 em dinheiro e a receita semestral, a cobrar e ao fim apurada no total de 6.222:036$057 ». (Mensagem cit., pag. 64).

A administração do coronel José Cardoso Ramalho Junior é acoimada de perdularia, pois que, tendo encontrado o Amazonas sem compromissos, sem dividas, interna ou externa, (conforme declaração do governo Fileto Pires Ferreira), deixa-o com um enorme passivo, apesar das rendas se terem elevado prodigiosamente, como em 1899, cuja receita fôra orçada em 14.000 contos, approximadamente, attingindo a arrecadada em mais de 24.000!

É preciso, todavia, notar que foi na sua administração que teve inicio a revolução do Acre, motivada pela occupação do territorio nacional por forças bolivianas, que alli fundaram, tendo á frente o ministro José Paravicini, a alfandega de Puerto Alonso.

O governo do Amazonas teve de auxiliar aos revolucionarios com importancia superior a 1.200 contos de reis, para que a causa do Brasil, com a morosidade das providencias da União, não viesse a perder.

Foi ao tempo desse governador que a questão de limites com Matto Grosso teve uma solução satisfactoria para ambos os Estados. Não se esqueça tambem o seu gesto de energia, protestando contra o acto arbitrario da canhoneira norte-americana *Wilmington* haver subido as aguas do Amazonas, até Tabatinga, sem licença do Governo Federal.

Fique patente ainda que fez concluir varias obras sumptuosas, como o Palacio da Justiça, o Theatro, etc., fazendo-lhes uma luxuosa ornamentação e dotando-os de ricos mobiliarios. A construcção de tres vastos grupos escolares, na capital, e varios outros melhoramentos, que lhe attenuam o conceito de administrador perdulario.

Administração Silverio Nery

Conforme já dissemos, assumiu as redeas do governo amazonense, em 23 de Julho de 1900, o Dr. Silverio José Nery, eleito para o quatriennio seguinte. Por motivo de molestia, deixou a administração a 2 de Dezembro de 1903 a 2 de Abril de 1904, assumindo-a monsenhor Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, na qualidade de vice-governador.

Dr. Silverio José Nery

Começou Silverio Nery por annullar varios contractos firmados na vigencia do seu antecessor considerados lesivos ao Estado, no valor de 13.798:200$000, bem assim fez declarar insubsistentes varias nomeações de magistrados julgados contrarios á lei. Mandou apurar as responsabilidades financeiras do Erario publico, achando um acervo, como atraz ficou transcripto, no valor de . . . . . 42.104:820$187. Fez reorganizar a administração extinguindo os *departamentos* e restabelecendo o serviço publico pelo systema das antigas Repartições. Todos os ramos de tal serviço foram reformados, no intuito de simplificar suas normas e reduzir as despezas do Estado.

Durante o anno de 1901, grande foi a entrada de «retirantes» cearenses no Amazonas, já accossados pela secca do Nordeste, já attrahidos pelos vantajosos preços da borracha. Com esse elemento demographico, desenvolve-se a «Colonia Pedro Borges», em S. José do Amatary, custeada pelo governo amazonense. Inauguram-se, no mesmo anno (26 de Maio) a «Secção de Numismatica» annexa á Imprensa Official, a mais bella e valiosa collecção do Brasil; o "Laboratorio de Analyses chimicas, bromatologicas e toxicologicas", alem de novas linhas de navegação para varios pontos do interior, auxiliadas com a quantia de 1.936:000$000 annuaes.

Adquire-se o «Aviso Cidade de Manáos», para fazer o serviço de policia e fiscalização das rendas do Estado. Data dessa occasião a obrigatoriedade do beneficiamento da borracha, medida de grande alcance economico, em defesa dos interesses da Fazenda. Os protestos que provocou, por parte dos prejudicados, foram contrapostos pelas razões e justos augmentos da mesma Fazenda. O commercio exportador, como consequencia, affluiu para Manáos afim de attender á essa providencia do fisco estadual.

Para consolidar a enorme divida fluctuante, o governo faz emissão

de apolices-papel ao portador, no valor de 25.000 contos de réis, ao juro de 7 %, e resgataveis em dez annos.

Para livrar o Estado dos encargos resultantes das emprezas "Manáos Railway & C.a" e "Electric Light Plant", que exploravam, desde 1898, os serviços de viação urbana, bombeamento d'agua, illuminação publica e particular, pesando no orçamento annual com cerca de 800 contos, o governo compra os direitos aos materiaes e rescinde os respectivos contractos, para o que contrahe um emprestimo, em New York, no valor de £ 1.500.000. Pela forma porque se fizeram esses contractos, o Estado ficava preso á obrigação de, no caso de querer rescindil-os, pagar aos contractantes o seu valor em dollar cotado a 7$000, *qualquer que fosse o cambio.*

Grande celeuma levantou, no seio da opposição representada pelo jornal *Quo Vadis?*, o pedido de auctorização para cobrar em especie, obrigatoriamente, o imposto sobre borracha, que fosse exportada. Foi julgado improcedente esse meio, que vinha derruir a funcção chrematistica da moeda legal e pôr o Estado, nas contingencias das especulações commerciaes. Protestos judiciarios e particulares provocou o acto do governo, reduzindo pela conversão a ouro, de 7 % para 5 %, os juros e augmentando de 10 para 30 annos o resgate de apolices, que havia antes emittido.

O governo, por falta de pagamento, procurou depreciar os seus proprios titulos, no intuito que, em parte, conseguiu, de entrar no mercado comprando-os e resgatando-os por menos do seu valor official. Muitos dos portadores, porem, não cederam e vieram receber, mediante protesto judiciario, o valor real das suas apolices. («Discurso» do Senador Jonathas Pedrosa, Annaes do Senado Federal, de 1913, vol. I, pag. 61).

A creação do *Banco Amazonense*, que a ironia popular chamara do Tostão, subvencionado com 100 e 80 réis por kilogramma de borracha e sernamby exportados do Estado, sob o pretexto de auxilio aos remettentes do interior, foi outro motivo de vozes, que se levantaram no seio do Congresso e da Imprensa.

Em 1902, assignala-se a subida do cruzador allemão « Falke», que visitou Manáos e seguiu Solimões acima até Tabatinga.

Inicia-se, neste anno, a linha de navegação allemã, de Hamburgo á capital amazonense, abrindo ao commercio uma nova etapa de prosperidade.

Agita-se a questão de limites entre o Pará e o Amazonas, que para a dirimir, nomeia uma Commissão de technicos afim de estudar a hydrographia da verdadeira foz do Nhamundá. Essa commissão alli esteve. O Estado fez compra de instrumentos de observações, que foram depois restituidos.

Em 1903, installa-se, em Manáos, um Gabinete Anthropometrico e reparam-se os edificios publicos. A receita foi orçada, para este anno, em 14.465:000$000 e a arrecadação attingiu a 18.290:066$556.

Em 1904, o Estado concorre á Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos do Norte) e recebe a visita de monsenhor Julio Tonti, Arcebispo de Ancyra, que, no caracter de Nuncio ou Embaixador da Santa Sé, perlustra o Brasil.

Durante o governo do Dr. Silverio Nery, os funccionarios publicos tiveram sempre seus vencimentos pagos em dia, bem assim grande parte de outros compromissos do Estado.

Ao lado de tantas medidas de moralidade e progresso, a critica do partidarismo contrario exproba o arrendamento do « Trapiche 15 de Novembro », a emissão de apolices e outros factos de menor vulto.

Ao findar seu quatriennio, a divida publica, com o favor do augmento das rendas e com os grandes córtes nos contractos leoninos, teve sensivel reducção, como se póde vêr das seguintes palavras e algarismos colhidos da Mensagem de 10 de Julho de 1904: « Os differentes Caixas do Thesouro, em 30 de Junho, accusavam as seguintes cifras:

Geral	495:838$336
Depositos e cauções	567:397$845
Monte-pio	27:944$107
Juros e amortisações de apolices. .	37:500$053
Rs. . . .	1.128:680$341

em moeda e mais 204:414$900 em valores ou seja um total de Rs. 1.333:095$241.

Taes algarismos fallam bem alto a favor de uma administração que encontrando em 23 de Julho de 1900 um conjuncto de compromissos no valor de 33.088:524$524, deixa-o reduzido a 18.085:300$000. Si excluirmos ainda dessa cifra a importancia de 9.971:200$000 por quanto foram adquiridos todos os serviços electricos, acquisição que, como já vos disse, constitue a mais bella operação financeira do meu governo e cuja reproductividade já começou a se fazer sentir, segue-se que a divida proveniente desse conjucto de compromissos a que me referi está reduzido a 8.114:100$000.

Foi na administração do Dr. Silverio Nery, pelo Tratado de Petropolis, de 17 de Novembro de 1903, que o Territorio do Acre foi arrancado ao Amazonas, com grave prejuizo para as suas rendas e em exclusivo beneficio da União, que alli quasi nada tem realizado, até hoje, em troca de milhares de contos de reis cobrados de impostos, alem de haver deixado uma população de cerca de 95.000 hab. privada das regalias politicas asseguradas pela Constituição Federal a todos os brasileiros.

Administração Constantino Nery

O Dr. Antonio Constantino Nery assumiu o governo amazonense aos 23 de Julho de 1904. Na sua Mensagem lida ao Congresso Legislativo, em sessão extraordinaria de 15 de Abril do anno seguinte, demonstra a situação do Thesouro, declarando que a divida consolidada era:

Apolices papel (emissão de 1900 e 1901)	9.101:756$250
Apolices ouro (emprestimo newyorkino, 1902.	12.598:800$000
Total	21.700:556$250
Divida fluctuante de varios exercicios e indemnisações aos caixas do Thesouro . .	4.311:095$214
Total.	26.011:651$464

Tal, se evidencia, era a situação financeira do Estado; todavia melhor que a de 23 de Julho de 1900.

O novo administrador pensou logo em contrahir um emprestimo, para converter aquella herança do seu governo em outra que poderia ser mais pesada, como adiante veremos.

Pediu e obteve do congresso a transferencia do imposto de *industria* e *profissão,* que estava sendo auferido pelos municipios, para offerecer o seu resultado como uma das garantias da operação financeira em espectativa. Muitas obras começaram a ser effectuadas e continuadas outras. Escavações e aterros por toda a parte de Manáos e seus arredores. Construem-se a Penitenciaria, a Bibliotheca Publica, as dependencias do Palacio do Governo e a Avenida Constantino Nery. Varios edificios ficam a concluir. Muros de arrimo fizeram-se em diversos terrenos particulares, por conta do Thesouro. Por toda a parte o governo tinha obras realizadas de afogadilho, numa epoca em que o governador se queixava da desannexação do Acre e, consequentemente, do decrescimo dos reditos estaduaes. Contractos, concessões e alienações, sobre os bens publicos, não consultaram as conveniencias do futuro. Os custos das referidas obras, como se pode ver dos balanços do Thezouro, eram phantasticas. Renascêra o regimen de 1898 a 1899. O iniciado serviço de estatisfica territorial, aliás de grande necessidade, não foi adiante. Campeiou o desinteresse pela sorte do Estado, não obstante se terem reformado quasi todos os departamentos da administração.

Em 1906, o Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, eleito e reconhecido presidente da Republica, hospedára-se, por alguns dias, em Manáos, e declarara que esta cidade era uma «revelação» a que espiritos optimistas traduziram — uma revelação da Republica.

O illustre estadista fôra recebido sem festas, visto estar de lucto pelo fallecimento recente de um seu irmão. No entanto, apparecem, no Thesouro, contas, que foram immediatamente pagas, no valor de 285:500$000, de *festas* ao notavel brasileiro, inclusive uma conta de 27:357$840 (ordem de pagamento de 20 de Setembro de 1906), de bebidas fornecidas a um baile que tambem não se effectuou. O Amazonas, então, repetia uma das mais tristes paginas do tempo de Roma, quando a dissolução administrativa avassalou o Imperio dos Cesares.

Dr. Antonio Constantino Nery

O Governo da União por outro lado procurava desconsiderar o Estado, cerceando-lhe sua autonomia e praticando actos de represalia. Disto se queixa o proprio governador amazonense, nas seguintes palavras: « Elle zomba de nossa autonomia, forcejando por submetter o Estado ao arbitrio de funccionarios federaes, dissimula, sob as mais especiosas razões, o caracter extorcionario do seu procedimento, abala o nosso credito, priva-nos de uma bella parte de nossas rendas e, precisamente, quando pesam sobre nós graves compromissos que nos exhaurem, parece-lhe que a contribuição a que nos força é apenas a vertedura dos nossos cofres, o sepilho inutil na meada confusa das nossas finanças.

E' justo; estamos como que desalliados da União; no entanto, nunca nenhum Estado poude manifestar-se mais solemnemente do que o Amazonas o seu respeito pela soberania da Republica e pela autonomia dos Estados; nenhum pode affirmar de modo mais incontestavel o seu devotamento ao bem commum. Nenhum excedeu jamais o desinteresse e cavalheirismo com que nos havemos sempre. Mas — é preciso corrigir os excessos do Amazonas, conserval-o sob tutella, humilhal-o, estinhar o seu erario; porque se veja dentro de limites intransponiveis: — eis o ensalmo com que a União nos pretende curar, perdendo de memoria que, por seu respeito, temos ensartado muitas addições no rosario das nossas prodigalidades « (Mensagem de 15 de Abril de 1905, pag. 7.)

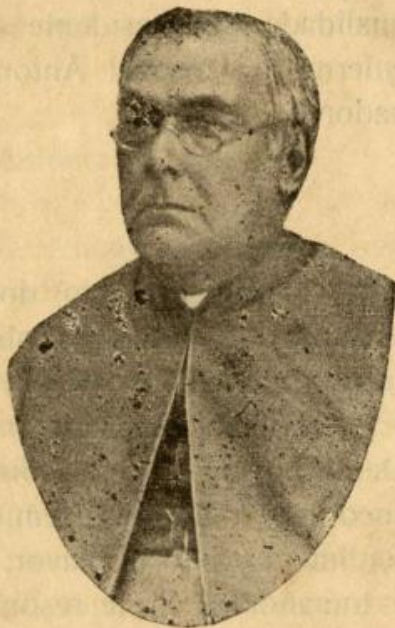
Foi nesse tempo que o contrabando do Acre se fazia com ostentação. Navios carregados de borracha amazonense desciam para Belem, não consentindo a fiscalização. E o governo do Estado não pôde reagir.

Nesse anno fatidico para o futuro desta terra, realiza-se o celebre emprestimo tomado á «Societé Marsellaise», no valor de 80.000.000 de francos, resgatavel em 50 annos, ou sejam 50.000 mil contos de réis dos

quaes nenhum real entrou para os cofres do Amazonas. Foi uma operação desastradissima, de leso-patriotismo.

Nos annaes das transacções financeiras não ha simile. Os liames com que enredou o Estado, num contracto em que se dá privilegio ao fôro francez, para o julgamento de qualquer pendencia, são de tal sorte potentes que não se achou ainda um meio de retirar o Amazonas do centro dessa meada de aço.

Mon.or Benedicto da Fonseca Coutinho

"O emprestimo externo do Estado do Amazonas de 1906, representa o *onus mais escandaloso que um estado poderia contrahir*, segundo a expressão textual de financeiros autorizados e do proprio "Office National des Valeurs Mobiliers». O escandalo não provem nem do Governo de então nem dos seus representantes, bem que estes não se mostrassem á altura de sua delicada missão. A' cubiça dos seus intermediarios e á manifesta má fé da administração bancaria que lançou o emprestimo, devemos attribuir *esse contracto leonino e immoral* de 23 de Maio, que o Estado não póde romper agora senão por meio violento. E' indubitavel que aquella administração procurou acorrentar o Amazonas a seus insaciaveis interesses; mas os que lhe herdaram o espolio encontram hoje difficuldades consequentes dessa má fé» (Dr. J. Rodrigues Vieira. "Relatorio», pag. 32).

Si escandaloso foi o modo porque se effectuou essa operação, impondo ao Amazonas condições vexatorias, de que são culpados os delegados do Estado, não menos escandalosa foi tambem a applicação do producto desse emprestimo. Pagaram-se credores ficticios, entre outros á «Amazon Steam Navigation Company Limited», que recebeu 7.520.550 francos ou 4.597 contos de réis; ao «Banco Amazonense» (o referido Banco do Tostão) 5.724.900 francos ou 3.700 contos de réis, etc., etc. (Bernardino Valle, Inspector do Thezouro, "Relatorio» do exercicio de 1916, pag. 20).

O emprestimo de 1916, escravisando o Amazonas á "Societé Marsellaise», durante meio seculo, sem o minimo proveito financeiro, foi o maior crime que se tem commettido contra seu credito, contra a sua dignidade politica, contra o seu futuro e, ainda mais, contra a soberania economica do Brasil.

A fundação de estabelecimentos de ensino, realizada neste quatriennio, a construcção de edificios publicos, embora por preços

fabulosos, a paz que o Estado desfructou durante esse tempo, o serviço de saneamento de Manáos e todos os mais beneficios de ordem social, que se possam apontar desse momento historico, ficam eclipsados na sombra espessa e lugubre dessa transacção leonina e machiavelica.

Allegando motivo de molestia, deixa o Dr. Constantino o poder em Julho de 1907, assumindo-o o Coronel Affonso de Carvalho, na qualidade de presidente do Congresso Legislativo, visto declarar-se enfermo o Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, vice-governador do Estado.

Administração Affonso de Carvalho

O primeiro acto do novo governador foi mandar suspender a execução de todas as obras em andamento e verificar o estado dos cofres publicos.

Na sua mensagem apresentada ao Congresso, no dia 28 de Dezembro desse anno, diz: «Custa-me dizel-o, Srs. representantes, mas encontrei o Thesouro em condições nada lisongeiras. O meu primeiro sentimento foi o de pavor; mas encarando com energia as difficuldades e tomando a firme resolução de fazer largos córtes no que me fosse licito, reiterei logo as ordens que havia dado ao Sr. inspector do Thesouro de não effectuar pagamentos que não fossem directa e immediatamente auctorisados. Como sabeis, do funccionalismo é que depende a bôa ou má administração dos publicos negocios. Esse funccionalismo encontrei-o bastante atrazado nos seus vencimentos. Para com elles a divida do Estado subia a mais de quatro mil contos. Impossivel era, pois, ao Governo fazer marchar regularmente os negocios por um corpo de auxiliares que nem siquer, tinham o necessario para prover a sua subsistencia.

Como si tudo isso não bastasse para se antolhar um futuro nada risonho, para a vida do Estado, uma divida passiva de 32.171:869$108, vem ainda carregar de negras côres o nosso horizonte economico, sem contar já a consolidada, do emprestimo de 50.000:000$000 ouro, juros de 5 %.

Um dos primeiros actos do coronel Affonso de Carvalho, foi tambem o de mandar entregar ao Dr. Constantino Nery a quantia de 100:000$000, *como ajuda de custo para sua viagem de recreio á Europa,* isto sem auctorização legislativa, nem verba orçamentaria.

O Thesouro cessou de receber outros ataques. Mas o governo não respeita os contractos das emprezas que exploravam o Mercado, o Matadouro e os Serviços electricos do Estado. Rescinde-os sem forma de processo, para entregar estes ultimos a novos contractantes. Como resultado, a Fazenda Publica, mais tarde, foi condemnada a pagar aos

prejudicados a quantia de 3.800 contos pelos serviços electricos e a restituir o Mercado e o Matadouro, além de fórte indemnização em dinheiro.

Verdade seja dita que a divida publica, não obstante esses factos, decresceu durante sua gestão e o funccionalismo passou a receber seus vencimentos, até final quatriennio, aos 23 de Julho de 1908. Para o quatriennio seguinte, tomou posse, nesse dia, o coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt.

Administração Antonio Bittencourt

A preoccupação deste governador foi reduzir as despezas, sem prejuizo das necessidades occorrentes do Estado. Nesse sentido, reformou os serviços publicos. Cuidou seriamente da hygiene e da instrucção popular, extinguindo a velha norma das funcções ficticias e pesadas ao Thesouro. Pugnou pela restauração da autonomia dos Municipios, sendo esse o objecto da convocação do Congresso Legislativo, em 5 de Fevereiro de 1910. Na Mensagem que leu, nesse dia, perante aquelle poder, disse: "Bem conheceis, Srs. Representantes, a triste e degradante historia da reforma constitucional de 1895. Os seus antecedentes e consequencias são de dolorosas recordações: o esbandalhamento da organização patriotica de 1892, e, com elle, a postergação dos direitos, a invasão dos poderes, a mystificação da actividade politica e economica, a origem remota dessa situação afflictiva em que se encontram o Estado e o Municipio.

C.el Antonio C. Ribeiro Bittencourt

Nascida de uma politica de intolerancia e absorpção, alentada por meia duzia de partidarios pouco escrupulosos, recebeu o baptismo da fraude, pelo reconhecimento dos que não foram eleitos do Povo e que formaram o celebre Congresso de 1895, que a ironia popular immortalisou sob a denominação de *Congresso Foguetão*».

Dias depois de solicitar esta medida, precisou o Coronel Bittencourt deixar, por momentos, o governo, transferindo-o ao vice-governador Dr. Sá Peixoto, que, então, apresenta ao Poder Legislativo o plano da reforma constitucional.

Adoptaram-se medidas liberaes, assecuratorias do regimen estabelecido pelo Pacto Fundamental da Republica. Entre outras providencias

tomadas, firmou-se que os quatriennios governamentaes não mais começassem em 23 de Julho, mas em 1.º de Janeiro de cada periodo, afim de que os annos financeiros fossem completos, para cada governador.

Para regularizar essa disposição, foi prorogado o mandato das duas primeiras auctoridades do Estado, por mais cinco mezes e nove dias.

O Amazonas não acceitava a orientação partidaria do general Pinheiro Machado, o poderoso caudilho e arbitro da politica nacional. Não mais cessaram os actos de represalia urdidos á sombra, sendo o mais notavel o vandalico bombardeio de Manáos, aos 8 de Outubro de 1910, executado por forças federaes de terra e mar.

Na triste madrugada desse dia, a cidade fôra despertada, de surpreza, pelas granadas que partiam dos navios de guerra surtos no porto e das que vinham do quartel do 46.º Batalhão de Infantaria. Uma intimação verbal feita em nome do Governo da Republica foi então mandada ao governador, que exigiu-lh'a dessem por escripto. Os bombardeadores hesitaram a principio, mas vendo o proposito da resistencia, para que havia elementos de sobra, acabaram por attender.

O panico estava lançado nos quatro cantos da cidade, motivado pelo sacrificio de muitas vidas e damnos materiaes.

O coronel Bittencourt cede, a pedido dos Consules e da Associação Commercial. Embarca immediatamente para Belem, onde, fóra do theatro dos acontecimentos, podesse melhor fazer valido o seu protesto e defender o seu direito. O attentado, que se acabava de praticar, contra uma cidade inerme e contra um governo legalmente constituido, produziu alarme em todo Paiz.

Protestos de toda a parte, «meetings» nas ruas da capital federal, um *habeas-corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal, em favor do governador deposto, determinaram a sua reposição, que se effectuou aos 31 de Outubro desse anno, havendo sido retirados do poder os intrusos, no dia 28 desse mez, por um levante popular auxiliado pela força de Policia.

Os inimigos do governo do coronel Bittencourt, continuando apoiados pelo prestigio partidario do alludido general Pinheiro Machado, ficaram alertas, promptos para outra sortida. E assim aconteceu.

Oito dias antes de expirar o mandato do governador, trama-se, no Quartel de Policia, a sua nova deposição realizada por alguns officiaes, que se deixaram influenciar pelos conspiradores, apezar de viverem, até á vespera, a protestar solidariedade e estima ao coronel Bittencourt.

Nestes breves traços historicos calcados em documentos publicos e na verdade insophismavel dos factos, não é demais que digamos o

que foi a administração desse governador, sob o ponto de vista financeiro, escôpo da sua preoccupação.

Servimo-nos, para isso, das palavras do Snr. Cyriaco Alves Muniz, funccionario da Fazenda estadual, publicadas no jornal «O Norte», de Janeiro de 1913.

«Ao tomar posse do governo do Estado, a 23 de Julho de 1908, o Snr. coronel Antonio Bittencourt encontrou, segundo os documentos existentes no Thesouro, uma divida fluctuante de 27.878:030$167, verificada ao encerrar-se o exercicio de 1907.

Para satisfazer ao pagamento desta divida, S. Ex.ª encontrou no cofre do Thesouro a insignificante quantia de 34:809$746, que era o saldo demonstrado pela escripturação do Caixa Geral.»

O Snr. Muniz, em uma série de artigos, que se acham reproduzidos em um opusculo, demonstra a discriminação da receita e da despeza desse quatriennio, chegando á conclusão de que, dos 28.494:769$257 que o Thesouro arrecadou, para a liquidação de Despezas Diversas, sob a gestão Bittencourt, pagou, em dinheiro, de *exercicios findos anteriores ao seu governo,* a importante somma de 12.007:019$071, inclusive 784:968$083 pagos durante os vinte e oito dias em que o governo estivera empolgado pelos bombardeadores de Manáos.

«Dos documentos annexos á exposição apresentada ao Ex.mo Snr. Governador do Estado pelo Dr. Sá Peixoto, se verifica ter sido de 1.227:279$344 a importancia dos vencimentos do funccionalismo, que estava em atrazo a 31 de Dezembro ultimo relativo ao exercicio de 1912. Para occorrer ao pagamento desta divida, havia em cofre, no dia 1.º de Janeiro, proveniente da arrecadação do referido exercicio, a quantia de 788:301$786. Esta importancia sommada com a de 119:777$623 verificada no cofre do Thesoureiro do Thesouro Lobato de Faria, no dia 2 deste mez (Janeiro de 1913), tambem de receita do exercicio de 1912, e com as que ainda devem entrar das estações arrecadadoras do interior, dentro do periodo addicional, *deve chegar para cobrir a referida divida* ou deixal-a reduzida a uma pequena quantia...» São palavras do Snr. Muniz.

O governador Bittencourt emittiu apolices papel no valor de 13.921:500$000, para consolidar parte da divida fluctuante anterior á sua administração, ficando esta reduzida a 10.247:579$846.

Os pequenos atrazos verificados e pertencentes exclusivamente ao seu periodo governamental, provem de 1912, pois que a receita do Estado fora orçada em 16.011:000$000 e a effectuada attingiu apenas a 12.907:445$477.

A divida global, do referido quatriennio, não foi superior a dois mil contos, que desapparecem, attendendo aos saldos acima citados existentes no Thesouro, em 1.º de Janeiro de 1913 e o deposito no London

Bank, da quantia de 1.114:000$000, destinada, pelo governo Bittencourt, ao pagamento adiantado para integralisar o emprestimo supplementar de 2.000 contos de réis da «Societé Marsellaise», tomado em 1906.

Deante do que fica exposto, infere-se que a situação financeira do Amazonas, durante esse tempo, melhorara consideravelmente, attendendo-se ainda que nenhum contracto lesivo ao Estado e nenhuma demissão injusta de funccionario publico se praticára, que viesse merecer reparações futuras.

E si em melhores condições não ficou o Thesouro, deve isso ao Governo Federal, unico responsavel pelos bombardeios e deposições de que foram tambem victimas, por essa epoca, a Bahia, Pernambuco e o Ceará...

Administração Jonathas Pedrosa

A 1.º de Janeiro de 1913, assumiu o governo o Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa. Porque fosse eleito de accordo com a politica do marechal Hermes da Fonseca, então Presidente da Republica, declarou que trouxéra, para o Amazonas, o *ramo de oliveira*, symbolo da paz e da concordia que deveria existir, dahi por diante, entre a politica do Estado e da União. Tal porém, não aconteceu no seio da familia amazonense, como veremos adiante.

Um dos primeiros actos do governador foi mandar abrir inquerito sobre os acontecimentos de 22 de Dezembro do anno anterior, os quaes haviam afastado violentamente do poder o seu antecessor. Uma Commissão de homens serios e alheios ao partidarismo local é nomeada, para esse fim. Apura-se que a sedição militar, desse dia, envolve amigos e, até, pessoas intimas do Dr. Pedrosa. Todo o processo é guardado, para effeito da impunidade dos culpados. Os officiaes trahidores não tiveram o castigo que mereciam, esquecido ficou o governo do perigo que corre a mão, que acarecia a vibora. Actos, que desgostam ao vice-governador e seus partidarios, são postos em pratica, nos primeiros dias do governo. Foi quanto bastou para que a paz fosse logo perturbada. Fervilham boatos de que o Batalhão de Policia, que contava em seu seio os transgressores de 22 de Dezembro, ia depor o governador. Um decreto dissolve esse Batalhão, sendo organizado outro em que são aproveitados os elementos tidos como insuspeitos. Todavia, o germen da indisciplina persistia inoculado naquella força militar. Tanto assim que, a 15 de Junho rebenta, dentro do respectivo quartel, uma sanguinolenta mashorca, que põe em sobresalto a população de Manáos.

A essa triste occorrencia se refere o governador: "Os inimigos da paz e da ordem, cançados das ameaças constantes a este governo, abu-

sando desta ampla tolerancia, puzeram em pratica suas sinistras urdidoras transformando o Quartel do Batalhão de Segurança em um reducto de sua politicagem mesquinha e excessiva perversidade, e, assim, desorientando o soldado ignorante e credulo com promessas enganosas, pol-o ao seu serviço criminoso, subvertendo a ordem publica. Submissa uma parte da força, que se conservava fiel a este Governo, os revoltosos dominaram o Quartel. Estabeleceu-se então o panico em toda a cidade.

Os sediciosos sahiram á rua, e, guiados por baixos instrumentos de politicagem arruaceira, empastellaram varios orgãos de publicidade desta capital, dirigindo-se ao escriptorio da *Manáos Improvements*, onde commetteram actos de verdadeira selvageria.

Para minha garantia pessoal, recolhi-me com toda minha familia ao Quartel General desta Região, de onde solicitei o auxilio do honrado Presidente da Republica, que promptamente m'o prestou... (Mensagem de 10 de Julho de 1913, pag. 6).

Affirma-se, todavia, que o movel desta rebellião, não foi somente o partidarismo local, mas a tentativa de execução de uma ordem do Governo, para garantir, com cincoenta praças de pret, o córte da derivação d'agua a todas as casas cujos inquilinos estivessem em atrazo do seu pagamento á citada *Manáos Improvements* e não satisfizessem os depositos, para garantia do consumo d'agua.

O movimento sedicioso é jugulado pela infantaria federal, que bombardeia o quartel de policia. Poucas mortes e alguns ferimentos resultaram, graças a debandada que os primeiros tiros de canhão produziram. Innumeras prisões se effectuam; castigos inquisitoriaes são impostos ás victimas do fracasso, além da deportação de mais de 400 homens.

O vice-governador do Estado, coronel Antonio Guerreiro Antony, apontado como responsavel por aquella revolução, é perseguido, sua residencia varejada pela policia. Mas, consegue homiziar-se, por mais de um mez, a bordo de um navio da marinha nacional.

O coronel Antonio Bittencourt, ex-governador, um ancião maior de 60 annos e que mandára fazer a eleição do Dr. Pedrosa, é indevidamente acenado como cumplice e, como tal, esbordoado em plena rua. Na casa de Detenção, muitas das victimas, antes de serem deportadas do Estado, eram surradas atrozmente. O ramo de oliveira, de que fallára o governador, transformara-se em forte azurraque. Isto, quanto ao lado material.

Quanto ao politico, tratou-se immediatamente de reformar a Constituição, para, entre outros intuitos, destituir o vice-governador, extinguindo o cargo para que fôra eleito, por quatro annos. Extinguiu-se tambem o Senado, cuja maioria era de opposicionistas. Ficou dissolvido o Congresso Legislativo, para que o Governo podesse mandar

eleger outros deputados mais doceis ás injuncções do momento. No entanto, a Constituição que tinha sido reformada em 1910 e que ia soffrer o golpe da intolerancia, dizia em seu artigo 68: « A Constituição só poderá ser reformada de *20 em 20 annos* pela seguinte forma: 1.º—Por iniciativa do Congresso; 2.º—Por proposta do chefe do Poder Executivo; 3.º—Por petição da maioria das Intendencias Municipaes ou por dois terços do eleitorado do Estado ». Não obstante tal disposição, que existia já e foi respeitada no Pacto de 1895, reforma-se a referida Constituição. Varios Accordãos (nada menos de oito) proferidos pelo Superior Tribunal de Justiça do Estado, declaram nulla essa reforma, que attingiria tambem o Poder Judiciario, se não fosse o "habeas-corpus" impetrado ao Supremo Tribunal, a favor dos desembargadores amazonenses, pelo egregio brasileiro Dr. Ruy Barbosa.

Mas, a obra da dictadura partidaria triumphou e a Constituição de 20 de Outubro de 1913 foi promulgada.

D'ahi por diante, não mais cessaram, até o fim do quatriennio, as luctas, os boatos alarmantes, as revoluções, as represalias...

Com o começo da crise economica, que avassalou o Estado, houve diminuição das rendas, provocando os desiquilibrios orçamentarios.

O funccionalismo publico passou longos mezes sem receber suas remunerações. Por motivo de um acto de indisciplina, manda-se fechar o Gymnasio Amazonense, por mais de oito mezes. O governo extingue mais de cem escolas primarias, sob pretexto de falta de frequencia. Manda extinguir o Instituto Affonso Penna e aproveita o seu edificio para a Penitenciaria de Paricatuba. Apodera-se violentamente da « Manáos Improvements », empreza extrangeira que explorava os Serviços de Aguas e Exgottos da capital, dando mais tarde, em resultado uma indemnização de 7.500 contos de reis, em apolices.

Em consequencia de atrasos de pagamentos á « Sociedade Marsellaise », obtem-se, em 1915, um emprestimo de consolidação (funding), no valor de 20.500.000 francos ou 14.965:000$000, prorogação do contracto de 50 para 60 annos.

O Dr. Jonathas Pedrosa terminou o seu mandato entregando-o, no dia 1.º de Janeiro de 1917, ao Dr. Pedro de Alcantara Bacellar, eleito para o quatriennio seguinte. Foi esse ainda um dia fatidico para Manáos, pois, rebentára uma rebellião com o fim de evitar a posse do novo governador.

A força policial, para dominar os sediciosos, bombardeiou e arrazou a casa de residencia do Cel. Guerreiro Antony, havendo muitas mortes e ferimentos, sem outras consequencias devido a tolerancia do novo governador, que entrára sem ódios, nem propositos de vinganças.

O Dr. Pedro Bacellar, no dia de sua posse, encontrou o Thesouro, na seguinte situação:

Divida fundada. . .	Interna	24.399:500$000
	Externa	76.427:485$000
Divida fluctuante		20.347:195$265
	Total	121.174:680$265

(Bernardino Valle, Inspector do Thesouro, "Relatorio do exercicio de 1916", pag. 18).

Administração Alcantara Bacellar

A administração Bacellar foi uma solução de continuidade ás desharmonias politicas, que abalaram o espirito publico, durante quatro annos. Seu governo nascera inspirado no proposito de acertar, não obstante ser um *producto do accaso,* como elle proprio declarára em manifesto politico.

Dr. Pedro de Alcantara Bacellar

Penalisado da situação do funccionalismo, que não era pago, resolve cumprir esse dever do Estado, satisfazendo-o plenamente, cabalmente, com a mesma renda anterior. Mas, esse beneficio durou apenas um anno, não só porque a arrecadação do Erario decresceu sensivelmente como ainda porque começaram os pagamentos de exercicios findos e outros gastos, como a compra do actual Palacio Rio Negro, em Manáos, para installação do Governador. Se é certo que essa acquisição foi vantajosa por 200:000$000, de um edificio que valia tres vezes mais, é incontestavel que se effectuára em momentos de grandes aperturas.

Os effeitos da Grande Guerra reflectiram-se damnosamente no quatriennio alludido, pela falta de transporte de generos de exportação amazonense.

Em 1918, nenhum navio da Europa visitou o nosso porto. Apenas seis embarcações norte americanas chegaram á Manáos, trazendo já os porões compromettidos, em grande parte, para a carga paraense. Os productos amazonenses, como a castanha e o pirarucú, apodreciam nos depositos. As rendas publicas chegaram ao minimo. A situação do commercio era afflictiva, sujeita, como ficou, ao "contrôle" da *lista negra* instituida dentro do nosso paiz, pela conveniencia exclusiva do governo britanico. Felizmente, o mal teve seu fim, com a declaração do armisticio europeu, nesse anno (1918).

Diversas escolas são restabelecidas, cream-se outras e fundam-se mais um grupo escolar em Manáos e dois no interior. É fundado tambem o Instituto Geographico e Historico do Amazonas. O Gymnasio Amazonense é equiparado ao Collegio Pedro II e grandemente enriquecido em seus gabinetes. Reforma-se o ensino publico, em moldes amplos; assim, certos outros departamentos da administração publica. Essas reformas, porem, tiveram caracter precario, pelas alterações, que soffreram, no interregno do mesmo governo. A Instrucção Publica e o Thesouro tiveram nada menos de quatro modificações.

Foi na gestão Bacellar que se abriu a estrada de rodagem de Manáos á antiga colonia Campos Salles, serviço auxiliado pela União, com a quantia de 100:000$000. Se esta administração não tivesse contra si as agruras da maior crise economica que jamais experimentamos, chegando o principal producto da renda do Estado a ser cotado por um preço infimo; si os gastos extraordinarios effectuados fossem evitados; si, ainda, persistisse, pelo resto do governo o criterio dos pagamentos aos funccionarios, como no começo, realizados sem distincção de pessoas—tudo passaria a contento geral da população.

O Dr. Bacellar, fez, não obstante, uma administração sem odios, nem perseguições. Não se registrou uma violencia, apesar dos ataques desabridos da imprensa opposicionista. Tivesse elle sido intransigente no respeito ás suas proprias determinações e descricionario na applicação dos orçamentos do seu tempo, o seu governo—pela bondade e democracia com que se exercera—seria um dos melhores e estimados, como a luz que nos illumina e a paz que nos conforta, após um periodo de obscurantismo e tragicas inquietações.

Administração Rego Monteiro

A 1.º de Janeiro de 1921, o Dr. Bacellar transfere o governo estadual ao Desembargador Cesar do Rego Monteiro, que tivera fórte competição de outros dois candidatos á curul governamental do Amazonas, sendo em Manáos, onde as eleições são reaes, o ultimo dos suffragados. Tratava-se de um magistrado illustre, cuja vida publica não possuia maculas. Deveria ser um excellente administrador, cuja honestidade e intelligencia serviriam de égide a um governo fórte e digno. Mas, o povo, sem saber porquê, tem a previdencia dos factos. Acerta quasi sempre, retirando sua confiança a quem não lhe inspira franca sympathia.

Empossado, o Desembargador Rego Monteiro encerra-se no Palacio Rio Negro, onde se conserva mezes consecutivos sem sahir e sem dar uma só audiencia publica. Jamais o vimos em contacto com a multidão. Difficil era vel-o e conseguir-lhe uma audiencia. Entregando a chefia de quasi todos os ramos da administração a seus filhos e demais

parentes, empolgou, em pouco tempo, a vida politica do Estado, cujos poderes se annullaram por si mesmos diante da prepotencia exercida pelo Executivo.

O Congresso Amazonense ficou reduzido a um bando obediente aos menores acenos de Cesar. Os deputados indoceis foram logo alijados, sem fórma de processo, com uma simples declaração de perda de mandato. A reforma da Constituição de 1913, levada a effeito em 1922, reduzindo o numero de membros do Superior Tribunal do Estado, de 9 para 5, alijou quatro desembargadores tidos como «indesejaveis». Ninguem mais, alli, tugiu, nem mugiu... Varios Juizes de Direito, extinctas suas Comarcas, foram declarados em disponibilidade e condemnados ao calote official.

Nas reformas das Repartições publicas, attendeu-se unicamente ao afastamento dos funccionarios suspeitos na politica dominante. Isto com grave prejuizo para os cofres do Estado. Em seus logares, novos eram admittidos. Por esta maneira, augmentou assustadoramente a lista dos funccionarios em *disponibilidade,* uma classe inventada para afastar do serviço e do pagamento áquelles que não podiam ser exonerados.

Quem não quizesse perder o seu cargo ou ser lançado ao limbo, devia conservar-se impassivel diante dos acontecimentos, sem uma recriminação pela fome ou por outras formas de tortura originaria da falta de pagamentos. O Amazonas transformara-se num grande feudo da Edade media.

Os superintendentes municipaes eram "eleitos" por indicação exclusiva do governador e de seus filhos. Fazia-se apenas um simulacro de suffragio, pois, a tanto importava o reconhecimento dos poderes municipaes, pela Assembléa Legislativa do Estado. Desappareceu, assim, a autonomia recommendada pela Constituição de 1913.

O municipio de Manáos passou a ser uma chancellaria do governador, com a faculdade ampla de nomear e demittir o seu superintendente.

O autocratismo de uma familia fez estendal sobre a subserviencia de aulicos e interessados.

Reproduziu-se, em Rego Monteiro, a personalidade politica de Napoleão III com todos os caracteristicos do 2.º Imperio: o regimen da intolerancia e dos assaltos...

Os funccionarios publicos só recebiam seus vencimentos á custa de muitas vilezas e implorações. As negociatas mais escandalosas, explorada a miseria dos serventuarios do Estado, eram factos communs, naturalissimos entre alguns especuladores do erario, tudo praticado á luz meridiana.

Os vencimentos dos miseros transaccionavam-se a 90 % de desconto, com a condição ainda de as victimas passarem o recibo da totalidade da quantia em jogo.

Por esta maneira, pessoas reconhecidamente pobres fizeram fortuna, que se depositavam nos Bancos e que a revolução de 23 de Julho de 1924, veio constatar.

O serviço publico anarchizára-se. Fecharam-se muitas escolas, que em 1923, estavam reduzidas a 120, inclusive 75 nesta capital (Manáos).

O Desembargador Cezar do Rego Monteiro, a pretexto de unificação das dividas do Estado e valorização da gomma elastica, tenta contrahir um emprestimo, na praça de New-York, no valor de 25.000.000 de dollars ou aproximadamente 250.000:000$000, ao juro de 8 % ao anno, resgatavel em 35 annos («Mensagem» de 14 de Julho de 1923, pag. 42).

Emissarios do governo amazonense seguem para aquella praça munidos de procuração bastante. O Estado, entre outras garantias, dava as terras que correm ao Norte, da bacia do Rio Negro á bacia do Nhamundá ou sejam 300.000 kilometros quadrados, tanto como a superficie do Piauhy!

O contracto preliminar chegou a ser lavrado e publicado.

O Governo Federal, porém, foi avisado do que se passava e obstou a realização dessa negociata, que importava na alienação desse vasto pedaço da nossa Patria.

Si o Amazonas não possuia recursos para as suas despezas mais urgentes, conforme o governador dizia diariamente, como encontral-os para satisfazer um emprestimo tão grande?

E' bom lembrar que o serviço do emprestimo tomado á «Societé Marsellaise», em 1906, ficou paralysado desde 1913. Jámais, no governo Rego Monteiro, se publicaram balanços do Thesouro, nem assim a arrecadação diaria. Tudo se passava no maior sigillo, para embair os verdadeiros credores do Estado, declarando—*não ha dinheiro.*

A venda do aviso «Cidade de Manáos», um excellente navio adquirido na administração Silverio Nery, destinado ao serviço urgente do fisco e do policiamento do interior do Estado, foi um facto attentatorio dos interesses do Amazonas, que, hoje, está desapparelhado e na dependencia de armadores particulares, para reprimir as perturbações da ordem publica, nos seus reconditos sertões.

Região traçada por innumeros rios e canaes, que são as suas estradas de rodagens, não se comprehende essa alienação, a menos que não fosse unicamente para apurar dinheiro.

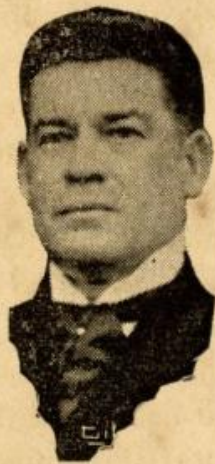
O Desembargador Cezar do Rego Monteiro, governou até 9 de Junho de 1924, quando embarcou para a Europa, transferindo o poder ao seu genro Dr. Turiano Meira, na qualidade de presidente do Congresso Amazonense. Foi aquelle magistrado um bohemio e um ironista, para quem a administração do Amazonas era uma cousa de somenos. Os filhos

fizeram della uma ucharia, não obstante estar á frente do governo, um homem culto, intelligencia scintillante, magistrado integro, supposto capaz das energias de um estadista cujo pulso não se deixasse manietar pelo amor paternal, na defesa de um patrimonio, que lhe confiaram.

O Dr. Turiano Meira poucos dias governou, pois que uma revolução militar inesperada rebentára no dia 23 de Julho desse anno e depozera o governo estadual. Esse movimento foi chefiado pelo 1.º Tenente Ribeiro Junior, do 27.º Batalhão de Caçadores, e tinha por fim solidariedade á revolução que campeava em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, com o intuito de, alastrando-se pelo Paiz, derribar o chefe do Governo da Republica. Foi acclamado governador do Amazonas por seus companheiros de armas, aquelle militar, que iniciou immediatamente os pagamentos dos funccionarios publicos, após ter organizado o seu governo. Creou um imposto chamado da «redempção» que recahiu em pessoas apontadas como detentoras de grandes quantias depositadas em Bancos e adquiridas, no Thesouro, illicitamente. Essa collecta rendeu perto de 400:000$000.

A população de Manáos exultou de contentamento, não contra o governo do presidente Arthur Bernardes, mas com a queda de um regimen que a opprimia.

O governo da Republica, forte para manter o principio da sua auctoridade, toma providencias e jugula esse movimento, mandando á Manáos a mais numerosa expedição militar, que jámais subiu o Amazonas. Foi chefiada pelo inclito general Menna Barreto. Os sediciosos entregaram-se sem resistencia, sendo nomeado governador militar do Amazonas, pelo referido general, o coronel Raymundo Barbosa.

O Congresso Amazonense, em sua maioria, renuncia o seu mandato e pede a intervenção federal no Amazonas. Isto, para acompanhar o gesto do Superior Tribunal de Justiça, de professores, advogados, commerciantes, deputados, senadores federaes, etc., etc., que, assim, expressavam o temor da reposição da familia Rego Monteiro, na governança do Estado.

Dr. Alfredo Sá

INTERVENÇÃO FEDERAL

O Presidente da Republica dirige-se ao Congresso Nacional, que baixa o Decreto n. 4.860 de 29 de Setembro, sobre a intervenção federal no Estado. Attendido esse appello, é nomeado interventor o Dr. Alfredo Sá, que, a esse tempo, vinha exercendo o cargo de Chefe de Policia em Bello Horisonte. O illustre magistrado, assumindo seu cargo no dia 27 de Outubro, chega á Manáos em 2 de Dezembro desse anno (1924) e

toma posse da administração amazonense, no meio de grandes manifestações populares. (*) Na sua acção, honesta e energica, assentava toda a esperança de um povo sedento de justiça e de tranquillidade. A hora em que traçamos estas linhas, em pleno mez de Maio de 1925, a obra da reconstrucção prosegue sem desfallecimentos, pagos em dia os funccionarios publicos, assegurada a efficacia da lei e da Constituição, fundidos os partidos politicos n'uma só familia, porque o Estado entrou, afinal, no regimen da ordem e da moralidade, escôpo das aspirações do Povo amazonense, em caminho, hoje, dos seus nobres destinos.

(*) O Governo Federal baixou o Decreto n.º 16.624, de 1.º de Outubro de 1924, contendo as " instrucções " pelas quaes o Interventor passou a agir.

Oitava Parte

CAPITULO I — Homens notaveis.

CAPITULO II — Coordenadas geographicas.

OITAVA PARTE

CAPITULO I

Homens notaveis

A Historia do Amazonas honra sũas paginas com muitos nomes de filhos illustres e de outros que, durante longos annos, collaboraram no seu progresso e desenvolvimento. Insuperavel é a difficuldade para organizarmos uma lista completa, forçando-nos a commetter a injustiça do esquecimento involuntario de muitos delles. Aqui, todavia, consignamos alguns, de pessoas nascidas neste Estado.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA, filho de Raymundo de Figueiredo Tenreiro Aranha e neto de Bento de Figueiredo Tenreiro, que fôra capitão mor de Gurupá e Provedor da Fazenda Real do Pará. Nasceu a 4 de Setembro de 1769, na villa de Barcellos, antiga séde da Capitania do Rio Negro, posteriormente Provincia do Amazonas. A seu respeito, diz Sacramento Blake: «Ainda creança, com sete annos de idade, viu-se orphão de pae e mãe, e entregue a um tutor, que deu-lhe apenas a instrucção primaria e ia accommodal-o na lavoura, quando o menino, então com doze annos, procurou seu padrinho, o alcipreste e vigario geral José Monteiro de Noronha, que delle toma conta, e, de combinação com o juiz respectivo, o recolhe ao Convento de Santo Antonio. Ahi estudou Bento Tenreiro todas as aulas secundarias, não podendo, como era seu desejo, ir para a universidade de Coimbra, por lhe serem sequestrados pela fazenda real os bens que herdara do seu avô. Nomeado Alferes de milicias e director dos indios de Oeiras, foi mais tarde nomeado capitão de caçadores e escrivão da nova alfandega, logar de que foi exonerado por calumnias e perseguições de que foi victima, pelo simples facto de ser amigo particular do juiz de fóra Luiz Joaquim Frota de Almeida, que, com o Bispo e Governador, vivia em discordia. O Conde dos Arcos, porem, inteirado, quando assumiu o governo, da injustiça que soffrera Bento Tenreiro, deu-lhe o logar de escrivão da mesa grande do Pará, no qual foi confirmado pelo principe regente, don João. Litterato e poeta, escreveu muitas composições, das quaes publicou algumas e as outras deixou manuscriptas».

A maior parte das producções de Bento Tenreiro perderam-se, no Pará, nos saques havidos durante a revolta da Cabanagem, em 1835. O que se salvára foi edictado, em 1850, por seu filho de igual nome e que, em 1852, inaugurára a Provincia do Amazonas.

Falleceu o mavioso poeta a 11 de Maio de 1811.

CLEMENTINO JOSÉ PEREIRA GUIMARÃES, filho do capitão Marcello José Pereira Guimarães, nasceu a 14 de Novembro

de 1828, na Barra do Rio Negro, posteriormente cidade de Manáos. Foi um dos deputados á primeira sessão da primeira legislatura da Assembléa Provincial do Amazonas, installada em 5 de Setembro de 1852. Foi, nesse anno, nomeado promotor publico da Comarca da Capital. Por carta patente de 3 de Janeiro de 1854, foi nomeado para o posto de capitão da G. Nacional, pelo presidente Dr. Herculano Ferreira Penna. Em 1866 teve a nomeação de Procurador Fiscal da Fazenda provincial, na administação do Dr. Epaminondas de Mello. Por Carta regia da Princeza Imperial de 19 de Julho de 1871, foi agraciado Official da Ordem da Rosa. Por Carta Imperial de 20 de Novembro de 1872, foi-lhe concedida a reforma no posto de tenente-coronel da Guarda Nacional. Por Carta constitucional de 22 de Agosto de 1885, foi nomeado 1.º Vice-Presidente do Amazonas, administrando-o de 21 de Setembro a 28 de Outubro desse anno, e de 10 de Janeiro a 23 de Março de 1887. Por Carta da Princeza Imperial Regente, de 27 de Junho de 1888, foi agraciado com o titulo de Barão de Manáos.

Exerceu o mandato de deputado provincial em varias legislaturas, bem assim o de vereador da Camara Municipal de Manáos. Advogava nos Auditorios desta capital e do Interior. Foi chefe politico de incontestavel prestigio, militando nas fileiras do Partido Conservador. Falleceu em Manáos, a 16 de Outubro de 1906.

FRANCISCO FERREIRA DE LIMA BACURY, filho de Antonio Manoel Bacury, nasceu em Manáos, a 4 de Outubro de 1848. Concluindo seus estudos de humanidades, no Seminario de S. José, daquella cidade, prestou concurso para uma vaga de amanuense da Secretaria do Governo provincial, sendo logo aproveitado. Por sua dedicação e intelligencia, percorreu a hierarchia da sua Repartição, tendo sido um dos elementos de maior destaque do funccionalismo de então. No regimen monarchico, distinguiu-se na campanha abolicionista, ligando seu nome á acção das sociedades que, para tal fim, se organizaram.

Preparou um excellente trabalho, que intitulou "Ephemerides do Amazonas", para 1884, obra de copiosa documentação historica e geographica e que deixou inedita. No regimen republicano, desenvolveu, grande actividade politica, chefiando o jornal «Amazonas» do qual foi, por muito tempo, estimado redactor. Escreveu um volume de 265 paginas sobre os movimentos revolucionarios de 1892 e 1893, em Manáos. Exerceu, por varias vezes, o mandato de deputado estadual, como representou o Amazonas na Camara Federal. Tendo sido transferido da Secretaria do Estado para o Thezouro Publico, foi neste aposentado, no cargo de Inspector. Era coronel da G. Nacional e exerceu as funcções de commandante superior.

Não obstante estar o coronel Bacury alquebrado pela idade e pelos

padecimentos physicos, sua actividade partidaria tornou-se incessante, até sua morte occorrida, em Manáos, a 27 de Outubro de 1918.

(Vide traços biographicos do coronel Lima Bacury, no «Amazonas», de 4 de Outubro de 1900).

HELIODORO BALBI, filho de Nicoláo Balbi, natural de Manáos, nascido em 16 de Fevereiro de 1876. Fez o curso de humanidades, na sua cidade natal e na capital de Pernambuco, onde, após curso brilhantissimo, se bacharelou em Direito, tendo sido escolhido orador de sua turma. O discurso, que então proferiu e que se acha impresso, é documento litterario impeccavel pela forma e pela eloquencia. Seu nome ficou aureolado, no Recife, entre os mais lidimos talentos da Academia. Fez, ali, muitas publicações nos jornaes, entre outras, apreciadas poesias.

Regressando ao Amazonas, prestou concurso para a cadeira de Litteratura do Gymnasio Amazonense, obtendo o primeiro logar. Foi nomeado e prestou compromisso, repartindo sua actividade pelo jornalismo, advocacia e magisterio. Não foi feliz na politica. Seu temperamento de combatente que não admittia tergiversações, privou-o de ser reconhecido deputado federal, cujo direito defendeu pessoalmente, por duas vezes, no Rio de Janeiro, perante a respectiva Camara. Seu nome não deixava de ser suffragado nos comicios eleitoraes da terra amazonense; tudo, porem, sem resultado. Nunca deixou de combater a anarchia administrativa, que vio minar o Amazonas.

Heliodoro Balbi, desenganado da lucta partidaria, retirou-se para o Acre, a serviço de advocacia. Lá, travou polemica, na imprensa local, contra os dominadores, em cujas lides falleceu a 26 de Novembro de 1919, nunca desmentindo a nobreza do seu caracter, nem a tradição intellectual dos Balbi, de Ragusa (Italia), de que descendia. (Vide biographia de João Balbi, na «Evolução», de Bélem do Pará, de Abril de 1920).

HENRIQUE BARBOSA DE AMORIM, filho de Matheus Barbosa de Amorim, nasceu em Manáos, a 11 de Maio de 1842. Fez seus estudos preparatorios nesta Capital e dedicou-se á vida burocratica, exercendo varios cargos provinciaes e municipaes, como os de Thezoureiro e Vereador da Camara Municipal daquella cidade. Prestou concurso para a cadeira de Portuguez do antigo Lyceu provincial perante cuja congregação defendeu these, sendo classificado em primeiro logar.

Nesse mesmo Instituto leccionou Latim, Phylosophia e Mathematicas. Era um dos espiritos mais cultos do magisterio secundario. Desempenhou tambem, e por varias vezes, o mandato de deputado á

Assembléa provincial. O brilho da sua tradição, porem, não estava na politica, mas na sua cathedra de professor.

Falleceu repentinamente, em Manáos, a 11 de Janeiro de 1886.

JOAQUIM BENJAMIM DA SILVA, nasceu na Villa Bella da Imperatriz, hoje cidade de Parintins. Ignoram-se a data do seu nascimento e filiação. Diz a seu respeito o Conego Bernardino de Souza: «Dotado de nobres e patrioticos sentimentos, offereceu-se para marchar para o Paraguay, e ali praticou taes actos de bravura que, merecendo o respeito e a estima dos companheiros, mereceu tambem ser agraciado pelo governo imperial com o habito de Christo e da Rosa. Pertenceu ao corpo de engenheiros e foi um dos heroes da Ilha do Cabrito.

Em diversas jornadas soube o heroe amazonense conquistar o nome de bravo e no fatal ataque do *Capão do Pires*, a 16 de Julho de 1866, quando, sobre a trincheira, mostrava o destemido official o ardor de que se achava possuido, uma granada inimiga arrancou-lhe a vida, roubando-o assim á patria e á familia». („Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas", pag. 237).

JOAQUIM JOSÉ PAES DA SILVA SARMENTO, filho de Joaquim José da Silva Sarmento, nascido em Manáos, a 7 de Outubro de 1845. Fez o curso de preparatorios na sua cidade natal e passou a exercer o funccionalismo publico, onde fez carreira, chegando a exercer, por longos annos, o cargo de Inspector do Thezouro, tanto no regimen monarchico, como no actual. São muitos os relatorios que apresentou ao governo e que se acham annexos ás Mensagens lidas perante o Congresso Amazonense. Sempre desenvolveu grande actividade politica, quer chefiando os partidos locaes, quer redigindo os jornaes que defendiam os seus principios. O jornal «Amazonas» teve, por muitos annos, a sua collaboração.

Na qualidade de 2.º Vice-Presidente da Provincia esteve em exercicio desse cargo. Foi deputado federal á Constituinte e, mais tarde, senador pelo Amazonas. Regressando á Manáos, proseguio na actividade politica. Exerceu o cargo de Superintendente municipal desta cidade, em 1912. Não deve ser esquecido o serviço que prestára, por occasião da guerra do Paraguay, pois seguira, como segundo-tenente da G. Nacional, acompanhando um contingente de voluntarios, até o Rio de Janeiro, onde recebeu ordem de permanecer, na guarnição da fortaleza de S. João. Bons serviços ahi prestou, sendo, por isso, condecorado com a commenda da Ordem da Rosa.

Após muitos annos de trabalhos prestados á sua terra, aposentou-se no cargo de Inspector do Thezouro, deixando excellente fé de officio, em que sobresahem intelligencia e honestidade. Foi coronel da G. Na-

cional. Por varios annos, após achar-se aposentado, ainda exerceu gratuitamente o cargo de director do Instituto Benjamin Constant, em Manáos, em cuja funcções a morte o suprehendera a 10 de Março de 1914.

JOÃO HENRIQUE DE MATTOS, filho do sargento-mór Severino Eusebio de Mattos, nasceu em Barcellos (Amazonas) a 7 de Abril de 1784. Muito joven assentou praça voluntariamente como cadete, indo servir na guarnição da fortaleza de Macapá, destacando depois para a Capitania de S. José do Rio Negro, de onde se retirou em 1801. Em 1804 matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde sahiu graduado segundo tenente. Excellente desenhista, foi commissionado, para, em Cayena (Guyana Franceza) extrahir copias de cartas geographicas, que se relacionassem com a questão de limites dessa possessão. Desempenhou-se bem dessa incumbencia, continuando a fazer carreira brilhante na vida militar. Serviu diversos cargos importantes no Pará, desde 1823. Foi commissionado para o Alto Amazonas, afim de levantar plantas dos fórtes brasileiros, na fronteira do Perú, Venezuela e Guyana Ingleza. Em 1833 retirou-se para o Rio de Janeiro e, desgostoso por questões politicas, que agitavam o Amazonas naquella época, pediu reforma, obtendo-a no posto de tenente-coronel, regressando ao Pará, onde serviu com o presidente dr. Angelo Custodio Corrêa, pondo-se ao lado da legalidade contra as tropelias dos *cabanos*.

Apezar de reformado, João Henrique de Mattos continuou na vida militar, quando, em 1840, o Governo Imperial melhorou a sua graduação, no posto de coronel. Regressou ao Amazonas, na companhia de Tenreiro Aranha, assistindo em Manáos, o acto solemne da installação da Provincia, em 1.º de Janeiro de 1852. Foi nomeado commandante superior da G. Nacional.

Subindo o Rio Negro, falleceu, pouco acima do fórte de S. Gabriel, em uma canôa em que viajava, a 8 de Agosto de 1857. (Vide "Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", vol. XLVIII, pag. 227).

LOURENÇO FERREIRA DA ROCHA THURY, filho de Manoel da Rocha Thury, natural do Amazonas, nasceu a 25 de Fevereiro de 1874. Fez, na cidade da Bahia, o curso de Agrimensura, após se haver diplomado professor normalista pela Escola do Amazonas, em 1895. Ambos esses cursos foram feitos com brilhantismo, sendo, em Manáos, considerado um dos estudantes mais talentosos do seu tempo. Exerceu o magisterio primario do qual se exonerou mais tarde para se dedicar á sua nova profissão de engenheiro. Vaga, na Escola Normal, a cadeira de Pedagogia, para cujo preenchimento se abriu concurso, inscreveu-se, apresentando e defendendo these — « Pódem os professores substituir aos paes no mister da

educação?». Embora conseguindo honrosa classificação, não foi aproveitado. No intervallo dos seus labores de medir e demarcar terras e organizar planos de obras, leccionava Mathematicas e escrevia para os jornaes indigenas. Lente do curso de Engenharia da Universidade de Manáos, foi escolhido paranympho, em 1912, da turma de agronomandos. Sua oração agradou, provocando ruidosos applausos.

Caracter expansivo, lhano, Lourenço Thury era o prototypo do homem exemplar. Falleceu, na sua cidade, em 1913.

LOURENÇO NICOLÁO DE MELLO, filho do capitão Manoel Nicoláo de Mello, nasceu a 10 de Agosto de 1852, em Manáos. Fez seus estudos preparatorios, em Belem do Pará e recolheu-se ao Ayapuá, lago do Estado do Amazonas (margem esquerda do baixo Purús), onde viviam seus paes. Dedicou-se ao commercio, promovendo a colonização e o desenvolvimento local. Conseguio a creação de escolas no Districto e exerceu o cargo de subdelegado de policia e, posteriormente, o de Juiz de Casamentos. Collaborou em jornaes de Manáos, publicando, de uma feita, uma série de artigos que intitulou — Cartas dos Seringueiros — em 1903, tratando de interesses do commercio e da industria da borracha. Foi deputado estadoal na legislatura de 1903 a 1905, em cujo mandato falleceu, em Lisboa, no dia 15 de Setembro deste ultimo anno. Seus restos mortaes foram transportados para Manáos, em cujo cemiterio de S. João se encontram. (Vide «Amazonas», de Manáos, de Outubro de 1915).

MANOEL JOAQUIM DE CASTRO E COSTA, filho de Nicoláo de Castro e Costa, nasceu em Manáos a 25 de Fevereiro de 1868. Dedicou-se á vida burocratica, exercendo o cargo de Escripturario do Thezouro Publico do Amazonas. Estudando sempre, conseguiu formar-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1893. Foi nomeado Procurador Fiscal da Fazenda no seu Estado. Exerceu tambem, em 1894, as funcções de professor de Historia Universal do Gymnasio Amazonense. Foi eleito deputado estadual na vigencia da administração do Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, alistando-se no partido que se formou então, para apoiar este Governador. Posteriormente, reorganizada a administração do Amazonas, pelo Dr. Fileto Pires Ferreira, foi o Dr. Castro e Costa nomeado Secretario do Departamento da Justiça. Escreveu substancioso Relatorio, da parte que lhe competia nesse ramo de serviço publico. Tendo abandonado a vida burocratica, dedicou-se á advocacia, fallecendo, em Manáos, a 11 de Agosto de 1904.

MARCIO FILAPHIANO NERY, filho do major Silverio José Nery, nascido, em Manáos, a 10 de Março de 1865. Fez seus estudos

preparatorios nesta cidade, e retirou-se para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em Medicina, em 1890. Fez concurso para o logar de lente substituto da Academia em que se formára, exercendo a respectiva cathedra por muitos annos. Escreveu varios trabalhos sobre o ramo de sua especialidade, quer em avulsos, quer insertos na " Revista Brasileira ". Chamado pelo Governo do Amazonas para chefiar a Commissão de Saneamento da capital, em 1906, trabalhou por mais de dois annos, concorrendo para a extincção da febre amarella, que alli grassava. Regressando ao Rio de Janeiro, falleceu em 1910.

PAULINO DE ALMEIDA BRITTO, filho de Paulino de Almeida, nasceu em Manáos, a 9 de Abril de 1859. Formara-se em Direito pela Faculdade do Recife. Regressando á Amazonia, passou a viver no Pará, onde se dedicou ao magisterio, exercendo a cadeira de Portuguez da Escola Normal de Belem. Leccionou tambem Pedagogia e foi professor de Esthetica da Musica no Conservatorio Carlos Gomes. Era um dos espiritos mais lucidos do seu tempo. Litterato, jornalista e poeta, suas obras revelam um talento de escol.

Entre os livros que Paulino de Britto escreveu, alem de grande copia de artigos publicados nos jornaes belemenses, podemos citar: "Noites em claro", "O homem das seratas" (romance), "Por causa de uma loucura" (romance), "Contos amazonicos" (poesias), «Contos e aventuras» (variedades). O seu "Primeiro Livro de Leitura", e os dois compendios de grammatica, que imprimiu, lograram grande acceitação nos estabelecimentos de ensino elementar. Foi um catholico de idéas arraigadas, por muitos annos tenazmente exhibidas no jornal "A Palavra", que ainda se edita em Belem.

Tornou-se memoravel, pela erudição reveladora do perfeito conhecimento da lingua portugueza, a polemica que travou com o lexicographo Candido de Figueiredo, a proposito da syntaxe dos pronomes. A vida de Paulino de Britto foi utilissima ás lettras, principalmente á poesia em que seu estro brilhou como estrella de primeira grandeza. Falleceu em Belém, em meiado de 1919.

PEDRO LUIZ SYMPSON, natural do Amazonas, onde exerceu o funccionalismo publico e tomou parte em luctas politicas. Foi deputado provincial ao tempo do regimen monarchico. Fazendo parte da Guarda Nacional, alistou-se como voluntario da guerra do Paraguay, tendo, varias vezes, entrado em combate, com inexcedivel coragem, pelo que alcançou quatro condecorações, entre as quaes uma medalha de ouro conferida pela republica Argentina. Era Cavalleiro da Ordem de Christo e major daquella Guarda. Exerceu o cargo de Administrador da Mesa de Rendas de Manicoré, em 1889.

Luiz Sympson dedicou-se ao estudo da lingua tupy-guarany, chegando a editar um compendio de grammatica, hoje de exemplares muito raros. Deixou inedito um Diccionario do mesmo idioma, contendo, segundo informação do seu filho Dr. Pedro Sympson, cerca de dez mil palavras; bem assim uma auto-biographia. Falleceu, em Manáos, á 25 de Setembro de 1892. (Vide «Dicc. Bibliographico Brasileiro» de Sacramento Blake, vol. VII, pag. 51).

RAYMUNDO NUNES SALGADO, natural do Amazonas, nasceu a 25 de Junho de 1858. Exerceu o cargo de professor publico, no rio Negro, de onde era originaria sua familia. Por sua dedicação á politica occupou varios cargos de representação municipal e estadual, inclusive o de intendente de Manáos e deputado ao Congresso Amazonense, na legislatura de 1895, proferindo varios discursos, que constam dos respectivos Annaes. Reeleito para a legislatura seguinte, sendo um dos representantes mais votados, foi depurado pelos seus pares, que, em maioria formada tumultuariamente, obedeciam ás injuncções partidarias da epoca, pelo facto de Nunes Salgado ser hostil ao governo do capitão de engenheiros Eduardo G. Ribeiro. Foi, depois, redactor-chefe do jornal "Amazonas", que então combatia a administração do Dr. Fileto Pires Ferreira. Intransigente nas suas convicções, que sabia defender com ardor, foi, sob esse governo, victima de um grave attentado, dentro da typographia daquelle orgão da imprensa, empastellado, em pleno dia, por agentes de policia. Nunes Salgado, banhado em sangue, exprobava o procedimento dos seus algozes. Restabelecido, persistiu na lucta, desassombradamente. Nos suffragios para vice-governador, no quatriennio de 1897 a 1900, seu nome alcançou estrondosa victoria, que a intolerancia do momento não permittiu vingar. Foi coronel da Guarda Nacional, exercendo, por alguns annos, o posto de seu commandante superior.

Deixou tradicção de honradez e amor ao Amazonas. Falleceu em Autaz, em 1904.

TORQUATO XAVIER MONTEIRO TAPAJÓS, filho do coronel Francisco Antonio Monteiro Tapajós, nasceu em Manáos, a 3 de Dezembro de 1853. Depois de concluir seus estudos primarios, seguiu para o Rio de Janeiro, onde fez o curso de engenheiro-geographo e bacharel em Mathematicas pela então Escola Central. Sua intelligencia brilhante e grande amor aos estudos abriram-lhe as portas de um grande futuro, que não teria conseguido se permanecesse na terra natal, então pequena demais para caber os surtos do seu genio. Foi membro da directoria da Companhia de Construcções Civis, socio do Instituto Civil de Londres, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Socie-

dade de Geographia do Rio de Janeiro, Membro Honorario da Sociedade de Medicina da mesma cidade. Possuia conhecimentos profundos de hygiene, como provam os excellentes trabalhos que publicou, sobre projectos de exgottos de Nitheroy, Belém, S. Paulo e Rio.

O Dr. T. Tapajós escreveu muito sobre cousas do Amazonas. Sua bibliographia é cheia de erudição e muito procurada pelos estudiosos. «Ainda em 1890 – diz o Dr. Sacramento Blake – enviou á Academia Nacional de Medicina algumas memorias sobre hygiene; em 1891 apresentou-se expontaneamente ás sessões desta associação, offerecendo-lhe valioso concurso na discussão então travada sobre o valor desinfectante e microbicida da electrolyse da agua do mar, pelo processo Hermeti, applicada á rede de exgotto do Rio de Janeiro, sendo geral a admiração e pasmo com que foi ouvido sobre o assumpto do dominio da medicina. Poeta e scientista, o Dr. Tapajós, até hoje, ainda não foi excedido na abundancia e valor das obras que produziu sobre sua terra natal, conforme se pode ver pela relação apresentada no «Dicc. Bibliographico Brasileiro», do citado autor, vol. VII, pag. 315. Falleceu, no Rio de Janeiro, a 12 de Novembro de 1897.

VICTOR DA FONSECCA COUTINHO, filho do capitão Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, nasceu a 12 de Abril de 1812, na villa de Borba, do Estado do Amazonas. Contando apenas 14 annos de idade, entrou, como cabo, para o serviço da guarda miliciana, obtendo, quatro annos depois, o posto de alferes. Abandonando por algum tempo a vida do quartel, adoptou a profissão commercial. Casando-se em 10 de Junho de 1832, recebeu a benção nupcial de Fr. José das Chagas e, da sua constancia matrimonial, teve onze filhos, entre os quaes monsenhor Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, que foi, por diversas vezes deputado estadual, e governador do Amazonas, de 2 de Dezembro de 1903 a 2 de Abril de 1904.

Victor da Fonseca tomou parte, em 1835, na *revolta da cabanagem* pondo-se ao lado da legalidade. Nas refregas que sustentou, defendendo Gurupá, Tauapessassú e Maués, recebeu ferimentos, sem comtudo desanimar da sua patriotica e voluntaria incumbencia. Em Março de 1836, constando-lhe que Ambrosio Pedro Ayres (o Bararuá) se tinha disposto a bater as forças de Miguel Apollinario Maparajuba, para invadir o Logar da Barra, reuniu 50 homens, com o auxilio do tenente Zacharias Peixoto, indo ao encontro do terrivel caudilho. O presidente do Pará, general José de Souza Soares Andréa, gostando do seu procedimento, confirmou-lhe o posto de alferes, entregando-lhe a defesa de Borba, onde os cabanos, desde então, não mais conseguiram entrar. Terminada essa campanha ingloria, continuou Victor da Fonseca a prestar serviços militares.

Na legislatura de 1856 occupou, na Assembléa provincial, uma cadeira de deputado, conseguindo no anno seguinte a elevação de Borba á cathegoria de villa (lei n. 73 de 18 de Dezembro de 1857). Por occasião da guerra do Paraguay, o presidente do Amazonas não consentiu que marchasse para o campo da lucta, aproveitando, comtudo, sua actividade nos postos, que se organizaram então na Provincia.

Installada a Camara Municipal de Borba a 14 de Fevereiro de 1877, foi elle o seu primeiro presidente. Foi coronel commandante superior da G. Nacional, em Itacoatiara e rio Madeira. Teve a commenda da Ordem de Christo. Ainda em 1889, vivia na sua villa natal, venerado pelos seus concidadãos. Ignoramos a data do seu fallecimento (Vide "Almanack Madeirense», para 1889, pag. 13 a 23).

Além destes, tambem figuram, nas chronicas da evolução social do Amazonas, entre muitos outros, os nomes dos seguintes amazonenses:

ASTOLPHO SARMENTO, jornalista, militar e poeta;

CELSO DE MENEZES, jornalista, organizador do excellente Almanack do Amazonas, para 1906;

GABRIEL ANTONIO RIBEIRO GUIMARÃES, funccionario publico, tendo servido o cargo de Official Maior da Secretaria do Governo e o de Secretario da presidencia, governando depois a Provincia, de 27 de Maio a 13 de junho de 1876. Foi deputado provincial e politico de prestigio;

GABRIEL NUNES SALGADO, coronel do Exercito Nacional e senador Federal pelo Amazonas (1912);

GUSTAVO ADOLPHO RAMOS FERREIRA, funccionario e politico, exerceu o cargo de Director Geral da Instrucção Publica da Provincia, pelo qual sacrificou os parcos recursos materiaes de que dispunha. Como 1.º Vice-presidente do Amazonas, governou-o de 23 de Julho a 7 de Novembro de 1866;

JOÃO IGNACIO RIBEIRO DO CARMO, politico, administrou o Amazonas, como 5.º vice-presidente, de 9 a 25 de Setembro de 1867;

JOSÉ JUSTINIANO BRAULE PINTO, funccionario publico, antigo Inspector do Thezouro Publico do Amazonas;

LAURO CAVALCANTE, normalista e medico, fundador da «Sociedade protectora da infancia», em Manáos;

MANOEL DA SILVA RAMOS, pharmaceutico, um dos mais enthusiasmados propagandistas do abolicionismo no Amazonas;

JOÃO COELHO DE MIRANDA LEÃO, medico, foi superintendente municipal de Manáos, um dos fundadores e redactores da «Revista Medica» da mesma cidade e Director da Repartição de Hygiene do Estado (1920);

MANOEL THOMAZ PINTO, politico e antigo presidente da Camara Municipal de Manáos;

MANOEL URBANO DA ENCARNAÇÃO, o maior explorador do rio Purús, companheiro e guia de W. Chandless, na sua viagem de 1866;

RODRIGO COSTA, bacharel em Direito, professor de Logica do Gymnasio Amazonense e de Economia Politica da Escola Municipal de Commercio de Manáos, tendo publicado varias conferencias que realizára, sobre ensino, religião, litteratura;

THOMAZ LUIZ SYMPSON, advogado, além de outros cargos, exerceu o de Inspector da Thesouraria provincial, em 1875.

Pessôas que nasceram fóra do Amazonas, mas nelle viveram e muito fizeram pelo seu progresso:

ANTONIO RODRIGUES PEREIRA LABRE, natural do Maranhão; partiu ainda muito moço para o Amazonas, onde passou largos annos da sua vida consagrados ás explorações dos rios Purús, Ituxy e Beni, desde 1871. Possuindo recursos materiaes e intellectuaes, percorreu as terras que medeiam esses rios, examinou as riquezas que ellas continham e, prevendo o futuro dessa região, fundou, á margem do Purús, uma povoação que denominou Labrea. Promoveu a colonização dessa grande zona, fazendo propaganda em folhetos e conferencias, na séde da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, de que era membro. Numa dessas occasiões disse o coronel Labre: «Os meus estudos e tentativas vêm de longa data acerca das communicações terrestres do Purús ao Madeira».

Havia escripto, em 1873, a primeira monographia sobre as vantagens da cultura da seringueira, trabalho esse acompanhado de gravuras, mostrando os processos da industria gommifera.

A actual cidade da Labrea deve ao illustre maranhense os seus primeiros predicamentos politicos, pois, na qualidade de representante á Assembléa provincial, apresentou projectos, que se converteram em

leis, creando o municipio de que aquella cidade é séde. Seus discursos denotam o ardor com que defendia a ideia dessa creação, tornada realidade a 14 de Maio de 1884. Pode-se dizer que o coronel Labre foi um dos grandes benemeritos do desbravamento do rio Purús. A proposito, a "Revista Illustrada", que se editava no Rio de Janeiro, no seu n.º de 21 de Julho de 1888, estampa seu retrato e enaltece os seus meritos e serviços prestados ao Amazonas (Vide «O Municipio da Labrea», pelo coronel Antonio C. R. Bittencourt, pag. 73).

APRIGIO MARTINS DE MENEZES, filho de Olympio José de Menezes, natural da Bahia, onde fez o curso de medico, doutorando-se em 1867. Passando para o Amazonas, ahi contrahiu matrimonio e exerceu varias commissões profissionaes, em cujo desempenho viajou pelo interior do Estado. Escreveu diversos trabalhos sobre os motivos das suas excursões, como se pode verificar pelos «Relatorios da Provincia do Amazonas», vol. V, pag. 181. Poeta e jornalista, publicou muitas composições, nos periodicos da capital amazonense, alem de um volume de poesias que denominou "Nevoas Matutinas". Foi deputado provincial em diversas legislaturas. Seu nome foi suffragado para deputado geral, na legislatura de 1881 a 1884, não tendo conseguido que a sua eleição fosse reconhecida pela Camara. Organizou um excellente "Almanack do Amazonas" para 1884, que foi premiado pelo governo e no qual se encontra uma bem feita synthese da historia desta terra, tambem da sua lavra. Ignoramos a data do seu fallecimento, occorrido na cidade de Manáos.

ALEXANDRE DE PAULA BRITTO AMORIM, portuguez de nascimento, tendo, porém, consagrado cerca de 30 annos de sua vida em prol do desenvolvimento commercial do Amazonas, onde se casára. Nasceu a 15 de Outubro de 1831, em Arcos-de-Val-de-Vez, sendo filho de Francisco Joaquim de Amorim.

Aos desoito annos de idade deixou sua patria, com destino ao Pará, onde chegou a 14 de Julho de 1849, transportando-se para Manáos em Novembro de 1851. Ahi constituio a firma commercial Silva & C.ª, cuja casa matriz se achava em Belem. Em 1853 separa os seus negocios e estabelece-se naquella capital (Manáos) organizando a firma Amorim & Irmão.

Alexandre Amorim foi consul de Portugal durante 17 annos, de 1853 e 1870. D. Pedro V agraciára-o com o gráo de Cavalleiro da Ordem de Christo e mais tarde, em 1871, D. Luiz déra-lhe a commenda da mesma ordem. O Amazonas deve ao laborioso portuguez o desenvolvimento da navegação a vapor em nosos rios e as suas primeiras relações externas, de commercio. Em virtude da lei provincial n.º 158 de 7

de Outubro de 1866, na presidencia do Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira, organizou a empreza *Companhia Fluvial do Alto Amazonas,* cujos navios "Madeira", «Purús», "Jamary" «Arimã» e "Guajará", foram os arautos do extraordinario progresso que, annos depois, avassalou o Estado. «Narrar todos os exforços — diz o commendador Manoel Pereira Gonçalves, seu biographo — e todas as contrariedades que Amorim teve de vencer, para a organização da empreza, é trabalho que não nos propomos, mas que é facil imaginar. Basta dizer que nenhum dos homens que então habitavam esta provincia seria capaz de vencer as difficuldades com que luctou Alexandre Amorim». Foi mais alem; assim, em 1872, contractava com o governo, em virtude da lei n.º 242 de 27 de Maio, a navegação entre Manáos e Liverpool. O vapor «Mallard» inaugurou o serviço das communicações directas, emancipando, em grande parte, o commercio amazonense da tutella do commercio paraense. A Assembléa Provincial, em sessão de 4 de Maio de 1874, mandou uma commissão de seus membros agradecer a Britto Amorim os serviços prestados ao Amazonas, que, assim, reconhecia a dedicação de um extrangeiro, que se fizéra tão amigo desta terra. Falleceu a 20 de Junho de 1881 (Vide "Almanack Madeirense», para 1889 pag. 121).

FREDERICO JOSÉ DE SANT'ANNA NERY, filho do major Silverio José Nery, nasceu em Belem do Pará, em 1848. Fez seus estudos de humanidades no antigo Seminario de S. José, de Manáos, retirando-se em 1862, para a França, onde se tornou um dos mais fecundos escriptores. Alcançou o gráo de bacharel em letras em 1867, e depois, o de sciencias pela Universidade de Paris. Seguindo para a Italia, doutorou-se em Direito, pela Universidade de Roma, que deixou em 1874, fixando sua residencia na capital franceza. A seu respeito, diz Sacramento Black: «... foi o primeiro correspondente da *Republique Française,* instituida por Gambetta e um dos fundadores e vice-presidente da Associação litteraria internacional que representou no Congresso Internacional de Londres, de 1897». Foi membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Academia de Lettras da França, Cavalleiro da Legião de Honra, Official da Ordem da Rosa, etc. Sua bibliographia é vultoza, tendo escripto muito sobre o Brasil. Foi grande propagandista do Amazonas, a respeito do qual editou: «Le Pays des Amazones" e "La Civilisation dans Amazones", obras de subido valor scientifico e litterario. Falleceu em Paris, em 1906, sendo seu cadaver transportado para Manáos, onde se acha, no cemiterio de São João. Como tesmunho de gratidão, vê-se, numa das praças desta cidade, a herma do notavel amigo do Amazonas.

JOAQUIM LEOVIGILDO DE SOUZA COELHO, natural da Bahia, nasceu a 12 de Maio de 1837. Formou-se em Mathematica e Sciencias Physicas, dirigindo-se para o Amazonas, com a graduação de segundo tenente do Corpo de engenheiros do Exercito. Exerceu, por varias vezes, o cargo de Director da Repartição de Obras Publicas, conforme se vê dos Relatorios que apresentou ao governo provincial. (« Relatorios da Provincia do Amazonas», vol. III, pag, 337; vol. V, pag. 360).

Em 1861, commissionado pela presidencia, subiu o Rio Negro, para verificar o estado das suas villas e povoações, apresentando, no seu regresso, um minucioso estudo, o mais completo que conhecemos desse rio, até o ponto em que o perlustrou. (Obs. cit. vol. II, pags. 807 a 849.)

Foi o Dr. Leovigildo Coelho, senador federal pelo Amazonas, á Constituinte em 1890. Exerceu ainda o cargo de Superintendente municipal de Manáos; falleceu na Bahia a 3 de Outubro de 1893, no posto de coronel do Corpo de Engenheiros. A capital do Amazonas, como lembrança e homenagem aos serviços que delle recebeu, por longos annos, conserva o nome do illustre morto, em uma das suas principaes ruas.

JOÃO BARBOSA RODRIGUES, filho de João Barbosa Rodrigues, natural do Rio de Janeiro, nasceu a 22 de Junho de 1842. Foi professor de Desenho no Collegio Pedro II. Especializou-se nos estudos de Botanica, Anthropologia e Ethnographia, chegando a adquirir, nestas sciencias, a reputação de sabio. Diz a seu respeito o Dr. Sacramento Blake: "Incumbido pelo governo imperial de proceder a estudos scientificos no Pará e no Amazonas, comprehendendo nesses estudos o das palmeiras dessa região, descobriu uma grande quantidade de novas especies, que haviam escapado ás investigações do Dr. Martius, Dr. Richard Spruce e do zoologista Alfredo Wallace e de outros".

Uma vez no Amazonas, depois de 1872, sua vida foi laboriosa, explorando varios rios, classificando varias especies novas do mundo vegetal, fazendo eruditos estudos sobre Anthropologia e Etnographia, que concorrem para tornar conhecida aquella riquissima região no sul do paiz e na Europa. A actividade do Dr. Barbosa Rodrigues era prodigiosa. Somente no anno 1875, publicou varias obras todas de interesse scientifico e que lhe confirmaram a reputação de sabio. Sua bibliographia é grande e variada, sendo que a maior parte foi emprehendida no Amazonas e de assumptos a elle attinentes, como se pode verificar da lista inserta no "Dicc. Bibliographico Brasileiro", vol. III, pag. 359.)

O Dr. Barbosa Rodrigues foi ainda o fundador e organizador do Museu do Amazonas, dirigindo-o por alguns annos. Tomou parte activa na campanha abolicionista, em 1884. Retirando-se depois, para o Rio de Janeiro, afim de dirigir o Jardim Botanico dessa cidade, ahi se conser-

vou, até poucos annos, quando a morte o surprehendeu, ainda na elaboração de obras preciosas.

JOSÉ MONTEIRO DE NORONHA, nascido, na cidade de Belem do Pará, a 24 de Novembro de 1723.

Filho de Domingos Monteiro de Noronha, cedo manifestou sua intelligencia, pelo que seu pae o entregou aos Padres Jesuitas do Collegio de Santo Alexandre, ahi completando seus estudos de latinidade, philosophia, physica, theologia, geometria, manifestando-se em todos com o maior talento e applicação. Não querendo a principio seguir a vida religiosa, voltou para a casa paterna, entregando-se á advocacia, sendo chamado a desempenhar as funcções de Juiz de Fóra, na qualidade de vereador do Senado da Camara, exercendo o cargo no civel, crime e orphanologico.

Enviuvando em 1754, teve com isso profundo desgosto, pelo que resolveu tomar ordens, constituindo, para tal fim, o necessario patrimonio em 20 de Fevereiro de 1755.

O Bispo Dom Frei Miguel de Bulhões sagrou-o presbytero e nomeou-o Vigario Geral do Rio Negro. Nas suas visitas a esse rio e seus affluentes, prestou o padre Monteiro de Noronha os mais assignalados serviços, corrigindo os costumes, dando exemplos de virtude e de humanidade.

Estendendo essas visitas a todo o Bispado do Pará, resolveu escrever um roteiro ou taboa itineraria, em que, pela primeira vez, apparecem escriptas por um paraense, noções geographicas, topographicas e estatisticas de sua Provincia.

Esse livro, hoje rarissimo, *Roteiro da viagem da cidade do Pará, até as ultimas colonias do sertão da Provincia*, foi editado em Belem, na typographia de Santos & Irmão, á rua da Alfama, modernamente de Santarem.

O 5.º Bispo Dom Frei Evangelista Pereira chamou-o para Vigario Geral do Pará, isto para tel-o a seu lado, vindo a servir de Vigario Capitular por morte desse prelado.

Em 16 de Abril 1783 tomou posse da cadeira de Arcypreste da Cathedral de Belem, e, em 28 de Outubro do mesmo anno, foi eleito Vigario capitular do Bispado; em 19 de Julho de 1790, governador do mesmo pela retirada do Bispo Dom Frei Caetano Brandão, para Lisboa.

Eloquente orador sacro, tendo produzido innumeros sermões, destes se salvou apenas o que recitou a 24 de Julho de 1787, na abertura do Hospital de Caridade (Bom Jesus dos Pobres Enfermos), fundado pelo Bispo Dom Caetano Brandão.

Diz um seu biographo: «O padre José Monteiro de Noronha, falleceu, a 15 de Abril de 1794, como verdadeiro christão, bom servidor da Igreja e da Patria e jáz na Igreja dos Padres Mercenarios do Pará. (1.)

SIMPLICIO COELHO DE RESENDE, filho do tenente-coronel Simplicio Coelho de Resende, natural de Piracuruca, estado do Piauhy, nasceu a 1.º de Abril de 1841. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife e, regressando á sua terra natal, foi juiz municipal, deputado provincial. Deputado geral, na ultima legislatura do Imperio. Dirigindo-se ao Amazonas, na administração do Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo (1892), foi nomeado chefe de policia. Exonerou-se deste cargo por occasião das mudanças politicas que puzeram termo ao governo daquelle militar, entregando-se, desde então, á advocacia, em cuja profissão revelou alta competencia, aliás já comprovada pelos trabalhos que publicára, antes de chegar ao Amazonas. Foram notaveis, pela erudição e brilho dos conceitos, as polemicas de caracter juridico, que travou com o seu collega o Dr. Agesilau Pereira da Silva, na Imprensa de Manáos.

Fundada a Universidade da capital amazonense, em 1910, foi convidado para reger uma das cadeiras do curso juridico e logo nomeado Director da respectiva Faculdade. Como attestado de sua cultura e do empenho com que tratava as incumbencias que lhe eram confiadas, ahi estão os seus "discursos" proferidos na Assembléa Geral, em 1887, e mandados imprimir por seus amigos.

O Dr. Coelho de Resende procurou viver sempre alheio ás questões partidarias do seu Estado adoptivo. Todavia, por occasião do nefasto bombardeio de Manáos, a 10 de Outubro de 1910, por navios de guerra nacionaes, a casa de sua residencia foi a mais damnificada, tendo o illustre causidico escapado milagrosamente ás ballas traiçoeiras despedidas de bordo.

Falleceu, no posto que lhe confiara a Universidade, a 16 de Fevereiro de 1915.

A' lista de pessoas que, embora não tendo nascido no Amazonas, nelle passaram longos annos e lhe prestaram inolvidaveis serviços, podemos accrescentar: Manoel da Gama Lobo de Almada, Pe. Raymundo Amancio de Miranda, José Henrique Felix Cruz Dacia e José Manoel dos Santos Pereira; coroneis Guilherme José Moreira (Barão do Juruá), Emilio José Moreira, Francisco Antonio Monteiro (fundador da cidade de

---

Notas do Dr. João Baptista de Faria e Souza.

Humaythá), Drs. José Lustosa da Cunha Paranaguá, Theodoreto Carlos de Farias Souto (antigos administradores da Provincia); João da Silva Coutinho, general Theodoro Botinelly, Jeronymo Costa, Fr. Jesualdo Maccheti (missionario); Drs. Agesilau Pereira da Silva, Eduardo Gonçalves Ribeiro, Major Bento Aranha, Aristides Justa Mavignier, João Marcellino Taveira Páo Brasil, João Fleury da Silva Brabo, Dr. Romualdo de Souza Paes de Andrade, José Claudio de Mesquita, etc., etc.

COORDENADAS GEOGRAPHICAS NO ESTADO DO AMAZONAS E SUAS FRONTEIRAS

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro		PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
		EM TEMPO	EM ARCO		
	° ′ ″	h. m. s.	° ′ ″		
1 Acampamento de Maturacá	0 51 07.9 N.	1 32 01.29 W.	23 00 19.4 W.	Commissão de limites com a Venezuela	
2 Acampamento na base da serra Maraná (Paracaima).	4 09 49.8 N.	1 09 14.22	17 18 33.3 W.	Idem	
3 Anaty-Paraná	1 50 0.0	1 26 52. 0	21 43 0.0	Extrahida de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos	
4 Altair (marco na fronteira do Acre, sobre o rio Embira)	8 28 21.0	1 48 55. 0	27 13 45.0 W.	Extrahida do relatorio da Prefeitura do Alto Juruá – General Thaumaturgo de Azevedo	
5 Algenib (marco na fronteira do Acre, sobre o rio Liberdade)	7 49 45.0	1 55 33. 0	28 53 15.0 W.	Idem	
6 Alliança	7 10 0.0 S.	1 59 41.20	29 55 18.0 W.	Idem	
7 Barra do Apaporis	7 10 0.0 S.	1 46 54.40	26 43 36.0	J. S. de Carvalho	Extrahida de uma carta dos exploradores portuguezes
8 Barra do Uaupés	—	1 42 2.40	25 30 36.0	Idem	Idem
9 Idem	—	1 36 24.00	24 6 0.0	Parima	
10 Barra do Pirá-Paraná	0 17 12.0 N.	1 50 40.60	27 40 09.0	Exploradores portuguezes	
11 Barra do Cananari	0 36 36.0 S.	1 53 18.60	28 19 39.0	Idem	
12 Barra do Jucary..	1 22 0.0 S.	1 53 38.60	28 24 39.0	Idem	
13 Barra do Unhanhú	2 03 0.0	2 1 20. 0	30 20 0.0	Idem	
14 Barra do Ussá-Paraná	1 35 0.0	2 0 40. 0	30 10 0.0	Idem	
15 Bocca do Purús	3 39 28.0	1 12 58.94	18 14 44.0	Extrahidas do relatorio da Commissão Mixta de Reconhecimento do Alto Purús – 1904-1905	A Commissão Peruana não determinou esta posição
16 Bôa Fé (na foz do Ipixuna).	7 17 25.0 S.	1 56 29.87	29 07 28.0 W.	Relat. do General Thaumaturgo	
17 Carvoeiro	1 24 0.0 N.	1 15 15.74 W.	18 48 56.1 W.	Commissão de limites com a Venezuela	Copiadas de uma relação escripta na propria carta geral da Commissão

(Continuação)

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro		PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
		EM TEMPO	EM ARCO		
	° ′ ″	h. m. s.	° ′ ″		
18 Castanheiro	0 16 58. 4 N.	1 29 44.62 W.	22 26 09.3 W.	Commissão de limites com a Venezuela	Copiadas de uma relação escripta na propia carta geral da Commissão
19 Camanáo	0 9 21. 4 N.	1 34 58.42	23 44 36.3 W.	Idem	Idem
20 Cucuhy (antigo forte)	1 13 03. 1 N.	1 34 35.94 W.	23 38 59.1 W.	Idem	Em outra relação encontra-se:- S. 1° 12′ 6″ 0 N. W. 23° 40′ 00″ 0 O. do R. Jan.
21 Cabeceira do Macacuny	1 12 20. 0 N.	1 35 26.67	23 51 40.0 W.	Idem	
22 Cerro Caparro (marco entre o Aquio e o Pegua)	1 54 4. 8 N.	1 39 20.61 W.	24 50 09.1 W.	Idem	
23 Catarata de Huá no Maturacá	0 45 3. 4 W.	1 32 14.90 W.	23 3 43.5 W.	Idem	
24 Cerro Cupi	0 48 10. 3 N.	1 31 34.45 W.	22 53 36.8 W.	Idem	
25 Cerro Guay	1 17 4. 3 N.	1 26 55.76 W.	21 43 56.5 W.	Commissão de limites com a Venezuela	
26 Cerro Piradahy (marco de limite entre o Marany e o Castanho)	1 14 36. 0 N.	1 26 41.33 W.	21 40 20. 0 W.	Idem	
27 Cerro Curupira	1 13 18. 0 N.	1 26 36.83 W.	21 39 12. 5 W.	Idem	
28 Cachoeira Uayanary no Podaniry	0 41 27. 2 N.	1 24 10.48 W.	21 02 37. 2 W.	Idem	
29 Cachoeira Alamay no Podaniry	0 34 43.30 N.	1 23 33.74 W.	20 53 26.10 W.	Idem	
30 Cerro Mashiati	4 31 00.00 N.	1 26 36.00	21 39 00.00 W.	Idem	
31 Cerro Piá-Shany (serra Paracaima)	3 52 24.30 N.	1 18 57.80	19 44 27. 0 W.	Idem	
32 Cerro Anay (Schomburgck)	3 56 00.00 N.	1 03 34.33	15 53 35.00 W.	Idem	
33 Cerro do Observatorio no Uraricapará	3 52 41.10 N.	1 17 30.29	19 22 34.40 W.	Idem	
34 Catarata Amahuá	3 46 04.40 N.	1 16 48.55	19 12 08.30 W.	Idem	
35 Cachoeira Casonã	4 09 04.20 N.	1 05 50.02	16 27 30.30 W.	Idem	
36 Canhumã (marg. direita do Madeira)	3 55 06.00	1 03 54.80	15 58 42.00	Extrahida de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos	
37 Confluencia do Beni e Mamoré	10 22 30.00	1 29 00.00	22 15 00.00	Idem	

(Continuação)

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro — EM TEMPO	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro — EM ARCO	PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
	° ′ ″	h. m. s	° ′ ″		
38 Confluencia do Galvez e Jaquirana ..	5 10 13.60	1 58 45.02	29 41 15.30	Dr. Cruls (Comm. de limites) ..	Extrahido do relatorio da Commissão
39 Cachoeira do Apaporis	—	2 04 00.00	31 00 00.00	J. S. de Carvalho	Extrahida de uma carta dos exploradores portuguezes
40 Cachoeira do Cananary	1 10 00.00 S.	1 55 18.60	28 49 39.00	Extrahida de uma carta dos exploradores portuguezes	
41 Deposito do Memachi	2 04 56.40 N.	1 40 06.08	25 01 31.10 w.	Comm. de limit. com a Venezuela	
42 Extrema (sobre o Ipixuna)	7 11 41.00 S.	1 58 42.87	29 0 43.00 w.	Extrahida do relatorio do prefeito Dr. Thaumaturgo de Azevedo, do Departamento do Alto Juruá	
43 Foz do Uraricaperá	3 19 58.30 N.	1 14 47.16	18 41 47.40 w.	Commissão de limites com a Venezuela	
44 Foz do Sumurú	3 21 46.50 N.	1 08 29.98	17 07 29.70 w.	Idem	
45 Foz do Mahú	3 33 54.00 N.	1 06 39.36	16 39 50.40 w.	Idem	
46 Foz do Ukiripá	4 22 25.30 N.	1 05 50.02	16 27 30.50 w.	Idem	
47 Furo da Ressaca	2 49 53.00	1 59 01.33	14 45 20.00 w.		
48 Foz do Madeira	3 22 37.00	1 02 23.60	15 35 51.00	Extrahida de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos	
49 Foz do igarapé (Contaia no rio Japurá)	1 15 48.00	1 45 02.33	26 15 35.00	Idem	
50 Foz do Apaporis	1 22 52.00	1 45 03.15	26 15 47.00	Idem	
51 Foz do Japurá	2 20 39.00	1 27 50.53	21 57 38.00	Idem	
52 Confluencia do Guaporé com o Madeira	11 54 12.00	1 26 12.40	21 33 06.00	Idem	
53 Foz do Mutum-Paraná ou Tres Irmãos	9 36 30.00	1 27 30.00	21 52 30.00	Idem	
54 Foz do Macacuny	1 17 10.20 N.	1 34 43.69	23 40 55.20 w.	Comm. de limit. com a Venezuela	
55 Foz do Marary	0 52 17.40 N.	1 25 00.40 W.	21 15 06.00 w.	Idem	Em uma relação da Repartição Geral dos Telegraphos, encontra-se: — W=21°15′0″,0.

(Continuação)

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro		PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
		EM TEMPO	EM ARCO		
	° ' ''	h. m. s.	° ' ''		
86 Passo do Unamará	3 53 47.10 N.	1 05 40.08	16 25 01.20 w.	Com. de limites com a Venezuela	
87 Porto Colombiano (fóz do Juruá) ..	2 37 52.00 N.	1 30 28.53	22 37 08.00 w.	Extrahidas do relatorio da Commissão Mixta Brazileira Peruana, referente ao rio Juruá, apresentada pelo chefe general Bellarmino de Mendonça.	
88 Rio Negro (marco na margem direita e fronteira á ilha de S. José). ..	1 13 51.80 N.	1 34 36. 77 w.	23 39 11.50 w.	Commissão de limites com a Venezuela.	
89 Remanso (marco na fronteira do Acre)	7 37 27.00	1 57 40.87	29 25 13.00	Extrahidas do relatorio da prefeitura do Alto Juruá (general Thaumaturgo de Azevedo).	
90 S. José..	0 21 01.60 N.	1 32 14.44	23 03 36.60 w.	Commissão de limites com a Venezuela.	Como o n.º 17.
91 S. Gabriel (villa).	0 08 12.60 N.	1 35 30.32 w.	23 52 34.80 w.	Idem.	Idem
92 S. Carlos (Venezuela).	1 55 02.90 N.	1 35 22.61 w.	23 50 39.20 w.	Idem.	Em uma relação da Rep. G. dos Telegraphos está: W 23° 50' 32"
93 Sitio, na margem esquerda do Canabury, em frente a fóz do Yá. ..	0 13 24.90 N.	1 32 39.50 w.	23 09 52.50 w.	Idem	
94 Serra Tapirapecó (Cumianera-Uruçacanga)	1 12 47.50 N.	1 26 55.73 w.	21 43 56.90 w.	Commissão de limites com a Venezuela	
95 Sitio do Tuchaua Domingos, no Castanho.	1 18 42.20 N.	1 26 50.52 w.	21 42 37.80 w.	Idem	
96 Sitio de Uacuquay..	0 13 01.10 N.	1 23 10.40	20 47 36.00 w.	Idem	
97 Serra Roruima	5 09 50.00 N.	1 10 17.33	17 34 20.00 w.	Idem	
98 Serpa (Itacoatiara, cidade)	3 08 45.00	1 01 06.00	15 16 30.00	Extrahidas de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos.	

(Continuação)

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro		PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
		EM TEMPO	EM ARCO		
	° ′ ″	h. m. s.	° ′ ″		
99 S. Luiz (na fronteira do Acre). ..	7 36 32.00 S.	1 57 37.60	20 24 24.00 w.	Extrahidas do relatorio do prefeito Dr. Thaumaturgo de Azevedo, do Departamento do Alto Juruá.	
100 S. Felippe (cidade)	6 41 04.00 S.	1 47 00.80	26 45 12.00 w.	Extrahidas do relatorio da Commissão Mixta Brazileira Peruana, referente ao rio Juruá, apresentada pelo chefe general Bellarmino de Mendonça . ..	Foi determinado pelas duas commissões.
101 Teffé (cidade)	3 21 28.00 S.	1 26 06.20	21 31 33.00	Extrahidas de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos.	
102 Thomar.	0 22 58.00 S.	1 23 11.68	20 47 55.00	Idem	
103 Tabatinga (antigo forte).	4 14 45.20 N.	1 46 55.50 w.	26 43 52. 5 w.	Com. de limites (Dr. Cruls) . ..	Do relatorio se tira: Longitude: 69° 54′ 51″5 W Grenwe-26° 44′ 30″5 W. R. de Janeiro
104 Tigre (Venezuela)	2 28 47.70 N.	1 40 04.99 w.	25 01 14.90 w.	Com. de limites com a Venezuela	
105 Trapiará, sobre o rio Ipixuna.. ..	7 13 25.00 S.	1 58 24.67	29 36 10.09 w.	Extrahidas do relatorio do prefeito Dr. Thaumaturgo de Azevedo, do Departamento do Alto Juruá.	
106 Uyanary.	0 29 40.30 N.	1 26 34.35	21 38 25.30 w.	Com. de limítes com a Venezuela	Estas coordenadas foram copiadas de uma relação escripta na propria carta geral da commissão.
107 Villa Bella ou Parintins (cidade) ..	2 37 57.00 S.	0 54 15.80	13 33 57.90	Extrahidas de uma relação fornecida pela Repartição Geral dos Telegraphos.	Em outra relação da mesma procedencia está S-2° 37′ 33″00.
108 Vista Alegre, no Rio Branco (villa)	1 44 05.00 N.	1 10 04.13	17 31 02.00	Idem	

(Continuação)

LOCALIDADES	LATITUDES	Longitudes referidas ao Meridiano do Rio de Janeiro		PROCEDENCIAS E OBSERVADORES	OBSERVAÇÕES
		EM TEMPO	EM ARCO		
	o ' ''	h. m. s.	o ' ''		
109 Vista Alegre, no Rio Branco (villa)	1 44 05.00 N.	1 10 04.18	17 31 02.70 w.	Com. de limites com a Venezuela	Estas coordenadas foram copiadas de uma relação escripta na propria carta geral da commissão.
110 Xibarú	0 22 26.60 N.	1 23 45.68	20 56 25.20 w.	Idem	
111 Correnteza	3 12 30. S.	1 6 12.93	16 33 14.00 w.	Fornecidas pela Superintendencia de Navegação	Pharol na ponta denominada Correnteza
112 Boa-Vista	2 48 59. N.	1 10 3.68	17 30 55.17 w.	Fornecidas pela Repartição da Carta Maritima	Estação Metereologica.

(Copiado das Coordenadas Geographicas de Diversos Pontos do Brasil. Collectanea organizada na Commissão Central de Estudos e Construcção de Estradas de Ferro pelo Engenheiro-Chefe Ernesto Antonio Lassance Cunha).

INDICE

QUINTA PARTE

SEXTA PARTE

SETIMA PARTE (Traços historicos)

OITAVA PARTE

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura